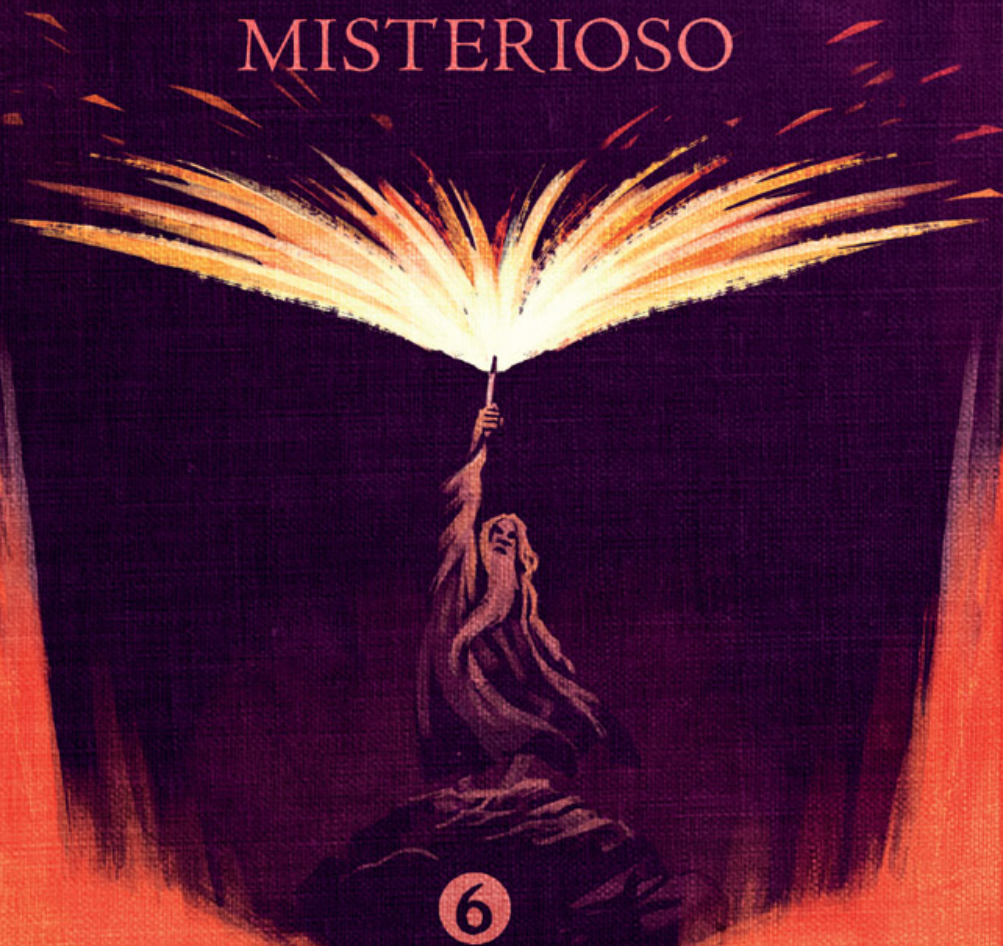


HARRY POTTER

20

PRÍNCIPE
MISTERIOSO



6

J.K. ROWLING

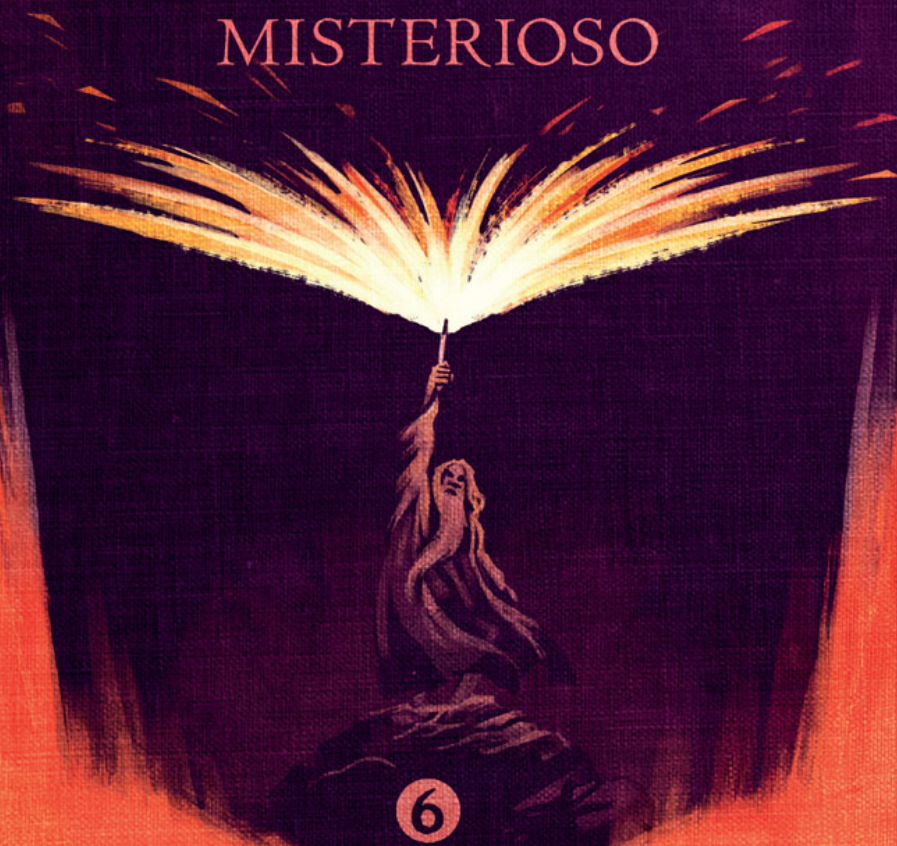
VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

HARRY POTTER

20

PRÍNCIPE
MISTERIOSO



6

J.K. ROWLING

HARRY POTTER

²⁰
PRÍNCIPE
MISTERIOSO

J.K. ROWLING

Pottermore[™]
from J.K. Rowling

Pottermore™

from J.K. Rowling

*À Mackenzie,
a minha linda filha,
dedico o seu gémeo de tinta e papel*

ÍNDICE

- I O outro ministro
- II O beco do urdidor
- III Uma herança ingrata
- IV Horace Slughorn
- V Um ataque de gosma
- VI A escapadela de Draco
- VII Um clube muito exclusivo
- VIII A vitória de Snape
- IX O Príncipe Meio-Sangue
- X A casa de Gaunt
- XI Hermione dá uma «mãozinha»
- XII Prata e opalas
- XIII Um enigma desvendado
- XIV Felix Felicis
- XV O juramento inquebrável
- XVI Um Natal muito frio
- XVII Uma memória vagarosa
- XVIII Surpresas de aniversário
- XIX Elfos espões
- XX O pedido de Lord Voldemort
- XXI A sala indetectável
- XXII Depois do funeral
- XXIII Horcruxes

XXIV Sectumsempra

XXV Um ouvinte inoportuno

XXVI A caverna

XXVII Luta na torre

XXVIII A fuga do Príncipe

XXIX O lamento da Fénix

XXX O túmulo branco

I

O OUTRO MINISTRO

Era quase meia-noite, e o Primeiro-Ministro estava sentado sozinho no seu gabinete, lendo um extenso memorando que se lhe ia varrendo do cérebro sem deixar atrás de si o mais pequeno vestígio de significado. Aguardava a todo o momento o telefonema do presidente dum país muito longínquo, e enquanto se perguntava quando telefonaria o maldito homem e tentava reprimir as recordações duma semana que se revelara muito comprida, cansativa e difícil, não havia lugar para muito mais dentro da sua cabeça. Quanto mais se esforçava por se concentrar na página impressa que tinha à sua frente, mais claramente o Primeiro-Ministro via a expressão de regozijo dum dos seus opositores políticos. O opositor em questão surgira nos noticiários nesse mesmo dia, não apenas para enumerar todos os terríveis acontecimentos que tinham marcado a última semana (como se alguém precisasse de que lhos recordassem), mas também para explicar por que razão a culpa de todos eles cabia ao governo.

A pulsação do Primeiro-Ministro acelerou só de pensar naquelas acusações, pois não eram nem justas nem verdadeiras. Como poderia o governo ter impedido que aquela ponte se desmoronasse? Era escandaloso que alguém se atrevesse a sugerir que não destinavam fundos suficientes às pontes. A ponte tinha menos de dez anos, e os peritos mostravam-se incapazes de explicar como é que se tinha partido exactamente ao meio, levando uma dúzia de carros a mergulhar nas profundezas do rio que passava por baixo. E como é que alguém tinha a ousadia de sugerir que fora a falta de policiamento a responsável por aqueles dois homicídios tão revoltantes e tão divulgados? Ou que o governo deveria ter arranjado maneira de prever o ciclone que assolara a zona ocidental do país e que tantos danos causara a pessoas e bens? E seria culpa dele que um dos seus secretários de estado, Herbert Chorley, tivesse escolhido precisamente aquela semana para exibir um comportamento tão estranho ao ponto de

agora se ver obrigado a passar muito mais tempo com a família?

«O país encontra-se mergulhado num estado de espírito soturno», concluía o opositor, mal conseguindo conter um largo sorriso de satisfação.

E, infelizmente, isto era a mais pura das verdades. O próprio Primeiro-Ministro o sentia; as pessoas apresentavam de facto um ar mais carregado que o habitual. Até o tempo andava deprimido; todo aquele nevoeiro frio em meados de Julho... não estava certo, não era normal...

Virou a segunda página do memorando, viu quantas é que ainda lhe faltavam e deu o caso por perdido. À medida que esticava os braços acima da cabeça, olhou em seu redor com ar pesaroso. Tinha um belo gabinete, com uma linda lareira de mármore virada de frente para as amplas janelas, firmemente fechadas para o resguardarem do frio fora de época. Com um ligeiro arrepio, o Primeiro-Ministro levantou-se e aproximou-se das janelas, olhando para o nevoeiro esparso que se comprimia contra o vidro. Foi então, enquanto se encontrava de costas voltadas para a sala, que ouviu uma leve tossidela atrás de si.

Ficou petrificado, com o nariz colado ao do seu reflexo assustado na vidraça escura. Conhecia aquela tossidela. Já a tinha ouvido antes. Virou-se, muito devagar, e deparou-se com uma sala vazia.

— Está aí alguém? — indagou, esforçando-se por mostrar mais coragem que aquela que sentia.

Por um breve instante, permitiu-se a esperança ilusória de que não fosse obter resposta. Contudo, alguém lhe respondeu de imediato, uma voz nítida e determinada que soava como se estivesse a ler uma declaração previamente preparada. Provinha (tal como o Primeiro-Ministro percebera à primeira tossidela) do homenzinho com um grande bigode prateado que fazia lembrar uma rã, representado numa pequena e suja pintura a óleo mesmo ao fundo do gabinete.

— Ao Primeiro-Ministro dos Muggles. Encontro urgente. Por favor, responda de imediato. Atenciosamente, Fudge. — O homenzinho do retrato olhou para o Primeiro-Ministro com ar inquiridor.

— Hã — disse o Primeiro-Ministro —, ouça... não é muito boa altura para... Estou à espera dum telefonema, compreende... do presidente do...

— Isso resolve-se — retorquiu o retrato de imediato. O coração do Primeiro-Ministro caiu-lhe aos pés. Estava com receio disso mesmo.

— Mas eu estava mesmo com uma certa esperança de falar...

— Vamos tratar de tudo para que o presidente se esqueça de lhe telefonar. Vai ligar-lhe antes amanhã à noite — disse o homenzinho. — Tenha a gentileza de responder já a Mr. Fudge.

— Eu... oh... muito bem — acedeu o Primeiro-Ministro com voz débil.
— Pronto, eu recebo o Fudge.

Voltou a correr para a secretária, ajeitando a gravata pelo caminho. Mal tinha acabado de se sentar e de compor a expressão, dando-lhe o que esperava ser um ar descontraído e imperturbável, quando viu chamas verdes e brilhantes ganharem vida na grelha vazia por baixo da lareira de mármore. Pôs-se a contemplá-las, evitando deixar transparecer um laivo sequer de surpresa ou choque, enquanto um homem imponente surgia por entre as chamas, girando tão depressa como um pião. Passados segundos, já se encontrava sobre o tapete antigo e bastante valioso, sacudindo cinza das mangas do seu manto comprido às risquinhas e com um chapéu de coco verde-lima na mão.

— Ah.. Primeiro-Ministro — saudou-o Cornelius Fudge, avançando a passos largos com uma mão estendida. — Que prazer tornar a vê-lo.

O Primeiro-Ministro não podia retribuir o cumprimento sem mentir, por isso não disse nada. Não estava minimamente satisfeito por ver Fudge, cujas aparições ocasionais, à parte de serem por si mesmas francamente assustadoras, em geral significavam que ele estava prestes a receber muito más notícias. Para além do mais, Fudge apresentava um aspecto notoriamente fatigado. Estava mais magro, mais calvo, com o cabelo mais grisalho, e o rosto cheio de rugas. Não era a primeira vez que o Primeiro-Ministro via os políticos com aquele aspecto, que nunca prometia nada de bom.

— Em que o posso ajudar? — interrogou-o, dando um leve aperto de mão a Fudge e indicando-lhe com um gesto que se instalasse na cadeira mais dura em frente da secretária.

— É difícil saber por onde começar — murmurou Fudge, puxando da cadeira, sentando-se e colocando o chapéu de coco verde-lima em cima dos joelhos. — Que semana, que semana...

— Ai a sua também foi má? — indagou o Primeiro-Ministro muito empertigado, esperando dar a entender assim que já tinha preocupações que lhe chegassem e não precisava de que Fudge lhe viesse trazer mais.

— Sim, é claro — assentiu Fudge, esfregando os olhos de cansaço e olhando para o Primeiro-Ministro com ar melancólico. — Eu tenho tido a mesma semana que o senhor, Primeiro-Ministro. A ponte de Brockdale... o homicídio da Bones e da Vance... isto para não falar dos tumultos na zona ocidental...

— O senhor... hã... a sua... quero eu dizer, alguma da sua gente esteve... esteve envolvida naqueles... naqueles acontecimentos, foi isso?

Fudge fitou o Primeiro-Ministro com um ar bastante sério.

— É claro que sim — respondeu. — Com certeza já se apercebeu do que se está a passar?

— Eu... — hesitou o Primeiro-Ministro.

Era precisamente este género de atitude que lhe tornava as visitas de Fudge tão desagradáveis. Afinal de contas, ele era o Primeiro-Ministro e não lhe agradava que o fizessem passar por um ignorante miúdo da escola. Mas, é claro, tinha sido assim desde a sua primeira reunião com Fudge, logo na sua primeira noite enquanto Primeiro-Ministro. Recordava-se como se tivesse sido ontem e sabia que isso o iria atormentar até ao fim dos seus dias.

Encontrava-se sozinho naquele mesmo gabinete, saboreando o seu triunfo depois de tantos anos de sonhos e intrigas, quando ouvira uma tossidela atrás de si, tal como naquela noite, e virara-se, deparando-se com um retrato pequeno e feio a falar com ele, anunciando-lhe que o Ministro da Magia iria chegar a qualquer momento para se lhe apresentar.

Como seria natural, pensara que a longa campanha e o esforço das eleições o tinham conduzido à loucura. Ficara completamente aterrorizado ao dar com um retrato a falar com ele, embora isso não tivesse sido nada quando comparado com o que sentiu no instante em que um autoproclamado feiticeiro saltara da lareira e lhe dera um aperto de mão. Não conseguira pronunciar uma única palavra, enquanto Fudge amavelmente lhe explicava que ainda existiam feiticeiras e feiticeiros por todo o mundo e lhe assegurava de que não precisava de ralar a cabeça com isso, pois o Ministro da Magia assumia a responsabilidade por toda a comunidade de feiticeiros e impedia que a população não-mágica ficasse a saber da sua existência. Era, afirmara Fudge, uma tarefa difícil que abrangia tudo, desde regulamentos para a utilização responsável das vassouras até ao controlo da população de dragões (neste momento, o Primeiro-Ministro recordava-se de se ter agarrado à secretária em busca de apoio). Em seguida, Fudge dera umas palmadinhas algo paternais no ombro do Primeiro-Ministro, ainda estupefacto.

— Não se preocupe — dissera-lhe —, o mais provável é que não torne a ver-me. Só o voltarei a maçar caso algo muito sério aconteça entre nós, alguma coisa susceptível de afectar os Muggles... a população não-mágica, melhor dizendo. De contrário, é viver e deixar viver. E devo desde já dizer, está a aceitar tudo isto bastante melhor que o seu antecessor. *Ele* tentou atirar-me pela janela, julgava que eu era uma partida que a oposição lhe tinha pregado.

Neste momento, o Primeiro-Ministro conseguira finalmente recuperar a voz.

— Então o senhor... o senhor *não* é uma partida?

Aquela tinha sido a sua derradeira e desesperada esperança.

— Não — respondeu Fudge delicadamente. — Não, receio bem que não. Olhe.

E transformara a chávina do Primeiro-Ministro num gerbo.

— Mas — pronunciou o Primeiro-Ministro ofegante, vendo a chávina a roer a ponta do seu próximo discurso —, mas por que... por que é que ninguém me disse...?

— O Ministro, ou Ministra, da Magia só se revela ao Primeiro-Ministro do momento — explicou Fudge, tornando a enfiar a varinha dentro do casaco. — Consideramos ser a melhor maneira de manter o segredo.

— Mas então — lastimou-se o Primeiro-Ministro —, por que motivo não me avisou o meu antecessor...?

Neste momento, Fudge soltara mesmo uma gargalhada.

— Meu caro Primeiro-Ministro, *o senhor* irá alguma vez contar a alguém?

Ainda a rir a bandeiras despregadas, Fudge atirara um pouco de pó para a lareira, penetrara nas chamas verde-esmeralda e desaparecera com um som sibilante. O Primeiro-Ministro ficara onde estava, praticamente imóvel, e apercebera-se de que, por muitos anos que vivesse, nunca se iria atrever a mencionar aquele encontro a quem quer que fosse, pois haveria alguém neste mundo disposto a acreditar na sua palavra?

O choque levara algum tempo a desaparecer. Durante algum tempo, tentara convencer-se de que Fudge não passara, na realidade, duma alucinação causada por falta de descanso no decorrer de uma campanha eleitoral esgotante. Numa tentativa vã para se desembaraçar de todas as recordações daquele encontro inquietante, oferecera o gerbo à sobrinha, que ficara encantada com a prenda, e dera instruções ao seu Secretário Particular para mandar retirar da parede o retrato do homenzinho feio que lhe anunciara a chegada de Fudge. Todavia, para grande consternação do Primeiro-Ministro, foi impossível retirar o retrato. Depois de vários carpinteiros, um ou dois trabalhadores da construção civil, um historiador de arte e o Ministro das Finanças terem todos, sem êxito, tentado arrancá-lo da parede, o Primeiro-Ministro abandonara a tentativa e limitara-se a ter esperança de que aquela coisa permanecesse quieta e silenciosa até ao final do seu mandato. Ocasionalmente, seria capaz de jurar que, pelo canto do olho, via o ocupante do quadro a bocejar, ou então a esfregar o nariz; até mesmo, numa ou duas ocasiões, a sair simplesmente da moldura, deixando atrás de si nada para além duma porção de tela de cor castanho-lamacentas. No entanto, treinara-se para evitar olhar para o retrato com muita

frequência, e para, de todas as vezes que isto acontecia, dizer a si próprio que os seus olhos o estavam a enganar.

Então, três anos atrás, numa noite muito parecida com aquela, o Primeiro-Ministro encontrava-se sozinho no seu gabinete quando o retrato anunciara uma vez mais a chegada iminente de Fudge, que irrompera da lareira, encharcado da cabeça aos pés e num estado de pânico considerável. Antes de o Primeiro-Ministro ter tempo de lhe perguntar por que é que lhe estava a pingar o tapete de Axminster todo, Fudge começara a vociferar acerca duma prisão de que o Primeiro-Ministro nunca ouvira falar, dum homem chamado «Círios» Black, de qualquer coisa que soava a Hogwarts e dum rapaz chamado Harry Potter, nenhum dos quais fazia o mais remoto sentido para o Primeiro-Ministro.

— ... acabei de chegar de Azkaban — anunciara Fudge ofegante, despejando uma porção considerável de água da aba do chapéu de coco para dentro da algibeira. — Do meio do Mar do Norte, sabe, um voo terrível... os Dementors estão em polvorosa... — estremeceu —, é a primeira vez que têm de enfrentar uma fuga. Mas passemos adiante... fui obrigado a vir ter consigo, Primeiro-Ministro. O Black é um famoso assassino de Muggles e pode estar a planear tornar a juntar-se ao Quem-Nós-Sabemos... mas, é claro, o senhor não sabe quem é o Quem-Nós-Sabemos! — Fixara o seu olhar de desespero no Primeiro-Ministro durante alguns instantes, depois decidira: — Bom, sente-se, sente-se, o melhor é pô-lo a par da história toda... Sirva-se dum *whisky*...

O Primeiro-Ministro ficara bastante ofendido por o mandarem sentar no seu próprio gabinete, já para não falar em oferecerem-lhe do seu próprio *whisky*, mas, apesar disso, sentou-se. Fudge puxara da varinha, fizera aparecer do nada dois grandes copos com um líquido cor de âmbar, enfiara um deles na mão do Primeiro-Ministro e puxara duma cadeira.

Fudge falara durante mais de uma hora. A certa altura, recusara-se a pronunciar um determinado nome em voz alta, preferindo optar por escrevê-lo num pedaço de pergaminho, que enfiara na mão do Primeiro-Ministro que não segurava o *whisky*. Quando se levantara para se ir embora, o Primeiro-Ministro seguira-lhe o exemplo.

— Então, está mesmo convencido de que... — deitou uma olhadela ao nome que tinha na mão esquerda — Lord Vol...

— *Aquele Cujo Nome Não Deve Ser Pronunciado!* — vociferou Fudge.

— Desculpe... está convencido de que *Aquele Cujo Nome Não Deve Ser Pronunciado* ainda esteja vivo, é isso?

— Bom, o Dumbledore alega que sim — respondeu Fudge, enquanto abotoava o manto às risquinhas debaixo do queixo —, mas nunca o

encontrámos. Se quer saber a minha opinião, ele só é perigoso se tiver gente a ajudá-lo, por isso é com o Black que nos devíamos preocupar. Então vai divulgar um aviso, não é verdade? Ótimo. Bom, espero que não nos tornemos a ver, Primeiro-Ministro! Boa noite.

Mas tinham-se tornado a encontrar. Ainda não tinha passado um ano, um Fudge com um ar atormentado tinha surgido do nada no Gabinete para informar o Primeiro-Ministro de que ocorrera uma situação desagradável na Taça Mundial de «Kwidditch» (ou pelo menos foi isso que ele percebeu) e que vários Muggles tinham estado «envolvidos», mas que não havia necessidade de o Primeiro-Ministro se preocupar, pois o facto de a Marca do Quem-Nós-Sabemos ter sido novamente vista não significava nada; Fudge tinha a certeza de que se tratava dum incidente isolado e que o Gabinete de Relações com os Muggles se estava nesse preciso momento a encarregar de todas as modificações de memória.

— Oh, já me ia esquecendo — acrescentara Fudge. — Vamos importar três dragões estrangeiros e uma esfinge para o Torneio dos Três Feiticeiros, um procedimento de rotina, contudo, o Departamento de Regulação e Controlo das Criaturas Mágicas avisou-me de que os estatutos prevêem que temos de notificá-lo sempre que quisermos trazer criaturas de elevada perigosidade para dentro do país.

— Eu... o quê... *dragões*? — balbuciou o Primeiro-Ministro.

— Sim, três — confirmou Fudge. — E uma esfinge. Bem, desejo-lhe um bom dia.

O Primeiro-Ministro esperara para lá de tudo o que seria razoável que os dragões e as esfinges fossem o pior, mas não. Passados menos de dois anos, Fudge tornara a irromper das chamas, desta feita para trazer a notícia de que ocorrera uma evasão em massa de Azkaban.

— Uma evasão *em massa*? — repetira o Primeiro-Ministro com voz rouca.

— Não se preocupe, não se preocupe! — gritara-lhe Fudge, já com um pé dentro das chamas. — Não tarda, já os teremos apanhado a todos... Só achei que devia ser informado!

E antes que o Primeiro-Ministro tivesse oportunidade de gritar: «Olhe, espere um instante!», Fudge desaparecera, envolvido numa chuva de faíscas verdes.

Independentemente do que a oposição e a imprensa pudessem dizer, o Primeiro-Ministro não era nenhum tolo. Não deixara de reparar, apesar das garantias que Fudge lhe apresentara no primeiro encontro de ambos, que andavam agora a ver-se com muita frequência, nem que Fudge se mostrava cada vez mais agitado a cada nova visita. Por muito que lhe desagradasse

pensar no Ministro da Magia (ou, como ele sempre chamava a Fudge para com os seus botões, o *Outro* Ministro), o Primeiro-Ministro não podia conter o receio de que, da próxima vez que Fudge lhe aparecesse, fosse para trazer notícias ainda piores. Por conseguinte, ver Fudge a sair novamente da lareira, desalinhado, irritado e genuinamente surpreendido por o Primeiro-Ministro não saber ao certo o que o trazia ali, fora o pior acontecimento duma semana já de si extremamente deprimente.

— Como é que queria que eu soubesse o que se passa na... hã... comunidade de feiticeiros? — retorquiu o Primeiro-Ministro neste momento. — Tenho um país para governar e preocupações que me cheguem, só me faltava agora...

— Temos ambos as mesmas preocupações — interrompeu-o Fudge. — A ponte de Brockdale não caiu por desgaste. Aquilo não foi ciclone nenhum. Aqueles homicídios não foram obra de Muggles. E a família do Herbert Chorley ficaria mais segura sem ele. Estamos neste momento a envidar esforços para que ele seja transferido para o Hospital de São Mungus de Doenças e Lesões Mágicas. A transferência deverá ser efectuada esta noite.

— O que quer... Receio não estar a... *O quê?* — vociferou o Primeiro-Ministro.

Fudge inalou longa e profundamente e disse: — Primeiro-Ministro, lamento imenso ter de o informar de que ele regressou. Aquele Cujo Nome Não Deve Ser Pronunciado está de volta.

— De volta? Quando diz «de volta», quer dizer... que ele está vivo? Afinal...

O Primeiro-Ministro vasculhou a memória à procura de detalhes daquela conversa horrível de três anos atrás, quando Fudge lhe contara a respeito do feiticeiro mais temido de todos, o feiticeiro que cometera milhares de crimes hediondos antes de desaparecer misteriosamente, fazia agora quinze anos.

— Vivo, sim — confirmou Fudge. — Isto é... não sei... Será que se pode afirmar que um homem que não pode ser morto está vivo? Eu não percebo lá muito bem, e o Dumbledore não me explica como deve ser... Mas, seja como for, não há dúvida de que ele tem um corpo que anda, fala e mata, por isso, suponho eu, para os efeitos desta nossa conversa, sim, está vivo.

O Primeiro-Ministro não sabia o que responder a isto, mas um hábito persistente de desejar parecer bem informado qualquer que fosse o assunto que viesse à baila levou-o a agarrar-se a todos os detalhes de que se conseguisse lembrar das suas conversas prévias.

— O Sirius Black está com... hã... Aquele Cujo Nome Não Deve Ser Pronunciado?

— O Black? O Black? — indagou Fudge distraído, girando o chapéu de coco rapidamente entre os dedos. — Refere-se ao Sirius Black? Pelas barbas de Merlin, não. O Black morreu. Acontece que nós estávamos... hã... enganados a respeito do Black. Afinal, ele estava inocente. E também não era conivente com Aquele Cujo Nome Não Deve Ser Pronunciado. Quer dizer — acrescentou na defensiva, fazendo girar o chapéu ainda com maior rapidez —, todos os indícios apontavam... tínhamos mais de cinquenta testemunhas oculares... mas, seja como for, é como eu lhe digo, ele morreu. Foi assassinado, para ser mais preciso. Nas instalações do Ministério da Magia. Na realidade, até será instaurado um inquérito...

Para sua grande surpresa, neste momento o Primeiro-Ministro sentiu uma ligeira pontada de compaixão por Fudge. Contudo, esta foi quase de imediato substituída por um fulgor de presunção ao pensar que, por muitas lacunas que pudesse apresentar na área da Materialização de dentro de lareiras, nunca ocorrera nenhum homicídio em nenhum dos departamentos governamentais sob a *sua* alçada... bom, pelo menos até ao momento...

Enquanto o Primeiro-Ministro dava três pancadinhas sub-reptícias na madeira da sua secretária, Fudge prosseguia: — Mas o Black já não vem a propósito. A questão é que estamos em guerra, Primeiro-Ministro, e há medidas que têm de ser tomadas.

— Em guerra? — ecoou o Primeiro-Ministro, nervoso. — Com certeza haverá aí um certo exagero, não?

— Os seguidores de Aquele Cujo Nome Não Deve Ser Pronunciado que se evadiram de Azkaban em Janeiro já se lhe reuniram — afirmou Fudge, falando cada vez mais rápido e girando o chapéu de coco tão depressa, que não passava agora duma mancha verde-lima. Desde que revelaram a sua presença, têm vindo a semear a destruição e o caos. A ponte de Brockdale... foi ele, Primeiro-Ministro, ele ameaçou realizar um massacre de Muggles a menos que eu lhe deixasse o caminho livre e...

— Santo Deus, então a culpa de aquelas pessoas terem morrido é *sua*, e eu vou ter de responder a perguntas sobre cabos enferrujados e juntas de expansão carcomidas e sei lá mais o quê! — exclamou o Primeiro-Ministro, furioso.

— A culpa é *minha*! — insurgiu-se Fudge, enrubescendo. — Está a querer dizer-me que teria cedido à chantagem assim sem mais nem menos?

— Talvez não — admitiu o Primeiro-Ministro, levantando-se e começando a andar a passos largos pela sala —, mas envidaria todos os esforços para apanhar o chantagista antes de ele cometer uma atrocidade

tamanha!

— Então e acha que eu não andava já a envidar todos os esforços? — retorquiu Fudge, exaltado. — Todos os Aurors do Ministério estavam... e estão... a tentar encontrá-lo e a encurralar os seus seguidores, mas acontece que estamos a falar de um dos mais poderosos feiticeiros de todos os tempos, um feiticeiro que há quase três décadas consegue fugir à captura!

— Suponho, então, que agora me vai dizer que o ciclone na zona ocidental do país também foi da responsabilidade dele? — disse o Primeiro-Ministro, mais irritado a cada passada que dava. Era de fazer perder as estribeiras, descobrir o motivo de todas aquelas terríveis calamidades e não poder informar o público; quase pior que se a responsabilidade fosse, de facto, do governo.

— Não houve ciclone nenhum — disse Fudge com ar infelicíssimo.

— Desculpe! — vociferou o Primeiro-Ministro, que agora estava nitidamente a bater com os pés com toda a força no chão. — Árvores desenraizadas, telhados arrancados, postes de iluminação arqueados, ferimentos horríveis...

— Foram os Devoradores da Morte — adiantou Fudge. — Os seguidores de Aquele Cujo Nome Não Deve Ser Pronunciado. E... suspeitamos do envolvimento de gigantes.

O Primeiro-Ministro deteve-se abruptamente como se tivesse embatido contra uma parede invisível.

— *Do envolvimento de quem?*

Fudge fez uma careta. — Ele usou gigantes da última vez, quando quis provocar um efeito grandioso. O Gabinete de Desinformação tem andado a trabalhar dia e noite, temos equipas de Obliviators na rua a tentar alterar as memórias de todos os Muggles que viram o que na realidade se passou, temos a maior parte do Departamento de Regulação e Controlo de Criaturas Mágicas a varrer o Somerset, e não conseguimos encontrar o gigante... Tem sido um desastre.

— Não me diga! — exclamou o Primeiro-Ministro, enfurecido.

— Não vou negar que o moral tem andado bastante em baixo no Ministério — reconheceu Fudge. — Bom, com tudo o que se passou e depois da perda da Amelia Bones.

— Da perda de quem?

— Da Amelia Bones. A Chefe do Departamento de Execução da Lei Mágica. Julgamos que poderá ter sido Aquele Cujo Nome Não Deve Ser Pronunciado em pessoa a tê-la assassinado, porque se tratava duma feiticeira particularmente dotada... e todas as provas apontam para que ela tenha oferecido grande resistência.

Fudge clareou a voz e, com algum esforço, ao que parecia, parou de girar o chapéu de coco.

— Mas esse homicídio surgiu nos jornais — observou o Primeiro-Ministro, momentaneamente distraído da sua fúria. — Nos *nossos* jornais. Amelia Bones... informavam apenas que se tratava duma mulher de meia-idade e que vivia sozinha. Foi uma... uma morte dolorosa, não é verdade? Já seria de prever que fosse bastante noticiada. A polícia está estupefacta, sabe.

Fudge soltou um suspiro. — Bom, nem podia deixar de estar. Foi morta numa sala trancada por dentro, não foi? Nós, pelo contrário, sabemos exactamente quem é o responsável, não que isso nos adiante de alguma coisa para conseguirmos prendê-lo. E depois há o caso da Emmeline Vance, talvez não tenha ouvido falar de nada a esse respeito...

— Ai isso é que ouvi! — ripostou o Primeiro-Ministro. — Por acaso, até ocorreu aqui mesmo à esquina. Os jornais andaram num rebuliço o dia todo com isso: *Violação da lei e da ordem nas traseiras do Primeiro-Ministro...*

— E como se tudo isso já não bastasse — prosseguiu Fudge, mal prestando atenção ao Primeiro-Ministro —, temos agora os Dementors a invadirem-nos por todo o lado, a atacar pessoas a torto e a direito...

Em tempos mais felizes, esta frase teria sido ininteligível para o Primeiro-Ministro, mas agora ele tinha uma visão mais clara das coisas.

— Eu pensei que os Dementors guardavam os prisioneiros de Azkaban? — disse ele cautelosamente.

— Pois guardavam — assentiu Fudge num tom fatigado. — Mas agora já não guardam. Desertaram da prisão e juntaram-se a Aquele Cujo Nome Não Deve Ser Pronunciado. Não vou fingir que não foi um duro golpe.

— Mas — continuou o Primeiro-Ministro, com uma sensação de horror crescente —, mas não me contou já que são eles as criaturas que sugam a esperança e a felicidade do coração das pessoas?

— É isso mesmo. E estão a reproduzir-se. É isso que tem ocasionado todo este nevoeiro.

O Primeiro-Ministro deixou-se cair, enfraquecido, na cadeira mais próxima. A ideia de criaturas invisíveis a precipitarem-se sobre as cidades e os campos, a espalharem a infelicidade e o desespero entre os seus eleitores, dava-lhe a sensação de estar prestes a desmaiar.

— Ouça lá, Fudge... tem de fazer alguma coisa! É sua responsabilidade enquanto Ministro da Magia!

— Meu caro Primeiro-Ministro, está mesmo convencido de que eu ainda sou Ministro da Magia depois de tudo o que aconteceu? Fui posto na rua há três dias! A comunidade de feiticeiros em peso andava há duas semanas a

exigir a minha demissão. Nunca os vi tão unidos durante todo o meu mandato! — exclamou Fudge, esboçando corajosamente um leve sorriso.

O Primeiro-Ministro ficou momentaneamente sem saber o que dizer. Não obstante a sua indignação perante a posição em que tinha sido colocado, não podia deixar de sentir alguma pena do homem com ar abatido sentado à sua frente.

— Lamento profundamente — acabou ele por dizer. — Há alguma forma de poder ajudá-lo?

— É muito amável da sua parte, Primeiro-Ministro, mas não há nada a fazer. Enviaram-me aqui esta noite para lhe dar notícias actualizadas sobre os últimos acontecimentos e para lhe apresentar o meu sucessor. Estava à espera de que a esta hora ele já tivesse chegado, mas é claro que neste momento, com tanta coisa a acontecer ao mesmo tempo, se encontra sobrecarregado de trabalho.

Fudge virou-se para olhar para o retrato do homenzinho feio com o bigode prateado, comprido e encaracolado, que estava a enfiar uma pena de escrever no ouvido.

Quando o seu olhar se cruzou com o de Fudge, o retrato disse: — Ele não demora nada, está só a acabar de escrever uma carta ao Dumbledore.

— Desejo-lhe boa sorte — disse Fudge, deixando transparecer amargura pela primeira vez. — Andei a escrever duas vezes por dia ao Dumbledore durante os últimos quinze dias, mas ele está inabalável. Se ao menos estivesse disposto a convencer o rapaz, eu ainda poderia... Bom, talvez o Scrimgeour se saia melhor.

Fudge mergulhou no que era obviamente um silêncio de mágoa, mas este foi interrompido quase de imediato pelo retrato, que subitamente declarou na sua voz nítida e oficial:

— Ao Primeiro-Ministro dos Muggles. Requerimento para um encontro. Urgente. Por favor, responda de imediato. Rufus Scrimgeour, Ministro da Magia.

— Pronto, pronto, está bem — acedeu o Primeiro-Ministro com ar distraído, e mal teve tempo para se desviar quando as chamas na lareira tornaram a ficar verde-esmeralda, se elevaram e revelaram um segundo feiticeiro a girar por entre elas, expelindo-o passados uns instantes para o tapete antigo. Fudge levantou-se da cadeira, e, após uma breve hesitação, o Primeiro-Ministro seguiu-lhe o exemplo, vendo o recém-chegado a endireitar-se, sacudir a poeira do seu longo manto negro e olhar em seu redor.

A primeira ideia tola que ocorreu ao Primeiro-Ministro foi que Rufus Scrimgeour¹ lhe fazia lembrar imenso um leão velho. Viam-se madeixas

grisalhas na sua juba fulva e nas sobrancelhas espessas; tinha uns olhos penetrantes amarelados por detrás das lentes dos óculos de armação metálica e uma certa graciosidade esguia e ágil, embora apresentasse um leve coxear. Causava de imediato uma impressão de astúcia e tenacidade; o Primeiro-Ministro julgava poder compreender qual o motivo de a comunidade de feiticeiros preferir Scrimgeour a Fudge como líder naqueles tempos perigosos.

— Muito prazer — cumprimentou-o o Primeiro-Ministro educadamente, estendendo-lhe a mão.

Scrimgeour deu-lhe um breve aperto de mão, os seus olhos a perscrutarem a sala, e em seguida tirou uma varinha de debaixo do manto.

— O Fudge contou-lhe tudo? — interrogou-o, dirigindo-se à porta a passos largos e batendo com a varinha na fechadura. O Primeiro-Ministro ouviu a porta a fechar-se com um estalido.

— Hã... sim — confirmou o Primeiro-Ministro. — E, se não se importar, preferia que essa porta não ficasse trancada.

— Eu prefiro que não sejamos interrompidos — retorquiu Scrimgeour com secura —, nem vigiados — acrescentou, apontando com a varinha para as janelas de forma que as cortinas se corressem sozinhas. — Bom, bem, eu sou um homem muito ocupado, por isso vamos já ao que interessa. Antes de mais nada, precisamos de discutir a questão da sua segurança.

O Primeiro-Ministro endireitou-se o mais que a sua altura lhe permitia e retorquiu: — Estou perfeitamente satisfeito com a segurança de que disponho neste momento, muitíssimo obrigado...

— Bom, mas nós não estamos — interrompeu-o Scrimgeour. — As perspectivas não serão muito animadoras para os Muggles se o Primeiro-Ministro deles for posto sob o efeito duma Maldição Imperius. O novo secretário do seu gabinete exterior...

— Eu não me vou ver livre do Kingsley Shacklebolt, se é isso que está a querer sugerir! — exclamou o Primeiro-Ministro todo exaltado. — Ele é extremamente eficiente, é capaz de despachar o dobro do trabalho de todos eles juntos...

— Isso é porque se trata dum feiticeiro — esclareceu Scrimgeour, sem o mais leve sorriso. — Um Auror altamente treinado, que foi designado para o proteger.

— Alto, espere aí um momento! — declarou o Primeiro-Ministro. — O senhor não pode andar por aí a infiltrar pessoas no meu gabinete, eu é que decido quem trabalha para mim...

— Eu pensei que estivesse satisfeito com o Shacklebolt? — retorquiu Scrimgeour friamente.

— E estou... isto é, estava...

— Então, não há problema nenhum, pois não? — concluiu Scrimgeour.

— Eu... bom, desde que o trabalho do Shacklebolt continue a ser... hã... excelente — decidiu o Primeiro-Ministro em tom pouco convincente, mas Scrimgeour mal parecia ouvi-lo.

— Agora, relativamente ao Herbert Chorley... o seu secretário de estado — prosseguiu. — Aquele que tem andado a divertir o público imitando um pato.

— O que é que se passa com ele? — indagou o Primeiro-Ministro.

— É óbvio que se trata duma reacção a uma Maldição Imperius mal realizada — afirmou Scrimgeour. — Confundiu-lhe as ideias, mas ele ainda pode ser perigoso.

— A única coisa que ele faz é grasnar! — exclamou o Primeiro-Ministro com voz débil. — Com certeza uns dias de descanso... talvez se não abusar tanto da bebida...

— Uma equipa de Curandeiros do Hospital de São Mungus de Doenças e Lesões Mágicas está neste preciso momento a examiná-lo. Até agora, já tentou estrangular três deles — explicou Scrimgeour. — Creio que será melhor se o afastarmos da sociedade dos Muggles por uns tempos.

— Eu... bem... ele vai recuperar, não vai? — perguntou o Primeiro-Ministro ansiosamente. Scrimgeour limitou-se a encolher os ombros, já a encaminhar-se para a lareira.

— Bom, parece-me que já disse tudo quanto tinha a dizer. Mantê-lo-ei informado de novos desenvolvimentos, Primeiro-Ministro... ou, pelo menos, se eu andar demasiado ocupado para vir aqui pessoalmente, o que é o mais provável, mandarei o Fudge. Ele aceitou permanecer na qualidade de consultor.

Fudge forçou um sorriso, mas em vão; apenas conseguiu fazer ar de quem tem dores de dentes. Scrimgeour já andava a vasculhar no bolso à procura do pó misterioso que tornava o fogo verde. O Primeiro-Ministro ficou um momento a olhar para ambos, desesperado, em seguida as palavras que andara toda a noite a conter saíram-lhe, por fim, de rompante:

— Mas, pelo amor de Deus... os senhores são *feiticeiros*! Podem fazer *magia*! Com certeza são capazes de resolver... bom... *seja lá o que for*!

Scrimgeour virou-se lentamente sem sair donde estava e trocou um olhar de incredulidade com Fudge, que desta feita conseguiu mesmo esboçar um sorriso e dizer amavelmente: — O problema, Primeiro-Ministro, é que o outro lado também sabe fazer magia.

E, dito isto, os dois feiticeiros penetraram um a seguir ao outro nas chamas verdes e desapareceram.

II

O BECO DO URDIDOR

Muito longe dali, o nevoeiro frio que se comprimira contra as janelas do Primeiro-Ministro vagueava sobre um rio poluído que serpenteava por entre margens cobertas de vegetação crescida e amontoados de lixo. Uma enorme chaminé, relíquia duma fábrica já fora de uso, elevava-se, sombria e sinistra. Não se ouvia um único ruído para além do sussurro das águas turvas e não se via qualquer sinal de vida à excepção duma raposa escanzelada que se esgueirara até à margem para farejar esperançosamente alguma embalagem velha de batatas e peixe frito escondida por entre a erva alta.

Foi então que, com um leve *pop*, uma figura delgada e coberta por um capuz surgiu do nada na margem do rio. A raposa ficou imóvel, os olhos atentos fixos naquele estranho fenómeno novo. A figura pareceu ficar um momento a orientar-se, depois partiu com passadas leves e rápidas, o seu longo manto a roçar pela erva.

Com um segundo *pop*, desta vez mais alto, Materializou-se outra figura encapuzada.

— Espera!

O grito áspero assustou a raposa, agora quase toda agachada contra o solo. Abandonou o seu esconderijo com um salto e subiu pela margem. Viu-se um raio de luz verde, ouviu-se um latido, e a raposa tombou no chão, morta.

A segunda figura virou o animal de barriga para cima com a ponta do pé.

— É só uma raposa — constatou a voz da mulher com desdém debaixo do capuz. — Pensei que pudesse ser um Auror... Cissy, espera!

A companheira, porém, que fizera uma pausa e olhara para trás para o raio de luz, já estava a trepar a margem por onde a raposa tombara.

— Cissy... Narcissa... ouve o que te digo...

A segunda mulher alcançou a primeira e agarrou-a por um braço, mas a

outra libertou-se com uma sacudidela.

— Vai-te embora, Bella!

— Tens de me ouvir!

— Já ouvi. A minha decisão está tomada. Deixa-me em paz!

A mulher que se chamava Narcissa chegou ao cimo da margem, onde uma fila de velhas grades separava o rio duma pequena rua empedrada. A outra mulher, Bella, foi logo atrás dela. Lado a lado, ficaram a olhar para as filas e filas de casas de tijolo delapidadas que se encontravam do outro lado da rua, as suas janelas escuras e fechadas na noite.

— Ele mora aqui? — questionou Bella em tom de desprezo. — *Aqui?* Nesta estrumeira de Muggles? Devemos ser as primeiras da nossa espécie a alguma vez terem posto os pés...

Mas Narcissa não lhe estava a dar atenção; esgueirara-se por uma fresta nas grades ferrugentas e já atravessava a rua a toda a pressa.

— Cissy, *espera!*

Bella seguiu-a, o manto a esvoaçar atrás de si, e viu Narcissa a precipitar-se a correr por uma viela até a uma segunda rua, praticamente idêntica. Alguns dos postes de iluminação estavam partidos; as duas mulheres corriam alternadamente por zonas iluminadas e imersas na escuridão. A perseguidora alcançou a sua presa quando esta ia a virar uma esquina, desta feita conseguindo agarrar-lhe o braço e virá-la de forma a ficarem as duas frente a frente.

— Cissy, não podes fazer isto, não podes confiar nele...

— O Senhor das Trevas confia, não confia?

— O Senhor das Trevas está... creio eu... enganado — afirmou Bella ofegante, e os seus olhos brilharam momentaneamente debaixo do capuz à medida que olhava em seu redor para verificar se estavam, de facto, sozinhas. — Seja como for, fomos avisadas para não falarmos do plano a ninguém. Isto é uma traição ao Senhor das Trevas...

— Larga-me, Bella! — vociferou Narcissa e tirou uma varinha de debaixo do manto, apontando-a num gesto ameaçador ao rosto da outra. Bella limitou-se a soltar uma gargalhada.

— Cissy, a tua própria irmã? Não terias coragem...

— Já não há nada que eu não tenha coragem de fazer! — sussurrou Narcissa, com uma nota de histeria na voz e, à medida que baixava a varinha como uma faca, fez-se outro raio de luz. Bella soltou o braço da irmã como se este queimasse.

— *Narcissa!*

Mas Narcissa já se metera novamente a caminho. Esfregando a mão, a sua perseguidora seguiu-a, mantendo agora uma certa distância, enquanto

se iam embrenhando cada vez mais no labirinto deserto de casas de tijolo. Por fim, Narcissa subiu a correr uma rua chamada Beco do Urdidor, acima da qual a chaminé imponente da fábrica parecia pairar como um dedo gigante e admonitório. Os seus passos ecoavam no empedrado à medida que ela ia passando por janelas entaipadas e partidas, até chegar à última das casas, onde uma luz ténue bruxuleava através das cortinas duma sala do rés-do-chão.

Narcissa bateu à porta antes de Bella, que praguejava baixinho, a alcançar. Ficaram ambas à espera, levemente ofegantes, inalando o fedor do rio poluído que lhes chegava trazido pela brisa nocturna. Passados alguns instantes, ouviram movimento atrás da porta, e esta abriu-se uma greta. Entreviram um homem a olhar para elas, um homem com uma longa cabeleira preta e escorrida, com risco ao meio, em volta dum rosto lívido e de olhos negros.

Narcissa atirou o capuz para trás. Era tão pálida, que parecia brilhar na escuridão; o cabelo louro comprido que lhe caía pelas costas dava-lhe o ar de alguém que estivesse prestes a morrer afogado.

— Narcissa! — exclamou o homem, abrindo um pouco mais a porta, de forma que a luz incidiu também sobre ela e a irmã. — Que agradável surpresa!

— Severus — disse ela num murmúrio tenso. — Posso falar contigo? É urgente.

— Mas com certeza.

Ele desviou-se para a deixar entrar em casa. A irmã, ainda encapuzada, seguiu-a sem ser convidada.

— Snape — disse ela secamente quando passou por ele.

— Bellatrix — respondeu este, os seus lábios finos a contraírem-se num leve sorriso de troça, enquanto fechava a porta com uma pancada.

Tinham ido dar directamente a uma sala de estar muito acanhada, que lhes causava a sensação de se encontrarem numa cela escura e almofadada. As paredes estavam completamente cobertas de livros, a maioria encadernados a couro castanho ou preto; um sofá puído, uma velha poltrona e uma mesa desconjuntada estavam todos juntos, iluminados por um círculo de luz ténue proveniente dum candelabro pendurado no tecto. A sala tinha um ar abandonado, como se raramente fosse habitada.

Snape fez um gesto a Narcissa para que se acomodasse no sofá. Ela despiu o manto, pô-lo de lado e sentou-se, olhando fixamente as mãos brancas e trémulas, entrelaçadas no colo. Bellatrix baixou o capuz mais devagar. Morena como a irmã era clara, com olhos de pálpebras pesadas e um maxilar proeminente, não desviou o olhar de Snape enquanto se foi

postar atrás de Narcissa.

— Então, em que é que as posso ajudar? — indagou Snape, instalando-se na poltrona em frente das duas irmãs.

— Nós... nós estamos sozinhos, não estamos? — perguntou Narcissa em voz baixa.

— Sim, é claro. Bom, está cá o Wormtail, mas os parasitas não contam, pois não?

Apontou com a varinha para a estante de livros atrás de si e uma porta secreta abriu-se de repente com um estrondo, revelando uma escada estreita no topo da qual se encontrava um homenzinho, completamente imóvel.

— Tal como já certamente te apercebeste, Wormtail, temos convidadas — anunciou Snape num tom indolente.

O homem desceu os últimos degraus a rastejar com as costas encurvadas e entrou na sala. Tinha olhos pequenos e lacrimosos, um nariz aguçado e exibia um sorriso desagradavelmente afectado. Afagava a mão direita com a esquerda, que parecia estar escondida dentro duma luva prateada e brilhante.

— Narcissa! — exclamou ele, numa voz estridente — e Bellatrix! Que agradável...

— O Wormtail pode ir buscar-nos umas bebidas, se vos apetecer — sugeriu Snape. — E depois irá voltar para o seu quarto.

Wormtail retraiu-se como se Snape lhe tivesse atirado com alguma coisa.

— Não sou teu criado! — guinchou ele, evitando o olhar de Snape.

— Ai não? E eu que estava com a impressão de que o Senhor das Trevas te tinha mandado para aqui para me ajudares.

— Ajudar, sim... mas não para te servir bebidas e... e limpar-te a casa!

— Não fazia ideia, Wormtail, de que ansiavas por tarefas mais arriscadas — comentou Snape com voz aveludada. — Isso arranja-se facilmente: vou falar com o Senhor das Trevas...

— Posso ser eu próprio a falar com ele, se quiser!

— É claro que podes — disse Snape com desdém. — Mas, entretanto, vai buscar-nos as bebidas. Um pouco de vinho produzido pelos elfos serve.

Wormtail teve um breve momento de hesitação, com ar de quem se prepara para começar a discutir, mas depois deu meia-volta e passou por uma segunda porta oculta. Ouviram o barulho de panelas a bater e de copos a tilintar. Passados instantes, estava de volta, trazendo uma bandeja com uma garrafa poeirenta e três copos. Pousou a bandeja na mesa desconjuntada e desapareceu de imediato da frente deles, batendo com a porta forrada de livros.

Snape encheu três copos de vinho vermelho-sangue e estendeu dois deles

às irmãs. Narcissa murmurou uma palavra de agradecimento, ao passo que Bellatrix não disse nada, continuando de olhar ameaçador fixo em Snape. Isto não pareceu afectá-lo; pelo contrário, mostrava estar divertido.

— Ao Senhor das Trevas — declarou ele, levantando o copo e bebendo o vinho todo dum único gole.

As irmãs seguiram-lhe o exemplo. Snape tornou a encher-lhes os copos.

Enquanto Narcissa pegava na sua segunda dose, disse apressadamente: — Severus, lamento aparecer aqui assim, mas tinha de te ver. Creio que és a única pessoa que me pode ajudar...

Snape ergueu uma mão para fazê-la calar-se, depois tornou a apontar a varinha para a porta das escadas ocultas. Ouviu-se um grande estrondo e um guincho, seguido pelo barulho de Wormtail a subir os degraus a toda a pressa.

— As minhas desculpas — pediu Snape. — Ultimamente, deu-lhe para andar a escutar atrás das portas, não percebo qual o objectivo dele... Estavas a dizer, Narcissa?

Esta inalou profundamente, sobressaltada, e recomeçou:

— Severus, eu sei que não devia estar aqui, fui avisada para não contar nada a ninguém, mas...

— Então o melhor era estares calada! — vociferou Bellatrix. — Sobretudo na presente companhia!

— Na presente companhia? — repetiu Snape em tom sarcástico. — E o que querás tu dizer com isso, Bellatrix?

— Que eu não confio em ti, Snape, como muito bem sabes!

Narcissa soltou um ruído que poderia ter passado por um soluço seco e tapou o rosto com as mãos. Snape pousou o copo em cima da mesa e tornou a sentar-se, as mãos assentes nos braços da poltrona, sorrindo perante a expressão ameaçadora de Bellatrix.

— Narcissa, creio que devíamos ouvir o que a Bellatrix está mortinha por dizer; vai poupar-nos interrupções enfadonhas. Bom, continua, Bellatrix — instou-a Snape. — Então diz lá por que é que não confias em mim?

— Por imensas razões! — exclamou ela em voz alta, saindo a passos largos de detrás do sofá e assentando o copo em cima da mesa com uma pancada. — Por onde hei-de começar? Onde estavas tu quando o Senhor das Trevas caiu? Por que é que nunca fizeste qualquer tentativa para o encontrares depois de ele ter desaparecido? Por que motivo é que tens passado todos estes anos a viver sob a influência do Dumbledore? Por que é que impediste que o Senhor das Trevas encontrasse a Pedra Filosofal? Por que é que não regressaste logo depois de o Senhor das Trevas ter

renascido? Onde é que estavas há umas semanas, quando travámos uma batalha para recuperar a profecia para o Senhor das Trevas? E por que é que, Snape, o Harry Potter ainda continua vivo, quando há cinco anos que o tens à tua mercê?

Bellatrix fez uma pausa, o peito a arfar rapidamente, as bochechas muito coradas. Atrás dela, estava sentada Narcissa, imóvel, o rosto ainda coberto pelas mãos.

Snape sorriu.

— Antes de te responder... Oh, sim, Bellatrix, porque eu vou responder-te! Podes transmitir as minhas palavras aos outros que cochicham nas minhas costas, e espalham histórias falsas da minha traição ao Senhor das Trevas! Antes de te responder, dizia eu, permite-me que seja eu a fazer-te uma pergunta. Acreditas mesmo que o Senhor das Trevas não me fez já todas essas perguntas? E acreditas mesmo que, não tivesse sido eu capaz de lhe dar respostas satisfatórias, estaria aqui sentado a falar contigo?

Bellatrix hesitou.

— Eu sei que ele acredita em ti, mas...

— Achas que ele está enganado? Ou que eu consegui, vá-se lá saber como, pôr-lhe uma venda nos olhos? Ludibriar o Senhor das Trevas, o maior dos feiticeiros, o mais dotado dos Legilimens que o mundo algum dia conheceu?

Bellatrix não disse nada, mas, pela primeira vez, mostrou-se ligeiramente confundida. Snape não insistiu no assunto. Tornou a pegar na bebida, deu um gole e prosseguiu: — Perguntas-me onde estava eu quando o Senhor das Trevas caiu. Pois eu estava onde ele me mandou que estivesse, na Escola de Magia e Feitiçaria de Hogwarts, porque queria que eu espiasse o Albus Dumbledore. Sabes, presumo, que foi por ordem do Senhor das Trevas que aceitei o lugar?

Ela assentiu com a cabeça de forma quase imperceptível e em seguida abriu a boca, mas Snape adiantou-se-lhe:

— Perguntas-me por que motivo eu não tentei encontrá-lo quando ele desapareceu. Pela mesma razão que o Avery, o Yaxley, os Carrow, o Greyback, o Lucius — inclinou a cabeça ligeiramente para Narcissa — e muitos outros não tentaram encontrá-lo. Julguei que ele estivesse morto. Não é nada de que me orgulhe, estava enganado, mas aqui tens... Se ele não tivesse perdoado a quem perdeu a confiança naquela altura, teria agora muito poucos seguidores.

— Ter-me-ia a mim! — retorquiu Bellatrix apaixonadamente. — Eu, que passei tantos anos em Azkaban por ele!

— Sim, é, de facto, admirável — constatou Snape com voz de enfado. —

É claro que na prisão não lhe foste de grande utilidade, mas o gesto foi indubitavelmente bonito...

— O gesto! — guinchou ela; de tão furiosa, parecia quase louca. — Enquanto eu aguentava os Dementors, tu ficaste em Hogwarts, confortavelmente, a fazer de cãozinho de estimação do Dumbledore!

— Nem por isso — afirmou Snape calmamente. — Sabes, ele não me queria dar a disciplina de Defesa Contra a Magia Negra. Parecia estar com receio de que pudesse, ah, provocar-me uma recaída... tentar-me a regressar à minha antiga vida.

— Foi esse o sacrifício que fizeste pelo Senhor das Trevas, não ensinares a tua disciplina preferida? — zombou Bellatrix. — Por que é que lá ficaste tanto tempo, Snape? Continuavas a espiar o Dumbledore ao serviço dum senhor que julgavas morto?

— Dificilmente — ripostou Snape —, embora o Senhor das Trevas esteja satisfeito por eu nunca ter abandonado o meu posto; quando ele regressou, eu dispunha de dezasseis anos de informações sobre o Dumbledore para lhe entregar, um presente de boas-vindas bastante mais útil que reminiscências infundáveis acerca da dureza de Azkaban...

— Mas tu ficaste...

— É verdade, Bellatrix, eu fiquei — interrompeu-a Snape, deixando transparecer pela primeira vez um laivo de impaciência. — Tinha um emprego confortável que preferia a uma estadia em Azkaban. Eles andavam a encurralar os Devoradores da Morte, como tu sabes. A protecção do Dumbledore mantinha-me fora da prisão, era-me bastante conveniente, e eu servi-me dela. Repito: o Senhor das Trevas não se queixa de eu ter lá ficado, por isso não estou a ver por que é que tu o fazes.

«Creio que a seguir querias saber — insistiu Snape, um pouco mais alto, pois Bellatrix mostrava sinais de se preparar para o interromper — por que é que me coloquei entre o Senhor das Trevas e a Pedra Filosofal. A resposta é simples. Ele não sabia até que ponto podia confiar em mim. Estava convencido, tal como tu, de que eu me tinha transformado de fiel Devorador da Morte em laçao do Dumbledore. Ele estava num estado lastimoso, muito fraco, vivendo no corpo dum feiticeiro medíocre. Não se atrevia a revelar-se a um antigo aliado, se esse aliado o pudesse denunciar ao Dumbledore ou ao Ministério. Lamento profundamente que ele não tivesse confiado em mim. Teria retomado o poder três anos mais cedo. Assim, eu apenas vi o ganancioso e reles do Quirrell a tentar roubar a Pedra e, reconheço, fiz tudo ao meu alcance para o impedir.

Os lábios de Bellatrix contraíram-se como se ela tivesse acabado de engolir uma dose de remédio malgostoso.

— Mas tu não voltaste quando ele regressou, não foste a correr ter com ele quando sentiste a Marca Negra a queimar...

— É verdade. Voltei passadas duas horas. Voltei a mando do Dumbledore.

— Do Dumbledore...? — interrompeu-o ela, em tom de indignação.

— Pensa! — ripostou Snape, novamente impaciente. — Pensa! Ao esperar duas horas, duas horas apenas, eu garanti a minha continuidade em Hogwarts como espião! Ao permitir que o Dumbledore julgasse que eu só ia regressar para junto do Senhor das Trevas, porque ele me tinha dado essa ordem, tive a possibilidade de transmitir informações a respeito do Dumbledore e da Ordem da Fénix desde então! Pondera no seguinte, Bellatrix: a Marca Negra vinha há meses a ficar cada vez mais forte, eu sabia que o regresso dele devia estar para breve, todos os Devoradores da Morte sabiam! Tive imenso tempo para decidir o que queria fazer, para planear a minha próxima jogada, para fugir como o Karkaroff, não é verdade?

«O desagrado inicial do Senhor das Trevas pelo meu atraso desapareceu completamente, garanto-te eu, quando lhe expliquei que lhe permanecia fiel, embora o Dumbledore acreditasse que eu era um dos seus homens. É verdade, o Senhor das Trevas pensava que eu o tinha abandonado para sempre, mas estava enganado.

— Mas para que é que lhe tens servido? — desdenhou Bellatrix. — Que informações úteis é que tu nos forneceste?

— As minhas informações são transmitidas directamente ao Senhor das Trevas — esclareceu Snape. — Se ele prefere não as partilhar contigo...

— Ele partilha tudo comigo! — exclamou Bellatrix, enfurecendo-se de imediato. — Chama-me a sua mais leal, a sua mais fiel...

— Ai sim? — retorquiu Snape, com uma leve inflexão de voz a sugerir as suas dúvidas. — *Ainda* chamará, depois do fiasco no Ministério?

— A culpa disso não foi minha! — defendeu-se Bellatrix, ficando muito corada. — O Senhor das Trevas confiava-me, no passado, as suas mais preciosas... Se o Lucius não tivesse...

— Não te atrevas... não te *atrevas* a culpar o meu marido! — interveio Narcissa, numa voz baixa e mortífera, levantando o olhar para a irmã.

— Não faz sentido atribuir culpas a ninguém — disse Snape apaziguadoramente. — O que está feito, feito está.

— Mas não por ti! — ripostou Bellatrix furibunda. — Não, tu, mais uma vez, te fizeste notar pela ausência, enquanto todos nós enfrentávamos o perigo, não foi, Snape?

— As ordens que eu recebi foram para que me mantivesse na retaguarda.

— Talvez tu não concordes com o Senhor das Trevas, talvez penses que o Dumbledore não teria reparado, se eu reunisse forças com os Devoradores da Morte para combater a Ordem da Fénix? E... perdoa-me... falas de perigo... Tu enfrentaste seis adolescentes, ou estarei enganado?

— A eles não tardou a juntar-se, como tu muito bem sabes, metade da Ordem! — vociferou Bellatrix. — E já que estamos a tocar no assunto da Ordem, tu continuas a afirmar que não podes revelar a localização do seu Quartel-General, não é verdade?

— Não sou eu o Guardião Secreto, não posso revelar o nome do lugar. Tu sabes como funciona o encantamento, creio eu? O Senhor das Trevas está contente com as informações que lhe transmiti sobre a Ordem e que, como talvez tenhas reparado, conduziram à recente captura e morte de Emmeline Vance e com certeza também contribuíram para nos livrarmos do Sirius Black, embora eu te reconheça todo o mérito de teres acabado com ele.

Snape inclinou a cabeça e fez-lhe um brinde. A expressão de Bellatrix não se suavizou.

— Estás a evitar a minha última pergunta, Snape. O Harry Potter. Podias tê-lo morto em qualquer altura durante estes últimos cinco anos. Não o fizeste. Porquê?

— Já discutiste esse assunto com o Senhor das Trevas? — indagou Snape.

— Ele... ultimamente, nós... Estou a perguntar-te *a ti*, Snape!

— Se eu tivesse matado o Harry Potter, o Senhor das Trevas não poderia ter utilizado o sangue dele para se regenerar, tornando-se invencível...

— Tu arrogas-te a afirmar que previste que o rapaz seria utilizado dessa forma!? — desdenhou ela.

— Eu não me arrego a nada disso; eu não fazia ideia de quais eram os planos dele; já confessei que julgava que o Senhor das Trevas estava morto. Estou meramente a tentar explicar por que motivo o Senhor das Trevas não lamenta que o Potter tenha sobrevivido, pelo menos até há um ano...

— Mas, então, por que é que permitiste que ele continuasse vivo?

— Não percebeste o que te disse? Era apenas a protecção do Dumbledore que me impedia de ir para a Azkaban! Não concordas comigo que o facto de eu matar o seu aluno preferido o pudesse ter virado contra mim? Mas não se trata só disso. Devo lembrar-te que da primeira vez que o Potter chegou a Hogwarts, ainda circulavam muitas histórias a respeito dele, rumores que diziam ser ele próprio um feiticeiro negro, e que era por isso que sobrevivera ao ataque do Senhor das Trevas. De facto, muitos dos antigos seguidores do Senhor das Trevas pensaram que talvez o Potter

fosse um símbolo em volta do qual se pudessem reorganizar. Eu sentia curiosidade, admito, e não estava minimamente inclinado a matá-lo mal ele pusesse os pés no castelo.

«É claro, depressa me apercebi de que ele não possuía qualquer talento extraordinário. Tem conseguido desenhencilhar-se de algumas situações difíceis através duma simples combinação de pura sorte e amigos mais talentosos que ele. O Potter não podia ser mais medíocre, embora não deixe por isso de ser tão irritante e presumido como o pai era. Tenho feito o melhor que posso para o pôr fora de Hogwarts, pois estou convencido de que ali não é o lugar dele, mas matá-lo ou deixar que o matem à minha frente? Só se eu fosse idiota é que arriscaria semelhante coisa, com o Dumbledore mesmo ali à mão.

— E depois de tudo isto queres que nós acreditemos que o Dumbledore nunca desconfiou de ti? — interrogou-o Bellatrix. — Ele não faz ideia da tua verdadeira lealdade, continua a ter uma confiança inabalável em ti?

— Eu tenho representado bem o meu papel — afirmou Snape. — E tu estás a esquecer-te da maior fraqueza do Dumbledore: ele tem de acreditar no melhor das pessoas. Quando entrei para a escola, acabado de sair dos Devoradores da Morte, impingi-lhe uma história de que estava profundamente arrependido, e ele recebeu-me de braços abertos... embora, como digo, sempre me tivesse mantido o mais afastado possível da Magia Negra. O Dumbledore já foi um grande feiticeiro... oh, sim, lá disso não há dúvida — (pois Bellatrix emitira um ruído mordaz) —, é o próprio Senhor das Trevas a reconhecê-lo. Apraz-me dizer, contudo, que o Dumbledore está a envelhecer. O duelo com o Senhor das Trevas, no mês passado, abalou-o. Desde então, sofreu uma grave lesão, porque os seus reflexos já não são tão rápidos como eram. Mas, ao longo de todos estes anos, nunca perdeu a confiança no Severus Snape, e é aí que reside o meu grande valor para o Senhor das Trevas.

Bellatrix continuava a não se dar por satisfeita, embora parecesse indecisa sobre como tornar a desferir novo ataque contra Snape.

Aproveitando-se do seu silêncio, este virou-se para a irmã:

— Agora... tu vieste pedir a minha ajuda, Narcissa?

Narcissa levantou os olhos na direcção dele, o seu rosto deixando transparecer claramente o desespero.

— Sim, Severus. Eu... eu acho que tu és a única pessoa capaz de me ajudar, não tenho mais ninguém para quem me virar. O Lucius está na prisão e...

Fechou os olhos, e duas grossas lágrimas brotaram-lhe de debaixo das pálpebras.

— O Senhor das Trevas proibiu-me de tocar no assunto — prosseguiu Narcissa, com os olhos ainda fechados. — Deseja que ninguém saiba do plano. É... muito secreto. Mas...

— Se ele te proibiu de falares, então é isso que devias fazer — interrompeu-a Snape de imediato. — A palavra do Senhor das Trevas é lei.

Narcissa ficou boquiaberta como se Snape lhe tivesse acabado de despejar um balde de água fria em cima. Bellatrix mostrou satisfação pela primeira vez desde que entrara naquela casa.

— Aí tens! — disse ela com ar triunfante para a irmã. — Até o Snape diz o mesmo: se te disseram para não falares, então fica calada!

Mas Snape já se levantara e dirigira-se à pequena janela, espreitando para a rua deserta pelas cortinas e depois tornando a fechá-las com um esticão. Deu meia-volta para encarar Narcissa, com ar de desagrado.

— Acontece que eu conheço o plano — afirmou em voz baixa. — Sou um dos poucos a quem o Senhor das Trevas o contou. Seja como for, Narcissa, se eu não estivesse a par do segredo, tu serias acusada de uma enorme traição ao Senhor das Trevas.

— Eu achei que devias saber! — defendeu-se Narcissa, respirando mais à vontade. — Ele confia tanto em ti, Severus...

— Tu conheces o plano? — indagou Bellatrix, a sua expressão momentânea de regozijo substituída por indignação. — *Tu?*

— Com certeza — confirmou Snape. — Mas em que é que tu precisas de ajuda, Narcissa? Se estás a imaginar que eu sou capaz de persuadir o Senhor das Trevas a mudar de ideias, receio que não haja nada a fazer, rigorosamente nada.

— Severus — murmurou ela, as lágrimas a deslizarem-lhe pelas faces pálidas. — O meu filho... o meu único filho...

— O Draco devia estar orgulhoso — opinou Bellatrix com ar indiferente. — O Senhor das Trevas está a conceder-lhe uma grande honra. E isto eu não posso deixar de reconhecer ao Draco; ele não se anda a esquivar às suas obrigações, parece-me feliz de ter uma oportunidade de provar o que vale, entusiasmado com a perspectiva...

Narcissa começou a chorar a sério, mantendo sempre o olhar suplicante fixado em Snape.

— Isso é porque ele tem dezasseis anos de idade e não sabe o que o espera! Porquê, Severus? Porquê o meu filho? É demasiado perigoso! Isto é uma vingança pelo erro do Lucius, eu sei!

Snape não disse palavra. Desviou o olhar das lágrimas dela, como se fossem indecentes, mas não podia fingir que não a ouvia.

— Foi por isso que ele escolheu o Draco, não foi? — insistiu Narcissa.

— Para castigar o Lucius?

— Se o Draco for bem-sucedido — afirmou Snape, continuando a manter o olhar desviado dela —, receberá mais honras que qualquer um dos outros.

— Mas ele não vai ser bem-sucedido! — exclamou Narcissa por entre soluços. — Como é que poderia, se o próprio Senhor das Trevas...?

Bellatrix ficou boquiaberta; Narcissa parecia estar a perder a coragem.

— Eu só quis dizer... que até hoje ninguém conseguiu... Severus... por favor... Tu és, tu sempre foste, o professor preferido do Draco... És o amigo que o Lucius tem há mais tempo... Suplico-te... És o preferido do Senhor das Trevas, o conselheiro em quem ele mais confia... Vais falar com ele, tentar persuadi-lo...?

— O Senhor das Trevas não se deixará persuadir, e eu não sou estúpido ao ponto de tentar fazê-lo — declarou Snape terminantemente. — Não vou fingir que o Senhor das Trevas não está zangado com o Lucius. Era o Lucius o responsável. Deixou-se capturar, juntamente com sabe-se lá mais quantos, e, ainda por cima, não conseguiu reaver a profecia. É verdade, Narcissa, o Senhor das Trevas está zangado, mesmo muito zangado.

— Então, eu tenho razão, ele escolheu o Draco por vingança! — exclamou Narcissa com a voz embargada. — Ele não quer que ele seja bem-sucedido, ele quer que o matem!

Quando viu que Snape não reagia, Narcissa pareceu perder o pouco autodomínio que ainda lhe restava. Levantando-se, cambaleou até Snape e agarrou-se-lhe à parte da frente do manto. Com o rosto encostado ao dele, as lágrimas a tombarem-lhe sobre o peito dele, disse, ofegante: — Tu podias fazer isso. *Tu* podias fazer isso em lugar do Draco, Severus. Serias bem-sucedido, é claro que serias, e ele recompensar-te-ia muito mais que a qualquer um de nós...

Snape segurou-a pelos pulsos e afastou-lhe as mãos do manto. Baixando o olhar para o seu rosto manchado das lágrimas, afirmou lentamente: — Ele quer que seja eu a fazê-lo no fim, creio eu. Mas está decidido a que o Draco seja o primeiro a tentar. Estás a ver, na eventualidade muito pouco provável de o Draco ter êxito, eu poderei permanecer mais algum tempo em Hogwarts, desempenhando o meu útil papel de espião.

— Por outras palavras, não importa que o Draco seja morto!

— O Senhor das Trevas está muito zangado — repetiu Snape em voz baixa. — Não conseguiu ouvir a profecia. Tu sabes tão bem quanto eu, Narcissa, que ele não perdoa facilmente.

Narcissa deixou-se cair aos seus pés, ficando a soluçar e a gemer no chão.

— O meu único filho... o meu único filho...

— Devias estar orgulhosa! — ripostou Bellatrix sem dó nem piedade. — Se eu tivesse filhos, ficaria feliz de os entregar ao serviço do Senhor das Trevas!

Narcissa soltou um leve grito de desespero e começou a arrepelar os seus longos cabelos louros. Snape inclinou-se, agarrou-a pelos braços, levantou-a e tornou a levá-la para o sofá. Em seguida serviu-lhe mais vinho e obrigou-a a segurar no copo.

— Narcissa, já chega. Bebe isto. Ouve o que te digo.

Ela acalmou-se um pouco; entornando o vinho por cima de si própria, deu um golinho.

— Talvez seja possível... que eu consiga ajudar o Draco.

Narcissa endireitou-se no sofá, o rosto branco como a cal, os olhos muito abertos.

— Severus... oh, Severus... tu serias capaz de o ajudar? De tomar conta dele, de garantir que nada de mal lhe aconteça?

— Posso tentar.

Narcissa largou o copo; este foi a deslizar pela mesa, enquanto ela se deixava cair do sofá até ficar ajoelhada aos pés de Snape, agarrando-lhe uma das mãos com ambas as suas e comprimindo-a contra os lábios.

— Se tu estiveres lá para o proteger... Severus, serias capaz de jurar? Estarias disposto a fazer o Juramento Inquebrável?

— O Juramento Inquebrável? — A expressão de Snape era impávida, inescrutável; Bellatrix, todavia, deixou sair uma gargalhada triunfante.

— Estás a ouvir isto, Narcissa? Oh, ele vai *tentar*, tenho a certeza... As palavras ocas do costume, o esquivação habitual... Oh, sob as ordens do Senhor das Trevas, é claro!

Snape não olhou para Bellatrix. Os seus olhos negros estavam fixos nos de Narcissa, azuis e marejados de lágrimas, enquanto ela continuava agarrada à mão dele.

— Com certeza, Narcissa, eu farei o Juramento Inquebrável — assentiu ele em voz baixa. — Talvez a tua irmã esteja disposta a ser a nossa Testemunha.

Bellatrix ficou boquiaberta. Snape baixou-se de forma a ficar ajoelhado em frente a Narcissa. Sob o olhar embasbacado de Bellatrix, deram as respectivas mãos direitas.

— Vamos precisar da tua varinha, Bellatrix — disse Snape com frieza. Ela tirou-a do manto, ainda com ar estupefacto.

— E vais ter de te aproximar um pouco mais — acrescentou ele.

Bellatrix avançou para ficar sobre eles e colocou a ponta da varinha nas

suas mãos unidas.

Narcissa declarou:

— Severus, comprometes-te a proteger o meu filho Draco, enquanto ele estiver a tentar cumprir as ordens do Senhor das Trevas?

— Sim — jurou Snape.

Uma língua estreita de chamas brilhantes foi projectada da varinha e serpenteou em volta das mãos deles como arame incandescente.

— E comprometes-te, dentro das tuas possibilidades, a protegê-lo de todo o mal?

— Sim — jurou Snape mais uma vez.

Uma segunda língua de chamas saiu disparada da varinha e foi entrelaçar-se com a primeira, formando uma linda corrente brilhante.

— E, caso se venha a revelar necessário... se tudo indicar que o Draco vai falhar... — sussurrou Narcissa (a mão de Snape contorceu-se dentro da dela, mas ele não a retirou) —, serás tu a realizar a façanha que o Senhor das Trevas ordenou ao Draco que realizasse?

Fez-se um instante de silêncio. Bellatrix ficou a observá-los, a varinha pousada sobre as suas mãos apertadas, os olhos muito abertos.

— Sim — concluiu Snape.

O rosto surpreendido de Bellatrix resplandeceu à luz da terceira língua de chamas que foi projectada da varinha, se foi entrelaçar nas outras e se ligou firmemente em volta das suas mãos unidas, como uma corda, como uma serpente de fogo.

III

UMA HERANÇA INGRATA

Harry Potter ressonava muito alto. Estava sentado numa cadeira junto à janela do seu quarto há já quase quatro horas, olhando fixamente para a rua que ia escurecendo, e acabara por adormecer com uma das faces colada ao vidro frio da janela, os óculos de banda e a boca toda aberta. O bafo com que a sua respiração embaciara a janela brilhava ao clarão alaranjado dos postes de iluminação da rua, e a luz artificial esvaía-lhe toda a cor do rosto, dando-lhe um ar fantasmagórico sob o seu tufo de cabelo preto desalinhado.

Viam-se vários dos seus pertences espalhados pelo quarto e também algum lixo. Penas de coruja, caroços de maçã e invólucros de guloseimas deitados pelo chão, uns quantos livros de encantamentos espalhados desordenadamente na cama, por cima dos mantos emaranhados, e uma confusão de jornais iluminados por um círculo de luz em cima da secretária. O cabeçalho dum deles anunciava:

HARRY POTTER: O ELEITO?

Continuam a circular rumores sobre os misteriosos distúrbios que recentemente ocorreram no Ministério da Magia, durante os quais Aquele cujo Nome Não Deve Ser Pronunciado foi mais uma vez avistado.

«Não temos autorização de nos pronunciar sobre o assunto, não me perguntem nada», declarou um Obliviator muito agitado, que se recusou a dar o nome no momento em que, na noite passada, abandonava o Ministério.

Não obstante, fontes muito bem colocadas no interior do Ministério confirmaram que os distúrbios tiveram lugar na mítica Sala das Profecias.

Embora os feiticeiros porta-vozes do Ministério se tenham recusado até

agora a confirmar sequer a existência deste lugar, um número cada vez mais elevado de membros da comunidade de feiticeiros acredita que os Devoradores da Morte que se encontram neste momento a cumprir pena em Azkaban por violação de propriedade alheia e tentativa de furto tinham intenção de roubar uma profecia. A natureza dessa profecia é desconhecida, embora as especulações apontem com frequência para que esta se refere a Harry Potter, a única pessoa conhecida a ter sobrevivido à Maldição de Morte, e que também se sabe ter estado no Ministério na noite em questão. Alguns chegam mesmo ao ponto de chamar a Potter «O Eleito», acreditando que a profecia o nomeia como o único capaz de nos livrar de Aquele Cujo Nome Não Deve Ser Pronunciado.

O paradeiro actual da profecia, a existir, é desconhecido, embora (cont. página 2, coluna 5)

Um segundo jornal encontrava-se ao lado do primeiro. Este trazia o seguinte título:

SCRIMGEOUR SUCEDE A FUDGE

A maior parte desta primeira página estava ocupada com uma grande fotografia a preto e branco de um homem com uma juba de leão e um rosto bastante dilacerado. A imagem estava a mexer-se: o homem acenava para o tecto.

Rufus Scrimgeour, anteriormente Chefe do Gabinete dos Aurors no Departamento para a Execução da Lei Mágica, sucedeu a Cornelius Fudge no cargo de Ministro da Magia. A nomeação foi recebida sob o entusiasmo quase unânime da comunidade de feiticeiros, embora rumores de desentendimento entre o novo Ministro e Albus Dumbledore, recentemente reconduzido no cargo de Chefe dos Feiticeiros do Wizengamot, tenham vindo a lume decorridas algumas horas da nomeação de Scrimgeour.

Os representantes de Scrimgeour admitiram que este se reunira com Dumbledore imediatamente a seguir a tomar posse do cargo máximo, mas recusaram-se a fazer comentários relativamente aos tópicos discutidos. Albus Dumbledore é conhecido por (cont. página 3, coluna 2)

À esquerda deste jornal encontrava-se outro, que estava dobrado de forma a deixar visível o artigo *MINISTRO GARANTE SEGURANÇA DOS ALUNOS*.

O recém-nomeado Ministro da Magia, Rufus Scrimgeour, comunicou hoje as novas medidas rigorosas tomadas pelo Ministério destinadas a garantir a segurança dos alunos que regressarem à Escola de Magia e Feitiçaria de Hogwarts neste Outono.

«Por razões óbvias, o Ministério não irá entrar em pormenores relativamente ao seus novos e rigorosos planos de segurança», declarou o Ministro, embora fontes bem informadas nos tivessem confirmado que as medidas incluem feitiços e encantamentos defensivos, uma enorme variedade de contramaldições e uma pequena unidade de Aurors consagrada exclusivamente à protecção da Escola de Hogwarts.

A maioria das pessoas parece ter recuperado a confiança graças à posição firme do Ministro relativamente à segurança dos alunos. Nas palavras de Mrs. Augusta Longbottom: «O meu neto Neville — que, por acaso, é um grande amigo do Harry Potter, que lutou ao seu lado contra os Devoradores da Morte no Ministério, em Junho e...

Porém, o resto do artigo estava tapado pela grande gaiola que tinha em cima. Lá dentro encontrava-se uma magnífica coruja-das-neves. Os seus olhos ambarinos perscrutavam o quarto imperiosamente, a sua cabeça girava de quando em vez para contemplar o dono, que ressonava. Uma ou duas vezes, deu um estalido com o bico em sinal de impaciência, mas Harry estava demasiado ferrado no sono para conseguir ouvir.

No meio do quarto via-se um grande malão. Estava aberto: parecia estar à espera; contudo, encontrava-se praticamente vazio, à excepção de alguns vestígios de roupa interior velha, doces, frascos de tinta vazios e penas partidas que cobriam o fundo. Ali próximo, no chão, encontrava-se um panfleto púrpura decorado com as seguintes palavras:

Publicado em Nome do Ministério da Magia
**COMO PROTEGER A SUA CASA E A SUA FAMÍLIA CONTRA AS
FORÇAS NEGRAS**

A comunidade de feiticeiros encontra-se neste momento sob a ameaça de uma organização autodenominada Devoradores da Morte. A observação das simples linhas de orientação de segurança que se seguem ajudá-lo-á a proteger-se a si próprio, à sua família e à sua casa de qualquer ataque.

- 1. Aconselhamo-lo a não deixar a sua casa sem ninguém;*
- 2. Deverá tomar cuidados adicionais durante as horas nocturnas.*
Sempre que possível, procure não viajar depois do cair da noite;
- 3. Inspeccione os dispositivos de segurança no exterior da sua casa,*

certificando-se de que todos os membros da família se encontram informados sobre as medidas de emergência, tais como o Feitiço do Escudo Invisível e o Feitiço do Camuflar e, no caso de menores de idade, Aparição Acompanhada;

- 4. Combine medidas de segurança com os amigos chegados e com a família de forma a detectar Devoradores da Morte disfarçados através do uso da Poção Polissuco (ver página 2);*
- 5. Se verificar que algum membro da sua família, colega, amigo ou vizinho apresenta um comportamento estranho, contacte de imediato a Brigada de Execução da Lei Mágica. Podem ter sido postos sob o efeito da Maldição Imperius (ver página 4);*
- 6. Caso a Marca Negra apareça sobre alguma habitação ou qualquer outro edifício, NÃO ENTRE, e contacte o Gabinete Auror mais próximo;*
- 7. Informações não confirmadas sugerem que os Devoradores da Morte podem estar agora a utilizar Inferi (ver página 10). Quem quer que aviste um Inferius, ou tenha um encontro com algum, deverá avisar o Ministério IMEDIATAMENTE.*

Harry resmungou a dormir, e o seu rosto escorregou ligeiramente da janela, entortando-lhe ainda mais os óculos, mas ele não acordou. Um relógio-despertador, consertado por ele vários anos antes, fazia tiquetaque muito alto, em cima do parapeito, mostrando que faltava um minuto para as onze. A seu lado, preso dentro da mão descontraída de Harry, via-se um bocado de pergaminho coberto duma caligrafia fina e inclinada. Lera esta carta tantas vezes desde a sua chegada, havia três dias, que, embora lhe tivesse sido entregue num rolo firmemente enrolado, estava agora quase lisa.

Caro Harry,

Se não te causar incómodo, irei ao número 4 de Privet Drive na próxima sexta-feira às onze horas da noite para te acompanhar à Toca, onde foste convidado para passar o resto das férias escolares.

Se for do teu agrado, agradecerei também a tua ajuda numa questão de que espero poder tratar a caminho d'A Toca. Dar-te-ei explicações mais detalhadas quando nos encontrarmos.

Por favor, envia a tua resposta por esta coruja. Com esperança de te ver na próxima sexta-feira,

atenciosamente,

Embora já a soubesse de cor, Harry deitara olhadelas à missiva de minuto a minuto desde a sete em ponto dessa tarde, quando fora ocupar o seu posto à janela do quarto, que permitia uma vista razoável de ambas as extremidades de Privet Drive. Sabia que era inútil estar constantemente a ler as palavras de Dumbledore; Harry enviara a sua confirmação pela coruja que lhe trouxera a carta, tal como lhe fora pedido, e agora só lhe restava aguardar: ou Dumbledore vinha, ou não.

Mas não fizera as malas. Parecia-lhe simplesmente bom demais para ser verdade que fosse resgatado de casa dos Dursley depois de passar umas meras duas semanas na sua companhia. Não conseguia afastar o pressentimento de que alguma coisa acabaria por correr mal — a sua resposta à carta de Dumbledore poderia ter-se extraviado; Dumbledore poderia ver-se impedido de o ir buscar; poderia descobrir que a carta não fora enviada por Dumbledore, mas que se tratava duma partida, duma brincadeira ou duma armadilha. Harry não fora capaz de enfrentar a tarefa de fazer as malas, para depois se ver desiludido e ter de as desfazer novamente. O único gesto que fizera a indicar a possibilidade duma viagem fora fechar a sua coruja-das-neves, *Hedwig*, em segurança dentro da gaiola.

O ponteiro dos minutos do despertador atingiu o número doze, e, nesse preciso momento, o poste de iluminação do lado de fora da janela apagou-se.

Harry acordou, como se a súbita escuridão fosse um sinal de alarme. Endireitando apressadamente os óculos e descolando a bochecha da vidraça, comprimiu o nariz contra a janela e olhou de relance para o passeio. Uma silhueta alta com um manto comprido e esvoaçante subia o acesso do jardim.

Harry sobressaltou-se como se lhe tivessem dado um choque eléctrico, tropeçou na cadeira e começou a apanhar do chão e a enfiar dentro do malão tudo o que lhe vinha à mão. Quando estava a atirar lá para dentro um conjunto de mantos, dois livros de encantamentos e um pacote de batatas fritas, tocaram à campainha.

Lá em baixo, na sala de estar, o seu tio Vernon gritou: — Que diabo é que nos vem tocar à porta a esta hora da noite?

Harry ficou imóvel, a segurar um telescópio de latão numa mão e um par de ténis na outra. Esquecera-se por completo de avisar os Dursley de que Dumbledore talvez o viesse buscar. Sem saber se havia de entrar em pânico ou desatar a rir-se, passou por cima do malão e abriu a porta do quarto com um puxão a tempo de ouvir uma voz profunda anunciar:

— Boa noite. Presumo que o senhor seja Mr. Dursley. Calculo que o Harry o tenha avisado de que eu viria buscá-lo.

Harry desceu as escadas a dois e dois, detendo-se abruptamente alguns degraus antes de chegar ao fundo, uma vez que a sua já longa experiência lhe ensinara a manter-se fora do alcance do tio sempre que isso fosse possível. No *hall* de entrada, encontrava-se um homem alto e magro com cabelo grisalho e barba que lhe chegavam à cintura. Tinha uns óculos em forma de meia-lua empoleirados no nariz adunco e trazia vestido um longo manto de viagem preto e um chapéu pontiagudo. Vernon Dursley, cujo bigode era quase tão farfalhudo como o de Dumbledore, embora fosse preto, e que tinha vestido um roupão roxo, fitava o visitante como se os seus olhinhos minúsculos não acreditassem no que viam.

— A julgar pelo seu ar de espanto e incredulidade, o Harry *não* o avisou de que eu viria buscá-lo — observou Dumbledore num tom de voz amistoso. — Todavia, partamos do princípio de que o senhor me convidou calorosamente para entrar em sua casa. Não é prudente demorarmo-nos muito tempo à soleira da porta nestes tempos atribulados.

Entrou a passo decidido dentro de casa e fechou a porta atrás de si.

— Já lá vai muito tempo desde a minha última visita — disse Dumbledore, espreitando com o seu nariz adunco apontado para o tio Vernon. — Não posso deixar de reparar que os seus agapantos estão magníficos.

Vernon Dursley não proferiu palavra. Harry não teve dúvidas de que o tio acabaria por recuperar a voz, e depressa — a veia que pulsava nas têmporas do tio estava a atingir um ponto perigoso — mas alguma coisa em Albus Dumbledore lhe parecia ter roubado temporariamente o fôlego. Talvez isso se devesse à sua aparência óbvia de feiticeiro, mas também poderia dar-se que até mesmo o tio Vernon fosse capaz de pressentir que à sua frente se encontrava um homem que só muito dificilmente se deixaria intimidar.

— Ah, muito boa noite, Harry — cumprimentou-o Dumbledore, olhando para ele através das suas lentes de meia-lua com uma expressão de grande agrado. — Excelente, excelente.

Aquelas palavras pareceram despertar o tio Vernon. Era óbvio que, no que lhe dizia respeito, qualquer homem capaz de olhar para Harry e dizer «excelente» não era homem com quem ele pudesse estar de acordo.

— Não quero parecer indelicado... — começou ele, com um tom de indelicadeza a cada sílaba que pronunciava.

— ... no entanto, infelizmente, a indelicadeza acidental ocorre com uma frequência alarmante — Dumbledore completou a frase por ele com um ar

muito sério. — O melhor é ficar calado, meu caro senhor. Ah, e esta deve ser a Petunia.

A porta da cozinha abriu-se, e tia de Harry apareceu, com luvas de borracha calçadas e uma bata por cima da camisa de dormir, claramente a meio da sua rotina habitual de limpar as superfícies da cozinha com um pano húmido antes de ir para a cama. A sua cara ligeiramente equina não deixava transparecer nada para além de choque.

— Albus Dumbledore — anunciou o próprio, quando o tio Vernon se esqueceu de passar às apresentações. — Temos trocado correspondência, é claro. — Harry considerou que aquela era uma maneira estranha de lembrar à tia Petunia que em tempos lhe enviara uma carta explosiva, mas a tia Petunia não pôs em causa a escolha de palavras. — E este deve ser o seu filho Dudley, certo?

Dudley espreitara nesse momento pela fresta da porta da sala de estar. A sua grande cabeça loura espetada da gola às riscas do pijama parecia estranhamente desligada do corpo, boquiaberta de espanto e de medo. Dumbledore aguardou alguns instantes, ao que parecia a ver se algum dos Dursley dizia qualquer coisa, porém, ao constatar que o silêncio se prolongava, sorriu.

— Devo presumir que me convidaram para a vossa sala de estar?

Dudley afastou-se apressadamente, enquanto Dumbledore passava por ele. Harry, que continuava a segurar no telescópio e nos ténis, desceu a correr os últimos degraus e foi atrás de Dumbledore, que se tinha instalado na poltrona mais próxima da lareira e estava a examinar o que o rodeava com uma expressão de interesse benévolo. Dumbledore pareceu-lhe extraordinariamente deslocado.

— Não nos... não nos vamos embora, professor? — interrogou-o Harry ansiosamente.

— Vamos, está claro que vamos, mas antes disso há algumas questões que temos de tratar — explicou-lhe Dumbledore. — E eu preferia não fazer isso lá fora. Só vamos abusar da hospitalidade dos teus tios mais um bocadinho.

— Ai vão, não vão?

Vernon Dursley irrompera sala adentro, logo seguido de Petunia, e com Dudley atrás de ambos, amuado.

— Sim — limitou-se Dumbledore a responder —, vamos.

Puxou da varinha tão depressa, que Harry mal deu por isso; agitou-a descontraidamente, e o sofá avançou rapidamente e foi embater contra os joelhos dos três Dursley, fazendo-os sentar-se nele uns por cima dos outros. Agitou-a novamente, e o sofá retomou a sua posição original.

— Mais vale sentarmo-nos confortavelmente — sugeriu Dumbledore em tom amistoso.

Quando Dumbledore tornou a guardar a varinha debaixo do manto, Harry reparou que ele tinha a mão negra e mirrada; parecia que a carne tinha sido toda queimada.

— Professor... o que lhe aconteceu à...?

— Depois, Harry — interrompeu-o Dumbledore. — Por favor, senta-te.

Harry sentou-se na outra poltrona, evitando olhar para os Dursley, que pareciam demasiado atordoados para conseguirem falar.

— Estava a pensar que me ia oferecer uma bebida — dirigiu-se Dumbledore ao tio Vernon —, mas as evidências até agora apontam para que isso seria optimismo a mais.

Um terceiro movimento com a varinha, e uma garrafa e cinco copos empoeirados surgiram a pairar no ar. A garrafa inclinou-se e verteu uma porção generosa de líquido cor de âmbar para cada um dos copos, que em seguida flutuaram até cada um dos presentes na sala.

— O melhor *mead* da Madame Rosmerta, amadurecido em cascos de carvalho — declarou Dumbledore, fazendo um brinde com o seu copo a Harry, que também pegou no seu e deu um gole. Nunca na vida provará nada que se assemelhasse àquilo, mas gostou imenso. Os Dursley, depois de trocarem entre si algumas olhadelas assustadas, tentaram ignorar completamente os seus copos, uma proeza difícil, uma vez que eles não paravam de lhes dar pancadinhas leves na cabeça, de lado. Harry não conseguiu conter a suspeita de que Dumbledore estava a apreciar bastante a cena.

— Bom, Harry — disse Dumbledore, virando-se para ele —, surgiu uma dificuldade que espero que tu nos possas resolver. Quando digo «nos», refiro-me à Ordem da Fénix. Contudo, antes de mais, devo dizer-te que o testamento do Sirius foi descoberto faz agora uma semana e que ele te deixou tudo o que possuía.

Sentado no sofá, o tio Vernon virou a cabeça, mas Harry não olhou para ele, nem conseguiu pensar em mais nada que dizer para além de: — Oh, pois.

— O testamento é, duma forma geral, bastante simples — prosseguiu Dumbledore. — Tu juntas uma quantidade considerável de ouro à conta que tens em Gringotts e herdas todos os bens pessoais do Sirius. A parte da herança ligeiramente mais problemática...

— O padrinho dele morreu? — indagou o tio Vernon em voz alta do sofá. Dumbledore e Harry viraram-se ambos para olhar para ele. O copo de *mead* estava agora a bater com bastante insistência na parte lateral da

cabeça de Vernon; ele tentou dar-lhe umas pancadas para o afastar: — Morreu? O padrinho dele?

— Sim — respondeu Dumbledore. Não questionou Harry por que razão não confiara nos Dursley. — O nosso problema — continuou, dirigindo-se a Harry, como se ninguém os tivesse interrompido — é que o Sirius também te deixou o número doze de Grimmauld Place.

— Ele herdou uma casa? — perguntou o tio Vernon numa voz gananciosa, os seus olhos pequeninos a estreitarem-se, mas ninguém lhe respondeu.

— Podem continuar a usá-la como Quartel-General — afirmou Harry. — Eu não me importo. Podem ficar com ela, não a quero para nada. — Se pudesse evitá-lo, Harry nunca mais tornaria a pôr os pés no número doze de Grimmauld Place. Achava que a casa ficaria para sempre assombrada pela memória de Sirius Black a rondar pelas suas divisões escuras e bafientas sozinho, aprisionado no sítio que tão desesperadamente desejara abandonar.

— Isso é uma atitude muito generosa — reconheceu Dumbledore. — No entanto, nós desocupámos temporariamente a casa.

— Porquê?

— Bom — explicou Dumbledore, ignorando os protestos do tio Vernon, em cuja cabeça o persistente copo de *mead* batia agora com todo o entusiasmo —, a tradição da família Black decretava que a casa deveria passar em linha de sucessão directa para o membro do sexo masculino seguinte de apelido Black. O Sirius era o último herdeiro, uma vez que o irmão mais novo, o Regulus, faleceu antes dele e nenhum dos dois deixou descendência. Apesar de o testamento declarar sem sombra de dúvida que ele queria que fosses tu a ficar com a casa, é no entanto possível que tenha sido lançado algum feitiço ou encantamento sobre a casa para assegurar que não possa ser propriedade de ninguém que não seja puro-sangue.

Uma imagem vívida do retrato da mãe de Sirius, a guinchar e a cuspir, que estava pendurado no número doze de Grimmauld Place, perpassou pela mente de Harry. — Aposto que sim — anuiu ele.

— É bem provável — disse Dumbledore. — E, caso tal encantamento exista, então é bem possível que a propriedade da casa passe para o mais velho dos parentes vivos do Sirius, o que significa que seria herdada pela prima dele, a Bellatrix Lestrage.

Antes que se apercesse do que estava a fazer, Harry levantou-se de repente; o telescópio e os ténis que tinha pousados no colo foram a rolar pelo chão. Bellatrix Lestrage, a assassina de Sirius, a herdar a casa?

— Não — disse ele.

— Bom, é óbvio que nós também preferíamos que ela não ficasse com a casa — afirmou Dumbledore calmamente. — A situação está repleta de dificuldades. Por exemplo, nós não sabemos até que ponto os encantamentos que lançámos sobre a casa para impedir que possa ser localizada continuarão a fazer efeito, agora que o Sirius já não é o proprietário. A Bellatrix poderá aparecer à porta a qualquer momento. Como é natural, tivemos de sair de lá até a situação ficar esclarecida.

— Mas como é que vão descobrir se eu tenho direito a ela?

— Felizmente — explicou Dumbledore —, há um teste simples.

Pousou o seu copo vazio numa mesinha ao lado da poltrona, porém, antes que tivesse oportunidade de fazer fosse o que fosse, o tio Vernon gritou: — *É capaz de tirar estas malditas coisas de cima de nós?*

Harry olhou em redor; os três Dursley estavam encolhidos de medo, com os braços por cima das cabeças, enquanto os copos andavam aos pulos em cima delas, o conteúdo a voar em todas as direcções.

— Oh, lamento imenso — desculpou-se Dumbledore educadamente e tornou a erguer a varinha. Os três copos desapareceram. — Mas teria sido mais educado da vossa parte se tivessem bebido o *mead*, sabem.

Parecia que o tio Vernon estava prestes a entregar-se a uma explosão de comentários desagradáveis, mas limitou-se a encolher-se contra as almofadas, tal como a tia Petunia e Dudley, e ficou calado, com os olhos pequeninos de leitão fixos na varinha de Dumbledore.

— Estás a ver — disse Dumbledore, tornando a virar-se para Harry e mais uma vez continuando a falar como se o tio Vernon não se tivesse pronunciado —, se tu herdaste a casa, também herdaste...

Agitou a varinha uma quinta vez. Ouviu-se um estrépito muito alto, e apareceu um elfo doméstico, com um focinho a fazer de nariz, orelhas gigantes de morcego e uns olhos enormes injectados de sangue, agachado na tapete felpuda dos Dursley e coberto de farrapos encardidos. A tia Petunia soltou um guincho de arrepiar: não havia memória de que uma coisa tão nojenta tivesse entrado em sua casa; Dudley ergueu os seus enormes pés rosados e descalços do chão e levantou-os quase até lhe passarem por cima da cabeça, como se estivesse com medo de que a criatura lhe trespassasse pelas calças do pijama, e o tio Vernon berrou: — *Que diabo vem a ser isto?*

— O Kreacher — esclareceu Dumbledore.

— O Kreacher não ir, o Kreacher não ir, o Kreacher não ir! — crocitou o elfo doméstico, quase tão alto como o tio Vernon, batendo com os seus grandes pés nodosos com força no chão e puxando as orelhas. — O Kreacher pertencer a Miss Bellatrix, oh, sim, o Kreacher pertencer aos

Black, o Kreacher querer a sua nova dona, o Kreacher não ir para o fedelho do Potter, o Kreacher não ir, não ir, não ir...

— Como podes ver, Harry — disse Dumbledore em voz alta, fazendo-se ouvir acima dos crocitos insistentes de Kreacher —, o Kreacher está a mostrar uma certa relutância em passar para a tua posse.

— Não me importo — reiterou Harry, olhando com aversão para o elfo doméstico que se contorcia e batia com os pés no chão. — Eu também não o quero.

— *Não ir, não ir, não ir, não ir...*

— Preferes que ele passe para as mãos da Bellatrix Lestrange? Tendo em conta que morou no Quartel-General da Ordem da Fénix durante o último ano?

— *Não ir, não ir, não ir, não ir...*

Harry olhou fixamente para Dumbledore. Sabia que Kreacher não poderia ser autorizado a ir viver com Bellatrix Lestrange, mas a ideia de ficar com ele, de ter sobre os seus ombros a responsabilidade pela criatura que traía Sirius, repugnava-o.

— Dá-lhe uma ordem — disse Dumbledore. — Se ele tiver passado para a tua posse, vai obedecer-te. Caso contrário, vamos ter de pensar numa outra forma de o manter longe da sua legítima proprietária.

— *Não ir, não ir, não ir, NÃO IR!*

Kreacher estava agora aos gritos. Harry não se conseguia lembrar de nada para dizer, a não ser: — Kreacher, cala-te!

Por um instante, parecia que Kreacher ia sufocar. Agarrou-se à garganta, a boca continuava a contorcer-se furiosamente, os olhos a projectarem-se das órbitas. Depois de algumas engolidelas desenfreadas em seco, atirou-se de cara virada para a carpete (ao que a tia Petunia soltou um gemido) e começou a bater com as mãos e os pés no chão, entregando-se a um violento, mas completamente silencioso, acesso de mau génio.

— Bom, isto simplifica as coisas — comentou Dumbledore alegremente. — Tu és o herdeiro legítimo do número doze de Grimmauld Place, bem como do Kreacher.

— Eu tenho... eu tenho de o ter comigo? — perguntou Harry, horrorizado, enquanto Kreacher se debatia em volta dos seus pés.

— Só se quiseres — respondeu Dumbledore. — Se me permites que faça uma sugestão, podias mandá-lo para Hogwarts, para trabalhar na cozinha. Dessa forma, os outros elfos domésticos poderiam mantê-lo debaixo de olho.

— Isso, isso — concordou Harry, aliviado —, é isso que vou fazer. Hã... Kreacher... quero que vás para Hogwarts e que fiques lá a trabalhar nas

cozinhas juntamente com os outros elfos domésticos.

Kreacher, que estava agora deitado de costas no chão com os braços e as pernas no ar, dirigiu a Harry um olhar enviesado de profundo ódio e, com outro grande estrépito, tornou a desaparecer.

— Ótimo — congratulou-se Dumbledore. — Temos também o problema do *Buckbeak*, o hipogrifo. O Hagrid tem tomado conta dele desde a morte do Sirius, mas agora o *Buckbeak* é teu, por isso, caso prefiras decidir de outra forma...

— Não — apressou-se Harry a dizer —, ele pode ficar com o Hagrid. Acho que esse também seria o desejo do *Buckbeak*.

— O Hagrid irá ficar encantado — afirmou Dumbledore com um sorriso. — Ele ficou muito emocionado quando o tornou a encontrar. A propósito, decidimos, no interesse da segurança do *Buckbeak*, rebaptizá-lo, por enquanto, de *Witherwings*, embora eu duvide de que o Ministério alguma vez fosse adivinhar de que se trata do mesmo hipogrifo que sentenciou à morte. Então, Harry, tens o malão pronto?

— Hã...

— Duidavas de que eu viesse? — sugeriu Dumbledore com perspicácia.

— Eu vou já... hã... acabar de arrumá-lo — apressou-se Harry a adiantar, indo apanhar rapidamente do chão o telescópio e os ténis.

Demorou pouco mais de dez minutos a encontrar tudo de que precisava; por fim, lá conseguiu desencantar o seu Manto da Invisibilidade debaixo da cama, atarraxou a tampa do seu frasco de Tinta Muda-de-Cor e empurrou o caldeirão com força para baixo para permitir que o malão fechasse. Em seguida, puxando-o com uma mão e segurando a gaiola de *Hedwig* na outra, foi descendo as escadas.

Ficou desapontado ao descobrir que Dumbledore não estava à sua espera no *hall*, o que significava que era obrigado a voltar à sala de estar.

Ninguém dizia nada. Dumbledore trauteava baixinho, aparentemente bastante à vontade, mas o ambiente estava de cortar à faca, e Harry não se atreveu a olhar para os Dursley, quando disse: — Professor... já estou pronto.

— Ótimo — respondeu Dumbledore. — Então, só uma coisa para acabar. — E virou-se mais uma vez para os Dursley. — Como certamente já se aperceberam, o Harry irá atingir a maioria daqui a um ano...

— Não — protestou a tia Petunia, falando pela primeira vez desde a chegada de Dumbledore.

— Perdão? — disse Dumbledore educadamente.

— Não, não irá. Ele é um mês mais novo que o Dudley, e o Diddy só

completará os dezoito anos daqui a dois anos.

— Ah — disse Dumbledore amavelmente —, mas, na comunidade dos feiticeiros, atinge-se a maioridade aos dezassete.

O tio Vernon resmungou «absurdo», mas Dumbledore não lhe prestou atenção.

— Bom, como já sabem, o feitiçeiro chamado Lord Voldemort regressou a este país. A comunidade de feiticeiros encontra-se neste momento em estado de guerra aberta. O Harry, que Lord Voldemort já tentou matar em diversas ocasiões, corre agora ainda maior perigo que no dia, quinze anos atrás, em que o vim deixar à vossa porta, com uma carta a explicar que os pais dele haviam sido assassinados e manifestando a esperança de que iriam tratar dele como se fosse vosso próprio filho.

Dumbledore fez uma pausa e, embora a sua voz permanecesse calma e descontraída, e ele não deixasse transparecer sinais óbvios de fúria, Harry sentiu que emanava do professor uma espécie de friagem e reparou que os Dursley se aproximavam um pouco mais uns dos outros.

— Vocês não fizeram o que vos pedi. Nunca trataram o Harry como filho. Ele não conheceu nada para além de negligência, e muitas vezes crueldade até, às vossas mãos. O melhor que se pode dizer é que, pelo menos, conseguiu escapar aos estragos aterradores que infligiram ao desgraçado que têm sentado entre vós.

Tanto a tia Petunia como o tio Vernon olharam instintivamente para o lado, à espera de verem alguém que não Dudley espremido entre ambos.

— Nós... tratámos mal o Diddy? O que é que você...? — insurgiu-se o tio Vernon, furioso, mas Dumbledore levantou um dedo para o mandar calar, e foi como se o tio Vernon tivesse de repente ficado mudo.

— O encantamento que eu lancei há quinze anos significa que o Harry goza duma forte protecção enquanto ainda puder considerar esta casa o seu lar. Por muito infeliz que aqui tenha sido, por muito mal recebido, por muito maltratado, pelo menos vocês, ainda que a contragosto, deram-lhe um quarto. Este encantamento deixa de ter efeito no momento em que o Harry fizer dezassete anos; por outras palavras, no momento em que se tornar um homem. Só vos peço isto: que permitam que o Harry regresse, uma vez mais, a esta casa, antes do seu décimo sétimo aniversário, o que nos dará a garantia de que a protecção se manterá até essa altura.

Nenhum dos Dursley disse fosse o que fosse. Dudley tinha o sobrolho ligeiramente franzido, como se ainda estivesse a tentar perceber quando é que alguma vez tinha sido maltratado. O tio Vernon parecia que tinha alguma coisa presa na garganta; a tia Petunia, contudo, contra o que era seu hábito, estava muito corada.

— Bom, Harry... são horas de irmos andando — anunciou Dumbledore por fim, levantando-se e endireitando o seu longo manto preto. — Até à próxima — despediu-se ele dos Dursley, que tinham ar de quem, por vontade deles, esse momento poderia nunca acontecer, e, depois de tirar o chapéu para os cumprimentar, abandonou a sala.

— Adeus — disse Harry apressadamente aos Dursley e foi atrás de Dumbledore, que parou ao lado do malão de Harry, sobre o qual estava empoleirada a gaiola de *Hedwig*.

— Neste momento, não precisamos de nada que nos estorve — afirmou ele, tornando a puxar da varinha. — Vou mandá-los para A Toca, para que fiquem lá à nossa espera. No entanto, gostaria que trouxesses o Manto da Invisibilidade, por via das dúvidas...

Harry tirou o Manto do malão com alguma dificuldade, tentando evitar que Dumbledore reparasse na confusão que lá ia dentro. Depois de ele o encafuar num bolso de dentro do blusão, Dumbledore agitou a varinha e o malão, a gaiola e *Hedwig* desapareceram. Então Dumbledore tornou a agitar a varinha, e a porta da frente abriu-se, revelando a escuridão fria e brumosa.

— E agora, Harry, mergulhemos na noite e sigamos essa tentação caprichosa, a aventura.

IV

HORACE SLUGHORN

Apesar de ter passado cada momento em que estivera acordado nos últimos dias a ansiar desesperadamente por que Dumbledore o viesse de facto buscar, Harry sentiu-se visivelmente constrangido quando saíram os dois de Privet Drive. Nunca antes tivera uma conversa a sério com o director de Hogwarts fora da escola; estava habituado a que houvesse quase sempre uma secretária a separá-los. A recordação do seu último encontro frente a frente estava também constantemente a imiscuir-se nos seus pensamentos e contribuía para aumentar bastante a sua sensação de embaraço; nessa ocasião, fartara-se de gritar, já para não falar de ter espatifado vários dos objectos de estimação de Dumbledore.

O Director, no entanto, parecia estar completamente à vontade.

— Mantém a tua varinha a postos, Harry — aconselhou-o, muito animado.

— Mas eu pensei que não tinha autorização para fazer magia fora da escola, professor?

— Se houver um ataque — explicou-lhe Dumbledore —, dou-te permissão para usares qualquer contrafeitiço ou contramaldição que te possa ocorrer. Todavia, não te preocupes, não creio que sejamos atacados esta noite.

— Por que não, professor?

— Porque estás comigo — limitou-se Dumbledore a responder. — Isso será suficiente, Harry.

Deteve-se abruptamente à saída de Privet Drive.

— Seguramente ainda não fizeste o teu exame de Aparição? — questionou-o.

— Não — disse Harry. — Pensei que, para isso, tínhamos de ter dezassete anos.

— E é verdade — confirmou Dumbledore. — Por isso, vais ter de te

segurar muito bem ao meu braço. Ao esquerdo, se não te importas... Como já debes ter reparado, o braço com que manejo a varinha está um pouco frágil de momento.

Harry agarrou o antebraço que Dumbledore lhe estendia.

— Muito bem — disse este último. — Bem, aqui vamos nós.

Harry sentiu o braço de Dumbledore afastar-se dele com uma torção e agarrou-o ainda com mais força; quando deu por si, viu tudo negro; estava a ser empurrado com toda a força de todas as direcções; não conseguia respirar, sentia faixas de aço a comprimirem-se-lhe contra o peito; sentia os globos oculares a serem empurrados para dentro da cabeça; os seus tímpanos eram sugados para o interior do crânio, e foi então que...

Engoliu grandes golfadas do ar frio da noite e abriu os olhos lacrimejantes. Tinha a impressão de ter acabado de ser impelido através dum tubo de borracha muito estreito. Demorou alguns instantes até se aperceber de que Privet Drive desaparecera. Ele e Dumbledore encontravam-se agora naquilo que parecia ser a praça duma aldeia deserta, no centro da qual se erguia um velho monumento em memória das vítimas de guerra e alguns bancos. Quando o raciocínio e os sentidos se encontraram de novo, Harry compreendeu que tinha Aparecido pela primeira vez na sua vida.

— Está tudo bem contigo? — perguntou-lhe Dumbledore, baixando um olhar solícito para ele. — Levamos algum tempo a habituarmo-nos à sensação.

— Estou óptimo — confirmou Harry, esfregando as orelhas, que pareciam ter mostrado alguma relutância em deixar Privet Drive. — Mas acho que sou capaz de preferir vassouras.

Dumbledore sorriu, aconchegou o seu manto de viagem um pouco mais em redor do pescoço e indicou: — Por aqui.

Partiu a passo acelerado, passando por uma estalagem desabitada e algumas casas. De acordo com o relógio duma igreja das proximidades, era quase meia-noite.

— Então, conta-me lá, Harry — disse Dumbledore. — A tua cicatriz... tem andado a doer-te?

Harry levou instintivamente uma mão à testa e esfregou uma marca em forma de raio.

— Não — respondeu ele —, e tenho andado admirado com isso. Pensei que, agora que o Voldemort está a ficar outra vez tão poderoso, me fosse estar sempre a queimar.

Olhou de relance para Dumbledore e reparou que este tinha uma expressão satisfeita.

— Eu, porém, pensava o contrário — disse Dumbledore. — Lord Voldemort compreendeu finalmente como é perigoso o acesso aos seus pensamentos e emoções de que tu tens vindo a desfrutar. Suspeito de que ele ande agora a aplicar Oclumancia contra ti.

— Bom, eu não me queixo — observou Harry, que não sentia saudades nenhuma nem dos sonhos perturbadores nem das visões súbitas e assustadoras da mente de Voldemort.

Contornaram uma esquina, passaram por uma cabina telefónica e por uma paragem de autocarro. Harry tornou a deitar uma olhadela de viés a Dumbledore.

— Professor?

— Harry?

— Hã... onde é que nós estamos, exactamente?

— Esta, Harry, é a encantadora aldeia de Budleigh Babberton.

— E o que é que aqui estamos a fazer?

— Ah, sim, é claro, ainda não te contei — admitiu Dumbledore. — Bom, já perdi a conta à quantidade de vezes que disse isto nos últimos anos, mas nós estamos, mais uma vez, com falta dum elemento do corpo docente. Viemos aqui para tentar persuadir um antigo colega meu a sair da reforma e regressar a Hogwarts.

— E como é que eu posso ajudá-lo, professor?

— Oh, creio que acabaremos por encontrar forma de poderes ser útil — respondeu Dumbledore num tom vago. — Na primeira à esquerda, Harry.

Meteram por uma rua íngreme e estreita ladeada por casas. Não se via luz em nenhuma das janelas. A estranha friagem que pairara sobre Privet Drive durante duas semanas fazia-se sentir igualmente ali. A pensar nos Dementors, Harry olhou de relance por cima do ombro e agarrou com força na varinha para se certificar de que ainda a levava dentro do bolso.

— Professor, por que é que não podemos Aparecer simplesmente na casa do seu antigo colega?

— Porque seria quase tão indelicado como atirar a porta da frente abaixo com um pontapé — esclareceu Dumbledore. — A cortesia dita que concedamos aos nossos colegas feiticeiros a oportunidade de nos negarem a entrada. Seja como for, a maior parte das casas habitadas por feiticeiros estão protegidas através de magia contra Aparecedores indesejados. Em Hogwarts, por exemplo...

— ... não é possível Aparecer nem nos edifícios nem nos campos — apressou-se Harry a completar. — A Hermione Granger já me contou.

— E ela tem toda a razão. Agora tornamos a virar à esquerda.

Atrás deles, o relógio da igreja soou as badaladas da meia-noite. Harry

admirou-se por que motivo Dumbledore não consideraria sinal de indelicadeza visitar o colega a uma hora tão tardia, mas agora que a conversa fora estabelecida, tinha perguntas mais urgentes a fazer-lhe.

— Professor, vi n' *O Profeta Diário* que o Fudge foi demitido...

— É verdade — confirmou Dumbledore, seguindo agora por uma rua lateral íngreme. — Foi substituído, como estou certo de que também sabes, pelo Rufus Scrimgeour, que ocupava o lugar de Chefe do Departamento dos Aurors.

— Ele é... Acha que ele é bom? — interrogou-o Harry.

— Ora aí está uma pergunta interessante — observou Dumbledore. — É competente, disso não restam dúvidas. Tem uma personalidade mais determinada e enérgica que o Cornelius.

— Sim, mas o que eu queria dizer...

— Eu sei o que tu queres dizer. O Rufus é um homem de acção e, tendo passado a maior parte da sua via profissional a combater feiticeiros negros, não subestima Lord Voldemort.

Harry ficou a aguardar, mas Dumbledore não teceu qualquer comentário à disputa com Scrimgeour a que *O Profeta Diário* aludira, e ele não teve coragem para insistir no assunto, por isso mudou de tema.

— E... professor... eu li a notícia a respeito de Madame Bones.

— Sim — disse Dumbledore em voz baixa. — Uma perda terrível. Era uma grande feiticeira. Excelente mesmo, creio eu... au.

Tinha tocado sem querer na mão magoada.

— Professor, o que é que lhe aconteceu à...?

— Agora não tenho tempo para te explicar — retorquiu Dumbledore. — Trata-se duma história muito emocionante, desejo poder fazer-lhe justiça.

Dirigiu um sorriso a Harry, que percebeu que não estava a ser repreendido, e que tinha permissão para continuar a fazer perguntas.

— Professor... recebi um panfleto do Ministério da Magia por coruja, acerca das medidas de segurança que todos devíamos tomar contra os Devoradores da Morte...

— Sim, eu próprio também recebi um — disse Dumbledore, ainda a sorrir. — Achaste-o útil?

— Nem por isso.

— Não, também me pareceu que não. Por exemplo, tu também não me perguntaste qual era o meu sabor preferido de compota para ficares com a certeza de que eu sou, de facto, o Professor Dumbledore e não um impostor.

— Pois não... — reconheceu Harry, sem saber bem ao certo se estava a ser repreendido ou não.

— Para referência futura, Harry, é framboesa... embora, é claro, se eu fosse um Devorador da Morte, não me esqueceria de investigar as minhas próprias preferências no que toca a compota antes de personificar a minha própria pessoa.

— Hã... pois — disse Harry. — Bom, naquele panfleto, dizia qualquer coisa a respeito de Ineri. De que se trata, exactamente? O panfleto não era claro.

— São cadáveres — explicou Dumbledore calmamente. — Cadáveres que foram enfeitiçados para obedecerem às ordens dum feiticeiro negro. Contudo, há muito tempo que não é avistado nenhum Inferius, desde a última vez em que o Voldemort deteve poder... Ele matou gente suficiente para constituir um exército deles, é claro. É aqui, Harry, aqui mesmo...

Estavam a aproximar-se duma pequena casa de pedra rodeada de um jardim. Harry estava demasiado ocupado a digerir a ideia horrível dos Inferi para prestar muita atenção ao que quer que fosse, e, quando chegaram ao portão da frente, Dumbledore parou de repente, e Harry foi de encontro ao professor.

— Oh, céus. Oh, céus.

Harry seguiu o seu olhar ao longo do carreiro de acesso à casa, muito bem cuidado, e sentiu o coração cair-lhe aos pés. A porta da frente estava suspensa das dobradiças.

O olhar de Dumbledore percorreu a rua para cima e para baixo. Parecia estar deserta.

— Puxa da varinha e vem atrás de mim, Harry — disse ele em voz baixa.

Abriu o portão e subiu rápida e silenciosamente pelo acesso do jardim, com Harry colado aos seus calcanhares, depois empurrou a porta muito devagarinho, a varinha empunhada, a postos.

— *Lumos*.

A ponta da varinha de Dumbledore acendeu-se, iluminando todo o estreito corredor. À esquerda, encontrava-se outra porta aberta. Segurando a sua varinha iluminada ao alto, Dumbledore entrou na sala de estar com Harry a segui-lo de perto.

Os seus olhos depararam-se com um cenário de devastação total. Um relógio de sala estava despedaçado aos seus pés, com o mostrador partido, o pêndulo ligeiramente mais à frente, como uma espada abandonada. Havia um piano deitado de lado, as teclas espalhadas pelo chão. Os destroços dum candelabro caído brilhavam nas proximidades. Almofadas esvaziadas, as penas a jorrar dos cortes que apresentavam dos lados; viam-se fragmentos de vidro e porcelana por cima de tudo, como se fossem pó. Dumbledore ergueu a varinha ainda mais alto, de forma que a sua luz chegasse às

paredes, que por todo o lado apresentavam salpicos de qualquer substância vermelho-escura e viscosa. Um leve arquejo de Harry obrigou Dumbledore a virar-se.

— Não é bonito de se ver, nada mesmo — constatou ele em tom sombrio. — Sim, alguma coisa terrível se passou aqui.

Dumbledore movimentou-se cautelosamente até ao centro da sala, examinando os estragos a seus pés. Harry foi atrás dele, olhando em seu redor, com um certo receio do que pudesse ir encontrar escondido atrás do piano destruído ou do sofá deitado ao chão, mas não havia sinais de cadáver algum.

— Talvez tenha havido uma luta e... e o tenham arrastado para fora daqui, professor? — sugeriu Harry, tentando evitar pensar até que ponto um homem não teria de estar ferido para deixar no seu rasto manchas de sangue como aquelas que salpicavam as paredes até meio.

— Não me parece — respondeu Dumbledore baixinho, espreitando para debaixo duma poltrona com excesso de enchimento, deitada de lado.

— Quer dizer que ele...?

— Ainda aqui está algures. Sim.

E, sem aviso, Dumbledore inclinou-se para a frente, mergulhando a ponta da varinha no assento da poltrona demasiado cheia, que gritou: — Au!

— Boa noite, Horace — disse Dumbledore, voltando a endireitar-se.

Harry ficou de boca aberta. Onde segundos antes estivera uma poltrona, encontrava-se agora agachado um homem inacreditavelmente gordo, velho e calvo, que massajava a parte de baixo da barriga e pestanejava a Dumbledore com um olho magoado e lacrimejante.

— Não havia necessidade de enfiar a varinha com tanta força — protestou ele mal-humorado, pondo-se de pé. — Magoou-me.

A luz da varinha refulgiu na sua careca brilhante, nos olhos salientes, no seu enorme bigode grisalho estilo morsa, com as pontas viradas para baixo, e nos botões muito bem polidos do casaco de veludo vermelho-escuro que tinha vestido por cima do pijama de seda lilás. O alto da sua cabeça mal chegava ao queixo de Dumbledore.

— O que é que me denunciou? — resmungou ele enquanto se levantava com dificuldade, ainda a esfregar a parte inferior da barriga. Mostrava-se notoriamente desabrido para alguém que acabara de ser apanhado a fingir que era uma poltrona.

— Meu caro Horace — disse Dumbledore, com um ar divertido —, se os Devoradores da Morte te tivessem, de facto, vindo fazer uma visita, a Marca Negra teria sido colocada sobre a casa.

O feitiheiro bateu na sua enorme testa com uma mão rechonchuda.

— A Marca Negra — murmurou ele. — Eu sabia que faltava alguma coisa... Ah, bom. Fosse como fosse, não teria tido tempo para isso. Tinha acabado de dar os retoques finais nos meus estofos quando tu entraste na sala.

Soltou um grande suspiro que lhe fez estremecer as pontas do bigode.

— Gostarias que te ajudasse a arrumar tudo? — ofereceu-se Dumbledore educadamente.

— Se não te importares — respondeu o outro.

Ficaram de costas voltadas, o feitiheiro alto e magro, e o outro, baixo e gordo, e agitaram as varinhas num movimento abrangente idêntico.

A mobília regressou a voar ao seu lugar original; os ornamentos recompuseram-se no ar; as penas voltaram rapidamente para dentro das respectivas almofadas; os livros rasgados consertavam-se à medida que iam aterrando nas prateleiras; os candeeiros a óleo subiam a voar até às mesinhas de apoio e tornavam a acender-se; uma vasta colecção de molduras de prata com o vidro despedaçado voou através da sala a reluzir e aterrou, incólume e imaculada, na secretária; rasgões, fendas e buracos suturavam-se por todo o lado; e as paredes limpavam-se sozinhas.

— A propósito, que espécie de sangue era aquele? — indagou Dumbledore em voz alta, fazendo-se ouvir acima das badaladas do relógio de sala recém-consertado.

— Nas paredes? De dragão — gritou-lhe o feitiheiro chamado Horace, enquanto, com um ruído triturrante e tilintante de ensurdecer, o candelabro se tornou a atarraxar ao tecto.

Ouviu-se uma última pancada seca do piano, e depois foi o silêncio.

— Sim, de dragão — repetiu o feitiheiro em tom conversador. — O meu último frasco, e olha que, neste momento, os preços estão pela hora da morte. Mas talvez possa tornar a usá-lo.

Aproximou-se a passos pesados dum pequeno frasco de cristal que se encontrava em cima dum aparador e segurou-o contra a luz, examinando o líquido espesso que tinha dentro.

— Hum. Um bocado empoeirado.

Tornou a poisar o frasco no aparador e suspirou. Foi então que o seu olhar se deparou com Harry.

— Oho — disse ele, os seus enormes olhos redondos a voarem até à testa de Harry e à cicatriz em forma de raio que lá estava. — *Oho!*

— Este — anunciou Dumbledore, avançando para proceder às apresentações — é o Harry Potter. Harry, este é um velho amigo e colega meu, Horace Slughorn³.

Slughorn virou-se para Dumbledore, com uma expressão perspicaz.

— Então, era assim que pensavas que me ias convencer, não era? Bom, a resposta é não, Albus.

Passou por Harry dando-lhe um ligeiro encontrão, o seu rosto virado para o lado com ar resoluto, como um homem que está a tentar resistir à tentação.

— Podemos, ao menos, tomar uma bebida juntos? — pediu Dumbledore.

— Em nome dos velhos tempos?

Slughorn hesitou.

— Está bem, então, uma bebida — cedeu ele em tom contrafeito.

Dumbledore dirigiu um sorriso a Harry e encaminhou-o para uma poltrona não muito diferente daquela que Slughorn tão recentemente personificara, que estava colocada mesmo ao lado da lareira acabada de acender e do candeeiro a óleo que deitava uma luz brilhante. Harry sentou-se com a impressão notória de que Dumbledore, fosse lá por que fosse, o queria manter tão visível quanto possível. Como seria de esperar, quando Slughorn, que estivera atarefado com as garrafas e os copos, se virou novamente de frente para a sala, os seus olhos depararam-se de imediato com Harry.

— Pfff — resmungou, apressando-se a desviar os olhos como se estivesse com medo de os ferir. — Toma... — Estendeu uma bebida a Dumbledore, que se sentara sem ser convidado, empurrou a bandeja para Harry e, em seguida, deixou-se afundar por entre as almofadas do sofá consertado e mergulhou num silêncio desagradado. Tinha as pernas tão curtas, que não lhe chegavam ao chão.

— Bem, como é que tens passado, Horace? — perguntou-lhe Dumbledore.

— Não muito bem — respondeu Slughorn de imediato. — O meu peito anda fraco, ofegante. O reumatismo, a mesma coisa. Já não me consigo mexer como dantes. Bom, isso já será de esperar. É a velhice. O cansaço.

— E, no entanto, deves ter andado bastante ligeiro para nos preparares uma recepção destas tão em cima da hora — comentou Dumbledore. — Não tiveste, com certeza, mais de três minutos de avanço?

Slughorn respondeu, meio irritado, meio orgulhoso: — Dois. Não ouvi o meu Encantamento Contra Intrusos disparar, estava a tomar banho. Seja como for — acrescentou em tom autoritário, parecendo recompor-se novamente —, não deixo por isso de ser um homem já de idade, Albus. Um homem velho e cansado que tem o direito a uma vida tranquila e a algum conforto material.

Não havia dúvida de que conforto material era o que não lhe faltava,

pensou Harry, olhando em redor da sala. Estava abafada e atafalhada, mas ninguém podia dizer que era desconfortável; havia poltronas fofas e escabelos, garrafas de várias bebidas e livros, caixas de chocolates e almofadas bem cheias. Se Harry não soubesse quem ali morava, teria apostado que era uma senhora de idade, rica e espalhafatosa.

— Tu és mais novo que eu, Horace — constatou Dumbledore.

— Bom, então talvez fosse melhor também tu começares a pensar na reforma — retorquiu Slughorn sem qualquer cerimónia. Os seus olhos do tamanho de duas groselhas tinham descoberto a mão magoada de Dumbledore. — Os reflexos já não são o que eram, pelo que vejo.

— Tens toda a razão — admitiu Dumbledore com toda a serenidade, sacudindo a manga para trás para revelar as pontas dos dedos negros da queimadura; ao ver aquilo, Harry sentiu um formigueiro desagradável percorrer-lhe a nuca. — Não há dúvida de que já não tenho a rapidez de outros tempos. Mas, por outro lado...

Encolheu os ombros e abriu as mãos de par em par, como se quisesse dizer que a velhice tinha as suas compensações, e Harry reparou num anel na mão sã que nunca vira Dumbledore usar: era grande, um pouco tosco e parecia ser de ouro, encastado com uma pedra negra rachada a meio. Os olhos de Slughorn detiveram-se um instante no anel, e Harry reparou numa leve ruga que lhe franziu momentaneamente a sua enorme testa.

— Então, Horace, todas as estas precauções contra intrusos... destinam-se aos Devoradores da Morte ou a mim? — questionou-o Dumbledore.

— O que é que os Devoradores da Morte haveriam de querer dum pobre velho doente como eu? — retorquiu Horace.

— Imagino que gostariam que dedicasses os teus consideráveis talentos à coerção, à tortura e ao homicídio — respondeu-lhe Dumbledore. — Estás a querer dizer-me que ainda não te tentaram recrutar?

Slughorn dirigiu um breve olhar ameaçador a Dumbledore, em seguida resmungou: — Eu não lhes dei essa oportunidade. Há um ano que ando dum lado para o outro. Nunca fico num lugar durante mais de uma semana. Ando constantemente a mudar-me duma casa Muggle para outra... os proprietários desta casa estão de férias nas Ilhas Canárias. Tem sido uma estada muito agradável, terei muita pena de me ir embora. É muito fácil, desde que se saiba fazer como deve ser: basta aplicar um simples Encantamento de Congelação naqueles alarmes anti-roubo absurdos que eles usam em lugar dos Avisoscópios e certificarmo-nos de que os vizinhos não nos vêem a entrar com o piano.

— Engenhoso — comentou Dumbledore. — Mas parece ser uma existência muito cansativa para um pobre velho doente em busca de paz e

sossego. Agora, se voltasses para Hogwarts...

— Se te vais pôr para aí a dizer que a minha vida seria mais sossegada naquela escola pestilenta, bem podes poupar o fôlego, Albus! Eu posso andar escondido, mas não foi por isso que deixaram de me chegar uns rumores estranhos desde que a Dolores Umbridge se foi embora! Se é assim que hoje em dia se tratam os professores...

— A Professora Umbridge meteu-se em dificuldades com a nossa manada de centauros — esclareceu Dumbledore. — Creio que tu, Horace, não cometerias o disparate de entrar na Floresta e começar a chamar «meias-raças malcheirosos» a uma horda de centauros enfurecidos.

— Então foi isso que ela fez? — admirou-se Slughorn. — Que mulher tão estúpida. Nunca gostei dela.

Harry abafou uma gargalhada, e tanto Dumbledore como Slughorn se viraram para ele.

— Desculpem — apressou-se Harry a dizer. — É só que... eu também nunca gostei dela.

Dumbledore levantou-se de forma algo súbita.

— Já te vais embora? — indagou Slughorn de imediato, com ar esperançoso.

— Estava a pensar se poderia servir-me dos lavabos — respondeu Dumbledore.

— Oh — disse Slughorn, claramente desapontado. — Segunda porta à esquerda ao fundo do corredor.

Dumbledore atravessou a sala. Mal a porta se fechou atrás dele, fez-se silêncio. Passados uns instantes, Slughorn também se levantou, mas não parecia saber bem o que havia de fazer. Deitou uma olhadela furtiva a Harry, depois aproximou-se da lareira e virou-se de costas para ela, para aquecer o seu traseiro avantajado.

— Não penses que eu não sei por que é que ele te trouxe até aqui — declarou ele abruptamente.

Harry limitou-se a olhar para Slughorn. Os olhos lacrimejantes deste deslizaram até à cicatriz de Harry, desta vez observando o resto do seu rosto.

— És muito parecido com o teu pai.

— Pois, já me têm dito que sim — respondeu Harry.

— Excepto os olhos. Tens os olhos...

— Os olhos da minha mãe, já sei. — Harry ouvia aquilo tantas vezes que já estava um bocadinho farto.

— Pfff. Sim, bom. Enquanto professores, não devemos ter preferidos, mas ela era uma das minhas. A tua mãe — acrescentou Slughorn, em

resposta ao olhar inquiridor de Harry. — A Lily Evans. Uma das alunas mais brilhantes a quem alguma vez dei aulas. Vivaz, sabes. Uma rapariga encantadora. Costumava dizer-lhe que ela deveria estar na minha equipa. E nem queiras saber as respostas atrevidas que ela me dava.

— Qual era a sua equipa?

— Eu era Chefe dos Slytherin — disse Slughorn. — Oh, então — apressou-se ele a continuar, reparando na expressão de Harry e abanando um dedo rechonchudo na sua direcção —, não me leves a mal! Tu deves ser Gryffindor como ela, calculo? Sim, em geral é o que se passa com os membros duma mesma família. Mas nem sempre. Alguma vez ouviste falar do Sirius Black? Deves ter ouvido... nos últimos anos, tem andado sempre nos jornais... morreu algumas semanas atrás...

Era como se uma mão invisível tivesse contorcido as entranhas de Harry e as agarrasse com força.

— Bom, adiante, ele era um grande amigalhaço do teu pai na escola. Toda a família do Black pertencera à minha equipa, mas o Sirius acabou por ir para os Gryffindor! Uma pena... era um rapaz talentoso. Fiquei com o irmão dele, o Regulus, quando ele entrou para a escola, mas gostaria de poder ter contado com ambos.

Fazia lembrar um coleccionador entusiasta a quem alguém cobrira um lanço num leilão. Aparentemente perdido em recordações, contemplou a parede à sua frente, meneando-se preguiçosamente sem sair do sítio para garantir que o calor lhe aquecia o traseiro por igual.

— A tua mãe era Muggle de nascimento, é claro. Mal pude acreditar quando fiquei a saber. Estava convencido de que devia ser puro-sangue, de tão boa que era.

— Uma das minhas melhores amigas nasceu Muggle — observou Harry — e é a melhor aluna do nosso ano.

— É engraçado como essas coisas às vezes acontecem, não achas? — comentou Slughorn.

— Nem por isso — retorquiu Harry friamente.

Slughorn baixou o olhar para ele, surpreso.

— Tu não penses que eu sou preconceituoso! — exclamou ele. — Não, não, não! Não acabei de dizer que a tua mãe foi uma das minhas alunas preferidas de sempre? E também havia o Dirk Cresswell no ano a seguir ao dela... e que agora é Chefe do Departamento de Relações com os Goblins, é claro... mais outro que é Muggle de nascimento, um estudante muito talentoso, e que ainda me fornece excelentes informações confidenciais sobre o que se passa em Gringotts!

Começou a oscilar ligeiramente para trás e para a frente, sorrindo de

satisfação para consigo próprio, e apontou para as inúmeras molduras brilhantes das fotografias no aparador, cada uma delas preenchida com os respectivos ocupantes, que se movimentavam sem parar.

— Todas elas de antigos alunos, todas autografadas. Podes ver o Barnabas Cuffe, redactor-chefe d' *O Profeta Diário*, está sempre interessado em ouvir a minha opinião sobre as notícias do dia. E o Ambrosius Flume, do Doces dos Duques... um cabaz sempre que faço anos, e tudo porque eu consegui apresentá-lo ao Ciceron Harkiss, que lhe deu o primeiro emprego! E ao fundo... vais conseguir vê-la se esticares o pescoço... está a Gwenog Jones, que, é claro, é capitã das Holyhead Harpies... as pessoas ficam sempre surpresas quando descobrem que eu sou tu cá, tu lá com as Harpies, e que arranjo todos os bilhetes de graça que me apetercer!

Esta ideia pareceu animá-lo enormemente.

— E estas pessoas todas sabem onde o hão-de encontrar para lhe mandarem as coisas? — interrogou-o Harry, que não podia deixar de se admirar por que razão os Devoradores da Morte não teriam ainda conseguido encontrar a pista de Slughorn, se cabazes de doces, bilhetes de Quidditch e visitantes ansiosos por ouvir a sua opinião e os seus conselhos conseguiam dar com ele.

O sorriso desvaneceu-se do rosto de Slughorn tão depressa como o sangue das paredes.

— É óbvio que não — respondeu ele, baixando o olhar para Harry. — Há um ano que não mantenho contacto com ninguém.

Harry ficou com a impressão de que aquelas palavras chocavam o próprio Slughorn; por uns instantes, mostrou-se bastante perturbado. Em seguida, encolheu os ombros.

— Seja como for... o feiticeiro prudente mantém uma atitude discreta em tempos como os que atravessamos. É muito fácil para o Dumbledore falar, mas assumir um cargo em Hogwarts neste momento seria equivalente a declarar publicamente a minha obediência à Ordem da Fénix! E embora eu não tenha qualquer dúvida de que eles são todos muito admiráveis, e corajosos, e tudo o mais, a mim, pessoalmente, não me agrada a taxa de mortalidade...

— Não precisa de ingressar na Ordem para dar aulas em Hogwarts — interrompeu-o Harry, que não foi capaz de conter uma nota de menosprezo na voz: era difícil simpatizar com a existência mimada de Slughorn quando se lembrava de Sirius, encurralado num subterrâneo e a ter de comer ratos para sobreviver. — A maioria dos professores não pertence à Ordem, e nunca mataram nenhum deles... Bom, a não ser que contemos com o

Quirrell, e ele teve o fim que merecia, visto que trabalhava para o Voldemort.

Harry não tinha a certeza se Slughorn não seria um daqueles feiticeiros que não suportavam ouvir pronunciar o nome de Voldemort em voz alta, e não ficou desapontado: Slughorn estremeceu e soltou um guincho de protesto, que Harry ignorou.

— Eu creio que, enquanto o director for o Dumbledore, os professores estão mais seguros que a maioria das pessoas; afinal, dizem que ele é a única pessoa que o Voldemort alguma vez temeu, não é? — prosseguiu Harry.

Slughorn ficou alguns momentos a contemplar o vazio; parecia estar a reflectir nas palavras de Harry.

— Bem, sim, é verdade que Aquele Cujo Nome Não Deve Ser Pronunciado nunca procurou enfrentar directamente o Dumbledore — resmungou ele contrafeito. E suponho que, uma vez que eu não me juntei aos Devoradores da Morte, Aquele Cujo Nome Não Deve Ser Pronunciado dificilmente me contará entre os seus amigos... e, nesse caso, eu talvez ficasse mais seguro se estivesse um bocadinho mais próximo do Albus... Não vou fingir que a morte da Amelia Bones não me abalou... Se ela, com tantos contactos no Ministério e tanta protecção...

Dumbledore tornou a entrar na sala, e Slughorn deu um pulo como se já se tivesse esquecido de que ele estava lá em casa.

— Oh, és tu, Albus — disse ele. — Demoraste muito tempo. Estás maldisposto do estômago?

— Não, estava apenas a ler as revistas dos Muggles — explicou Dumbledore. — Adoro pontos de tricô. Bom, Harry, já abusámos demais da hospitalidade do Horace; acho que já são horas de irmos andando.

Sem qualquer relutância em obedecer, Harry levantou-se dum pulo.

— Já te vais embora?

— Vou, claro. Acho que sei reconhecer uma causa perdida quando a vejo.

— Perdida...?

Slughorn parecia agitado. Pôs-se a revirar os polegares gordos, irrequieto, enquanto via Dumbledore a abotoar o manto de viagem e Harry a apertar o fecho de correr do blusão.

— Bom, lamento que não queiras ficar com o lugar, Horace — disse Dumbledore, levantando a mão que não estava ferida num aceno de despedida. — Hogwarts ficaria contente de te poder receber novamente. Não obstante termos intensificado enormemente as nossas medidas de segurança, és bem-vindo sempre que desejares fazer-nos uma visita.

— Sim... bom... muito agradecido... Tal como eu ia dizendo...

— Então, adeus.

— Adeus — disse Harry.

Estavam já à porta da frente quando ouviram um grito nas suas costas.

— Pronto, pronto, eu aceito!

Dumbledore deu meia-volta e deparou-se com Slughorn, ofegante, à entrada da sala de estar.

— Vais sair da reforma?

— Sim, sim — assentiu Slughorn com impaciência. — Devo estar a ficar maluco, mas vou.

— Que maravilha — congratulou-se Dumbledore, radiante. — Então, Horace, esperamos por ti no dia 1 de Setembro.

— Sim, é bem possível que sim — resmungou Slughorn.

Enquanto desciam o acesso do jardim, a voz de Slughorn ia flutuando até eles.

— Eu vou exigir um aumento de salário, Dumbledore!

Dumbledore soltou uma gargalhada abafada. O portão do jardim girou nos gonzos até se fechar atrás deles, e começaram a descer a colina através da neblina escura que rodopiava em seu redor.

— Bom trabalho, Harry — disse Dumbledore.

— Eu não fiz nada — retorquiu Harry, surpreso.

— Ah, isso é que fizeste. Mostraste ao Horace exactamente quanto é que ele irá lucrar em regressar a Hogwarts. Gostaste dele?

— Hã...

Harry não tinha bem a certeza de ter gostado de Slughorn ou não. Parecera-lhe uma pessoa amável, lá à sua maneira, mas que também parecia ser frívolo e, por muito que afirmasse o contrário, mostrara-se demasiado surpreendido por alguém que tivesse nascido Muggle poder dar um bom feiticeiro.

— O Horace — disse Dumbledore, aliviando Harry da responsabilidade de ter de se pronunciar — apreciava o seu conforto. E também apreciava a companhia de pessoas célebres, bem-sucedidas e poderosas. Gosta de ter a sensação de que exerce influência sobre essas pessoas. Sempre se recusou a ocupar ele próprio o trono; prefere os bastidores... permitem-lhe ter mais espaço de manobra, sabes. Tinha o hábito de escolher alunos favoritos em Hogwarts, por vezes por causa da ambição ou da inteligência que demonstravam possuir, outras pelo seu encanto e talento, e tinha um jeito invulgar para escolher aqueles que se viriam a destacar nas respectivas áreas de actividade. O Horace formou uma espécie de clube dos seus preferidos, dirigido por si próprio, destinado a fazer apresentações e

estabelecer contactos úteis entre os membros, e retirando sempre algum género de proveito em troca, quer fosse uma caixa do seu ananás cristalizado favorito de graça ou a oportunidade de recomendar o próximo membro do Departamento de Relações com os Goblins.

Harry foi subitamente acometido por uma imagem mental muito vívida duma grande aranha gorda, tecendo uma teia em seu redor, puxando um fiozinho aqui e ali para trazer um pouco mais para junto de si as suas moscas gordas e sumarentas.

— Eu contei-te tudo isto — prosseguiu Dumbledore — não para te virar contra o Horace... ou, tal como lhe deves chamar, Professor Slughorn, mas para te colocar de sobreaviso. Podes ficar já com a certeza de que ele te vai tentar apanhar, Harry. Serias a jóia da sua colecção: o Rapaz Que Sobreviveu... ou, como ultimamente te chamam, o Eleito.

Ao ouvir estas palavras, um arrepio que não tinha nada que ver com a neblina envolvente apoderou-se de Harry. Recordou-se de outras palavras que ouvira algumas semanas atrás, palavras que tinham um significado terrível e especial para ele:

Nenhum poderá viver enquanto o outro sobreviver...

Dumbledore detivera-se junto à igreja por que tinham passado anteriormente.

— Já chega, Harry. Se não te importares, agarra-te ao meu braço.

Desta feita, cheio de coragem, Harry estava preparado para a Aparição, mas continuava a achá-la desagradável. Quando a pressão desapareceu, e ele foi novamente capaz de respirar, deu por si na vereda dum campo, ao lado de Dumbledore e vendo à sua frente a silhueta torta do seu segundo edifício preferido no mundo: A Toca. Não obstante a sensação de pavor que o invadira ainda há pouco, a sua disposição não podia deixar de melhorar perante aquela visão. Ron estava lá... tal como Mrs. Weasley, a melhor cozinheira que ele conhecia...

— Se não te importas, Harry — disse-lhe Dumbledore quando cruzavam o portão —, gostaria de trocar umas palavras contigo antes de nos despedirmos. Em privado. Talvez aqui dentro?

Dumbledore apontou para uma casa de pedra delapidada onde os Weasley guardavam as vassouras. Um pouco perplexo, Harry seguiu Dumbledore através duma porta que rangia até uma divisão ligeiramente mais pequena que um guarda-louça de dimensões médias. Dumbledore acendeu a ponta da varinha, que se iluminou como uma lanterna, e dirigiu um sorriso a Harry.

— Espero que me perdoes eu tocar neste assunto, Harry, mas sinto-me satisfeito e até um bocadinho orgulhoso pela forma como tens reagido a

tudo quanto se passou no Ministério. Permite-me que te diga que creio que o Sirius também teria ficado orgulhoso.

Harry engoliu em seco; a voz parecia tê-lo abandonado. Não se sentia capaz de falar sobre Sirius. Já fora suficientemente doloroso ouvir o tio Vernon perguntar: «O padrinho dele morreu?»; e ainda pior ouvir o nome de Sirius a ser trazido à baila por acaso por Slughorn.

— Foi uma crueldade — disse Dumbledore suavemente — que tu e o Sirius tivessem passado tão pouco tempo juntos. Um desfecho brutal para uma relação que deveria ter sido longa e feliz.

Harry assentiu com a cabeça, os olhos firmemente fixos na aranha que estava agora a trepar pelo chapéu de Dumbledore. Tinha a sensação de que Dumbledore o compreendia, que poderia até suspeitar de que, até à chegada da sua carta, Harry passara quase todo o tempo em casa dos Dursley deitado na cama, recusando-se a comer e com o olhar perdido na janela embaciada, repleta do vazio gélido que ele aprendera a associar aos Dementors.

— Tal como é duro — disse Harry por fim, em voz baixa — saber que ele não me tornará a escrever.

Sentiu os olhos subitamente a arder e pestanejou. Parecia-lhe uma estupidez admitir isso, mas o facto de ter tido alguém fora de Hogwarts que se preocupava com o que se passava com ele, quase como se fosse um pai, fora uma das melhores coisas da descoberta de que tinha um padrinho... e agora as corujas do correio nunca mais voltariam a trazer-lhe esse conforto.

— O Sirius representava para ti muito daquilo que nunca tiveste — afirmou Dumbledore afectuosamente. — Como seria de esperar, a perda é devastadora...

— Mas enquanto eu estava em casa dos Dursley — interrompeu-o Harry, a sua voz agora mais forte —, apercebi-me de que não me posso fechar na minha própria concha nem... nem deixar-me ir abaixo. O Sirius não desejaria que isso acontecesse, pois não? E, seja como for, a vida é demasiado curta... Olhe para a Madame Bones, olhe para a Emmeline Vance... o próximo posso bem ser eu, não posso? Mas se assim for — declarou Harry em tom aguerrido, encarando bem de frente os olhos azuis de Dumbledore, que brilhavam à luz da varinha —, pode ter a certeza de que vou levar comigo tantos Devoradores da Morte quantos conseguir, e o Voldemort também, se for capaz disso.

— Palavras dignas de alguém filho do teu pai e da tua mãe e afilhado do Sirius! — exclamou Dumbledore, dando uma palmadinha de aprovação nas costas de Harry. — És de se lhe tirar o chapéu... ou serias, se eu não tivesse receio de te borrifar de aranhas.

«E agora, Harry, um assunto directamente relacionado com este...
Calculo que tenhas andado a receber *O Profeta Diário* no decorrer das duas últimas semanas?

— É verdade — confirmou Harry, e o seu coração começou a bater um pouco mais depressa.

— Então, deverás ter reparado que têm ocorrido não apenas pequenas fugas de informação, mas verdadeiras debandadas, relativamente à tua aventura na Sala das Profecias?

— Sim — repetiu Harry. — E toda a gente sabe que sou eu o...

— Não, não sabem — interrompeu-o Dumbledore. — Há unicamente duas pessoas em todo o mundo que conhecem todo o conteúdo da profecia feita a teu respeito e de Lord Voldemort, e encontram-se ambas nesta casota de vassouras malcheirosa e infestada de aranhas. É, porém, verdade que muita gente está convencida, e com razão, de que o Voldemort mandou os seus Devoradores da Morte roubarem uma profecia, e que essa profecia se referia a ti.

«Agora, penso poder afirmar com certeza que tu não contaste a ninguém o que dizia a profecia?

— Não — confirmou Harry.

— Uma decisão sábia, sem dúvida — assentiu Dumbledore. — Embora eu creia que devas abrir uma excepção no caso dos teus amigos, Mr. Ronald Weasley e Miss Hermione Granger. Sim — prosseguiu ele, quando reparou no olhar estupefacto de Harry —, eu julgo que eles deveriam ficar a saber. Estás a prejudicá-los ao ocultar-lhes uma informação desta importância.

— Eu não queria...

— ... preocupá-los nem assustá-los? — sugeriu Dumbledore, inspeccionando Harry por cima das suas lentes em forma de meia-lua. — Ou talvez, confessar-lhes que também tu estás preocupado e assustado? Tu precisas dos teus amigos, Harry. Tal como muito bem disseste, o Sirius não haveria de desejar que tu te fechasses na tua própria concha.

Harry não disse nada, mas Dumbledore também não parecia exigir uma resposta. Continuou: — Quanto a um assunto diferente, embora relacionado com este, é meu desejo que este ano comeces a ter aulas particulares comigo.

— Particulares... consigo? — indagou Harry, surpreendido pelo seu silêncio preocupado.

— Sim. Creio que chegou a altura de eu assumir um papel mais relevante na tua formação.

— E o que é que me vai ensinar, professor?

— Oh, um pouco disto e daquilo — respondeu Dumbledore vagamente. Harry aguardou ansiosamente, mas Dumbledore não entrou em mais detalhes, por isso fez-lhe outra pergunta que andava a remoê-lo um pouco lá por dentro.

— Se tiver aulas consigo, não vou precisar de ter Oclumancia com o Snape, pois não?

— *Professor* Snape, Harry... e, não, não vais.

— Ótimo — disse Harry, aliviado —, porque elas eram uma...

Interrompeu-se, antes que dissesse aquilo que verdadeiramente pensava.

— Creio que a palavra «fiasco» seria bem aplicada neste caso — adiantou Dumbledore com um aceno de cabeça de aprovação.

Harry riu-se.

— Bom, isso significa que a partir de agora não me vou encontrar muitas vezes com o Professor Snape — concluiu ele —, porque ele não me vai autorizar a continuar com Poções, a menos que eu tenha um «Brilhante» nos meus Níveis Puxados de Feitiçaria, coisa que eu já sei que não vai acontecer.

— Não contes com as tuas notas antes de as receberes — afirmou Dumbledore em tom sério. — O que, agora que penso nisso, deve acontecer ainda hoje. Agora, mais duas coisas, Harry.

«Em primeiro lugar, a partir deste momento, quero que tenhas o teu Manto da Invisibilidade contigo seja em que circunstância for. Mesmo no interior de Hogwarts. Não vá dar-se o caso, compreendes-me?

Harry anuiu com a cabeça.

— E por fim, durante a tua estada, o Ministério protegeu A Toca com a melhor segurança de que dispõe. Estas medidas vieram causar alguma inconveniência ao Arthur e à Molly... por exemplo, toda a correspondência deles é revistada no Ministério antes de lhes ser enviada. Eles não levantam qualquer espécie de objecção, pois a única coisa que os preocupa é a tua segurança. Todavia, parece-me que seria uma ingratidão da tua parte se arriscasses o pescoço enquanto aqui estiveres.

— Compreendo — apressou-se Harry a dizer.

— Muito bem, então — concluiu Dumbledore, abrindo a porta da casota das vassouras e saindo para o jardim. — Vejo uma luz acesa na cozinha. Não vamos privar mais a Molly da oportunidade de lastimar como tu estás magro.

V

UM ATAQUE DE GOSMA

Harry e Dumbledore chegaram à porta das traseiras d' A Toca, que estava rodeada pela habitual desordem de galochas e caldeirões enferrujados; Harry ouvia o leve cacarejar de galinhas sonolentas vindo dum galinheiro distante. Dumbledore bateu três vezes à porta, e Harry viu um movimento súbito por detrás da janela da cozinha.

— Quem está aí? — indagou uma voz nervosa que ele reconheceu como pertencendo a Mrs. Weasley. — Mostre-se!

— Sou eu, o Dumbledore, que venho trazer o Harry.

A porta abriu-se de imediato. Deparam-se com Mrs. Weasley, baixinha e rechonchuda, envergando um velho roupão verde.

— Harry, meu querido! Santo Deus, Albus, pregaste-me cá um susto, disseste que não contasse contigo antes de amanhã de manhã!

— Tivemos sorte — explicou-lhe Dumbledore, instando Harry a passar a soleira da porta. — O Slughorn mostrou ser muito mais fácil de persuadir do que eu estava à espera. Graças ao Harry, é claro. Ah, olá, Nymphadora!

Harry olhou em seu redor e reparou que Mrs. Weasley não se encontrava sozinha, não obstante a hora tardia. Uma jovem feiticeira com um rosto pálido em forma de coração e cabelo castanho-pardacento estava sentada à mesa, com as mãos em volta duma grande caneca.

— Boa noite, professor — cumprimentou ela. — Olá, Harry.

— Olá, Tonks.

Harry considerou que ela tinha um ar cansado, doente até, e havia qualquer coisa de forçado no seu sorriso. Seguramente o seu aspecto era menos colorido que o habitual, o cabelo sem a sua costumeira tonalidade de cor-de-rosa-pastilha-elástica.

— É melhor eu ir andando — apressou-se ela a dizer, levantando-se da mesa e aconchegando o manto em volta dos ombros. — Obrigada pelo chá e pela simpatia, Molly.

— Por favor, não te vás embora por minha causa — interveio Dumbledore em tom cortês. — Eu não vou poder ficar, tenho assuntos urgentes a tratar com o Rufus Scrimgeour.

— Não, não, eu tenho mesmo de ir andando — insistiu Tonks, sem olhar directamente para Dumbledore. — A noite...

— Minha querida, por que é que não vens cá jantar no fim-de-semana? O Remus e o Olho-Louco também vêm...

— Não, a sério, Molly.... Obrigada de qualquer forma... boa noite a todos.

Tonks passou apressadamente por Dumbledore e por Harry e saiu para o jardim; alguns passos mais adiante, deu meia-volta e desapareceu sem deixar rasto. Harry reparou que Mrs. Weasley estava com um ar preocupado.

— Bom, Harry, ver-nos-emos em Hogwarts — afirmou Dumbledore. — Tem cuidado contigo. Molly, estarei sempre ao teu dispor.

Fez uma vénia a Mrs. Weasley e seguiu Tonks, desaparecendo precisamente no mesmo sítio. Mrs. Weasley fechou a porta ao jardim deserto e em seguida, segurando Harry pelos ombros, conduziu-o até à mesa para, à luz da lanterna, lhe examinar o aspecto.

— Tu és tal e qual o Ron — suspirou ela, mirando-o de alto a baixo. — Parece que vos lançaram Feitiços de Esticar a ambos. Podia jurar que o Ron cresceu dez centímetros desde a última vez que lhe comprei roupas para levar para a escola. Tens fome, Harry?

— Tenho, sim — confirmou Harry, apercebendo-se subitamente de que estava esfomeado.

— Senta-te, querido. Eu arranjo qualquer coisa.

Quando Harry se ia a sentar, um gato ruivo e peludo, com um focinho espalmado, saltou-lhe para cima dos joelhos e aí se aninhou, a ronronar.

— Então a Hermione está cá? — perguntou ele todo contente enquanto fazia cócegas a *Crookshanks* atrás da orelha.

— Oh, sim, chegou anteontem — disse Mrs. Weasley, batendo numa grande panela com a varinha; a panela saltou para o fogão com um forte som metálico e começou de imediato a ferver. — Está toda a gente na cama, só te esperávamos daqui a algumas horas. Aqui tens...

Tornou a bater na panela; esta elevou-se no ar, voou em direcção a Harry e inclinou-se de lado; Mrs. Weasley fez deslizar habilmente uma taça por baixo, mesmo a tempo de apanhar a sopa de cebola espessa que dela saía numa corrente fumegante.

— Pão, meu querido?

— Obrigado, Mrs. Weasley.

Ela agitou a varinha por cima do ombro. Um pão e uma faca flutuaram graciosamente até à mesa. Enquanto o pão se partia a si próprio em fatias e a panela de sopa regressava ao fogão, Mrs. Weasley sentou-se em frente a Harry.

— Então, conseguiste persuadir o Horace Slughorn a aceitar o cargo?

Harry assentiu com a cabeça, pois a boca estava tão cheia de sopa quente, que não lhe permitia falar.

— Ele foi nosso professor, meu e do Arthur — contou-lhe Mrs. Weasley.

— Esteve séculos em Hogwarts, começou a dar aulas lá mais ou menos na mesma altura que o Dumbledore, creio eu. Gostaste dele?

Com a boca agora cheia de pão, Harry encolheu os ombros e deu uma sacudidela à cabeça, evitando comprometer-se.

— Eu percebo o que queres dizer — disse Mrs. Weasley, assentindo com a cabeça compreensivamente. — É claro que, quando quer, ele é um encanto de pessoa, mas o Arthur nunca gostou muito dele. O Ministério está infestado de antigos favoritos do Slughorn; ele sempre teve jeito para dar empurrões a quem lhe agradava, mas nunca perdeu muito tempo com o Arthur... Não parecia achar que ele tivesse talento e ambição suficientes. Bom, por aí já podes ver que até o Slughorn se engana. Não sei se o Ron te contou em alguma das cartas que te escreveu... passou-se há questão de dias... mas o Arthur acabou de ser promovido!

Não podia ser mais óbvio que Mrs. Weasley estava mortinha por lhe dar esta notícia. Harry engoliu um grande gole de sopa muito quente e pareceu-lhe sentir a garganta a empolar.

— Isso é ótimo! — exclamou, ofegante.

— Tu és um querido — disse Mrs. Weasley radiante, possivelmente tomando os olhos lacrimejantes de Harry por emoção perante as novidades. — É verdade, o Rufus Scrimgeour criou vários novos gabinetes em resposta à presente situação, e o Arthur vai dirigir o Departamento de Detecção e Confiscação de Feitiços Defensivos e Objectos Protectores Falsos. É um ótimo emprego, agora tem dez funcionários que têm de lhe prestar contas!

— Contas do quê, exactamente...?

— Bom, estás a ver, com todo o pânico que se criou em volta do Quem-Nós-Sabemos, andam a aparecer coisas esquisitas à venda por toda a parte, coisas que supostamente servem de protecção contra o Quem-Nós-Sabemos e os Devoradores da Morte. Já estás a imaginar de que trata... poções que se dizem protectoras, mas que na realidade não passam de molho de carne com um pouco de pus de vomibérculo adicionado, ou instruções para feitiços defensivos que na verdade fazem cair as orelhas...

Bom, na sua maioria, os responsáveis são pessoas como o Mundungus Fletcher, que nunca tiveram um dia de trabalho honesto na vida e estão a aproveitar-se do facto de as pessoas andarem todas cheias de medo, mas de quando em quando aparece qualquer coisa verdadeiramente perigosa. Outro dia, o Arthur confiscou uma caixa de Avisoscópios amaldiçoados que quase seguramente tinham sido fabricados por um Devorador da Morte. Por isso, estás a ver, é um emprego muito importante, e eu digo-lhe que é um disparate sentir saudades de lidar com velas de ignição, e torradeiras, e todas essas porcarias que os Muggles usam. — Mrs. Weasley terminou o seu discurso com um olhar severo, como se fosse Harry quem tivesse sugerido que era natural sentir saudades de velas de ignição.

— Mr. Weasley ainda está no emprego? — perguntou Harry.

— Sim, está. A propósito, já está um bocadinho atrasado... Ele disse que estaria em casa por volta da meia-noite...

Ela virou-se para consultar um grande relógio que estava empoleirado de banda em cima duma pilha de lençóis no cesto da roupa, ao fundo da mesa. Harry reconheceu-o de imediato: tinha nove ponteiros, cada um deles com o nome dum membro da família gravado, e que em geral se encontrava na parede da sala de estar dos Weasley, embora a sua posição actual sugerisse que Mrs. Weasley lhe dera para começar a andar com o relógio atrás dela pela casa. Cada um dos seus nove ponteiros estava agora apontado a *perigo mortal*.

— Já há algum tempo que anda assim — informou-o Mrs. Weasley, numa voz que pretendia em vão passar por indiferente —, desde que o Quem-Nós-Sabemos se tornou a revelar. Calculo que agora toda a gente sinta a vida ameaçada... Não acredito que seja apenas a nossa família... Mas não conheço mais ninguém que tenha um relógio como este, por isso não posso confirmar. Oh!

Com uma súbita exclamação, ela apontou para o mostrador do relógio. O ponteiro de Mr. Weasley mudara para *em viagem*.

— Ele vem aí!

E, de facto, passado um instante, ouviram alguém bater à porta das traseiras. Mrs. Weasley teve um sobressalto e correu a atender; com uma mão na maçaneta da porta e o rosto encostado contra a madeira, chamou baixinho: — Arthur, és tu?

— Sou — respondeu a voz fatigada de Mr. Weasley. — Mas eu diria que sim ainda que fosse um Devorador da Morte, minha querida. Faz a pergunta!

— Oh, francamente...

— Molly!

— Está bem, está bem... qual é o teu mais caro desejo?

— Descobrir como é que os aviões se mantêm no ar.

Mrs. Weasley assentiu com a cabeça e rodou a maçaneta, mas, ao que parecia, Mr. Weasley estava a agarrá-la com força do lado de fora, porque a porta continuou firmemente fechada.

— Molly! Antes disso, eu tenho de te fazer a tua pergunta!

— Arthur, vá lá, isto não passa dum disparate...

— O que é que gostas que eu te chame quando estamos os dois sozinhos?

Mesmo à luz ténue da lanterna, Harry notou que Mrs. Weasley tinha ficado vermelha como um tomate; ele próprio sentiu um súbito rubor em volta das orelhas e do pescoço, e apressou-se a engolir a sopa, batendo com a colher contra a taça com quanto barulho conseguia.

— Meu pudinzinho — sussurrou uma Mrs. Weasley mortificada para a fresta aberta da porta.

— Correcto — disse Mr. Weasley. — Agora podes deixar-me entrar.

Mrs. Weasley abriu a porta, e o marido apareceu, um feiticeiro magro, calvo e ruivo com óculos de armações de massa e um manto de viagem comprido e poeirento.

— Continuo sem perceber o motivo de termos de passar por isto sempre que tu chegas a casa — protestou Mrs. Weasley, ainda corada, enquanto ajudava o marido a tirar o manto. — Afinal de contas, qualquer Devorador da Morte te poderia ter forçado a dar-lhe a resposta antes de ter assumido a tua pessoa!

— Eu sei, minha querida, mas são os procedimentos do Ministério, e eu tenho de dar o exemplo. Cheira aqui bem a qualquer coisa... sopa de cebola?

Mr. Weasley virou-se, esperançoso, na direcção da mesa.

— Harry! Só te esperávamos amanhã pela manhã!

Trocaram um aperto de mão, e Mr. Weasley deixou-se cair na cadeira ao lado de Harry, enquanto a mulher lhe punha também um prato de sopa à frente.

— Obrigado, Molly. Foi uma noite difícil. Um idiota qualquer começou a vender Medalhas Metamórficas. É só pendurá-las em volta do pescoço e podemos mudar de aparência sempre que nos apetecer. Cem mil disfarces, tudo isto por apenas dez galeões!

— E o que é que acontece de facto quando se põem ao pescoço?

— Em geral, ficamos apenas dum tom alaranjado muito desagradável, mas a algumas pessoas apareceram verrugas parecidas com tentáculos por todo o corpo. Como se São Mungus tivesse neste momento pouco com que

se entreter!

— Parece ser o género de coisa a que o Fred e o George achariam graça — comentou Mrs. Weasley, hesitante. — Tens a certeza...?

— É claro que tenho! — exclamou Mr. Weasley. — Os rapazes não se iriam pôr a fazer uma coisa dessas agora, não quando sabem que as pessoas andam desesperadas à procura de qualquer coisa que as proteja!

— Então é por isso que chegaste tão tarde, por causa das Medalhas Metamórficas?

— Não, deram-nos conta dum grave Feitiço de Ricochete em Elephant and Castle, mas, felizmente, a Brigada de Execução da Lei Mágica já tinha resolvido o assunto quando lá chegámos...

Harry disfarçou um bocejo por detrás da mão.

— Cama — disse Mrs. Weasley prontamente, sem se deixar enganar. — Já te preparei o quarto do Fred e do George, fica todo à tua disposição.

— Porquê, onde é que eles estão?

— Oh, estão na Diagon-Al, dormem num pequeno apartamento que há por cima da loja das brincadeiras, uma vez que andam tão atarefados — esclareceu Mrs. Weasley. — Tenho de confessar que a princípio não aprovei, mas eles parecem ter de facto bastante jeito para o negócio! Anda, meu querido, o teu malão já está lá em cima.

— Boa noite, Mr. Weasley — despediu-se Harry, empurrando a cadeira para se levantar da mesa. *Crookshanks* deu um salto elegante do seu colo e esgueirou-se para fora da cozinha.

— Boa noite, Harry — retribuiu Mr. Weasley.

Harry reparou que Mrs. Weasley deitou uma olhadela ao relógio em cima do cesto da roupa quando saíram da cozinha. Todos os ponteiros apontavam uma vez mais para *perigo mortal*.

O quarto de Fred e de George ficava no segundo andar. Mrs. Weasley apontou a varinha para um candeeiro em cima da mesa-de-cabeceira, e este acendeu-se de imediato, inundando a divisão com uma agradável luminosidade dourada. Embora tivesse sido colocado um vaso com flores numa secretária defronte da pequena janela, o seu perfume não era suficiente para disfarçar o cheiro persistente do que Harry julgava ser pólvora. Uma parte considerável do espaço no chão estava ocupada com alguns caixotes de cartão, selados e sem identificação, entre os quais se encontrava o malão de Harry. O quarto parecia estar a fazer as vezes de armazém temporário.

Hedwig piou de satisfação a Harry do seu poleiro em cima dum grande guarda-fatos, em seguida saiu a voar pela janela; Harry sabia que a coruja estivera à espera dele antes de sair para ir à caça. Harry deu as boas-noites

a Mrs. Weasley, vestiu o pijama e meteu-se dentro duma das camas. Havia qualquer coisa dura dentro da fronha da almofada. Apalpou a almofada por dentro e tirou de lá uma guloseima pegajosa purpúrea e cor-de-laranja, que reconheceu como sendo uma Goma Isyvómito. Sorrindo para os seus botões, virou-se para o outro lado e não tardou a adormecer.

Passados uns instantes, ou assim pareceu a Harry, foi acordado por um barulho semelhante a disparos de canhão, enquanto a porta se abria de rompante. Sentou-se de repente, muito direito, e ouviu as cortinas a serem puxadas para trás: a luz ofuscante do Sol penetrava-lhe intensamente nos olhos. Escudando-os com uma mão, começou a tactear desesperadamente à procura dos óculos.

— Qu' é qu' aconteceu?

— Não sabíamos que já cá estavas! — exclamou uma voz alta e entusiasmada, e Harry recebeu uma pancada forte no cimo da cabeça.

— Ron, não lhe batas! — repreendeu-o uma voz de rapariga.

Harry acabou por encontrar os óculos e pô-los, embora a luminosidade fosse tão intensa, que ele continuava sem conseguir ver nada. Uma sombra comprida e avultante tremulou à sua frente por um instante; Harry pestanejou, e a imagem de Ron Weasley, que lhe sorria, foi-se tornando mais nítida.

— Tudo bem?

— Nunca estive melhor — respondeu Harry, esfregando o alto da cabeça e voltando a deixar-se cair contra as almofadas. — E tu?

— Vai-se andando — disse Ron, puxando um caixote de cartão e sentando-se em cima. — Quando é que chegaste? A mãe só agora mesmo é que nos avisou!

— Cerca da uma da madrugada.

— Os Muggles foram fixes? Trataram-te bem?

— O mesmo do costume — disse Harry, enquanto Hermione se empoleirava na beira da cama. — Eles não falaram muito comigo, mas eu prefiro assim. Como é que estás, Hermione?

— Oh, estou boa — respondeu Hermione, que examinava Harry como se ele estivesse a chocar alguma doença.

Harry calculava que sabia o que se encontrava por detrás daquilo e, como naquele momento não lhe apetecia falar da morte de Sirius nem de qualquer outro assunto triste, disse: — Que horas são? Já tomaram o pequeno-almoço?

— Não te preocupes com isso, a mãe vai trazer-to cá acima numa bandeja; ela acha que tu estás subnutrido — sossegou-o Ron, revirando os olhos. — Então, o que é que se tem andado a passar?

— Nada de especial, tenho estado sempre encafuado em casa dos meus tios, não é?

— Deixa-te de tretas! — ripostou Ron. — Tu tens andado para aí com o Dumbledore!

— Não foi tão emocionante quanto julgas. Ele só queria que eu o ajudasse a persuadir um antigo professor a sair da reforma. Chama-se Horace Slughorn.

— Oh — disse Ron, com ar desanimado. — Nós pensámos...

Hermione lançou-lhe um olhar de advertência, e Ron mudou rapidamente de assunto.

— ... nós pensámos que devia ser qualquer coisa desse tipo.

— Ai sim? — retorquiu Harry, divertido.

— Pois... pois, agora que a Umbridge se foi embora, é óbvio que precisamos dum novo professor de Defesa Contra a Magia Negra, não é? Então, hã, como é que ele é?

— Faz lembrar um bocado uma morsa, e em tempos foi Chefe dos Slytherin — afirmou Harry. — Passa-se alguma coisa, Hermione?

Hermione estava a olhar para ele como se esperasse a todo o momento a manifestação de sintomas estranhos. Compôs rapidamente a expressão num sorriso pouco convincente.

— Não, é claro que não! Então, hum, achaste que o Slughorn tem ar de quem vai ser um bom professor?

— Sei lá — respondeu Harry. — Pior que a Umbridge ele não pode ser, pois não?

— Eu conheço uma pessoa que é pior que a Umbridge — declarou uma voz à soleira da porta. Com um ar irritado, a irmã mais nova de Ron entrou com andar desleixado no quarto. — Olá, Harry.

— O que é que tu tens? — interrogou-a Ron.

— É *ela* — disse Ginny, atirando-se para cima da cama de Harry. — Anda a dar comigo em maluca.

— O que é que ela fez agora? — perguntou Hermione em tom compreensivo.

— É a maneira como fala comigo... Quem a ouvisse, pensava que eu tinha uns três anos de idade!

— Eu sei — assentiu Hermione, baixando a voz. — É tão convencida.

Harry mal podia acreditar que estava a ouvir Hermione a referir-se a Mrs. Weasley naqueles termos e não pôde culpar Ron quando este disse, zangado: — Não são capazes de a deixar em paz nem por cinco segundos?

— Oh, isso, agora defende-a — retorquiu Ginny. — Todos sabemos que, para ti, quanto mais tempo passares com ela, melhor.

Parecia uma coisa estranha de se dizer a respeito da mãe de Ron; com a impressão de que alguma coisa lhe estava a escapar, Harry perguntou: — De quem é que vocês...?

Contudo, a resposta à pergunta surgiu antes que ele tivesse oportunidade de acabar a frase. A porta do quarto abriu-se de rompante, e Harry puxou instintivamente os cobertores até ao pescoço, com tanta força, que Hermione e Ginny escorregaram da cama para o chão.

À porta encontrava-se uma mulher jovem, uma mulher duma beleza de tal forma arrebatadora, que o ar parecia ter desaparecido subitamente do quarto. Era alta e graciosa, com uma longa cabeleira loura, e dava a impressão de emanar um leve halo prateado. A completar esta imagem de perfeição, trazia uma bandeja de pequeno-almoço muito bem fornecida.

— Arry — cumprimentou-o ela com voz rouca. — Há quanto tempô!

Enquanto ela deslizava em direcção a Harry, Mrs. Weasley surgiu atrás dela, bamboleando-se e com um ar bastante zangado.

— Não havia necessidade de trazer o tabuleiro, eu estava a preparar-me para fazer isso mesmo!

— Non tem importtância — disse Fleur Delacour, pousando a bandeja em cima dos joelhos de Harry e em seguida baixando-se rapidamente para lhe pregar um beijo em cada bochecha. Harry sentiu os sítios onde a boca dela tocara a arder. — Tenho andado desejosa parra te vêrr. Lembras-te da minha irrmã, a Gabrielle? Ela está sempre a falarr no Arry Potter. Vai ficarr encantada de te verr outtra vex.

— Oh... Ela também cá está? — indagou ele em voz baixa e áspera.

— Non, non, meu tolinho — disse Fleur com uma gargalhada tilintante. — Querr dizerr, no prróximo Verrão, quando nós... Mas tu ainda non sabes?

Os seus grandes olhos azuis arregalaram-se, e ela deitou um olhar de reprovação a Mrs. Weasley, que disse: — Ainda não tivemos tempo de lhe contar.

Fleur tornou a virar-se para Harry, balançando a sua cortina de cabelo louro-prateado de forma a roçar pela cara de Mrs. Weasley.

— O Bill e eu vamos casarr-nos!

— Oh — disse Harry desorientado. Não pôde deixar de reparar que Mrs. Weasley, Hermione e Ginny faziam o possível por evitarem o olhar uns dos outros. — Uau. — Hã... parabéns!

Fleur tornou a baixar-se de repente e a beijá-lo.

— Neste momento, o Bill está muito ocupado, a trrabalharr muito, e eu só trralho a meio tempo em Gringotts por causa do meu inglêx, porr isso ele trrouxe-me parra passarr aqui uns dias e ficarr a conhecerr a família dele

como deve serrar. Fiquei ton contente quando soube que tu vinhas... Aqui non há muito que fazerr a non ser que se goste de cozinhar e de galinhas! Bom... bom, pequeno-almoço, Arry!

Dito isto, deu uma meia-volta graciosa e pareceu sair do quarto a flutuar, fechando a porta delicadamente atrás de si.

Mrs. Weasley fez um ruído que soava a qualquer coisa como «tchá!».

— A mãe detesta-a — afirmou Ginny em voz baixa.

— Eu não a detesto! — retorquiu Mrs. Weasley num murmúrio zangado.

— Eu só acho que eles se precipitaram a assumir o noivado, só isso!

— Eles já se conhecem há um ano — observou Ron, que estava com um ar grogue muito esquisito e de olhar fixo na porta fechada.

— Bem, mas isso não é muito tempo! Eu sei por que é que isto aconteceu, é claro. É toda esta incerteza em torno do regresso do Quem-Nós-Sabemos, as pessoas têm medo de não sobreviverem ao dia de amanhã, por isso andam a tomar toda a espécie de decisões precipitadas nas quais, em circunstâncias normais, pensariam melhor. Aconteceu o mesmo da última vez em que ele ganhou força, por todo o lado se via gente a fugir para se casar e...

— Incluindo tu e o pai — interrompeu Ginny com um ar malicioso.

— Sim, bem, mas o teu pai e eu fomos feitos um para o outro, para que é que havíamos de ficar à espera? — contrapôs Mrs. Weasley. — Ao passo que o Bill e a Fleur... bom... o que é que eles têm, de facto, em comum? Ele é o género de pessoa trabalhadora, prática, enquanto ela...

— É uma cabra — cortou Ginny, assentindo com a cabeça. — Mas o Bill não é uma pessoa prática. Ele quebra feitiços, não é?, gosta dum pouco de aventura, dum pouco de *glamour*... Calculo que tenha sido por isso que ele se tenha apaixonado pela Gosma.

— Pára de lhe chamares isso, Ginny — disse Mrs. Weasley com rispidez, enquanto Harry e Hermione se riam. — Bom, é melhor eu ir andando... Come os teus ovos, senão arrefecem, Harry.

Com um ar fatigado, foi-se embora do quarto. Ron ainda parecia estar ligeiramente ébrio; ia abanando a cabeça como um cão que está a tentar soltar água dos ouvidos.

— Não te consegues habituar a ela, agora que está a viver na mesma casa que tu? — interrogou-o Harry.

— Bom, consigo — respondeu Ron —, mas se ela me aparecer à frente sem eu estar à espera, como agora...

— É ridículo — disse Hermione furiosa, afastando-se de Ron a passos largos o mais que podia e virando-se para ele com os braços cruzados em frente ao peito mal chegado à parede.

— Não vais querer tê-la para sempre a andar à tua volta, pois não? — perguntou Ginny a Ron, incrédula. Quando viu que o irmão se limitava a encolher os ombros como resposta, acrescentou: — Bem, aposto contigo o que quiseses, que a mãe só não vai pôr um ponto final a isso se não puder.

— Como é que ela vai conseguir isso? — questionou Harry.

— Está sempre a convidar a Tonks para jantar cá em casa. Acho que está com esperança de que o Bill se apaixone antes pela Tonks. Espero que sim, gostava muito mais de a ter a ela na nossa família.

— Pois, isso vai mesmo acontecer — retorquiu Ron num tom sarcástico.

— Ouçam, nenhum tipo que regule bem da cabeça se vai apaixonar pela Tonks se puder ficar com a Fleur. Quer dizer, a Tonks até nem é feia quando não se põe a fazer coisas estúpidas ao cabelo e ao nariz, mas...

— Ela é mil vezes mais gira que a *Gosma* — declarou Ginny.

— E também é mais inteligente, é uma Auror! — acrescentou Hermione do canto onde estava.

— A Fleur não é burra, foi suficientemente boa para entrar no Torneio dos Três Feiticeiros — afirmou Harry.

— Não comeces agora também tu! — exclamou Hermione, zangada.

— Calculo que gostes da maneira como a Gosma diz «Arry», não é? — indagou Ginny desdenhosamente.

— Não — respondeu Harry, já arrependido de ter aberto a boca —, eu só estava a dizer que a Gosma... isto é, a Fleur...

— Eu gostava muito mais de ter a Tonks na nossa família — insistiu Ginny. — Pelo menos, é divertida.

— Ultimamente não tem andado lá muito divertida — comentou Ron. — Sempre que olho para ela, está mais parecida com a Murta Queixosa.

— Isso não é justo! — protestou Hermione. — Ela ainda não recuperou do que aconteceu... vocês sabem... Quer dizer, ele era primo dela!

O coração de Harry caiu-lhe aos pés. Tinham chegado a Sirius. Pegou no garfo e começou a enfiar os ovos mexidos dentro da boca, na esperança de poder recusar qualquer convite para tomar parte na conversa.

— A Tonks e o Sirius mal se conheciam! — exclamou Ron. — O Sirius passou metade da vida em Azkaban e, antes disso, as famílias de ambos não se conheciam...

— Não é isso que interessa para o caso — ripostou Hermione. — Ela pensa que a culpa de ele ter morrido é dela!

— Como é que ela chegou a essa conclusão? — perguntou Harry, contra a sua vontade.

— Bom, ela tinha estado a lutar contra a Bellatrix Lestrange, não foi? Acho que a Tonks deve pensar que, se tivesse conseguido acabar com ela, a

Bellatrix não teria matado o Sirius.

— Isso é uma estupidez — disse Ron.

— É a culpa do sobrevivente — afirmou Hermione. — Eu sei que o Lupin tentou convencê-la a mudar de ideias, mas ela está mesmo abatida. Até já anda a ter problemas em Metamorfosar-se!

— Em quê...?

— Já não consegue mudar de aparência como costumava fazer — explicou Hermione. — Creio que os poderes dela devem ter sido afectados com o choque, ou algo do género.

— Não sabia que isso podia acontecer — disse Harry.

— Nem eu — acrescentou Hermione —, mas acho que se estivermos muito deprimidos...

A porta tornou a abrir-se, e a cabeça de Mrs. Weasley apareceu a espreitar.

— Ginny — sussurrou ela —, vem cá abaixo para me ajudares a preparar o almoço.

— Estou a conversar com a malta! — protestou Ginny, muito indignada.

— Já! — respondeu Mrs. Weasley e desapareceu.

— Ela só me quer lá para não ter de ficar sozinha com a Gosma! — exclamou Ginny contrariada. Atirou com a sua longa cabeleira ruiva para trás, numa boa imitação de Fleur, e começou a andar dum lado para o outro do quarto, com os braços esticados por cima da cabeça, como uma bailarina.

— Se eu fosse a vocês, descia depressa também — disse ela quando se estava a ir embora.

Harry aproveitou o silêncio temporário para continuar a comer o pequeno-almoço. Hermione andava a espreitar nos caixotes de Fred e de George, embora de quando em vez lançasse uma olhadela enviesada a Harry. Ron, que estava agora a servir-se da torrada de Harry, continuava a contemplar a porta com ar sonhador.

— O que é isto? — acabou Hermione por perguntar, segurando o que parecia ser um pequeno telescópio.

— Sei lá — disse Ron —, mas se o Fred e o George o deixaram aí, é porque provavelmente não está pronto para a loja de brincadeiras, portanto tenham cuidado.

— A tua mãe disse-me que a loja está a andar bem — comentou Harry.

— Ela acha que o Fred e o George têm imenso jeito para o negócio.

— Jeito é pouco — disse Ron. — Eles estão a nadar em galeões! Estou ansioso por ver a loja. Ainda não estivemos na Diagon-Al, porque a nossa mãe diz que só podemos ir lá com o pai por questões de segurança, e ele

tem andado muito ocupado no emprego, mas parece-me excelente.

— Então e o Percy? — perguntou Harry; o terceiro irmão a contar do mais velho dos Weasley tinha-se desentendido com o resto da família. — Ele já fala com os teus pais outra vez?

— Ná — disse Ron.

— Mas ele sabe que o teu pai sempre teve razão quanto ao regresso do Voldemort...

— O Dumbledore diz que é muito mais fácil as pessoas perdoarem os outros por estarem errados que por estarem certos — afirmou Hermione. — Eu ouvi-o dizer isso à tua mãe, Ron.

— Parece mesmo um disparate típico do Dumbledore — opinou Ron.

— Ele vai dar-me aulas particulares este ano — anunciou Harry em tom conversador.

Ron engasgou-se no pedaço de torrada, e Hermione ficou boquiaberta.

— E tu que não nos contaste nada! — exclamou Ron.

— Só agora é que me lembrei — confessou Harry com sinceridade. — Ele disse-me na noite passada, na casota onde vocês guardam as vassouras.

— Caramba... aulas particulares com o Dumbledore! — disse Ron, impressionado. — Admiro-me por que é que ele...?

A voz esmoreceu-lhe. Harry reparou na troca de olhares entre ele e Hermione. Pousou o garfo e a faca, o coração a bater bastante depressa, considerando que estava apenas sentado na cama. Dumbledore tinha-o aconselhado a fazê-lo... por que não agora? Fixou o olhar no garfo, que brilhava à luz do Sol que lhe inundava o colo, e disse: — Eu não sei exactamente por que é que ele me quer dar aulas, mas creio que deve ser por causa da profecia.

Nem Ron nem Hermione se pronunciaram. Harry teve a impressão de que tinham ficado ambos petrificados. Continuou, ainda a falar para o garfo: — Sabem, aquela que tentaram roubar do Ministério.

— Mas ninguém sabe o que ela dizia — apressou-se Hermione a contestar. — Espatifou-se.

— Embora *O Profeta* diga... — interveio Ron, mas Hermione fez-lhe:

— Chiu!

— *O Profeta* tem razão — disse Harry, levantando o olhar para ambos a grande custo: Hermione parecia estar assustada, e Ron, espantado. — Aquela bola de vidro que se partiu não era o único registo da profecia. Eu ouvi tudo no gabinete do Dumbledore, foi para ele que a profecia foi feita, por isso pôde contar-me. Por aquilo que ele me disse — Harry inspirou fundo —, parece que me vai caber a mim dar cabo do Voldemort... pelo menos dizia que nenhum de nós pode viver enquanto o outro sobreviver.

Ficaram os três um momento a olhar uns para os outros em silêncio. Depois ouviu-se um estouro muito forte, e Hermione desapareceu envolvida por uma baforada de fumo preto.

— Hermione! — gritaram Harry e Ron; o tabuleiro do pequeno-almoço deslizou para o chão com estrondo.

Hermione tornou a aparecer da nuvem de fumo, a tossir, a segurar o telescópio e exibindo um olho negro dum púrpura brilhante.

— Eu apertei-o, e isto... isto deu-me um murro! — explicou ela, ofegante.

E, de facto, estavam agora a ver um punho minúsculo preso por uma mola comprida que se projectava do fundo do telescópio.

— Não te preocupes — disse-lhe Ron, que estava obviamente a tentar conter o riso. — A minha mãe vê-te isso, ela tem jeito para tratar de ferimentos ligeiros...

— Oh, bem, deixa lá isso agora! — declinou Hermione rapidamente. — Harry, oh, Harry...

Tornou a sentar-se na beira da cama.

— Nós ficámos a magicar, depois de nos termos vindo embora do Ministério... como é natural, não te quisemos dizer nada, mas pelo que o Lucius Malfoy disse a respeito da profecia, que se referia a ti e ao Voldemort, bom, pensámos que talvez fosse qualquer coisa desse género... Oh, Harry... — Hermione olhou-o fixamente e em seguida sussurrou: — Estás com medo?

— Não tanto como já tive — respondeu Harry. — Da primeira vez que ouvi a profecia, fiquei... mas, agora, é como se eu sempre tivesse sabido que no final teria de o enfrentar...

— Quando soubemos que o Dumbledore em pessoa te ia buscar a casa, calculámos que talvez ele te fosse contar alguma coisa, ou mostrar-te alguma coisa, relacionada com a profecia — confessou Ron ansiosamente. — E tínhamos uma certa razão, não tínhamos? Ele não te queria dar aulas se achasse que eras um caso perdido, não iria perder tempo... Ele deve achar que tu até tens hipóteses!

— Isso é verdade — concordou Hermione. — O que será que ele te vai ensinar, Harry? Magia defensiva da mais avançada, provavelmente... contramaldições poderosas... antifeitiços...

Harry não dava sinais de os estar a ouvir. Sentia um calor a espalhar-se pelo seu corpo que não tinha que ver com a luz do Sol; o grande aperto que andava a sentir no peito parecia estar a dissolver-se. Sabia que Ron e Hermione estavam mais chocados que o que deixavam transparecer, mas o mero facto de continuarem de cada lado dele, a pronunciar palavras de

consolo e encorajamento, e não a evitarem-no como se estivesse contaminado ou fosse perigoso, era demasiado valioso para poder ser expresso por palavras.

— ...e encantamentos evasivos em geral — concluiu Hermione. — Bom, pelo menos já sabes uma das disciplinas que vais ter este ano, o que não se pode dizer de mim e do Ron. Pergunto-me quando sairão os nossos resultados dos Níveis Puxados de Feitiçaria?

— Não podem demorar muito, já lá vai um mês — disse Ron.

— Esperem aí — interveio Harry, quando outro assunto da conversa da noite anterior lhe veio à memória. — Parece-me ter ouvido o Dumbledore dizer que os nossos resultados dos Níveis Puxados de Feitiçaria chegariam hoje!

— Hoje? — guinchou Hermione. — *Hoje?* Mas por que é que tu... ó meu Deus... Tu devias ter-nos avisado...

Pôs-se em pé dum pulo.

— Vou ver se já chegou alguma coruja...

Contudo, quando Harry desceu as escadas passados dez minutos, já vestido e trazendo o tabuleiro do pequeno-almoço vazio, foi encontrar Hermione sentada à mesa da cozinha, num estado de grande agitação, enquanto Mrs. Weasley se esforçava por que ela deixasse de ficar tão parecida com meio panda.

— Está difícil de sair — ia dizendo Mrs. Weasley ansiosamente, ao lado de Hermione com a varinha em punho e um exemplar de *O Ajudante de Curandeiro* aberto em «Nódoas Negras, Cortes e Esfoladelas». — Isto tem sempre dado resultado, não percebo.

— Deve ser a ideia que o Fred e o George fazem duma piada engraçada, impedir que ela desapareça — adiantou Ginny.

— Mas tem desaparecer! — guinchava Hermione. — Não posso andar por aí neste estado para toda a vida!

— Isso não vai acontecer, minha querida, nós vamos arranjar um antídoto, não te preocupes — tentou Mrs. Weasley apaziguá-la.

— O Bill contou-me que o Fred e o George são muito divertidos! — disse Fleur, sorrindo calmamente.

— Sim, mal consigo respirar de tanto rir — retorquiu Hermione.

Levantou-se de repente e começou a andar às voltas pela cozinha, com os dedos das mãos entrelaçados.

— Mrs. Weasley, tem a certeza absoluta de que não chegou nenhuma coruja esta manhã?

— Tenho, minha querida — repetiu Mrs. Weasley cheia de paciência. — Mas pouco passa das nove horas, ainda temos muito tempo à nossa

frente...

— Eu sei que fiz asneira em Runas Antigas — lastimou-se Hermione em estado de grande agitação. — Não tenho qualquer dúvida de que cometi pelo menos um erro grave de tradução. E o exame prático de Defesa Contra a Magia Negra não me correu nada bem. Na altura fiquei com a impressão de que me tinha saído bem em Transfiguração, mas agora, olhando em retrospectiva...

— Hermione, importas-te de te calares, não és tu a única a estar nervosa! — vociferou Ron. — E quando tiveres recebido os teus onze «Brilhantes» nos NPFs...

— Não, não, não! — exclamou Hermione, agitando as mãos em histeria. — Eu sei que chumbei a tudo!

— E se chumbarmos, o que é que acontece? — indagou Harry para ninguém em particular, mas foi novamente Hermione quem lhe respondeu:

— Temos de conversar sobre as nossas opções com a Chefe de Equipa, explicou-me a Professora McGonagall no fim do período passado.

O estômago de Harry deu uma reviravolta, levando-o a desejar ter comido menos ao pequeno-almoço.

— Em Beauxbatons — afirmou Fleur com ar complacente —, tínhamos uma maneira diferente de fazerr as coisas. Eu acho que erra melhor. Realizávamos os exames ao fim de seis anos de estudo, non de cinco, e depois...

As palavras de Fleur foram abafadas por um grito. Hermione estava apontar para a janela da cozinha. Três manchas pretas eram claramente visíveis no céu, e estavam a ficar cada vez maiores.

— Tenho a certeza de que são as corujas — declarou Ron com voz rouca, pondo-se de pé num pulo para se ir colocar ao lado de Hermione.

— E vêm lá três — acrescentou Harry, apressando-se para o outro lado dela.

— Uma para cada um de nós — constatou Hermione num sussurro aterrorizado. — Oh, não... oh, não... oh, não...

Agarrou Harry e Ron firmemente pelos cotovelos.

As aves vinham a voar direitas à Toca, três bonitas corujas fulvas, cada uma das quais, como se foi tornando mais claro à medida que desciam em direcção ao acesso que conduzia à casa, trazendo um grande envelope rectangular.

— Oh, *não*! — guinchou Hermione.

Mrs. Weasley mandou-os desviarem-se para abrir a janela da cozinha. Uma, duas, três corujas pairaram acima dela e foram aterrar em cima da mesa, formando uma fila ordenada. Todas as três levantaram as patas

direitas.

Harry aproximou-se dos animais. A carta dirigida a ele estava atada à pata da coruja do meio. Desatou-a com os dedos atrapalhados. À sua esquerda, Ron procurava desprender os seus próprios resultados; à sua direita, as mãos de Hermione tremiam tanto, que faziam a sua coruja tremer toda também.

Ninguém na cozinha disse nada. Por fim, Harry conseguiu soltar o envelope. Abriu-o rapidamente e desdobrou a folha de pergaminho que trazia lá dentro.

RESULTADOS DOS NIVEIS PUXADOS DE FEITIÇARIA

Notas de Aprovação:

Brilhante (B)

Excede as Expectativas (E)

Aceitável (A)

Notas de Reprovação:

Fracó (F)

Horível (H)

Troll (T)

RESULTADOS OBTIDOS POR HARRY JAMES POTTER:

Astronomia:

Euidados com as Criaturas Mágicas:

Encantamentos:

Defesa Contra a Magia Negra:

Adivinhação:

Herbologia:

História da Magia:

Poções:

Transfiguração:

Harry leu o conteúdo do pergaminho até ao fim diversas vezes, sentindo a respiração cada vez mais fácil a cada leitura. Estava tudo bem: sempre soubera que iria chumbar a Adivinhação, e não tivera hipótese de passar a História da Magia, dado que desmaiara a meio do exame, mas conseguira fazer todas as outras disciplinas! Percorreu as classificações com os dedos... tivera uma boa nota a Transfiguração e a Herbologia, e até conseguira um Excede as Expectativas a Poções! E o melhor de tudo é que tinha obtido «Brilhante» a Defesa Contra a Magia Negra!

Olhou em seu redor. Hermione encontrava-se de costas voltadas para ele e de cabeça baixa, mas Ron tinha um ar exultante.

— Só chumbei a Adivinhação e a História da Magia, e quem é que se rala com isso? — dirigiu-se ele alegremente a Harry. — Toma... vamos trocar...

Harry deu uma olhadela às classificações de Ron: não se via ali nenhum «Brilhante»...

— Já sabia que ias ser o melhor a Defesa Contra a Magia Negra — comentou Ron com o amigo, dando-lhe um murro no ombro. — Não nos saímos nada mal, pois não?

— Parabéns! — exclamou Mrs. Weasley orgulhosamente, despenteando o cabelo do filho. — Passaste a sete Níveis Puxados de Feitiçaria, isso é mais que o Fred e o George conseguiram juntos!

— Hermione? — indagou Ginny a medo, pois Hermione ainda não se tornara a virar de frente para eles. — Como é que te saíste?

— Eu... não foi mau de todo — respondeu Hermione com voz sumida.

— Oh, deixa-te mas é disso — impacientou-se Ron, avançando para ela e puxando-lhe a folha de resultados da mão. — Pois... nove «Brilhantes» e um «Excede as Expectativas» em Defesa Contra a Magia Negra. — Ron baixou o olhar para ela, meio divertido, meio exasperado. — Tu não estás mesmo desiludida a sério, pois não?

Hermione abanou a cabeça, mas Harry riu-se.

— Bom, para o ano, vamos ser alunos dos Exames de Feitiçaria Barbaramente Extenuantes! — declarou Ron de sorriso arreganhado. — Mãe, há mais salsichas?

Harry tornou a verificar os seus resultados. Não esperara nada de melhor. Sentia apenas uma leve pontada de pena... aquilo representava o fim da sua ambição de se tornar Auror. Não conseguira obter a classificação exigida a Poções. Sempre soubera que seria assim, mas não podia deixar de sentir um apertoso no estômago quando tornou a olhar para aquele pequenino «E» preto.

Era estranho, na realidade, uma vez que fora um Devorador da Morte disfarçado a primeira pessoa a dizer a Harry que ele daria um bom Auror, mas de alguma forma a ideia enraizara-se nele, e a verdade é que não conseguia pensar noutra coisa que gostasse de ser. Para além do mais, parecia-lhe ser o destino certo para ele, desde que ouvira a profecia um mês atrás... *nenhum pode viver enquanto o outro sobreviver*... Não estaria ele a cumprir a profecia e a conceder a si próprio a melhor hipótese de sobreviver, se se fosse juntar aos feiticeiros altamente treinados cuja missão era descobrir e matar Voldemort?

VI

A ESCAPADELA DE DRACO

Harry manteve-se confinado aos limites do jardim d'A Toca durante as semanas que se seguiram. Passava a maior parte do dia a jogar Quidditch dois contra dois no pomar dos Weasley (ele e Hermione contra Ron e Ginny; Hermione era péssima, e Ginny era boa, por isso estavam razoavelmente bem equiparados) e o fim do dia a comer doses triplas de tudo o que Mrs. Weasley lhe colocava à frente.

Teriam sido umas férias felizes e pacíficas não fossem os vários relatos de desaparecimentos, estranhos acidentes e até mesmo mortes que agora surgiam n' *O Profeta* a um ritmo quase diário. Por vezes, Bill e Mr. Weasley traziam as notícias para casa mesmo antes de virem publicadas no jornal. Para grande contrariedade de Mrs. Weasley, as comemorações do décimo sexto aniversário de Harry foram ensombradas por novidades terríveis trazidas para a festa por Remus Lupin, que tinha um ar esquelético e sinistro, o cabelo castanho prodigamente listrado de madeixas grisalhas, as roupas mais esfarrapadas e remendadas que nunca.

— Os Dementors levaram a cabo mais uma série de ataques — anunciou ele, enquanto Mrs. Weasley lhe servia uma grossa fatia de bolo de aniversário. — E descobriram o corpo do Igor Karkaroff numa barraca, lá em cima, no Norte. A Marca Negra pairava por cima... Bom, para falar com franqueza, estou surpreso por ele ter conseguido sobreviver um ano depois de ter desertado os Devoradores da Morte; se bem me lembro, o irmão do Sirius, o Regulus, só conseguiu uns dias de vida.

— Sim, bem — afirmou Mrs. Weasley, franzindo o sobrolho —, talvez não fosse má ideia mudarmos de ass...

— Já alguma vez ouviste falar no Florean Fortescue, Remus? — perguntou-lhe Bill, a quem Fleur estava a encher de vinho. — O homem que dirigia...

— ... a loja de gelados na Diagon-Al? — interrompeu-o Harry, com uma

sensação desagradável, de vazio, na boca do estômago. — Ele costumava dar-me gelados de graça. O que é que lhe aconteceu?

— Levou sumiço, pelo ar do sítio.

— Porquê? — quis saber Ron, enquanto Mrs. Weasley lançava um olhar propositalmente furioso a Bill.

— Quem sabe? Deve tê-los contrariado de alguma maneira. Era um bom homem, o Florean.

— Por falar na Diagon-Al — interveio Mr. Weasley —, parece que o Ollivander também desapareceu.

— O fabricante de varinhas? — indagou Ginny, com um ar muito espantado.

— Esse mesmo. A loja está vazia. Não há qualquer sinal de luta. Ninguém sabe se ele se foi embora voluntariamente ou se foi raptado.

— Mas e as varinhas... onde é que as pessoas vão comprar varinhas?

— Vão ter de se arranjar com outros fabricantes — disse Lupin. — Mas o Ollivander era o melhor, e se o outro lado se apoderou dele, isso não é bom sinal para nós.

No dia a seguir a este lanche de aniversário algo sombrio, chegaram as suas cartas e listas de livros de Hogwarts. A de Harry incluía uma surpresa: tinha sido nomeado Capitão de Quidditch.

— Isso dá-te um estatuto equivalente ao dos delegados dos alunos! — gritou Hermione de alegria. — Agora já podes usar a nossa casa de banho especial, e isso tudo!

— Uau, lembro-me de quando o Charlie usava um igual — comentou Ron, examinando o distintivo com satisfação. — Harry, é tão fixe seres o meu capitão... Se me deixares voltar para a equipa, acho eu, ah, ah...

— Bom, agora que já a tens, não me parece que possamos continuar a adiar uma ida a Diagon-Al por muito mais tempo — suspirou Mrs. Weasley, observando a lista de livros de Ron. — Iremos no próximo sábado, desde que o teu pai não tenha de ir trabalhar outra vez. Não vou lá sem ele.

— Mãe, achas sinceramente que o Quem-Nós-Sabemos vai estar escondido numa prateleira da Borrões e Floreados? — disse Ron com uma gargalhada abafada.

— O Fortescue e o Ollivander foram de férias, não foram? — retorquiu Mrs. Weasley, exaltando-se de imediato. — Se achas que a segurança é assunto para brincadeiras, podes ficar em casa, que eu própria vou comprar as coisas de que precisas...

— Não, eu também quero ir, quero conhecer a loja do Fred e do George! — apressou-se Ron a adiantar.

— Então, meu rapaz, acalma as tuas ideias antes que eu decida que não tens maturidade suficiente para vires connosco! — exclamou Mrs. Weasley zangada, agarrando no relógio, cujos nove ponteiros apontavam todos para *perigo mortal*, e fazendo-o balançar em cima duma pilha de toalhas acabadas de lavar e passar. — E isso também se aplica ao teu regresso a Hogwarts!

Ron virou-se e olhou espantadíssimo para Harry, enquanto a mãe pegava com dificuldade no cesto da roupa e no relógio, que balançava, e saía da sala, furiosa.

— Caramba... nesta casa já nem se pode dizer uma piada...

Todavia, Ron teve o cuidado de não fazer comentários impertinentes acerca de Voldemort nos dias seguintes. Sábado amanheceu sem outras explosões de mau humor por parte de Mrs. Weasley, embora ela se mostrasse muito tensa à hora do pequeno-almoço. Bill, que passaria o dia em casa com Fleur (para grande satisfação de Hermione e de Ginny), fez deslizar um saco cheio de dinheiro por cima da mesa até Harry.

— Onde é que está o meu? — exigiu Ron, de olhos muito arregalados.

— Aquele dinheiro já era do Harry, seu idiota — ripostou Bill. — Eu retirei-o do teu cofre para to entregar, Harry, porque neste momento está a demorar cerca de cinco horas para o público poder ter acesso ao respectivo ouro, da maneira que os duendes apertaram as medidas de segurança. Há dois dias, o Arkie Philpott levou com uma Sonda de Integridade pelo... Bom, acredita em mim, assim é mais simples.

— Obrigado, Bill — disse Harry, enfiando o ouro no bolso.

— Ele é sempre tão atencioso — ronronou Fleur numa atitude de adoração, acariciando o nariz de Bill. Ginny, nas costas de Fleur, fingiu que ia vomitar nos flocos de cereais. Harry engasgou-se nos seus flocos de milho, e Ron deu-lhe palmadinhas nas costas.

Estava um dia escuro e nebuloso. Um dos carros especiais do Ministério da Magia, em que Harry já numa ocasião viajara, encontrava-se à espera deles no jardim da frente quando saíram de casa, a vestir os mantos.

— É bom que o meu pai nos consiga arranjar destes carros novamente — comentou Ron em tom apreciativo, esticando-se preguiçosamente à medida que a viatura se afastava a um ritmo suave d'A Toca, e Bill e Fleur lhes acenavam da janela da cozinha. Ele, Harry, Hermione e Ginny estavam todos sentados, confortavelmente e bem à larga, no amplo assento de trás.

— Não te habitues, é só por causa do Harry — explicou Mr. Weasley por cima do ombro. Ele e Mrs. Weasley seguiam à frente com o motorista do Ministério; o banco da frente dos passageiros tinha-se amavelmente esticado naquilo que parecia ser um sofá de dois lugares. — Está a ser-lhe

concedido estatuto de segurança máxima. E quando chegarmos ao Caldeirão Escoante, vamos encontrar ainda mais segurança à nossa espera.

Harry não fez comentários; não lhe agradava muito andar a fazer compras rodeado por um batalhão de Aurors. Tinha guardado o Manto da Invisibilidade dentro da mochila e apalpou-o; se aquilo chegava para Dumbledore, também teria de chegar para o Ministério, embora, agora que pensava nisso, não tinha a certeza de que o Ministério soubesse da existência do Manto.

— Já cá estamos — anunciou o motorista passado um momento surpreendentemente curto, pronunciando-se pela primeira vez à medida que abrandava em Charing Cross Road e parava à porta do Caldeirão Escoante. — Devo ficar à vossa espera, fazem ideia de quanto tempo vão demorar?

— Umas duas horas, calculo eu — respondeu-lhe Mr. Weasley. — Ah, que bom, ele está aqui!

Harry seguiu o exemplo de Mr. Weasley e espreitou pela janela; o seu coração deu um sobressalto. Não se viam Aurors à espera à porta da estalagem, porém, em seu lugar, gigantesco e com a sua barba preta, estava Rubeus Hagrid, o encarregado das criaturas mágicas de Hogwarts, com um casaco muito comprido de pele de castor, sorrindo radiante ao avistar o rosto de Harry e completamente alheio aos olhares espantados dos Muggles que passavam por ele.

— Harry! — rugiu Hagrid, agarrando Harry num abraço capaz de partir os ossos mal este pôs os pés fora do automóvel. — O *Buckbeak*... o *Whitherwings*, quer' eu dizer... devias vê-lo, Harry, 'tá tã' feliz d' andar outra vez ao ar livre...

— Ainda bem que ele está satisfeito — disse Harry, sorrindo enquanto massajava as costelas. — Não sabíamos que «segurança» se referia a ti!

— É tal q'al os velhos tempos, né? Vês, o Ministério qu'ria mandar um monte de Aurors, mas o Dumbledore disse qu' eu chegava — declarou Hagrid orgulhosamente, enfunando o peito e enfiando os polegares dentro dos bolsos. — Vamos entrando, 'tão... tu à frente, Molly, Arthur...

O Caldeirão Escoante encontrava-se, pela primeira vez desde que Harry se lembrava, completamente vazio. Da gente de antigamente, apenas Tom, o proprietário, definhado e sem dentes, se mantinha. Ergueu o olhar esperançosamente quando eles entraram, contudo, antes que tivesse oportunidade de falar, Hagrid declarou com ar impante: — Hoje só vimos de passagem, tenho a certeza que m' entendes. Assuntos de Hogwarts, sabes.

Tom fez um aceno de cabeça melancólico e retomou a tarefa de limpar os copos; Harry, Hermione, Hagrid e os Weasley atravessaram o bar e

foram dar ao pequeno pátio gélido das traseiras onde eram guardados os caixotes do lixo. Hagrid levantou o seu guarda-chuva rosa-vivo e bateu num determinado tijolo do muro, que se abriu de imediato para revelar uma passagem por baixo duma arcada que conduzia a uma rua empedrada e sinuosa. Cruzaram a passagem e detiveram-se, olhando em seu redor.

Diagon-Al estava diferente. Já não se viam os livros de encantamentos, os ingredientes para poções nem os caldeirões que davam brilho e colorido às montras, ocultas por detrás dos enormes cartazes que o Ministério da Magia mandara afixar. A maioria destes cartazes sinistros de cor púrpura consistiam em versões aumentadas dos panfletos com avisos de segurança que o Ministério andara a distribuir ao longo desse Verão, outros, porém, exibiam fotografias móveis a preto e branco de Devoradores da Morte que se sabia andarem a monte. Bellatrix Lestrange sorria com ar de troça a quem passava da vitrina do boticário mais próximo. Algumas montras estavam entaipadas, incluindo as do Paraíso dos Gelados de Florean Fortescue. Por outro lado, algumas bancas de aspecto manhoso tinham aparecido ao longo da rua. A mais próxima, que fora montada à porta da Borrões e Floreados debaixo dum toldo às riscas sujo, tinha um cartão pendurado em frente:

Amuletos: Eficazes contra Lobisomens, Dementors e Inferi

Um feiticeiro baixinho com ar desmazelado tinha os braços completamente cobertos de colares com emblemas de prata, que ia chocalhando para atrair a atenção dos transeuntes.

— E que tal um para a sua filhinha, minha senhora? — dirigiu-se o feiticeiro a Mrs. Weasley à medida que passavam por ele, olhando de esguelha para Ginny. — Para lhe proteger o lindo pescocinho?

— Se eu estivesse de serviço... — afirmou Mr. Weasley, lançando um olhar feroz ao vendedor de amuletos.

— Está bem, mas não te ponhas para aí a prender ninguém, meu querido, que estamos com pressa — observou Mrs. Weasley, deitando uma olhadela nervosa à lista. — Creio que seria melhor começarmos por ir à loja da Madame Malkin, a Hermione precisa de um manto de cerimónia novo, e as capas do Ron já lhe deixam o tornozelo todo à mostra, e tu também deves querer comprar roupa nova, Harry, tens crescido tanto... Venham lá todos...

— Molly, não faz sentido irmos todos à loja da Madame Malkin — declarou Mr. Weasley. — Por que é que eles os três não vão lá com o Hagrid enquanto nós vamos à Borrões e Floreados e compramos os livros

escolares para todos?

— Não sei — hesitou Mrs. Weasley num tom ansioso, obviamente dividida entre a vontade de despachar as compras depressa e o desejo de que se mantivessem todos juntos. — Hagrid, tu achas...?

— Nã' te preocupes, Molly, c' migo eles ficam em segurança — apaziguou-a Hagrid, acenando com uma mão peluda do tamanho da tampa dum caixote do lixo. Mrs. Weasley não se mostrou completamente convencida, mas permitiu a separação, apressando-se para a Borrões e Floreados, enquanto Harry, Ron, Hermione e Hagrid se dirigiam para a loja de Madame Malkin.

Harry reparou que muitas das pessoas por quem passavam tinham o mesmo ar atormentado e ansioso que Mrs. Weasley, e que já ninguém parava para trocar cumprimentos; quem andava às compras mantinha-se em grupos bem unidos, absortos nos seus próprios assuntos. Não se via ninguém a fazer compras sozinho.

— Somos capazes de ficar um bocado apertados, s' entrarmos todos lá dentro — disse Hagrid, parando à porta da loja de Madame Malkin e inclinando-se para espreitar pela montra. — Eu fico de guarda cá fora, 'tá bem?

Assim, Harry, Ron e Hermione entraram os três na pequena loja. À primeira vista, parecia estar vazia, contudo, mal a porta se fechara atrás deles, ouviram uma voz familiar proveniente dum cabide cheio de vestidos de lantejoulas azuis e verdes.

— ... para o caso de não teres reparado, já não sou uma criança, mãe. Sou perfeitamente capaz de fazer as minhas compras *sozinho*.

Seguiu-se uma gargalhada abafada, e uma voz que Harry reconheceu como pertencente a Madame Malkin a dizer: — Não, meu querido, a tua mãe tem toda a razão, já nenhum de nós deve andar por aí sozinho, não tem nada que ver com o facto de se ser ou não criança...

— Veja lá onde é que espeta esse alfinete, 'tá bem?

Um adolescente com um rosto pálido e afilado e cabelo louro quase branco surgiu de detrás do cabide, envergando um belo conjunto verde-escuro debruado com alfinetes em redor da bainha da saia e dos punhos. Dirigiu-se ao espelho e mirou-se; foi só passados alguns instantes que reparou nas imagens de Harry, Ron e Hermione reflectidas por cima do seu ombro. Os seus olhos cinzento-claros estreitaram-se.

— Não te admires com este cheiro, mãe, acabou de entrar uma Sangué de Lama — comentou Draco Malfoy.

— Não me parece que haja necessidade de usar linguagem dessa! — declarou Madame Malkin, saindo rapidamente de detrás do cabide, com

uma fita métrica e uma varinha na mão. — E também não quero duelos de varinha na minha loja! — apressou-se a acrescentar, pois uma olhadela em direcção à porta revelara-lhe a presença de Harry e Ron, ambos de varinhas apontadas a Malfoy.

Hermione, que se encontrava ligeiramente atrás deles, sussurrou-lhes: — Não, não façam isso, a sério, não vale a pena...

— Pois, como se vocês se atrevessem a fazer magia fora da escola — zombou Malfoy. — Quem é que te pôs o olho negro, Granger? Quero mandar-lhe um ramo de flores.

— Já chega! — exclamou Madame Malkin em tom ríspido, olhando por cima do ombro em busca de apoio. — Minha senhora... por favor...

Narcissa Malfoy saiu descontraidamente de detrás do cabide.

— Baixem isso — ordenou ela com frieza a Harry e a Ron. — Se tornam a atacar o meu filho, garanto-vos que é a última coisa que fazem neste mundo.

— Não me diga! — ripostou Harry, dando um passo em frente e olhando fixamente o rosto duma suavidade arrogante que, por muito pálido que fosse, não deixava por isso de ser parecido com o da irmã. Era agora tão alto como ela. — Vai buscar uns dos seus amigalhões Devoradores da Morte para acabarem connosco, é?

Madame Malkin soltou um guincho e levou as mãos ao coração.

— Francamente, não deviam fazer acusações assim... É tão perigoso dizer uma coisa dessas... Baixem as varinhas, por favor!

Mas Harry não baixou a sua varinha. Narcissa Malfoy esboçou um sorriso desdenhoso.

— Estou a ver que o facto de seres o preferido do Dumbledore te deu uma falsa sensação de segurança, Harry Potter. Mas o Dumbledore não vai estar sempre aqui para te proteger.

Harry lançou um olhar trocista em seu redor.

— Uau... Olhem bem para isto... ele não está aqui agora! Então, por que é que não tenta? Pode ser que lhe arranjem um quarto duplo em Azkaban ao pé do fracassado do seu marido!

Malfoy fez um movimento agressivo em direcção a Harry, mas tropeçou no manto, que lhe estava demasiado comprido. Ron soltou uma sonora gargalhada.

— Não te atrevas a falar com a minha mãe assim, Potter! — rosnou Malfoy.

— Não tem importância, Draco — interveio Narcissa, pousando-lhe os seus dedos finos e pálidos no ombro para o refrear. — Espero que o Potter vá fazer companhia ao seu querido Sirius antes de eu ir fazer companhia ao

Lucius.

Harry levantou a mão ainda mais alto.

— Harry, não! — gemeu Hermione, agarrando-lhe o braço e tentando puxar-lho para baixo. — Pensa... Não deves... Ias meter-te num enorme sarilho...

Madame Malkin teve de imediato um leve estremecimento, depois pareceu decidir agir como se nada se estivesse a passar, na esperança de que isso se tornasse realidade. Inclinou-se para Malfoy, que continuava de olhar enraivecido fixo em Harry.

— Creio que esta manga esquerda ainda se podia subir um nadinha, meu querido, deixa-me só...

— Au! — berrou Malfoy, afastando-lhe a mão com uma pancada. — Veja lá bem onde é que espeta os alfinetes, mulher! Mãe... acho que já não quero levar esta roupa... — Puxou o traje pela cabeça e atirou-o para os pés de Madame Malkin.

— Tens razão, Draco — apoiou-o Narcissa, deitando uma olhadela de desprezo a Hermione —, agora já sei a espécie de escumalha que faz compras nesta loja... Ficamos mais bem servidos na Sarjas e Rendas.

E, dito isto, mãe e filho saíram da loja a passo decidido, Malfoy tendo o cuidado de dar uma pancada tão forte quanto era capaz em Ron ao passar por ele.

— Bem, francamente! — desabafou Madame Malkin, apanhando o manto deitado ao chão e agitando a ponta da varinha sobre ele como se fosse um aspirador, para lhe tirar o pó.

Mostrou-se bastante distraída durante todo o tempo que duraram as provas das roupas de Harry e Ron, tentou vender a Hermione capas masculinas em lugar de femininas, e, quando finalmente os acompanhou à porta, foi com ar de quem está contente de os ver pelas costas.

— Já têm tudo? — perguntou-lhes Hagrid muito animado quando surgiram os três a seu lado.

— Mais ou menos — respondeu-lhe Harry. — Não viste os Malfoy?

— Vi, pois — confirmou Hagrid, despreocupadamente. — Mas eles nã tinham lata d' arranjar sarilhos em plena Diagon-Al, Harry, nã' te rales com eles.

Harry, Ron e Hermione trocaram olhares entre si; contudo, antes que tivessem oportunidade de desenganar Hagrid da sua ilusão, apareceram Mr. e Mrs. Weasley acompanhados por Ginny, todos eles carregados com embrulhos pesados de livros.

— Estão todos bem? — quis saber Mr. Weasley. — Compraram os vossos mantos? Então, muito bem, podemos dar uma saltada ao boticário e

ao Eeylops a caminho da loja do Fred e do George... agora não se separem uns dos outros...

Nem Harry nem Ron adquiriram qualquer ingrediente no boticário, uma vez que não iriam continuar a estudar Poções, mas compraram grandes caixas de nozes para coruja para *Hedwig* e *Pigwidgeon*, no Empório de Corujas Eeylops. Em seguida, enquanto Mrs. Weasley consultava o relógio quase de minuto a minuto, continuaram a seguir pela rua à procura das Magias Mirabolantes dos Weasley, a loja de brincadeiras dirigida por Fred e George.

— Já não temos muito tempo — avisou Mrs. Weasley. — Por isso, vamos só dar uma olhadela rápida e depois voltamos para o carro. Devemos estar a chegar, aqui é o número noventa e dois... noventa e quatro...

— Uau! — exclamou Ron detendo-se abruptamente.

Comparadas com as montras abafadas por cartazes das lojas que as rodeavam, as vitrinas da loja de Fred e George pareciam um espectáculo de fogo-de-artifício. Os transeuntes que por ali passavam por acaso voltavam a cabeça para olhar para elas, e alguns, deles, com um ar bastante pasmado, chegavam mesmo a parar, paralisados. A montra à sua esquerda exibia um sortido deslumbrante de produtos que giravam, estouravam, faiscavam, saltavam e guinchavam; os olhos de Harry começaram a lacrimejar só de olhar para aquilo. A montra da direita estava tapada por um cartaz gigantesco, púrpura como os do Ministério, mas decorado com letras amarelas brilhantes:

Para Quem Preocuparmo-nos Com o Quem-Nós-Sabemos?

DEVÍAMOS Era Preocuparmo-nos Quando

CAGALHOTO-NÃO-FAZEMOS

A Obstipação-Sensação Que Inundou a Nação!

Harry começou a rir-se. Ouviu uma espécie de leve gemido nas suas costas e virou-se, deparando-se com Mrs. Weasley a contemplar o cartaz, muda de pasmo. Os seus lábios moviam-se, pronunciando silenciosamente o nome: «CAGALHOTO-NÃO-FAZEMOS».

— Vão dar cabo deles! — murmurou ela.

— Ah isso é que não vão! — ripostou Ron, que, tal como Harry, se estava rir. — Isto é fantástico!

E ele e Harry entraram na loja seguidos dos restantes. Encontraram-na a abarrotar de clientes; Harry não conseguia chegar às prateleiras. Começou a olhar à sua volta, contemplando as caixas empilhadas até ao tecto: viam-se

ali as Pastilhas Isybalda que os gémeos tinham andado a aperfeiçoar ao longo do último ano passado em Hogwarts e que ficara por concluir; Harry reparou que o Nogado Sanguechuva Nasal gozava de grande popularidade, pois só restava uma caixa amolgada à esquerda da prateleira. Viam-se latas cheias de varinhas de truques, sendo que as mais baratas se limitavam a transformar-se em galinhas de borracha ou pares de cuecas quando agitadas; as mais caras batiam na cabeça e no pescoço do utilizador incauto; caixas de penas, disponíveis nas variedades de Auto-Recarga, Correção Ortográfica e Resposta Pronta. Abriu-se uma clareira na multidão e Harry foi empurrado até chegar ao balcão, onde um bando de miúdos de dez anos barulhentos observavam, deliciados, um homenzinho de madeira a subir lentamente os degraus até um cadafalso verdadeiro, empoleirado numa caixa que dizia: «Enforcado Reutilizável! — Enfeitice-o Ou Ele Estica o Pernil!»

— «Encantamentos Sonhadores Patenteados...»

Hermione conseguira espremer-se através da enchente para chegar a um enorme expositor junto ao balcão e estava a ler as instruções nas costas duma embalagem que trazia uma fotografia muito colorida dum jovem bem-parecido e uma rapariga prestes a desmaiar, ambos no convés dum navio-pirata.

— «Um simples encantamento, e poderá entrar num sonho de alta qualidade e realismo extremo, com a duração de trinta minutos, fácil de adaptar a qualquer aula normal e absolutamente indetectável (entre os efeitos colaterais incluem-se uma expressão vaga e uma ligeira baba a escorrer da boca). Vendido só a maiores de dezasseis anos de idade.» Sabes — comentou Hermione, olhando para Harry —, isto é que é magia extraordinária!

— Só por isso — ouviram uma voz dizer nas suas costas — podes levar um de graça.

Fred surgiu à frente de ambos, radiante, com um conjunto de túnica e manto de cor magenta que contrastava magnificamente com a sua cabeleira flamejante.

— Como é que tens passado, Harry? — Trocaram um aperto de mão. — E o que é que te aconteceu ao olho, Hermione?

— Foi o teu telescópio que me deu um murro — respondeu ela muito pesarosa.

— Ora bolas, esqueci-me deles — disse Fred. — Toma...

Tirou uma bisnaga do bolso e entregou-lha; Hermione abriu-a com toda a cautela e viu que tinha dentro um creme amarelo e espesso.

— Só tens de o aplicar com pancadinhas leves, que o negro desaparece

dentro duma hora — explicou Fred. — Tivemos de descobrir um removedor de nódoas negras decente, andamos a testar a maior parte dos produtos que vendemos em nós próprios.

Hermione fez um ar nervoso. — Isto é *seguro*, não é?

— É claro que sim — respondeu Fred em tom encorajador. — Anda daí, Harry, quero mostrar-te a loja.

Harry deixou Hermione a aplicar creme no seu olho negro e foi atrás de Fred até às traseiras da loja, onde viu um expositor com baralhos de cartas e cordéis para fazer truques de magia.

— Truques mágicos dos Muggles! — exclamou Fred alegremente, apontando para eles. — Para maluquinhos como o meu pai, sabes, que adoram coisas dos Muggles. Não dá muito lucro, mas as vendas vão-se mantendo estáveis, são grandes novidades... Oh, aqui vem o George...

O irmão gémeo de Fred deu um aperto de mão enérgico a Harry.

— Andas a mostrar-lhe a loja? Vem até às traseiras, Harry, é aqui que ganhamos dinheiro a sério... *Mete o que quer que seja ao bolso, que te vai custar bem mais caro que uns quantos galeões* — acrescentou ele em tom admonitório a um rapazinho que se apressou a tirar as mãos duma bisnaga que dizia: «Marcas Negras Comestíveis — Põem Qualquer Um Doente!»

George afastou uma cortina ao lado dos truques dos Muggles, e Harry viu uma sala mais escura e com menos gente. As embalagens dos produtos dispostos nestas prateleiras eram mais discretas.

— Acabámos de desenvolver a nossa linha mais séria — explicou-lhe Fred. — É engraçado como isso foi acontecer...

— Nem te passa pela cabeça a quantidade de pessoas, mesmo gente que trabalha no Ministério, que não consegue fazer um Feitiço do Escudo Invisível decente — afirmou George. — É claro que eles não te tiveram a ti para lhes ensinares, Harry.

— É isso mesmo... Bom, nós achámos que Chapéus Escudo Invisível deviam ser bastante engraçados. Sabes, desafia um amigo a enfeitiçar-te enquanto estiveres a usar um chapéu destes e vais ver a cara dele quando o feitiço se virar contra o feiticeiro. Mas o Ministério mandou comprar quinhentos para todo o pessoal de apoio! E continuamos a receber encomendas aos montes!

— Por isso, expandimos a linha para Mantos Escudo Invisível, Luvas Escudo Invisível...

— ... Quer dizer, não serviriam de muito contra Maldições Imperdoáveis, mas para maldições e feitiços de pouca gravidade ou gravidade moderada...

— E depois decidimos metermo-nos na área da Defesa Contra a Magia

Negra, visto que é uma verdadeira mina de ouro — prosseguiu George cheio de entusiasmo. — Isto é fixe. Olha, Escuridão Instantânea em Pó, andamos a importá-lo do Peru. Dá sempre jeito se precisares de fugir de repente.

— E os nossos Detonadores de Chamarizes não param nas prateleiras, olha — disse Fred, apontando para vários estranhos objectos pretos que faziam lembrar buzinas, e que estavam na verdade a tentar desaparecer da vista de todos. — Basta deixares cair um como quem não quer a coisa, que ele desata a correr e vai fazer estrondo onde não se veja, desviando a atenção de ti sempre que achares necessário.

— Dá jeito — concordou Harry, impressionado.

— Toma — disse George, apanhando alguns e atirando-os a Harry.

Uma jovem feiticeira com cabelo louro curto enfiou a cabeça pela abertura da cortina; Harry reparou que também ela usava o uniforme cor de magenta dos funcionários da loja.

— Está aqui um cliente à procura dum caldeirão fingido, Mr. Weasley e Mr. Weasley — anunciou ela.

Harry achou muito estranho ouvir Fred e George a serem tratados por «Mr. Weasley», mas eles pareciam aceitar isso sem problema.

— Está descansada, Verity, vou já — respondeu George prontamente. — Harry, estás à vontade para tirares tudo o que queiras, está bem? Sem custos.

— Não posso fazer isso! — protestou Harry, que já tinha tirado cá para fora o saco do dinheiro para pagar os Detonadores de Chamarizes.

— Aqui tu não pagas nada — insistiu Fred com firmeza, fazendo um gesto de recusa do ouro de Harry.

— Mas...

— Ainda não nos esquecemos de que foste tu quem nos deu o empréstimo para abrimos o negócio — afirmou George muito sério. — Leva o que quiseses e só não te esqueças de dizer a quem te perguntar onde é que arranjaste.

George desapareceu por detrás da cortina para ir ajudar a atender os clientes, e Fred conduziu Harry de volta à área principal da loja, onde foram dar com Hermione e Ginny a examinar atentamente os Encantamentos Sonhadores Patenteados.

— As meninas ainda não conhecem os nossos produtos especiais Super-Feiticeira? — interrogou-as Fred. — Sigam-me, minhas senhoras...

Junto à montra encontrava-se um expositor de produtos dum rosa-choque agressivo, e à sua volta um bando de raparigas excitadas soltava gargalhadinhas entusiásticas. Hermione e Ginny hesitaram ambas, com um

ar desconfiado.

— Aqui têm — declarou Fred orgulhosamente. — Não encontram em lado nenhum melhor variedade de poções de amor.

Ginny arqueou uma sobrancelha com ar céptico. — E resultam?

— É claro que resultam, até vinte e quatro horas depois de cada aplicação, dependendo do peso do rapaz em causa...

— ... e do encanto da rapariga — acrescentou George, tornando a aparecer subitamente ao lado do irmão. — Mas nós não as vamos vender à nossa irmã — acrescentou, assumindo subitamente um ar muito sério —, não quando ela já tem cinco rapazes em fila de espera, pelo que nos disse...

— O que quer que o Ron vos tenha dito não passa duma mentirola descarada — retorquiu Ginny calmamente, inclinando-se para tirar um pequeno boião rosa-choque da prateleira. — O que é isto?

— Extintor de Borbulhas Garantido em Dez Segundos — afirmou Fred. — Excelente para tudo, desde furúnculos até pontos negros, mas não mudes de assunto. Andas ou não andas neste momento a sair com um rapaz chamado Dean Thomas?

— Ando, pois — respondeu Ginny. — E da última vez que o vi, não tive qualquer dúvida de que era apenas um rapaz, não cinco. O que é isso?

Ginny apontava para várias bolas de penugem nas tonalidades de cor-de-rosa-vivo e púrpura, que andavam a rolar no fundo duma gaiola, emitindo gritinhos estridentes.

— Pigmeus Penugentos — afirmou George. — Puffskeins em miniatura, quantos mais reproduzirmos, mais vendemos. Então é que me tens a dizer do Michael Corner?

— Acabei com ele, não sabia perder — esclareceu Ginny, enfiando um dedo pelas grades da gaiola e vendo os Pigmeus Penugentos a juntarem-se à sua volta. — São tão amorosos!

— Não há dúvida de que são bastante engraçados — admitiu George. — Mas não andarás a mudar de namorado como quem muda de camisa?

Ginny virou-se de frente para o irmão, com as mãos nas ancas. O seu olhar tinha uma expressão tão à Mrs. Weasley, que Harry se admirou de Fred não recuar.

— Não tens nada que ver com isso. E agradeço-te — acrescentou, zangada, para Ron, que tinha acabado de aparecer ao lado de George, carregado de produtos — que não andes a contar histórias a meu respeito a estes dois!

— São três galeões, nove leões e um janota — disse Fred, examinando a grande quantidade de caixas que Ron trazia nos braços. — Arrota.

— Mas eu sou teu irmão!

— E as coisas que estás a gostar são nossas. Três galeões e nove leões. Podes ficar a dever o janota.

— Mas eu não tenho três galeões e nove leões!

— Então, é melhor devolveres a mercadoria, e vê lá se arrumas tudo nas respectivas prateleiras.

Ron deixou cair várias caixas, praguejou e fez um gesto feio com a mão a Fred que, infelizmente, não escapou ao olhar de Mrs. Weasley, que escolhera esse momento para aparecer.

— Se te torno a apanhar a fazeres isso, lanço-te um feitiço que nunca mais consegues descolar os dedos — ameaçou-o ela com rispidez.

— Mãe, posso ficar com um Pigmeu Penugento? — pediu logo Ginny.

— Um quê? — indagou Mrs. Weasley, desconfiada.

— Olha, são tão amorosos...

Mrs. Weasley afastou-se para um dos lados para ver os Pigmeus Penugentos, e Harry, Ron e Hermione puderam desfrutar momentaneamente da visão desimpedida da montra. Draco Malfoy vinha a subir a rua apressadamente, sozinho. Quando passou pela Magias Mirabolantes dos Weasley, relanceou por cima do ombro. Passados uns instantes, desapareceu do ângulo de visão deles, e perderam-no de vista.

— Onde será que está a mãezinha dele? — admirou-se Harry, franzindo a testa.

— Ao que parece, fugiu-lhe — sugeriu Ron.

— Mas então, porquê? — indagou Hermione.

Harry não disse nada; estava demasiado concentrado a pensar. Narcissa não perderia o seu precioso filho de vista de sua livre vontade; Malfoy devia ter feito um grande esforço para se conseguir livrar das garras dela. Harry, que conhecia bem Malfoy e o detestava, sabia que a razão não podia ser inocente.

Deitou uma olhadela em seu redor. Mrs. Weasley e Ginny estavam debruçadas sobre os Pigmeus Penugentos. Mr. Weasley examinava, encantado, um baralho de cartas marcadas dos Muggles. Fred e George estavam ambos a atender os clientes. Do lado de fora da montra, encontrava-se Hagrid de costas voltadas para eles, olhando rua acima, rua abaixo.

— Mete-te aqui debaixo, rápido — disse Harry, tirando o Manto da Invisibilidade do saco.

— Oh... não sei, Harry — respondeu Hermione, dirigindo um olhar hesitante a Mrs. Weasley.

— Anda lá! — insistiu Ron.

Hermione hesitou durante mais um segundo, em seguida mergulhou para

debaixo do Manto com Harry e Ron. Ninguém deu pelo desaparecimento deles; estavam demasiado interessados nos produtos de Fred e George. Harry, Ron e Hermione abriram caminho até à porta o mais depressa que puderam, porém, quando chegaram à rua, Malfoy tinha conseguido desaparecer tão bem quanto eles.

— Ele ia naquela direcção — murmurou Harry o mais baixo possível, de forma que Hagrid, que estava a cantarolar, não os ouvisse. — 'Bora daí.

Continuaram a correr, espreitando à direita e à esquerda, por montras de lojas e portas, até que Hermione apontou em frente.

— É ele, não é? — sussurrou ela. — A virar à esquerda?

— Que grande surpresa — murmurou Ron.

Pois Malfoy tinha olhado à sua volta de relance, esgueirando-se em seguida pela Rua Bativolta e desaparecendo de vista.

— Depressa, ou perdemo-lo — disse Harry, apressando o ritmo.

— As pessoas vão ver os nossos pés! — exclamou Hermione ansiosa, quando o Manto adejou ligeiramente em redor dos tornozelos deles; ultimamente tinham muito mais dificuldade em caberem os três debaixo dele.

— Não tem importância — disse Harry, impaciente —, despachem-se!

Contudo, a Rua Bativolta, a viela dedicada à Magia Negra, parecia completamente deserta. Espreitaram pelas montras à medida que foram percorrendo a rua, mas nenhuma das lojas parecia ter um cliente sequer. Harry supôs que, nos tempos que corriam, marcados pelo perigo e pela desconfiança, comprar artefactos de Magia Negra — ou pelo menos, ser visto a comprá-los — podia facilmente levantar suspeitas.

Hermione beliscou-lhe o braço com força.

— Au!

— Chiu! Olha! Ele está lá dentro! — sussurrou ela ao ouvido de Harry.

Tinham chegado ao pé da única loja que Harry alguma vez visitara na Rua Bativolta: Borgin e Burkes, que vendia uma variedade de objectos sinistros. Ali, no meio de caixas cheias de caveiras e garrafas velhas, entreviram Draco Malfoy, de costas voltadas para eles, quase completamente tapado pelo mesmo grande armário preto onde, numa ocasião, Harry se escondera de Draco e do pai. A julgar pelos movimentos das mãos de Malfoy, estava a falar animadamente. O proprietário da loja, Mr. Borgin, um homem de cabelo untuoso e muito curvado, encontrava-se de frente para ele. O seu rosto denotava uma curiosa expressão que aliava o ressentimento ao medo.

— Se ao menos pudéssemos ouvir o que eles estão a dizer! — disse Hermione.

— Mas podemos! — exclamou Ron muito entusiasmado. — Espera aí... Raios...

Começou a remexer na maior caixa que trazia nas mãos, deixando cair outras ao chão.

— Orelhas Extensíveis, vê só!

— Fantástico! — exclamou Hermione, enquanto Ron desemaranhava os fios compridos cor de carne e começava a enfiá-los por debaixo da porta.

— Oh, espero que a porta não seja Imperturbável...

— Não! — exclamou Ron alegremente. — Ouve só!

Juntaram as cabeças e puseram-se a escutar atentamente as pontas dos fios, através dos quais a voz de Malfoy lhes chegava alta e nítida, como se tivesse acabado de ligar um rádio.

— ... sabe como consertá-lo?

— É possível — respondeu Mr. Borgin, num tom que sugeria que estava relutante em se comprometer. — Contudo, vou ter de o ver primeiro. Por que é que não o traz cá à loja?

— Não posso — disse Malfoy. — Tem de ficar onde está. Só preciso que me diga como é que hei-de fazer.

Harry viu Borgin humedecer os lábios em sinal de nervosismo.

— Bom, sem ver, tenho de o avisar de que vai ser uma tarefa muito difícil, talvez impossível, até. Não posso garantir nada.

— Não? — retorquiu Malfoy, e Harry percebeu, só pelo seu tom de voz, que Malfoy estava a zombar. — Talvez isto lhe dê mais confiança.

Avançou na direcção de Borgin e ficou tapado pelo armário. Arrastando os pés, Harry, Ron e Hermione desviaram-se um pouco para o lado para tentar mantê-lo no seu ângulo de visão, mas tudo o que conseguiram ver foi Borgin, que estava com ar assustado.

— Vá contar a alguém — ameaçou-o Malfoy —, e vai haver retaliação. Conhece o Fenrir Greyback? É amigo da minha família, ele vai passar por aqui de vez em quando para se certificar de que está a dedicar toda a atenção ao problema...

— Não haverá necessidade disso...

— Isso quem decide sou eu — retorquiu Malfoy. — Bom, é melhor ir andando. E não se esqueça de guardar bem *esse*. Vou precisar dele.

— Talvez preferisse levá-lo agora?

— Não, é óbvio que não, seu homenzinho estúpido, que ar teria eu a transportar isso pela rua abaixo? Veja lá mas é se não o vende.

— É claro que não... meu senhor.

Borgin fez uma vénia tão profunda como aquela que em certa ocasião Harry o vira fazer a Lucius Malfoy.

— Nem uma palavra seja a quem for, Borgin, a minha mãe incluída, compreende?

— Com certeza, com certeza — murmurou Borgin, fazendo nova vénia.

Logo de seguida, a campainha por cima da porta emitiu um sonoro tilintar, enquanto Malfoy saía da loja com um ar muito satisfeito consigo próprio. Passou tão próximo a Harry, Ron e Hermione que estes tornaram a sentir o Manto a adejar em volta dos joelhos. Dentro da loja, Borgin permaneceu estático; o seu sorriso untuoso desaparecera e tinha um ar preocupado.

— Que conversa era aquela? — sussurrou Ron, começando a puxar o fio das Orelhas Extensíveis.

— Sei lá — respondeu Harry, muito concentrado. — Ele quer que qualquer coisa seja consertada... e quer deixar qualquer coisa reservada na loja... Conseguiram ver para onde é que ele apontou quando disse «esse»?

— Não, ele estava atrás do armário...

— Não saiam daqui — murmurou Hermione.

— O que é que tu...?

Mas Hermione já saíra de debaixo do Manto. Deu um jeito ao cabelo, observando-o no reflexo da montra, e depois entrou na loja, fazendo tilintar novamente a campainha. Ron apressou-se a enfiar novamente as Orelhas Extensíveis por debaixo da porta e passou um dos fios a Harry.

— Olá, está uma manhã horrível, não está? — Hermione dirigiu-se em tom jovial a Borgin, que não lhe respondeu, mas deitou-lhe uma olhadela desconfiada. Cantarolando alegremente, Hermione pôs-se a passear pela confusão de objectos expostos.

— Aquele colar está para venda? — indagou ela, detendo-se junto a um expositor com tampa de vidro.

— Se tiver mil e quinhentos galeões — retorquiu Borgin com frieza.

— Oh... hã... não, não tenho tanto dinheiro — confessou Hermione, continuando a andar. — E... então esta linda... hum... caveira?

— Dezasseis galeões.

— Então está para venda, não está? Não está... guardada para ninguém?

Borgin observou-a com os olhos semicerrados. Harry teve a sensação desagradável de que o homem sabia exactamente o que é que Hermione estava a tramar. E, ao que parecia, Hermione também sentiu que tinha sido desmascarada, porque subitamente pôs toda a prudência de lado.

— O que se passa é o seguinte, aquele... hã... rapaz que estive aqui agora mesmo, o Draco Malfoy, bom, ele é meu amigo, e eu quero comprar-lhe uma prenda de aniversário, mas, se ele já tiver reservado alguma coisa, é óbvio que eu não quero dar-lhe uma coisa igual, por isso... hum...

Na opinião de Harry, a história era muito duvidosa, e parecia que Borgin pensava o mesmo.

— Rua — ordenou ele abruptamente. — Põe-te já a andar daqui!

Hermione não esperou para ouvir duas vezes, e correu para fora da loja com Borgin na sua peugada. Quando a campainha tornou a tilintar, Borgin bateu com a porta com força atrás de Hermione e pendurou um aviso a dizer «Fechado».

— Ah, bom — comentou Ron, atirando o Manto para cima de Hermione.

— Valeu a pena tentar, mas foste um bocadinho óbvia...

— Bom, da próxima vez podes ser tu a mostrar-me como se faz, Mestre do Mistério! — ripostou ela.

Ron e Hermione foram a implicar um com o outro todo o caminho de regresso às Magias Mirabolantes dos Weasley, onde se viram forçados a parar, de forma a poderem esquivar-se, sem serem detectados, a uma Mrs. Wesley com um ar muito ansioso e a Hagrid, que tinham claramente dado pela ausência dos três. Uma vez dentro da loja, Harry puxou pelo Manto da Invisibilidade, escondeu-o dentro do saco e juntou-se aos outros dois, enquanto eles insistiram, em resposta às acusações de Mrs. Weasley, que nunca tinham saído do quarto dos fundos e que ela não tinha, com certeza, procurado bem.

VII

UM CLUBE MUITO EXCLUSIVO

Harry passara uma grande parte da última semana a reflectir acerca do comportamento de Malfoy na Rua Bativolta. Aquilo que mais o perturbava era a expressão de satisfação do rosto de Malfoy quando este saía da loja. Nada que lhe causasse felicidade podia representar boas notícias. No entanto, reparou, ligeiramente contrariado, que nem Ron nem Hermione mostravam a mesma curiosidade relativamente às actividades de Malfoy; ou, pelo menos, passados uns dias, já davam a impressão de estarem fartos de falar nesse assunto.

— Sim, Harry, eu também concordo que parece suspeito — acedeu Hermione, já um pouco impaciente. Estava sentada no parapeito da janela do quarto de Fred e George, com os pés apoiados num dos caixotes de cartão, e fora de má vontade que levantara os olhos do seu novo exemplar de *Tradução de Runas Avançada*. — Mas não chegámos já à conclusão de que pode haver imensas explicações?

— Talvez ele tenha partido a Mão da Glória — sugeriu Ron vagamente, enquanto tentava endireitar os arames do rabo da vassoura que estavam tortos. — Estão lembrados daquele braço mirrado que o Malfoy tinha?

— Mas então quando ele disse: «E não se esqueça de me guardar bem esse?» — indagou Harry pela enésima vez. — A mim, deu-me ideia de que o Borgin arranhou mais um daqueles objectos partidos, e o Malfoy quer ficar com ambos.

— Achas que sim? — retorquiu Ron, que agora estava a tentar arrancar uma mancha de sujidade do cabo da vassoura.

— Acho, sim — assentiu Harry. Quando viu que nem Ron nem Hermione lhe respondiam, disse: — O pai do Malfoy está em Azkaban. Não vos parece que o Malfoy gostaria de se vingar?

Ron ergueu o olhar, pestanejando.

— O Malfoy, vingar-se? O que é que ele pode fazer?

— É precisamente aí que eu quero chegar, não sei! — exclamou Harry, frustrado. — Mas ele anda a preparar alguma, e eu acho que o devíamos levar a sério. O pai dele é Devorador da Morte e...

Harry interrompeu-se, o olhar fixo na janela por detrás de Hermione, a boca aberta. Tinha acabado de lhe ocorrer uma ideia assustadora.

— Harry? — disse Hermione, ansiosa. — O que é que se passa?

— A tua cicatriz não te começou a doer outra vez, pois não? — perguntou-lhe Ron, muito nervoso.

— O Malfoy é Devorador da Morte — proferiu Harry lentamente. — Ocupou o lugar do pai como Devorador da Morte!

Fez-se um momento de silêncio, que Ron interrompeu com uma gargalhada.

— *O Malfoy*? Ele tem dezasseis anos, Harry! Achas que o Quem-Nós-Sabemos iria deixar o *Malfoy* juntar-se a eles?

— Parece-me muito pouco provável, Harry — opinou Hermione, com uma certa reserva na voz. — O que é que te leva a pensar...?

— Na loja da Madame Malkin. Ela mal lhe tocou, mas ele deu um grito e afastou o braço quando ela lhe tentou arregaçar a manga do lado esquerdo. Foi o braço esquerdo. Ele foi marcado com a Marca Negra.

Ron e Hermione trocaram um olhar.

— Bom... — hesitou Ron, com ar de quem não está nada convencido.

— Eu acho que a única coisa que ele queria era ir-se embora dali — adiantou Hermione.

— Ele mostrou ao Borgin qualquer coisa que nós não conseguimos ver — continuou Harry a insistir teimosamente. — Qualquer coisa que assustou imenso o Borgin. Foi a Marca, eu sei... Ele estava a mostrar ao Borgin com quem é que estava a lidar, vocês viram como o homem o levou a sério!

Ron e Hermione trocaram novo olhar.

— Não sei, Harry...

— Pois eu continuo a achar que o Quem-Nós-Sabemos não ia deixar o Malfoy entrar...

Aborrecido, mas com a certeza absoluta de que tinha razão, Harry pegou num monte de roupa suja de Quidditch e saiu do quarto; Mrs. Weasley andava há dias a insistir com eles para que não deixassem a roupa por lavar e as malas por fazer até à última. No patamar, foi de encontro a Ginny, que ia a caminho do seu quarto com uma pilha de roupa lavada e engomada.

— Se eu fosse a ti, não entrava agora na cozinha — aconselhou-o ela. — Aquilo por lá está cheio de Gosma.

— Vou ver se não me engasgo — disse Harry com um sorriso.

De facto, mal entrou na cozinha, deu com Fleur sentada à mesa da cozinha, a discorrer largamente sobre os planos para o seu casamento com Bill, enquanto Mrs. Weasley, com ar de poucos amigos, mantinha debaixo de olho um molho de couves-de-bruxelas das que se arranjam sozinhas.

— ... O Bill e eu já quase nos decidimos por apenas duas damas de honra, a Ginny e a Gabrielle vão ficar amorrosas juntas. Estou a pensar em vesti-las de dourado claro... é claro que o cor-de-rosa ficaria horrível com o cabelo da Ginny...

— Ah, Harry! — saudou Mrs. Weasley em voz alta, interrompendo o monólogo de Fleur. — Ainda bem, quero dar-te umas explicações a respeito das medidas de segurança para a viagem de amanhã para Hogwarts. Vamos ter carros do Ministério outra vez, e vai haver Aurors à nossa espera na estação...

— A Tonks vai lá estar? — perguntou Harry, entregando-lhe o seu equipamento de Quidditch.

— Não, creio que não, pelo que o Arthur me disse, ela foi colocada noutro lugar.

— Essa Tonks, ela deixou-se ir abaixo — comentou Fleur, examinando o seu próprio reflexo deslumbrante nas costas da colher de chá. — Um grande erro, se querem saber a minha opinião...

— Sim, muito obrigada — retorquiu Mrs. Weasley asperamente, tornando a interromper Fleur. — É melhor despachares-te, Harry, quero os malões prontos esta noite, se possível, para não termos a habitual confusão de última hora.

E, na verdade, a partida, na manhã seguinte, decorreu de forma mais calma que o costume. Quando os carros do Ministério pararam à frente d'A Toca, encontraram todos à sua espera: malões feitos, o gato de Hermione, *Crookshanks*, guardado em segurança no cesto de viagem, e *Hedwig*, *Pigwidgeon*, a coruja de Ron, bem como o Pigmeu Penugento de Ginny, *Arnold*, nas respectivas gaiolas.

— *Au revoir*, Arry — disse Fleur com voz rouca, despedindo-se dele com um beijo. Ron apressou-se a avançar, com ar esperançoso, mas Ginny esticou uma perna, e o irmão tropeçou, caindo ao comprido aos pés de Fleur. Furioso, muito corado e salpicado de pó, foi a correr para o carro sem lhe dizer adeus.

Quando chegaram à estação de King's Cross, não encontraram um Hagrid bem-disposto à sua espera. Em seu lugar, dois Aurors barbudos e mal-encarados, vestidos com fatos escuros de Muggle, aproximaram-se das viaturas mal estas pararam e, um de cada lado do grupo, escoltaram-nos até à estação sem proferirem uma palavra.

— Depressa, depressa, passem pela barreira — indicou Mrs. Weasley, que parecia levemente agitada com aquela eficiência austera. — É melhor o Harry ser o primeiro a ir, com...

Lançou um olhar inquiridor a um dos Aurors, que lhe respondeu com um ligeiro aceno de cabeça, agarrou em Harry pelo braço e tentou encaminhá-lo em direcção à barreira entre as plataformas nove e dez.

— Eu sei ir sozinho, obrigado — ripostou Harry, irritado, soltando o braço da mão do Auror. Empurrou o carrinho com as malas em direcção à sólida barreira, ignorando o seu acompanhante silencioso e, passado um instante, deu por si na plataforma nove e três quartos, onde o Expresso de Hogwarts expelia vapor por cima da multidão.

Hermione e os Weasley reuniram-se-lhe instantes depois. Sem consultar o seu Auror mal-encarado, Harry fez um sinal com a mão a Ron e a Hermione para que o seguissem ao longo da plataforma, à procura dum compartimento vazio.

— Nós não podemos, Harry — disse Hermione, com ar de quem pede desculpa. — O Ron e eu temos de ir para a carruagem dos delegados dos alunos e depois passar um bocado a patrulhar os corredores.

— Ah, pois, já me esquecia — disse Harry.

— O melhor é vocês meterem-se já no comboio, só faltam uns minutos para a partida — interveio Mrs. Weasley, consultando as horas. — Bom, que tenhas um óptimo período, Ron...

— Mr. Weasley, posso dar-lhe uma palavrinha rápida? — pediu Harry, tomando uma decisão repentina.

— Com certeza — assentiu Mr. Weasley, com um ar ligeiramente surpreendido, mas, não obstante, seguindo Harry até aonde os outros não os pudessem ouvir.

Harry reflectira naquele assunto com todo o cuidado e chegara à conclusão de que, se havia alguém a quem devia contar, seria a Mr. Weasley; antes de mais, Mr. Weasley trabalhava no Ministério e, por conseguinte, encontrava-se no lugar ideal para fazer investigações mais aturadas, e, depois, porque Harry considerava que era pouco provável que tivesse um ataque de fúria.

Reparou nos olhares desconfiados que Mrs. Weasley e o Auror mal-encarado lançavam a ambos à medida que se afastavam.

— Quando estivermos na Diagon-Al — começou Harry, mas Mr. Weasley antecipou-se-lhe com uma expressão de desagrado.

— Estarei prestes a descobrir onde é que tu, o Ron e a Hermione andaram desaparecidos, enquanto tentaram convencer toda a gente de que estavam na sala dos fundos da loja do Fred e do George?

— Como é que...?

— Harry, por favor. Estás a falar com o mesmo homem que criou o Fred e o George.

— Hã... pois, bem, nós não estivemos na sala dos fundos.

— Muito bem, então, vamos lá ouvir o pior.

— Bom, nós fomos atrás do Draco Malfoy. Usámos o meu Manto da Invisibilidade.

— Tiveram algum motivo especial para fazerem isso, ou tudo não passou dum capricho da vossa parte?

— Foi porque eu desconfiava de que o Malfoy andava a tramar alguma

— explicou Harry, ignorando o olhar de Mr. Weasley, entre a exasperação e o divertimento. — Ele tinha-se esgueirado de ao pé da mãe, e eu queria descobrir porquê.

— Como não podia deixar de ser — comentou Mr. Weasley com ar resignado. — E então? Descobriste?

— Ele entrou na Borgin e Burkes — afirmou Harry — e começou a intimidar o tipo que lá estava, o Borgin, para que ele lhe consertasse uma coisa qualquer. E também disse que queria que o Borgin lhe guardasse outra coisa qualquer. Pela maneira como falou, parecia que era uma coisa do mesmo género da que precisava de ser consertada. Como se formassem um par. E...

Harry inspirou fundo.

— Há mais uma coisa. Vimos o Malfoy dar um pulo enorme quando a Madame Malkin tentou tocar-lhe no braço esquerdo. Acho que ele foi marcado com a Marca Negra. Estou convencido de que o Malfoy vai substituir o pai como Devorador da Morte.

Mr. Weasley fez um ar surpreendido. Passado um instante, afirmou: — Harry, duvido de que o Quem-Nós-Sabemos fosse permitir que um rapaz de dezasseis anos...

— Será que alguém sabe verdadeiramente o que o Quem-Nós-Sabemos seria capaz de fazer ou não? — indagou Harry, zangado. — Mr. Weasley, desculpe, mas não acha que vale a pena fazer uma investigação? Se o Malfoy precisa de que lhe consertem alguma coisa e, para isso, se vê obrigado a ameaçar o Borgin, o mais provável é que se trate de qualquer coisa perigosa ou relacionada com magia negra, não acha?

— Tenho as minhas dúvidas, Harry — respondeu Mr. Weasley pausadamente. — Sabes, quando o Lucius Malfoy foi preso, fizemos uma busca à casa dele e levámos connosco tudo o que pudesse oferecer perigo.

— Acho que se devem ter esquecido de qualquer coisa — insistiu Harry teimosamente.

— Bom, talvez — admitiu Mr. Weasley, mas Harry percebeu que estava apenas a tentar acalmá-lo.

Ouviu-se um apito atrás deles; já quase todos os passageiros tinham embarcado e as portas do comboio estavam a fechar-se.

— É melhor apressares-te — disse Mr. Weasley, enquanto a esposa gritava: — Harry, despacha-te!

— Olha, meu querido, tu vens passar o Natal connosco; já está tudo tratado com o Dumbledore, por isso tornamo-nos a ver em breve — despediu-se Mrs. Weasley pela janela, enquanto Harry fechava a porta com força, e o comboio começava a avançar. — Vê lá se tens cuidado contigo e...

O comboio ia ganhando velocidade.

— ... porta-te bem e...

Mrs. Weasley era agora obrigada a correr para se manter a par da janela.

— ... não te metas em sarilhos!

Harry acenou até ao comboio descrever uma curva e ele perder Mr. e Mrs. Weasley de vista; em seguida deu meia-volta para ir ver onde é que os outros se tinham metido. Calculava que Ron e Hermione estivessem enclausurados na carruagem dos delegados dos alunos, mas Ginny encontrava-se um pouco mais adiante no corredor, a conversar com uns amigos. Harry dirigiu-se a ela, arrastando o malão atrás de si.

À medida que ia percorrendo o corredor, toda a gente olhava para ele descaradamente. Chegavam mesmo ao ponto de encostarem a cara às janelas dos compartimentos para o verem melhor. Harry já estava à espera dum acréscimo dos olhares e bocas abertas de espanto que seria obrigado a aguentar durante esse período, depois de todos os rumores que tinham surgido n' *O Profeta Diário* a respeito de «O Eleito», mas a sensação de ter todas as atenções concentradas nele daquela maneira não lhe agradava.

Bateu ao de leve no ombro de Ginny.

— Apetece-te ir à procura dum compartimento?

— Não posso, Harry. Combinei encontrar-me com o Dean — respondeu Ginny muito animada. — Até logo.

— Está bem — disse Harry. Sentiu uma estranha pontada de aborrecimento quando a viu a afastar-se, com o seu longo cabelo ruivo a dançar-lhe nas costas. Habituara-se de tal forma à sua presença durante o Verão, que quase se esquecera de que Ginny não andava com ele, Ron e Hermione quando estava na escola. Em seguida, pestanejou e olhou em seu redor: estava rodeado de raparigas hipnotizadas.

— Olá, Harry! — cumprimentou-o uma voz familiar atrás dele.

— Neville! — exclamou Harry aliviado, virando-se e vendo um rapaz de

cara redonda a debater-se para conseguir chegar até ele.

— Olá, Harry — disse uma rapariga de cabelo comprido e uns grandes olhos vagos, que estava mesmo atrás de Neville.

— Luna, olá, como estás?

— Muito bem, obrigada — respondeu Luna. Trazia uma revista encostada ao peito; um anúncio na capa anunciava, em letras garrafais, que havia um par de Espectróculos de graça lá dentro.

— A *Voz Delirante* continua em grande actividade, hein? — observou Harry, que sentia um certo afecto pela revista, uma vez que lhe tinha concedido uma entrevista exclusiva no ano anterior.

— Oh, sim, as tiragens têm vindo a subir — respondeu Luna toda satisfeita.

— Vamos à procura de lugar — disse Harry, e começaram os três a percorrer os corredores do comboio, passando por hordas de alunos que ficavam em silêncio, embasbacados a olhar para eles. Por fim, encontraram um compartimento vazio, e Harry apressou-se a entrar nele, aliviado.

— Eles até para *nós* ficam a olhar — constatou Neville, apontando para si próprio e para Luna —, porque estamos contigo!

— Eles ficam a olhar para ti, porque também estiveste no Ministério — afirmou Harry, enquanto içava o malão para a rede de bagagens. — A nossa pequena aventura teve grande destaque n' *O Profeta Diário*, como deves ter visto.

— Sim, até achei que a minha avó se iria zangar por causa daquela publicidade toda — disse Neville —, mas afinal ficou toda satisfeita. Diz que até que enfim que eu começo a mostrar-me à altura do meu pai. Comprou-me uma varinha nova, vejam!

Tirou a varinha cá para fora e mostrou-a a Harry.

— Madeira de cerejeira e pêlo de unicórnio — declarou ele orgulhosamente. — Julgamos que foi uma das últimas que o Ollivander vendeu, porque ele desapareceu no dia seguinte... então, volta aqui, *Trevor!*

E Neville mergulhou debaixo do banco para ir buscar o sapo, que fizera mais uma das suas frequentes tentativas de fuga.

— Vamos continuar a ter encontros do ED este ano, Harry? — questionou-o Luna, que estava a destacar um par de óculos psicadélicos das páginas centrais d' *A Voz Delirante*.

— Agora que nos livrámos da Umbridge, já não há razão para isso, não achas? — retorquiu Harry, sentando-se. Neville deu uma cabeçada no banco quando se ia a levantar. Fez um ar extremamente desapontado.

— Eu gostava do ED! Aprendi montes de coisas contigo!

— Eu também gostava dos nossos encontros — concordou Luna tranquilamente. — Era o mesmo que ter amigos.

Aquela era uma daquelas observações constrangedoras que Luna por vezes fazia e que causavam a Harry um mal-estar, misto de pena e embaraço. Contudo, antes de ele ter oportunidade de responder, ouviram sinais de distúrbios do lado de fora da porta do seu compartimento: um ajuntamento de raparigas do quarto ano estava aos sussurros e aos risinhos do outro lado da vidraça.

— Convida-o tu!

— Não, tu!

— Eu convido!

E uma delas, uma rapariga de ar atrevido, uns grandes olhos escuros, queixo proeminente e cabelo preto comprido, começou a empurrar as outras para chegar à porta.

— Olá, Harry, eu sou a Romilda, Romilda Vane — anunciou ela numa voz alta e confiante. — Por que é que não nos vens fazer companhia para o nosso compartimento? Não precisas de ficar aí sentado com *elas* — acrescentou ela num aparte destinado a ser ouvido por Luna e Neville, e apontando para o traseiro de Neville, que estava outra vez espetado debaixo do assento, enquanto ele andava às apalpadelas à procura de *Trevor*, e Luna, que tinha agora postos os seus Espectróculos, que lhe davam um ar de coruja demente e multicolorida.

— Eles são meus amigos — respondeu Harry friamente.

— Oh — disse a rapariga, com um ar muito surpreendido. — Oh. Pronto.

E desapareceu, fazendo deslizar a porta atrás de si.

— As pessoas estão à espera de que tenhas amigos mais fixes que nós — comentou Luna, exibindo mais uma vez o seu talento para a franqueza embaraçosa.

— Vocês são fixes — limitou-se Harry a responder. — Nenhuma delas esteve no Ministério. Elas não lutaram ao meu lado.

— É muito simpático da tua parte dizeres isso — admitiu Luna, radiante, ajeitando os seus Espectróculos no nariz e instalando-se a ler *A Voz Delirante*.

— Mas nós não *o* enfrentámos — contrapôs Neville, surgindo de debaixo do assento com cotão e pó agarrados ao cabelo e um *Trevor* de ar resignado na mão. — Tu é que enfrentaste. Devias ouvir o que a minha avó diz a teu respeito. «*Aquele Harry Potter tem mais coragem que o Ministério todo junto!*» Ela daria tudo para te ter como neto...

Harry soltou uma gargalhada desconfortável e, logo que pôde, puxou a

conversa para os Níveis Puxados de Feitiçaria. À medida que Neville ia desfiando as classificações que obtivera e se perguntava se teria autorização para fazer Transfiguração dos Exames de Feitiçaria Barbaramente Extenuantes, tendo tido apenas «Aceitável», Harry ficou a olhar para o amigo sem prestar grande atenção ao que ele dizia.

A infância de Neville fora tão atormentada por Voldemort como a de Harry, mas Neville não fazia ideia de que fora por um triz que não tivera o mesmo destino de Harry. A profecia poderia aplicar-se a qualquer um deles, todavia, por razões que apenas o próprio poderia explicar, Voldemort preferira acreditar que era a Harry que ela se referia.

Tivesse Voldemort escolhido Neville, e seria agora Neville a encontrar-se em frente de Harry com uma cicatriz em forma de raio na testa e o peso da profecia nos ombros... ou não? Teria a mãe de Neville morrido para salvar o filho, como Lily morrera por Harry? Seguramente... mas, e se ela não tivesse tido a possibilidade de se colocar entre o filho e Voldemort? Será que nesse caso não teria havido nenhum «Eleito»? Um banco vazio onde neste momento Neville estava sentado, e um Harry sem cicatrizes de quem a própria mãe, e não a de Ron, acabara de se despedir com um beijo?

— Está tudo bem, Harry? Estás com um ar esquisito — comentou Neville.

Harry estremeceu.

— Desculpa... eu...

— Foste apanhado por um Wrackspurt? — perguntou-lhe Luna em tom compreensivo, espreitando Harry através das suas enormes lentes coloridas.

— Eu... o quê?

— Um Wrackspurt... São invisíveis, entram-nos pelas orelhas a flutuar e fazem o nosso cérebro ficar confuso — explicou-lhe ela. — Pareceu-me sentir um a zumbir aqui à volta.

Começou a agitar os braços no ar, como se quisesse afastar grandes traças invisíveis. Os olhares de Harry e Neville cruzaram-se, e puseram-se ambos imediatamente a falar de Quidditch.

Do lado de fora da janela, o tempo mantinha-se tão instável como estivera durante todo o Verão; ao longo do percurso, apanharam umas vezes nevoeiro gélido, depois o sol rompia timidamente. Foi durante um destes momentos de céu limpo, com o Sol visível quase directamente por cima das suas cabeças, que Ron e Hermione entraram, por fim, no compartimento.

— Quem me dera que o carrinho dos almoços se despachasse, estou esfomeado — disse Ron ansiosamente, deixando-se cair no lugar ao lado de Harry e esfregando o estômago. — Olá, Neville, olá, Luna. És capaz de

adivinhar uma coisa? — acrescentou ele, virando-se para Harry. — O Malfoy não está a cumprir as obrigações de delegado dos alunos. Está apenas sentado no compartimento com os outros Slytherin, vimo-lo quando passámos por ele.

Harry sentou-se muito direito, curioso. Não era nada típico de Malfoy desperdiçar a oportunidade de demonstrar o seu poder enquanto delegado dos alunos, do qual abusara a seu bel-prazer ao longo de todo o ano anterior.

— E o que é que ele fez quando te viu?

— O costume — respondeu Ron em tom indiferente, fazendo um gesto grosseiro com a mão. — Mas não é nada o género dele, pois não? Bom... isto é... — repetiu o gesto com a mão —, mas por que é que ele não anda por aí a intimidar os alunos do primeiro ano?

— Sei lá — respondeu Harry, mas os seus pensamentos precipitavam-se a toda a velocidade. Não seria aquela atitude um sinal de que Malfoy tinha coisas mais importantes com que se preocupar que intimidar os alunos mais novos?

— Talvez ele prefira a Brigada Inquisitorial — sugeriu Hermione. — Talvez, depois disso, ser delegado dos alunos lhe pareça um pouco monótono.

— Eu não acho — retorquiu Harry. — Eu acho que ele...

Contudo, antes de ter oportunidade de expor a sua teoria, a porta do compartimento tornou a deslizar e uma rapariga do terceiro ano entrou, ofegante.

— Mandaram-me entregar isto ao Neville Longbottom e ao Harry Potter — gaguejou ela, enquanto os seus olhos se cruzavam com os de Harry e ela ficava escarlate. Trazia na mão dois rolos de pergaminho atados com uma fita violeta. Perplexos, Harry e Neville pegaram no respectivo rolo, e a rapariga saiu do compartimento a passo vacilante.

— O que é? — perguntou Ron, enquanto Harry desenrolava o seu.

— Um convite — respondeu Harry.

Harry,

teria muito gosto que me fizesses companhia para um almoço ligeiro no compartimento C.

Atenciosamente, Professor H. E. F. Slughorn

— Quem é o Professor Slughorn? — interrogou-os Neville, olhando perplexo para o seu próprio convite.

— Um novo professor — respondeu Harry. — Bom, acho que é melhor

irmos andando, não achas?

— Mas o que é que ele quer de mim? — perguntou Neville, muito nervoso, como se estivesse à espera de que o fossem pôr de castigo.

— Não faço ideia — disse Harry, o que não era inteiramente verdade, embora ainda não tivesse provas de que o seu palpite estava certo. — Ouve — acrescentou ele, tomado duma súbita inspiração —, vamos debaixo do Manto da Invisibilidade, assim, podíamos olhar bem para o Malfoy pelo caminho e descobrirmos o que é que ele anda a tramar.

A ideia, porém, não se concretizou: os corredores, que estavam inundados de gente à espera do carrinho dos almoços, eram impossíveis de atravessar com o Manto colocado. Harry tornou a enfiá-lo pesadamente dentro do saco, a pensar que teria sido agradável poder usá-lo só para evitar todos aqueles olhares fixos nele, que pareciam ter aumentado de intensidade mesmo desde a última vez que ele tivera de percorrer o comboio. De quando em vez, os alunos saíam a correr dos respectivos compartimentos para o verem melhor. A exceção foi Cho Chang, que se precipitou para dentro do seu mal viu Harry aproximar-se. Quando Harry passou pela janela dela, viu-a profundamente embrenhada a conversar com a sua amiga Marietta, que trazia uma espessa camada de maquilhagem que, porém, não conseguia ocultar por completo a estranha disposição das borbulhas que lhe marcavam o rosto. Com um leve sorriso malicioso, Harry continuou a abrir caminho e a seguir em frente.

Quando chegaram ao compartimento C, constataram de imediato que não eram os únicos convidados de Slughorn, embora, a julgar pelo entusiasmo das boas-vindas do professor, Harry fosse aquele aguardado com maior expectativa.

— Harry, meu caro! — exclamou Slughorn, levantando-se de um salto ao vê-lo, de forma que a sua enorme barriga coberta de veludo pareceu preencher todo o espaço livre no compartimento. A sua calva brilhante e o grande bigode prateado reluziam tanto à luz do Sol como os botões dourados do seu colete. — Que bom encontrar-te, que bom! E o senhor deve ser Mr. Longbottom!

Neville assentiu com a cabeça, com ar assustado. A um gesto de Slughorn, sentaram-se nos únicos lugares vagos, que eram os mais próximos da porta. Harry olhou de relance para os outros convidados. Reconheceu um Slytherin do mesmo ano que eles, um rapaz negro, alto, com maçãs do rosto bem definidas e uns olhos rasgados e oblíquos; havia também dois rapazes do sétimo ano que Harry não conhecia e, espremida a um canto, ao lado de Slughorn e com ar de que não tinha bem a certeza de como fora ali parar, Ginny.

— Então, já conhecem toda a gente? — perguntou Slughorn a Harry e a Neville. — O Blaise Zabini é do vosso ano, claro...

Zabini não fez qualquer gesto de reconhecimento nem de saudação, e Harry e Neville pagaram-lhe na mesma moeda; os alunos de Gryffindor e Slytherin odiavam-se por princípio.

— Este é o Cormac McLaggen, talvez já se tenham cruzado...? Não?

McLaggen, um adolescente avantajado com cabelo de palha-de-aço, levantou uma mão, e Harry e Neville retribuíram-lhe com um aceno de cabeça.

— ...e este é o Marcus Belby, não sei se...?

Belby, que era magro e tinha aspecto de ser nervoso, fez um sorriso forçado.

— ...e *esta* jovem encantadora contou-me que vos conhece! — concluiu Slughorn.

Ginny fez uma careta a Harry e a Neville nas costas do professor.

— Bom, então, é um prazer ter-vos aqui — declarou Slughorn em tom acolhedor. — Uma oportunidade para vos ficar a conhecer um pouco melhor. Toma, tens aqui um guardanapo. Eu já trouxe o almoço feito de casa, o carrinho, ao que me lembro, está cheio de Varinhas de Alcaçuz, e o sistema digestivo dum homem da minha idade já não está para aventuras dessas... Faisão, Belby?

Belby fez um ar surpreso, mas aceitou o que parecia ser meio faisão frio.

— Estava mesmo agora a dizer aqui ao jovem Marcus que tive o prazer de dar aulas ao seu tio Damocles — relatou Slughorn a Harry e a Neville, enquanto ia fazendo passar por todos um cesto com pãezinhos. — Um feiticeiro excepcional, verdadeiramente excepcional, e a Ordem de Merlin que recebeu foi mais que merecida. Costumas ver o teu tio muitas vezes, Marcus?

Infelizmente, Belby acabara dar uma enorme dentada no faisão; com a precipitação de responder ao professor, engoliu demasiado depressa, ficou purpúreo e começou a sufocar.

— *Anapneo* — declarou Slughorn com toda a calma, apontando a sua varinha a Belby, cujas vias respiratórias se libertaram imediatamente.

— Não... não o vejo muito, não — arquejou Belby, com os olhos a chorar.

— Bem, é claro, presumo que ele ande muito ocupado — observou Slughorn, lançando um olhar inquiridor a Belby. — Imagino o que ele não tenha tido de se esforçar para inventar a Poção Perdição do Lobo!

— Acho que sim... — disse Belby, que parecia receoso de dar nova dentada no faisão até ter a certeza de que Slughorn já o tivesse despachado.

— Hã... ele e o meu pai não se dão muito bem, sabe, por isso eu não sei muita coisa a respeito...

A sua voz foi esmorecendo à medida que Slughorn lhe dirigia um sorriso reservado e se virava ao invés para McLaggen.

— Agora, *tu*, Cormac — disse o professor —, por acaso, sei que tu te encontras muitas vezes com o teu tio Tiberius, porque ele possui uma fotografia esplêndida de ambos a caçar Notgails em... estarei correcto, Norfolk?

— Oh, sim, isso foi muito divertido, sem dúvida — respondeu McLaggen. — Fomos para lá com o Bertie Higgs e com o Rufus Scrimgeour... Isto antes de ele ser Ministro, obviamente...

— Ah, então tu também conheces o Bertie e o Rufus? — comentou Slughorn com um sorriso radiante, oferecendo agora tartes duma pequena bandeja; por uma razão qualquer, Belby ficou de fora. — Agora conta-me...

Era tal qual Harry suspeitara. Todos os que ali estavam pareciam ter sido convidados pela sua ligação a alguém famoso ou bem-relacionado... todos à excepção de Ginny. A mãe de Zabini, que foi interrogado a seguir a McLaggen, era uma feiticeira famosa pela sua beleza (por aquilo que Harry conseguiu perceber, a senhora tinha sido casada sete vezes, tendo todos os maridos morrido em circunstâncias misteriosas, deixando-lhe carradas de ouro). Em seguida, chegou a vez de Neville, dez minutos de grande constrangimento, pois os pais de Neville, um casal de Aurors bem conhecido, tinham sido torturados até à loucura por Bellatrix Lestrange juntamente com uns quantos Devoradores da Morte seus amigalhaços. No fim da entrevista a Neville, Harry ficou com a impressão de que o juízo de Slughorn a respeito do amigo era reservado, à espera de ver se ele possuía ou não alguma das aptidões dos pais.

— E agora — declarou o professor, remexendo o seu corpo maciço no lugar com o ar dum apresentador que anuncia a subida ao palco da estrela do espectáculo. — Harry Potter! *Por onde* hei-de eu começar? Sinto que mal rocei a superfície quando nos conhecemos durante o Verão!

Ficou um instante a contemplar Harry, como se este fosse um naco de faisão particularmente carnudo e suculento, em seguida, disse: — «O Eleito», chamam-te eles agora!

Harry não disse nada. Belby, McLaggen e Zabini estavam todos de olhos fixos nele.

— É claro — prosseguiu o professor, observando Harry de perto —, há anos que os rumores correm... Estou lembrado de quando... bom... depois daquela noite *terrível*... a Lily... o James... e tu sobreviveste... e o que se

dizia era que tu devias ter poderes para lá do normal...

Zabini soltou uma leve tossidela claramente destinada a mostrar o seu cepticismo divertido. Uma voz zangada irrompeu por detrás de Slughorn.

— Pois, Zabini, porque *tu tens* tanto talento... para te armares...

— Oh, meu Deus! — Slughorn soltou uma gargalhada bem-disposta, dirigindo o olhar a Ginny, que estava a olhar furiosa para Zabini, por cima da enorme barriga do professor. — Se eu fosse a ti, tinha cuidado, Blaise! Vi esta jovem senhora a realizar um Feitiço do Morcego verdadeiramente magnífico quando vinha a passar pela carruagem dela! Eu cá não a fazia zangar!

Zabini limitou-se a arvorar um ar de desprezo.

— Mas passemos adiante — decidiu o professor, virando-se para Harry. — Mas *que* rumores que se ouviram neste Verão. É claro, uma pessoa já nem sabe bem em quem é que há-de acreditar, as imprecisões publicadas pel' *O Profeta* são do conhecimento geral, já para não falar dos erros... contudo, duma coisa parece não restarem dúvidas, dada a quantidade de testemunhas: ocorreram *grandes* distúrbios no Ministério, e tu estiveste no centro dos acontecimentos!

Harry, que não estava a ver nenhuma saída possível dali a não ser através duma mentira descarada, assentiu com a cabeça, mas ainda assim não disse nada. Slughorn dirigiu-lhe um sorriso radioso.

— Tão modesto, tão modesto, não admira que o Dumbledore goste tanto... Então, sempre lá estiveste? Mas o resto das histórias... tão sensacionais, é claro, uma pessoa nem sabe bem no que é que há-de acreditar... este mito da profecia, por exemplo...

— Nós não ouvimos profecia nenhuma — interrompeu Neville, ficando da cor dum gerânio cor-de-rosa.

— Isso mesmo — confirmou Ginny com lealdade. — Eu e o Neville também estivemos lá, e todo este disparate de «O Eleito» não passa de mais uma das invenções do costume d' *O Profeta*.

— Ai vocês também lá estiveram os dois, não foi? — disse Slughorn muito interessado, olhando de Ginny para Neville, mas ambos ficaram calados que nem ratos perante o sorriso de encorajamento do professor. — Bom... Sim... é verdade que não é raro *O Profeta* exagerar... — prosseguiu Slughorn, parecendo ligeiramente desiludido. — Recordo-me de a minha querida Gwenog me contar... a Gwenog Jones, quero eu dizer, Capitã das Holyhead Harpies...

Perdeu-se em longas reminiscências entediantes, mas Harry ficou com a nítida impressão de que o professor ainda não o despachara, e que não se deixara convencer por Neville e Ginny.

A tarde foi-se aproximando do fim com mais histórias a respeito de feiticeiros ilustres que tinham sido alunos de Slughorn e que, sem exceção, se tinham mostrado encantados por aderirem ao que ele designava por o «Clube dos VIPs», em Hogwarts. Harry estava ansioso por se ir embora, mas não conseguia arranjar forma de o fazer sem ser indelicado. Por fim, o comboio emergiu de mais uma extensão de neblina para um pôr do Sol vermelho, e o professor olhou em seu redor, pestanejando à luz do crepúsculo.

— Deus me valha, já está a anoitecer! Não tinha reparado que tinham acendido as luzes! É melhor irem mudar de roupa, todos vocês. McLaggen, tens de me fazer uma visita para eu te emprestar aquele livro sobre Notgails. Harry, Blaise... sempre que quiserem ver-me, farei todo o gosto em vos receber. O mesmo se aplica a si, menina. — Piscou o olho a Ginny. — Bom, vão andando, vão andando!

Enquanto empurrava Harry para sair para o corredor, Zabini deitou-lhe um olhar sinistro, que Harry retribuiu com juro. Ele, Ginny e Neville seguiram Zabini ao longo do comboio.

— Ainda bem que acabou — desabafou Neville. — Que homem tão estranho, não acham?

— Pois, é um bocadinho — concordou Harry, de olhos postos em Zabini. — Como é que foste ali parar, Ginny?

— Ele viu-me a enfeitiçar o Zacharias Smith — explicou-lhe Ginny —, lembras-te, aquele idiota dos Hufflepuff que andava no ED? Ele não parava de me aborrecer com perguntas sobre o que se passou no Ministério, e por fim eu já estava tão farta dele, que lhe lancei um feitiço... Quando o Slughorn entrou, eu julguei que me fosse pôr de castigo, mas ele achou que o feitiço estava ótimo e convidou-me para almoçar! Que loucura, hem?

— É uma razão mais válida para convidar alguém que a mãe ser famosa — opinou Harry, dirigindo um olhar ameaçador à cabeça de Zabini —, ou porque o tio...

Porém, interrompeu-se. Acabara de lhe ocorrer uma ideia, uma ideia ousada, contudo, potencialmente maravilhosa... dentro de momentos, Zabini iria tornar a entrar no compartimento do sexto ano dos Slytherin, e Malfoy estaria lá sentado, a pensar que ninguém o poderia ouvir para além dos seus colegas... Se ao menos Harry conseguisse lá entrar, sem ser visto, atrás dele, o que não poderia ele ouvir ou ver? É verdade, faltava pouco para a viagem chegar ao fim... a estação de Hogsmeade ficava de certeza a menos duma hora de caminho, a julgar pela paisagem agreste que se avistava das janelas... Mas mais ninguém parecia disposto a levar as suspeitas de Harry a sério, por isso cabia-lhe a ele provar que eram

verdadeiras.

— Até mais logo — disse Harry em voz baixa, puxando do seu Manto da Invisibilidade e atirando-o sobre si próprio.

— Mas aonde é que tu...? — interrogou-o Neville.

— Depois falamos! — sussurrou-lhe Harry, saindo disparado atrás de Zabini o mais silenciosamente que conseguia, embora o barulho da trepidação do comboio tornasse essa precaução quase desnecessária.

Nesse momento, os corredores já se encontravam praticamente sem ninguém. Quase todos os passageiros tinham voltado para as respectivas carruagens, para vestirem o uniforme da escola e arrumarem os seus pertences. Embora estivesse o mais próximo possível de Zabini sem lhe tocar, Harry não teve rapidez suficiente para se esgueirar para dentro do compartimento quando Zabini abriu a porta. Este já estava a fechá-la quando Harry se precipitou a enfiar um pé na fresta para o impedir.

— O que é que se passa com esta coisa? — disse Zabini irritado, enquanto fazia bater a porta repetidamente contra o pé de Harry.

Harry segurou porta e, com toda a força, obrigou-a a abrir-se; Zabini, ainda agarrado à maçaneta, tombou de lado no colo de Gregory Goyle, e, na confusão que se seguiu, Harry entrou de rompante no compartimento, saltou para o lugar temporariamente vago de Zabini e içou-se para a rede de bagagens. Era uma sorte que Goyle e Zabini estivessem a disparatar um com o outro, atraindo todas as atenções sobre si próprios, pois Harry tinha quase a certeza de que os seus pés e tornozelos tinham ficado à mostra quando o Manto ondulara em seu redor; na realidade, por um instante terrível, julgou sentir o olhar de Malfoy a seguir um dos seus ténis, enquanto este desaparecia de vista; mas então Goyle puxou a porta com força para a fechar e atirou Zabini para longe, Zabini foi cair no seu lugar com um ar arrufado, Vicent Crabbe tornou a virar a sua atenção para a revista de banda desenhada que estava a ler e Malfoy, dando uma gargalhada abafada, estendeu-se ao comprido, ocupando dois lugares, com a cabeça apoiada no colo de Pansy Parkinson. Harry ficou desconfortavelmente enroscado debaixo do Manto, de forma a garantir que nem um centímetro do seu corpo ficasse de fora, a ver Pansy a afastar o cabelo louro e liso da testa de Malfoy, com um sorriso afectado, como se não houvesse ninguém que não gostasse de estar no lugar dela. As lanternas que baloiçavam no tecto da carruagem faziam incidir uma luz intensa sobre este cenário: Harry era capaz de ler todas as palavras da revista de banda desenhada de Crabbe, sentado por baixo dele.

— Então, Zabini — disse Malfoy —, o que é que o Slughorn te queria?

— Estava só a tentar fazer-se a pessoas bem-relacionadas — respondeu

Zabini, que continuava a fitar Goyle com olhar ameaçador. — Não que ele conseguisse encontrar muitas.

Esta informação não pareceu agradar a Malfoy.

— Quem mais convidou ele? — quis saber ele.

— O McLaggen dos Gryffindor — respondeu Zabini.

— Oh, sim, o tio dele é um dos manda-chuvas do Ministério — constatou Malfoy.

— ...outro qualquer chamado Belby, dos Ravenclaw...

— Esse não! Não passa dum idiota! — comentou Pansy.

— ...e o Longbottom, o Potter e a miúda Weasley — concluiu Zabini.

Malfoy endireitou-se subitamente, empurrando a mão de Patsy.

— Ele convidou o *Longbottom*?

— Bom, presumo que sim, uma vez que ele lá estava — respondeu Zabini num tom de indiferença.

— Que interesse é que o Longbottom pode ter para o Slughorn?

Zabini encolheu os ombros.

— Potter, o nosso precioso Potter, é óbvio que ele queria ver *O Eleito* — escarneceu Malfoy —, mas aquela miúda Weasley! O que é que *ela* tem de tão especial?

— Há imensos rapazes que gostam dela — afirmou Pansy, observando Malfoy pelo canto do olho para ver a sua reacção. — Até tu achas que ela é bonita, não achas, Blaise, e todos nós sabemos como é difícil agradar-te!

— Não tocava numa maldita traidora nojenta como ela por muito bonita que fosse — retorquiu Zabini com frieza, deixando Pansy toda satisfeita. Malfoy voltou a deixar-se cair no seu colo e deu-lhe autorização que lhe tornasse a afagar o cabelo.

— Bom, lamento que o Slughorn tenha mau gosto. Talvez esteja a ficar um bocadito senil. Que pena, o pai sempre me disse que, nos seus velhos tempos, ele era um bom feiticeiro. O pai foi uma espécie de favorito dele. Provavelmente o Slughorn não sabe que eu estou no comboio, senão...

— Se eu fosse a ti, não contava com um convite — retorquiu Zabini. — Quando eu cheguei, ele perguntou-me pelo pai do Nott. Ao que parece, foram velhos amigos, mas quando ele ouviu dizer que ele tinha sido apanhado no Ministério, não ficou nada satisfeito, e o Nott não recebeu convite nenhum, pois não? Não me parece que o Slughorn esteja interessado em Devoradores da Morte.

Malfoy fez um ar zangado, mas forçou uma gargalhada estranhamente destituída de humor.

— Bom, mas quem é que se rala com o que lhe interessa a ele? Quem é ele, se formos a ver bem? Um estúpido dum professor qualquer. — Malfoy

soltou um bocejo espalhafatoso. — Afinal de contas, eu talvez até nem esteja em Hogwarts no próximo ano, o que é que me interessa se um velho gordo e ultrapassado gosta de mim ou não?

— O que é que queres dizer com isso, de poderes não estar em Hogwarts no próximo ano? — interveio Pansy muito indignada, parando imediatamente de acariciar Malfoy.

— Bom, nunca se sabe — declarou este, com um leve sorriso afectado. — Eu posso... hã... ter avançado entretanto para coisas melhores e mais importantes.

Agachado na rede de bagagens por baixo do Manto, Harry sentiu o coração começar a bater desenfreadamente. O que iriam Ron e Hermione dizer daquilo? Crabbe e Goyle estavam pasmados a olhar para Malfoy; dava a ideia de que não faziam a mais pequena ideia dos planos para avançar para coisas melhores e mais importantes. Até mesmo Zabini permitira que uma expressão de curiosidade desfigurasse as suas feições altivas. Pansy tornou a afagar o cabelo de Malfoy, com um ar intrigado.

— Estás a referir-te a... *Ele*?

Malfoy encolheu os ombros.

— A mãe quer que eu acabe os estudos, mas, por mim, ultimamente já não considero que isso seja assim tão importante como isso. Quer dizer, pensem lá... Quando o Senhor das Trevas assumir o poder, vai-se ralar quantos NPF e EFBES é que cada um fez? É claro que não... Vai tudo depender do tipo de serviço que lhe tivermos prestado, do nível de devoção que lhe tivermos mostrado.

— E *tu* achas que vais ser capaz de fazer alguma coisa por ele? — retorquiu Zabini em tom irónico. — Com dezasseis anos de idade e sem habilitações sequer?

— Acabei de dizer isso mesmo, ou não foi? Talvez ele não queira saber se tenho habilitações ou não. Talvez o serviço para que ele me quer não exija habilitações — respondeu Malfoy calmamente.

Crabbe e Goyle estavam ambos sentados, boquiabertos como duas gárgulas. Pansy contemplava Malfoy de cima, como se nunca tivesse ouvido nada tão digno de admiração.

— Já estou a ver Hogwarts — disse Malfoy, claramente a apreciar o efeito que acabara de criar, enquanto apontava para fora da janela escurecida. É melhor irmos vestir os uniformes.

Harry estava tão ocupado a olhar para Malfoy, que não reparou em Goyle, que se esticava para retirar o seu malão; quando o puxou para baixo, o malão atingiu Harry com força na parte lateral da cabeça. Este soltou um gemido involuntário de dor e Malfoy ergueu o olhar para a rede de

bagagens, de sobrolho franzido.

Harry não tinha medo de Malfoy, mas, ainda assim, não lhe agradava muito a ideia de ser apanhado escondido debaixo do Manto da Invisibilidade por um grupo hostil de Slytherins. Com os olhos ainda a chorar e a cabeça a latejar, puxou da varinha, com cuidado para não tirar o Manto do sítio, e ficou à espera, com a respiração suspensa. Para seu grande alívio, Malfoy pareceu concluir que o barulho fora produto da sua imaginação; vestiu o uniforme, tal como os outros, fechou o malão à chave e, à medida que o comboio ia abrandando com sacudidelas irregulares, abotoou um manto de viagem, novo e grosso, em volta do pescoço.

Harry viu os corredores a encherem-se novamente e desejou que Ron e Hermione lhe levassem a bagagem para a plataforma; estava ali encurralado até o compartimento ficar quase vazio. Por fim, com uma derradeira sacudidela, a composição deteve-se por completo. Goyle abriu a porta de rompante e, aos encontrões, foi abrindo caminho através da multidão de alunos do segundo ano; Crabbe e Zabini seguiram atrás dele.

— Vai tu à frente — disse Malfoy a Pansy, que estava à espera dele com a mão estendida como se confiasse que ele a fosse agarrar. — Quero só verificar uma coisa.

Pansy foi-se embora. Agora Harry e Malfoy encontravam-se sozinhos no compartimento. Os passageiros desfilavam por eles, descendo para a plataforma escura. Malfoy aproximou-se da porta do compartimento e correu as persianas, de forma que as pessoas no corredor não pudessem espreitar. Em seguida, debruçou-se sobre o seu malão e tornou a abri-lo.

Harry espreitou para baixo pela beira da rede de bagagens, com o coração a bombear um pouco mais depressa. O que queria Malfoy esconder de Pansy? Estaria ele prestes a ver o objecto misterioso estragado que era tão importante consertar?

— *Petrificus Totalus!*

Subitamente, Malfoy apontou a varinha a Harry, que ficou de imediato paralisado. Como em câmara lenta, oscilou na rede de bagagens e caiu, despenhando-se no chão com um choque agonizante, aos pés de Malfoy, com o Manto da Invisibilidade preso por baixo dele, todo o seu corpo visível com as pernas numa posição absurda, ainda completamente dobradas debaixo do corpo, como se estivesse de joelhos. Não conseguia mexer um único músculo; apenas conseguia olhar para Malfoy, que exibia um largo sorriso.

— Eu bem me parecia — disse ele com ar jubilante. — Ouvi o malão do Goyle bater-te. E tive a impressão de ver uma coisa branca passar de repente por cima de mim quando o Zabini entrou... — Os seus olhos

demoraram-se uns instantes no ténis de Harry. — Foste tu quem bloqueou a porta quando o Zabini voltou, não foste?

Deixou-se ficar um momento a observar Harry.

— Não ouviste nada que seja importante para mim, Potter. Mas enquanto te tenho aqui...

E deu uma pisadela com força na cara de Harry. Harry sentiu o nariz partir-se; o sangue começou a jorrar por todo o lado.

— Essa foi pelo meu pai. Agora, vejamos...

Malfoy puxou o Manto de debaixo do corpo imobilizado de Harry e atirou-o sobre este.

— Acho que só te vão encontrar quando o comboio tiver regressado a Londres — afirmou ele em voz baixa. — A gente vê-se, Potter... ou não.

E, tendo o cuidado de pisar os dedos de Harry, Malfoy abandonou o compartimento.

VIII

A VITÓRIA DE SNAPE

Harry não conseguia mexer um único músculo. Ficou ali estendido, debaixo do Manto da Invisibilidade, a sentir o sangue, quente e húmido, a escorrer-lhe do nariz para a cara, a ouvir as vozes e os passos no corredor do outro lado. O seu primeiro pensamento foi que alguém, seguramente, iria inspeccionar os compartimentos, antes de o comboio tornar a partir. Contudo, de imediato foi tomado pelo desânimo, ao compreender que ainda que viesse alguém verificar o compartimento, não conseguiria ouvi-lo nem vê-lo. O melhor que podia esperar era que alguém entrasse lá dentro e tropeçasse nele.

Harry nunca detestara tanto Malfoy como naquele momento, ali deitado, como uma tartaruga ridícula de barriga para o ar, o sangue que lhe gotejava para a boca aberta a agonizá-lo. Que situação tão estúpida em que se fora meter... e agora os últimos passos desapareciam ao longe; já estavam todos lá fora, a calcorrear a plataforma escura; ouvia malões a arrastar e gente a tagarelar em voz alta.

Ron e Hermione iriam pensar que se tinha ido embora do comboio sem eles. Quando tivessem chegado a Hogwarts e ocupado os seus lugares no Salão, olhariam ao longo da mesa dos Gryffindor algumas vezes e perceberiam finalmente que Harry não se encontrava lá; seguramente já iria a meio caminho de Londres.

Tentou emitir qualquer som, até mesmo um grunhido, mas era-lhe impossível. Depois lembrou-se de que alguns feiticeiros, como por exemplo Dumbledore, eram capazes de realizar feitiços sem falar, por isso tentou Convocar a varinha, que lhe tinha caído da mão, repetindo várias vezes as palavras «*Accio varinha!*» dentro da sua cabeça, mas nada aconteceu.

Teve a impressão de ouvir o ruje-ruje das árvores que rodeavam o lago, e o pio distante dum mocho, ou até mesmo (sentiu um ligeiro desprezo por

si próprio perante esta esperança) vozes em pânico a perguntarem-se onde Harry Potter se teria metido. Foi inundado por uma sensação de desespero, enquanto imaginava o cortejo de carruagens puxadas por Thestrals a encaminharem-se vagarosamente em direcção à escola e as gargalhadas abafadas provenientes da carruagem em que Malfoy viajasse, onde estaria a contar o ataque que desferira contra Harry aos seus colegas Slytherins.

O comboio deu uma guinada súbita, obrigando Harry a rolar para um dos lados. Em lugar do tecto, via agora à sua frente o vão poeirento debaixo dos bancos. O chão começou a vibrar à medida que o motor ganhava de novo vida. O Expresso estava de partida e ninguém sabia que ele ainda continuava lá dentro...

Em seguida, sentiu o Manto da Invisibilidade a ser-lhe puxado e uma voz por cima da sua cabeça dizer: — Olá, Harry.

Viu-se um feixe de luz vermelha, e o corpo de Harry libertou-se do feitiço; conseguiu endireitar-se para uma posição sentada mais digna, limpar rapidamente o sangue que lhe cobria o rosto magoado com as costas da mão e levantar a cabeça para Tonks, que segurava na mão o Manto da Invisibilidade que lhe acabara de retirar.

— É melhor pormo-nos a andar daqui depressa — disse ela, enquanto as janelas se iam obscurecendo de vapor, e o comboio se preparava para abandonar a estação. — Anda daí, temos de saltar.

Harry precipitou-se atrás dela pelo corredor. Tonks abriu a porta do comboio e saltou para a plataforma, que parecia deslizar por baixo deles à medida que o comboio ia ganhando velocidade. Harry seguiu-a, vacilou ligeiramente na aterragem, mas endireitou-se a tempo de ver a máquina a vapor encarnado-vivo a ganhar velocidade, descrever a curva e desaparecer de vista.

Sabia-lhe bem sentir o ar frio da noite no nariz, que latejava. Tonks estava a olhar para ele; Harry sentiu-se irritado e constrangido por ter sido apanhado numa posição tão ridícula. Em silêncio, Tonks devolveu-lhe o Manto da Invisibilidade.

— Quem é que te fez isso?

— O Draco Malfoy — confessou Harry amargamente. — Obrigado por... Bom...

— Não tens de quê — disse Tonks, sem um sorriso. Pelo que a escuridão lhe permitia ver, Harry percebeu que ela tinha o cabelo tão pardacento e o mesmo ar infeliz de quando se tinham encontrado n'A Toca. — Se estiveres quieto, eu conserto-te o nariz.

Harry não achou que fosse grande ideia; tinha intenção de fazer uma visita a Madame Pomfrey, a matrona, na qual tinha um pouco mais de

confiança no que tocava a feitiços curativos, mas pareceu-lhe que seria indelicado da sua parte dizer isto a Tonks, e, assim, ficou imóvel e fechou os olhos.

— *Episkey* — invocou Tonks.

Harry sentiu o nariz muito quente, e em seguida muito frio. Levou uma mão ao nariz e apalpou-o cuidadosamente. Parecia estar consertado.

— Muito obrigado!

— É melhor tornares a pôr esse Manto, e vamos os dois a pé até à escola — decidiu Tonks, que continuava muito séria. Enquanto Harry lançava o Manto sobre si próprio, ela agitou a varinha; uma imensa criatura de quatro patas prateada irrompeu dela e desapareceu na escuridão.

— Isso foi um Patronus? — questionou-a Harry, que já vira Dumbledore enviar mensagens desta forma.

— Sim, estou a mandar dizer ao castelo que estás comigo, senão vão ficar preocupados. Anda, é melhor não nos demorarmos.

Meteram pelo caminho que conduzia à escola.

— Como é que me encontraste?

— Reparei que não tinhas saído do comboio e sabia que tinhas esse Manto. Pensei que pudesses estar escondido por alguma razão. Quando vi que as persianas daquele compartimento estavam descidas, achei que era boa ideia ir verificar.

— Mas, afinal, o que é andas agora a fazer? — perguntou-lhe Harry.

— Fui colocada em Hogsmeade, para assegurar uma protecção extra à escola — explicou-lhe Tonks.

— És só tu que foste lá colocada, ou...?

— Não, o Proudfoot, o Savage e o Dawlish também lá estão.

— O Dawlish, aquele Auror que o Dumbledore atacou no ano passado?

— Esse mesmo.

Percorreram lentamente o caminho escuro e deserto, seguindo o rasto recente das carruagens. Por debaixo do Manto, Harry deitou uma olhadela de viés a Tonks. No ano anterior, ela mostrara-se sempre curiosa (ao ponto de ser um bocadinho maçadora, às vezes), ria-se com facilidade, contava piadas. Agora parecia mais velha e muito mais séria e determinada. Seria toda esta mudança resultado dos acontecimentos no Ministério? Reflectiu, pouco à vontade, que Hermione lhe teria sugerido que dirigisse a Tonks algumas palavras reconfortantes acerca de Sirius, lhe dissesse que ela não tivera culpa absolutamente nenhuma, mas não conseguiu reunir coragem. Não que Harry lhe atribuísse qualquer responsabilidade pela morte de Sirius; ela tinha tanta culpa como qualquer outra pessoa (e muito menos que ele próprio), mas Harry evitava falar sobre Sirius sempre que podia. E,

assim, continuaram a caminhar pela noite fria em silêncio, o longo manto de Tonks a roçar pelo chão atrás de ambos.

Dado que tinha sempre viajado de carruagem, Harry nunca tivera a noção exacta da distância que separava a Estação de Hogsmeade de Hogwarts. Foi com grande alívio que avistou finalmente os pilares altos que ladeavam os portões, cada um encimado por um javali alado. Tinha frio, tinha fome, e estava bastante desejoso de se livrar desta nova Tonks, tão soturna. Contudo, quando estendeu uma mão para empurrar os portões, descobriu que estavam fechados a cadeado.

— *Alohomora!* — invocou Harry cheio de confiança, apontando a varinha para o cadeado, mas nada aconteceu.

— Isso não vai fazer efeito neste — disse-lhe Tonks. — Foi o próprio Dumbledore quem os enfeitiçou.

Harry olhou em seu redor.

— Eu podia trepar o muro — sugeriu ele.

— Não, não podias — disse Tonks terminantemente. — Há feitiços anti-intrusos a toda a volta. A segurança foi muito intensificada durante este Verão.

— Bom, então — decidiu Harry, começando a ficar irritado com a falta de prestabilidade dela —, acho que vou ter de passar a noite aqui fora e esperar pela manhã.

— Vem aí alguém buscar-te — indicou Tonks. — Olha.

Via-se uma lanterna a oscilar ao longe, junto ao castelo. Harry ficou tão contente de a ver, que não se importou de saber que iria ter de ouvir as reprimendas arquejantes de Filch acerca do seu atraso e as ameaças de que a sua pontualidade não deixaria de melhorar depois da aplicação regular de instrumentos de tortura nos polegares. Foi apenas quando a luz amarela brilhante se encontrava a três metros de distância deles, e Harry tirou o Manto da Invisibilidade para ficar visível, que reconheceu, com um ímpeto de puro ódio, o nariz adunco e o cabelo preto, comprido e untuoso de Severus Snape iluminados pela luz da lanterna.

— Ora, ora, ora — escarneceu Snape, puxando da varinha e batendo ao leve no cadeado uma vez, de forma que as correntes serpentearam para trás e os portões rangeram ao abrir-se. — Que simpático da tua parte apareceres por cá, Potter, embora seja evidente que decidiste que usar o uniforme da escola iria prejudicar a tua aparência.

— Não tive tempo de mudar de roupa, não tinha o meu... — começou Harry, mas Snape interrompeu-o de imediato.

— Não é preciso ficares à espera, Nymphadora. Nas minhas mãos, o Potter fica... ah... em segurança.

— O recado era para ser entregue ao Hagrid — comentou Tonks, franzindo o sobrolho.

— O Hagrid chegou atrasado à festa de início do período, tal como aqui o Potter, por isso quem o recebeu fui eu. E, por acaso — acrescentou Snape, recuando para dar passagem a Harry —, até estava interessado em ver o teu novo Patronus.

Fechou os portões na cara de Tonks com grande estrondo e tornou a bater com a varinha nas correntes, de forma a fazê-las escorregar, com um estalido, de volta ao seu lugar.

— Acho que te safavas melhor com o antigo — disse Snape, com um tom de malícia indisfarçável na voz. — Este novo parece-me um bocado fraco.

Enquanto Snape fazia oscilar a lanterna dum lado para o outro, Harry reparou, momentaneamente, na expressão de choque e raiva no rosto de Tonks. Em seguida, a escuridão tornou a envolvê-la.

— Boa noite — despediu-se Harry de Tonks por cima do ombro, quando se começou a encaminhar para a escola atrás de Snape. — Obrigado... por tudo.

— Até breve, Harry.

Snape não disse nada durante alguns momentos. Harry sentiu que o seu corpo produzia ondas de ódio tão intensas, que lhe parecia impossível que o professor não as sentisse a queimarem-no. Detestara Snape logo desde o primeiro encontro de ambos, mas fora a atitude deste perante a morte de Sirius que o colocara para sempre e irrevogavelmente para lá da possibilidade de perdão de Harry. Independentemente do que Dumbledore tivesse dito, Harry tivera tempo de reflectir durante o Verão e chegara à conclusão de que os comentários desdenhosos que Snape fizera a Sirius, acusando-o de ter ficado escondido em segurança, enquanto os restantes membros da Ordem da Fénix andavam a combater Voldemort, teriam pesado provavelmente bastante na decisão de Sirius de se precipitar para o Ministério na noite em que morrera. Harry permanecia agarrado a esta ideia, porque isso lhe permitia culpar Snape, o que era para ele motivo de satisfação, e também porque sabia que, se havia alguém que não lamentava a morte de Sirius era o homem que caminhava agora a passos largos à sua frente, através da escuridão.

— Cinquenta pontos a menos para os Gryffindor pelo teu atraso, creio eu — declarou Snape. — E, deixa cá ver, mais vinte por vires vestido de Muggle. Sabes, estou convencido de que nenhuma equipa alguma vez teve uma pontuação negativa ainda antes do início do ano lectivo... Ainda nem começámos a comer a sobremesa. És bem capaz de ter estabelecido um

recorde, Potter.

A fúria e o ódio que fervilhavam dentro de Harry pareciam arder em estado de incandescência, mas ele preferia ter feito todo o percurso de regresso a Londres imobilizado que contar a Snape o motivo do seu atraso.

— Calculo que desejaes fazer uma entrada triunfal, não era? — prosseguiu Snape. — E, uma vez que não tinhas nenhum automóvel voador à tua disposição, decidiste que irromper pelo Salão Nobre a meio do banquete deveria ser suficiente para criar um efeito dramático.

Ainda assim, e sentindo o peito prestes a explodir, Harry permaneceu em silêncio. Sabia que Snape tinha vindo buscá-lo para isso mesmo, pelos escassos minutos em que teria oportunidade de o espicaçar e atormentar sem que ninguém os pudesse ouvir.

Alcançaram por fim os degraus do castelo e, à medida que as grandes portas de carvalho se abriam, deixando ver o amplo *Hall* de Entrada embandeirado, foram acolhidos por uma explosão de conversas, risos, e tilintar de pratos e copos que chegava até eles através das portas abertas do Salão Nobre. Harry perguntou-se se não poderia tornar a enfiar-se debaixo do seu Manto da Invisibilidade e, dessa forma, conseguir ir ocupar o seu lugar à mesa dos Gryffindor (que tinha o grande inconveniente de ser a mais distante do *Hall* de Entrada) sem ser notado.

Contudo, como se lhe tivesse lido a mente, Snape disse: — Nada de Mantos. Podes entrar para que toda a gente te veja, o que, estou certo, era precisamente o teu desejo.

Harry deu meia-volta imediatamente e foi direito às portas abertas: estava disposto a tudo para se livrar de Snape. O Salão Nobre, com as suas quatro mesas compridas das equipas e a mesa do corpo docente colocada ao fundo da sala, estava decorado, como habitualmente, com candelabros flutuantes que faziam os pratos em baixo reluzir. A Harry, tudo lhe pareceu uma mancha indistinta e brilhante, pois seguia tão depressa que só quando passou pela mesa dos Hufflepuff é que as pessoas começaram realmente a fixar o olhar nele e, quando estavam levantadas para ver bem de quem se tratava, Harry já descobrira Ron e Hermione, corraera ao longo dos bancos na direcção dos amigos e empurrara-os para o lado para se sentar entre ambos.

— Onde é que tu... Caramba, o que é que te aconteceu à cara? — indagou Ron, de olhos arregalados para ele, tal como toda a gente que se encontrava nas proximidades.

— Porquê, o que é que tem a minha cara? — admirou-se Harry, agarrando numa colher e deitando uma olhadela ao seu reflexo distorcido.

— Estás todo sujo de sangue! — exclamou Hermione. — Anda cá...

Empunhou a varinha, invocou: — *Tergeo!* — e sugou o sangue seco como se fosse um sifão.

— Obrigado — disse Harry, apalpando o rosto agora limpo. — Como é que está o meu nariz?

— Normal — respondeu Hermione ansiosamente. — Por que é que não deveria estar? Harry, o que é que se passou, temos estado raladíssimos!

— Depois conto-vos — limitou-se Harry a dizer. Estava perfeitamente ciente de que Ginny, Neville, Dean e Seamus estavam a ouvir a conversa; até mesmo o Nick Quase-Sem-Cabeça, o fantasma dos Gryffindor, tinha vindo a flutuar até ao banco para saber o que se passava.

Inclinou-se à frente de Ron para conseguir chegar a umas coxas de galinha e uma mão-cheia de batatas fritas; contudo, antes que as pudesse agarrar, estas desapareceram, sendo substituídas pelas sobremesas.

— Até perdeste a Seleção — disse Hermione, enquanto Ron se precipitava para tirar uma fatia de bolo de chocolate.

— O chapéu disse alguma coisa interessante? — perguntou Harry, pegando numa fatia de tarte de melão.

— Mais do mesmo, para falar com franqueza... aconselhou-nos a unir-nos para enfrentarmos os nossos inimigos, sabes como é.

— O Dumbledore mencionou alguma vez o nome do Voldemort?

— Ainda não, mas ele guarda sempre o discurso a sério para depois do banquete, não é? Já não deve demorar.

— O Snape disse-me que o Hagrid chegou atrasado ao banquete...

— Tu viste o Snape? Como? — indagou Ron enquanto ia mastigando avidamente o bolo.

— Cruzei-me com ele — respondeu Harry de forma evasiva.

— O Hagrid só chegou com uns minutos de atraso — informou-o Hermione. — Olha, ele está a acenar-te, Harry.

Harry dirigiu o olhar para a mesa do corpo docente e riu-se para Hagrid, que estava, de facto, a acenar-lhe. Hagrid nunca conseguira aprender a comportar-se com a dignidade da Professora McGonagall, Chefe da Equipa dos Gryffindor, cujo cocuruto da cabeça surgia algures entre o cotovelo e o ombro de Hagrid, visto que estavam sentados lado a lado, e que dirigia um olhar de reprovação ao seu cumprimento entusiástico. Harry ficou surpreendido por ver a professora de Adivinhação, a Professora Trelawney, instalada do outro lado de Hagrid; era raro ela abandonar o seu quarto na torre, e era a primeira vez que ele a via no banquete que dava início ao ano lectivo. Tinha um aspecto tão estranho como de habitual, cheia de contas a brilhar por todo o lado e com um xaile muito comprido a arrastar, os olhos exageradamente ampliados através das lentes. Uma vez que sempre a

considerara um pouco embusteira, Harry ficara chocado quando descobrira, no fim do período anterior, que era a ela que se devia a profecia que levara Lord Voldemort a matar os seus pais e a atacá-lo a si próprio. Essa informação contribuíra ainda mais para lhe tirar a vontade de partilhar da sua companhia, mas, felizmente, este ano não seria obrigado a ter Adivinhação. Os olhos grandes da professora, que faziam lembrar um farol, rodaram na direcção dele; Harry apressou-se a desviar o olhar para a mesa dos Slytherin. Draco Malfoy estava a imitar por meio de gestos um nariz a partir-se por entre gargalhadas e aplausos retumbantes. Harry baixou os olhos para a tarte de melão, sentindo as entranhas novamente a arder. O que ele não daria por um combate frente a frente com Malfoy...

— Então o que é que o Professor Slughorn queria? — questionou-o Hermione.

— Saber o que se passou, de facto, no Ministério — disse Harry.

— Ele e todos os restantes que aqui se encontram — retorquiu Hermione com ar de desdém. — As pessoas estiveram sempre a fazer-nos perguntas sobre isso no comboio, não foi, Ron?

— Foi, pois — confirmou Ron. — Queriam todos saber se és mesmo «O Eleito»...

— Tem-se falado muito a esse respeito mesmo entre os fantasmas — interrompeu o Nick Quase-Sem-Cabeça, inclinando a sua cabeça presa por um fio ao corpo para Harry e fazendo-a oscilar perigosamente contra o rufo da gola. — Eu sou considerado uma espécie de autoridade no que ao Potter diz respeito; é do conhecimento geral que temos uma relação amigável. Todavia, já dei a minha garantia à comunidade dos espíritos que não vou passar a vida a atormentar-te para obter informações. «O Harry Potter sabe que pode confiar inteiramente em mim», disse-lhes eu. «Eu preferia morrer a trair a sua confiança.»

— Isso não é dizer grande coisa, uma vez que tu já estás morto — observou Ron.

— Mais uma vez, dás mostras de possuir toda a sensibilidade dum machado rombo — retorquiu o Nick Quase-Sem-Cabeça em tom de afronta, elevando-se em seguida pelos ares e deslizando até ao fundo da mesa dos Gryffindor, no preciso momento em que Dumbledore se levantava da mesa do corpo docente. As conversas e as gargalhadas que ecoavam por todo o Salão silenciaram-se quase instantaneamente.

— Espero que estejam a passar todos uma excelente noite! — exclamou ele, com um amplo sorriso, os braços muito abertos, como se quisesse abarcar toda a sala.

— O que é que lhe aconteceu à mão? — admirou-se Hermione.

Não fora ela a única a reparar. A mão direita de Dumbledore estava negra e com ar inerte, tal como na noite em que fora buscar Harry a casa dos Dursley. O Salão foi varrido por murmúrios; Dumbledore, interpretando-os correctamente, limitou-se a sorrir e a agitar a manga purpúrea e dourada para ocultar o ferimento.

— Nada com que valha a pena preocuparem-se — disse ele em tom jovial. — Agora... aos nossos novos alunos, sejam bem-vindos; aos que já são nossos alunos, sejam mais uma vez bem-vindos! Aguarda-vos um novo ano repleto de estudos de magia...

— Ele já tinha a mão assim quando eu o vi no Verão — sussurrou Harry a Hermione. — Mas pensei que agora já fosse estar curada... ou então que a Madame Pomfrey o tivesse tratado.

— Parece que está morta — comentou Hermione, com uma expressão de náusea. — Mas há certos ferimentos que são incuráveis... velhas maldições... e há venenos para os quais não existe antídoto...

— ...e Mr. Filch, o nosso encarregado, pediu-me para vos comunicar que estão completamente interditos quaisquer produtos adquiridos na loja Magias Mirabolantes dos Weasley.

«Aqueles que desejarem jogar pela vossa equipa de Quidditch devem, como habitualmente, deixar o nome com a Chefe de Equipa. Também andamos à procura de novos comentadores de Quidditch, que devem proceder do mesmo modo.

«Este ano, temos o prazer de acolher um novo membro no nosso corpo docente. O Professor Slughorn — Slughorn pôs-se de pé, a sua cabeça calva a reluzir à luz dos candelabros, a sua enorme barriga coberta por um colete a lançar uma sombra sobre a mesa que tinha por baixo — é um antigo colega meu que aceitou tornar a assumir o seu antigo cargo de mestre de Poções.

— Poções?

— *Poções*?

A palavra ecoou por todo o Salão Nobre à medida que os presentes se perguntavam se teriam ouvido bem.

— Poções? — indagaram Ron e Hermione em uníssono, virando-se estupefactos para Harry. — Mas tu disseste...

— Entretanto, o Professor Snape — prosseguiu Dumbledore, elevando a voz para se conseguir fazer ouvir acima de todos aqueles murmúrios — vai assumir o cargo de Professor de Defesa Contra a Magia Negra.

— Não! — exclamou Harry, tão alto que muitas cabeças se viraram na sua direcção. Isso não o incomodou; continuou de olhos postos na mesa dos professores, furioso. Como é que podiam dar a Snape a disciplina de

Defesa Contra a Magia Negra ao fim de tanto tempo? Não fora do conhecimento geral durante anos que Dumbledore não confiava nele para isso?

— Mas, Harry, tu disseste-nos que o Slughorn é que ia dar Defesa Contra a Magia Negra! — insurgiu-se Hermione.

— Eu pensei que fosse! — ripostou Harry, fazendo um enorme esforço por se lembrar quando fora que Dumbledore lhe dissera aquilo; mas, agora que pensava nisso, não era capaz de se recordar de alguma vez o Director lhe ter dito que disciplina iria Slughorn ensinar.

Snape, que estava sentado à direita de Dumbledore, não se levantou ao ouvir o seu nome ser mencionado, limitando-se a erguer uma mão em sinal de reconhecimento indolente pelos aplausos da mesa do Slytherin; contudo, Harry teve a certeza de detectar uma expressão de triunfo nas feições que ele tanto detestava.

— Bom, há uma coisa boa — observou ele ferozmente. — O Snape não vai aguentar cá mais dum ano.

— O que é que queres dizer com isso?

— Aquele cargo está amaldiçoado. Nunca ninguém lá ficou mais dum ano... O Quirrell chegou mesmo a morrer enquanto o ocupava. Cá por mim, vou fazer figas para que haja mais uma morte...

— Harry! — repreendeu-o Hermione, muito chocada.

— Talvez ele volte a ensinar Poções no fim do ano — disse Ron razoavelmente. — Esse Slughorn é capaz de não querer ficar a longo prazo, o Moody também não quis.

Dumbledore clareou a voz. Harry, Ron e Hermione não eram os únicos que estavam a conversar; todo o Salão Nobre irrompera num burburinho perante a novidade de que Snape alcançara finalmente o seu desejo mais profundo. Aparentemente indiferente à sensação que as notícias que acabara de transmitir tinham causado, Dumbledore não disse mais nada acerca de nomeações de professores, mas aguardou alguns instantes até que o silêncio fosse absoluto antes de prosseguir.

— Bem, como é do conhecimento de todos os presentes neste Salão, Lord Voldemort e os seus acólitos encontram-se novamente em liberdade, e o seu poder tem vindo a aumentar.

O silêncio parecia ir-se tornando mais tenso e agitado à medida que Dumbledore falava. Harry deitou uma olhadela a Malfoy. Este não estava a olhar para Dumbledore, mas a fazer o garfo pairar no ar com a ajuda da varinha, como se achasse que as palavras do Director não eram dignas da sua atenção.

— Não posso salientar suficientemente o perigo da presente situação, e o

cuidado que cada um de nós deve ter aqui em Hogwarts para garantir a segurança de todos. As fortificações mágicas do castelo foram reforçadas durante o Verão, dispomos das formas de protecção mais recentes e eficazes, mas ainda assim não podemos deixar de nos defender escrupulosamente contra eventuais descuidos por parte de qualquer dos alunos ou elementos do corpo docente. Por conseguinte, insisto convosco para que acatem todas as restrições de segurança que os vossos professores vos imponham, por muito aborrecidas que vos possam parecer... em particular, a regra que vos proíbe de andarem levantados da cama fora de horas. Imploro-vos que, caso qualquer coisa vos cause estranheza ou desperte as vossas suspeitas dentro ou fora do castelo, a comuniquem de imediato a um elemento do corpo docente. Confio em vós para que se comportem, sempre, tendo a máxima consideração pela vossa segurança e pela segurança dos outros.

Os olhos azuis de Dumbledore percorreram os alunos antes de ele tornar a sorrir.

— Mas agora, a cama está a vossa espera, tão quente e confortável quanto poderiam desejar, e eu sei que a vossa prioridade mais importante é ficarem bem repousados para as vossas aulas de amanhã. Demos então as boas-noites!

Com o habitual ruído ensurdecedor, os bancos recuaram e as centenas de alunos começaram a sair em fila em direcção aos respectivos dormitórios. Harry, que não tinha pressa nenhuma de sair com a multidão a olhar para ele boquiaberta, nem de se aproximar o suficiente de Malfoy para lhe dar a oportunidade de repetir a história da pisadela no nariz, deixou-se atrasar, a fingir que apertava o atacante dum dos ténis, permitindo que a maioria dos Gryffindor se lhe antecipassem. Hermione tinha-se precipitado para a frente para cumprir o seu dever de escoltar os alunos do primeiro ano, mas Ron ficou a fazer companhia a Harry.

— Afinal, o que é te aconteceu ao nariz? — interrogou-o Ron, mal se encontraram mesmo no fim da multidão que empurrava para sair do Salão, e fora do alcance dos ouvidos de quem quer que fosse.

Harry contou-lhe. O facto de Ron não se rir constituiu um sinal da amizade que os unia.

— Vi o Malfoy a imitar qualquer coisa relacionada com um nariz — comentou ele em tom sombrio.

— Pois, bem, deixa lá — disse Harry amargamente. — Ouve só o que ele disse antes de descobrir que eu lá estava...

Harry estava à espera de que Ron ficasse espantado com a bazófia de Malfoy. Contudo, numa atitude que Harry considerou teimosia pura, Ron

não se mostrou impressionado.

— Vá lá, Harry, ele só se estava a exhibir em frente à Parkinson... Que espécie de missão é que o Quem-Nós-Sabemos lhe iria dar?

— Como é que tu sabes que o Voldemort não precisa de alguém em Hogwarts? Não seria o primeiro...

— Quem me dera que parasses de dizer esse nome, Harry — declarou uma voz recriminatória atrás deles. Harry olhou por cima do ombro e viu Hagrid a abanar a cabeça.

— O Dumbledore usa esse nome — ripostou Harry obstinadamente.

— Pois, bem, mas é o Dumbledore, não é? — disse Hagrid com ar misterioso. — Antão por qu' é que chegaste atrasado, Harry? Eu 'tava preocupado.

— Fiquei retido no comboio — explicou Harry. — E *tu*, por que é que te atrasaste?

— 'Tive co' o Grawp — esclareceu Hagrid alegremente. — Perdi a noção das horas. Ele agora tem uma casa nova, lá em cima nas montanhas, foi o Dumbledore que lh' arranjou... uma bela caverna nova. 'Tá muito mais feliz que 'tava na Floresta. 'Tivemos entretidos a conversar.

— A sério? — admirou-se Harry, tomando o cuidado de não deixar que o seu olhar se cruzasse com o de Ron; da última vez que encontrara o meio-irmão de Hagrid, um gigante feroz com um enorme talento para arrancar árvores pela raiz, o seu vocabulário consistia em cinco palavras, duas das quais não era capaz de pronunciar correctamente.

— Ah, pois, ele anda muita bem comportado — declarou Hagrid a rebrilhar de orgulho. — Vocês vão ficar espantados. 'Tou a pensar em treiná-lo p'ra meu assistente.

Ron soltou uma sonora gargalhada, mas conseguiu fazê-la passar por um espirro violento. Encontravam-se agora junto às portas de carvalho que davam para a rua.

— Seja como for, vemo-nos amanhã, primeira aula logo a seguir ao almoço. Cheguem cedo, que 'inda podem dizer olá ao *Buck*... quer dizer, ao *Witherwings*!

Erguendo um braço para um aceno amigável de despedida, Hagrid saiu pela porta em direcção à escuridão.

Harry e Ron ficaram a olhar um para o outro. Harry percebeu que Ron se sentia tão desolado quanto ele.

— Tu não vais fazer Cuidados com as Criaturas Mágicas, pois não?

Ron abanou a cabeça.

— E tu também não, pois não?

Harry abanou também a sua.

— E a Hermione — acrescentou Ron —, ela também não vai, pois não?

Harry abanou novamente a cabeça. Nem queria pensar em quais seriam as palavras exactas de Hagrid quando descobrisse que os seus três alunos preferidos tinham desistido da sua disciplina.

IX

O PRÍNCIPE MEIO-SANGUE

Na manhã seguinte, Harry e Ron encontraram Hermione na sala comum antes do pequeno-almoço. Esperançado em conseguir apoio para a sua teoria, Harry não perdeu tempo a contar a Hermione o que ouvira dizer a Malfoy no Expresso de Hogwarts.

— Mas é óbvio que ele se estava a exhibir para a Parkinson, não é? — interrompeu Ron rapidamente antes de Hermione poder dizer alguma coisa.

— Bem — disse ela em tom incerto —, não sei... seria típico do Malfoy fazer-se importante... mas isso é uma mentira muito grande...

— Precisamente — declarou Harry, mas não pôde prosseguir, porque havia demasiadas pessoas a tentar ouvir a conversa, além de o fitarem e falarem à socapa.

— É má educação apontar — disse Ron em voz brusca para um aluno do primeiro ano particularmente minúsculo quando se juntaram à fila para sair do buraco do retrato. O rapaz, que segredava algo acerca de Harry para o amigo, passou de imediato a um tom escarlate e saiu aos tropeções do buraco, alarmado. Ron fungou depreciativamente.

— Adoro ser do sexto ano. *E* este ano vamos ter tempo livre. Horas inteiras em que podemos limitar-nos a ficar aqui sentados a descontraír.

— Vamos precisar desse tempo para estudar, Ron! — protestou Hermione, enquanto percorriam o corredor.

— Sim, mas não hoje — declarou Ron —, hoje, acho que vai ser só preguiçar.

— Pára aí! — ordenou Hermione, estendendo o braço para deter um rapaz do quarto ano que procurava ultrapassá-la com um disco verde-lima firmemente apertado na mão. — Os Frisbees com Dentes estão proibidos, passa para cá — disse-lhe ela com firmeza. Carrancudo, o rapaz entregou o frisbee, que rosnava, passou por baixo do braço de Hermione e correu atrás dos amigos. Ron esperou que ele desaparecesse, e depois puxou o frisbee

da mão de Hermione.

— Excelente, sempre quis ter um.

Os protestos de Hermione foram abafados por uma sonora gargalhada; Lavender Brown parecia ter achado o comentário de Ron altamente divertido. Continuou a rir-se ao passar por eles, olhando para Ron por cima do ombro. Este mostrava um ar bastante satisfeito consigo próprio.

O tecto do Salão Nobre estava de um azul sereno, salpicado de nuvens finas e delicadas, igualzinho aos quadrados de céu visíveis através das altas janelas. Enquanto se atiravam às papas de aveia e aos ovos com *bacon*, Harry e Ron contaram a Hermione a sua embaraçosa conversa com Hagrid na tarde anterior.

— Mas ele não pode pensar a sério que nós fôssemos continuar com Cuidados Com as Criaturas Mágicas! — exclamou ela, parecendo incomodada. — Quer dizer, quando é que algum de nós manifestou... hum... ponta de entusiasmo?

— Mas é justamente isso, né? — afirmou Ron, engolindo um ovo estrelado inteiro. — Nós fomos quem mais se esforçou nas aulas, porque gostamos do Hagrid. Mas ele pensa que nós gostávamos era daquela estúpida disciplina. Acham que alguém a vai continuar nos EFBES?

Nem Harry nem Hermione responderam; não era preciso. Sabiam perfeitamente que ninguém do seu ano queria continuar a frequentar Cuidados Com as Criaturas Mágicas. Evitaram o olhar de Hagrid e retribuíram o seu aceno alegre com pouco entusiasmo, quando ele deixou a mesa do corpo docente, dez minutos mais tarde.

Depois de comerem, permaneceram nos seus lugares, aguardando a saída da mesa da Professora McGonagall. Naquele ano, a distribuição dos horários era mais complicada que o habitual, pois a Professora McGonagall tinha de confirmar primeiro que todos tinham obtido os necessários NPFs para prosseguirem com os EFBES escolhidos.

Hermione foi imediatamente autorizada a continuar com Encantamentos, Defesa Contra a Magia Negra, Transfiguração, Herbologia, Aritmancia, Runas Antigas e Poções, e, sem mais detença, saiu disparada para Runas Antigas, a aula do primeiro tempo. Neville demorou um pouco mais a organizar; a sua cara redonda espelhava ansiedade, enquanto a Professora McGonagall consultava a sua candidatura e depois verificava os resultados dos NPFs.

— Herbologia está bem — afirmou ela. — A Professora Sprout ficará encantada por te ter de volta com um NPF «Brilhante». E qualificaste-te para Defesa Contra a Magia Negra com «Excede as Expectativas». Mas o problema é Transfiguração. Lamento, Longbottom, mas um «Aceitável»

não é, de facto, suficiente para continuar para o nível EFBE, não creio que conseguisses dar conta do trabalho do curso.

Neville curvou a cabeça. A Professora McGonagall observou-o através dos seus óculos quadrados.

— Olha lá, por que queres tu continuar com Transfiguração? Nunca tive a impressão de que gostasses particularmente da matéria.

Neville, com um ar infelicíssimo, murmurou qualquer coisa do género «a minha avó quer.»

— Hum — resmungou a Professora McGonagall. — É mais que tempo de a tua avó aprender a sentir orgulho no neto que tem, em vez do que ela acha que devia ter... especialmente depois do que aconteceu no Ministério.

Neville corou e pestanejou, atrapalhado. A Professora McGonagall nunca antes lhe fizera um elogio.

— Lamento, Longbottom, mas não te posso admitir na minha turma de EFBES. No entanto, vejo que tens um «Excede as Expectativas» a Encantamentos. Por que não tentas um EFBE em Encantamentos?

— A minha avó acha que Encantamentos é uma fraca opção — balbuciou Neville.

— Fica com Encantamentos — aconselhou a Professora McGonagall —, e eu escrevo duas linhas à Augusta a recordar-lhe que, lá porque *ela* chumbou no NPF de Encantamentos, a matéria não é necessariamente menos válida. — Sorrindo levemente perante a expressão de encantada incredulidade do rosto de Neville, a Professora McGonagall bateu num horário em branco com a ponta da varinha e estendeu-lho, já com os pormenores das suas novas aulas.

Virou-se em seguida para Parvati Patil, cuja primeira pergunta era se Firenze, o atraente centauro, continuava a ensinar Artes Divinatórias.

— Ele e a Professora Trelawney dividem as aulas este ano — esclareceu a Professora McGonagall, com uma nota de desaprovação na voz; era do conhecimento comum que ela desprezava as Artes Divinatórias. — O sexto ano fica com a Professora Trelawney.

Parvati partiu para Artes Divinatórias cinco minutos depois, com uma expressão algo cabisbaixa.

— Então, Potter, Potter... — disse a Professora McGonagall, consultando os seus apontamentos enquanto se voltava para Harry. — Encantamentos, Defesa Contra a Magia Negra, Herbologia, Transfiguração... está tudo bem. Devo dizer-te que fiquei satisfeita com a tua nota a Transfiguração, Potter, muito satisfeita. Mas por que não te candidataste para continuar com Poções? Pensei que a tua ambição era vires a ser Auror?

— E era, mas a professora disse-me que tinha de obter «Brilhante» nos meus NPFs.

— E tinhas, quando era o Professor Snape a leccionar a disciplina. Contudo, o Professor Slughorn está inteiramente disposto a aceitar alunos de EFBES que tenham obtido «Excede as Expectativas» nos NPFs. Queres prosseguir com Poções?

— Quero — respondeu Harry —, mas não comprei nenhum livro, nem ingredientes, nem nada...

— Tenho a certeza de que o Professor Slughorn te poderá emprestar alguns — afirmou a Professora McGonagall. — Muito bem, Potter, tens aqui o teu horário. Ah, a propósito, há vinte esperançosos que já se inscreveram para a equipa de Quidditch dos Gryffindor. Depois entrego-te a lista para poderes marcar as provas de selecção à tua vontade.

Minutos mais tarde, Ron foi autorizado a frequentar as mesmas aulas de Harry, e saíram os dois juntos da mesa.

— Olha — exclamou Ron, encantado, examinando o seu horário —, temos um tempo livre agora... e outro depois do intervalo... e depois do almoço... *excelente!*

Regressaram à sala comum, agora vazia, com excepção de meia dúzia de alunos do sétimo ano, incluindo Katie Bell, o único membro que restava da equipa original de Quidditch dos Gryffindor para onde Harry entrara no seu primeiro ano.

— Calculei que conseguisses. Boa! — exclamou ela, apontando para o emblema de capitão preso ao peito de Harry. — Diz-me quando fizeres a selecção!

— Não sejas parva — comentou Harry —, tu não precisas de provas, há cinco anos que te vejo jogar...

— Não debes começar assim — avisou ela. — Sabes lá se não há por aí alguém muito melhor que eu. Já boas equipas se arruinaram, porque os capitães se limitaram a manter em jogo as velhas caras, ou a deixar entrar os amigos...

Ron pareceu pouco à vontade e começou a brincar com o Frisbee com Dentes que Hermione tirara ao aluno do quarto ano. Este girou em volta da sala, rosnando e tentando morder as tapeçarias. *Crookshanks* seguia-o com os seus olhos amarelos e bufava quando ele se aproximava demasiado.

Uma hora depois, relutantemente, trocaram a sala comum inundada de sol pela aula de Defesa Contra a Magia Negra, quatro andares abaixo. Hermione já se encontrava na fila que esperava no exterior, os braços cheios de livros pesados e parecendo abalada.

— Temos tantos trabalhos de casa para Runas — queixou-se ela em tom

ansioso, quando Harry e Ron se lhe juntaram. — Uma composição com trinta e sete centímetros, duas traduções e tenho de ler estes livros até quarta-feira!

— Que pena — bocejou Ron.

— Espera só — redarguiu ela ofendida. — Aposto que o Snape nos vai marcar carradas.

A porta da sala abriu-se enquanto ela falava, e Snape saiu para o corredor, o rosto macilento emoldurado como sempre por duas cortinas de cabelo preto gorduroso. Fez-se imediatamente silêncio na fila.

— Para dentro — mandou ele.

Harry olhou em volta ao entrar. Snape já impusera a sua personalidade na sala; as cortinas das janelas corridas tornavam-na mais soturna que o usual, e a iluminação era feita por velas. As paredes tinham quadros novos, muitos deles com pessoas que pareciam sofrer, exibindo ferimentos medonhos ou partes do corpo estranhamente contorcidas. Ninguém falou, enquanto se sentavam, observando as imagens sombrias e hediondas que os rodeavam.

— Não vos disse para pegarem nos livros — proferiu Snape, fechando a porta e avançando para trás da secretária a fim de enfrentar a turma; Hermione apressou-se a meter outra vez o seu exemplar de *Confrontando o Oculto* no saco e enfiou este por baixo da cadeira. — Quero falar convosco e exijo a vossa inteira atenção.

Os seus olhos negros percorreram os rostos erguidos, detendo-se uma fracção de segundo mais no de Harry que em qualquer outro.

— Vocês já tiveram cinco professores nesta disciplina até agora, creio.

«*Crês... como se não os tivesses visto chegar e partir a todos, Snape, esperando ser o próximo*», pensou Harry sarcástico.

— Naturalmente, esses professores teriam os seus próprios métodos e prioridades. Com toda essa confusão, admira-me que um número tão elevado tenha arrancado um NPF na disciplina. Ficarei ainda mais admirado se todos conseguirem aguentar o trabalho dos EFBES, que será muito mais avançado.

Começou a contornar a sala, falando agora em voz mais baixa. Os alunos esticaram os pescoços para o poderem ver.

— A Magia Negra — prosseguiu Snape — é vasta, variada, em constante mutação e eterna. Combatê-la é como lutar com um monstro de muitas cabeças que, sempre que um pescoço é cortado, faz brotar uma cabeça ainda mais feroz e inteligente que a anterior. Estão a lutar com algo que é flexível, mutável, indestrutível.

Harry fitou Snape, surpreso. Decerto uma coisa era respeitar a

Magia Negra como um inimigo perigoso, e outra falar dela, como Snape estava a fazer, com uma nota de carícia amorosa na voz?

— As vossas defesas — continuou Snape, um pouco mais alto — devem, portanto, ser tão flexíveis e inventivas como a Magia que procuram neutralizar. Estas imagens — indicou algumas enquanto passava por elas — dão-vos uma ideia bastante real do que acontece àqueles que sofrem, por exemplo, a Maldição Cruciatu (fez um gesto na direcção de uma feiticeira que gritava nitidamente de agonia), sentem o Beijo do Dementor (um feiticeiro de olhos vazios encolhido contra uma parede) ou provocam a agressão do Inferius (uma massa sangrenta no chão).

— Então, foi avistado um Inferius? — perguntou Parvati Patil em voz aguda. — Confirma-se, ele está a usá-los?

— O Senhor das Trevas já usou Inferi no passado — respondeu Snape —, e isso significa que é melhor partirem do princípio de que os voltará a usar. Agora...

Deslocou-se de novo, contornando a sala pelo outro lado em direcção à secretária, e mais uma vez a turma lhe seguiu os movimentos, com as vestes negras enfunadas atrás de si.

— ... vocês são, creio, novatos completos no que se refere ao uso de feitiços não-verbais. Qual é a vantagem de um feitiço não-verbal?

A mão de Hermione ergueu-se, disparada. Snape demorou-se a olhar para todos, certificando-se de que não tinha escolha, antes de dizer em tom brusco: — Muito bem. Miss Granger?

— O adversário não tem qualquer aviso quanto ao tipo de magia que vamos executar — disse Hermione —, o que nos confere uma vantagem de um décimo de segundo.

— Uma resposta copiada quase palavra por palavra de *O Livro Básico dos Feitiços, Grau 6* — comentou Snape sumariamente (no seu canto, Malfoy riu-se à socapa) — mas correcta no essencial. Sim, aqueles que avançam para o uso da magia sem proferir fórmulas ganham o elemento de surpresa ao lançar um feitiço. Nem todos os feiticeiros o conseguem, claro; é uma questão de concentração e de poder mental, coisas que alguns — uma vez mais o seu olhar deteve-se maliciosamente em Harry — não possuem.

Harry sabia que Snape estava a recordar as desastrosas lições de Oclumancia do ano anterior, mas recusou-se a baixar os olhos, fitando furiosamente Snape até este desviar o olhar.

— Vão agora dividir-se aos pares — prosseguiu Snape. — Um tentará enfeitiçar o outro *sem falar*. O outro tentará repelir o feitiço *em igual silêncio*. Comecem.

Embora Snape não soubesse, Harry ensinara pelo menos metade da turma (todos os que haviam sido membros do ED) a fazer o Feitiço do Escudo Invisível no ano anterior. Contudo, nenhum deles o lançara sem falar. Seguiu-se uma razoável quantidade de batota; muitos limitavam-se a sussurrar a fórmula em vez de a proferir em voz alta. Tipicamente, dez minutos depois, Hermione conseguia repelir o Feitiço das Pernas Bumbas segredado por Neville sem proferir um som, um feito que qualquer professor razoável teria decerto premiado com vinte pontos para os Gryffindor, pensou Harry com azedume, mas que Snape ignorou. Andava por entre eles enquanto treinavam, mais do que nunca semelhante a um morcego gigante, atardando-se para observar Harry e Ron a debater-se com a tarefa.

Ron, que devia estar a enfeitiçar Harry, tinha a cara congestionada e os lábios firmemente comprimidos para evitar a tentação de murmurar a fórmula. Harry, de varinha erguida, esperava sobre brasas para repelir um feitiço que parecia pouco provável viesse a ser lançado.

— Patético, Weasley — comentou Snape ao fim de um bocado. — Espera, deixa-me mostrar-te...

Virou a varinha tão depressa para Harry que este reagiu instintivamente; esquecido de qualquer pensamento sobre feitiços não-verbais, gritou: — *Protego!*

O seu Feitiço do Escudo Invisível foi tão forte que Snape se desequilibrou e embateu numa secretária. A turma inteira virara a cabeça e observava agora Snape a endireitar-se, de cenho franzido.

— Recordas-te de eu ter dito que estamos a treinar feitiços *não-verbais*, Potter?

— Sim — respondeu Harry.

— Sim, *senhor*.

— Não precisa de me chamar «senhor», professor.

As palavras tinham-lhe escapado da boca antes de saber o que estava a dizer. Vários alunos sustiveram a respiração, incluindo Hermione. Por trás de Snape, contudo, Ron, Dean e Seamus sorriram aprovadoramente.

— Castigo, sábado à noite, no meu gabinete — disse Snape. — Não tolero atrevimentos a ninguém, Potter... nem mesmo ao *Eleito*.

— Aquela foi brilhante, Harry! — casquinou Ron pouco depois, quando já se encontravam em segurança a caminho do intervalo.

— Não devias ter dito aquilo — contrariou Hermione, franzindo a testa a Ron. — O que é que te deu?

— Ele tentou enfeitiçar-me, caso não tenhas reparado! — Harry fumegava. — Tive que me chegasse durante as aulas de Oclumancia! Por

que é que ele não usa outra cobaia para variar? E o que terá passado pela cabeça do Dumbledore para o deixar ensinar Defesa? Ouviram-no falar da Magia Negra? Ele adora-a! Toda aquela treta de *flexível, indestrutível*...

— Pois olha — observou Hermione —, pessoalmente, pareceu-me que te estava a ouvir falar a ti.

— A *mim*?

— Sim, quando nos contaste como foi enfrentar o Voldemort. Disseste-nos que não se tratava apenas de decorar uma série de feitiços, disseste que era simplesmente tu, e os teus miolos, e a tua coragem... bem, não era isso o que o Snape estava a dizer? Que o que realmente conta é a coragem e reflexos rápidos?

Harry ficou tão desarmado por a amiga ter achado as suas palavras tão dignas de serem decoradas como o *Livro Básico de Feitiços* que nem discutiu.

— Harry! Eh, Harry!

Harry voltou-se. Jack Sloper, um dos *beaters* da equipa de Quidditch dos Gryffindor do ano anterior, dirigia-se apressado para ele com um rolo de pergaminho na mão.

— Toma — ofegou Sloper. — Olha lá, ouvi dizer que és o novo capitão. Quando é que fazes provas de selecção?

— Ainda não sei — respondeu Harry, pensando para consigo que Sloper teria muita sorte se voltasse a fazer parte da equipa. — Depois digo-te.

— Ah, certo. Tinha esperança de que fosse este fim-de-semana...

Mas Harry já não o ouvia, pois acabava de reconhecer a letra esguia e inclinada do pergaminho. Deixando Sloper a meio de uma frase, afastou-se rapidamente com Ron e Hermione, desenrolando o pergaminho enquanto andava.

Caro Harry,

Gostaria de começar as nossas aulas particulares este sábado.

Agradeço que estejas no meu gabinete às oito da noite. Espero que estejas a gostar do primeiro dia de regresso à escola.

Um abraço,

Albus Dumbledore

PS — Eu aprecio Pastilhas Ácidas.

— Ele apreciava Pastilhas Ácidas!?! — exclamou Ron, que lera a mensagem por cima do ombro de Harry e estava com ar perplexo.

— É a senha para passar pela gárgula do lado de fora do gabinete dele — elucidou Harry em voz baixa. — Ah! O Snape não vai ficar satisfeito...

Não poderei cumprir o castigo dele!

Passaram o intervalo inteiro a especular sobre o que Dumbledore iria ensinar a Harry. Ron achava que o mais provável era serem feitiços espetaculares do tipo que os Devoradores da Morte não conhecessem. Hermione disse que tais coisas eram ilegais e que achava muito mais provável que Dumbledore quisesse ensinar a Harry magia defensiva avançada. Depois do intervalo, ela partiu para Aritmancia, enquanto Harry e Ron voltavam à sala comum, onde iniciaram de má vontade os trabalhos de casa de Snape. Estes revelaram-se tão complexos que ainda os não haviam acabado quando Hermione se lhes foi juntar para o período livre após o almoço (embora ela tenha apressado consideravelmente as coisas). Tinham justamente terminado quando a campainha tocou para as duas horas de Poções dessa tarde, e eles percorreram o caminho familiar até à sala das masmorras, que fora, durante tanto tempo, o domínio de Snape.

Ao chegarem ao corredor, constataram que apenas uma dúzia de pessoas passara ao nível de EFBES. Crabbe e Goyle não tinham, evidentemente, conseguido obter o NPF exigido, mas quatro Slytherin haviam passado, incluindo Malfoy. Havia quatro Ravenclaw e um Hufflepuff, Ernie Macmillan, com quem Harry simpatizava apesar da sua atitude algo pomposa.

— Harry — cumprimentou Ernie em voz altissonante, estendendo a mão quando este se aproximou —, não tive ocasião de te falar esta manhã em Defesa Contra a Magia Negra. Boa aula, em minha opinião, mas os Feitiços de Escudo Invisível são canja, é claro, para nós, que já estamos batidos no assunto do ED... e como estão vocês, Ron... Hermione?

Antes de poderem dizer algo além de «óptimos», a porta da masmorra abriu-se e a barriga de Slughorn precedeu-o. Enquanto os alunos entravam em fila para a sala, o seu grande bigode de morsa curvou-se por cima da boca sorridente e saudou Harry e Zabini com particular entusiasmo.

Ao contrário do que era habitual, a masmorra encontrava-se já inundada de vapores e estranhos cheiros. Harry, Ron e Hermione fungaram, interessados, ao passarem por grandes caldeirões fervilhantes. Os quatro Slytherin sentaram-se juntos a uma mesa, e os quatro Ravenclaw fizeram o mesmo, deixando Harry, Ron e Hermione a partilhar a deles com Ernie. Escolheram a mais próxima do caldeirão dourado que exalava um dos mais sedutores perfumes que Harry já inspirara: fazia-lhe lembrar simultaneamente tarte de melaço, o cheiro a madeira de um cabo de vassoura e um aroma floral que pensava ter sentido n'A Toca. Percebeu que estava a respirar muito lenta e profundamente, e que os vapores das poções pareciam enchê-lo como uma bebida. Apoderou-se dele um imenso

contentamento; sorriu a Ron, que lhe retribuiu preguiçosamente o sorriso.

— Ora bem, ora bem, ora bem — começou Slughorn, cuja silhueta maciça oscilava por entre os muitos vapores bruxuleantes. — Balanças para fora, todos, e os estojos de poções, e não se esqueçam dos vossos exemplares de *Preparação de Poções: Nível Avançado*...

— Professor? — Harry levantou a mão.

— Sim, Harry?

— Eu não tenho livro, nem balança, nem nada... e o Ron também não... porque não sabíamos que poderíamos frequentar o EFBE, percebe...

— Ah, sim, a Professora McGonagall referiu-se a isso... Não há problema, meu rapaz, não há qualquer problema. Hoje, podem usar ingredientes do armário, e estou certo de que vos poderemos emprestar balanças, e temos aqui uma pequena reserva de livros antigos que servirão até vocês escreverem para a Borrões e Floreados...

Slughorn dirigiu-se a um armário de canto e, após vasculhar um instante, surgiu com dois exemplares muito gastos de *Preparação de Poções: Nível Avançado*, de Libatius Borage, que entregou a Harry e Ron, juntamente com duas balanças muito baças.

— Ora bem — prosseguiu Slughorn, voltando para a frente da turma e enchendo de ar o seu já inchado peito, de tal maneira que os botões do casaco ameaçaram rebentar —, preparei algumas poções para vocês observarem, só por uma questão de curiosidade, percebem. São o género de coisas que devem ser capazes de fazer depois de completarem os EFBEs. Ouviram certamente falar delas, embora ainda as não tenham preparado. Alguém me sabe dizer o que é isto?

Indicou o caldeirão mais perto da mesa dos Slytherin. Harry ergueu-se levemente na cadeira e viu algo que lhe pareceu água simples a ferver lá dentro.

A mão de Hermione, muito prática nestas coisas, ergueu-se antes de qualquer outra. Slughorn apontou para ela.

— É *Veritaserum*, uma poção incolor e inodora que obriga quem a bebe a dizer a verdade — declarou Hermione.

— Muito bem, muito bem! — exclamou Slughorn, satisfeito. — Agora — continuou ele, indicando o caldeirão mais perto da mesa dos Ravenclaw —, esta aqui é muito conhecida... e também vem referida em alguns folhetos do Ministério ultimamente... quem sabe...

A mão de Hermione foi de novo a mais rápida.

— É Poção Polissuco, professor.

Harry também havia reconhecido a substância lodosa que fervilhava lentamente no segundo caldeirão, mas não ficou aborrecido por ser

Hermione a ter o mérito de responder à pergunta; afinal de contas, fora ela quem a conseguira preparar, quando andavam no segundo ano.

— Excelente, excelente! Agora, esta aqui... sim, minha querida? — proferiu Slughorn, com ar levemente confuso agora, ao ver a mão de Hermione uma vez mais no ar.

— É Amortencia!

— É realmente. Quase parece palermice perguntar — prosseguiu Slughorn, que parecia francamente impressionado —, mas presumo que saibas os efeitos desta poção?

— É a poção de amor mais forte do mundo! — respondeu Hermione.

— Certíssimo! Suponho que a reconheceste pelo seu típico brilho de madrepérola?

— E pelo vapor que ascende em espirais características — declarou Hermione, entusiasmada —, e é suposto ter um cheiro diferente para cada pessoa, conforme aquilo que mais nos atrai, e eu sinto o cheiro de relva acabada de cortar e pergaminhos novos e...

Todavia, corou ligeiramente e não concluiu a frase.

— Queres dizer-me como te chamas, minha querida? — inquiriu Slughorn, ignorando o embaraço de Hermione.

— Hermione Granger, professor.

— Granger? Granger? Terás acaso algum parentesco com Hector Dagworth-Granger, que fundou A Extraordinária Sociedade dos Escanpoções?

— Não, não creio, professor. Eu sou Muggle de nascimento, sabe.

Harry viu Malfoy inclinar-se para Nott e segredar qualquer coisa; fungaram ambos desdenhosamente, mas Slughorn não evidenciou qualquer desaprovação. Pelo contrário, sorriu abertamente e olhou de Hermione para Harry, que se encontrava sentado ao lado dela.

— Oooh! «Uma das minhas melhores amigas nasceu Muggle e é a melhor aluna do nosso ano!» Presumo que esta é a amiga a que te referias, Harry?

— É sim, professor — confirmou Harry.

— Bem, bem, vinte pontos bem ganhos para os Gryffindor, Miss Granger — disse Slughorn, prazenteiro.

Malfoy apresentava a mesma expressão de quando Hermione lhe dera o murro na cara. Hermione virou-se para Harry com ar radiante e segredou:

— Disseste-lhe realmente que eu sou a melhor do ano? Oh, Harry!

— E então, o que tem isso de tão extraordinário? — sussurrou Ron que, por qualquer motivo, parecia aborrecido. — Tu és a melhor do ano, eu ter-lhe-ia dito o mesmo se ele me tivesse perguntado.

Hermione sorriu, mas fez um leve gesto de «chiu», para poderem ouvir o que Slughorn estava a dizer. Ron parecia um pouco indisposto.

— A Amortencia não cria realmente *amor*, é claro. É impossível fabricar ou imitar o amor. Não, provoca simplesmente um poderoso fascínio ou obsessão. É provavelmente a poção mais perigosa e potente que está nesta sala... oh, sim — afirmou ele, acenando gravemente a Malfoy e Nott, que sorriam com ar céptico. — Quando tiverem a experiência da vida que eu tenho, não subestimarão o poder do amor obsessivo...

«E agora é tempo de começarmos a trabalhar.

— Professor, não nos disse o que há nesse — observou Ernie Macmillan, apontando para um pequeno caldeirão preto em cima da secretária de Slughorn, cujo conteúdo fervilhava alegremente. Era da cor de ouro derretido, e acima da superfície saltitavam grandes gotas semelhantes a peixes dourados, embora nem uma partícula se derramasse.

— Ooh! — exclamou de novo Slughorn. Harry tinha a certeza de que ele não se esquecera da poção, apenas esperara que lhe perguntassem para produzir um efeito teatral. — Sim. Esta poção. Bom, *esta*, senhoras e senhores, é uma poçãozinha muito curiosa chamada Felix Felicis. Depreendo — voltou-se a sorrir para fitar Hermione que sufocara uma exclamação — que conhece o efeito da Felix Felicis, Miss Granger?

— É sorte líquida — declarou Hermione, muito excitada. — Dá-nos sorte!

Toda a turma pareceu endireitar-se nos seus lugares. Agora a única coisa que Harry conseguia ver de Malfoy era a parte de trás da sua cabeça loura, porque ele estava finalmente a dedicar toda a sua atenção a Slughorn.

— Certíssimo, mais dez pontos para os Gryffindor. Sim, é uma poçãozinha engraçada, a Felix Felicis — continuou Slughorn. — Tremendamente difícil de fazer, e desastrosa se mal doseada. Contudo, quando bem preparada, como aconteceu com esta, verifica-se que tudo aquilo que se empreende tem tendência a ser um êxito... pelo menos até os efeitos desaparecerem.

— Por que é que as pessoas não a bebem sempre, professor? — perguntou Terry Boot vivamente.

— Porque, quando tomada em demasia, provoca vertigens, imprudência e um excesso de confiança perigoso — redarguiu Slughorn. — Não se deve abusar do que é bom, como já ouviram dizer... É altamente tóxica em grandes quantidades. Mas tomada com moderação e muito ocasionalmente...

— Já alguma vez a tomou, professor? — quis saber Michael Corner, muito interessado.

— Duas vezes na vida — respondeu Slughorn. — Uma quando tinha vinte e quatro anos e outra aos cinquenta e sete. Duas colheres de sopa ao pequeno-almoço. Dois dias perfeitos.

Pôs os olhos em alvo, sonhadoramente. Quer estivesse a representar quer não, pensou Harry, o efeito era bom.

— E é isso — rematou Slughorn, aparentemente de volta à terra — que vou oferecer como prémio nesta aula.

Seguiu-se um silêncio em que o borbulhar e gargolejar das poções que os rodeavam pareceu dez vezes ampliado.

— Uma garrafinha de Felix Felicis — explicou Slughorn, tirando do bolso um minúsculo frasco de vidro com rolha, que mostrou a todos. — Suficiente para doze horas de sorte. Da madrugada ao crepúsculo, terão sorte em tudo aquilo que empreenderem.

«Agora, devo avisar-vos de que Felix Felicis é uma substância proibida em competições organizadas, eventos desportivos, por exemplo, exames ou eleições. Portanto, o vencedor deve usá-la apenas num dia vulgar... e ver como ele se transforma num dia extraordinário!

«Então — prosseguiu Slughorn, mostrando-se de repente muito enérgico — como é que vocês podem ganhar o meu fabuloso prémio? Bem, abram *Preparação de Poções: Nível Avançado* na página dez. Resta-nos pouco mais de uma hora, o que dá tempo para tentarem preparar a Poção dos Mortos Vivos. Sei que é mais complexa que tudo o que tentaram até agora, e não espero que alguém prepare uma poção perfeita. No entanto, a pessoa que tiver melhores resultados ganhará aqui a pequena Felix. Podem começar!

Ouviu-se um arrastar dos caldeirões que todos puxavam para junto de si, e alguns tinidos sonoros de alunos que começavam a adicionar pesos às balanças, mas ninguém falou. A concentração no interior da sala era quase tangível. Harry viu Malfoy folhear febrilmente o seu exemplar de *Preparação de Poções: Nível Avançado*. Não podia ser mais óbvio que Malfoy desejava realmente esse dia de sorte. Harry curvou-se rapidamente sobre o livro usado que Slughorn lhe emprestara.

Aborrecido, viu que o anterior proprietário escrevinhara em todas as folhas, de maneira que as margens estavam tão negras como as partes impressas. Curvou-se mais para decifrar os ingredientes (até aí o antigo dono fizera anotações e riscara palavras) e dirigiu-se, apressado, ao armário para ir buscar os ingredientes de que precisava. Ao voltar para o seu caldeirão, viu Malfoy a cortar raízes de valeriana o mais depressa que podia.

Todos iam deitando olhares à sua volta para o que o resto da turma

estava a fazer; essa era, simultaneamente, uma das vantagens e desvantagens de Poções, pois tornava-se difícil manter o trabalho reservado. Daí a dez minutos, a sala enchera-se de um vapor azulado. Hermione, é claro, parecia ser quem ia mais avançada. A sua poção já se assemelhava ao «líquido homogéneo, cor de amora» referido como ideal a meio da preparação.

Tendo acabado de cortar as suas raízes, Harry voltou a debruçar-se sobre o livro. Era, de facto, muito irritante ter de se esforçar para decifrar as instruções debaixo de todos aqueles gatafunhos do anterior proprietário, que, vá-se lá saber porquê, discordava da ordem para cortar o Feijão Soporífico e escrevera nas instruções alternativas:

Esmagar com o lado chato de uma adaga de prata; liberta melhor o sumo do que cortando.

— Professor, creio que conheceu o meu avô, Abraxas Malfoy?

Harry ergueu o olhar. Slughorn ia a passar pela mesa dos Slytherin.

— Sim — respondeu Slughorn, sem fitar Malfoy. — Entristeceu-me saber que morrera, embora está claro que não constituiu uma surpresa, dragúola na idade dele...

E passou adiante. A sorrir, Harry curvou-se de novo sobre o seu caldeirão. Bem vira que Malfoy esperara ser tratado como Harry ou Zabini; talvez esperasse mesmo tratamento preferencial do género que se habituara a receber de Snape. Mas parecia que ia ter de confiar apenas no seu talento para ganhar o frasco de Felix Felicis.

O Feijão Soporífero estava a mostrar-se difícil de cortar. Harry virou-se para Hermione.

— Emprestas-me a tua faca de prata?

Ela acenou, impaciente, sem tirar os olhos da sua poção que continuava cor de púrpura-carregado, embora, segundo o livro, já devesse estar a passar a lilás-claro.

Harry esmagou o feijão com o lado chato da adaga. Para sua surpresa, este soltou imediatamente tanto sumo que ele se admirou pelo facto de um feijão tão mirrado conter tal quantidade. Apressou-se a despejá-lo para o caldeirão e viu, atónito, que a poção adquirira imediatamente o exacto tom de lilás descrito no livro.

O seu aborrecimento com o anterior dono do livro evaporou-se logo, e Harry perscrutou, então, a linha seguinte das instruções. Segundo o livro, ele tinha de mexer no sentido oposto ao dos ponteiros do relógio até a poção ficar clara como água. No entanto, segundo a adição feita pelo anterior proprietário, devia acrescentar uma volta no sentido dos ponteiros do relógio a cada sete voltas das outras. Será que o antigo dono tinha razão

duas vezes?

Harry mexeu no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio, susteve a respiração, e mexeu uma vez no sentido dos ponteiros. O efeito foi imediato. A poção passou a rosa-claro.

— Como é que conseguiste fazer isso? — perguntou Hermione, que estava congestionada e tinha o cabelo cada vez mais encaracolado devido aos vapores do caldeirão. A sua poção permanecia resolutamente cor de púrpura.

— Acrescenta uma volta no sentido dos ponteiros do relógio...

— Não, não, o livro diz contrário aos ponteiros do relógio — refutou ela.

Harry encolheu os ombros e prosseguiu o que estava a fazer. Sete voltas no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio, uma volta no sentido dos ponteiros do relógio, pausa... sete voltas no sentido contrário ao dos ponteiros, uma volta no sentido dos ponteiros...

Do outro lado da mesa, Ron praguejava abertamente em surdina; a sua poção parecia alcaçuz líquido. Harry olhou em volta. Tanto quanto podia ver, nenhuma outra poção ficara tão clara como a sua. Sentiu-se entusiasmado, algo que com certeza nunca lhe acontecera naquela masmorra.

— E o tempo... acabou! — proferiu Slughorn. — Parem de mexer, por favor.

Slughorn deslocou-se lentamente por entre as mesas, espreitando para os caldeirões. Não fazia comentários, mas de vez em quando mexia ou cheirava uma das poções. Por fim chegou à mesa onde se sentavam Harry, Ron, Hermione e Ernie. Sorriu com ar condoído à substância semelhante a alcatrão contida no caldeirão de Ron. Passou pela mistura azul-escura de Ernie. Fez um aceno aprovador à poção de Hermione. Depois viu a de Harry, e espalhou-se-lhe pela face um ar de incrédulo deleite.

— O claro vencedor! — gritou ele para toda a masmorra. — Excelente, excelente, Harry! Justos céus, é obvio que herdaste o talento da tua mãe, ela era perita em poções, a Lily! Aqui tens, portanto, aqui tens... um frasco de Felix Felicis, tal como prometido, e usa-a bem!

Harry enfiou o minúsculo frasco de líquido dourado no bolso interior, sentindo uma estranha mescla de prazer com as expressões furiosas das caras dos Slytherin, e de remorsos pelo ar desapontado de Hermione. Ron parecia simplesmente aturdido.

— Como é que fizeste aquilo? — segredou ele a Harry à saída da masmorra.

— Acho que tive sorte — respondeu Harry, porque Malfoy estava perto. Contudo, uma vez instalados na mesa dos Gryffindor para jantarem,

sentiu-se em segurança para lhes contar. O rosto de Hermione ia endurecendo a cada palavra que ele pronunciava.

— Suponho que tu achas que eu fiz batota? — terminou ele, incomodado com a expressão dela.

— Bem, o mérito não foi propriamente teu, pois não? — retorquiu ela, hirta.

— Ele apenas seguiu instruções diferentes das nossas — observou Ron. — Podia ter sido uma catástrofe, não podia? Mas ele correu o risco e teve a recompensa. — Soltou um suspiro. — O Slughorn podia ter-me entregado esse livro, mas não, a mim calhou-me aquele em que nunca ninguém escreveu nada. *Vomitado* sim, pelo aspecto da página cinquenta e dois, mas...

— Espera aí — disse uma voz junto à orelha esquerda de Harry, e ele aspirou uma onda súbita daquele perfume floral que sentira na masmorra de Slughorn. Virou-se e viu que Ginny se lhes juntara. — Será que ouvi bem? Estiveste a seguir instruções de algo que alguém escreveu num livro, Harry?

Parecia alarmada e zangada. Harry percebeu imediatamente o que lhe ia na cabeça.

— Não é nada — tranquilizou-a, baixando a voz. — Não é nada como o diário do Riddle. É apenas um velho livro escolar em que alguém escreveu.

— Mas tu estás a fazer o que lá diz?

— Limitei-me a experimentar alguns dos conselhos anotados à margem, francamente, Ginny, não há nada de esquisito...

— A Ginny tem razão — declarou Hermione, animando-se de imediato. — Devíamos verificar se não há nada de errado nisso. Quer dizer, com todas essas instruções estranhas, sabe-se lá?

— Eh! — protestou Harry, indignado, quando ela puxou o seu exemplar de *Preparação de Poções: Nível Avançado* do saco e ergueu a varinha.

— *Specialis revelio!* — proferiu Hermione, batendo levemente na capa.

Não aconteceu absolutamente nada. O livro permaneceu ali, velho, sujo e com folhas dobradas.

— Acabaste? — perguntou Harry, irritado. — Ou queres esperar para ver se ele dá uns mortais à retaguarda?

— Parece bem — comentou Hermione, ainda a fitar o livro, desconfiada. — Quer dizer, parece realmente ser... apenas um livro de estudo.

— Ótimo. Então posso guardá-lo outra vez — rematou Harry, tirando-o de cima da mesa, mas ele escapou-lhe da mão e foi aterrar, aberto, no soalho.

Mais ninguém olhava. Harry curvou-se para apanhar o livro e, ao fazê-lo, viu qualquer coisa escrita ao longo da parte inferior da contracapa, na mesma letra pequena e apertada das instruções que o haviam feito ganhar o seu frasco de Felix Felicis, agora em segurança, escondido dentro de um par de meias, lá em cima no seu malão.

Este Livro é Pertença do Príncipe Meio-Sangue.

X

A CASA DE GAUNT

Durante o resto das aulas de Poções dessa semana, Harry continuou a seguir as instruções do Príncipe Meio-Sangue sempre que elas diferiam das de Libatius Borage, com o resultado de que, à quarta lição, Slughorn alardeava as capacidades de Harry, afirmando raramente ter ensinado alguém com tanto talento. Nem Ron nem Hermione se sentiam encantados com isso. Apesar de Harry se ter oferecido para partilhar o livro com eles, Ron tinha mais dificuldade em decifrar a letra do que Harry e não podia passar o tempo a pedir-lhe para ler as instruções em voz alta, pois isso levantaria suspeitas. Hermione, entretanto, continuava a seguir resolutamente aquilo a que chamava as instruções «oficiais», mas ia ficando cada vez mais mal humorada, dado elas proporcionarem piores resultados que as do Príncipe.

Harry perguntara vagamente a si mesmo quem poderia ter sido o Príncipe Meio-Sangue. Embora a quantidade de trabalhos de casa que lhes tinham sido passados o impedissem de ler a totalidade do seu *Preparação de Poções: Nível Avançado*, folheara-o o suficiente para verificar que não havia uma página em que o Príncipe não tivesse posto notas adicionais, nem todas relacionadas com a elaboração de poções. Aqui e além, havia instruções para execução do que pareciam ser feitiços inventados por ele próprio.

— Ou ela própria — disse Hermione, irritada, ao ouvir Harry indicar alguns deles a Ron na sala comum, sábado à noite. — Podia ter sido uma rapariga. Acho que a letra parece mais de uma rapariga que de um rapaz.

— *Príncipe* Meio-Sangue, era como ele se chamava — acentuou Harry. — Quantas raparigas foram príncipes?

Hermione pareceu não ter resposta para aquilo. Limitou-se a franzir a testa e a afastar a sua composição sobre «Os Princípios da Rematerialização» de Ron, que a tentava ler de pernas para o ar.

Harry consultou o relógio e apressou-se a enfiar o velho exemplar de *Preparação de Poções: Nível Avançado* novamente no seu saco.

— São cinco para as oito, é melhor ir andando, ou chego atrasado ao Dumbledore.

— Ooooh! — exclamou Hermione, erguendo imediatamente os olhos. — Felicidades! Nós esperamos por ti a pé, queremos saber o que te vai ele ensinar!

— Espero que corra bem — disse Ron, e ficaram ambos a ver o amigo sair pelo buraco do retrato.

Harry atravessou corredores desertos, embora tivesse de se esconder apressadamente atrás de uma estátua, quando a Professora Trelawney surgiu de uma esquina, a falar sozinha e a manusear um baralho de cartas de jogar que ia lendo enquanto andava.

— Dois de espadas: conflito — murmurou ela, ao passar pelo sítio onde Harry, agachado, se escondia. — Sete de espadas: um mau presságio. Dez de espadas: violência. Valeta de espadas: um jovem moreno, possivelmente confuso, alguém que não gosta da cartomante...

Imobilizou-se de repente, mesmo em frente da estátua de Harry.

— Bem, isso não pode ser — comentou ela, aborrecida, e Harry ouviu-a baralhar vigorosamente enquanto recomeçava a caminhar, deixando atrás de si apenas um leve odor a xerez barato. Harry esperou até ter a certeza absoluta de que ela desaparecera, e depois voltou a mover-se rapidamente até chegar ao local do corredor do sétimo andar onde havia uma única gárgula encostada à parede.

— Pastilhas Ácidas — disse ele. A gárgula saltou para o lado; a parede atrás dela afastou-se e revelou uma escada rolante em espiral, para onde Harry subiu, sendo elevado em suaves círculos até à porta de batente de bronze que conduzia ao gabinete de Dumbledore.

Bateu à porta.

— Entre — disse a voz de Dumbledore.

— Boa noite, professor — cumprimentou Harry, entrando no gabinete do Director.

— Ah, boa noite, Harry. Senta-te — convidou Dumbledore, sorrindo. — Espero que tenhas gostado da tua primeira semana de escola?

— Gostei sim, obrigado, professor.

— Deves ter andado ocupado, um castigo no activo já!

— Hã... — começou Harry, embaraçado, mas Dumbledore não parecia muito zangado.

— Combinei com o Professor Snape que cumprirás o teu castigo antes no próximo sábado.

— Certo — respondeu Harry, que tinha a cabeça ocupada com assuntos mais prementes que o castigo de Snape, e olhava agora sub-repticiamente em volta à procura de qualquer indício sobre o que Dumbledore planeava fazer com ele nessa noite. O gabinete circular apresentava o mesmo aspecto de sempre: os delicados instrumentos de prata pousados em mesas de pés finos, exalando fumo e zumbindo; retratos de anteriores directores e directoras que dormitavam nas suas molduras; e a magnífica fénix de Dumbledore, *Fawkes*, que observava Harry com vivo interesse do seu poleiro atrás da porta. Nem sequer parecia que Dumbledore tivesse aberto espaço para treinar duelos.

— Então, Harry — começou Dumbledore em tom firme. — Estou certo de que tens andado a perguntar-te o que terei eu planeado para ti durante estas... à falta de melhor palavra... lições?

— É verdade, professor.

— Bom, decidi que é altura, agora que já sabes o que levou Lord Voldemort a tentar matar-te há quinze anos, de receberes determinadas informações.

Seguiu-se uma pausa.

— No fim do período passado, disse que me ia contar tudo — observou Harry. Era difícil reprimir a nota de acusação na sua voz. — Professor — acrescentou ele.

— E foi o que fiz — declarou Dumbledore placidamente. — Conte-te tudo o que sei. Daqui para a frente, vamos abandonar as firmes fundações dos factos e viajar juntos através dos pântanos sombrios da memória até aos bosques espessos das mais desenfreadas conjecturas. Daqui em diante, Harry, posso estar tão redondamente enganado como Humphrey Belcher, que julgou chegados os dias de um caldeirão para queijo.

— Mas acha que tem razão? — perguntou Harry.

— Naturalmente que sim, mas como já te provei, cometo erros como qualquer um. De facto, dado que sou, desculpa-me, bastante mais inteligente que a maioria, os meus erros tendem a ser proporcionalmente maiores.

— Professor — arriscou Harry —, aquilo que me vai contar tem alguma coisa que ver com a profecia? Ajudar-me-á a... sobreviver?

— Tem imenso que ver com a profecia — respondeu Dumbledore, tão despreocupadamente como se Harry lhe tivesse perguntado a previsão do tempo para o dia seguinte —, e espero francamente que te ajude a sobreviver.

Dumbledore levantou-se e rodeou a secretária, ultrapassando Harry, que se virou, ansioso, e o viu curvar-se sobre o armário ao lado da porta.

Quando Dumbledore se endireitou, segurava uma conhecida bacia de pedra pouco funda, com estranhos entalhes na borda. Colocou o Pensatório em cima da secretária, diante de Harry.

— Parece preocupado.

De facto, Harry estivera a fitar o Pensatório com alguma apreensão. As suas anteriores experiências com o estranho objecto que armazenava e revelava pensamentos e recordações, embora altamente elucidativas, haviam também sido incómodas. Da última vez que perturbara o seu conteúdo, vira muito mais que teria desejado. Mas Dumbledore sorria.

— Desta vez, entras no Pensatório comigo... e, ainda mais invulgar, com autorização.

— Aonde é que vamos, professor?

— Fazer uma viagem pelas veredas da memória de Bob Ogden — respondeu Dumbledore, tirando do bolso um frasco de cristal contendo uma substância branco-prateada num torvelinho.

— Quem era Bob Ogden?

— Era um funcionário do Departamento de Execução da Lei Mágica — elucidou Dumbledore. — Morreu há já algum tempo, mas não antes de eu o ter encontrado e persuadido a confiar-me estas recordações. Vamos acompanhá-lo numa visita que ele fez no cumprimento do seu trabalho. Se te quiseres levantar, Harry...

Mas Dumbledore estava com dificuldade em tirar a rolha do frasco de cristal: a sua mão magoada parecia hirta e dorida.

— Quer... quer que eu abra, professor?

— Não é preciso, Harry...

Dumbledore apontou a varinha ao frasco, e a rolha saltou fora.

— Professor... como é que magoou a sua mão? — perguntou Harry de novo, fitando os dedos enegrecidos com uma mescla de repulsa e piedade.

— Agora não é o momento certo para essa história, Harry. Ainda não. Temos um encontro com Bob Ogden.

Dumbledore despejou o conteúdo prateado do frasco no Pensatório, onde ele ficou a rodopiar e a bruxulear, nem líquido nem gasoso.

— Primeiro tu — convidou Dumbledore, fazendo um gesto em direcção à bacia.

Harry curvou-se, respirou fundo, e mergulhou a cara na substância prateada. Sentiu os pés abandonarem o chão do gabinete; ia a cair, a cair, turbilhonando através da escuridão e depois, de repente, pestanejou, ofuscado pelo sol. Antes de os olhos se adaptarem, Dumbledore aterrou a seu lado.

Estavam numa vereda campestre ladeada por sebes altas e emaranhadas,

sob um céu estival tão azul e luminoso como um miosótis. Uns três metros à frente deles encontrava-se um homem baixo e roliço, com óculos tão grossos que lhe reduziam os olhos a pequenos pontos. Lia uma tabuleta de madeira que saía das silvas do lado esquerdo do caminho. Harry percebeu que devia ser Ogden; era a única pessoa à vista e, além disso, vestia a estranha combinação de roupas tão frequentemente escolhida por feiticeiros inexperientes a tentarem passar por Muggles: naquele caso, sobrecasaca e polainas por cima de um fato de banho inteiro às riscas. Contudo, antes de Harry ter tempo para mais do que registar a sua bizarra aparência, Ogden partiu em passo acelerado pela vereda abaixo.

Dumbledore e Harry seguiram-no. Ao passarem pela tabuleta de madeira, Harry olhou para as duas setas. A que apontava para o caminho por onde tinham vindo dizia: «Great Hangleton, 7,5 km». A que apontava para Ogden dizia: «Little Hangleton, 1,5 km».

Caminharam algum tempo sem nada para ver além de sebes, o vasto céu azul por cima das cabeças e a figura à sua frente, com a sobrecasaca a fazer ruge-ruge. Depois o caminho curvou à esquerda e desapareceu numa acentuada descida da colina, de maneira que tiveram a visão súbita e inesperada de todo um vale que se estendia diante deles. Harry avistou uma aldeia, indubitavelmente Little Hangleton, aninhada entre dois montes alcantilados, a igreja e o cemitério claramente visíveis. Do outro lado do vale, na encosta da colina, via-se uma elegante casa senhorial rodeada por uma grande extensão de relvado verde-aveludado.

Ogden adoptara um trote relutante devido à inclinação da descida. Dumbledore alargou a passada, e Harry apressou-se para o acompanhar. Pensou que Little Hangleton devia ser o seu destino e perguntou-se, como acontecera na noite em que haviam encontrado Slughorn, por que teriam de abordar de uma tal distância. Todavia, depressa descobriu que se enganara ao pensar que se dirigiam à aldeia. A vereda curvava à direita e, quando viraram a esquina, avistaram as abas da sobrecasaca de Ogden a desaparecer num buraco da sebe.

Dumbledore e Harry seguiram-no até um estreito caminho de terra batida, ladeado por sebes mais altas e mais bravias que as que haviam deixado para trás. O carreiro era torto, rochoso e esburacado, com uma descida íngreme como o anterior e parecia dirigir-se para um maciço de árvores escuras, um pouco abaixo deles. E, de facto, em breve o caminho desembocou no arvoredado, e Dumbledore e Harry estacaram atrás de Ogden que tinha parado e puxado da sua varinha.

Apesar do céu limpo, as velhas árvores em frente lançavam profundas sombras escuras e frescas e decorreram alguns segundos até os olhos de

Harry descobrirem o edifício semioculto entre o emaranhado de troncos. Pareceu-lhe uma localização muito esquisita para uma casa, ou então uma decisão estranha deixar crescer árvores tão perto, bloqueando toda a luz e a vista do vale lá em baixo. Perguntou-se se estaria desabitada: as paredes encontravam-se cobertas de musgo e tinham caído tantas telhas que se entreviam as vigas de madeira aqui e além no telhado. Por toda a parte cresciam urtigas, cujos topos chegavam às janelas, minúsculas e cobertas de sujidade. Contudo, justamente quando acabara de chegar à conclusão de que não podia viver ali ninguém, uma das janelas foi aberta com estrondo e dela saiu um fino fio de fumo, como se alguém estivesse a cozinhar.

Ogden avançou silenciosamente e, pareceu a Harry, com muita cautela. Enquanto as sombras negras das árvores deslizavam sobre ele, estacou de novo, fitando a porta de entrada, onde alguém pregara uma cobra morta.

Então, ouviu-se um farfalhar e um estalido e da árvore mais próxima tombou um homem esfarrapado que aterrou de pé mesmo em frente de Ogden; este saltou para trás tão depressa que pisou as abas da sobrecasaca e tropeçou.

— *Não és bem-vindo.*

O homem que se encontrava diante deles tinha o cabelo espesso tão emaranhado de sujidade que podia ser de qualquer cor. Faltavam-lhe vários dentes. Os olhos eram pequenos e negros, e fitavam direcções opostas. Poderia ter um aspecto cómico, mas não tinha. O efeito era assustador, e Harry não censurava Ogden por recuar diversos passos mais antes de falar.

— Hã... bom dia. Sou do Ministério da Magia...

— *Não és bem-vindo.*

— Hã... lamento... não o compreendo — disse Ogden, nervoso.

Harry pensou que Ogden estava a ser extremamente obtuso; em sua opinião, o estranho explicara-se com toda a clareza, especialmente porque empunhava uma varinha numa das mãos e uma faca curta ensanguentada na outra.

— Tu com certeza que o compreendes, Harry? — comentou Dumbledore em voz baixa.

— Sim, claro — respondeu Harry, algo perplexo. — Por que não consegue o Ogden...?

Mas os seus olhos depararam de novo com a serpente morta pregada à porta e, de repente, percebeu.

— Ele está a falar serpentês?

— Exactamente — confirmou Dumbledore, com um aceno sorridente.

O homem esfarrapado avançava agora para Ogden, a faca numa das mãos, a varinha na outra.

— Ouça lá... — começou Ogden, mas era demasiado tarde: ouviu-se um estrondo, e Ogden caiu ao chão, agarrado ao nariz, enquanto uma mucosidade amarelada e desagradável lhe espirrava por entre os dedos.

— Morfin! — bradou uma voz.

Um homem de certa idade saíra apressado da casa, batendo a porta atrás de si de maneira que a serpente morta oscilou pateticamente. O homem era mais baixo que o outro e de proporções estranhas. Os ombros eram largos e os braços excessivamente compridos, o que, aliado aos vivos olhos castanhos, cabelo curto emaranhado e rosto enrugado, lhe conferia o ar de um robusto macaco velho. Deteve-se junto ao homem da faca, que se ria agora às gargalhadas por ver Ogden no chão.

— Do Ministério, é? — perguntou o mais velho dos homens, fitando Ogden.

— Correcto! — respondeu Ogden furioso, a esfregar a cara. — E o senhor, suponho, é Mr. Gaunt?

— Certo — disse Gaunt. — Atingiu-o na cara, foi?

— Foi, sim! — retorquiu Ogden em tom áspero.

— Devia ter anunciado a sua presença, não era? — ripostou Gaunt agressivamente. — Isto é propriedade privada. Não pode pura e simplesmente entrar aqui e não esperar que o meu filho se defenda.

— Se defenda de quê, homem? — inquiriu Ogden, erguendo-se com dificuldade.

— Bisbilhoteiros. Intrusos. Muggles e escumalha.

Ogden apontou a varinha ao seu próprio nariz, que continuava a largar grandes quantidade de uma coisa que parecia pus amarelo, e o fluxo estacou imediatamente. Mr. Gaunt falou para Morfin pelo canto da boca.

— *Vai para casa. Não discutas.*

Desta vez, de sobreaviso, Harry reconheceu o serpentês; mesmo compreendendo o que estava a ser dito, distinguia o estranho sibilar que era a única coisa que Ogden conseguia ouvir. Morfin pareceu prestes a discordar, mas, quando o pai lhe lançou um olhar ameaçador, mudou de ideias e arrastou-se em direcção a casa com uma passada esquisita, batendo com a porta e fazendo a cobra oscilar de novo tristemente.

— É o seu filho que eu venho ver, Mr. Gaunt — declarou Ogden, limpando os últimos vestígios de pus da frente da sobrecasaca. — Aquele era o Morfin, não era?

— É, aquele era o Morfin — confirmou o velho em tom indiferente. — Você é puro-sangue? — perguntou ele, tornando-se de repente agressivo.

— Isso não é para aqui chamado — declarou Ogden friamente, e Harry sentiu crescer o seu respeito por ele.

Ao que parecia, Gaunt pensava de maneira diferente. Perscrutou o rosto de Ogden e murmurou, em tom que pretendia claramente ser ofensivo: — Agora que penso nisso, já vi narizes como o seu na aldeia.

— Não duvido, se o seu filho andou à solta por lá — retorquiu Ogden. — Talvez possamos prosseguir esta discussão dentro de casa?

— Dentro de casa?

— Sim, Mr. Gaunt. Já lhe disse. Estou aqui por causa de Morfin.

Enviámos uma coruja...

— Não ligo às corujas — disse Gaunt. — Não abro as cartas.

— Então, não se pode queixar de não ser avisado das visitas — observou Ogden acerbamente. — Eu estou aqui no seguimento de um grave desrespeito da lei dos feiticeiros aqui ocorrido às primeiras horas desta manhã...

— Está bem, está bem, está bem — berrou Gaunt. — Entre lá então na porcaria da casa, que lhe vai adiantar muito!

A casa parecia ter três minúsculas divisões. Duas portas davam para a divisão principal, que servia de cozinha e sala de estar. Morfin estava sentado num cadeirão imundo ao lado da lareira fumegante, torcendo uma cobra viva entre os dedos grossos e murmurando-lhe baixinho em serpentês:

*Sibila, pequena cobra,
Desliza pela horta,
Sê boazinha pr'ò Morfin
Ou ele prega-t'à porta.*

Ouviu-se um ruído arrastado vindo do canto ao lado da janela aberta, e Harry percebeu que havia mais alguém na sala, uma rapariga de vestido cinzento esfarrapado, no tom exacto da parede de pedra suja por trás dela. Estava de pé junto a uma panela fumegante que se encontrava sobre um fogão preto encardido, e remexia na prateleira de sórdidos tachos e panelas por cima daquele. Tinha o cabelo escorrido e baço e um rosto vulgar, pálido e desgracioso. Os olhos, tal como os do irmão, fitavam direcções opostas. Parecia um pouco mais limpa que os dois homens, mas Harry pensou que nunca vira pessoa com um ar mais derrotado.

— A 'nha filha, Merope — disse Gaunt, de mau grado, quando Ogden olhou interrogativamente para ela.

— Bom dia — cumprimentou Ogden.

Ela não respondeu e, com um olhar assustado para o pai, voltou costas à sala e continuou a mexer nas panelas da prateleira.

— Bom, Mr. Gaunt — recomeçou Ogden —, para ir direito ao assunto, temos razões para crer que o seu filho Morfin usou magia em frente de um Muggle ontem, já a noite ia alta.

Ouviu-se um estrondo ensurdecedor. Merope deixara cair uma das suas panelas.

— *Apanha-a!* — gritou-lhe Gaunt. — É isso, fuça no chão como um Muggle imundo, para que serve a tua varinha, meu saco de esterco inútil?

— Mr. Gaunt, por favor! — proferiu Ogden em voz chocada, enquanto Merope, que já apanhara a panela, corava às manchas escarlates, voltava a soltar a panela, tirava a tremer a varinha do bolso e a apontava à panela, murmurando atabalhoadamente um feitiço inaudível que a fez disparar pelo chão para longe dela, embater na parede oposta e partir-se em duas.

Morfin soltou uma gargalhada de louco. Gaunt berrou: — Conserta-a, meu estafermo incompetente, conserta-a!

Merope atravessou a sala aos tropeções, mas antes de ter tempo de erguer a varinha, Ogden levantou a dele e disse firmemente: — *Reparo.* — A panela ficou imediatamente inteira.

Por instantes, houve a sensação de que Gaunt ia pôr-se aos gritos com Ogden, mas ele pareceu pensar melhor e implicou antes com a filha: — É uma sorte o homem simpático do Ministério estar aqui, não é? Talvez ele me livre de ti, talvez ele não se sinta incomodado com uma asquerosa cepa-torta...

Sem olhar para ninguém nem agradecer a Ogden, Merope pegou na panela e, com mãos trémulas, voltou a colocá-la na prateleira. Depois ficou absolutamente imóvel, encostada à parede entre a janela encardida e o fogão, como se não desejasse outra coisa além de enfiar-se na pedra e desaparecer.

— Mr. Gaunt — começou de novo Ogden —, como já disse, a razão da minha visita...

— Ouvi à primeira! — rosnou Gaunt. — E depois? O Morfin deu a um Muggle aquilo que ele estava a pedir... e depois, hem?

— O Morfin desrespeitou a lei da feitiçaria — respondeu Ogden em tom severo.

— *O Morfin desrespeitou a lei da feitiçaria* — Gaunt imitou a voz de Ogden, dando-lhe um tom pomposo e cantado. Morfin soltou nova casquinada. — Deu uma lição a um Muggle imundo. Isso agora é ilegal, é?

— É — afirmou Ogden. — Lamento, mas é.

Tirou de um bolso interior um pequeno rolo de pergaminho e desenrolou-o.

— E isso é o quê, então, a sentença? — proferiu Gaunt, a voz a elevar-

se, furiosa.

— É uma convocatória para uma audiência no Ministério...

— Convocatória! *Convocatória!* Quem pensa você que é, a convocar o meu filho seja para onde for?

— Sou o Chefe da Brigada de Execução da Lei Mágica — respondeu Ogden.

— E acha que nós somos escumalha, não é? — berrou Gaunt, avançando para Ogden, apontando-lhe o dedo sujo de unhas amareladas ao peito. — Escumalha que vai a correr quando o Ministério manda? Sabe com quem está a falar, seu abjecto Sangue de Lama insignificante, sabe?

— Tinha a impressão de estar a falar com Mr. Gaunt — declarou Ogden, com ar circunspecto, mas mantendo-se firme.

— É isso mesmo! — trovejou Gaunt. Por instantes, Harry pensou que Gaunt fazia um gesto de mão obsceno, mas depois percebeu que ele estava a mostrar a Ogden o feio anel com uma pedra negra que usava no dedo do meio, agitando-o diante dos olhos deste. — Está a ver isto? Está a ver isto? Sabe o que é? Sabe de onde veio? Há séculos que está na nossa família, podemos recuar até aí, e sempre sangue puro! Sabe quanto me ofereceram por isto, com o brasão dos Peverell gravado na pedra?

— Não faça a menor ideia — confessou Ogden, pestanejando quando o anel lhe passou quase rente ao nariz —, e não interessa para o caso, Mr. Gaunt. O seu filho cometeu...

Com um uivo de raiva, Gaunt precipitou-se para a filha. Durante um breve segundo, Harry pensou que ele a ia estrangular ao ver a mão voar até à garganta da rapariga. No momento seguinte, Gaunt arrastava-a em direcção a Ogden por uma corrente de ouro que ela trazia ao pescoço.

— Está a ver isto? — gritou para Ogden, sacudindo um pesado medalhão de ouro à sua frente, enquanto Merope, quase sufocada, tentava respirar.

— Estou a ver, estou a ver! — apressou-se a dizer Ogden.

— *Era de Slytherin!* — bramou Gaunt. — De Salazar Slytherin! Somos os seus últimos descendentes vivos, que me diz a isso, hem?

— Mr. Gaunt, a sua filha! — advertiu Ogden alarmado, mas Gaunt já soltara Merope que se afastou dele vacilante e voltou ao seu canto, a massajar o pescoço e a tentar respirar.

— Pronto! — exclamou Gaunt triunfante, como se tivesse acabado de demonstrar uma coisa complicada sem possibilidade de discussão. — Portanto, não nos fale como se fôssemos lixo! Gerações de puro-sangue, todos feiticeiros... mais do que *você* se pode gabar, tenho a certeza!

E cuspiu no chão aos pés de Ogden. Morfin soltou nova risada. Merope, encolhida junto à janela, a cabeça curvada e a cara oculta pelo cabelo

eskorrido, não disse nada.

— Mr. Gaunt — persistiu Ogden —, nem os seus antepassados nem os meus têm absolutamente nada que ver com o assunto em causa. Eu estou aqui por causa do Morfin, do Morfin e do Muggle que ele abordou ontem à noite. A nossa informação — relanceou um olhar pelo rolo de pergaminho — é que o Morfin executou um feitiço ou encantamento no citado Muggle, provocando-lhe uma urticária extremamente dolorosa.

Morfin soltou uma risada.

— *Está calado, rapaz* — rosnou Gaunt em serpentês, e Morfin remeteu-se de novo ao silêncio.

— E depois? — perguntou Gaunt a Ogden em tom de desafio. — Calculo que você terá limpado a cara imunda do Muggle e apagado a memória...

— A questão não é essa, pois não, Mr. Gaunt? — insistiu Ogden. — Aquilo foi um ataque sem provocação a uma pessoa indefesa...

— Aaah, topei-o como amiguinho dos Muggles assim que lhe pus os olhos em cima — rosnou Gaunt, voltando a cuspir para o chão.

— Esta discussão não nos leva a lado algum — declarou Ogden firmemente. — É evidente, pela atitude do seu filho, que ele não sente quaisquer remorsos dos seus actos. — Relanceou novo olhar ao pergaminho. — O Morfin apresentar-se-á a uma audiência no dia catorze de Setembro, para responder à acusação de empregar magia em frente de um Muggle, causando danos e aflicção a esse mesmo Muggle...

Ogden interrompeu-se. Através da janela aberta entravam os sons de tilintar e cascos de cavalo e de vozes sonoras e risonhas. Aparentemente, o caminho tortuoso até à aldeia passava muito perto da mata onde se encontrava a casa. Gaunt imobilizou-se, a escutar, de olhos dilatados. Morfin sibilou e virou a cara na direcção dos sons, com expressão faminta. Merope levantou a cabeça. Harry viu que ela estava branca como a cal.

— Céus, que monstruosidade! — exclamou uma voz de rapariga, tão claramente audível através da janela aberta como se ela estivesse na sala ao lado deles. — O teu pai não podia mandar arrasar aquele casebre, Tom?

— Não é nosso — respondeu uma voz de rapaz. — Tudo o que existe do outro lado do vale pertence-nos, mas esse chalé é dum velho vagabundo chamado Gaunt e dos filhos. O filho é totalmente louco, devias ouvir algumas das histórias que contam na aldeia...

A rapariga riu-se. O tilintar e os sons de cascos aproximavam-se cada vez mais. Morfin fez menção de sair da sua cadeira.

— *Fica quieto!* — avisou-o o pai, em serpentês.

— Tom — era de novo a voz da rapariga, tão perto agora que se

encontravam obviamente ao lado da casa —, posso estar enganada, mas pregaram uma cobra naquela porta?

— Meu Deus, tens razão! — exclamou a voz do homem. — Foi com certeza o filho, já te disse que ele não regula bem. Cecília, não olhes para lá, querida.

Os sons começavam agora a afastar-se de novo.

— «Querida» — sussurrou Morfin em serpentês, olhando para a irmã. — *Ele chamou-lhe «querida». Portanto, também não te queria para nada.*

Merope estava tão lívida que Harry pensou que ela ia desmaiar.

— *O que é isto?* — perguntou vivamente Gaunt, também em serpentês, olhando do filho para a filha. — *O que é que tu disseste, Morfin?*

— *Ela gosta de olhar para aquele Muggle* — respondeu Morfin, fitando com uma expressão maldosa a irmã que parecia agora aterrada. — *Sempre no jardim quando ele passa, a espreitá-lo através da sebe, não é? E a noite passada...*

Merope abanou a cabeça espasmodicamente, suplicante, mas Morfin prosseguiu, implacável. — *Pendurada à janela à espera de que ele voltasse para casa, não foi?*

— *Pendurada à janela para olhar para um Muggle?* — repetiu Gaunt em voz baixa.

Os três Gaunt pareciam ter esquecido a presença de Ogden, que mostrava um ar simultaneamente confuso e irritado perante esta nova explosão de incompreensíveis silvos e sons guturais.

— *Isto é verdade?* — perguntou Gaunt em tom gelado, avançando um ou dois passos na direcção da aterrorizada rapariga. — *A minha filha... descendente puro-sangue de Salazar Slytherin... a suspirar por um Muggle imundo, de veias conspurcadas?*

Merope abanou a cabeça freneticamente e encostou-se ainda mais à parede, incapaz de falar.

— *Mas eu apanhei-o, Pai!* — gargalhou Morfin. — *Apanhei-o quando ele passou e já não ficou tão bonito todo coberto de urticária, pois não, Merope?*

— *Sua cepa-torta asquerosa e insignificante, sua imunda traidora de sangue!* — trovejou Gaunt, totalmente descontrolado, fechando as mãos em volta da garganta da filha.

Harry e Ogden gritaram ao mesmo tempo: — Não! — Ogden levantou a varinha e gritou: «*Relashio!*» Gaunt foi projectado para trás, para longe da filha; tropeçou numa cadeira e caiu de costas. Com um rugido de raiva, Morfin saltou do seu cadeirão e correu para Ogden, brandindo a faca ensanguentada e lançando indiscriminadamente feitiços com a varinha.

Ogden fugiu a sete pés. Dumbledore fez sinal a Harry de que deviam segui-lo, e este obedeceu, com os gritos de Merope ainda a ecoarem nos ouvidos.

Ogden correu caminho acima, os braços a cobrir a cabeça e irrompeu pela vereda principal, onde foi colidir com o reluzente cavalo castanho montado por um jovem muito atraente, de cabelos pretos. Tanto ele como a bonita rapariga que seguia a seu lado num cavalo cinzento se escangalharam a rir à vista de Ogden, que ressaltou do flanco do cavalo e partiu de novo muito agitado, a sobrecasaca a esvoaçar, coberto de pó dos pés à cabeça, pela ladeira acima.

— Acho que chega, Harry — disse Dumbledore. Agarrou o cotovelo de Harry e apertou-o. No instante seguinte, flutuavam ambos sem peso através das trevas, até voltarem a aterrar de pé no gabinete de Dumbledore, onde reinava agora o crepúsculo.

— O que aconteceu à rapariga da casa? — perguntou Harry de imediato, enquanto Dumbledore acendia mais candeeiros com um gesto da varinha. — À Merope, ou lá como é que ela se chamava?

— Sobreviveu — informou Dumbledore, voltando a sentar-se à secretária e indicando a Harry que devia também sentar-se. — Ogden Apareceu no Ministério e daí a quinze minutos regressava com reforços. O Morfin e o pai tentaram dar luta, mas foram ambos dominados, levados da casa e posteriormente condenados pelo Wizengamot. O Morfin, que já possuía cadastro de ataques a Muggles, foi condenado a três anos em Azkaban. O Marvolo, que além de Ogden ferira diversos funcionários do Ministério, apanhou seis meses.

— Marvolo? — repetiu Harry, pensativo.

— Exactamente — anuiu Dumbledore, sorrindo, aprovativo. — Fico satisfeito por ver que estás a acompanhar.

— Aquele velho era...?

— O avô de Voldemort, sim — confirmou Dumbledore. — Marvolo, o filho Morfin e a filha Merope eram os últimos dos Gaunt, uma família de feiticeiros muito antiga, famosa pelo seu carácter instável e violento que floresceu durante gerações devido ao hábito de casarem entre primos. A falta de juízo, aliada a uma enorme apetência de fausto, resultaram em que o ouro da família tenha sido esbanjado várias gerações antes de Marvolo nascer. Ele, como viste, vivia na miséria, com um péssimo génio, uma enorme dose de arrogância e orgulho, e duas heranças de família de que gostava tanto como do filho, e bastante mais que da filha.

— Então, a Merope — avançou Harry, inclinando-se na sua cadeira e fitando Dumbledore —, então a Merope era... Professor, isso quer dizer

que ela era... *mãe de Voldemort*?

— Quer — disse Dumbledore. — E acontece que também vislumbrámos o pai de Voldemort. Pergunto-me se terás reparado?

— O Muggle que o Morfin atacou? O homem a cavalo?

— Muito bem — aprovou Dumbledore, sorridente. — Sim, aquele era Tom Riddle Sênior, o atraente Muggle que costumava passar a cavalo pela casa dos Gaunt e por quem Merope Gaunt nutria uma ardente paixão secreta.

— E acabaram por casar? — inquiriu Harry, em tom incrédulo, incapaz de imaginar duas pessoas com menos probabilidades de se apaixonarem mutuamente.

— Acho que te estás a esquecer de que a Merope era feiticeira — observou Dumbledore. — Não creio que os seus poderes mágicos tenham mostrado a sua melhor faceta quando ela estava a ser brutalizada pelo pai. Uma vez Marvolo e Morfin enfiados em Azkaban, uma vez sozinha e livre pela primeira vez na vida, então estou certo de que ela pôde dar rédea solta às suas capacidades e planear a forma de fugir à terrível vida que levava durante dezoito anos.

«Ocorre-te alguma medida que Merope pudesse ter tomado para levar Tom Riddle a esquecer a sua companheira Muggle e apaixonar-se antes por ela?

— A Maldição Imperius? — sugeriu Harry. — Ou uma poção de amor?

— Muito bem. Pessoalmente, sinto-me inclinado a pensar que ela usou uma poção de amor. Tenho a certeza de que lhe teria parecido muito mais romântico e creio que não teria sido muito difícil, num dia quente em que Riddle cavalgasse sozinho, persuadi-lo a beber um pouco de água. Seja como for, poucos meses depois da cena que acabamos de presenciar, a aldeia de Little Hangleton saboreou um tremendo escândalo. Podes imaginar os mexericos quando o filho do proprietário da zona fugiu com Merope, a filha do vagabundo.

«Mas o choque da aldeia não foi nada comparado com o de Marvolo. Este voltou de Azkaban, esperando encontrar a filha a aguardar obedientemente o seu regresso com uma refeição quente em cima da mesa. Em vez disso, encontrou dois dedos de pó acumulado e o bilhete de despedida dela, a explicar o que fizera.

«Segundo tudo o que consegui averiguar, a partir daí ele nunca mais voltou a mencionar o nome ou a existência da filha. O choque da sua deserção pode ter contribuído para a morte prematura de Marvolo... ou, então, ele simplesmente nunca aprendera a alimentar-se sozinho. Azkaban enfraquecera-o e não viveu para ver o Morfin regressar a casa.

— E a Merope? Ela... ela morreu, não foi? O Voldemort não foi criado num orfanato?

— Foi, sim — confirmou Dumbledore. — Aqui, temos de nos deitar a adivinhar, embora não me pareça difícil deduzir o que aconteceu. Sabes, poucos meses depois da fuga e casamento, Tom Riddle reapareceu na mansão de Little Hangleton sem a mulher. Correu o boato de que ele falava em ter sido «cego» e «ludibriado». Queria ele dizer, estou certo, que estivera sob algum feitiço depois levantado, apesar de estar convencido de que ele não se atreveu a empregar estas palavras exactas com receio de o julgarem maluco. Contudo, ouvindo o que ele andava a dizer, os aldeões calcularam que Merope mentira a Tom Riddle, fingindo que ia ter um filho dele, e que fora por isso que ele a desposara.

— Mas ela *teve* realmente um filho dele.

— Sim, mas só após um ano de casamento. Tom Riddle abandonou-a ainda ela estava grávida.

— O que é que correu mal? — interessou-se Harry. — Por que é que a poção de amor deixou de funcionar?

— Mais uma vez, estamos a conjecturar — respondeu Dumbledore —, mas penso que a Merope, que amava profundamente o marido, não foi capaz de continuar a escravizá-lo por meios mágicos. Penso que foi escolha dela deixar de lhe dar a poção. Talvez, intoxicada como estava, se tivesse convencido de que nessa altura já ele se teria apaixonado também por ela. Talvez tenha pensado que ele ficaria por causa do bebé. Se assim foi, enganou-se redondamente. Ele abandonou-a, nunca mais a viu, e nunca se deu ao trabalho de descobrir o que acontecera ao filho.

O céu lá fora estava negro como tinta da china e os candeeiros do gabinete de Dumbledore pareciam brilhar mais vivamente que antes.

— Acho que por esta noite já chega, Harry — declarou Dumbledore após alguns instantes.

— Sim, professor — anuiu Harry.

Pôs-se de pé, mas não saiu.

— Professor... é importante saber tudo isto a respeito do passado de Voldemort?

— Muito importante, penso eu — retorquiu Dumbledore.

— E... tem alguma coisa que ver com a profecia?

— Tem tudo que ver com a profecia.

— Certo — disse Harry, um bocado confuso, mas mais tranquilizado. Virou-se para partir, e então ocorreu-lhe outra pergunta, e virou-se de novo.

— Professor, autoriza-me a contar ao Ron e à Hermione tudo aquilo que

me contou a mim?

Dumbledore observou-o durante alguns instantes e depois respondeu: — Sim, penso que Mr. Weasley e Miss Granger já provaram ser dignos de confiança. Mas, Harry, vou pedir-te para lhes recomendaras que não repitam nada disto a ninguém. Não seria boa ideia começar a correr por aí tudo aquilo que eu sei, ou desconfio, acerca dos segredos de Lord Voldemort.

— Com certeza, professor, vou certificar-me de que isto fique apenas pelo Ron e a Hermione. Boa noite.

Voltou-se e já estava quase à porta quando o viu. Pousado numa das pequenas mesas de pé alto que suportavam tantos instrumentos prateados de aspecto frágil encontrava-se um feio anel de ouro com uma grande pedra negra rachada.

— Professor — murmurou Harry, com os olhos postos nele. — Aquele anel...

— Sim? — fez Dumbledore.

— O professor usava-o naquela noite em que fomos visitar o Professor Slughorn.

— Pois usava — concordou Dumbledore.

— Mas não é... Professor, não é o mesmo anel que o Marvolo Gaunt mostrou a Ogden?

Dumbledore baixou a cabeça.

— Precisamente o mesmo.

— Mas como é que... Sempre o teve?

— Não, adquiri-o muito recentemente — respondeu Dumbledore. — Alguns dias antes de te ir buscar a casa dos teus tios, na realidade.

— Então, foi mais ou menos na altura em que magoou a sua mão, professor?

— Mais ou menos, sim, Harry.

Harry hesitou. Dumbledore sorria.

— Professor, exactamente como...?

— É demasiado tarde, Harry! Ouvirás essa história noutra ocasião. Boa noite.

— Boa noite, professor.

XI

HERMIONE DÁ UMA «MÃOZINHA»

Tal como Hermione previra, os tempos livres dos alunos do sexto ano não eram as horas de abençoada descontração que Ron esperava, mas sim períodos em que tentavam manter em dia as vastas quantidades de trabalhos de casa que lhes marcavam. Não só estavam a estudar como se tivessem exames todos os dias, como as próprias lições se haviam tornado mais exigentes que nunca. Harry mal compreendia metade do que a Professora McGonagall lhes dizia actualmente, e até Hermione já tivera de lhe pedir que repetisse as instruções uma ou duas vezes. Incrivelmente, graças ao Príncipe Meio-Sangue, a melhor disciplina de Harry passara de súbito a ser Poções, e o ressentimento de Hermione crescia.

Esperava-se agora que eles executassem feitiços não-verbais, não apenas em Defesa Contra a Magia Negra, mas também em Encantamentos e Transfiguração. Harry olhava com frequência para os seus colegas na sala comum ou às refeições e via-os congestionados e tensos como se tivessem tomado uma dose excessiva de Cagahoto-Não-Fazemos, mas sabia que estavam de facto a esforçar-se por lançar feitiços sem pronunciar as fórmulas. Era um alívio ir para as estufas lá fora. Estavam a lidar com plantas mais perigosas que nunca em Herbologia, mas pelo menos ainda lhes era permitido praguejar em voz alta, se a Tentácula Venenosa os agarrasse inesperadamente pelas costas.

Um dos resultados das enormes carradas de trabalhos e das horas frenéticas a praticar feitiços não-verbais era que Harry, Ron e Hermione ainda não tinham conseguido arranjar tempo para irem visitar Hagrid. Ele deixara de vir tomar as refeições à mesa do corpo docente, um mau sinal, e nas poucas ocasiões em que se haviam cruzado nos corredores ou lá fora, misteriosamente não reparara nos pequenos nem ouvira as suas saudações.

— Temos de lá ir explicar — disse Hermione, fitando a enorme cadeira vazia de Hagrid na mesa do corpo docente, ao pequeno-almoço do sábado

seguinte.

— Hoje de manhã temos as provas para o Quidditch! — exclamou Ron.
— *E* deveríamos estar a treinar o encantamento *Aguamenti* para o Flitwick! E, aliás, explicar o quê? Como é que lhe vamos dizer que odiávamos a sua horrorosa disciplina?

— Nós não a odiávamos! — contrariou Hermione.

— Fala por ti, eu não me esqueci dos expojentos — afirmou Ron em tom sombrio. — E podes crer, escapámos por pouco. Tu não o ouviste a falar do idiota do irmão... Se lá tivéssemos ficado, andaríamos a ensinar o Grawp a dar o laço aos atacadores dos sapatos.

— Detesto estar sem falar ao Hagrid — insistiu Hermione, parecendo perturbada.

— Vamos até lá depois do Quidditch — propôs Harry. Também ele sentia a falta de Hagrid, embora, tal como Ron, achasse que estavam melhor sem o Grawp a complicar-lhes a vida. — Mas, com o número de pessoas que se inscreveu, as provas são capazes de durar toda a manhã. — Sentia-se um bocado nervoso por ir enfrentar o primeiro obstáculo como capitão. — Não sei por que é que a equipa ficou de repente tão popular.

— Ora, anda lá, Harry — observou Hermione, algo impaciente. — Não é o *Quidditch* que é popular, és tu! Nunca foste tão interessante e, com toda a franqueza, nunca foste tão atraente.

Ron engasgou-se num grande pedaço de arenque. Hermione lançou-lhe um olhar de desdém antes de voltar a dirigir-se a Harry.

— Agora toda a gente sabe que estavas a dizer a verdade, não é? Todo o mundo feiticeiro teve de admitir que tu tinhas razão acerca do Voldemort estar de volta e de o teres enfrentado realmente duas vezes nos últimos dois anos e escapado de ambas. E agora andam a chamar-te «O Eleito»... ora, anda lá, não percebes por que é que as pessoas andam fascinadas por ti?

Harry começou de repente a achar o Salão Nobre demasiado quente, apesar de o tecto continuar a apresentar um aspecto frio e chuvoso.

— *E* sofreste toda aquela perseguição por parte do Ministério, quando eles andaram a tentar apresentar-te como instável e mentiroso. Ainda se vêem as marcas onde aquela mulher diabólica te obrigou a escrever com o teu próprio sangue, mas mesmo assim mantiveste a tua história...

— Ainda se vê onde aqueles cérebros me agarraram no Ministério, olha — interrompeu Ron, erguendo as mangas.

— E o facto de teres crescido aí uns trinta centímetros durante o Verão também ajuda — concluiu Hermione, ignorando Ron.

— Eu sou alto — proferiu Ron, sem qualquer lógica.

As corujas do correio chegaram, entrando pelas janelas borrifadas de

chuva e salpicando toda a gente com gotas de água. A maioria dos alunos andava a receber mais correio do que era habitual; pais aflitos ansiavam por saber notícias dos filhos e por lhes garantir, por sua vez, que em casa tudo ia bem. Harry não recebera correio desde o início do período; o seu único correspondente regular morrera e embora tivesse esperado que Lupin lhe escrevesse de vez em quando, até agora fora um desapontamento. Ficou, portanto, muito surpreso ao ver a forma alva de *Hedwig* descrevendo círculos entre todas as corujas castanhas e cinzentas. Veio pousar diante dele, transportando um grande pacote quadrado. Instantes depois, um pacote semelhante aterrava em frente de Ron, quase esmagando com o seu peso a minúscula e exausta coruja deste, *Pigwidgeon*.

— Ah! — fez Harry, desembulhando o pacote e exibindo um exemplar novo de *Preparação de Poções: Nível Avançado*, acabado de chegar da Borrões e Floreados.

— Ah, ótimo — comentou Hermione, encantada. — Agora já podes devolver esse exemplar cheio de *graffiti*.

— Estás louca? — exclamou Harry. — Eu vou ficar com ele! Ora vê, já arranjei maneira de resolver a coisa...

Tirou do saco o velho exemplar de *Preparação de Poções: Nível Avançado* e bateu com a varinha na capa, murmurando: «*Diffindo!*» A capa caiu. Fez o mesmo ao livro novinho em folha (Hermione estava escandalizada). Depois trocou as capas, bateu nas duas e disse: «*Reparo!*»

E ali ficaram o exemplar do Príncipe, disfarçado de livro novo, e o exemplar novinho da Borrões e Floreados, com todo o aspecto de usado.

— Vou devolver o novo ao Slughorn. Não se pode queixar, custou nove galeões.

Hermione comprimiu os lábios, com expressão irritada e desaprovadora, mas foi distraída por uma terceira coruja que aterrou à sua frente trazendo *O Profeta Diário* desse dia. Desdobrou-o rapidamente e perscrutou a primeira página.

— Morreu alguém nosso conhecido? — inquiriu Ron em voz deliberadamente despreocupada. Fazia a mesma pergunta sempre que Hermione abria o jornal.

— Não, mas houve mais ataques de Dementors — respondeu ela. — E uma prisão.

— Excelente, quem? — perguntou Harry, pensando em Bellatrix Lestrange.

— O Stan Shunpike — elucidou Hermione.

— O quê? — exclamou Harry, surpreso.

— «*Stanley Shunpike, condutor do Autocarro Cavaleiro, o popular*

transporte de feiticeiros, foi preso por suspeita de actividade como Devorador da Morte. Mr. Shunpike, 21 anos, foi levado sob custódia a noite passada após uma rusga à sua casa em Clapham...»

— O Stan Shunpike, um Devorador da Morte? — declarou Harry, recordando o jovem borbulhento que conhecera três anos antes. — Nem pensar!

— Pode ter sido posto sob a Maldição Imperius — observou Ron, sensato. — Não se consegue saber.

— Não me parece — comentou Hermione, que continuara a ler. — Diz aqui que ele foi preso depois de o terem ouvido a falar de planos secretos dos Devoradores da Morte num *pub*. — Ergueu os olhos com uma expressão perturbada. — Se estivesse sob a Maldição Imperius, não era natural que andasse por aí a badalar os planos deles, pois não?

— É possível que ele só quisesse fingir saber mais do que sabia — disse Ron. — Não é aquele que afirmou que ia ser Ministro da Magia quando estava a meter conversa com as Veela?

— É esse, sim — confirmou Harry. — Não sei no que andam eles a pensar. Levarem o Stan a sério!

— Provavelmente querem dar o aspecto de que estão a fazer alguma coisa — declarou Hermione, de testa franzida. — As pessoas andam aterrorizadas... sabem que os pais das gémeas Patil querem que elas voltem para casa? E a Eloise Midgeon já saiu. O pai veio buscá-la a noite passada.

— O quê! — Ron arregalou os olhos para Hermione. — Mas Hogwarts é mais seguro que as casas deles, tem de ser! Nós temos Aurors e todos esses feitiços protectores adicionais, e temos o Dumbledore!

— Creio que não o temos a tempo inteiro — murmurou Hermione, relanceando um olhar à mesa do corpo docente por cima d'*O Profeta*. — Não repararam? Nesta última semana, o lugar dele tem estado vazio tantas vezes como o do Hagrid.

Harry e Ron seguiram a direcção do seu olhar. A cadeira do Director estava realmente vazia. Agora que pensava nisso, Harry não via Dumbledore desde a sua aula particular, há uma semana.

— Penso que ele deixou a escola para ir fazer qualquer coisa com a Ordem — disse Hermione em voz baixa. — Quer dizer... as coisas estão feias, não estão?

Harry e Ron não responderam, mas Harry sabia que todos estavam a pensar no mesmo. Houvera um horrível incidente no dia anterior, quando tinham ido buscar Hannah Abbott à aula de Herbologia para lhe dizerem que a mãe fora encontrada morta. Não haviam visto Hannah desde então.

Cinco minutos depois, quando saíram da mesa dos Gryffindor para se

dirigirem ao campo de Quidditch, passaram por Lavender Brown e Parvati Patil. Recordando o que Hermione dissera acerca de os pais das gêmeas Patil quererem que elas abandonassem Hogwarts, Harry não ficou surpreso ao ver as duas grandes amigas aos sussurros, com um ar preocupado. O que o surpreendeu foi que, quando Ron passou junto delas, Parvati deu de repente uma cotovelada a Lavender, e ela voltou-se e dirigiu um sorriso rasgado a Ron. Ron pestanejou e depois retribuiu o sorriso, hesitante, começando de imediato a andar mais empertigado. Harry resistiu à tentação de rir, lembrando-se de que Ron também se absteria de o fazer depois de Malfoy ter partido o nariz a Harry. Hermione, contudo, assumiu uma expressão gélida e distante durante todo o caminho até ao estádio sob a fria neblina dos chuviscos, e afastou-se para procurar lugar nas bancadas sem desejar felicidades a Ron.

Tal como Harry esperara, as provas ocuparam quase toda a manhã. Metade dos Gryffindor parecia ter aparecido, desde os alunos do primeiro ano que apertavam nervosamente uma variedade de horrorosas velhas vassouras da escola, até aos do sétimo ano que, muito mais altos que os restantes, se passeavam com ar friamente intimidante. Entre estes últimos, encontrava-se um rapaz corpulento, de cabelo espesso, que Harry reconheceu imediatamente do Expresso de Hogwarts.

— Conhecemo-nos no comboio, no compartimento do velho Sluggy — disse ele com segurança, saindo do aglomerado para apertar a mão a Harry. — Cormac McLaggen, *keeper*.

— Tu não prestaste provas o ano passado, pois não? — perguntou Harry, tomando mentalmente nota da constituição de McLaggen e pensando que ele provavelmente bloqueava as três balizas sem sequer se mover.

— Estava na enfermaria quando foram as provas — respondeu McLaggen, em tom de bravata. — Comi meio quilo de ovos de *Doxy* por causa de uma aposta.

— Certo — disse Harry. — Bom... se esperares ali...

Apontou para a extremidade do campo, perto do sítio onde estava sentada Hermione. Pensou ver um vislumbre de aborrecimento perpassar pelo rosto de McLaggen e perguntou-se se ele estaria à espera de tratamento preferencial por serem ambos favoritos do «velho Sluggy».

Harry decidiu começar com um teste básico, pedindo a todos os candidatos que se dividissem em grupos de dez e dessem a volta ao campo a voar. Foi uma decisão sensata: a primeira dezena era constituída por alunos do primeiro ano e não poderia ser mais evidente que nunca deviam ter voado antes. Apenas um rapaz se conseguiu manter no ar mais que alguns segundos, e ficou tão admirado que foi embater num dos postes das

balizas.

O segundo grupo era formado por dez raparigas do mais palerma que Hary já vira e que, quando ele apitou, se limitaram a cair no meio de risinhos, agarradas umas às outras. Romilda Vane encontrava-se entre elas. Quando ele as mandou abandonar o campo, obedeceram bastante satisfeitas e foram sentar-se nas bancadas a importunar toda a gente.

O terceiro grupo colidiu a meio da volta ao campo. A maioria do quarto grupo viera sem vassouras. O quinto grupo eram Hufflepuff.

— Se há aqui alguém que não seja Gryffindor — trovejou Harry, que começava a ficar francamente irritado —, é favor sair já!

Houve uma pausa, e depois um par de pequenos Ravenclaw abandonou o campo a correr, sufocado de riso.

Ao fim de duas horas, muitas queixas e diversas brigas, uma das quais envolvendo uma *Cometa Sessenta e Dois* espatifada e vários dentes partidos, Harry arranjava três *chasers*: Katie Bell, reintegrada na equipa após uma excelente prova, uma descoberta nova chamada Demelza Robins, particularmente boa a esquivar-se a *bludgers*, e Ginny Weasley, que levava a melhor a toda a concorrência e marcara dezassete golos. Embora se sentisse contente com as suas escolhas, Harry estava rouco de gritar com os insatisfeitos e tratava agora uma batalha semelhante com os *beaters* rejeitados.

— A minha decisão é final e, se não cedem lugar aos *keepers*, lanço-vos um feitiço — ameaçou ele.

Nenhum dos *beaters* que escolhera tinha o velho brilho de Fred e George, mas ainda assim sentia-se razoavelmente satisfeito com eles: Jimmy Peakes, um aluno do terceiro ano, baixo mas de tronco largo, que conseguira fazer um alto do tamanho de um ovo na cabeça de Harry com uma passada violenta de *bludger*, e Ritchie Coote, que parecia fraco mas possuía uma óptima pontaria. Tinham ido juntar-se aos espectadores nas bancadas, para observar a selecção do último membro da sua equipa.

Harry deixara deliberadamente para o fim a prova dos *keepers*, esperando ter um estádio mais vazio e menos pressão sobre todos os envolvidos. Infelizmente, contudo, nesta altura haviam-se juntado ao grupo todos os jogadores rejeitados e grande número de alunos que viera assistir após um pequeno-almoço demorado, de maneira que a multidão aumentara bastante. À medida que cada *keeper* voava para as balizas, a turba aplaudia e viajava em proporções iguais. Harry olhou de relance para Ron, cujos nervos sempre haviam representado um problema. Tivera esperança de que a vitória no jogo final no ano anterior o houvesse curado, mas ao que parecia não: Ron exibia um delicado tom esverdeado.

Nenhum dos cinco primeiros candidatos defendeu mais que dois golos cada. Para enorme desapontamento de Harry, Cormac McLaggen defendeu quatro de cinco penalidades. No entanto, na última, disparou na direcção totalmente errada; a multidão riu-se e vaiou, e McLaggen voltou ao solo a ranger os dentes.

Ao subir para a sua *Demolidora Onze*, Ron parecia prestes a desmaiar.

— Felicidades! — gritou uma voz das bancadas. Harry virou-se, esperando ver Hermione, mas fora Lavender Brown. Bem lhe apetecia esconder a cara nas mãos, como ela fez instantes depois, mas achou que, sendo o capitão, devia mostrar um pouco mais de coragem e, portanto, virou-se para assistir à prova de Ron.

Mas não precisava de se ter preocupado: Ron defendeu uma, duas, três, quatro, cinco penalidades de seguida. Encantado, resistindo com dificuldade a juntar-se aos aplausos da multidão, Harry voltou-se para McLaggen para lhe dizer que, infelizmente, Ron o batera, encontrando o rosto congestionado deste apenas a alguns centímetros do seu. Recuou apressadamente.

— A irmã dele não fez uma tentativa válida — afirmou McLaggen, em tom ameaçador. Na sua fonte pulsava uma veia semelhante à que Harry observara frequentemente no tio Vernon. — Ela ofereceu-lho de bandeja.

— Disparate — contrapôs Harry friamente. — Esse foi o que ele quase não defendia.

McLaggen avançou um passo para Harry, que desta vez se manteve firme.

— Dá-me mais uma oportunidade.

— Não — declarou Harry. — Já tiveste a tua oportunidade. Defendeste quatro. O Ron defendeu cinco. O *keeper* é o Ron, conquistou o lugar com toda a justiça. Sai da minha frente.

Por instantes, pensou que McLaggen lhe ia dar um murro, mas este contentou-se com um horrível trejeito e partiu disparado, resmungando para o ar algo que pareciam ameaças.

Harry voltou-se e deparou com a sua nova equipa a sorrir-lhe alegremente.

— Muito bem — elogiou ele. — Vocês voaram realmente bem...

— Foste formidável, Ron!

Desta vez era, de facto, Hermione, que vinha das bancadas a correr para eles. Harry viu Lavender abandonar o campo, de braço dado com Parvati, com uma expressão de mau humor estampada na cara. Ron parecia extremamente satisfeito consigo próprio e ainda mais alto que o habitual quando se riu para a equipa toda e para Hermione.

Depois de marcado o primeiro treino para a quinta-feira seguinte, Harry, Ron e Hermione despediram-se do resto da equipa e dirigiram-se à cabana de Hagrid. Um sol pálido tentava agora furar as nuvens e deixara finalmente de chover. Harry estava esfomeado e esperava que houvesse alguma coisa para comer na cabana de Hagrid.

— Pensei que ia falhar aquela quarta penalidade — ia Ron a dizer alegremente. — Uma bolada enganosa da Demelza, viram, com efeito e tudo...

— Sim, sim, foste magnífico — concordou Hermione, parecendo divertida.

— Pelo menos, fui melhor que o McLaggen — comentou Ron, num tom altamente satisfeito. — Viram-no atirar-se na direcção errada na quinta? Parecia que tinha sido Confundido...

Para surpresa de Harry, Hermione corou imenso ao ouvir aquelas palavras. Ron não reparou em nada; ia demasiado ocupado a descrever cada uma das suas outras penalidades com pormenores carinhosos.

Buckbeak, o grande hipogrifo cinzento, estava preso em frente da cabana de Hagrid. Bateu o bico afiado como uma lâmina à sua aproximação e virou a enorme cabeça para eles.

— Oh, céus — observou Hermione, nervosa. — Ele continua um bocado intimidante, não continua?

— Deixa-te disso, já o montaste, não foi? — lembrou-lhe Ron.

Harry adiantou-se e fez uma profunda vénia perante o hipogrifo, sem deixar de manter contacto visual nem pestanejar. Ao fim de alguns segundos, *Buckbeak* curvou-se igualmente.

— Como vais? — perguntou Harry em voz baixa, avançando para afagar a cabeça plúmea. — Sentes a falta dele? Mas estás bem aqui com o Hagrid, não estás?

— Olá! — exclamou uma voz sonora.

Hagrid surgira em largas passadas da esquina da sua cabana, com um grande avental florido e carregando um saco de batatas. *Fang*, o seu enorme cão de caça ao javali, que o seguia de perto, ladrrou atroadoramente e saltou para diante.

— ‘fastem-se dele! Ele morde... oh, são vocês.

Fang saltava em redor de Hermione e Ron, tentando lamber-lhes as orelhas. Hagrid ficou a olhar para eles todos durante um breve instante e depois voltou-se e dirigiu-se para a cabana, batendo a porta atrás de si.

— Oh, céus! — comentou Hermione, parecendo abalada.

— Não te preocupes — aconselhou Harry em tom sombrio.

Encaminhou-se para a porta e bateu com força.

— Hagrid! Abre, queremos falar contigo!

De dentro não veio qualquer som.

— Se não abres a porta, rebentamo-la! — ameaçou Harry empunhando a varinha.

— Harry! — censurou Hermione em tom chocado. — Não podes pensar em...

— Posso, pois! — afirmou Harry. — Afastem-se...

Mas antes de conseguir dizer algo mais, a porta escancarou-se como Harry sabia que aconteceria, e surgiu Hagrid, que os fitou furioso e, apesar do avental florido, com um aspecto positivamente alarmante.

— Eu sou um professor! — bramiu ele para Harry. — Um professor, Potter! Como t'atreves à' meçar arrombar a minha porta!

— Desculpe, *professor* — pediu Harry, acentuando a última palavra enquanto guardava a varinha.

Hagrid ficou petrificado.

— Desde q'ando é que me tratas por «professor»?

— Desde quando é que me tratas por «Potter»?

— Ah, qu'espetinho — resmungou Hagrid. — Muito divertido. A fazer pouco de mim, né? 'Tá bem, entrem lá, seus ingratos...

Murmurando sombriamente, afastou-se para os deixar passar. Hermione apressou-se a entrar depois de Harry, com ar um pouco assustado.

— Atão? — fez Hagrid em tom rezinga, enquanto Harry, Ron e Hermione se sentavam em volta da enorme mesa de madeira. *Fang* pousou imediatamente a cabeça nos joelhos de Harry e ficou a babar-se por cima das suas vestes. — Q' é isto? 'Tão com pena de mim? Acham qu'eu 'tou muito só ou coisa assim?

— Não — retorquiu logo Harry. — Queríamos ver-te.

— Tivemos saudades tuas! — disse Hermione em voz trémula.

— Saudades minhas, é? — vociferou Hagrid. — Pois. 'Tá claro.

Deslocou-se pesadamente para preparar chá na sua enorme chaleira de cobre, sem deixar de resmungar. Por fim, pousou diante deles com toda a força três canecas do tamanho de baldes com chá cor de mogno e um prato dos seus bolos duros. Harry estava com fome suficiente mesmo para os cozinhados de Hagrid e pegou logo num.

— Hagrid — começou Hermione timidamente, quando ele se lhes foi juntar à mesa e começou a descascar as batatas com tanta brutalidade que parecia que cada um dos tubérculos o ofendera pessoalmente —, nós queríamos mesmo continuar com Cuidados Com as Criaturas Mágicas, sabes.

Hagrid fungou de novo com força. Harry achou que alguns salpicos

tinham aterrado nas batatas e sentiu-se intimamente grato por não ficarem para jantar.

— A sério! — insistiu Hermione. — Mas nenhum de nós a conseguiu encaixar nos horários!

— Pois. Claro — repetiu Hagrid.

Ouvu-se um estranho chapinhar e todos olharam à volta: Hermione soltou um gritinho, e Ron saltou da cadeira e rodeou muito depressa a mesa, afastando-se do grande barril encostado ao canto em que só agora haviam reparado. Estava cheio de algo semelhante a larvas com trinta centímetros: viscosas, brancas e a contorcerem-se.

— O que é aquilo, Hagrid? — perguntou Harry, esforçando-se por parecer interessado e não enojado, mas pousando o seu bolo, à cautela.

— São lagartas gigantes — elucidou Hagrid.

— E vão transformar-se em...? — inquiriu Ron, com ar apreensivo.

— Na' se vão transformar em nada — declarou Hagrid. — Arranjei-as p'ra alimentar a *Aragog*.

E, sem aviso prévio, rompeu em lágrimas.

— Hagrid! — gritou Hermione, que se levantou de um pulo e correu a rodear a mesa pelo caminho mais longo de maneira a evitar o barril de larvas. — O que foi? — perguntou ela, passando-lhe o braço pelos ombros sacudidos.

— É... ela... — soluçou Hagrid, as lágrimas a escorrerem-lhe dos olhos negros de carvão e enxugando a cara com o avental. — É a... *Aragog*... acho qu'ela 'tá a morrer... adoeceu no Verão e nã' 'tá melhor... nã' sei o que faço s'ela... s'ela... há tanto tempo que 'tamos juntos...

Hermione deu umas palmadinhas no ombro de Hagrid, parecendo não encontrar palavras para dizer fosse o que fosse. Harry sabia como ela se sentia. Já tinham visto Hagrid oferecer um ursinho de pelúcia a um malévolo dragão-bebé, cantarolar a escorpiões gigantes com presas e ferrões, e tentar chamar à razão o seu brutal meio-irmão gigante, mas esta era talvez a mais incompreensível das suas afeições monstruosas: a gigantesca aranha que falava, *Aragog*, que vivia nas profundezas da Floresta Proibida e a que ele e Ron haviam escapado por uma unha negra quatro anos antes.

— Podemos... podemos fazer alguma coisa? — perguntou Hermione, ignorando os frenéticos trejeitos e abanares de cabeça de Ron.

— Acho que não, Hermione. — Hagrid quase sufocava, tentando deter o fluxo de lágrimas. — Sabes, o resto da tribo... a família da *Aragog*... eles 'tão a ficar um bocado esquisitos agora qu'ela 'tá doente... um bocado agitados...

— Pois, acho que nós reparámos nisso — comentou Ron em surdina.

— ... acho que não é seguro p'ra ninguém senão eu aproximar-se da colónia nesta altura — concluiu Hagrid, assoando-se com força ao avental e erguendo os olhos. — Mas 'brigada por t'ofreceres, Hermione... isso significa muito...

Depois disso, a atmosfera ficou consideravelmente mais leve, pois embora nem Harry nem Ron tivessem mostrado a menor inclinação para ir alimentar uma aranha assassina e gargantuesca com larvas gigantes, Hagrid pareceu tomar como certo que eles gostariam de o ter feito e voltou à sua maneira de ser habitual.

— Ah, eu já sabia que vocês iam achar difícil encaixar-me nos vossos horários — disse ele pesaroso, deitando-lhes mais chá. — Nem que tivessem pedido um Vira-Tempo...

— Não podíamos — replicou Hermione. — Espatifámos as reservas completas de Vira-Tempos do Ministério quando lá estivemos no Verão. Veio n' *O Profeta Diário*.

— Ah, atão não podiam de maneira nenhuma ter... desculpem eu ter sido... vocês sabem... mas tenho' andado tão' preocupado co'a *Aragog*... e perguntei-me se por acaso fosse a Professora Grubbly-Plank a ensinar...

Perante aquelas palavras, os três afirmaram categórica e falsamente que a Professora Grubbly-Plank, que substituíra algumas vezes Hagrid, era uma professora horrível. Consequentemente, quando, já ao crepúsculo, Hagrid lhes acenou a despedir-se, apresentava um aspecto bastante animado.

— Estou a morrer de fome — declarou Harry, assim que a porta se fechou atrás deles e se apressaram a percorrer os terrenos escuros e desertos; tinha abandonado o bolo duro que nem uma rocha depois de um agourento estalido num dente molar. — E esta noite tenho aquele castigo com o Snape, não me fica muito tempo para jantar...

Ao entrarem no castelo, avistaram Cormac McLaggen a dirigir-se ao Salão Nobre. Precisou de duas tentativas para passar as portas, pois na primeira foi embater no umbral. Ron limitou-se a soltar uma gargalhada triunfante e entrou atrás dele, mas Harry agarrou o braço de Hermione e deteve-a.

— Que foi? — perguntou Hermione, na defensiva.

— Se queres a minha opinião — disse Harry baixinho —, o McLaggen tem ar de quem *foi* de facto Confundido. E ele estava mesmo em frente do sítio em que tu te achavas sentada.

Hermione corou.

— Ah, pronto, está bem, fui eu — segredou ela. — Mas devias ouvir a maneira como ele estava a falar do Ron e da Ginny! De qualquer maneira,

ele tem um gênio péssimo, bem viste como reagiu por não ter entrado. Não ias querer alguém assim na equipa.

— Não — concordou Harry. — Não, acho que isso é verdade. Mas não foi desonesto, Hermione? Quer dizer, tu és um prefeito, não és?

— Ora, cala a boca — intimou ela, vendo-o fazer uma careta.

— Que estão vocês dois a tramar? — indagou Ron, reaparecendo à porta do Salão Nobre com ar desconfiado.

— Nada — responderam Harry e Hermione ao mesmo tempo, apressando-se a segui-lo. O cheiro de rosbife provocou espasmos de fome no estômago de Harry, mas mal haviam dado três passos em direção à mesa dos Gryffindor quando o Professor Slughorn surgiu diante deles, bloqueando-lhes o caminho.

— Harry, Harry, justamente o homem de quem eu andava à procura! — trovejou ele alegremente, retorcendo as pontas do seu bigode de morsa e esticando a enorme barriga. — Tinha esperança de te encontrar antes do jantar! Que dizes antes a uma ceiazinha nos meus aposentos esta noite? Uma pequena festa, apenas algumas estrelas em ascensão. Vai o McLaggen, e o Zabini, a encantadora Melinda Bobbin... não sei se a conheces? A família dela possui uma grande cadeia de boticas... e, é claro, espero ardentemente que Miss Granger me dê igualmente a honra de aparecer.

Fez uma pequena vénia a Hermione quando acabou de falar. Era como se Ron não se achasse presente; Slughorn nem sequer olhou para ele.

— Eu não posso ir, professor — disse logo Harry. — Tenho um castigo do Professor Snape.

— Oh, céus! — exclamou Slughorn, o rosto comicamente desapontado. — Céus, céus, e eu que estava a contar contigo, Harry! Bom, vou ter de dar uma palavrinha ao Severus e explicar-lhe a situação. Tenho a certeza de conseguir persuadi-lo a adiar o teu castigo. Sim, vejo-vos a ambos mais tarde!

Saiu apressado do Salão.

— Ele não tem a menor hipótese de persuadir o Snape — comentou Harry, assim que Slughorn se afastou. — Este castigo já foi adiado uma vez; o Snape fez isso pelo Dumbledore, mas não o fará por mais ninguém.

— Oh, quem me dera que pudesses vir, não quero ir sozinha! — disse Hermione em tom ansioso. Harry sabia que ela estava a pensar em McLaggen.

— Duvido que estejas sozinha, é provável que a Ginny seja convidada — atirou-lhe Ron, que não parecia ter levado a bem ser ignorado por Slughorn.

Depois do jantar dirigiram-se de novo à Torre dos Gryffindor. A sala comum estava muito cheia, porque a maioria das pessoas já terminara a sua refeição, mas conseguiram encontrar uma mesa livre e sentaram-se. Ron, que estava de mau humor desde o encontro com Slughorn, cruzou os braços e fitou o tecto de sobrolho franzido. Hermione pegou num exemplar d'*O Profeta Vespertino*, que alguém deixara abandonado numa cadeira.

— Alguma novidade? — perguntou Harry.

— Nem por isso... — Hermione abriu o jornal e perscrutava as páginas interiores. — Oh, olha, está aqui o teu pai, Ron... Ele está bem! — acrescentou ela rapidamente, vendo Ron virar-se, alarmado. — Diz apenas que ele foi a casa dos Malfoy. *«Esta segunda busca à residência do Devorador da Morte não parece ter produzido resultados. Arthur Weasley, do Departamento de Detecção e Confiscação de Feitiços Defensivos e Objectos Protectores Falsos, declarou que a sua equipa actuara no seguimento de uma informação confidencial.»*

— Pois, minha! — revelou Harry. — Em King's Cross falei-lhe do Malfoy e daquela coisa que ele estava a tentar conseguir que o Borgin consertasse! Bom, se não está na casa deles, o Malfoy deve ter trazido o que quer que seja com ele para Hogwarts...

— Mas como é que ele pode ter feito isso, Harry? — observou Hermione, pousando o jornal com uma expressão surpreendida. — Fomos todos revistados à chegada, não fomos?

— Foram? — repetiu Harry, confuso. — Eu não fui.

— Ah não, é claro que não, esqueci-me de que chegaste atrasado... Bem, o Filch percorreu-nos de alto a baixo com Sensores de Segredos quando chegamos ao *Hall* de Entrada. Qualquer objecto das trevas teria sido detectado, eu sei de fonte segura que confiscaram uma cabeça mirrada ao Crabbe. Por isso, estás a ver que o Malfoy não pode ter trazido nada perigoso!

Momentaneamente embatocado, Harry ficou algum tempo a observar Ginny Weasley, que brincava com *Arnold*, o Pigmeu Penugento, antes de encontrar maneira de contornar aquela objecção.

— Então, alguém lho enviou por coruja — sugeriu ele. — A mãe ou outra pessoa qualquer.

— Todas as corujas estão também a ser revistadas — afirmou Hermione. — O Filch disse-nos isso quando estava a apontar os Sensores de Segredos a tudo o que alcançava.

Francamente aturdido desta vez, Harry não achou mais que dizer. Parecia não haver maneira de Malfoy ter podido trazer um objecto perigoso ou das trevas para a escola. Olhou esperançado para Ron, que estava

sentado de braços cruzados, fitando Lavender Brown.

— Ocorre-te alguma maneira de o Malfoy...

— Ora, acaba com isso, Harry — interrompeu Ron.

— Olha, eu não tenho culpa de o Slughorn me ter convidado a mim e à Hermione para a porcaria da sua festa, nenhum de nós queria ir, sabes! — retorquiu Harry, exaltado.

— Bom, como não fui convidado para nenhuma festa, acho que vou para a cama — declarou Ron, voltando a erguer-se.

Afastou-se pesadamente em direcção à porta do dormitório dos rapazes, deixando Harry e Hermione a fitá-lo, embasbacados.

— Harry? — Era Demelza Robins, a nova *chaser*, que surgira de repente junto ao seu ombro. — Tenho uma mensagem para ti.

— Do Professor Slughorn? — perguntou Harry, endireitando-se, esperançado.

— Não... do Professor Snape — respondeu Demelza. Harry sentiu um baque no coração. — Diz para estares no gabinete dele hoje às oito e meia para cumprires o teu castigo... hum... por muitos convites para festas que tenhas recebido. E quer que saibas que vais separar vomibérculos estragados dos bons, para usar em Poções e... diz que não precisas de levar luvas de protecção.

— Bestial — disse Harry em tom soturno. — Obrigadinho, Demelza.

XII

PRATA E OPALAS

Onde estaria Dumbledore e o que andaria ele a fazer? Harry avistou o Director apenas duas vezes durante as semanas seguintes. Quase nunca comparecia às refeições, e Harry estava certo de que Hermione tinha razão em pensar que ele deixava a escola vários dias seguidos. Ter-se-ia Dumbledore esquecido das lições que era suposto estar a dar a Harry? O director dissera que as lições conduziam a algo relacionado com a profecia; Harry ficara animado, confortado e agora sentia-se vagamente abandonado. A meio de Outubro, chegou o primeiro passeio do período a Hogsmeade. Harry já perguntara a si próprio se essas visitas ainda seriam permitidas, dadas as medidas de segurança cada vez mais rígidas em redor da escola, mas ficou satisfeito ao ouvir que continuariam. Era sempre agradável sair da área do castelo durante algumas horas.

Acordou cedo na manhã do passeio, que se mostrava tempestuosa, e entreteve o tempo até ao pequeno-almoço a ler o seu exemplar de *Preparação de Poções: Nível Avançado*. Em geral, não ficava deitado a ler livros de estudo; esse género de procedimento, como Ron muito bem afirmava, era indecente em todos menos em Hermione, que simplesmente tinha essa excentricidade. No entanto, Harry achava que o exemplar de *Poções* que pertencera ao Príncipe Meio-Sangue não podia ser classificado como livro de estudo. Quanto mais se debruçava sobre ele, mais se apercebia de quanto ali existia, não apenas as sugestões práticas e atalhos para preparar poções que o estavam a fazer adquirir tão brilhante reputação junto de Slughorn, mas também pequenos feitiços imaginativos garatujados à margem que, a avaliar pelos cortes e revisões, Harry tinha a certeza de terem sido inventados pelo próprio Príncipe.

Já ensaiara alguns desses feitiços. Havia um que fazia as unhas dos pés crescer terrivelmente depressa (experimentara esse em Crabbe no corredor, e os resultados haviam sido divertidíssimos); outro que colava a língua ao

céu-da-boca (que ele usara duas vezes, perante o aplauso geral, em Argus Filch, que não desconfiara de nada); e, talvez o mais útil de todos, Muffliato, um feitiço que enchia os ouvidos de todos os que se encontrassem perto com um zumbido irreconhecível, de maneira a poder conversar-se à vontade nas aulas sem se ser ouvido. A única a não achar tais encantamentos divertidos era Hermione, que mantinha uma expressão severamente desaprovativa e se recusava a falar de todo, se Harry tivesse usado o Muffliato em alguém nas proximidades.

Sentado na cama, Harry virou o livro de lado a fim de examinar melhor as instruções rabiscadas para um feitiço que parecia ter levantado alguns problemas ao Príncipe. Havia muita coisa riscada e várias alterações, mas por fim, apertado num canto da página, a inscrição:

Levicorpus (n-vbl)

Enquanto o vento e o granizo fustigavam implacavelmente as janelas e Neville ressonava alto, Harry ficou a contemplar as letras entre parêntesis. *N-vbl...* tinha de significar não-verbal. Duvidava de que conseguisse executar aquele feitiço, dado continuar a sentir dificuldades com os encantamentos não-verbais, algo que Snape não perdia a oportunidade de comentar em todas as aulas de Defesa. Por outro lado, o Príncipe provara até agora ser um professor muito mais eficiente que Snape.

Sem apontar a varinha a nada em especial, deu-lhe um toque para cima e disse mentalmente: *Levicorpus!*

— Auuuuuuu!

Viu-se um clarão, e o quarto encheu-se de vozes: todos tinham acordado com o grito soltado por Ron. Harry, em pânico, largou o *Preparação de Poções: Nível Avançado*; Ron balouçava no ar, de cabeça para baixo, como se um gancho invisível o tivesse içado pelo tornozelo.

— Desculpa! — gritou Harry, enquanto Dean e Seamus se partiam a rir, e Neville, que caíra da cama abaixo, se erguia. — Espera aí... já te desço...

Apanhou o livro e folheou-o, alarmado, tentando encontrar a página certa; localizou-a por fim e decifrou uma palavra encaixada por baixo do encantamento. Esperando que fosse o contrafeitiço, Harry pensou *Liberacorpus!* com toda a veemência.

Houve outro clarão, e Ron caiu desamparado em cima da sua cama.

— Desculpa — repetiu Harry debilmente, enquanto Dean e Seamus continuavam a rir-se às gargalhadas.

— Amanhã preferia que pusesses o despertador — respondeu Ron em voz abafada.

Quando acabaram de se vestir, agasalhados com várias das camisolas tricotadas por Mrs. Weasley e de capas, cachecóis e luvas, Ron já se

refizera do choque e achava mesmo que o novo feitiço de Harry era altamente divertido. Tão divertido, de facto, que não perdeu tempo a regalar Hermione com a sua descrição, enquanto se sentavam para o pequeno-almoço.

— ... e depois houve um novo clarão, e eu voltei a aterrar na cama! — Sorridente, Ron serviu-se de salsichas.

Hermione não abriu um sorriso durante toda a história e agora lançava a Harry um olhar de gélida desaprovação.

— Esse feitiço não era, por acaso, mais um daquele teu livro de poções? — perguntou ela.

Harry franziu o sobrolho.

— Estás sempre a tirar as piores conclusões!

— Era?

— Bem... era, e então?

— Então, decidiste simplesmente experimentar uma fórmula encantatória desconhecida, manuscrita, e ver o que acontecia?

— O que é que interessa que seja manuscrita? — contrapôs Harry, preferindo não responder ao resto da pergunta.

— Interessa, porque provavelmente não está aprovada pelo Ministério da Magia — declarou Hermione. — E também porque começo a pensar que esse tal Príncipe não é de confiança.

Tanto Harry como Ron protestaram em altos brados.

— Era uma piada! — disse Ron, virando um frasco de *ketchup* por cima das suas salsichas. — Uma piada, Hermione, mais nada!

— Pendurar as pessoas pelo tornozelo de cabeça para baixo? — retorquiu Hermione. — Quem é que dedica tempo e energia a inventar feitiços desses?

— O Fred e o George — sugeriu Ron, encolhendo os ombros —, é mesmo o género deles. E, hã...

— O meu pai — declarou Harry. Acabara de se lembrar.

— O quê!? — exclamaram Ron e Hermione em simultâneo.

— O meu pai usou este feitiço — afirmou Harry. — Eu... foi o Lupin quem me disse.

Esta última parte não era verdadeira. De facto, Harry vira o pai usar o feitiço em Snape, mas nunca contara a Ron nem a Hermione essa sua excursão ao interior do Pensatório. No entanto, agora ocorria-lhe uma possibilidade maravilhosa. O Príncipe Meio-Sangue não poderia ser...?

— Talvez o teu pai o tivesse usado, Harry — disse Hermione —, mas não foi o único. Vimos uma data de gente a usá-lo, caso te tenhas esquecido. A suspender pessoas no ar. A fazê-las flutuar, adormecidas,

impotentes.

Harry fitou-a. Com uma sensação de abatimento, também ele recordou a actuação dos Devoradores da Morte na Taça Mundial de Quidditch. Ron veio em seu auxílio.

— Isso foi diferente — proferiu ele em tom firme. — Esses estavam a cometer abusos. Harry e o pai estavam apenas a divertir-se. Tu não gostas do Príncipe, Hermione — acrescentou ele, apontando-lhe severamente uma salsicha —, porque ele é melhor que tu a Poções...

— Não tem nada que ver com isso! — protestou Hermione, corando vivamente. — Apenas penso que é muito irresponsável começar a executar feitiços que nem se sabe para que são. E parem de dizer «o Príncipe» como se isso fosse um título, aposto que não passa de uma alcunha idiota e a mim não me parece que ele fosse uma pessoa muito simpática!

— Não sei aonde foste buscar essa ideia — contrapôs Harry, acalorado —, se ele fosse um amigalhaço dos Devoradores da Morte, não andaria por aí a gabar-se de ser «Meio-Sangue», pois não?

Ao pronunciar tais palavras, lembrou-se de que o seu pai fora um puro-sangue, mas afastou o pensamento; preocupar-se-ia com isso mais tarde...

— Os Devoradores da Morte não podem ser todos puro-sangue, não restam suficientes feitiçeiros puros-sangues — insistiu Hermione, obstinada. — Penso que a maioria é meio-sangue a fingir que é puro-sangue. Eles só odeiam os de nascimento Muggle, ficariam muito satisfeitos por te admitir a ti e ao Ron.

— Nunca me deixariam ser um Devorador da Morte! — contrariou Ron indignado, e do garfo que ele brandia na direcção de Hermione saltou um pedaço de salsicha que foi bater na cabeça de Ernie Macmillan. — Toda a minha família é de traidores de sangue! Para os Devoradores da Morte, isso é tão mau como ser Muggle de nascimento!

— E a mim adorariam ter-me lá — comentou Harry sarcasticamente. — Seríamos os melhores compinchas do mundo, se eles não passassem a vida a tentar apagar-me!

Aquilo provocou uma gargalhada de Ron, e até Hermione sorriu relutantemente. Então surgiu uma distração sob a forma de Ginny.

— Viva, Harry, tenho isto para te entregar.

Era um rolo de pergaminho com o nome de Harry escrito numa conhecida letra fina e inclinada.

— Obrigado, Ginny... é a próxima lição do Dumbledore! — disse ele para Ron e Hermione, desdobrando o pergaminho e lendo-o rapidamente. — Segunda à noite! — Sentiu-se de súbito leve e feliz. — Queres vir connosco a Hogsmeade, Ginny? — convidou ele.

— Vou com o Dean... Talvez nos vejamos lá — respondeu ela, afastando-se com um aceno.

Filch encontrava-se, como de costume, junto às portas de carvalho da entrada, a verificar os nomes dos alunos que tinham autorização para ir a Hogsmeade. O processo levou ainda mais tempo que o habitual, pois Filch revistava toda a gente mais que uma vez com o seu Sensor de Segredos.

— O que é que interessa se levamos objectos das trevas para FORA? — repontou Ron, fitando apreensivo o Sensor fino e comprido. — O que devia verificar é se nós os trazemos para DENTRO.

O atrevimento valeu-lhe mais algumas estocadas com o Sensor, e ainda estremecia quando saíram para o vento e a chuva.

A caminhada até Hogsmeade não foi agradável. Harry enrolou o cachecol em volta da parte de baixo da cara, e a porção exposta depressa ficou ao mesmo tempo sensível e entorpecida. A estrada para a aldeia achava-se cheia de alunos dobrados em dois por causa do vento agreste. Harry pensou, mais que uma vez, se não teriam ficado melhor na sala comum e quando finalmente chegaram a Hogsmeade e viram que a Loja de Brincadeiras Mágicas do Zonko tinha sido entaipada, ele tomou isso como uma confirmação de que aquele passeio não estava destinado a ser divertido. Ron apontou com a sua mão fortemente enluvada em direcção ao Doces dos Duques, que felizmente estava aberto, e Harry e Hermione lá seguiram vacilantes no seu rasto até à loja apinhada.

— Graças aos céus! — exclamou Ron com um arrepio, ao sentirem-se envolvidos pelo ar aquecido e perfumado de bolos. — Sugiro que fiquemos aqui a tarde toda.

— Harry, meu caro! — proferiu uma voz tonitruante atrás deles.

— Oh, não — murmurou Harry. Voltaram-se os três e depararam com o Professor Slughorn, de enorme chapéu de pele e sobretudo com gola de pele condizente, apertando um grande saco de ananás cristalizado e ocupando pelo menos um quarto da loja.

— Harry, já é a terceira das minhas ceiazinhas a que faltas! — disse Slughorn, enfiando-lhe cordialmente um dedo no peito.

— Não pode ser, menino, estou decidido a ter-te lá! Miss Granger adora-as, não é?

— É — concordou Hermione, debilmente —, elas são de facto...

— Então, por que é que não apareces, Harry? — inquiriu Slughorn.

— Bem, tive treino de Quidditch, professor — defendeu-se Harry que, na realidade, andara a marcar os treinos de cada vez que Slughorn lhe mandara um pequeno convite enfeitado com fita cor de violeta. Essa estratégia significava que Ron não era excluído e, em geral, eles e Ginny

ainda se riam um bocado a imaginar Hermione lá fechada com McLaggen e Zabini.

— Bom, depois de tanto trabalho, espero bem que ganhes o primeiro jogo! — comentou Slughorn. — Mas um pouco de distração nunca fez mal a ninguém. Olha, e que tal na segunda à noite, não podes pensar em ir treinar com este tempo...

— Não posso, professor, tenho... hã... um encontro com o Professor Dumbledore nessa noite.

— Pouca sorte de novo! — exclamou Slughorn teatralmente. — Ah, bem... não podes evitar-me eternamente, Harry!

E com um aceno majestoso, saiu da loja, ligando tanto a Ron como se ele fosse uma montra de Cachos de Baratas.

— Não posso crer que te tenhas esquivado a mais uma — observou Hermione, abanando a cabeça. — Não são *assim* tão más, sabes... às vezes são até bastante divertidas... — Mas nessa altura reparou na expressão de Ron. — Olha... têm Penas de Açúcar Deluxe... essas duram horas!

Satisfeito por Hermione ter mudado de assunto, Harry mostrou-se muito mais interessado nas novas Penas de Açúcar extralongas do que o faria habitualmente, mas Ron continuou com ar melancólico e limitou-se a encolher os ombros, quando Hermione lhe perguntou aonde queria ir a seguir.

— Vamos até ao Três Vassouras — sugeriu Harry. — Lá está quente.

Enrolaram os cachecóis em volta da cara e saíram da loja de doces. O vento agreste era cortante como facas depois do ambiente tépido do Doces dos Duques. A rua não estava muito cheia, porque todos se apressavam a chegar aos seus destinos e ninguém se demorava a conversar. As excepções eram dois homens um pouco à frente deles, mesmo junto à entrada do Três Vassouras. Um era alto e magro e, esforçando-se por ver através dos óculos molhados de chuva, Harry reconheceu o *barman* que trabalhava no outro *pub* de Hogsmeade, o Cabeça de Javali. Quando Harry, Ron e Hermione se aproximaram, o *barman* enrolou mais a capa em volta do pescoço e afastou-se, deixando o homem mais baixo a debater-se com qualquer coisa que tinha nos braços. Encontravam-se já muito perto quando Harry percebeu quem ele era.

— Mundungus!

O homem atarracado, de pernas tortas e hirsuto cabelo comprido arruivado, deu um salto e deixou cair uma velha mala que se abriu, revelando o que parecia ser todo o conteúdo de uma montra de bugigangas.

— Ah, 'lá, 'Arry — saudou Mundungus Fletcher, com um simulacro de desembaraço nada convincente. — Bom, não se prendam por mim.

E começou a remexer no solo para recuperar o conteúdo da mala, com todo o aspecto de um indivíduo ansioso por desaparecer.

— Andas a vender esta tralha? — perguntou Harry, observando Mundungus a apanhar do chão uma série de objectos de aspecto encardido.

— Oh, bem, há que ganhar a vida — respondeu Mundungus. — Dá cá isso!

Ron baixara-se e pegara em algo prateado.

— Espera aí — disse Ron lentamente. — Isto parece-me familiar...

— Obrigado! — agradeceu Mundungus, tirando o cálice da mão de Ron e voltando a enfiá-lo na mala. — Bem, vemo-nos por... AU!

Harry prendera Mundungus pela garganta contra a parede do *pub*. Segurando-o firmemente com uma das mãos, puxou pela sua varinha.

— Harry! — gritou Hermione em voz aguda.

— Tiraste isso da casa do Sirius — acusou Harry, que estava quase de nariz colado ao de Mundungus e respirava o seu desagradável cheiro a tabaco velho e álcool. — Isso tinha o brasão da família Black.

— Eu... não... quê...? — balbuciou Mundungus, que ia adquirindo um tom purpúreo.

— O que é que fizeste? Voltaste lá na noite em que ele morreu e limpaste a casa? — rosnou Harry.

— Eu... não...

— Dá cá isso!

— Harry, não podes! — advertiu Hermione, enquanto Mundungus começava a ficar azul.

Ouviu-se um baque, e Harry sentiu as mãos afastarem-se da garganta de Mundungus. Ofegante e a cuspir perdigotos, Mundungus pegou na sua mala caída e depois — CRAQUE — Desapareceu.

Harry praguejou em voz alta, virando-se imediatamente para ver aonde fora Mundungus.

— VOLTA AQUI, LADRÃOZECO...!

— Não adianta, Harry.

Tonks surgira como que caída do céu, o cabelo pardacento molhado de saraiva.

— Nesta altura, já o Mundungus está provavelmente em Londres. Não vale a pena gritar.

— Ele fanou as coisas do Sirius! Fanou-as!

— Certo, mas mesmo assim vocês deviam sair deste frio — comentou Tonks, que parecia completamente imperturbável face a essa informação.

Ficou a vê-los entrar a porta do Três Vassouras. Assim que se apanhou lá dentro, Harry explodiu: — *Ele anda a fanar as coisas do Sirius!*

— Eu sei, Harry, mas, por favor, não grites, já há gente a olhar — segredou Hermione. — Vai sentar-te que eu levo as bebidas.

Harry continuava furioso quando Hermione voltou para a mesa alguns minutos depois com três garrafas de Cerveja de Manteiga.

— A Ordem não consegue controlar o Mundungus? — perguntou ele aos outros dois num murmúrio irritado. — Não podem pelo menos impedir que ele roube tudo o que não está colado quando vai ao Quartel-General?

— Chiu! — pediu Hermione desesperada, olhando em redor para ver se ninguém os escutava. Havia um par de feiticeiros sentados ali perto que fitava Harry com grande interesse, e Zabini encostava-se indolentemente a um poste não muito longe. — Harry, eu também ficaria aborrecida, sei que são as tuas coisas que ele anda a roubar...

Harry engasgou-se com a sua Cerveja de Manteiga. Por momentos, esquecera-se de que era o proprietário do número doze de Grimmauld Place.

— Pois é, são as minhas coisas! — exclamou. — Não admira que ele não tenha ficado satisfeito por me ver! Pois vou contar ao Dumbledore o que se está a passar, ele é o único de quem o Mundungus tem medo.

— Boa ideia — sussurrou Hermione, nitidamente satisfeita por Harry começar a acalmar. — Ron, para onde estás tu a olhar?

— Para nada — respondeu Ron, desviando apressadamente os olhos do bar, mas Harry percebeu que ele estivera a tentar captar o olhar da atraente empregada curvilínea, Madame Rosmerta, por quem há muito tinha um fraquinho.

— Suponho que «nada» foi lá dentro buscar mais Uísque de Fogo — comentou Hermione em tom irascível.

Ron ignorou a provocação, tomando a sua bebida num silêncio que considerava, obviamente, digno. Harry pensava em Sirius, e em como, de qualquer maneira, odiava aqueles cálices de prata. Hermione tamborilava com os dedos em cima da mesa, os olhos alternando entre Ron e o bar.

Assim que Harry bebeu as últimas gotas da sua garrafa, ela propôs: — E se pensássemos em voltar para a escola?

Os outros dois anuíram. Não fora um passeio divertido e quanto mais se demorassem, mais o tempo pioraria. Voltaram a aconchegar as capas, arranjaram os cachecóis, calçaram as luvas e depois seguiram Katie Bell e uma amiga para o exterior do *pub* e subiram a Rua Principal. O pensamento de Harry fugiu para Ginny, enquanto se arrastavam rua acima a caminho de Hogwarts, através da chuva e do granizo gelado. Não se tinham encontrado, sem dúvida porque ela e Dean estavam confortavelmente abrigados na casa de chá de Madame Puddifoot, esse refúgio dos pares

felizes, pensou Harry. Franziu o sobrolho, curvou a cabeça contra a saraivada e prosseguiu pesadamente.

Passou-se um bocado até Harry perceber que as vozes de Katie Bell e da amiga, que o vento levava até eles, se haviam tornado mais agudas e mais sonoras. Harry franziu os olhos às figuras indistintas. As duas raparigas discutiam por causa de qualquer coisa que Katie segurava na mão.

— Não tens nada com isso, Leanne! — ouviu Katie dizer.

Dobram uma esquina, sentindo a chuva e o granizo fustigá-los com força, embaciando os óculos de Harry. Acabava de erguer a mão para os limpar, quando Leanne fez o gesto de agarrar no embrulho que Katie segurava. Katie puxou, e o embrulho caiu ao chão.

Imediatamente Katie se ergueu no ar, não como acontecera com Ron, comicamente suspenso pelo tornozelo, mas graciosamente, de braços estendidos, como se se preparasse para voar. E no entanto, havia qualquer coisa errada, qualquer coisa estranha... O vento forte fazia-lhe revoltar os cabelos, mas tinha os olhos fechados e a face desprovida de qualquer expressão. Harry, Ron, Hermione e Leanne ficaram imóveis, a observar.

Então, menos de dois metros acima do solo, Katie soltou um grito horrível. Abiu os olhos, mas o que quer que ela via, ou o que quer que sentia, estava claramente a provocar-lhe uma terrível angústia. Gritava sem cessar; Leanne começou também a gritar, e agarrou os tornozelos de Katie, tentando puxá-la para o chão. Harry, Ron e Hermione precipitaram-se para a ajudar, mas quando pegaram nas pernas de Katie, ela tombou sobre eles. Harry e Ron conseguiram apanhá-la, mas ela contorcia-se tanto que mal a podiam segurar. Pousaram-na no chão, onde ficou a debater-se e a gritar, aparentemente incapaz de reconhecer qualquer deles.

Harry olhou em volta; a paisagem parecia deserta.

— Fiquem aqui! — gritou ele para os outros acima do uivar do vento. — Eu vou buscar ajuda!

Começou a correr em direcção à escola; nunca vira ninguém comportar-se como Katie e não sabia de todo o que poderia ter provocado aquilo. Precipitou-se numa curva do caminho e foi colidir com algo que lhe pareceu um enorme urso erguido nas patas traseiras.

— Hagrid! — ofegou ele, desembaraçando-se da sebe em que fora cair.

— Harry! — exclamou Hagrid, que tinha granizo preso nas sobrancelhas e na barba e trazia o seu velho e enorme casaco de pele de castor. — Fui visitar o Grawp, ele 'tá s'abituado tão bem que tu nem...

— Hagrid, há uma pessoa ferida além, ou amaldiçoada, ou qualquer coisa...

— Quê? — fez Hagrid, curvando-se para ouvir o que Harry dizia acima

do vento tempestuoso.

— Há uma pessoa amaldiçoada! — gritou Harry.

— Amaldiçoada? Quem é que foi amaldiçoado... não foi o Ron? A Hermione?

— Não, não são eles, é a Katie Bell... por aqui...

Voltaram para trás a correr e não tardaram a encontrar o pequeno grupo de pessoas rodeando Katie, que continuava a contorcer-se e a gritar no chão. Ron, Hermione e Leanne tentavam aquietá-la.

— P'ra trás! — berrou Hagrid. — Deixem-me ver!

— Aconteceu-lhe qualquer coisa — soluçou Leanne. — Não sei o quê...

Hagrid olhou um segundo para Katie e depois, sem uma palavra, curvou-se, pegou na rapariga e correu em direcção ao castelo com ela nos braços. Daí a instantes, os gritos agudos de Katie tinham-se desvanecido e o único som que se ouvia era o rugido do vento.

Hermione aproximou-se da chorosa amiga de Katie e passou-lhe o braço pelos ombros.

— És a Leanne, não és?

A rapariga acenou afirmativamente.

— Aquilo aconteceu assim sem mais nem menos, ou...?

— Foi quando o embrulho se rasgou — soluçou Leanne, apontando o embrulho de papel pardo que, agora ensopado no chão, se abrira e deixava entrever um brilho esverdeado. Ron curvou-se, de mão estendida, mas Harry agarrou-lhe no braço e puxou-o para trás.

— *Não toques nisso!*

Agachou-se. Um colar ornamentado com opalas era visível a sair do papel.

— Já vi isto — afirmou Harry, fitando o objecto. — Esteve exposto na Borgin e Burkes há muito tempo. A etiqueta dizia que era amaldiçoado. A Katie deve ter-lhe tocado. — Ergueu os olhos para Leanne, que começara a tremer incontrolavelmente. — Como é que isto chegou às mãos da Katie?

— Bem, era por isso que nós estávamos a discutir. Ela voltou da casa de banho do Três Vassouras com o embrulho, disse que era uma surpresa para alguém em Hogwarts e que tinha de o entregar. Estava muito esquisita quando disse isto... Oh, não, não, aposto que lhe lançaram a Maldição Imperius, e eu não me apercebi!

Leanne estremeceu com renovados soluços. Hermione bateu-lhe docemente no ombro.

— Ela não disse quem lhe dera aquilo, Leanne?

— Não... não me quis dizer... e eu disse-lhe que estava a ser estúpida e que não levasse aquilo para a escola, mas ela não me dava ouvidos e...

então eu tentei tirar-lho... e... e... — Leanne soltou um grito de desespero.

— É melhor irmos andando para a escola — aconselhou Hermione, o braço ainda em volta de Leanne — para podermos saber como ela está. Vamos...

Harry hesitou um instante e depois tirou o cachecol e, ignorando a exclamação sufocada de Ron, cobriu cuidadosamente o colar e pegou-lhe.

— Temos de mostrar isto a Madame Pomfrey — declarou ele.

Seguindo Hermione e Leanne estrada acima, Harry ia a raciocinar furiosamente. Acabavam de entrar nos terrenos da escola quando ele falou, incapaz de conter por mais tempo os seus pensamentos.

— O Malfoy sabe da existência deste colar. Estava num estojo na Borgin e Burkes há quatro anos, e eu vi-o a observá-lo com toda a atenção quando me escondi dele e do pai. Foi *isto* que ele comprou naquele dia em que o seguimos! Lembrou-se e voltou lá a buscá-lo!

— Eu... não sei, Harry — proferiu Ron, hesitante. — Entram carradas de pessoas na Borgin e Burkes... e a amiga da Katie não disse que ela recebeu isso na casa de banho das raparigas?

— Disse que ela voltou da casa de banho com isso, não quer necessariamente dizer que o tenha recebido lá...

— A McGonagall! — avisou Ron.

Harry olhou. A Professora McGonagall vinha, de facto, a descer apressadamente os degraus sob a tempestade de saraiva para ir ao encontro deles.

— O Hagrid diz que vocês quatro viram o que aconteceu à Katie Bell... Vamos já para cima para o meu gabinete! O que é que trazes na mão, Potter?

— É aquilo em que ela tocou — respondeu Harry.

— Justos céus! — exclamou a Professora McGonagall com ar alarmado, recebendo o colar das mãos de Harry. — Não, não, Filch, eles estão comigo! — acrescentou ela muito depressa, ao ver Filch atravessar ansioso o *Hall* de Entrada, empunhando o seu Sensor de Segredos. — Leva imediatamente este colar ao Professor Snape, mas não lhe toques, conserva-o embrulhado no cachecol!

Harry e os outros seguiram a Professora McGonagall escadas acima até ao seu gabinete. A tempestade fustigava as janelas fazendo ranger as molduras, e a sala estava gelada, apesar da lareira acesa. A Professora McGonagall fechou a porta e passou para trás da secretária a fim de fitar Harry, Ron, Hermione e Leanne, que continuava a soluçar.

— Então? — perguntou ela vivamente. — O que aconteceu?

Hesitante, e com muitas pausas para tentar controlar o choro, Leanne

contou à Professora McGonagall que Katie fora à casa de banho no Três Vassouras e voltara com o embrulho sem qualquer marca, que Katie lhe parecera um bocado esquisita e que tinham discutido sobre a sensatez de concordar em entregar objectos desconhecidos, argumento esse que culminara na disputa do embrulho, que se rasgara. Nesse ponto, Leanne ficou tão transtornada que não conseguiram arrancar-lhe nem mais uma palavra.

— Está bem — disse a Professora McGonagall, em tom não isento de simpatia —, vai para enfermaria, Leanne, e pede à Madame Pomfrey que te dê qualquer coisa para o choque.

Depois de ela ter saído da sala, a Professora McGonagall voltou-se de novo para Harry, Ron e Hermione.

— O que aconteceu quando a Katie tocou no colar?

— Ergueu-se no ar — disse Harry, antes de Ron ou Hermione poderem falar. — E depois começou a gritar e caiu. Professora, posso ir ver o Professor Dumbledore, por favor?

— O Director está fora até segunda-feira, Potter — elucidou a Professora McGonagall, parecendo surpreendida.

— Fora? — repetiu Harry, irritado.

— Sim, Potter, fora! — confirmou a Professora McGonagall secamente.

— Mas o que quer que tenhas a dizer acerca deste terrível incidente pode ser-me dito a mim, com certeza!

Durante uma fracção de segundo, Harry hesitou. A Professora McGonagall não convidava a confidências; Dumbledore, apesar de mais intimidante sob muitos aspectos, parecia-lhe contudo menos disposto a desprezar uma teoria, por muito rebuscada que fosse. Mas tratava-se de um caso de vida ou de morte, e não era altura para se preocupar que se rissem dele.

— Eu acho que foi o Draco Malfoy que deu aquele colar à Katie, professora.

A seu lado, Ron coçou o nariz com evidente embaraço; do outro lado, Hermione arrastou os pés como se ansiasse pôr alguma distancia entre ela e Harry.

— Isso é uma acusação muito grave, Potter — observou a Professora McGonagall, após uma pausa chocada. — Tens alguma prova?

— Não — respondeu Harry —, mas... — e contou-lhe que seguira Malfoy até à Borgin e Burkes e a conversa que tinham ouvido entre ele e Borkin.

Quando acabou de falar, a Professora McGonagall parecia algo perplexa.

— O Malfoy levou uma coisa à Borgin e Burkes para consertar?

— Não, professora, ele só queria que o Borgin lhe dissesse como consertar qualquer coisa, mas não a tinha com ele. Mas a questão não é essa, a questão é que na mesma altura ele comprou qualquer coisa, e eu penso que foi o colar...

— Viste o Malfoy sair da loja com um embrulho parecido?

— Não, professora, ele disse ao Borgin para lhe guardar aquilo na loja...

— Mas, Harry — interrompeu Hermione —, o Borgin perguntou-lhe se ele o queria levar, e o Malfoy disse «não»...

— Porque não lhe queria tocar, é óbvio! — ripostou Harry irritado.

— O que ele realmente disse foi: «Que ar teria eu a transportar isso pela rua abaixo?» — afirmou Hermione.

— Bem, pareceria um bocado idiota com um colar — interpôs Ron.

— Oh, Ron! — exclamou Hermione em tom de desespero. — O colar estaria embrulhado, para ele não ter de lhe tocar, e seria bastante fácil de esconder no interior da capa, para ninguém o ver! Eu acho que o que quer que ele reservou na Borkin e Burkes era ruidoso ou volumoso, algo que ele sabia que chamaria a atenção para si se o transportasse rua abaixo... e, aliás — insistiu ela elevando a voz, antes de Harry a poder interromper —, eu interroguei o Borgin acerca do colar, não te lembras? Quando fui tentar descobrir o que é que o Malfoy lhe pedira para reservar, vi-o lá. E o Borgin limitou-se a informar-me do preço, não me disse que já estava vendido nem nada assim...

— Pois, tu foste francamente óbvia, ele nem levou cinco segundos a perceber o que tu querias, e está claro que não te ia dizer... e aliás, o Malfoy podia tê-lo mandado buscar desde então...

— Basta! — proferiu a Professora McGonagall, parecendo furiosa, quando Hermione abriu a boca para retorquir. — Potter, agradeço que me tenhas contado isso, mas não podemos culpar Mr. Malfoy simplesmente porque ele visitou a loja onde este colar pode ter sido comprado. Isso aplica-se provavelmente a centenas de pessoas...

— ... foi o que eu disse... — murmurou Ron.

— ... e, seja como for, nós este ano instalámos medidas de segurança rigorosas, e não acredito que esse colar possa ter entrado nesta escola sem nosso conhecimento...

— ... mas...

— ... e mais — rematou a Professora McGonagall com ar de quem encerra definitivamente o assunto —, Mr. Malfoy não esteve hoje em Hogsmeade.

Harry fitou-a boquiaberto e desapontado.

— Como é que sabe, professora?

— Porque esteve a cumprir um castigo comigo. É a segunda vez consecutiva que não acaba os trabalhos de casa de Transfiguração. Portanto, obrigada por me contares as tuas suspeitas, Potter — disse ela, passando por eles em passo firme —, mas agora tenho de ir à enfermaria saber da Katie Bell. Bom dia para todos.

Abriu a porta do gabinete e eles não tiveram outro remédio senão sair em fila indiana sem mais uma palavra.

Harry estava irritado com os outros dois por se porem do lado de MacGonagall, mas mesmo assim sentiu-se impelido a interferir logo que eles começaram a discutir o que acontecera.

— Então, a quem é que vocês acham que a Katie devia entregar o colar? — perguntou Ron, nas escadas a caminho da sala comum.

— Vá-se lá saber — comentou Hermione. — Mas quem quer que fosse escapou por uma unha negra. Ninguém poderia ter aberto aquele embrulho sem tocar no colar.

— Podia destinar-se a imensas pessoas — observou Harry. — Ao Dumbledore... os Devoradores da Morte adoravam ver-se livres dele, deve ser um dos seus alvos preferenciais. Ou ao Slughorn... o Dumbledore acha que o Voldemort queria realmente tê-lo consigo e não podem ter ficado satisfeitos por ele se colocar ao lado do Dumbledore. Ou...

— Ou a ti — concluiu Hermione, parecendo perturbada.

— Não pode ser — contrapôs Harry —, se fosse isso, a Katie ter-se-ia simplesmente virado para trás na estrada e entregava-me aquilo, não é? Eu fui atrás dela todo o caminho desde o Três Vassouras. Fazia muito mais sentido entregar o embrulho fora de Hogwarts, com o Filch a revistar toda a gente que entra e sai. Gostava de saber por que é que o Malfoy lhe disse para o trazer para o castelo?

— Harry, o Malfoy não esteve em Hogsmeade! — exclamou Hermione, batendo o pé de frustração.

— Então, deve ter-se servido de um cúmplice — retorquiu Harry. — O Crabbe ou o Goyle... ou, agora que penso nisso, outro Devorador da Morte, ele tem montes de amigalhões melhores que o Crabbe e o Goyle agora que se juntou aos...

Ron e Hermione trocaram olhares que diziam claramente «não vale a pena discutir com ele».

— Dilligrout — proferiu Hermione com firmeza ao chegarem à Dama Gorda.

O retrato afastou-se para os deixar entrar na sala comum. Estava muito cheia e cheirava a roupa molhada; muita gente parecia ter voltado cedo de Hogsmeade devido ao mau tempo. Mas não havia murmúrios de medo ou

especulações; era evidente que a notícia do acidente de Katie ainda se não espalhara.

— Não foi um ataque lá muito brilhante, se pensarmos bem — comentou Ron, expulsando despreocupadamente um aluno do primeiro ano de um dos cadeirões frente à lareira, para se poder sentar. — A maldição nem sequer conseguiu chegar ao castelo. Não é o que se possa chamar infalível.

— Tens razão — concordou Hermione, empurrando Ron com o pé para fora do cadeirão e oferecendo-o de novo ao aluno do primeiro ano. — Não foi nada bem architectado.

— Mas desde quando é que o Malfoy é um dos grandes pensadores mundiais? — perguntou Harry.

Nem Ron nem Hermione lhe responderam.

XIII

UM ENIGMA DESVENDADO

Katie foi transferida para o Hospital de São Mungus de Doenças e Lesões Mágicas no dia seguinte, altura em que as notícias de que ela sofrera uma maldição já se tinham espalhado por toda a escola, embora os pormenores fossem confusos e ninguém, além de Harry, Ron, Hermione e Leanne, parecesse saber que Katie não era o alvo pretendido.

— Ah, e o Malfoy sabe, claro — comentou Harry para Ron e Hermione, que prosseguiram com a sua nova política de orelhas moucas sempre que Harry mencionava a sua teoria de o-Malfoy-é-um-Devorador-da-Morte.

Harry perguntava-se se Dumbledore regressaria de onde quer que estivera a tempo da lição de segunda à noite, mas, não tendo recebido instruções em contrário, apresentou-se à porta do gabinete dele às oito horas, bateu e foi convidado a entrar. Encontrou Dumbledore à secretária, parecendo invulgarmente fatigado; a sua mão continuava tão negra e queimada como antes, mas o professor sorriu ao fazer o gesto para Harry se sentar. O Pensatório estava de novo em cima da mesa, projectando pontos de luz prateada pelo tecto.

— Estiveste muito ocupado enquanto eu andei ausente — comentou Dumbledore. — Creio que presenciaste o acidente da Katie.

— É verdade, professor. Como está ela?

— Ainda mal, embora tenha tido bastante sorte. Parece ter roçado o colar com uma porção ínfima de pele: a sua luva tinha um minúsculo buraco. Se ela o tivesse posto, ou se lhe tivesse sequer pegado com a mão sem luva, teria morrido, talvez no mesmo instante. Felizmente, o Professor Snape pôde fazer o necessário para impedir o rápido alastrar da maldição...

— Porquê ele? — perguntou Harry muito depressa. — Por que não a Madame Pomfrey?

— Impertinente — comentou uma voz suave de um dos retratos da parede, e Phineas Nigellus Black, trisavô de Sirius, levantou a cabeça dos

braços onde parecera adormecido. — No meu tempo, não teria permitido que um aluno questionasse a maneira como Hogwarts funciona.

— Pois, obrigado, Phineas — disse Dumbledore em tom definitivo. — O Professor Snape sabe muito mais sobre Magia Negra que a Madame Pomfrey, Harry. Seja como for, o pessoal de São Mungus envia-me relatórios diários e tenho esperança de que com o tempo Katie recuperará completamente.

— Onde é que esteve este fim-de-semana, professor? — perguntou Harry, ignorando uma forte sensação de que podia estar a abusar da sua sorte, sensação aparentemente partilhada por Phineas Nigellus, que sibilou baixinho.

— Prefiro não dizer por enquanto — respondeu Dumbledore. — Dir-te-ei, contudo, na altura própria.

— Dirá? — admirou-se Harry.

— Sim, conto com isso — confirmou Dumbledore, retirando um novo frasco de memórias prateadas do interior do manto e desrolhando-o com um toque da varinha.

— Professor — começou Harry, hesitante —, encontrei o Mundungus em Hogsmeade.

— Ah, sim, já tive conhecimento de que o Mundungus anda a fazer mão leve à tua herança — disse Dumbledore, franzindo ligeiramente a testa. — Desapareceu desde que o abordaste à porta do Três Vassouras. Creio que está com medo de me enfrentar. Contudo, podes ter a certeza de que não se apoderará de mais nenhum dos antigos bens do Sirius.

— Esse velho meia-raça sarnento tem andado a roubar objectos da família Black? — inquiriu Phineas Nigellus, exaltado; e depois desapareceu da moldura, sem dúvida para visitar o seu retrato no número doze de Grimmauld Place.

— Professor — continuou Harry, após uma curta pausa —, a Professora McGonagall falou-lhe do que eu lhe contei a ela depois do acidente da Katie? Acerca do Draco Malfoy?

— Sim, ela contou-me as tuas suspeitas — respondeu Dumbledore.

— E o professor...?

— Eu tomarei as medidas adequadas para investigar todos os que possam estar relacionados com o acidente da Katie — afirmou Dumbledore. — Mas o que me interessa agora, Harry, é a nossa lição.

Harry sentiu um leve ressentimento: se as lições eram assim tão importantes, por que houvera um intervalo tão grande entre a primeira e a segunda? Mas não disse mais nada sobre Draco Malfoy e ficou a ver Dumbledore despejar as novas memórias para o Pensatório, e começar uma

vez mais a balouçar a bacia de pedra entre as mãos de dedos longos.

— Estarás, sem dúvida, recordado de que deixámos a história dos princípios de Lord Voldemort no ponto em que o atraente Muggle, Tom Riddle, tinha abandonado a sua esposa feiticeira, Merope, e regressado à casa de família em Little Hangleton. Merope ficou sozinha em Londres, à espera do bebé que um dia haveria de tornar-se Lord Voldemort.

— Como é que sabe que ela estava em Londres, professor?

— Devido ao testemunho de um tal Caractacus Burke — elucidou Dumbledore —, que, por estranha coincidência, foi um dos fundadores da mesma loja de onde veio o colar que acabámos justamente de discutir.

Agitou o conteúdo do Pensatório como Harry já o vira fazer antes, quase como um garimpeiro a peneirar ouro. Da massa prateada turbilhonante ergueu-se um velho baixinho, girando lentamente no Pensatório, prateado como um fantasma, mas muito mais sólido, com uma cabeleira que lhe ocultava completamente os olhos.

— Sim, adquirimo-lo em circunstâncias curiosas. Foi trazido por uma jovem feiticeira pouco antes do Natal, oh, há muitos anos. Ela disse que precisava desesperadamente do ouro, e bem, isso era óbvio. Coberta de farrapos e bastante avançada... prestes a ter um bebé, percebe. Disse que o medalhão pertencera a Slytherin. Bom, nós estamos constantemente a ouvir esse género de histórias, «Oh, isto era de Merlin, era sim, era a sua chaleira preferida», mas quando o examinei, lá estava de facto a marca, e meia dúzia de feitiços simples bastaram para me dizer a verdade. É claro que isso fazia que praticamente não tivesse preço. Ela parecia não ter a menor ideia do que aquilo valia. Ficou satisfeita por receber dez galeões por ele. Foi o melhor negócio que já fiz!

Dumbledore deu uma sacudidela mais vigorosa ao Pensatório, e Caractacus Burke mergulhou de novo na massa rodopiante de memórias de onde viera.

— Ele só lhe deu dez galeões? — repetiu Harry, indignado.

— O Caractacus Burke não era conhecido pela sua generosidade — comentou Dumbledore. — Portanto, sabemos que, perto do término da sua gravidez, a Merope se encontrava sozinha em Londres e com uma necessidade desesperada de ouro, suficientemente desesperada para vender o seu único bem de valor, o medalhão que era uma das preciosas heranças de família de Marvolo.

— Mas ela podia recorrer à magia! — disse Harry, impaciente. — Podia ter arranjado comida e todo o resto para ela e para o bebé por meio de magia, não podia?

— Ah — fez Dumbledore — talvez pudesse. Mas a minha convicção...

estou de novo a deitar-me a adivinhar, mas estou certo de ter razão... é de que quando o marido a abandonou, a Merope deixou de usar magia. Creio que não desejava continuar a ser feiticeira. É claro, também é possível que o seu amor não correspondido e o desespero subsequente a tenham privado dos seus poderes; isso pode acontecer. De qualquer maneira, como vais ver, a Merope recusou-se a erguer a sua varinha mesmo para salvar a própria vida.

— Nem sequer pelo filho quis continuar a viver?

Dumbledore ergueu as sobrancelhas.

— É possível que estejas com pena de Lord Voldemort?

— Não — apressou-se Harry a negar —, mas ela podia escolher, não era, não foi como a minha mãe...

— A tua mãe também podia escolher — disse Dumbledore docemente.

— Sim, a Merope Riddle escolheu morrer apesar de ter um filho que precisava dela, mas não a julgues com demasiada severidade, Harry. Ela achava-se muito enfraquecida pelo longo sofrimento e nunca possuiu a coragem da tua mãe. E agora, se quiseres levantar-te...

— Aonde é que vamos? — indagou Harry, quando Dumbledore se lhe foi juntar diante da secretária.

— Desta vez — redarguiu Dumbledore —, vamos entrar nas *minhas* recordações. Penso que as acharás simultaneamente ricas de pormenores e bastante exactas. Tu primeiro, Harry...

Harry curvou-se sobre o Pensatório; o seu rosto rompeu a fria superfície da memória, e depois sentiu-se a cair de novo através das trevas... Segundos mais tarde, os seus pés tocaram solo firme, abriu os olhos e viu que ele e Dumbledore se encontravam numa fervilhante rua antiga de Londres.

— Lá estou eu — indicou Dumbledore vivamente, apontando uma figura alta que atravessava a rua diante de uma carroça de leite um pouco à frente deles.

O cabelo comprido e a barba daquele Albus Dumbledore mais jovem eram castanho-avermelhados. Ao chegar ao lado da rua em que eles se encontravam, deslocou-se pelo passeio em largas passadas, atraindo muitos olhares curiosos devido ao corte vistoso do fato de veludo cor de ameixa que envergava.

— Belo fato, professor! — exclamou Harry, antes de poder conter-se. Mas Dumbledore apenas sufocou uma gargalhada e continuaram a seguir o seu eu mais novo a curta distância, até passarem uns portões de ferro e entrarem num pátio vazio, em frente de um edifício quadrado algo sombrio, rodeado de grades altas. Ele subiu os poucos degraus até à porta e bateu

uma vez. Passado um momento, veio abrir uma rapariga de avental, com aspecto enxovalhado.

— Boa tarde. Tenho um encontro com Mrs. Cole, que é, creio eu, a directora?

— Ah — fez a rapariga de ar atarantado, absorvendo a aparência excêntrica de Dumbledore. — Hum... só um mo... MRS. COLE! — gritou ela por cima do ombro.

Harry ouviu uma voz distante gritar qualquer coisa em resposta. A rapariga virou-se de novo para Dumbledore.

— Entre, ela já vem.

Dumbledore entrou para um vestíbulo de azulejos brancos e pretos. Tudo aquilo estava velho, mas imaculadamente limpo. Harry e o Dumbledore mais velho seguiram-no. Ainda a porta se não fechara atrás deles, quando uma mulher magra, com ar apoquentado, surgiu apressada. O rosto, de feições vincadas, parecia mais ansioso que antipático, e ia falando por cima do ombro para outra ajudante de avental, enquanto se lhes dirigia.

— ... e leva o iodo lá acima à Marta, o Billy Stubbs tem estado a coçar as crostas e o Eric Whalley tem os lençóis todos manchados... só cá faltava a varicela — disse ela para ninguém em particular. Então o seu olhar caiu em Dumbledore, e ela estacou de repente, parecendo tão atónita como se uma girafa acabasse de lhe entrar pela porta.

— Boa tarde — cumprimentou Dumbledore, estendendo-lhe a mão.

Mrs. Cole continuava embasbacada.

— Chamo-me Albus Dumbledore. Escrevi-lhe uma carta solicitando uma entrevista e a senhora teve a amabilidade de me convidar a vir cá hoje.

Mrs. Cole pestanejou. Tendo aparentemente decidido que Dumbledore não era uma alucinação, disse em voz débil: — Ah, sim. Bem... bem, então... é melhor vir para o meu gabinete. Sim.

Conduziu Dumbledore a uma pequena divisão que parecia ser parte sala e parte escritório. Estava em tão mau estado como o vestíbulo, e o mobiliário era velho e desemparelhado. Convidou Dumbledore a instalar-se numa cadeira desengonçada e sentou-se ela própria atrás da secretária apinhada, observando-o nervosamente.

— Estou aqui, conforme lhe disse na minha carta, para falar do Tom Riddle e tomar medidas em relação ao seu futuro — começou Dumbledore.

— É da família? — perguntou Mrs. Cole.

— Não, sou professor — respondeu Dumbledore. — Vim para oferecer ao Tom um lugar na minha escola.

— Então e que escola é?

— Chama-se Hogwarts — elucidou Dumbledore.

— E por que é que está interessado no Tom?

— Cremos que ele tem as qualidades que procuramos.

— Quer dizer que ele ganhou uma bolsa de estudos? Como é isso possível? Nunca concorreu a nenhuma.

— Bem, o nome dele está inscrito na nossa escola desde que nasceu...

— Quem é que o inscreveu? Os pais?

Não havia dúvida de que Mrs. Cole era uma mulher inconvenientemente perspicaz. Ao que parecia, Dumbledore pensou o mesmo, pois Harry viu-o tirar disfarçadamente a varinha do bolso do fato de veludo, ao mesmo tempo que pegava numa folha de papel em branco de cima da secretária de Mrs. Cole.

— Faça favor — disse Dumbledore, agitando a varinha enquanto lhe estendia a folha de papel —, penso que isto clarificará as coisas.

Os olhos de Mrs. Cole desfocaram-se e voltaram a focar-se para fitar atentamente o papel em branco durante alguns instantes.

— Isto parece-me perfeitamente em ordem — disse ela em tom plácido, devolvendo-o. Depois o seu olhar caiu sobre uma garrafa de *gin* e dois copos que ali se não encontravam alguns segundos antes.

— Hã... posso oferecer-lhe um *gin*? — perguntou ela em voz extremamente polida.

— Muitíssimo obrigado — aceitou Dumbledore, sorridente.

Depressa se tornou claro que Mrs. Cole não era uma novata quando se tratava de beber *gin*. Servindo uma generosa porção a ambos, despejou o copo dela de um trago. Fez estalar os lábios e sorriu pela primeira vez a Dumbledore, que não hesitou em aproveitar a vantagem.

— Gostaria de saber se poderá contar-me alguma coisa sobre a história do Tom Riddle? Creio que ele nasceu aqui no orfanato?

— É verdade — confirmou Mrs. Cole, servindo-se de mais *gin*. —

Lembro-me perfeitamente, porque eu própria acabara de começar a trabalhar cá. Véspera de Ano Novo e um frio de rachar, com neve, sabe. Uma noite horrível. E aquela rapariga, não muito mais velha do que eu era nessa altura, surgiu-nos a cambalear nos degraus da entrada. Bem, não era a primeira. Recebemo-la, e ela teve o bebé em menos de uma hora. E passada outra hora estava morta.

Mrs. Cole fez um aceno impressionado e bebeu outra generosa golada de *gin*.

— Ela disse alguma coisa antes de morrer? — inquiriu Dumbledore. — Alguma coisa a respeito do pai do rapaz, por exemplo?

— Por acaso, até disse — retorquiu Mrs. Cole, que parecia agora mais bem-disposta, com o *gin* na mão e uma assistência ansiosa pela sua

história.

— Lembro-me que ela me disse: «Espero que ele se pareça com o pai», e não lhe vou mentir, ela tinha razão em esperar tal, porque não era nenhuma beleza... e depois disse-me que ele se chamava Tom, como o pai, e Marvolo, como o pai *dela*... Sim, eu sei, que nome esquisito, não é? Perguntámo-nos se ela não teria vindo de um circo... e disse que o apelido do rapaz era Riddle. E morreu pouco depois sem pronunciar mais uma palavra.

«Bem, nós demos-lhe o nome que ela dissera, aquilo parecera tão importante para a pobre rapariga, mas nenhum Tom, nem Marvolo, nem Riddle vieram nunca à procura dele, nem família de espécie nenhuma, por isso ele ficou no orfanato e tem cá estado desde então.

Mrs. Cole serviu-se, quase automaticamente, de mais uma boa porção de *gin*. As suas maçãs do rosto apresentavam duas manchas rosadas. Então, declarou: — Ele é um rapaz esquisito.

— Sim — concordou Dumbledore. — Já calculava que fosse.

— Também foi um bebé esquisito. Quase nunca chorava, sabe. E depois, quando cresceu um bocadinho mais, era... estranho.

— Estranho, em que aspecto? — perguntou Dumbledore suavemente.

— Bem, ele...

Mas Mrs. Cole interrompeu-se bruscamente, e não havia nada de enevoado ou vago no olhar inquisitivo que lançou a Dumbledore por cima do copo.

— Ele tem definitivamente um lugar na sua escola, diz o senhor?

— Definitivamente — confirmou Dumbledore.

— E nada do que eu disser pode alterar isso?

— Nada — afirmou Dumbledore.

— O senhor vai levá-lo consigo, haja o que houver?

— Haja o que houver — repetiu Dumbledore gravemente.

Ela fitou-o atentamente como que a decidir se podia ou não confiar nele. Ao que parecia, decidiu que sim, porque disse de jacto: — Ele assusta as outras crianças.

— Quer dizer que é um tirano? — perguntou Dumbledore.

— Penso que deve ser — declarou Mrs. Cole, franzindo levemente a testa —, mas é muito difícil apanhá-lo. Tem havido incidentes... coisas desagradáveis...

Dumbledore não a pressionou, embora Harry percebesse que estava interessado. Ela bebeu outro golo de *gin*, e as suas faces ficaram ainda mais rosadas.

— O coelho do Billy Stubbs... bem, o Tom *disse* que não foi ele e não

percebo como é que o poderia ter feito, mas mesmo assim, o bicho não se ia enforçar nas traves, pois não?

— Não, também acho que não — concordou Dumbledore em tom calmo.

— Mas diabos me levem se sei como é que ele chegou lá acima para fazer aquilo. A única coisa que eu sei é que ele e o Billy tinham discutido no dia anterior. E depois — Mrs. Cole bebeu nova golada de *gin*, entornando desta vez um pouco pelo queixo — no passeio de Verão... levamo-los a passear, sabe, uma vez por ano, ao campo ou à praia... bom, a Amy Benson e o Dennis Bishop nunca mais foram os mesmos depois disso, e tudo o que conseguimos tirar deles foi que tinham ido a uma gruta com o Tom Riddle. Ele jurou que só tinham ido explorar, mas *alguma coisa* lá aconteceu, tenho a certeza. E, bom, houve uma série de coisas, coisas estranhas...

Fitou de novo Dumbledore, e embora o rosto estivesse afogueado, o olhar era firme.

— Não creio que haja muita gente com pena de o ver pelas costas.

— Compreende, decerto, que nós não ficaremos com ele permanentemente? — esclareceu Dumbledore. — Ele terá de voltar para aqui, pelo menos todos os verões.

— Ah, bem, isso é melhor do que uma pancada no nariz com um atizador ferrugento — disse Mrs. Cole com um leve soluço. Levantou-se, e Harry sentiu-se impressionado ao ver que ela se conservava completamente firme, apesar de dois terços do *gin* terem desaparecido. — Suponho que gostaria de o ver?

— Muito — respondeu Dumbledore, erguendo-se também.

Ela conduziu-o para fora do gabinete e escadas acima, enquanto ia dando instruções e admoestações a ajudantes e crianças ao passar. Harry viu que os órfãos usavam todos o mesmo tipo de bata acinzentada. Pareciam razoavelmente bem tratados, mas não havia dúvida de que aquele era um sítio sombrio para crescer.

— Cá estamos — declarou Mrs. Cole, quando viraram no segundo patamar e estacaram diante da primeira porta de um comprido corredor. Bateu duas vezes e entrou.

— Tom? Tens uma visita. Este é Mr. Dumberton... perdão, Mr. Dunderbore. Veio dizer-te... bem, vou deixar que seja ele a contar-te.

Harry e os dois Dumbledores entraram, e Mrs. Cole fechou a porta atrás deles. O quarto era pequeno e despido, tendo como única mobília um velho roupeiro, uma cadeira de madeira e uma cama de ferro. Em cima dos cobertores cinzentos estava sentado um rapaz, as pernas estendidas, a segurar um livro.

Não havia qualquer traço dos Gaunt no rosto de Tom Riddle. O último desejo de Merope fora satisfeito: ele era uma miniatura do seu atraente pai, alto para onze anos, pálido e de cabelo negro. Os olhos escureceram levemente ao ver a aparência excêntrica de Dumbledore. Houve um momento de silêncio.

— Como estás, Tom? — perguntou Dumbledore, avançando de mão estendida.

O rapaz hesitou e depois aceitou-a e apertaram as mãos. Dumbledore puxou a dura cadeira de madeira para o lado de Riddle, de maneira que se assemelhavam a um doente de hospital com uma visita.

— Eu sou o Professor Dumbledore.

— «Professor»? — repetiu Riddle. Parecia desconfiado. — Isso é o mesmo que «doutor»? Para que é que veio? Foi *ela* que o chamou para me observar?

Apontava para a porta por onde Mrs. Cole acabara de sair.

— Não, não — disse Dumbledore, sorrindo.

— Não acredito — respondeu Riddle. — Ela quer que eu seja observado, não quer? Diga a verdade!

Proferiu as últimas palavras com uma violência quase chocante. Era uma ordem, e soava como se ele já a tivesse dado muitas vezes antes. Abria muito os olhos que dardejavam sobre Dumbledore, cuja resposta foi continuar a sorrir, placidamente. Após alguns instantes, o olhar de Riddle abrandou, embora ele parecesse ainda mais desconfiado.

— Quem é o senhor?

— Já te disse. Sou o Professor Dumbledore e trabalho numa escola chamada Hogwarts. Vim oferecer-te um lugar na minha escola... a tua nova escola, se quiseres vir.

A reacção de Riddle foi muitíssimo surpreendente. Saltou da cama e afastou-se de Dumbledore, parecendo furioso.

— Não me engana! Do manicómio, é de lá que vem, não é? «Professor», pois sim, está claro... pois eu não vou, percebe? Aquela galinha velha é que devia estar no manicómio. Eu nunca fiz nada à pequena Amy Benson nem ao Dennis Bishop, e pode perguntar-lhes, que eles dizem-lhe!

— Eu não venho do manicómio — explicou Dumbledore pacientemente. — Sou professor e, se te sentares com calma, falo-te de Hogwarts. É claro que, se preferires não vir para a escola, ninguém te obrigará...

— Experimentem só — rosnou Riddle.

— Hogwarts — prosseguiu Dumbledore, como se não tivesse ouvido as últimas palavras de Riddle — é uma escola para pessoas com aptidões especiais...

— Eu não sou doido!

— Eu sei que não és doido. Hogwarts não é uma escola para doidos. É uma escola de magia.

Fez-se silêncio. Riddle ficara petrificado, o rosto inexpressivo, mas os olhos saltando de um para o outro olho de Dumbledore, como se tentasse apanhar algum deles a mentir.

— Magia? — repetiu ele num murmúrio.

— É verdade — confirmou Dumbledore.

— É... é magia, aquilo que eu sou capaz de fazer?

— E o que tu és capaz de fazer?

— Todo o género de coisas — ofegou Riddle. Um rubor de excitação subia-lhe do pescoço até às faces cavadas; parecia febril. — Sou capaz de fazer mover coisas sem lhes tocar. Sou capaz de obrigar animais a fazerem o que eu quero, sem os treinar. Sou capaz de fazer acontecer coisas más às pessoas que me irritam. Sou capaz de lhes provocar dores, se quiser.

As pernas tremiam-lhe. Avançou aos tropeções e sentou-se outra vez na cama, fitando as mãos, a cabeça curvada como que numa prece.

— Eu sabia que era diferente — sussurrou ele para os seus dedos trémulos. — Eu sabia que era especial. Sempre soube que havia qualquer coisa.

— Bom, tinhas razão — declarou Dumbledore, que já não sorria e observava atentamente Riddle. — Tu és um feiticeiro.

Riddle ergueu a cabeça. O rosto estava transfigurado: havia nele uma alegria incontável que, por qualquer razão, não o tornava mais bonito; pelo contrário, as suas feições delicadas pareciam mais grosseiras, a sua expressão era quase bestial.

— Também é feiticeiro?

— Sou, sim.

— Prove-o — disse logo Riddle, no mesmo tom de comando que empregara para «diga a verdade».

Dumbledore alçou as sobrancelhas.

— Se, como suponho, estás a aceitar o teu lugar em Hogwarts...

— Claro que estou!

— Então trata-me por «professor» ou «senhor».

A expressão de Riddle endureceu por uma fracção de segundo antes de dizer, em voz delicada e irreconhecível: — Desculpe, senhor. Quer dizer... Professor, podia fazer o favor de me mostrar...?

Harry tinha a certeza de que Dumbledore ia recusar, dizer a Riddle que haveria muito tempo para demonstrações práticas em Hogwarts, que se encontravam num prédio cheio de Muggles e, portanto, deviam ser

cautelosos. No entanto, com grande surpresa sua, Dumbledore tirou a varinha do bolso interior do casaco, apontou-a ao velho roupeiro do canto e agitou-a com um gesto displicente.

O roupeiro irrompeu em chamas.

Riddle ergueu-se de um salto. Harry não podia censurá-lo por gritar de choque e raiva; todos os bens que possuía no mundo deviam ali estar; mas, no instante em que Riddle se voltava para Dumbledore, as chamas desapareceram, deixando o roupeiro totalmente incólume.

Riddle olhava de Dumbledore para o roupeiro e depois, com uma expressão ávida, apontou para a varinha.

— Onde é que eu posso arranjar uma coisa dessas?

— Tudo a seu tempo — respondeu Dumbledore. — Acho que há qualquer coisa a querer sair do teu roupeiro.

E não havia dúvida de que se ouvia lá dentro um leve chocalhar. Pela primeira vez, Riddle pareceu assustado.

— Abre a porta — ordenou Dumbledore.

Riddle hesitou, depois atravessou o quarto e escancarou a porta do roupeiro. Na prateleira do topo, por cima de uma grade com roupa puída, uma pequena caixa de cartão estremecia e chocalhava como se lá dentro estivessem presos diversos ratos frenéticos.

— Tira-a para fora — ordenou Dumbledore.

Riddle tirou a caixa trepidante. Parecia amedrontado.

— Há alguma coisa nessa caixa que tu não devesses ter? — perguntou Dumbledore.

Riddle lançou a Dumbledore um longo olhar, nítido e calculista.

— Sim, suponho que sim, senhor — disse ele por fim, em voz inexpressiva.

— Abre-a — intimou Dumbledore.

Riddle tirou a tampa e despejou o conteúdo na cama sem olhar. Harry, que esperara algo muito mais excitante, viu uma confusão de pequenos objectos do quotidiano: entre eles um ioiô, um dedal de prata e uma harmónica manchada. Uma vez libertos da caixa, deixaram de estremecer e ficaram imóveis em cima dos cobertores finos.

— Vais devolvê-los aos seus donos com as tuas desculpas — disse Dumbledore calmamente, voltando a enfiar a varinha no casaco. — Eu saberei se isso foi feito. E ficas avisado: em Hogwarts não se toleram roubos.

Riddle não pareceu minimamente embaraçado, continuando a fitar Dumbledore com um olhar frio e avaliador. Por fim, disse em voz neutra:

— Sim, senhor.

— Em Hogwarts — continuou Dumbledore —, ensinamos não apenas a usar a magia, mas a controlá-la. Tu tens andado, inadvertidamente, estou certo, a usar os teus poderes de uma maneira que não é nem ensinada nem tolerada na nossa escola. Não és o primeiro, e não serás o último, a deixar-se empolgar pela magia. Mas ficas sabendo que Hogwarts pode expulsar alunos, e o Ministério da Magia... sim, há um ministério... pune quem desobedece às leis ainda mais severamente. Todos os novos feiticeiros têm de aceitar isso: ao entrarem no nosso mundo, regem-se pelas nossas leis.

— Sim, senhor — repetiu Riddle.

Era impossível saber o que ele pensava; o seu rosto permanecia inexpressivo, enquanto voltava a colocar a pequena reserva de objectos roubados na caixa de cartão. Quando acabou, virou-se para Dumbledore e disse com desfaçatez: — Não tenho dinheiro nenhum.

— Isso remedeia-se facilmente — respondeu Dumbledore, tirando do casaco uma bolsa de pele com dinheiro. — Há em Hogwarts um fundo para aqueles que precisam de auxílio para adquirir livros e capas. Talvez tenhas de comprar alguns dos teus livros de feitiços e coisas assim em segunda-mão, mas...

— Onde é que se compram livros de feitiços? — interrompeu Riddle, que pegara na pesada bolsa de dinheiro sem agradecer a Dumbledore, e examinava agora um galeão de ouro.

— Na Diagon-Al — informou Dumbledore. — Tenho aqui a tua lista de livros e material escolar. Posso ajudar-te a encontrar tudo...

— Vem comigo? — perguntou Riddle, erguendo os olhos.

— Decerto, se tu...

— Não preciso de si — declarou Riddle. — Estou habituado a fazer as minhas coisas, ando imenso por Londres sozinho. Como é que se chega a essa Diagon-Al... senhor? — acrescentou, vendo o olhar de Dumbledore.

Harry pensou que Dumbledore insistiria em acompanhar Riddle, mas uma vez mais se enganou. Dumbledore entregou a Riddle o sobrescrito com a lista de material e, após ter-lhe explicado exactamente como chegar ao Caldeirão Escoante indo do orfanato, disse: — Tu conseguirás vê-lo, embora os Muggles à tua volta ... quer dizer as pessoas não-mágicas... não possam. Pergunta por Tom, o *barman*, é fácil de decorar visto terem o mesmo nome...

Riddle fez um trejeito irritado, como se tentasse afastar uma mosca incómoda.

— Não gostas do nome «Tom»?

— Há montes de Toms — murmurou Riddle. Depois, como se não conseguisse evitar a pergunta, como se ela irrompesse espontaneamente,

perguntou: — O meu pai era feiticeiro? Também se chamava Tom Riddle, segundo me disseram.

— Lamento, mas não sei — respondeu Dumbledore, em voz suave.

— A minha mãe não pode ter sido mágica, senão não tinha morrido — prosseguiu Riddle, mais para si próprio que para Dumbledore. — Tem de ter sido ele. Bom, então quando tiver as minhas coisas todas, quando é que vou para essa tal Hogwarts?

— Os pormenores estão todos na segunda folha de pergaminho que tens dentro do sobrescrito — elucidou Dumbledore. — Sais da estação de Kings Cross no dia um de Setembro. Também aí tens um bilhete de comboio.

Riddle curvou a cabeça. Dumbledore pôs-se de pé e estendeu novamente a mão. Ao apertá-la, Riddle disse: — Eu sei falar com cobras. Descobri quando íamos em passeio ao campo... Elas vêm ter comigo, segredam-me coisas. Isto é normal num feiticeiro?

Harry percebeu que ele se abstera de mencionar aquele estranho poder até esse instante, decidido a impressionar.

— É invulgar — declarou Dumbledore, após um segundo de hesitação — mas não inaudito.

O tom era descuidado, mas os olhos percorreram, curiosos, o rosto de Riddle. Ficaram ali um momento, o homem e o rapaz, a fitarem-se. Depois o aperto de mão desfez-se, e Dumbledore dirigiu-se à porta.

— Adeus, Tom. Vemo-nos em Hogwarts.

— Acho que já chega — disse o Dumbledore de cabelos brancos ao lado de Harry, e segundos depois flu tuavam de novo sem peso através das trevas antes de aterrarem no gabinete do presente.

— Senta-te — convidou Dumbledore, aterrando ao lado de Harry.

Harry obedeceu, a cabeça ainda cheia de tudo o que acabara de presenciar.

— Ele acreditou muito mais depressa que eu... quer dizer, quando lhe disse que era um feiticeiro — comentou Harry. — Eu a princípio não acreditei no Hagrid, quando ele me disse.

— Sim, o Riddle estava inteiramente preparado para acreditar que era, segundo as suas próprias palavras, «especial» — anuiu Dumbledore.

— O professor já sabia... nessa altura? — inquiriu Harry.

— Se já sabia que acabava de conhecer o mais perigoso feiticeiro Negro de todos os tempos? — indagou Dumbledore. — Não, não fazia a menor ideia de que ele se transformaria naquilo que é. No entanto, ele intrigou-me. Regressei a Hogwarts, tencionando mantê-lo debaixo de olho, algo que de qualquer forma teria feito, dado que ele estava sozinho e sem amigos, mas já nessa altura senti que o devia fazer, tanto por causa dele como dos

outros.

«Os seus poderes, como ouviste, encontravam-se extraordinariamente desenvolvidos para um feiticeiro tão jovem e, o que era mais interessante e agourento, ele já descobrira que os podia controlar em certa medida e começara a empregá-los conscientemente. E, como viste, não eram apenas as experiências aleatórias típicas de jovens feiticeiros: ele já estava a usar magia contra outras pessoas, para assustar, punir e dominar. As historietas do coelho estrangulado e dos miúdos que atraíu a uma gruta eram muito sugestivas... *sou capaz de lhes provocar dores, se quiser...*

— E falava serpentês — interrompeu Harry.

— É verdade. Um talento raro e supostamente ligado à Magia Negra, embora, como nós sabemos, também haja quem fale serpentês entre os grandes e os bons. Na realidade, a sua capacidade de comunicar com as cobras não me deixou tão inquieto como os seus óbvios instintos de crueldade, dissimulação e domínio.

«O tempo está outra vez a rir-se de nós — comentou Dumbledore, indicando o céu escuro para lá das janelas. — Mas antes de nos separarmos, quero chamar a tua atenção para certas características da cena que acabamos de presenciar, pois elas estão muito relacionadas com os assuntos que iremos discutir em encontros futuros.

«Primeiro, espero que tenhas reparado na reacção de Riddle quando eu mencionei que um outro partilhava o seu nome próprio, Tom?

Harry fez um aceno afirmativo.

— Depois mostrou desprezo por tudo o que o ligava às outras pessoas, tudo o que o fazia vulgar. Já nessa altura, ele queria ser diferente, distinto, famoso. Como sabes, libertou-se do nome poucos anos após essa conversa e criou a máscara de «Lord Voldemort» por trás da qual se esconde há tanto tempo.

«Espero que tenhas igualmente notado que o Tom Riddle era já muitíssimo auto-suficiente, reservado e, aparentemente, não tinha amigos. Não quis ajuda nem companhia para a ida à Diagon-Al. Preferia agir sozinho. O Voldemort adulto também. Talvez ouças muitos dos seus Devoradores da Morte afirmar que têm a sua confiança, que apenas eles são seus íntimos, até que o compreendem. Estão iludidos. Lord Voldemort nunca teve um amigo, nem creio que alguma vez o tenha desejado.

«E por fim... espero que não estejas demasiado sonolento para prestar atenção a isto, Harry... o jovem Tom Riddle gostava de colecionar troféus. Viste a caixa com os objectos roubados que ele tinha escondida no quarto. Havia sido tirados a vítimas do seu comportamento tirânico, eram, digamos, recordações de feitos de magia particularmente

desagradáveis. Lembra-te desta tendência para coleccionar coisas, pois isto será particularmente importante mais tarde.

«E agora, são mesmo horas de deitar.

Harry levantou-se. Ao atravessar a sala, o seu olhar pousou na pequena mesa onde, na última vez, se encontrava o anel de Marvolo Gaunt, mas o anel já lá não estava.

— Sim, Harry? — perguntou Dumbledore vendo-o estacar.

— O anel desapareceu — observou Harry, olhando em volta. — Mas pensei que pudesse ter a harmónica ou algo assim.

Dumbledore sorriu-lhe por cima dos seus óculos em forma de meia-lua.

— Muito astuto, Harry, mas a harmónica sempre foi apenas uma harmónica.

E, proferindo essas palavras enigmáticas, acenou a Harry, dando-lhe a entender que estava dispensado.

XIV

FELIX FELICIS

Na manhã seguinte, a primeira aula de Harry foi Herbologia. Durante o pequeno-almoço não conseguira contar a Ron e Hermione a sua lição com Dumbledore, receando ser ouvido, mas pô-los ao corrente enquanto atravessavam a horta em direcção às estufas. O brutal vento do fim-de-semana cessara finalmente, mas voltara aquela neblina estranha, de forma que levaram um bocado mais do que era habitual a encontrar a estufa certa.

— Uau, mas é assustador, o Quem-Nós-Sabemos — comentou Ron em voz baixa, ao ocuparem os seus lugares em volta de um dos retorcidos troncos de Silvirriço que constituíam o projecto desse período, e começarem a calçar as luvas de protecção. — Mas ainda não percebi por que é que o Dumbledore te anda a mostrar tudo isto. Quer dizer, é francamente interessante e tudo isso, mas para que serve?

— Sei lá — respondeu Harry, colocando um protector de gengivas. — Mas ele diz que é muito importante e que me ajudará a sobreviver.

— Eu acho que é fascinante — disse vivamente Hermione. — Faz todo o sentido saber o mais possível acerca do Voldemort. De que outra maneira lhe poderás descobrir as fraquezas?

— Então e que tal foi a última festa do Slughorn? — perguntou-lhe Harry com fala cerrada devido ao protector de gengivas.

— Ah, foi de facto muito divertida — retorquiu Hermione, colocando agora os óculos de protecção. — Quer dizer, ele alarga-se um bocado a falar de ex-alunos famosos, e passa o tempo a *engraxar* o McLaggen por causa dos seus conhecimentos, mas serviu-nos óptima comida e apresentou-nos à Gwenog Jone.

— Gwenog Jones? — repetiu Ron, arregalando os olhos por baixo dos óculos. — A Gwenog Jones? A Capitã das Holyhead Harpies?

— Exacto — confirmou Hermione. — Pessoalmente, achei-a um bocado convencida, mas...

— Vamos lá a acabar com a conversa! — disse vivamente a Professora Sprout, surgindo azafamada e com ar severo. — Vocês estão a ficar para trás, já toda a gente começou, e o Neville até já conseguiu a sua primeira vagem!

Olharam em volta; de facto, lá estava Neville com um lábio ensanguentado e vários arranhões fundos na face, mas a segurar um objecto verde do tamanho de uma toranja que pulsava desagradavelmente.

— Pronto, professora, vamos começar já! — assentiu Ron, acrescentando em voz baixa, quando ela se afastou de novo: — Devíamos ter usado o Muffliato, Harry.

— Não devíamos nada! — contrariou imediatamente Hermione, parecendo, como já era habitual, tremendamente irritada só de pensar no Príncipe Meio-Sangue e nos seus feitiços. — Vá, andem lá... é melhor começarmos...

Deitou um olhar apreensivo aos outros dois; respiraram todos fundo e depois atiraram-se ao tronco retorcido que se encontrava entre eles.

Este animou-se instantaneamente. Gavinhas compridas e espinhosas, semelhantes a silvas, irromperam do topo e fustigaram o ar. Uma enredou-se no cabelo de Hermione, e Ron repeliu-a com as tesouras de podar; Harry conseguiu apanhar um par delas e atou-as uma à outra; no meio de todos aqueles ramos semelhantes a tentáculos abriu-se um buraco e, corajosamente, Hermione enfiou o braço nele, que se fechou como uma armadilha em volta do seu cotovelo. Harry e Ron torceram e puxaram as gavinhas com toda a força, obrigando o buraco a abrir-se outra vez, e Hermione retirou o braço, apertando entre os dedos uma vagem igual à de Neville. Imediatamente as gavinhas espinhosas voltaram para dentro e o tronco retorcido ficou ali, parecendo um inocente pedaço de madeira morta.

— Sabem, acho que não vou querer uma coisa destas no meu jardim quando tiver casa própria — comentou Ron, empurrando os óculos de protecção para a testa e enxugando a transpiração da cara.

— Passem-me uma taça — pediu Hermione, segurando a vagem palpitante de braço estendido. Harry entregou-lhe uma, e ela deixou lá cair a vagem com uma careta de repulsa.

— Não seas enjoada, espreme-a, são melhores quando estão frescas! — ordenou a Professora Sprout.

— Seja como for — informou Hermione, prosseguindo a conversa interrompida como se um tronco de madeira não tivesse acabado de os atacar —, o Slughorn vai dar uma festa de Natal, Harry, e não tens maneira de te escapar a essa, porque ele até me pediu para ver quais as tuas noites livres, a fim de a marcar para uma em que tu possas ir.

Harry soltou um gemido. Entretanto Ron, que tentava rebentar a vagem na taça comprimindo-a com as mãos, levantando-se e calcando com toda a força, disse irritado: — E isso é mais uma festa só para os favoritos do Slughorn, não?

— Só para o Clube dos VIPs, sim — confirmou Hermione.

A vagem saltou de baixo dos dedos de Ron e foi bater no vidro da estufa, ressaltando para a parte de trás da cabeça da Professora Sprout e derrubando-lhe o velho chapéu remendado. Harry apressou-se a ir recuperar a vagem e, quando voltou, Hermione estava a dizer: — Ouve, não fui *eu* que inventei o nome *Clube dos VIPs*...

— *Clube dos VIPs* — repetiu Ron com um trejeito de mofa digno de Malfoy. — Que tristeza. Bem, espero que te divirtas. Por que não tentas engatar o McLaggen, assim o Slughorn podia fazer de vocês o Rei e a Rainha das Celebridades...

— Podemos levar acompanhantes — disse Hermione que, vá-se lá saber porquê, ficara vermelha como um tomate —, e eu *ia* convidar-te para vires comigo, mas se achas que é assim tão estúpido não me dou a esse trabalho!

Harry desejou de repente que a vagem tivesse voado para um pouco mais longe de maneira a não ter de estar agora ali sentado com aqueles dois. Ignorado por ambos, pegou na taça com a vagem e começou a tentar abri-la da forma mais ruidosa e enérgica de que se lembrou. Infelizmente, continuava a conseguir ouvir todas as palavras da conversa deles.

— Ias convidar-me? — perguntou Ron num tom de voz totalmente diferente.

— Ia — confirmou Hermione, irritada. — Mas, evidentemente, se preferes que eu *engate o McLaggen*...

Seguiu-se uma pausa durante a qual Harry continuou a martelar a resistente vagem com uma colher de jardineiro.

— Não, não prefiro — admitiu Ron, em voz baixa.

Harry falhou a vagem, bateu na taça e esta fez-se em pedaços.

— *Reparo* — murmurou ele apressadamente, tocando nos bocados com a varinha, o que levou a taça a reconstituir-se. Contudo, o ruído parecia ter despertado Ron e Hermione para a presença de Harry. Hermione corou e começou de imediato a folhear o seu exemplar de *Árvores Carnívoras do Mundo* para descobrir a maneira correcta de espremer as vagens de Silvirriço; Ron, pelo seu lado, parecia embaraçado, mas também bastante satisfeito consigo mesmo.

— Dá cá isso, Harry — pediu Hermione muito depressa —, diz que devemos furá-las com uma coisa aguçada...

Harry passou-lhe a taça com a vagem, e ele e Ron voltaram a ajustar os

óculos de protecção e atiraram-se uma vez mais ao tronco.

Não era que se sentisse realmente admirado, pensou Harry, debatendo-se com uma gavinha espinhosa decidida a estrangulá-lo; tivera um palpite de que isto poderia vir a acontecer mais cedo ou mais tarde. Mas não sabia bem o que sentia a tal respeito... ele e Cho achavam-se agora demasiado embaraçados para olharem um para o outro, quanto mais falarem-se; e se Ron e Hermione comessem a andar juntos e depois rompessem? Poderia a sua amizade sobreviver a isso? Harry recordou as escassas semanas em que eles não se tinham falado quando andavam no terceiro ano; não achara nada divertido tentar colmatar a distância que os separava. E se não rompessem? Se ficassem como Bill e Fleur, e se tornasse extremamente embaraçoso estar na sua presença, o que o excluiria duma vez para sempre?

— Apanhei-te! — gritou Ron, arrancando uma segunda vagem do tronco, ao mesmo tempo que Hermione conseguia rebentar a primeira e encher a taça de tubérculos que se contorciam como minhocas verde-claras.

O resto da aula passou sem qualquer outra menção à festa de Slughorn. Embora Harry observasse os seus dois amigos mais atentamente durante os dias seguintes, Ron e Hermione não pareciam diferentes a não ser pelo facto de se tratarem com um bocadinho mais de delicadeza do que era habitual. Harry calculava que teria de esperar para ver o que acontecia sob a influência da Cerveja de Manteiga na sala difusamente iluminada de Slughorn na noite da festa. Entretanto, todavia, tinha preocupações mais prementes.

Katie Bell continuava no Hospital de São Mungus sem perspectivas de saída, e isso significava que a prometedora equipa dos Gryffindor, que Harry viera a treinar com tanto cuidado desde Setembro, tinha um *chaser* a menos. Andara a adiar a substituição de Katie na esperança de que ela voltasse, mas o jogo de abertura contra os Slytherin aproximava-se a passos largos e, por fim, teve de aceitar o facto de que ela não regressaria a tempo de alinhar.

Harry achava que não conseguiria aguentar outras provas com a casa cheia. Um dia, com uma sensação de abatimento que tinha pouco que ver com o Quidditch, abordou Dean Thomas depois da aula de Transfiguração. A maioria dos alunos já saíra, embora pela sala ainda esvoaçassem diversos pássaros amarelos a chilrear, todos criados por Hermione; mais ninguém conseguira fazer aparecer nem sequer uma pena.

— Continuas interessado em jogar como *chaser*?

— O qu...? Claro! — respondeu Dean entusiasmado. Por cima do ombro de Dean, Harry viu Seamus Finnigan atirar os livros para dentro do saco, com ar azedo. Uma das razões por que teria preferido não ser obrigado a

convidar Dean para jogar era saber que Seamus não ia gostar. Por outro lado, tinha de fazer o que era melhor para a equipa, e Dean suplantara Seamus nas provas.

— Bom, então o lugar é teu — disse Harry. — Há treino hoje à noite, às sete.

— Fixe! — exclamou Dean. — Hurra, Harry! Caramba, estou ansioso por contar à Ginny!

Saiu disparado da sala, deixando Harry e Seamus juntos e sozinhos, um momento embaraçoso que não melhorou quando um dos canários de Hermione voou sobre eles e soltou um excremento em cima da cabeça de Seamus.

Este não foi a única pessoa descontente com a escolha do substituto de Katie. Murmurou-se muito na sala comum por Harry ter seleccionado dois dos seus colegas de turma para a equipa. Como já suportara resmungos muito piores durante a sua estada na escola, Harry não se sentiu particularmente incomodado, mas ainda assim a pressão aumentava, exigindo uma vitória no jogo que se aproximava contra os Slytherin. Se os Gryffindor ganhassem, Harry sabia que todos esqueceriam as críticas feitas e jurariam ter afirmado sempre que era uma grande equipa. Se perdessem... bem, pensou Harry trocista, continuava a ter suportado resmungos piores...

Não teve motivos para se arrepender da sua escolha ao ver Dean voar nessa noite, pois ele funcionava muito bem com Ginny e Demelza. Os *beaters*, Peakes e Coote, melhoravam de dia para dia. O único problema era Ron.

Harry sempre soubera que Ron era um jogador inconsistente que sofria de nervoso e falta de confiança, e, infelizmente, a perspectiva do jogo de abertura da época parecia ter feito todas as suas inseguranças virem à superfície. Após ter deixado entrar uma dúzia de golos, a maioria marcada por Ginny, a sua técnica foi-se tornando cada vez mais desenfreada, até que acabou por dar um murro na boca de Demelza Robins.

— Foi um acidente, desculpa, Demelza, lamento imenso! — gritou Ron enquanto ela descia aos ziguezagues para o solo a pingar sangue por todos os lados. — Eu só...

— Entrei em pânico — declarou Ginny furiosa, aterrando ao lado de Demelza para lhe examinar o lábio inchado. — És um idiota, Ron, olha como ela ficou!

— Vou já remediar isso. — Harry, que aterrara ao lado das duas raparigas, apontou a varinha à boca de Demelza e disse: — *Episkey*. — E olha lá, Ginny, não chames idiota ao Ron, não és tu o capitão da equipa...

— Bom, como tu parecias demasiado ocupado, eu achei que alguém o

devia fazer...

Harry sufocou uma gargalhada.

— Todos para o ar, vamos lá...

No geral, foi um dos piores treinos de todo o período, embora Harry pensasse que a verdade não era a melhor política quando estavam tão perto do jogo.

— Bom trabalho, malta, acho que vamos cilindrar os Slytherin — disse ele em tom animado, e os *chasers* e os *beaters* abandonaram o vestiário parecendo razoavelmente satisfeitos consigo próprios.

— Joguei como um saco de trampa de dragão — murmurou Ron em voz cava, quando a porta se fechou atrás de Ginny.

— Não jogaste nada — contrariou Harry firmemente. — Tu foste o melhor *keeper* das provas, Ron. O teu único problema é nervos.

Durante todo o caminho de volta ao castelo não cessou de o encorajar, e ao chegarem ao segundo andar, Ron parecia um pouco mais animado. Contudo, quando Harry empurrou a tapeçaria para tomarem o atalho do costume para a Torre dos Gryffindor, deram de caras com Dean e Ginny, muito abraçados e beijando-se como se estivessem colados.

Foi como se alguma coisa enorme e escamosa tivesse irrompido no estômago de Harry, dilacerando-lhe as entranhas; o seu cérebro pareceu ficar inundado de sangue a ferver, que lhe obliterou todos os pensamentos, substituindo-os pelo impulso selvagem de enfeitiçar Dean, e o transformar em geleia. Debatendo-se com essa súbita loucura, ouviu a voz de Ron como que vinda de muito longe.

— Eh!

Dean e Ginny separaram-se e olharam em volta.

— Que foi? — indagou Ginny.

— Não quero encontrar a minha irmã a curtir em público!

— Isto era um corredor deserto até vocês cá terem vindo meter o nariz! — retorquiu Ginny.

Dean estava com ar embaraçado. Fez um trejeito a Harry que este não retribuiu, pois o monstro recém-nascido dentro dele rugia, exigindo que Dean fosse imediatamente dispensado da equipa.

— Hã... 'bora, Ginny — arriscou Dean —, vamos voltar para a sala comum...

— Vai tu! — contrapôs Ginny. — Eu quero dar uma palavrinha ao meu querido irmão!

Dean partiu, não parecendo muito pesaroso por abandonar a cena.

— Ora bem — começou Ginny, atirando o longo cabelo ruivo para trás e fixando um olhar furioso em Ron —, vamos lá esclarecer isto de uma vez

por todas. Não é da tua conta com quem eu ando nem o que faço com ele, Ron...

— É, sim senhor! — afirmou Ron igualmente irritado. — Julgas que quero que as pessoas andem por aí a dizer que a minha irmã é uma...

— Uma quê? — gritou Ginny, puxando da varinha. — Uma *quê*, exactamente?

— Ele não diz isso a sério, Ginny — interferiu Harry automaticamente, apesar de o monstro rugir a sua aprovação pelas palavras de Ron.

— Diz, pois! — proferiu ela, fulminando Harry com o olhar. — Lá porque *ele* nunca curtiu com ninguém na vida, lá porque o melhor beijo que *ele* já recebeu foi da tia Muriel...

— Cala o bico! — uivou Ron, passando de vermelho a granadino.

— Não calo nada! — repontou Ginny, fora de si. — Tenho-te observado com a Gosma, à espera que ela te dê um beijo na cara sempre que a vês, é triste! Se te resolvesse a curtir tu próprio um bocado, já não te importavas tanto com o que os outros fazem!

Vendo que Ron puxara também da sua varinha, Harry meteu-se rapidamente entre os dois.

— Não sabes do que falas! — trovejou Ron, esforçando-se por acertar em Ginny pelo lado de Harry, que se encontrava agora diante dela de braços estendidos. — Lá porque eu não o faço em público...!

Ginny soltou uma gargalhada sarcástica e tentou afastar Harry.

— Tens andado a beijar a *Pigwidgeon*, é? Ou tens uma fotografia da tia Muriel escondida debaixo da almofada?

— Tu...

Um jacto de luz cor de laranja voou por baixo do braço de Harry e falhou Ginny por centímetros. Harry empurrou Ron para a parede.

— Não sejas parvo...

— O Harry curtiu com a Cho Chang! — gritou Ginny, parecendo agora à beira das lágrimas. — E a Hermione curtiu com o Viktor Krum, só tu é que procedes como se fosse uma coisa nojenta, Ron, e isso é porque tens tanta experiência como um puto de doze anos!

E dizendo aquilo, afastou-se, colérica. Harry apressou-se a largar Ron, que estava com ar assassino. Ficaram ambos ali, ofegantes, até *Mrs. Norris*, a gata de Filch, surgir à esquina e quebrar a tensão.

— Anda lá — disse Harry, quando o som do arrastar de pés de Filch lhes chegou aos ouvidos.

Subiram rapidamente as escadas e percorreram o corredor do sétimo andar. — Eh, fora do caminho! — rosnou Ron para uma garota que deu um salto, assustada, e deixou cair um frasco de ovas de rã.

Harry mal notou o som de vidro partido. Sentia-se desorientado, zozzo; ser atingido por um raio deve ser algo assim. *É só por ela ser irmã do Ron*, disse ele para consigo. *Só não gostaste de a ver beijar o Dean, porque ela é irmã do Ron...*

Mas na sua mente surgiu, espontânea, a imagem daquele mesmo corredor deserto com ele a beijar Ginny... o monstro dentro do seu peito ronronou... mas então viu Ron a afastar a tapeçaria e a puxar da varinha para ele, Harry, e a gritar coisas do género «trair a confiança»... «julgava-te meu amigo»...

— Achas que a Hermione curtiu com o Krum? — perguntou abruptamente Ron ao aproximarem-se da Dama Gorda. Harry teve um sobressalto culposo e arrancou a sua imaginação de um corredor em que Ron não se intrometia, em que ele e Ginny estavam completamente sós...

— O quê? — murmurou ele, confuso. — Ah... hum...

A resposta honesta era «acho», mas não queria dá-la. Ron, contudo, pareceu deduzir o pior da expressão de Harry.

— Dilligrou — disse ele em tom sombrio para a Dama Gorda, e entraram pelo buraco do retrato para a sala comum.

Nenhum deles voltou a mencionar Ginny nem Hermione; de facto, mal se falaram nessa noite e deitaram-se em silêncio, cada um absorto nos seus próprios pensamentos.

Harry permaneceu acordado durante muito tempo, a fitar o dossel da cama e a tentar convencer-se de que os seus sentimentos por Ginny eram inteiramente fraternais. Não é verdade que tinham vivido como irmãos durante todo o Verão, a jogar Quidditch, a provocar Ron e a gozar com Bill e a Gosma? Há anos que conhecia Ginny... era natural que se sentisse protector... natural que quisesse cuidar dela... que quisesse arrancar os membros de Dean um a um por ele a beijar... não... esse particular sentimento fraternal ia ter de ser controlado.

Ron ressonou alto.

Ela é irmã do Ron, disse Harry a si próprio com firmeza. *Irmã do Ron. Está fora dos limites*. Não colocaria em risco a amizade de Ron por coisa alguma. Esmurrou a almofada até ela ficar mais confortável e aguardou que o sono chegasse, esforçando-se ao máximo por não deixar os pensamentos desviarem-se para Ginny.

Na manhã seguinte, acordou a sentir-se ligeiramente aturdido e confuso por uma série de sonhos em que Ron o andara a perseguir com um bastão de *beater*, mas ao meio-dia teria de boa vontade trocado o Ron do sonho pelo verdadeiro, que, além de não falar a Ginny e a Dean, ainda tratava Hermione, magoada e perplexa, com uma indiferença desdenhosa e gelada.

E o que era mais, Ron parecia ter ficado, da noite para o dia, tão sensível e pronto a atacar como um explojento. Harry passou o dia em tentativas infrutíferas para manter a paz entre Ron e Hermione; finalmente, Hermione partiu para a cama ressentida, e Ron escapou-se para o dormitório dos rapazes após ter praguejado, furioso, com vários alunos assustados do primeiro ano que tinham olhado para ele.

Para consternação de Harry, a recente agressividade de Ron não esmoreceu ao longo dos dias seguintes. Pior ainda, coincidiu com um acentuado declínio das suas capacidades de *keeper*, o que o tornou ainda mais agressivo, de forma que, durante o treino final de Quidditch antes do jogo de sábado, não conseguiu defender nenhum dos golos que os *chasers* lhe apontaram, e gritou tanto com toda a gente que reduziu Demelza Robins a lágrimas.

— Cala-te e deixa-a em paz! — bramiu Peakes, que tinha dois terços da altura de Ron, embora fosse indesmentível que empunhava um pesado bastão.

— CHEGA! — berrou Harry. Vira Ginny olhar furiosa na direcção de Ron e, recordando a sua fama de perita a lançar o Feitiço do Morcego, voou até lá para interferir antes que as coisas se azedassem. — Peakes, vai arrumar as *bludgers*. Demelza, controla-te, jogaste francamente bem hoje. Ron... — esperou até o resto da equipa não o poder ouvir antes de dizer: — és o meu melhor amigo, mas se continuas a tratar o resto da malta assim, expulso-te da equipa.

Durante um instante pensou que Ron o ia agredir, mas depois aconteceu algo muito pior: Ron pareceu abater-se sobre a sua vassoura, a fúria abandonou-o e ele disse: — Demito-me. Sou uma nódoa.

— Não és uma nódoa e não te demites! — contrariou Harry em tom ameaçador, agarrando Ron pela frente da capa. — És capaz de defender tudo quando estás em forma, o que tu tens é um problema mental!

— Estás a chamar-me maluco?

— Se calhar estou!

Fitaram-se coléricos por instantes, e depois Ron abanou a cabeça com ar desanimado.

— Sei que não tens tempo para arranjar outro *keeper*, por isso jogo amanhã, mas se perdermos, e vamos perder, eu saio da equipa.

Nada do que Harry disse adiantou. Durante todo o jantar, tentou dar-lhe confiança, mas Ron encontrava-se demasiado ocupado a embirrar com Hermione para reparar. Harry continuou a insistir na sala comum, nessa noite, mas a sua afirmação de que a equipa inteira ficaria arrasada se Ron saísse foi algo comprometida pelo facto de o resto da equipa estar sentada

em grupo num canto afastado, claramente a cochichar a respeito de Ron e a deitar-lhe olhares irritados. Finalmente, Harry esforçou-se por se mostrar outra vez zangado, na expectativa de provocar em Ron uma atitude de desafio e, esperava ele, de defesa de golos, mas a estratégia não pareceu funcionar melhor que o encorajamento; Ron foi deitar-se tão desalentado e desesperado como antes.

Harry permaneceu acordado durante muito tempo na escuridão. Não queria perder o encontro que se avizinhava; não só era o seu primeiro jogo como capitão da equipa como estava decidido a derrotar Draco Malfoy no Quidditch, mesmo que ainda não conseguisse provar as suas suspeitas acerca dele. Contudo, se Ron jogasse como nos últimos treinos, as hipóteses de ganharem eram muito reduzidas...

Se ao menos houvesse qualquer coisa que ele pudesse fazer para obrigar Ron a dominar-se... fazê-lo jogar em plena forma... qualquer coisa que garantisse um dia francamente bom a Ron...

E a resposta surgiu-lhe num relâmpago de inspiração, súbito e glorioso.

Na manhã seguinte, o pequeno-almoço foi a excitação habitual: os Slytherin assobiavam e vaiavam alto cada vez que um membro da equipa dos Gryffindor entrava no Salão Nobre. Harry deitou um olhar para o tecto e viu um céu límpido azul-claro: um bom augúrio.

A mesa dos Gryffindor, uma massa sólida de vermelho e dourado, aplaudiu quando Harry e Ron se aproximaram. Harry sorriu e acenou-lhes; Ron fez um leve trejeito e abanou a cabeça.

— Ânimo, Ron! — gritou Lavender. — Sei que vais ser formidável!

Ron ignorou-a.

— Chá? — perguntou-lhe Harry. — Café? Sumo de abóbora?

— Qualquer coisa — respondeu Ron taciturno, mordiscando sem gosto a sua torrada.

Alguns minutos depois, Hermione, que estava tão farta das atitudes desagradáveis de Ron que não fora tomar o pequeno-almoço com eles, deteve-se a caminho do fundo da mesa.

— Como é que se sentem ambos? — indagou ela, hesitante, de olhos postos na nuca de Ron.

— Óptimos — afirmou Harry, concentrado em entregar a Ron um copo de sumo de abóbora. — Aqui tens, Ron. Bebe.

Ron acabava de levar o copo à boca, quando Hermione falou bruscamente.

— Não bebas isso, Ron!

Harry e Ron ergueram ambos os olhos para ela.

— Por que não? — quis saber Ron.

Hermione fitava agora Harry como se não pudesse crer no que via.

— Tu puseste qualquer coisa nessa bebida.

— Como? — fez Harry.

— Ouviste muito bem. Eu vi. Despejaste qualquer coisa na bebida do Ron. Ainda tens o frasco na mão!

— Não sei do que estás a falar — negou Harry, guardando rapidamente o pequeno frasco no bolso.

— Ron, estou a avisar-te, não bebas isso! — repetiu Hermione, alarmada. Mas Ron pegou no copo, esvaziou-o de um trago e disse: — Pára de me dar ordens, Hermione.

Ela parecia escandalizada. Curvando-se de maneira que apenas Harry a pudesse ouvir, sibilou: — Devias ser expulso. Nunca esperei isto de ti, Harry!

— Olha quem fala — segredou ele. — Tens Confundido alguém ultimamente?

Ela afastou-se, colérica, e foi para a extremidade da mesa. Harry viu-a ir sem pena; Hermione nunca compreendera realmente que o Quidditch era um assunto muito sério. Depois virou-se para Ron, que estalava os lábios.

— São quase horas — disse ele em tom jovial.

A relva coberta de geada rangia-lhes debaixo dos pés a caminho do estádio.

— Que sorte o tempo estar tão bom, hem? — comentou Harry para Ron.

— Pois — respondeu Ron, que estava pálido e com aspecto adoentado.

Ginny e Demelza, já com o equipamento de Quidditch vestido, aguardavam no vestiário.

— As condições atmosféricas parecem ideais — disse Ginny, ignorando Ron. — E, adivinha? Aquele *chaser* Slytherin, o Vaisey, levou com uma *bludger* na cabeça nos treinos de ontem à noite e está demasiado magoado para jogar! E melhor ainda: o Malfoy também adoeceu!

— *O quê!?* — exclamou Harry, dando meia-volta para a olhar de frente. — Está doente? O que tem ele?

— Não faço ideia, mas é ótimo para nós — declarou Ginny alegremente. — Em vez dele, vai jogar o Harper, que é do meu ano e é um idiota.

Harry devolveu-lhe vagamente o sorriso, mas ao enfiar o equipamento escarlate o seu cérebro estava muito longe do Quidditch. Malfoy já uma vez alegara não poder jogar por se encontrar magoado, mas nessa altura certificara-se de que o jogo seria disputado numa nova data mais conveniente para os Slytherin. Por que acederia agora a ser substituído? Estaria realmente doente ou seria fita?

— Esquisito, não achas? — comentou ele em voz baixa para Ron. — Isto de o Malfoy não jogar?

— Sorte, diria eu — respondeu Ron, parecendo algo mais animado. — E o Vaisey também não alinha, e é o melhor marcador deles, não esperava... Eh! — exclamou ele de súbito, imobilizando-se a meio de calçar as luvas de *keeper* e fixando Harry.

— Que foi?

— Eu... tu... — Ron baixara a voz; parecia simultaneamente assustado e excitado. — A minha bebida... o meu sumo de abóbora... tu não...?

Harry alçou as sobranceiras, mas não fez comentários, limitando-se a dizer: — Começamos daqui a cinco minutos, é melhor calçares as botas.

Saíram para o campo no meio de tumultuosos urros e assobios. Uma das pontas do estádio era uma massa compacta de vermelho e ouro, a outra, um mar de verde e prata. Muitos Hufflepuff e Ravenclaw haviam igualmente tomado partido: por entre toda a gritaria e aplausos, Harry distinguiu nitidamente o rugido do famoso chapéu em forma de cabeça de leão de Luna Lovegood.

Harry dirigiu-se para Madame Hooch, o árbitro, que se encontrava pronta a soltar as bolas da caixa.

— Capitães, apertem as mãos — ordenou ela, e Harry sentiu a mão esmagada por Urquart, o novo capitão dos Slytherin. — Montem as vossas vassouras. Ao som do apito... três... dois... um...

O apito soou, Harry e os outros deram um forte impulso do chão gelado e elevaram-se.

Harry descreveu uma volta ao campo, procurando a *snitch* e mantendo ao mesmo tempo debaixo de olho Harper, que ziguezagueava muito abaixo de si. Então ouviu-se uma voz desagradavelmente diferente da do comentador habitual.

— Bem, partiram, e acho que todos estamos admirados ao ver a equipa que Potter reuniu este ano. Muitos pensaram, dado o desempenho irregular de Ronald Weasley como *keeper* o ano passado, que ele poderia não entrar na equipa, mas é claro que uma estreita amizade pessoal com o capitão ajuda muito...

Tais palavras foram recebidas com vaias e aplausos pela extremidade do campo ocupada pelos Slytherin. Da sua vassoura, Harry esticou o pescoço para ver o palanque do comentador. Era um rapaz alto, magro e louro de nariz arrebitado que o ocupava, falando para o microfone mágico que pertencera outrora a Lee Jordan. Harry reconheceu Zacharias Smith, um jogador Hufflepuff que ele detestava profundamente.

— Ah, e eis a primeira tentativa de marcação dos Slytherin, é Urquart

que avança pelo campo e...

O estômago de Harry contraiu-se.

— ... Weasley defende, bem, alguma vez ele há-de ter sorte, suponho...

— Exacto, Smith — murmurou Harry, sorrindo para consigo, e mergulhando por entre os *chasers*, os olhos procurando a toda a volta um sinal da esQUIVA *snitch*.

Decorrida meia hora de jogo, Gryffindor levava sessenta pontos de vantagem, após Ron ter feito algumas defesas verdadeiramente espectaculares, algumas mesmo com a ponta das luvas, e de Ginny ter marcado quatro dos seis golos dos Gryffindor. Aquilo pôs ponto final às sonoras divagações de Zacharias sobre se os dois Weasley estariam lá apenas por Harry ser seu amigo, e ele passou a implicar antes com Peakes e Coote.

— É claro que Coote não tem a constituição habitual de um *beater* — comentou Zacharias, arrogante —, que em geral possui um bocado mais de músculo...

— Manda-lhe uma *bludger*! — gritou Harry a Coote que passava veloz; mas Coote, sorrindo abertamente, preferiu dirigir a *bludger* seguinte a Harper, que seguia na direcção oposta a Harry. Harry sentiu-se satisfeito ao ouvir o pesado *plonc* indicativo de que a bola acertara no alvo.

Parecia que os Gryffindor não falhavam uma. Marcaram repetidamente, e repetidamente Ron defendeu golos com aparente facilidade na outra ponta do campo. Até já sorria, e quando a multidão aplaudiu uma defesa particularmente boa com um ensurdecedor coro da velha canção favorita *O Weasley é o nosso Rei*, ele fez menção de os dirigir lá de cima.

— Acha-se muito especial hoje, não acha? — comentou uma voz escarninha, e Harry quase era derrubado da sua vassoura quando Harper colidiu com ele violenta e deliberadamente. — O teu compincha traidor de sangue...

Madame Hooch estava de costas, e, apesar de os Gryffindor lá em baixo gritarem de raiva, quando ela se virou, já Harper se afastara. O ombro a doer, Harry precipitou-se atrás dele, decidido a abalroá-lo também...

— E creio que Harper, dos Slytherin, avistou a *snitch*! — gritou Zacharias Smith pelo seu megafone. — Sim, não há dúvida de que ele viu alguma coisa que o Potter não viu!

Aquele Smith era de facto um idiota, pensou Harry, não os vira chocar? Mas logo a seguir, sentiu o coração cair-lhe aos pés: era Smith quem tinha razão, e não ele. Harper não voara em acelerado para cima à toa, descobrira algo que Harry não vira: a *snitch* deslocava-se velozmente muito acima deles, reluzindo vivamente contra o luminoso céu azul.

Acelerou; o vento assobiava-lhe aos ouvidos de tal forma que abafava por completo o som dos comentários de Smith e da multidão, mas Harper continuava à sua frente, e Gryffindor só estava com cem pontos de vantagem. Se Harper lá chegasse primeiro, os Gryffindor perdiam... e agora Harper encontrava-se a poucos centímetros dela, a mão estendida...

— Eh, Harper! — gritou Harry em desespero de causa. — Quanto te pagou o Malfoy para vires jogar em vez dele?

Não sabia o que o levava a dizer aquilo, mas Harper demorou um segundo a reagir, seguiu mal a *snitch*, deixou-a escapar por entre os dedos e ultrapassou-a, disparado. Harry esticou-se todo para a minúscula bola palpitante e agarrou-a.

— HURRA! — gritou ele. Deu meia-volta e voou rapidamente para o solo com a *snitch* bem presa na mão erguida. Quando a multidão se apercebeu do que acontecera, ergueu-se um clamor imenso que quase abafou o som do apito assinalando o fim do jogo.

— Ginny, aonde é que tu vais? — chamou Harry, que se vira apanhado no meio de uma massa de abraços do resto da equipa em pleno ar, mas Ginny ultrapassou-os rapidamente até ir colidir com o palanque do comentador com um choque estridente. Ao som dos gritos e risos da turba, a equipa dos Gryffindor aterrou ao lado dos destroços de madeira sob os quais Zacharias estrebuchava debilmente. Harry ouviu Ginny dizer, com ar inocente, para a irada Professora McGonagall: — Esqueci-me de travar, professora, desculpe.

A rir, Harry libertou-se do resto da equipa e abraçou Ginny, mas largou-a imediatamente. Evitando-lhe o olhar, bateu nas costas de Ron, exultante, enquanto a equipa dos Gryffindor, esquecidas todas as divergências, abandonava o campo de braço dado, esmurrando o ar e acenando aos seus adeptos.

A atmosfera no vestiário era de júbilo.

— Festa lá em cima, na sala comum, disse o Seamus! — gritou Dean exuberante. — ‘Bora, Ginny, Demelza!

Ron e Harry eram os dois únicos ainda no vestiário. Preparavam-se para sair quando Hermione entrou. Vinha a torcer o cachecol dos Gryffindor entre as mãos e parecia perturbada, mas decidida.

— Quero falar contigo, Harry. — Inspirou profundamente. — Não devias ter feito isso. Ouviste o que disse o Slughorn, é ilegal.

— E o que vais tu fazer, denunciar-nos? — inquiriu Ron.

— De que estão vocês os dois a falar? — perguntou Harry, virando-se para pendurar o seu equipamento de modo que nenhum deles o visse sorrir.

— Sabes perfeitamente do que é que estamos a falar! — exclamou

Hermione em tom agudo. — Tu baptizaste o sumo do Ron com poção da sorte ao pequeno-almoço! Com Felix Felicis!

— Não fiz nada disso — negou Harry, virando-se para eles.

— Fizeste, sim, Harry, e foi por isso que correu tudo bem, houve jogadores Slytherin que faltaram e o Ron defendeu tudo!

— Não a deitei! — declarou Harry, sorrindo agora abertamente. Enfiou a mão no bolso do casaco e tirou de lá o minúsculo frasco que Hermione lhe vira na mão nessa manhã. Estava cheio de poção dourada e a rolha continuava selada com lacre. — Eu queria que o Ron pensasse isso, portanto fingi fazê-lo quando vi que estavas a olhar. — Fitou Ron. — Tu defendeste tudo, porque te sentias com sorte. O mérito é só teu.

Voltou a guardar a poção.

— Não havia de facto nada no meu sumo de abóbora? — Ron parecia atónito. — Mas o tempo está óptimo... e o Vaisey não pôde jogar... palavra que não me deste poção da sorte?

Harry abanou a cabeça. Ron fitou-o boquiaberto um instante, e depois virou-se para Hermione, imitando-lhe a voz.

— *Tu juntaste Felix Felicis ao sumo do Ron hoje de manhã, foi por isso que ele defendeu tudo!* Toma! Eu sou capaz de defender golos sem ajuda, Hermione!

— Nunca disse o contrário... Ron, *tu* também pensaste que a tinhas bebido!

Mas Ron já a ultrapassara e saíra porta fora, de vassoura ao ombro.

— Hã... — pigarreou Harry no súbito silêncio. Não esperara que o tiro lhe saísse pela culatra. — Vamos... vamos então até à festa?

— Vai tu! — explodiu Hermione, a reter as lágrimas. — De momento estou *farta* do Ron, não sei o que ele acha que eu fiz...

E saiu também ela disparada do vestiário.

Harry regressou devagar ao castelo, por entre a multidão de alunos, muitos dos quais o felicitavam aos gritos, mas sentia um enorme desapontamento: tinha como certo que, se Ron vencesse o jogo, ele e Hermione voltariam imediatamente a ficar amigos. Não podia de maneira nenhuma explicar a Hermione que o que ela fizera para ofender Ron fora beijar Viktor Krum, sobretudo quando a ofensa se dera há tanto tempo.

Não viu Hermione na festa de celebração dos Gryffindor, que estava no auge quando ele chegou. Novos aplausos e palmas saudaram a sua aparição e depressa se viu rodeado por um monte de gente que o felicitava.

Obrigado a desenvencilhar-se dos irmãos Creevey, que pretendiam fazer uma análise do jogo passo-a-passo, e do enorme grupo de raparigas que o rodearam, rindo do seu comentário mais trivial e batendo as pestanas,

demorou um certo tempo a tentar encontrar Ron. Conseguiu, por fim, desembaraçar-se de Romilda Vane, com as suas insinuações óbvias de que gostaria de o acompanhar à festa de Natal de Slughorn. Ao esquivar-se em direcção à mesa das bebidas, deu de caras com Ginny, *Arnold*, o Pigmeu Penugento empoleirado no ombro, e *Crookshanks* colado aos calcanhares, a miar esperançoso.

— Andas à procura do Ron? — perguntou ela, com uma careta. — Está além, o imundo hipócrita.

Harry olhou para o canto que ela indicava. Aí, bem à vista da sala inteira, encontrava-se Ron, tão enrolado em Lavender Brown que era difícil dizer onde começava um e acabava o outro.

— Parece que ele lhe está a comer a cara, não é? — comentou Ginny, em tom indiferente. — Mas suponho que ele tem de aperfeiçoar a sua técnica de qualquer maneira. Belo jogo, Harry.

Deu-lhe uma palmadinha no braço; Harry sentiu um aperto no estômago, mas ela afastou-se para ir buscar mais Cerveja de Manteiga. *Crookshanks* foi a trotar atrás dela, os olhos amarelos fixos em *Arnold*.

Harry virou costas a Ron, que não parecia disposto a voltar à terra tão depressa, mesmo a tempo de ver o buraco do retrato fechar-se. Desanimado, pensou ver uma juba de cabelo castanho ondulado a desaparecer.

Precipitou-se para a frente, fintou de novo Romilda Vane, e abriu o retrato da Dama Gorda. O corredor lá fora parecia deserto.

— Hermione?

Foi encontrá-la na primeira sala de aula aberta que experimentou. Estava sentada à secretária do professor, sozinha, exceptuando um pequeno círculo de pipilantes pássaros amarelos girando em volta da sua cabeça, que acabava claramente de fazer surgir do nada. Harry não pôde deixar de admirar o seu trabalho numa altura daquelas.

— Ah, olá, Harry — disse ela em voz frágil. — Estou só a praticar.

— Pois... eles estão... hã... francamente bons... — respondeu Harry.

Não fazia a menor ideia do que havia de dizer-lhe. Perguntava-se se haveria a possibilidade de ela não ter reparado em Ron, de ter abandonado a sala apenas porque a festa estava um bocado turbulenta, quando Hermione observou em voz anormalmente aguda: — O Ron parece estar a gostar das celebrações.

— Hã... parece? — repetiu Harry.

— Não finjas que não o viste — disse Hermione. — Ele não estava exactamente escondido, pois...

A porta escancarou-se atrás deles. Horrorizado, Harry viu entrar Ron, a

rir e a puxar Lavender pela mão.

— Oh! — exclamou ele, estacando de repente ao avistar Harry e Hermione.

— Uuups! — soltou Lavender, e saiu da sala a recuar e a rir. A porta fechou-se nas suas costas.

Fez-se um silêncio horrível, que se foi intensificando. Hermione fitava fixamente Ron, que se recusava a olhar para ela, mas disse com uma estranha mescla de bravata e acanhamento: — Olá, Harry! Não sabíamos para onde te pisgaras!

Hermione deslizou da secretária. O pequeno bando de pássaros dourados continuava a pipilar em círculos à volta da sua cabeça, fazendo-a assemelhar-se a um estranho modelo emplumado do sistema solar.

— Não devias deixar a Lavender à espera lá fora — disse ela serenamente. — Vai ficar a pensar onde é que te meteste.

Dirigiu-se à porta, muito devagar e muito hirta. Harry relanceou um olhar a Ron, que parecia aliviado por nada de pior ter acontecido.

— *Ataque!* — O grito viera da entrada.

Harry girou nos calcanhares e viu Hermione apontar a varinha para Ron, com ar desvairado: o pequeno bando de pássaros, qual halo de grandes balas douradas, voava agora rapidamente em direcção a Ron. Este soltou um uivo e cobriu a cara com as mãos, mas os pássaros atacaram-no, bicando e arranhando todos os pedaços de carne a que conseguiam chegar.

— *Tirósdaqui!* — gritou ele, mas com um derradeiro olhar de fúria vingativa, Hermione escancarou a porta e desapareceu. Harry julgou ter ouvido um soluço antes de a porta bater.

XV

O JURAMENTO INQUEBRÁVEL

A neve rodopiava uma vez mais contra as janelas geladas; o Natal aproximava-se rapidamente e Hagrid já entregara, sem ajuda, as habituais doze árvores de Natal para o Salão Nobre; em redor do corrimão das escadas, tinham sido entrelaçadas grinaldas de azevinho e fios dourados; velas eternas brilhavam no interior dos elmos das armaduras e havia enormes ramos de visco pendurados a intervalos regulares ao longo dos corredores. Grandes grupos de raparigas tendiam a reunir-se debaixo dos ramos de visco sempre que Harry passava, o que provocava congestionamentos nos corredores; no entanto, felizmente, as frequentes divagações nocturnas de Harry haviam-lhe proporcionado um conhecimento invulgar das passagens secretas do castelo, de maneira que ele conseguia, sem grande dificuldade, circular entre aulas por rotas livres de visco.

Ron, que em tempos talvez tivesse considerado a necessidade de tais desvios mais um motivo de inveja que de hilariadade, ria às gargalhadas com tudo aquilo. Embora Harry preferisse mil vezes o novo Ron risonho e brincalhão ao modelo agressivo e sorumbático que aturava há algumas semanas, esse Ron melhorado viera a um preço elevado. Primeiro, Harry tinha de aguentar a presença frequente de Lavender Brown, que parecia considerar tempo perdido todos os instantes em que não estava a beijar Ron; e depois, Harry viu-se, uma vez mais, no papel de melhor amigo de duas pessoas que não parecia provável que voltassem a falar-se.

Ron, em cujas mãos e braços ainda se viam cicatrizes e cortes resultantes do ataque dos pássaros de Hermione, adoptara um tom defensivo e ressentido.

— Ela não se pode queixar — disse ele a Harry. — Ela curtiu com o Krum. Agora descobriu que há alguém que também quer curtir comigo. Estamos num país livre. Eu não fiz nada de errado.

Harry não respondeu, fingindo-se absorto no livro que deveria ser lido antes da aula de Encantamentos da manhã seguinte (*Quintessência: Uma Demanda*). Como estava decidido a permanecer amigo tanto de Ron como de Hermione, passava imenso tempo sem abrir a boca.

— Nunca prometi nada à Hermione — sussurrou Ron. — Quer dizer, tudo bem, era para ir com ela à festa de Natal do Slughorn, mas ela nunca disse... só como amigos... Sou um tipo livre...

Harry virou a folha de *Quintessência*, ciente de que Ron o observava. A voz deste foi-se desvanecendo em murmúrios, quase inaudíveis acima do crepitar da lareira, embora Harry tivesse voltado a apanhar as palavras «Krum» e «não se pode queixar».

Hermione tinha um horário tão cheio que Harry só conseguia falar a sério com ela à noite, quando, de qualquer maneira, Ron estava tão enrolado em Lavender que nem reparava no que o amigo fazia. Hermione recusava sentar-se na sala comum enquanto Ron lá estava, por isso Harry ia em geral ter com ela à biblioteca, o que significava que as suas conversas eram segredadas.

— Ele tem toda a liberdade para beijar quem quiser — disse Hermione, enquanto Madame Pince, a bibliotecária, remexia nas estantes por trás deles. — Estou-me absolutamente nas tintas.

Levantou a pena e pôs o ponto num «i» com tanta violência que fez um buraco no pergaminho. Harry ficou calado, pensando que a sua voz não tardaria a sumir-se devido à falta de uso. Curvou-se um pouco mais sobre *Preparação de Poções: Nível Avançado* e continuou a tomar notas sobre os Elixires Eternos, detendo-se ocasionalmente para decifrar os úteis aditamentos do Príncipe ao texto de Libatius Borage.

— E, a propósito — retomou Hermione, após alguns instantes —, tens de ter cuidado.

— Pela última vez — declarou Harry, num murmúrio algo rouco após três quartos de hora de silêncio —, não vou devolver este livro, aprendi mais com o Príncipe Meio-Sangue do que o Snape ou o Slughorn me ensinaram em...

— Não estou a falar do teu estúpido pseudo-Príncipe — retorquiu Hermione, deitando um olhar irritado ao livro como se este tivesse sido indelicado com ela —, estou a falar do que aconteceu há bocado. Entrei na nossa casa de banho antes de vir para aqui e estava lá cerca de uma dúzia de raparigas, incluindo essa tal Romilda Vane, a tentar resolver como te haviam de dar uma poção de amor. Todas elas têm esperança de conseguir que tu as leves à festa do Slughorn e todas parecem ter comprado as poções de amor do Fred e do George que, lamento dizê-lo, provavelmente

funcionam...

— Então por que não as confiscaste? — perguntou Harry. Achava extraordinário que a mania de cumprir as regras de Hermione a tivesse abandonado num momento tão crucial.

— Elas não tinham as poções consigo na casa de banho — ripostou Hermione desdenhosamente. — Estavam apenas a discutir táticas. Como duvido que mesmo o *Príncipe Meio-Sangue* — deitou outro olhar irritado ao livro — fosse capaz de inventar um antídoto para uma dúzia de poções diferentes ao mesmo tempo, no teu lugar convidava simplesmente alguém para ir contigo... Isso fará todas as outras deixarem de pensar que ainda têm uma hipótese. É amanhã à noite, estão a ficar desesperadas.

— Não há ninguém que eu queira convidar — murmurou Harry, que continuava a esforçar-se por não pensar em Ginny senão o indispensável, apesar de ela insistir em surgir nos seus sonhos em situações que o faziam ficar muito grato por Ron não ser perito em Legilimancia.

— Bom, tem cuidado com aquilo que bebes, porque a Romilda Vane estava com ar de quem fala a sério — recomendou Hermione em tom sombrio.

Puxou para cima o longo rolo de pergaminho onde escrevia o seu trabalho de Aritmancia e continuou a rabiscar com a pena. Harry observava-a com a mente a quilómetros de distância.

— Espera aí — disse ele lentamente. — Pensava que o Filch tinha proibido todas as coisas compradas na Magias Mirabolantes dos Weasley?

— E desde quando é que alguém liga ao que o Filch proibiu? — comentou Hermione, ainda concentrada no seu trabalho.

— Mas eu julguei que todas as corujas eram revistadas? Então como é que essas raparigas conseguem trazer poções de amor para a escola?

— O Fred e o George mandam-nas disfarçadas de perfumes e xaropes para a tosse — explicou Hermione. — Faz parte do seu Serviço de Entregas por Coruja.

— Estás muito bem informada.

Hermione lançou-lhe o mesmo tipo de olhar irritado que acabara de conceder ao livro de poções.

— Estava tudo na parte de trás dos frascos que eles me mostraram a mim e à Ginny no Verão — elucidou ela friamente. — Eu não ando por aí a enfiar poções nas bebidas das pessoas... nem sequer a fingir, o que é igualmente mau...

— Sim, pois, isso agora não interessa — apressou-se a replicar Harry. — A questão é que o Filch anda a ser enganado, não anda? Essas raparigas têm metido na escola coisas disfarçadas de algo diferente! Portanto, por

que é que o Malfoy não podia ter trazido o colar para cá...?

— Oh, Harry... outra vez isso, não...

— Anda lá, por que não? — insistiu Harry.

— Olha — suspirou Hermione. — Os Sensores de Segredos detectam feitiços, maldições e encantamentos de ocultação, não é? Estão habituados a encontrar magia negra e objectos das trevas. Detectavam uma maldição forte como a do colar em menos de um segundo. Mas uma coisa que foi simplesmente metida no frasco errado não seria notada e, aliás, as poções de amor não são magia negra nem perigosas...

— Para ti, é fácil dizer — murmurou Harry, lembrando-se de Romilda Vane.

— ... portanto caberia ao Filch perceber que não era um xarope contra a tosse, e ele não é grande feiticeiro, duvido de que saiba distinguir uma poção de ...

Interrompeu-se; Harry também ouvira. Alguém se aproximara deles por entre as escuras estantes de livros. Esperaram, e instantes depois surgiu à esquina a figura de abutre de Madame Pince, as faces cavadas, a pele de pergaminho e o comprido nariz adunco cruelmente iluminados pelo candeeiro que empunhava.

— A biblioteca encerrou — informou ela. — Vejam lá se voltam a colocar o que tiraram no sítio cer... *o que estiveste tu a fazer a esse livro, rapaz malvado?*

— Não é da biblioteca, é meu! — apressou-se Harry a afirmar, tirando o seu exemplar de *Preparação de Poções: Nível Avançado* de cima da mesa, quando ela estendeu para ele a mão semelhante a uma garra.

— Espoliado! — sibilou ela. — Profanado! Maculado!

— É só um livro em que se escreveu! — repontou Harry, arrancando-lhe o exemplar da mão.

Madame Pince parecia prestes a ter um ataque. Hermione, que arrumara rapidamente as suas coisas, agarrou no braço de Harry e empurrou-o para fora.

— Se não tens cuidado, ela proíbe-te de ir à biblioteca. Por que é que havias de trazer esse livro idiota?

— Não tenho culpa de ela ser doida varrida, Hermione. Ou achas que te ouviu dizer mal do Filch? Sempre achei que podia haver qualquer coisa entre eles...

— Oh, que piada...

Satisfeitos por poderem falar normalmente outra vez, dirigiram-se para a sala comum através dos corredores desertos e mal iluminados, debatendo se Filch e Madame Pince estariam ou não secretamente apaixonados.

— Bugigangas — disse Harry à Dama Gorda, pois era essa a nova senha festiva.

— E para ti também — respondeu a Dama Gorda com um sorriso travesso, afastando-se para os deixar entrar.

— Olá, Harry — saudou Romilda Vane, assim que passaram pelo buraco do retrato. — Que tal uma água de Guelracho?

Hermione lançou-lhe um olhar que significava «O que é que eu te disse?» por cima do ombro.

— Não, obrigado — apressou-se Harry a recusar. — Não gosto muito.

— Bem, pelo menos fica com isto — insistiu Romilda, metendo-lhe uma caixa nas mãos. — Caldeirões de Chocolate, recheados de Uísque de Fogo. Mandou-me a minha avó, mas eu não aprecio.

— Ah... bom... obrigadinho — gaguejou Harry, que não sabia o que dizer mais. — Hã... vou até ali com...

Partiu apressado atrás de Hermione, a voz a desvanecer-se.

— Eu bem te avisei — disse Hermione sucintamente. — Quanto mais depressa convidares alguém, mais depressa todas elas te deixarão em paz e poderás...

Mas o seu rosto ficou de repente inexpressivo; acabava de avistar Ron e Lavender enroscados na mesma cadeira.

— Bem, boa noite, Harry — despediu-se ela e, apesar de serem apenas sete horas, partiu para o dormitório das raparigas sem mais uma palavra.

Harry foi deitar-se, confortado com o pensamento de que já só tinham de aguentar um dia de aulas, mais a festa de Slughorn, e depois ele e Ron partiriam juntos para A Toca. Parecia-lhe agora impossível que Ron e Hermione fizessem as pazes antes do início das férias, mas talvez, fosse lá como fosse, essa pausa lhes desse tempo para acalmar, ponderar o seu comportamento...

Mas não acalentava grandes esperanças e viu-as reduzir ainda mais no dia seguinte, após ter aguentado uma aula de Transfiguração com os dois. Haviam acabado de abordar o tópico tremendamente difícil da transfiguração humana; trabalhando diante de espelhos, deviam mudar a cor das suas próprias sobranceiras. Hermione riu-se desagradavelmente da desastrosa primeira tentativa de Ron, durante a qual ele arranjou um espectacular bigode de pontas retorcidas; Ron vingou-se, executando uma imitação perfeita de Hermione aos saltos no seu lugar sempre que a Professora McGonagall fazia uma pergunta, o que Lavender e Parvati acharam hilariante e deixou de novo Hermione quase em lágrimas. Saiu disparada da aula assim que a campainha tocou, abandonando metade das suas coisas; Harry, achando que nesse preciso momento ela necessitava

mais de ajuda que Ron, reuniu o resto dos livros dela e seguiu-a.

Conseguiu finalmente descobri-la a sair de uma casa de banho de raparigas no andar de baixo. Vinha acompanhada por Luna Lovegood, que lhe dava palmadinhas nas costas com ar vago.

— Oh, olá, Harry — disse Luna. — Sabias que tens umas das sobranceiras amarelo-vivo?

— Olá, Luna. Hermione, deixaste as tuas coisas...

Estendeu-lhe os livros.

— Ah, sim — murmurou Hermione em voz sufocada, pegando-lhes e virando-se rapidamente para ocultar o facto de estar a enxugar os olhos ao estajo dos lápis. — Obrigada, Harry. Bem, vou andando...

E afastou-se apressada, sem dar tempo a Harry para lhe oferecer quaisquer palavras de conforto, embora, na realidade, ele não conseguisse lembrar-se de nenhuma.

— Ela está um bocado transtornada — elucidou Luna. — A princípio julguei que era a Murta Queixosa que lá estava, mas afinal era a Hermione. Disse qualquer coisa a respeito do Ron Weasley...

— Sim, eles discutiram — confirmou Harry.

— Ele às vezes diz coisas muito engraçadas, não diz? — comentou Luna, enquanto percorriam juntos o corredor. — Mas também pode ser um bocado desagradável. Reparei nisso o ano passado.

— ‘capaz — anuiu Harry. Luna evidenciava o seu jeito habitual para dizer verdades incómodas; nunca encontrara ninguém como ela. — Então, o período correu-te bem?

— Oh, passou-se — respondeu Luna. — Um bocado solitário sem o ED. Mas a Ginny foi muito simpática. Outro dia, impediu que dois rapazes me chamassem Lunática na aula de Transfiguração...

— Queres vir comigo à festa do Slughorn hoje à noite?

As palavras saíram-lhe da boca antes de as conseguir deter; ouviu-se a dizê-las como se fosse um estranho a falar.

Surpreendida, Luna voltou para ele os seus olhos protuberantes.

— À festa do Slughorn? Contigo?

— Pois — confirmou Harry. — Podemos levar convidados, por isso pensei que tu talvez gostasses... quer dizer... — Estava decidido a tornar as suas intenções perfeitamente claras. — Quer dizer, apenas como amigos, percebes. Mas se não quiseres...

Já estava meio esperançado em que ela não quisesse ir.

— Oh, não, eu adorava ir contigo como amiga! — exclamou Luna, radiante como ele nunca a vira antes. — Nunca ninguém me convidou para ir a uma festa, como amigos! Foi por isso que pintaste a tua sobranceira,

foi para a festa? Achas que pinte também as minhas?

— Não — declarou Harry em tom firme —, isto foi um engano, vou pedir à Hermione que mo remedeie. Então, encontramos-nos no *Hall* de Entrada às oito horas.

— AHA! — gritou uma voz vinda de cima, levando-os a dar um salto. Sem que nenhum deles tivesse reparado, acabavam de passar debaixo de Peeves, que se encontrava pendurado pelos pés num candelabro e lhes sorria maliciosamente.

— *O Biruta convidou a Lunática para a festa! O Biruta gosta da Lunática! O Biruta gooooooosta da Lunáatica!*

E afastou-se em voo rápido, a rir e a gritar: — O Biruta gosta da Lunática!

— É agradável manter as coisas confidenciais — comentou Harry. E, realmente, daí a nada já a escola inteira parecia saber que Harry Potter ia levar Luna Lovegood à festa de Slughorn.

— Tu podias levar *qualquer uma*! — exclamou Ron sem poder acreditar quando já se encontravam à mesa. — *Qualquer uma*! E escolheste a Lunática Lovegood?

— Não lhe chames isso, Ron — disse vivamente Ginny, que parara atrás de Harry de passagem para ir ter com os amigos. — Estou muito satisfeita por a teres convidado, Harry, ela está tão contente.

E prosseguiu ao longo da mesa para se sentar ao pé de Dean. Harry tentou sentir-se feliz por Ginny estar satisfeita por ele ter convidado Luna para a festa, mas não conseguiu. Lá para o fim da mesa, Hermione, sentada sozinha, remexia o seu guisado com ar distraído. Harry viu Ron olhá-la furtivamente.

— Podias pedir desculpa — sugeriu ele sem rodeios.

— Quê, e ser atacado por outro bando de canários? — murmurou Ron.

— Por que foste tu imitá-la?

— Ela riu-se do meu bigode!

— Eu também, era a coisa mais idiota que já vi!

Mas Ron não pareceu ouvir; Lavender acabava de chegar com Parvati. Espremendo-se entre Ron e Harry, Lavender deitou os braços ao pescoço de Ron.

— Olá, Harry — saudou Parvati que, tal como ele, parecia ligeiramente embaraçada e aborrecida com a atitude dos amigos.

— Olá — retribuiu Harry. — Com vais? Então sempre ficas em Hogwarts? Ouvi dizer que os teus pais queriam que saíesses.

— Consegui dissuadi-los para já — respondeu Parvati. — Aquela coisa da Katie fê-los de facto passarem-se, mas como não houve mais nada

desde... Oh, olá, Hermione!

Parvati abriu um largo sorriso. Harry percebeu que ela estava com remorsos por se ter rido de Hermione em Transfiguração. Olhou e viu que Hermione retribuía o sorriso, se possível ainda mais abertamente. Às vezes, as raparigas eram muito esquisitas.

— Olá, Parvati! — disse Hermione ignorando completamente Ron e Lavender. — Vais esta noite à festa do Slughorn?

— Não fui convidada — respondeu Parvati com ar pesaroso. — Mas adorava ir, cheira-me a que vai ser ótima... Tu vais, não vais?

— Vou, encontro-me com o Cormac às oito e depois...

Ouviu-se um som semelhante a um desentupidor a ser retirado do ralo dum lava-louças e Ron emergiu do seu abraço. Hermione prosseguiu como se não tivesse visto nem ouvido nada.

— ... vamos juntos para a festa.

— O Cormac? — repetiu Parvati. — Referes-te ao Cormac McLaggen?

— Exacto — confirmou Hermione em voz suave. — O que *quase* — pôs enorme ênfase na palavra — ficou *keeper* dos Gryffindor.

— Andas com ele, é? — perguntou Parvati, de olhos arregalados.

— É, sim, não sabias? — declarou Hermione com um risinho totalmente incaracterístico.

— Não! — exclamou Parvati parecendo positivamente encantada com aquela bisbilhotice. — Uau, tu gostas de jogadores de Quidditch, não gostas? Primeiro o Krum, agora o McLaggen...

— Gosto de jogadores de Quidditch *realmente bons* — corrigiu-a Hermione, ainda sorridente. — Bem, até logo... tenho de me ir arranjar para a festa...

Afastou-se. Imediatamente Lavender e Parvati uniram as cabeças para cochichar a respeito deste novo desenvolvimento, comparando tudo o que tinham ouvido acerca de McLaggen e tudo o que tinham imaginado acerca de Hermione. Ron estava estranhamente inexpressivo e não disse nada. Harry ficou a ponderar em silêncio nos abismos em que as raparigas mergulhavam para conseguirem vingar-se.

Ao chegar ao *Hall* de Entrada às oito dessa noite, encontrou um número invulgar de raparigas a passear-se por ali, e todas elas pareceram fitá-lo, ressentidas, quando ele se aproximou de Luna. Esta vestia um manto prateado enfeitado a lantejoulas que provocava uns quantos risinhos dos espectadores, mas à parte isso estava bastante bem. Em todo o caso, Harry ficou satisfeito por ela não ter posto os brincos de rabanete, o colar de rolhas de Cerveja de Manteiga, e os seus Espectróculos.

— Olá — saudou ele. — Então, vamos indo?

— Claro — anuiu ela radiante. — Onde é a festa?

— No gabinete do Slughorn — respondeu Harry, conduzindo-a para a escadaria de mármore e para longe de todos os olhares e murmúrios. — Ouviste dizer que se espera a presença de um vampiro?

— O Rufus Scrimgeour? — perguntou Luna.

— Não... o quê! — exclamou Harry, desconcertado. — Referes-te ao Ministro da Magia?

— Sim, ele é um vampiro — declarou Luna em tom desprendido. — O meu pai escreveu um longo artigo acerca disso quando o Scrimgeour sucedeu ao Cornelius Fudge, mas foi impedido de o publicar por alguém do Ministério. Como é óbvio, não queriam que a verdade se soubesse!

Harry, que achava extremamente improvável que Rufus Scrimgeour fosse um vampiro, mas estava habituado a ouvir Luna repetir as bizarras opiniões do pai como se fossem factos comprovados, não respondeu. Aproximavam-se já do gabinete de Slughorn, e os sons de risos, música e conversas ruidosas aumentavam a cada passo.

Quer porque fosse assim de origem, quer porque ele empregara magia para o tornar assim, o gabinete de Slughorn era muito maior que os gabinetes habituais dos professores. O tecto e as paredes tinham sido ornamentados com tapeçarias em tom de esmeralda, carmim e dourado, de forma que parecia que todos se encontravam no interior de uma vasta tenda. A sala estava apinhada e abafada, e era banhada pela luz vermelha projectada por um candeeiro dourado muito trabalhado, pendurado no meio do tecto, onde esvoaçavam fadas verdadeiras, cada uma delas um faiscante ponto de luz. De um canto afastado, vinha o som de canções acompanhadas pelo que pareciam bandolins; uma névoa de fumo de cachimbo pairava sobre diversos feiticeiros idosos embrenhados em conversa, e havia uma quantidade de elfos domésticos a deslocarem-se com esforço por entre a floresta de joelhos, tapados pelas pesadas bandejas de prata com comida que transportavam, de maneira que pareciam pequenas mesas rolantes.

— Harry, meu caro! — exclamou a voz sonora de Slughorn, quase no instante em que Harry e Luna se espremeram para passar pela porta. — Entra, entra, há imensa gente a quem te quero apresentar!

Slughorn exibia um chapéu de veludo com borlas, condizente com o seu *smoking*. Apertou o braço de Harry com tanta força que se poderia pensar que esperava Desaparecer com ele e puxou-o resolutamente para o meio da festa. Harry pegou na mão de Luna e arrastou-a consigo.

— Harry, apresento-te Eldred Worple, um ex-aluno meu, autor de *Irmãos de Sangue: A Minha Vida Entre os Vampiros...* e, é claro, o seu amigo Sanguini.

Worple, um homenzinho baixo, de óculos, apoderou-se da mão de Harry e sacudiu-a entusiasticamente; o vampiro Sanguini, alto e macilento, com sombras negras debaixo dos olhos, limitou-se a baixar a cabeça. Parecia bastante entediado. Perto dele via-se um grupo de raparigas, com ar curioso e excitado.

— Harry Potter, estou verdadeiramente encantado! — declarou Worple, examinando com olhos de míope o rosto de Harry. — Ainda outro dia perguntei ao Professor: *Onde está a biografia do Harry Potter que todos aguardamos?*

— Hã... — fez Harry —, palavra?

— Modesto como o Horace o descreveu! — comentou Worple. — Mas agora a sério... — a sua atitude modificou-se, tornando-se de repente muito profissional — ficaria encantado por a escrever eu próprio, as pessoas estão ansiosas por saber mais a seu respeito, meu rapaz, ansiosas! Se estivesse disposto a conceder-me algumas entrevistas, digamos em sessões de quatro ou cinco horas, podíamos ter o livro pronto daqui a uns meses. E tudo sem que você tivesse de se esforçar muito, garanto-lhe... pergunte aqui ao Sanguini se não é... *Sanguini, não saias daqui!* — acrescentou Worple, adoptando de repente um tom severo, pois o vampiro começara a aproximar-se do grupo de raparigas, com um olhar algo faminto. — Toma, come um bolo — disse Worple, tirando-o de um elfo que passava e enfiando-o na mão de Sanguini antes de voltar a dedicar a sua atenção a Harry.

— Meu caro, o ouro que você podia ganhar, nem imagina...

— Não estou nada interessado — declarou Harry firmemente —, e acabo de ver um amigo, desculpe-me.

Puxou Luna para o meio da multidão; acabava, de facto, de avistar uma longa cabeleira castanha a desaparecer entre o que lhe pareceram ser dois membros das Weird Sisters.

— Hermione! *Hermione!*

— Harry! Encontrei-te, felizmente! Olá, Luna!

— O que é que te aconteceu? — perguntou Harry, pois Hermione estava nitidamente desalinhada, como se tivesse acabado de se debater para sair de uma moita de Armadilha do Diabo.

— Oh, acabo de escapar... quer dizer, acabo de deixar o Cormac — elucidou ela. — Debaixo do visco — acrescentou à laia de explicação, visto que Harry continuava a fitá-la com ar interrogativo.

— É bem feita por teres vindo com ele — disse Harry severamente.

— Achei que seria ele quem mais irritaria o Ron — declarou Hermione em tom indiferente. — Ainda pensei no Zacharias Smith, mas achei que, no

geral...

— *Tu pensaste no Zacharias Smith!?* — exclamou Harry, revoltado.

— É, pois foi, e começo a desejar tê-lo escolhido, porque o McLaggen faz o Grawp parecer um cavaleiro. Vamos por aqui, assim poderemos ver se ele lá vem, é tão alto...

Dirigiram-se os três para a outra ponta da sala, apanhando de caminho cálices de *mead*. Demasiado tarde, perceberam que a Professora Trelawney lá se encontrava sozinha.

— Boa noite — cumprimentou Luna muito delicada.

— Boa noite, minha querida — respondeu a Professora Trelawney, focando o olhar em Luna com uma certa dificuldade. Harry sentiu de novo o cheiro a xerez barato. — Ultimamente não te tenho visto na minha aula...

— Não, este ano tenho o Firenze — informou Luna.

— Oh, é claro — comentou a Professora Trelawney com o riso irritado de alguém já bem bebido. — Ou o Sendeiro, como prefiro chamar-lhe. Era de esperar, agora que eu voltei para a escola, que o Professor Dumbledore tivesse posto o cavalo a andar, não acham? Mas não... partilhamos a disciplina... é um insulto, francamente, um insulto. Sabiam...

A Professora Trelawney parecia demasiado ébria para ter reconhecido Harry. A coberto das suas furiosas críticas a Firenze, aquele aproximou-se de Hermione e murmurou: — Vamos lá esclarecer uma coisa. Tencionas dizer ao Ron que interferiste nas provas para *keeper*?

Hermione ergueu as sobrancelhas.

— Achas mesmo que eu era capaz de descer tão baixo?

Harry fitou-a judiciosamente.

— Hermione, se és capaz de convidar o McLaggen...

— Há uma diferença — afirmou Hermione com dignidade. — Não tenciono contar ao Ron nada do que possa, ou não, ter acontecido nas provas.

— Belo! — exclamou Harry com veemência. — Porque ele desintegrava-se e perdíamos o próximo jogo...

— Quidditch! — protestou Hermione, furiosa. — É só nisso que os rapazes pensam? O Cormac não me fez uma única pergunta a meu respeito, não senhor, presenteou-me com o relato ininterrupto de Cem Grandes Defesas Executadas por Cormac McLaggen desde... oh não, lá vem ele!

Moveu-se tão depressa que foi como se tivesse Desaparecido; num segundo estava ali, no seguinte já se enfiara entre duas feiticeiras que se riam à gargalhada e evaporara-se.

— Viste a Hermione? — perguntou McLaggen, furando por entre a turba um minuto depois.

— Não, lamento — respondeu Harry, e virou-se rapidamente para se juntar à conversa de Luna, esquecendo-se por uma fracção de segundo de quem era a sua interlocutora.

— Harry Potter! — declarou a Professora Trelawney em tom profundo e vibrante, reparando nele pela primeira vez.

— Oh, boa noite — respondeu Harry pouco entusiasmado.

— Meu querido rapaz! — articulou ela num sussurro muito audível. — Os rumores! As histórias! O Eleito! Eu, é claro, já há muito que sabia... os augúrios nunca foram bons, Harry... Mas por que não voltaste a Artes Divinatórias? Para ti, mais do que para qualquer pessoa, a matéria é da maior importância!

— Ah, Sybill, todos nós achamos que a nossa matéria é a mais importante! — disse uma voz sonora, e Slughorn surgiu do outro lado da Professora Trelawney, o rosto congestionado, o chapéu de veludo um pouco à banda, um copo de *mead* numa das mãos e um enorme pastel de carne na outra. — Mas acho que nunca encontrei ninguém com este jeito inato para Poções! — prosseguiu Slughorn, fixando em Harry os olhos injectados, mas carinhosos. — Instintivo, sabes... como a mãe dele! Ensinei muito poucos com este tipo de capacidades, posso dizer-te, Sybill... mesmo o Severus...

E, para horror de Harry, Slughorn esticou um braço e pareceu puxar Snape do nada para junto deles.

— Deixa-te de amuos e junta-te a nós, Severus! — soluçou alegremente Slughorn. — Estava justamente a falar dos excepcionais dotes de Harry para elaboração de poções! Parte do crédito é teu, claro, foste tu quem o ensinou durante cinco anos!

Encurralado, com o braço de Slughorn em volta dos ombros, Snape fitou Harry por cima do nariz adunco, com os olhos negros sombrios.

— É engraçado, nunca tive a impressão de ter conseguido ensinar o que quer que fosse ao Potter.

— Bem, então é habilidade natural! — bradou Slughorn. — Devias ter visto o que ele me apresentou, logo na primeira lição, a Poção dos Mortos Vivos... Nunca um aluno fez melhor numa primeira tentativa, creio que nem tu, Severus...

— Palavra? — ripostou Snape em tom sereno, os olhos a perfurarem Harry, que se sentiu algo inquieto. A última coisa que queria era Snape a investigar a origem do seu recente brilhantismo a Poções.

— Recorda-me lá que outras matérias escolheste, Harry? — pediu Slughorn.

— Defesa Contra a Magia Negra, Encantamentos, Transfiguração,

Herbologia...

— Em resumo, todas as cadeiras exigidas para ser Auror — comentou Snape, com um leve sorriso escarninho.

— Bem, sim, é o que eu gostaria de ser — afirmou Harry em tom de desafio.

— E vais ser formidável! — trovejou Slughorn.

— Acho que não devias vir a ser Auror, Harry — disse Luna inesperadamente. Todos olharam para ela. — Os Aurors fazem parte da Conspiração Dentes Cariados, pensei que toda a gente sabia disso. Trabalham a partir de dentro para derrubar o Ministério da Magia e usam uma mistura de Magia Negra e gengivite.

Harry inspirou metade do seu *mead* pelo nariz ao romper em gargalhadas. Francamente, valera a pena ter trazido a Luna só por aquilo. Ao emergir do seu cálice, a tossir, encharcado mas continuando a rir-se, viu uma coisa que o deixou ainda mais bem disposto: Argus Filch vinha em direcção a eles, arrastando Draco Malfoy por uma orelha.

— Professor Slughorn — arquejou Filch, as bochechas a tremer e o brilho maníaco de detecção de travessuras nos olhos salientes —, descobri este rapaz escondido num corredor cá de cima. Ele afirma que foi convidado para a sua festa e se atrasou. Mandou-lhe convite?

Malfoy libertou-se de Filch, com ar furioso.

— Está bem, não fui convidado! — confessou ele, colérico. — Estava a tentar entrar de assalto, satisfeito?

— Não, não estou! — redarguiu Filch, uma declaração em total desacordo com o júbilo estampado no seu rosto. — Estás metido em sarilhos, aí isso é que estás! O Director não disse que é proibido andar por aí de noite, a não ser com autorização, disse ou não disse, hem?

— Tudo bem, Argus, tudo bem — declarou Slughorn com um aceno de mão. — É Natal e não é crime querer ir a uma festa. Só por esta vez, vamos esquecer o castigo; podes ficar, Draco.

A expressão de desapontamento ofendido de Filch era perfeitamente previsível, mas por que estaria o Malfoy, pensou Harry, que o observava, com ar igualmente infeliz? E por que é que Snape fitaria Malfoy como se estivesse simultaneamente zangado e... seria possível?... algo receoso?

Todavia, quase antes de poder assimilar o que vira, já Filch se virava e partia a arrastar os pés e a falar baixo; Malfoy arvorara um sorriso e agradecia a Slughorn a sua generosidade, e a cara de Snape estava de novo inescrutável.

— Não tem qualquer importância — disse Slughorn, afastando com um gesto os agradecimentos de Malfoy. — Afinal, eu conheci o teu avô...

— E ele falava sempre do Professor com a maior consideração — reagiu imediatamente Malfoy. — Dizia que era o maior génio que já conhecera a preparar poções...

Harry fitou Malfoy. Não era a bajulice que o intrigava; há muito tempo que via Malfoy agir assim com Snape. Era o facto de ele parecer, realmente, um pouco adoentado. Era a primeira vez desde há várias semanas que estava perto de Malfoy e via agora que ele tinha olheiras, e a pele apresentava um nítido tom acinzentado.

— Quero falar contigo, Draco — disse de súbito Snape.

— Ora, ora, Severus. — Slughorn continuava com soluços. — É Natal, não seas demasiado duro...

— O Chefe de Equipa dele sou eu, e eu é que decido se sou duro ou não — redarguiu Snape em tom brusco. — Anda comigo, Draco.

Saíram, Snape à frente e Malfoy seguindo-o com ar indignado. Harry teve um momento de hesitação e depois disse: — Volto já, Luna... hã... casa de banho.

— Tudo bem — respondeu ela alegremente; e enquanto passava pelo meio da balbúrdia, Harry julgou ouvi-la reatar o assunto da Conspiração Dentes Cariados com a Professora Trelawney, que parecia sinceramente interessada.

Foi fácil, uma vez fora da festa, tirar do bolso o Manto da Invisibilidade e tapar-se com ele, pois o corredor estava completamente deserto. Encontrar Snape e Malfoy foi mais difícil. Harry correu pelo corredor fora, o barulho dos pés disfarçado pela música e conversas ruidosas que continuavam a sair do gabinete de Slughorn lá atrás. Talvez Snape tivesse levado Malfoy para o seu gabinete nas masmorras... ou talvez o fosse acompanhar até à sala comum dos Slytherin... Porém, Harry foi encostando o ouvido a porta atrás de porta até que, com um sobressalto de excitação, se agachou junto ao buraco da fechadura da última sala de aulas do corredor e ouviu vozes.

— ... não podes cometer erros, Draco, porque se fores expulso...

— Eu não meti para aí prego nem estopa, está bem?

— Espero que estejas a falar verdade, porque foi não só desajeitado como estúpido. Já és suspeito de estar implicado.

— Quem é que suspeita de mim? — indagou Malfoy, furioso. — Pela última vez, não fui eu que fiz isso, tá bem? Essa tal Bell deve ter um inimigo que ninguém conhece... Não olhe assim para mim! Sei muito bem o que está a fazer, não sou estúpido, mas não resulta... Eu posso impedi-lo!

Seguiu-se uma pausa, e então Snape disse em voz suave: — Ah... estou a ver, a tia Bellatrix tem andado a ensinar-te Oclumancia. Que pensamentos

estás tu a tentar ocultar ao teu senhor, Draco?

— Não estou a tentar ocultar-lhe nada a *ele*, é de *si* que não quero intromissões!

Harry encostou o ouvido com mais força ao buraco da fechadura... O que acontecera para levar Malfoy a falar assim a Snape, Snape, por quem ele sempre mostrara respeito, simpatia até?

— Então, é por isso que tens andado a evitar-me este período? Receaste a minha interferência? Não sei se tens consciência de que qualquer outro que não se tivesse apresentado no meu gabinete depois de eu o ter convocado repetidamente, Draco...

— Então, ponha-me de castigo! Faça queixa de mim ao Dumbledore! — troçou Malfoy.

Fez-se nova pausa. Depois Snape disse: — Sabes perfeitamente que não quero fazer nada disso.

— Então, é melhor que deixe de me mandar ir ao seu gabinete!

— Ouve bem — proferiu Snape, a voz tão baixa agora que Harry teve de se comprimir ainda mais contra o buraco da fechadura para conseguir ouvir. — Eu estou a tentar ajudar-te. Jurei à tua mãe que te protegia. Fiz o Juramento Inquebrável, Draco...

— Pois parece que vai ter de o quebrar, pois eu não preciso da sua protecção! É a minha tarefa, ele deu-ma a mim, e eu estou a cumpri-la. Tenho um plano que vai funcionar, só está a levar um bocado mais de tempo do que eu contava!

— Qual é o teu plano?

— Não tem nada com isso!

— Se me disseres o que estás a tentar fazer, eu posso ajudar-te...

— Tenho a ajuda toda de que preciso, obrigado, não estou sozinho!

— Estavas seguramente sozinho esta noite, o que foi extremamente idiota, vaguear pelos corredores sem vigias ou apoio. São erros elementares...

— O Crabbe e o Goyle estariam comigo se não os tivesse posto de castigo!

— Fala baixo! — ordenou Snape rispidamente, pois a excitação levava Malfoy a erguer a voz. — Se os teus amigos Crabbe e Goyle tencionam passar desta vez nos NPFs de Defesa Contra a Magia Negra, precisam de trabalhar um bocado mais do que estão pres...

— O que é que isso interessa? — repontou Malfoy. — Defesa Contra a Magia Negra... é tudo uma treta, não é, uma comédia? Como se algum de nós precisasse de protecção contra a Magia Negra...

— É uma representação crucial para se ter êxito, Draco! — declarou

Snape. — Onde é que pensas que eu teria estado todos estes anos se não tivesse sabido representar? Agora, ouve bem! Tu estás a ser imprudente, a vaguear à noite, a deixares-te apanhar, e se depositas a tua confiança em ajudantes como o Crabbe e o Goyle...

— Eles não são os únicos, tenho outras pessoas do meu lado, pessoas melhores!

— Então por que não confias em mim, e eu posso...

— Eu sei o que anda a tramar! Quer ficar com os meus louros! De novo uma pausa, e depois Snape proferiu friamente: — Estás a falar como uma criança. Compreendo perfeitamente que a captura e prisão do teu pai te tenham transtornado, mas...

Harry quase não teve aviso prévio; ouviu os passos de Malfoy do outro lado da porta e atirou-se para fora do caminho no instante em que ela se escancarava. Deslocando-se rapidamente, Malfoy ultrapassou a porta aberta do gabinete de Slughorn, rodeou a esquina lá longe e desapareceu.

Mal se atrevendo a respirar, Harry permaneceu agachado enquanto Snape saía devagar da sala e, com uma expressão impenetrável, regressava à festa. Harry continuou no chão, oculto pelo Manto, a mente a ferver.

XVI

UM NATAL MUITO FRIO

— **E**ntão o Snape estava a oferecer-se para o ajudar? Estava *mesmo* a oferecer-se para o ajudar?

— Se tor nares a perguntar, enfio-te isto... — respondeu Harry.

— É só para saber! — exclamou Ron. Estavam de pé, junto à bancada da cozinha d'A Toca, a arranjar couves-de-bruxelas para Mrs. Weasley. Viam a neve a cair pela janela à sua frente.

— *Sim, é isso, o Snape estava a oferecer-se para o ajudar!* — confirmou Harry. — Disse que tinha prometido à mãe do Malfoy protegê-lo, que tinha feito um Juramento Inquebrável, ou coisa do género...

— Um Juramento Inquebrável? — perguntou Ron, com um ar espantado. — Nã, não pode ser... Tens a certeza?

— Sim, tenho a certeza — confirmou Harry. — Porquê?

— É que não se pode quebrar um Juramento Inquebrável...

— Curiosamente, já tinha percebido isso sozinho. E o que é que acontece se se quebrar?

— Morre-se — respondeu Ron, simplesmente. — O Fred e o George tentaram levar-me a fazer um, devia eu ter uns cinco anos. E estava quase a fazê-lo. Até já estava de mãos dadas com o Fred quando o meu pai nos encontrou. Ficou desvairado. — Depois acrescentou, com um brilho de reminiscência nos olhos: — Foi a única vez que vi o meu pai tão zangado como a minha mãe. O Fred acha que a sua nádega esquerda nunca mais foi a mesma.

— Bem, passando adiante da nádega esquerda do Fred...

— Como? — ouviu-se a voz de Fred dizer, no momento em que os gémeos entraram na cozinha. — Ah, George, olha bem para isto. Até estão a usar facas e tudo. Abençoados sejam.

— Daqui a dois meses e pouco faço dezassete anos — resmungou Ron —, e nessa altura já vou conseguir fazer isto com magia!

— Mas entretanto — disse George, sentando-se à mesa da cozinha e pondo os pés sobre ela —, podemos divertir-nos a ver-vos demonstrar como se usa correctamente uma... ai!

— Foi por tua causa! — disse Ron zangado, chupando o polegar. — Espera até eu ter dezassete anos...

— Tenho a certeza de que nos vais surpreender a todos com habilidades de magia até agora inimagináveis — observou Fred com um bocejo.

— A propósito de habilidades inimagináveis, Ronald — atalhou George —, que história é essa que a Ginny me contou sobre ti e uma jovem chamada — a menos que a nossa informação esteja incorrecta, Lavender Brown?

Ron ficou ligeiramente corado, mas não parecia aborrecido ao voltar a concentrar-se nas couves.

— Mete-te na tua vida.

— Tens sempre a resposta na ponta da língua — disse Fred. — Não sei mesmo como é que te vêm longo à cabeça. Mas o que nós queríamos saber era... como é que foi?

— Como assim?

— Ela teve algum acidente ou coisa do género?

— O quê?

— Como é que ela ficou com lesões tão grandes no cérebro? Cuidado!

Mrs. Weasley entrou na sala no preciso momento em que Ron atirou a faca que estava a utilizar a Fred, que a transformou num avião de papel com um aceno preguiçoso da varinha.

— Ron! — exclamou ela, furiosa. — Que eu não torne a ver-te a atirar com facas!

— Não torna — sossegou-a Ron, e acrescentou com um sussurro, regressando às couves-de-bruxelas — a ver.

— Fred, George, desculpem, queridos, mas o Remus chega hoje à noite, por isso o Bill vai ter de ficar no vosso quarto!

— Tudo bem — disse George.

— Como o Charlie não vem para casa, no sótão só ficam o Harry e o Ron, e se a Fleur ficar com a Ginny...

— ... lá se vai o Natal da Ginny — murmurou Fred.

— ... ficam todos bem instalados. Quer dizer, pelo menos têm uma cama — disse Mrs. Weasley, parecendo um pouco atormentada.

— Então, definitivamente, não vamos ver a carantonha do Percy? — perguntou Fred.

Mrs. Weasley voltou-se para sair, antes de responder:

— Não, está ocupado no Ministério, julgo eu.

— Ou então é o maior idiota do mundo — ripostou Fred, quando Mrs. Weasley saiu da cozinha. — Bem, vamos andando, George.

— O que é que vocês os dois andam a tramar? — perguntou Ron. — Não podem dar-nos uma ajuda aqui com as couves? Podiam usar a vossa varinha, e assim ficávamos livres disto!

— Não, acho que não podemos fazer isso — disse Fred, com um ar muito sério. — É muito educativo aprender a arranjar couves-de-bruxelas sem magia. Ajuda a perceber como a vida é difícil para os Muggles e os Cepa-Tortas...

— ... e se queres que as pessoas te ajudem, Ron — acrescentou George, lançando-lhe o avião de papel —, acho melhor não lhes atirares facas. É só uma pequena sugestão. Nós vamos à aldeia; há uma rapariga muito gira que trabalha no quiosque dos jornais e acha os meus truques com cartas maravilhosos... quase mágicos...

— Cretinos! — exclamou Ron num tom sombrio, vendo Fred e George atravessar o pátio coberto de neve. — Bastava-lhes dez segundos, e poderíamos ter ido também.

— Eu não — disse Harry. — Prometi ao Dumbledore que não me afastaria daqui enquanto cá estivesse.

— Pois foi — lembrou-se Ron. Arranjou mais algumas couves e depois perguntou: — Vais contar ao Dumbledore o que ouviste o Snape e o Malfoy dizerem um ao outro?

— Vou — respondeu Harry. — Vou contar a toda a gente que puder pôr fim àquilo, e principalmente ao Dumbledore. Talvez ainda torne a falar com o teu pai.

— Mas é pena não teres ouvido o que o Malfoy anda, de facto, a fazer.

— Não podia, pois não? O problema era mesmo esse. Ele estava a recusar-se a dizer ao Snape.

Seguiu-se um silêncio, e depois Ron comentou:

— É claro que sabes o que eles vão dizer, não sabes? O meu pai, e o Dumbledore, e todos eles? Vão dizer que o Snape não estava a tentar ajudar o Malfoy, mas apenas a ver se descobria em que é que ele anda metido.

— Eles não o ouviram — disse Harry num tom determinado. — Ninguém é assim tão bom actor, nem mesmo o Snape.

— Pois... estava só a dizer...

Harry voltou-se para ele, de testa franzida.

— Mas achas que tenho razão, não achas?

— É claro que sim! — confirmou Ron rapidamente. — A sério que sim! Mas eles estão todos convencidos de que o Snape pertence à Ordem, não estão?

Harry não disse nada. Já lhe tinha ocorrido que seria esta a objecção mais provável ao dado novo de que dispunha; era como se já estivesse a ouvir Hermione a dizer:

«É óbvio, Harry, ele estava a fingir que queria ajudar só para o Malfoy lhe dizer o que anda a fazer...»

Mas era pura imaginação, pois não tinha tido oportunidade de dizer a Hermione o que tinha ouvido. Ela tinha desaparecido da festa de Slughorn antes de ele regressar — pelo menos, era o que McLaggen lhe tinha dito, completamente encolerizado — e, quando chegara à sala comum, ela já se tinha deitado. Como ele e Ron tinham partido para A Toca de manhã cedo, quase nem tivera tempo para lhe desejar Feliz Natal e para lhe dizer que tinha uma notícia importante para lhe dar quando voltassem de férias. Mas não tinha a certeza absoluta de ela o ter ouvido; nesse preciso momento, Ron e Lavender estavam envolvidos numa despedida profundamente não-verbal mesmo atrás dele.

Contudo, nem a própria Hermione poderia negar uma coisa: Malfoy estava definitivamente a tramar alguma, e Snape sabia. Por isso, Harry achava que se justificava amplamente que afirmasse «Eu bem te disse», o que, aliás, já tinha dito várias vezes a Ron.

Harry não teve oportunidade de falar com Mr. Weasley, que ficou a trabalhar até muito tarde no Ministério até à véspera de Natal. Os Weasley e os seus convidados encontravam-se na sala, que Ginny decorara de forma tão exagerada que parecia que estavam sentados numa explosão de enfeites de papel. Fred, George, Harry e Ron eram os únicos que sabiam que o anjo que estava no cimo da árvore era, na realidade, um gnomo do jardim que tinha mordido Fred num tornozelo, quando ele andava a apanhar cenouras para a ceia de Natal. Fora Atordoadado, pintado de dourado, enfiado num tutu em miniatura e, com umas asas pequeninas coladas às costas, olhava ameaçadoramente para todos eles, com uma cabeça grande e careca como uma batata e uns pés muito peludos. Era o anjo mais feio que Harry vira em toda a sua vida.

A ideia era estarem todos a ouvir um concerto de Natal pela cantora preferida de Mrs. Weasley, Celestina Warbeck, cujos trinados emanavam da grande telefonia de madeira. Fleur, que parecia achar Celestina muito aborrecida, estava a um canto a falar tão alto que Mrs. Weasley não parava de lançar-lhe olhares carrancudos e de apontar a varinha ao botão do volume, o que fazia com que Celestina cantasse cada vez mais alto. Aproveitando uma canção particularmente mexida intitulada «Um Caldeirão Cheio de Amor Forte e Ardente», Fred e George começaram a jogar às Explosões com Ginny. Ron continuava a olhar disfarçadamente

para Bill e Fleur como se estivesse à procura de umas dicas. Entretanto, Remus Lupin, mais magro e com um ar mais desleixado que nunca, estava sentado junto da lareira, a olhar para as chamas, como se não ouvisse a voz de Celestina.

*Oh, vem mexer o meu caldeirão.
E se o mexeres com paixão,
Cozinho-te um amor forte e ardente
Para te manter toda a noite quente.*

— Costumávamos dançar ao som desta canção, quando tínhamos dezoito anos! — recordou Mrs. Weasley, limpando os olhos ao tricô. — Lembra-te, Arthur?

— O quê? O quê? — balbuciou Mr. Weasley, que cabeceava enquanto descascava uma laranja. — É verdade. Que música maravilhosa...

Com um esforço, endireitou-se um pouco mais na cadeira e olhou para Harry, que estava sentado ao seu lado.

— Desculpa — disse, apontando com a cabeça para a telefonia, no momento em que Celestina atacou o refrão. — Está quase a acabar.

— Tudo bem — respondeu Harry, com um sorriso rasgado. — Trabalhou muito no Ministério?

— Muito — confirmou Mr. Weasley. — Nem me importava, se estivéssemos a chegar a algum lado, mas das três prisões que fizemos nos últimos dois meses, duvido que algum deles seja um verdadeiro Devorador da Morte... mas não comentes isso com ninguém, Harry — apressou-se a acrescentar, parecendo de repente muito mais acordado.

— Espero que já tenham libertado o Stan Shunpike — disse Harry.

— Receio bem que não — retorquiu Mr. Weasley. — Sei que o Dumbledore tentou apelar directamente para o Scrimgeour relativamente ao Stan... Qualquer pessoa que fale com ele concorda que tem tanto de Devorador da Morte como esta laranja... mas os de lá de cima querem transmitir a ideia de que estão a fazer progressos, e «três detenções» soa muito melhor que «três pessoas presas por engano e libertadas»... mas, relembro-te, tudo isto é absolutamente confidencial...

— Não digo nada — prometeu Harry. Hesitou por um momento, sem saber por onde começar o que queria dizer; enquanto tentava ordenar os seus pensamentos, Celestina Warbeck começou a cantar uma balada intitulada «Roubaste-me o Coração com Um Feitiço».

— Mr. Weasley, lembra-se do que lhe disse na estação quando íamos para a escola?

— Já investiguei, Harry — respondeu Mr. Weasley de imediato. — Revistei a casa do Malfoy. Não havia lá nada, nem partido nem inteiro, que não devesse lá estar.

— Pois, eu sei, vi n' *O Profeta Diário* que tinha andado a investigar... Mas agora trata-se de uma coisa diferente... uma coisa mais...

E contou a Mr. Weasley a conversa que tinha escutado entre Malfoy e Snape. Enquanto falava, viu a cabeça de Lupin voltar-se ligeiramente na sua direcção, para não perder pitada da conversa. Quando acabou de falar, ficaram em silêncio, ouvindo-se apenas a voz de Celestina.

*Oh, para onde terá ido o meu pobre coração?
Deixou-me, enfeitiçado...*

— Já pensaste que o Snape podia estar simplesmente... — sugeriu Mr. Weasley.

— A fingir que queria ajudá-lo, só para descobrir o que o Malfoy anda a tramar? — atalhou Harry. — Já calculava que dissesse isso. Mas como é que vamos saber?

— Não temos nada com isso — observou Lupin inesperadamente. Estava de costas para a lareira e fixou o olhar apenas em Harry. — Isso diz respeito ao Dumbledore. O Dumbledore confia no Severus, e isso devia ser suficiente para nós todos.

— Mas imagine... — contrapôs Harry — ... imagine que o Dumbledore está enganado em relação ao Snape...

— As pessoas já disseram isso muitas vezes. A questão é se confias ou não no bom senso do Dumbledore. Eu confio. Por isso, também confio no Severus.

— Mas o Dumbledore pode enganar-se — observou Harry. — É ele mesmo quem o diz. E você... — Fixou Lupin directamente nos olhos. — Diga-me com toda a honestidade: gosta do Snape?

— Nem gosto nem deixo de gostar do Severus — respondeu Lupin. — Não, Harry, estou a dizer a verdade — acrescentou, ao ver a expressão céptica de Harry. — Talvez nunca venhamos a ser amigos do peito; depois de tudo o que aconteceu entre o James, o Sirius e o Severus, há demasiados ressentimentos. Mas não me esqueço de que no ano em que dei aulas em Hogwarts, o Severus me fez todos os meses a Maldição do Lobo e a fez com toda a perfeição, para eu não ter de passar o que normalmente passo nas noites de Lua cheia.

— Mas por acaso deixou escapar «sem querer» que o professor era um lobisomem e, por isso, teve de se ir embora! — contrapôs Harry, irritado.

Lupin encolheu os ombros.

— Acabaria sempre por se descobrir. Sabes tão bem como eu que ele queria o meu lugar, mas podia ter-me causado males muito piores, se tivesse adulterado a Poção. Assim, manteve-me saudável, e tenho de lhe estar grato.

— Talvez ele não se atrevesse a adulterar a Poção, sabendo que o Dumbledore estava de olho nele! — sugeriu Harry.

— Estás apostado em odiá-lo, Harry — disse Lupin com um sorriso tímido. — Até compreendo. Sendo James o teu pai, e Sirius o teu padrinho, herdaste um velho preconceito. Se quiseres, conta ao Dumbledore o que me contaste a mim e ao Arthur, mas não fiques à espera de que ele vá estar de acordo contigo nesta matéria; nem esperes que ele fique admirado. Pode ter sido o Dumbledore a ordenar ao Severus que interrogasse o Draco.

*«... e agora que o despedaçaste, por favor
devolve-me o meu coração!»*

Celestina acabou a sua canção com uma nota muito aguda e prolongada, e da telefonia saiu um longo aplauso, a que Mrs. Weasley se juntou entusiasticamente.

— Já acabou? — perguntou Fleur muito alto. — Grraças a Deus, que coisa horrível!

— Vamos comer qualquer coisa? — propôs Mr. Weasley vivamente, pondo-se de pé com um salto. — Quem quer uma gemada?

— O que é que tem andado a fazer ultimamente? — perguntou Harry a Lupin, quando Mr. Weasley saiu apressadamente para ir buscar a gemada, e toda a gente se espreguiçou e começou a conversar.

— Tenho andado infiltrado — disse Lupin. — Por isso é que não pude escrever, Harry; mandar-te uma carta seria o mesmo que denunciar-me.

— Como assim?

— Estive a viver entre a minha gente, os meus pares — disse Lupin, e adiantou ao ver a expressão de incompreensão de Harry — Lobisomens. Estão quase todos do lado do Voldemort. O Dumbledore queria um espião, e ali estava eu... feito por encomenda.

Na sua voz havia uma certa amargura, e talvez ele se tenha apercebido disso, pois esboçou um sorriso mais afectuoso, ao acrescentar:

— Não estou a queixar-me; é preciso trabalhar, e quem melhor que eu para o fazer? Mas tem sido difícil conquistar a confiança deles. Eu tenho sinais inegáveis de ter tentado viver entre os feiticeiros, ao passo que eles rejeitaram a sociedade normal e vivem à margem, roubando, e às vezes até

matando, para comer.

— Por que é que eles gostam do Voldemort?

— Acham que sob o domínio dele terão uma vida melhor — respondeu Lupin. — E é difícil discutir com o Greyback...

— Quem é o Greyback?

— Nunca ouviste falar dele? — As mãos de Lupin fecharam-se convulsivamente sobre o colo. — O Fenrir Greyback é talvez o lobisomem mais selvagem que existe hoje em dia. Considera que a sua missão na vida é contaminar o maior número de pessoas possível; quer criar lobisomens suficientes para vencer os feiticeiros. O Voldemort prometeu-lhe presas em paga dos seus serviços. O Greyback especializou-se em crianças... diz que as morde quando ainda são pequeninas e as cria longe dos pais, ensinando-lhes a odiar os feiticeiros normais. O Voldemort ameaçou soltá-lo sobre os filhos e filhas das pessoas. É uma ameaça que normalmente dá bons resultados. — Fez uma pausa e depois continuou: — Foi o Greyback quem me mordeu.

— O quê? — exclamou Harry. — Quando... quando era criança?

— Sim. O meu pai tinha-lhe feito uma ofensa. Durante muito tempo, desconheci a identidade do lobisomem que me atacou; até tinha pena dele, por achar que não tinha conseguido controlar-se, numa altura em que já sabia o que custava passar por essa transformação. Mas o Greyback não é assim. Nas noites de Lua cheia, põe-se perto das vítimas, para ter a certeza de que está suficientemente próximo para atacar. Planeia tudo. E é esse o homem que o Voldemort está a utilizar para comandar os lobisomens. Não posso fingir que os meus argumentos racionais estão a ter grande vantagem sobre a insistência do Greyback de que nós, lobisomens, merecemos sangue, de que temos de nos vingar das pessoas normais.

— Mas o professor é normal! — protestou Harry com grande veemência. — Só tem é um... um problema.

Lupin desatou a rir.

— Às vezes, fazes-me lembrar imenso o James. Dizia que eu era o seu «problemazinho peludo». Havia muita gente que achava que eu tinha um coelho mal comportado.

Aceitou um copo de gemada de Mr. Weasley e agradeceu, com um ar ligeiramente mais animado. Entretanto, Harry, sentiu-se subitamente excitado: aquela última referência ao seu pai tinha-lhe recordado de que havia uma coisa que andava ansioso por perguntar a Lupin.

— Já alguma vez ouviu falar de um tal Príncipe Meio-Sangue?

— Príncipe quê?

— Meio-Sangue — repetiu Harry, observando-o atentamente para

detectar qualquer sinal de reconhecimento.

— Não há príncipes feiticeiros — afirmou Lupin, agora a sorrir. — Isso é algum título que estejas a pensar adoptar? Pensava que ser «O Eleito» seria suficiente.

— Não tem nada que ver comigo! — exclamou Harry, indignado. — O Príncipe Meio-Sangue era um aluno de Hogwarts. Tenho o seu antigo livro de Poções. Está cheio de feitiços escritos por ele, feitiços que ele inventava. Um deles era o Levicorpus...

— Ah, esse andava na moda quando eu estive em Hogwarts — recordou Lupin. — Durante o meu quinto ano, houve uns meses em que não podíamos mexer-nos que éramos logo içados pelo tornozelo.

— O meu pai também costumava usá-lo — disse Harry. — Vi-o fazer isso ao Snape no Pensatório.

Tentou dizê-lo num tom indiferente, como se fosse um comentário sem importância, mas não tinha a certeza de ter atingido o efeito pretendido; Lupin ostentava um sorriso demasiado compreensivo.

— É verdade, mas não foi o único. Como eu te disse, era muito popular na altura. Sabes como é com os feitiços... vão e vêm...

— Até parece que foi inventado quando andava lá na escola — insistiu Harry.

— Não necessariamente. Os feitiços estão na moda e passam de moda, como tudo o resto. — Olhou para o rosto de Harry e depois disse calmamente: — O James era puro-sangue, Harry, e garanto-te que nunca nos pediu que o tratássemos por «Príncipe».

Sem pretender continuar a fingir, Harry perguntou:

— E não era o Sirius? Nem o professor?

— Podes ter a certeza de que não.

— Ah! — Harry olhou demoradamente para a lareira. — Pensei... Ele ajudou-me muito nas aulas de Poções, o Príncipe.

— Quantos anos tem esse livro, Harry?

— Não sei. Nunca verifiquei.

— Talvez isso te desse alguma pista sobre a altura em que o Príncipe esteve em Hogwarts — sugeriu Lupin.

Pouco depois, Fleur decidiu imitar Celestina a cantar «Um Caldeirão Cheio de Amor Forte e Ardente», o que foi entendido por todos, ao verem a expressão de Mrs. Weasley, como o sinal de que deviam ir para a cama. Harry e Ron subiram para o quarto de Ron no sótão, onde tinha sido montada uma cama de campismo para Harry.

Ron adormeceu quase imediatamente, mas Harry procurou no malão o seu exemplar de *Preparação de Poções: Nível Avançado*, antes de se

deitar. Folheou-o, à procura, até que acabou por encontrar, na parte da frente do livro, a data em que tinha sido publicado. Tinha quase cinquenta anos. Nem o seu pai, nem os amigos do seu pai, estavam em Hogwarts há cinquenta anos. Desiludido, atirou o livro para dentro do malão, apagou o candeeiro e virou-se, pensando em lobisomens, Snape, Stan Shunpike e o Príncipe Meio-Sangue até acabar por cair num sono agitado, cheio de sombras arrepiantes e gritos de crianças mordidas...

— Ela só pode estar a brincar...

Harry acordou sobressaltado e deu com uma meia cheia de presentes aos pés da cama. Pôs os óculos e olhou à sua volta; a pequena janela estava quase completamente tapada com neve e, à frente dela, estava Ron, sentado muito direito na cama a examinar o que parecia ser um grosso fio de ouro.

— O que é isso? — perguntou Harry.

— É da Lavender — respondeu Ron, aparentemente revoltado. — Não acredito que ela ache que eu vou usar...

Harry olhou com mais atenção e deixou escapar uma gargalhada. Penduradas no fio estavam, em grandes letras de ouro, as palavras «Meu Amorzinho».

— É bonito — disse. — Tem classe. Devias usá-lo quando estiveres com o Fred e o George.

— Se lhes contares — ameaçou Ron, escondendo o fio debaixo da almofada —, eu... eu... nem sei...

— Pára de gaguejar! — disse Harry, com um sorriso rasgado. — Achas que eu faria isso?

— Como é que ela pôde pensar que eu ia gostar duma coisa destas? — perguntou Ron, com um ar chocado.

— Pensa bem — sugeriu Harry. — Alguma vez deste a entender que gostarias de andar em público com as palavras «Meu Amorzinho» à volta do pescoço?

— Bem... nós não falamos muito — respondeu Ron. — É mais...

— Curtir — concluiu Harry.

— É mais ou menos isso — admitiu Ron. Hesitou por um momento e depois perguntou: — A Hermione anda mesmo com o McLaggen?

— Não sei — respondeu Harry. — Foram juntos à festa do Slughorn, mas acho que não correu lá muito bem.

Ron mostrou-se ligeiramente mais animado ao ver as outras coisas que estavam na sua meia.

Entre os presentes de Harry encontravam-se uma camisola com uma grande *snitch* dourada bordada à frente, que tinha sido feita à mão por Mrs. Weasley, uma caixa grande cheia de Magias Mirabolantes dos Weasley

oferecida pelos gémeos, e um embrulho ligeiramente húmido, a cheirar a bafio, com uma etiqueta a dizer «Para o Amo, do Kreacher».

— Achas que é seguro abrir? — perguntou Harry, olhando espantado para o embrulho.

— Não pode ser nada de perigoso. Todo o nosso correio é inspeccionado pelo Ministério — respondeu Ron, embora estivesse a olhar para o pacote com um ar desconfiado.

— Não me passou pela cabeça dar nada ao Kreacher! É costume dar prendas aos nossos elfos? — perguntou Harry, dando umas pancadinhas cuidadosas no embrulho.

— A Hermione daria — disse Ron. — Mas vamos ver o que é antes de começares a sentir-te culpado.

Passado um momento, já Harry tinha soltado um grito e saltado da cama; dentro do embrulho havia uma enorme quantidade de larvas.

— Que máximo! — exclamou Ron, com grandes gargalhadas. — Foi muito atencioso.

— Prefiro isto a esse fio — disse Harry, fazendo com que Ron parasse imediatamente de rir.

Quando se sentaram à mesa para o almoço de Natal, toda a gente tinha camisolas novas, excepto Fleur (aparentemente, Mrs. Weasley não tinha querido desperdiçar uma com ela) e Mrs. Weasley, que trazia um chapéu de feiticeira novinho em folha, azul-meia-noite, que brilhava com algo que parecia ser uns diamantes minúsculos em forma de estrela, e um colar de ouro espectacular.

— Foram o Fred e o George que mos deram! Não são lindos?

— Gostamos cada vez mais de si, mãe, agora que já somos nós a lavar as nossas próprias meias — disse George, acenando a mão com um gesto airoso. — Rabanetes, Remus?

— Harry, tens uma larva no cabelo — observou Ginny, muito contente, debruçando-se sobre a mesa para lhe tirar; Harry sentiu o pescoço ficar com pele de galinha, mas não por causa da larva.

— Que horrrr! — exclamou Fleur, com um estremecimento ligeiro e afectado.

— Pois é, não é? — disse Ron. — Queres molho, Fleur?

Na ânsia de a servir, bateu na molheira, que foi pelo ar. Bill acenou a varinha, e o molho subiu ao ar e voltou mansamente à molheira.

— És tão desastrado como a Tonks — disse Fleur a Ron, depois de acabar de cobrir Bill de beijos de agradecimento. — Ela está sempre a bater...

— Também convidei a querida Tonks para vir cá hoje — interveio Mrs.

Weasley, pousando as cenouras com uma força desnecessária e lançando um olhar feroz a Fleur. — Mas ela não pôde vir. Tens falado com ela, Remus?

— Não, não tenho falado com ninguém — respondeu Lupin. — Mas a Tonks tem a família dela, não tem?

— Hum, talvez — disse Mrs. Weasley. — Por acaso, fiquei com a sensação de que ela estava a planejar passar o Natal sozinha.

Lançou um olhar aborrecido a Lupin, como se fosse por culpa dele que ia ter Fleur por nora em vez de Tonks; mas Harry, olhando para Fleur, que estava a dar a Bill bocadinhos de peru com o seu garfo, achou que Mrs. Weasley andava a travar uma guerra há muito perdida. No entanto, lembrou-se de uma pergunta que queria fazer relacionada com Tonks, e quem melhor para lhe responder que Lupin, o homem que sabia tudo sobre Patronus?

— O Patronus da Tonks mudou de forma — disse-lhe Harry. — Pelo menos, foi o que o Snape disse. Não sabia que isso podia acontecer. Por que é que o nosso Patronus há-de mudar?

Lupin mastigou calmamente o peru e engoliu antes de responder devagar:

— Às vezes... um grande choque... uma convulsão emocional...

— Era uma coisa grande e tinha quatro patas — disse Harry e, assaltado por um pensamento repentino, baixou a voz e acrescentou: — Eh... não pode ser...?

— Arthur! — gritou de repente Mrs. Weasley. Tinha-se levantado da cadeira, com a mão sobre o coração e estava a olhar fixamente pela janela da cozinha. — Arthur... é o Percy!

— *O quê?*

Mr. Weasley voltou-se. Toda a gente se precipitou a olhar para a janela; Ginny levantou-se para ver melhor. Era verdade: Percy Weasley vinha a atravessar o pátio coberto de neve, com os seus óculos de massa a reluzirem ao sol. Mas não vinha sozinho.

— Arthur, ele... ele vem com o Ministro!

Não havia dúvidas: o homem que Harry tinha visto n' *O Profeta Diário* vinha atrás de Percy, a coxear ligeiramente, com a sua cabeleira grisalha e a sua capa negra salpicadas de neve. Antes que alguém pudesse dizer fosse o que fosse, antes mesmo que Mr. e Mrs. Weasley pudessem fazer mais que trocar olhares admirados, a porta das traseiras abriu-se, e Percy apareceu.

Seguiu-se um momento de silêncio doloroso. Depois Percy desejou, com algum constrangimento:

— Feliz Natal, mãe.

— Oh, *Percy*! — exclamou Mrs. Weasley, lançando-se nos braços dele. Rufus Scrimgeour parou à porta, apoiado na bengala, a sorrir perante aquela cena afectuosa.

— Desculpe esta intrusão — disse, quando Mrs. Weasley olhou para ele, a sorrir e a enxugar os olhos. — Eu e o *Percy* estávamos aqui perto, a trabalhar, e ele não resistiu a aparecer para vos ver.

Todavia, *Percy* não deu qualquer sinal de tencionar cumprimentar o resto da família. Ficou parado, direito como um fuso e com uma expressão estranha, olhando fixamente por cima da cabeça de toda a gente. Mr. Weasley, Fred e George estavam a observá-lo, de rosto petrificado.

— Faça favor de entrar e de se sentar, Senhor Ministro! — disse Mrs. Weasley, muito agitada, endireitando o chapéu. — Coma um bocadinho de parne ou cudim ... quer dizer...

— Não, não, minha querida Molly — respondeu Scrimgeour. Harry calculou que ele tivesse perguntado o nome dela a *Percy* antes de entrarem. — Não quero incomodar. Não estaria aqui, se não fosse o *Percy* ter tanta vontade de vos ver...

— Oh, *Percy*! — exclamou Mrs. Weasley de novo, a choramingar, e esticando-se para lhe dar um beijo.

— Só temos cinco minutos, por isso vou dar uma volta pelo pátio, enquanto põe a conversa em dia com o *Percy*. Não, não quero intrometer-me! Se alguém quisesse dar-se ao incómodo de me mostrar o seu jardim encantador... aquele jovem já acabou, podia vir comigo.

O ambiente mudou consideravelmente à volta da mesa. Toda a gente desviou o olhar de Scrimgeour para Harry. Ninguém parecia estar convencido de que Scrimgeour não soubesse o nome de Harry, nem achar natural que fosse ele o escolhido para acompanhar o Ministro no seu passeio pelo jardim, quando Ginny, Fleur e George também já tinham acabado de comer.

— Está bem — acedeu Harry, quebrando o silêncio.

Não se deixou iludir; apesar de Scrimgeour insistir em dizer que tinham passado ali por acaso e de que *Percy* queria ver a família, devia ser aquela a principal razão da sua vinda, para que Scrimgeour pudesse falar com Harry a sós.

— Está tudo bem — disse, em voz baixa, quando passou por Lupin, que se tinha soerguido na cadeira. — Tudo bem — acrescentou, quando viu Mr. Weasley abrir a boca para falar.

— Excelente! — exclamou Scrimgeour, afastando-se para dar passagem a Harry. — Vamos só dar uma volta pelo jardim, e depois eu e o *Percy* vamos embora. Continuem!

Harry atravessou o pátio em direcção ao jardim descuidado e coberto de neve dos Weasley, com Scrimgeour a coxear ligeiramente ao seu lado. Sabia que ele tinha sido Chefe do Departamento dos Aurors; tinha um ar duro e marcado pelas batalhas, muito diferente do majestoso Fudge com o seu chapéu de coco.

— Encantador — comentou Scrimgeour, parando junto da cerca do jardim e olhando para o relvado cheio de neve e para as plantas, que não conseguiam distinguir-se umas das outras. — Encantador.

Harry não disse nada. Tinha a certeza de que Scrimgeour estava a observá-lo.

— Já há muito tempo que queria encontrar-me contigo — confessou Scrimgeour ao fim de algum tempo. — Sabias disso?

— Não — respondeu Harry sinceramente.

— É verdade. Há já muito tempo. Mas o Dumbledore protege-te muito. É natural, claro, natural, depois de tudo por que passaste... sobretudo aquilo que aconteceu no Ministério... — Esperou que Harry dissesse alguma coisa, mas, perante o seu silêncio, continuou: — Estava à espera de uma ocasião para falar contigo desde que ocupei o cargo, mas o Dumbledore... compreensivelmente, como já disse, impediu que isso acontecesse.

Harry continuou sem dizer nada, à espera.

— Os boatos que têm circulado! — disse Scrimgeour. — Bem, está claro que sabemos ambos como essas histórias acabam por ficar distorcidas... tantos rumores sobre uma profecia... de seres «O Eleito»...

Harry pensou que estavam finalmente a chegar à verdadeira razão da visita de Scrimgeour.

— ... Presumo que o Dumbledore tenha discutido essas questões contigo?

Harry ficou a pensar se deveria mentir ou não. Olhou para as pequenas pegadas de gnomos sobre os canteiros e para o solo revolvido no sítio onde Fred tinha apanhado o gnomos que estava agora de tutu no cimo da árvore de Natal. Por fim, decidiu-se pela verdade... ou, pelo menos, uma parte dela.

— Sim, falámos disso.

— Ah, falaram... — disse Scrimgeour. Harry viu, pelo canto do olho, que Scrimgeour olhava para ele de soslaio e, por isso, fingiu estar muito interessado num gnomos que acabara de espreitar de um rododendro gelado.

— E o que é que o Dumbledore te disse, Harry?

— Lamento muito, mas isso fica entre nós — respondeu Harry no tom mais cordial que foi capaz.

Foi também num tom ligeiro e amigável que Scrimgeour disse:

— Ah, claro, se é uma questão confidencial, também não quero que divulgues... não, não... e, seja como for, será mesmo importante que sejas ou não «O Eleito»?

Harry teve de pensar alguns segundos antes de responder.

— Não estou a perceber o que quer dizer, Senhor Ministro.

— É óbvio que *para ti é terrivelmente importante* — disse Scrimgeour com uma gargalhada. — Mas para a comunidade de feiticeiros no seu conjunto... é uma questão de percepção, não é? O importante é o que as pessoas acham.

Harry não disse nada. Pareceu-lhe ver mais ou menos aonde Scrimgeour queria chegar, mas não ia ajudá-lo. O gnomo que estava por baixo do rododendro escavava agora a raiz à procura de minhocas, e Harry manteve o olhar fixo nele.

— As pessoas estão convencidas de que és «O Eleito», estás a ver — prosseguiu Scrimgeour. — Acham que és um herói, e é claro que és, Harry, sejas ou não eleito! Quantas vezes já estiveste frente a frente com Aquele Cujo Nome Não Deve Ser Pronunciado? Bem, seja como for — insistiu, sem esperar pela resposta —, a questão é que és um símbolo de esperança para muitos, Harry. A ideia de que há alguém que pode conseguir, que pode até estar *destinado* a destruir Aquele Cujo Nome Não Deve Ser Pronunciado... é claro que isso anima as pessoas. E não consigo deixar de crer que, quando te aperceberes disso, irás considerar ser quase, bem, quase um dever, apoiares o Ministério e dar um encorajamento a toda a gente.

O gnomo tinha acabado de conseguir apanhar uma minhoca. Estava a puxá-la com toda a força para tentar desenterrá-la do chão gelado. Harry ficou tanto tempo em silêncio que Scrimgeour comentou, desviando o olhar de Harry para o gnomo:

— São umas coisinhas engraçadas, não são? Mas, então, o que é que dizes, Harry?

— Não estou a perceber bem o que quer — afirmou Harry, devagar. — «Apoiar o Ministério»... o que é que isso quer dizer?

— Ah, nada de muito complicado, garanto-te. Se, por exemplo, fosses visto a entrar e a sair do Ministério de vez em quando, isso daria a impressão adequada. E, claro, enquanto lá estivesses, terias imensas oportunidades de falar com o Gawain Robards, o meu sucessor como Chefe do Departamento dos Aurors. A Dolores Umbridge disse-me que tu tens uma certa ambição de vir a ser Auror. Isso arranjava-se facilmente...

Harry sentiu um nó de raiva no estômago: com que então, a Dolores Umbridge continuava no Ministério?

— Portanto, basicamente — disse, como se quisesse clarificar apenas alguns pormenores —, gostava de dar a ideia de que eu estou a trabalhar para o Ministério?

— Daria muito ânimo a toda a gente pensar que estás mais envolvido, Harry — respondeu Scrimgeour, parecendo aliviado por Harry ter concordado tão depressa. — «O Eleito», percebes? É só uma questão de dar esperança às pessoas, de lhes transmitir a sensação de que estão a acontecer coisas excitantes...

— Mas se eu passar a vida a entrar e a sair do Ministério — continuou Harry, esforçando-se por manter um tom de voz simpático —, isso não vai dar a ideia de que eu aprovo o que o Ministério anda a fazer?

— Bem — disse Scrimgeour, franzindo ligeiramente a testa —, em parte era por isso que nós gostávamos que...

— Não, acho que não vai resultar — concluiu Harry, num tom prazenteiro. — Sabe, é que eu não gosto de certas coisas que o Ministério anda a fazer. Como por exemplo, prender o Stan Shunpike.

Scrimgeour ficou algum tempo sem dizer nada, mas a sua expressão endureceu instantaneamente.

— Não estava à espera de que compreendesses — disse, sem ter tanto êxito em suprimir a raiva da voz como Harry tivera. — Vivemos num tempo perigoso, e há certas medidas que é preciso tomar. Tens dezasseis anos...

— O Dumbledore tem muito mais de dezasseis anos e também não acha que o Stan deva estar em Azkaban. O senhor está a querer fazer do Stan um bode expiatório, tal como quer fazer de mim uma mascote.

Olharam um para o outro demoradamente e com uma expressão dura. Por fim, Scrimgeour disse, sem qualquer pretensão de amabilidade:

— Estou a ver. Preferes dissociar-te do Ministério, como o teu herói Dumbledore?

— Não quero ser usado — disse Harry.

— Há quem pense que a tua obrigação é seres usado pelo Ministério!

— Pois é. E há quem pense que o seu dever é confirmar se as pessoas são mesmo Devoradores da Morte antes de as meter na prisão — contrapôs Harry, agora mais irritado. — Está a fazer o mesmo que o Barty Crouch fez. Vocês nunca acertam, pois não? Ou temos o Fudge, a fingir que está tudo muito bem, enquanto as pessoas são assassinadas mesmo por baixo do nariz dele, ou o temos a si, a meter quem não deve na prisão e a querer fingir que tem «O Eleito» a trabalhar para si!

— Então não és «O Eleito»? — perguntou Scrimgeour.

— Pensava que tinha dito que tanto fazia — retorquiu Harry, com uma

gargalhada amarga. — Mas para si não, pois não?

— Não devia ter dito isso — corrigiu Scrimgeour rapidamente. — Foi uma falta de tacto...

— Não, foi honesto — disse Harry. — Uma das únicas coisas honestas que me disse. Tanto lhe faz que eu viva ou morra, mas quer que o ajude a convencer toda a gente de que está a ganhar a guerra contra o Voldemort. Não me esqueci, Senhor Ministro...

Ergueu o punho direito. Lá estavam, delineadas a branco nas costas da sua mão fria, as cicatrizes das palavras que Dolores Umbridge o obrigara a gravar na sua própria carne: *Não devo dizer mentiras*.

— Não me lembro de ter ocorrido em minha defesa, quando tentei dizer a toda a gente que o Voldemort tinha voltado. No ano passado, o Ministério não estava tão interessado na minha amizade.

Abateu-se sobre eles um silêncio tão gelado como o chão debaixo dos seus pés. O gnomo tinha finalmente conseguido desenterrar a minhoca e estava a chupá-la com um ar muito feliz, encostado aos ramos mais baixos do rododendro.

— O que é que o Dumbledore anda a fazer? — perguntou Scrimgeour de rompante. — Aonde é que ele vai quando se ausenta de Hogwarts?

— Não faço ideia — respondeu Harry.

— E mesmo que soubesses, não me dízias, pois não? — observou Scrimgeour.

— Não, não dizia.

— Bem, então vou ter de ver se consigo descobrir por outros meios.

— Pode tentar — ripostou Harry, com indiferença. — Mas parece-me mais inteligente que o Fudge e, por isso, pensava que tinha aprendido com os erros dele. Ele tentou interferir em Hogwarts. Talvez já tenha reparado que ele já não é Ministro, mas que o Dumbledore continua a ser Director. No seu lugar, deixava o Dumbledore em paz.

Seguiu-se uma longa pausa.

— Bem, é evidente que ele fez um bom trabalho contigo — disse Scrimgeour, com uma expressão fria e dura nos olhos por detrás dos óculos de metal. — Fiel ao Dumbledore da cabeça aos pés, não és, Potter?

— Sou — respondeu Harry. — Ainda bem que deixámos isso bem claro.

E, virando as costas ao Ministro da Magia, voltou para casa.

XVII

UMA MEMÓRIA VAGAROSA

Alguns dias depois do Ano Novo, Harry, Ron e Ginny alinharam-se junto à lareira da cozinha ao fim da tarde para regressarem a Hogwarts. O Ministério tinha organizado uma ligação especial com a Rede de Pó de Floo para transportar os alunos rapidamente e em segurança de regresso à escola. Apenas Mrs. Weasley se encontrava em casa para se despedir deles, pois Mr. Weasley, Fred, George, Bill e Fleur estavam todos a trabalhar. Mrs. Weasley desatou a chorar no momento da partida. Visivelmente, nos últimos tempos bastava qualquer coisinha para a emocionar; desde que Percy se tinha ido embora, furioso, no Dia de Natal, com os óculos salpicados de puré de beterraba (por culpa de Fred, George e Ginny) aparecia, de vez em quando, com lágrimas nos olhos.

— Não chore, mãe — disse Ginny, dando-lhe palmadinhas nas costas, enquanto Mrs. Weasley soluçava com a cabeça no ombro dela. — Vai correr tudo bem...

— Pois vai. Não se preocupe connosco — insistiu Ron, deixando que a mãe lhe plantasse um beijo encharcado na bochecha —, nem com o Percy. Ele é um parvo, não se perde grande coisa, pois não?

Mrs. Weasley soluçou ainda mais ao abraçar Harry.

— Promete-me que vais cuidar bem de ti... não te metas em sarilhos.

— É o que eu faço sempre, Mrs. Weasley — respondeu Harry. — Gosto de ter uma vida tranquila, já sabe como eu sou.

Ela soltou um riso abafado por entre as lágrimas e afastou-se.

— Portem-se bem, todos...

Harry entrou para o fogo esmeralda e gritou: «Hogwarts!». Ainda viu uma última vez a cozinha dos Weasley e o rosto de Mrs. Weasley lavado em lágrimas antes de ser engolido pelas chamas; rodopiando muito depressa, vislumbrou outras salas de feiticieiros, que desapareciam de vista antes de conseguir distinguir o que quer que fosse; depois começou a

abrandar, até aterrar em cheio na lareira do gabinete da Professora McGonagall, que quase nem levantou os olhos do que estava a fazer quando ele, com esforço, conseguiu passar por cima da grade.

— Boa tarde, Potter. Tenta não deitar muitas cinzas para a carpete.

— Está bem, professora.

Harry endireitou os óculos e alisou o cabelo, no momento em que Ron apareceu a rodopiar. Depois de Ginny chegar, saíram juntos do gabinete da Professora McGonagall, dirigindo-se para a Torre dos Gryffindor. Harry foi espreitando pelas janelas do corredor: o Sol já estava a pôr-se sobre os campos cobertos com uma camada mais espessa de neve do que a que cobrira o jardim d'A Toca. Ao longe, viu Hagrid a dar de comer a *Buckbeak* à frente da sua cabana.

— Bugigangas — disse Ron num tom confiante, quando chegaram ao pé da Dama Gorda, que estava mais pálida do que era habitual e estremeceu por ele ter falado tão alto.

— Não — retorquiu.

— Não como?

— Há uma palavra-passe nova — esclareceu. — E, por favor, não gritem.

— Mas nós estivemos fora, como é que podíamos...?

— Harry! Ginny!

Hermione vinha a correr na sua direcção, com as faces muito rosadas, de capa, chapéu e luvas.

— Já cheguei há umas horas. Fui visitar o Hagrid e o *Buck*... quer dizer, o *Witherwings* — disse, ofegante. — O vosso Natal foi bom?

— Foi — respondeu Ron de imediato. — Cheio de acontecimentos. O Rufus Scrim...

— Tenho uma coisa para ti, Harry — disse Hermione, sem olhar para Ron nem dar qualquer sinal de que o tinha ouvido. — Ah, esperem... a palavra-passe. Abstinência.

— Exactamente — confirmou a Dama Gorda numa voz débil, e balançou para a frente, pondo a descoberto o buraco do retrato.

— O que é que ela tem? — perguntou Harry.

— Parece que abusou no Natal — esclareceu Hermione, revirando os olhos ao entrar na sala comum, cheia de gente. — Ela e a sua amiga Violet beberam o vinho todo do quadro dos monges embriagados no corredor dos Encantamentos. Bem, não interessa...

Remexeu o bolso por um momento e depois tirou um rolo de pergaminho escrito com a letra de Dumbledore.

— Ótimo — disse Harry, desenrolando-o imediatamente e descobrindo

que a sua próxima lição com Dumbledore estava marcada para a noite seguinte. — Tenho montes de coisas para lhe contar... e a ti também. Vamos sentar-nos...

Porém, nesse momento, ouviu-se um grito agudo de «Ronron!», e Lavender Brown apareceu não se sabe de onde e atirou-se para os braços de Ron. Alguns dos presentes riram à socapa; Hermione soltou uma sonora gargalhada e disse:

— Está ali uma mesa... Vens, Ginny?

— Não, obrigada, prometi ir ver o Dean — respondeu Ginny, e Harry não pôde deixar de reparar que o seu tom não era muito entusiástico. Deixando Ron e Lavender entregues a uma espécie de combate de luta livre na vertical, Harry foi com Hermione para a mesa que estava vaga.

— Então, como foi o teu Natal?

— Foi bom — disse Hermione, encolhendo os ombros. — Nada de especial! E como é que correram as coisas em casa do Ronron?

— Já te conto — retorquiu Harry. — Ouve, Hermione, não podes...?

— Não, não posso — atalhou, terminantemente. — Por isso, nem peças.

— Pensei que talvez, sabes, durante o Natal...

— Foi a Dama Gorda quem bebeu uma pipa de vinho com quinhentos anos, Harry, não fui eu. Então, que notícia importante é que tinhas para me dar?

A sua expressão feroz sugeria que não era uma boa altura para discutir e, por isso, Harry deixou cair o assunto de Ron e contou a conversa que tinha ouvido entre Malfoy e Snape.

Quando acabou, Hermione ficou a pensar por um momento e depois disse:

— Não achas que...

— ... que ele estava a fingir que queria ajudar só para levar o Malfoy a contar-lhe o que anda a fazer?

— Sim — confirmou Hermione.

— O pai do Ron e o Lupin são da mesma opinião — aquiesceu Harry de má vontade. — Mas isso é a prova de que o Malfoy anda a planear qualquer coisa. Isso não podes negar.

— Pois não — respondeu Hermione lentamente.

— E está a agir por ordem do Voldemort, tal como eu disse.

— Hum... algum deles mencionou o nome do Voldemort?

Harry franziu a testa, tentando lembrar-se.

— Não tenho a certeza... Sei que o Snape disse «o teu amo» e quem mais poderia ser?

— Não sei — disse Hermione, mordendo o lábio. — Talvez o pai dele?

Olhou para o outro lado da sala, aparentemente perdida nos seus pensamentos, sem sequer reparar que Lavender estava a fazer cócegas a Ron. — Como é que está o Lupin?

— Nada bem — informou Harry, e contou-lhe a missão de Lupin entre os lobisomens e as dificuldades por que estava a passar. — Já tinhas ouvido falar desse tal Fenrir Greyback?

— Já! — exclamou Hermione, admirada. — E tu também, Harry!

— Quando, em História da Magia? Sabes perfeitamente que nunca ouvi...

— Não, não foi em História da Magia. Foi o Malfoy quem falou nele para ameaçar o Borgin! Na Rua Bativolta, não te lembras? Disse ao Borgin que o Greyback era um velho amigo de família e que iria informar-se sobre os progressos do Borgin!

Harry ficou a olhar para ela, embasbacado.

— Esqueci-me! Mas isso *prova* que o Malfoy é um Devorador da Morte. Se não, como poderia ter contactado com o Greyback e dizer-lhe o que havia de fazer?

— É muito suspeito — sussurrou Hermione. — A menos que...

— Vá lá! — exclamou Harry, desesperado. — Não te safas desta!

— Bem... há a possibilidade de ser uma ameaça sem fundamento.

— És incrível, és mesmo — disse Harry, abanando a cabeça. — Vamos ver quem tem razão... Hás-de engolir o que disseste, Hermione, tal como o Ministro. Ah, a propósito, também tive uma discussão com o Rufus Scrimgeour...

E passaram amigavelmente o resto da tarde a dizer mal do Ministro da Magia, pois Hermione pensava, tal como Ron, que depois de tudo o que o Ministério tinha feito Harry passar no ano anterior, era preciso muito descaramento para vir agora pedir-lhe ajuda.

O novo período escolar começou na manhã seguinte com uma surpresa agradável para os alunos do sexto ano: durante a noite tinha sido posto um grande cartaz no quadro de avisos da sala comum.

LIÇÕES DE APARIÇÃO

Se tens dezassete anos, ou fazes dezassete anos até 31 de Agosto, podes candidatar-te a um curso de doze semanas de Aparição com um Instrutor da Aparição Mágica do Ministério.

Se queres participar, assina abaixo.

Preço: 12 Galeões

Harry e Ron juntaram-se ao magote que se acotovelava à volta do cartaz, escrevendo um a um os seus nomes. Ron estava à procura da sua pena para assinar a seguir a Hermione, quando Lavender, que se tinha aproximado dele em silêncio, lhe tapou os olhos com as mãos e perguntou, com um trinado: «Adivinha quem é, Ronron?» Harry voltou-se e viu Hermione afastar-se com um ar altivo; foi ter com ela, pois não tinha o mínimo desejo de ficar com Ron e Lavender, mas, para sua admiração, Ron apanhou-os quando iam quase a chegar ao buraco do retrato, com as orelhas muito vermelhas e uma expressão carrancuda. Sem dizer nada, Hermione adiantou o passo para fazer companhia a Neville.

— Com que então... Aparecer — comentou Ron, com um tom de voz que pretendia deixar bem claro a Harry que não devia referir-se ao que acabara de acontecer. — Deve ser divertido, não deve?

— Não sei — respondeu Harry. — Talvez seja melhor quando somos nós a fazê-los por nós próprios. Não gostei muito quando o Dumbledore me levou com ele.

— Esqueci-me de que já tinhas experimentado... É bom que passe à primeira — disse Ron, com um ar ansioso. — O Fred e o George passaram.

— Mas o Charlie chumbou, não foi?

— Foi, mas o Charlie é maior que eu. — Ron estendeu os braços como se fosse um gorila. — Por isso, o Fred e o George não falaram muito disso... pelo menos na frente dele...

— Quando é que podemos fazer o teste?

— Assim que fizermos dezassete anos. Eu só faço em Março!

— Pois é, mas não podes Aparecer aqui, pelo menos no castelo...

— Não é isso que está em causa, pois não? Toda a gente ficaria a saber que eu *podia* Aparecer, se quisesse.

Ron não era o único que estava entusiasmado com a perspectiva do curso de Aparição. Durante todo o dia falou-se imenso das lições que iriam ter. O facto de se ser capaz de Aparecer e Desaparecer à vontade conferia um estatuto especial.

— Vai ser tão fixe quando pudermos... — disse Seamus, estalando os dedos para dar a ideia de que teria Desaparecido. — O meu primo Fergus faz isso só para embirrar comigo. Ele que espere até eu poder fazer o mesmo... Nunca mais vai ter um momento de descanso...

Extasiado com as visões dessa perspectiva feliz, agitou a varinha com demasiado entusiasmo, e em vez de produzir a fonte de água pura, que era o objectivo da lição de Encantamentos desse dia, fez sair um jorro de mangueira que fez ricochete no tecto e acertou em cheio na cara do Professor Flitwick.

— O Harry já Apareceu — disse Ron a um Seamus algo envergonhado, depois de o Professor Flitwick se ter secado com um aceno da varinha e ter posto Seamus de castigo a escrever «*Sou um feiticeiro e não um macaco a acenar com um pau*». O Dum... hã... levaram-no. Numa Aparição-Acompanhada, estás a ver?

— Uau! — exclamou Seamus em surdina, e aproximou mais a cabeça, tal como Dean e Neville, para ouvir como era Aparecer. Durante o resto do dia, Harry foi matraqueado com pedidos dos outros alunos do sexto ano para que lhes descrevesse a sensação de Aparecer. Todos eles pareciam atemorizados quando lhes contava como era desconfortável, mas não desanimavam. Às dez para as oito ainda estava a responder a perguntas detalhadas, e foi obrigado a mentir, dizendo que tinha de ir devolver um livro à biblioteca, para poder ir à lição com Dumbledore.

Os candeeiros do gabinete do director estavam acesos, os retratos dos antigos reitores ressonavam suavemente nas molduras, e o Pensatório já repousava, preparado, uma vez mais em cima da secretária. As mãos de Dumbledore estavam pousadas uma de cada lado da taça, a direita tão enegrecida e com um ar tão queimado como sempre. Parecia não ter melhorado nada, e Harry pensou, talvez pela centésima vez, o que teria causado um ferimento tão estranho, mas não perguntou; Dumbledore tinha dito que ele acabaria por saber e, aliás, havia outro assunto sobre o qual queria falar. Mas antes de Harry poder dizer o que quer que fosse sobre Snape e Malfoy, foi Dumbledore quem falou.

— Ouvi dizer que te encontraste com o Ministro da Magia no Natal?

— Pois foi — disse Harry. — Ele não está muito contente comigo.

— Pois não — suspirou Dumbledore. — Também não está muito satisfeito comigo. Temos de tentar não nos afundarmos na nossa angústia e continuar a lutar, Harry.

— Ele queria que eu dissesse à comunidade de feiticeiros que o Ministério está a fazer um ótimo trabalho — elucidou Harry com um sorriso irónico.

— A ideia começou por ser do Fudge, sabes? Nos seus últimos tempos no Ministério, quando estava a tentar desesperadamente manter o seu posto, tentou encontrar-se contigo, na esperança de que o apoiasses...

— Depois de tudo o que o Fudge fez no ano passado!? — exclamou Harry, zangado. — Depois do que aconteceu com a *Umbridge*?

— Disse ao Cornelius que não havia a mínima hipótese de isso acontecer, mas a ideia não morreu depois de ele deixar o Ministério. Poucas horas após a nomeação do Scrimgeour, reunimo-nos, e ele exigiu-me que arranjasse maneira de ele se encontrar contigo...

— Então, foi por isso que discutiram! — proferiu Harry, abruptamente.
— Veio n' *O Profeta Diário*.

— De vez em quando *O Profeta* tem de dizer a verdade — ironizou Dumbledore —, nem que seja por acaso. Sim, foi por isso que discutimos. Bem, parece que o Rufus arranjou finalmente maneira de te encostar à parede.

— Acusou-me de ser «fiel ao Dumbledore da cabeça aos pés».

— Não foi nada bonito da parte dele.

— E eu disse-lhe que era.

Dumbledore abriu a boca para falar, mas tornou a fechá-la. Atrás de Harry, *Fawkes*, a fénix, soltou um grito musical, baixo e suave. Profundamente embaraçado, Harry reparou que os olhos azuis e brilhantes de Dumbledore estavam rasos de água, e dirigiu rapidamente o olhar para os seus próprios joelhos. No entanto, quando Dumbledore falou, fê-lo com uma voz firme.

— Fico muito comovido, Harry.

— O Scrimgeour queria saber aonde vai quando não está em Hogwarts — disse Harry, ainda a olhar fixamente para os joelhos.

— Pois é. Ele é muito bisbilhoteiro em relação a isso — corroborou Dumbledore, num tom mais animado, e Harry achou que já era seguro voltar a olhar para cima. — Até tentou mandar-me seguir. Foi muito engraçado. Pôs o Dawlish atrás de mim. Não era nada agradável. Já fui obrigado a enfeitá-lo uma vez. Custou-me muito, mas tive de tornar a fazê-lo.

— Então, continuam sem saber aonde vai? — perguntou Harry, na esperança de obter mais informações sobre aquela questão intrigante, mas Dumbledore limitou-se a sorrir por cima dos seus óculos em meia-lua.

— Continuam, e também não é o momento certo para tu saberes. Agora, sugiro que avancemos, a menos que haja mais alguma coisa...?

— Por acaso há, professor — disse Harry. — É sobre o Malfoy e o Snape.

— O *Professor* Snape, Harry.

— Pois, professor. Ouvi-os a falar na festa do Professor Slughorn... bem, para dizer a verdade, segui-os...

Dumbledore ouviu a história de Harry com uma expressão impassível. Quando Harry acabou de falar, continuou em silêncio por alguns instantes e depois disse:

— Obrigado por me contares, Harry, mas sugiro que tires isso da cabeça. Não acho que seja nada de importante.

— Nada de importante? — repetiu Harry sem querer acreditar. —

Professor, percebeu...?

— Percebi, Harry, abençoado como sou com um cérebro extraordinário. Percebi tudo o que me disseste — afirmou Dumbledore, com alguma brusquidão. — Acho que devias até considerar a possibilidade de eu ter percebido mais que tu. Deixa-me que te diga mais uma vez que estou contente por teres confiado em mim, mas garanto-te que não me disseste nada que me cause inquietação.

Harry permaneceu num silêncio agitado, a olhar fixamente para Dumbledore. O que estaria a acontecer? Queria aquilo dizer que Dumbledore tinha, de facto, ordenado a Snape que descobrisse o que Malfoy andava a fazer? Se assim fosse, já teria ouvido por Snape tudo o que ele tinha acabado de lhe dizer? Ou estaria preocupado com as notícias e estava a fingir que não estava?

— Então, professor — disse Harry numa voz que pretendia passar por calma e educada —, definitivamente continua a confiar...

— Já fui suficientemente tolerante em relação a essa pergunta — retorquiu Dumbledore, num tom já não muito tolerante. — A minha resposta não mudou.

— Não seria de prever que mudasse — disse uma voz de falsete; era evidente que Phineas Nigellus estava a fingir que dormia. Dumbledore ignorou-o.

— Agora, Harry, tenho de insistir para que avancemos. Há coisas mais importantes para discutir contigo esta noite.

Harry continuou sentado, mas sentia-se revoltado. O que aconteceria se se recusasse a mudar de assunto, se insistisse em defender o seu ponto de vista contra Malfoy? Como se tivesse lido os pensamentos de Harry, Dumbledore abanou a cabeça.

— Ah, Harry, quantas vezes isto acontece, mesmo entre grandes amigos! Cada um acha que o que tem a dizer é muito mais importante que qualquer coisa que o outro possa dizer!

— Não me parece que o que o senhor tenha a dizer não seja importante, professor — contrapôs Harry, com firmeza.

— Tens razão, porque é — ripostou Dumbledore rapidamente. — Tenho mais duas recordações para te mostrar esta noite, ambas obtidas com enorme dificuldade, e a segunda, acho que é a mais importante que recolhi até hoje.

Harry não disse nada; continuava a sentir-se zangado com a forma como as suas confidências tinham sido recebidas, mas não estava a ver que pudesse ganhar muito em continuar a discutir.

— Portanto — começou Dumbledore, elevando a voz —, o objectivo do

nosso encontro desta noite é continuar a história do Tom Riddle, que na última lição deixámos no limiar da sua entrada para Hogwarts. Lembra-te de como ele estava excitado por lhe terem dito que era feiticeiro, de que tinha recusado a minha companhia numa viagem à Diagon-Al, e de que eu, por minha vez, o precavi contra os roubos, quando chegasse à escola.

«Bem, aproximou-se o início do ano lectivo, e com ele chegou Tom Riddle, um rapaz sossegado, com mantos em segunda mão, que teve de se alinhar com os outros alunos do primeiro ano para saber em que equipa ficava. Foi colocado nos Slytherin, quase no preciso momento em que o Chapéu Seleccionador lhe tocou na cabeça — continuou Dumbledore, acenando com a mão mirrada para a prateleira por cima da sua cabeça, onde estava o Chapéu Seleccionador, velho e imóvel. — Não sei quando é que o Riddle descobriu que o famoso fundador da equipa conseguia falar com cobras, mas talvez nessa mesma noite. O facto de saber isso deixou-o ainda mais excitado e aumentou a sua sensação de importância.

«No entanto, mesmo que tenha assustado ou impressionado os seus colegas dos Slytherin com demonstrações de serpentês na sala comum, os professores não souberam de nada. Não mostrava quaisquer sinais exteriores de arrogância ou agressividade. Sendo um órfão invulgarmente talentoso e muito bem-parecido, conquistou naturalmente as atenções e a simpatia dos professores, quase desde o momento em que chegou. Parecia bem-educado, sossegado e sedento de aprender. Quase todos estavam bem impressionados com ele.

— Não lhes contou como tinha sido quando o encontrou no orfanato, professor? — perguntou Harry.

— Não, não contei. Embora ele não tivesse mostrado o mais pequeno remorso, era possível que estivesse arrependido pela forma como se tinha comportado antes e decidido a virar de página. Optei por lhe dar essa possibilidade.

Dumbledore fez uma pausa e olhou com uma expressão de interrogação para Harry, que tinha aberto a boca para falar. Ali estava mais uma vez a tendência de Dumbledore para confiar nas pessoas, apesar das provas irrefutáveis de que não mereciam essa confiança! Contudo, nessa altura, Harry lembrou-se de uma coisa...

— Mas não confiava nele, pois não, professor? Ele contou-me... o Riddle que saiu do diário disse: «O Dumbledore nunca pareceu gostar tanto de mim como os outros professores.»

— Digamos que não aceitei como facto consumado que ele fosse de confiança — admitiu Dumbledore. — Como já referi, tinha decidido vigiá-lo de perto, e foi isso que fiz. Não posso fingir que, a princípio, tenha

concluído grande coisa das minhas observações. Ele era muito reservado em relação a mim; tenho a certeza de que achava que, com o entusiasmo de descobrir a sua verdadeira identidade, me tinha dito um pouco mais do que devia. Teve o cuidado de nunca mais me revelar nada, mas não podia voltar atrás com o que tinha deixado escapar no meio da sua excitação, nem com o que Mrs. Cole me confiara. No entanto, teve o bom senso de nunca tentar burlar-me, como fez a muitos dos meus colegas.

«À medida que foi avançando na escola, reuniu à sua volta um grupo de amigos dedicados. Refiro-me a eles assim, por falta de um termo melhor pois, como já disse, o Riddle não sentia seguramente qualquer afeição por nenhum deles. Esse grupo tinha uma espécie de aura negra no castelo. Eram uma mistura heterogénea: fracos em busca de protecção, ambiciosos a quererem partilhar alguma glória, patifórios que gravitavam em torno de um líder capaz de algumas das formas mais refinadas de crueldade. Por outras palavras, foram os predecessores dos Devoradores da Morte; aliás, alguns deles tornaram-se os primeiros Devoradores da Morte depois de saírem de Hogwarts.

«Rigidamente controlados por Riddle, nunca foram apanhados a fazer abertamente nada de mal, embora os seus sete anos em Hogwarts tenham ficado marcados por uma série de incidentes desagradáveis aos quais nunca foram ligados de forma concludente, o mais grave dos quais foi obviamente a abertura da Câmara dos Segredos, que levou à morte de uma rapariga. Como sabes, o Hagrid foi injustamente acusado desse crime.

«Não consegui encontrar muitas recordações do Riddle em Hogwarts — afirmou Dumbledore, colocando a sua mão mirrada sobre o Pensatório. — Poucos dos que o conheceram nesse tempo estão dispostos a falar sobre ele; têm demasiado medo. O que eu sei, descobri-o depois de ele ter saído de Hogwarts, depois de muitos esforços diligentes, depois de ir atrás dos que podiam ser levados a falar, depois de procurar velhos registos e de interrogar testemunhas do mundo dos Muggles e dos feitiçeiros.

«Todos aqueles que convenci a falar disseram-me que o Riddle estava obcecado com as suas origens, o que obviamente é compreensível. Tinha crescido num orfanato e, como seria natural, queria saber como fora lá parar. Parece que procurou em vão algum vestígio de Tom Riddle Sênior nos escudos da sala dos troféus, nas listas de prefeitos nos velhos registos da escola e até nos livros de história da feitiçaria. Por fim, foi obrigado a aceitar que o seu pai nunca tinha estado em Hogwarts. Acho que deve ter sido nessa altura que abandonou o nome para sempre, assumiu a identidade de Lord Voldemort e começou a investigar a família da mãe, que até então tinha desprezado... a mulher que, como deves estar lembrado, ele achava

que não podia ser feiticeira, se tinha sucumbido à vergonhosa fraqueza humana da morte.

«O único ponto de partida que tinha era o nome ‘Marvolo’, que sabia pelas pessoas que dirigiam o orfanato ser o nome do pai da sua mãe. Por fim, depois de uma busca meticulosa nos velhos livros de famílias de feiticeiros, descobriu a existência da linha de descendentes de Slytherin. No Verão em que fez dezasseis anos, ao sair do orfanato, aonde ia todos os anos, partiu em busca dos seus familiares Gaunt. Agora, Harry, se não te importas de te levantar...

Dumbledore pôs-se de pé, e Harry viu que ele tinha mais uma vez na mão um pequeno frasco de cristal cheio de memórias em torvelinho, cor de pérola.

— Foi uma sorte ter conseguido reunir isto — disse, ao verter a massa brilhante para o Pensatório. — Como irás compreender quando a observarmos. Vamos?

Harry aproximou-se da bacia de pedra e curvou-se obedientemente até que o seu rosto atravessou a superfície da memória; teve a sensação familiar de cair através do nada, aterrando num chão de pedra sujo no meio de uma escuridão quase total.

Demorou alguns segundos a reconhecer o local. Nessa altura, já Dumbledore tinha aterrado a seu lado. A casa dos Gaunt estava indescritivelmente mais suja do que qualquer lugar onde Harry alguma vez tivesse estado. O tecto estava cheio de teias de aranha, e o chão, coberto de fuligem; sobre uma mesa via-se comida podre e cheia de bolor por entre um monte de panelas sujas. A única luz vinha de uma vela meio derretida, colocada junto aos pés de um homem com um cabelo e uma barba tão compridos que Harry não conseguiu ver-lhe os olhos nem a boca. Estava afundado num cadeirão ao lado da lareira e, por momentos, Harry pensou se não estaria morto. Mas, nessa altura, ouviu-se uma pancada na porta, e o homem acordou com um salto, erguendo uma varinha com a mão direita, e uma pequena faca com a esquerda.

A porta rangeu ao abrir-se e, na ombreira, segurando um candeeiro antiquado, estava um rapaz que Harry reconheceu de imediato: era alto, pálido, bonito e com cabelo escuro: Voldemort, enquanto adolescente.

Os olhos de Voldemort deslocaram-se lentamente pelo casebre, até que descobriu o homem sentado no cadeirão. Durante alguns segundos, olharam um para o outro, e depois o homem pôs-se de pé a cambalear, fazendo rebolar e tilintar pelo chão as garrafas vazias que tinha à volta dos pés.

— TU! — rugiu. — TU!

E precipitou-se sobre Riddle, com gestos violentos e embriagados e com a varinha e a faca no ar.

— *Pára.*

Riddle falou em serpentês. O homem escorregou e chocou com mesa, lançando ao chão as panelas bolorentas. Olhou fixamente para Riddle. Seguiu-se um longo silêncio, durante o qual se fitaram mutuamente. Foi o homem quem falou.

— *Falas isso?*

— *Falo* — respondeu Riddle. Avançou pela sala, deixando que a porta se fechasse atrás de si. Harry não pôde deixar de sentir admiração, se bem que ressentida, pela total ausência de medo de Voldemort. O seu rosto apenas mostrava repugnância e, talvez, desapontamento.

— *Onde está o Marvolo?* — perguntou.

— *Morreu* — respondeu o outro. — *Morreu há anos, não foi?*

Riddle franziu as sobrancelhas.

— *Então, quem és tu?*

— *Sou o Morfin, não sou?*

— *O filho do Marvolo?*

— *Está claro que sou, então...*

Morfin afastou os cabelos do seu rosto sujo para ver melhor Riddle, e Harry reparou que ele tinha o anel com a pedra negra de Marvolo na mão direita.

— *Pensava que eras aquele Muggle* — sussurrou Morfin. — *És parecido à brava com aquele Muggle.*

— *Que Muggle?* — perguntou Riddle bruscamente.

— *Aquele Muggle por quem a minha irmã teve um fraquinho, aquele Muggle que vive na casa grande no caminho* — disse Morfin, cuspiendo inesperadamente para o chão. — *És igualzinho a ele. O Riddle. Mas ele é mais velho, não é? Pensando bem, é mais velho que tu...*

Morfin parecia ligeiramente aturdido e balançou um pouco, agarrando-se à beira da mesa para se apoiar.

— *Ele voltou, 'tás a ver?* — acrescentou estupidamente.

Voldemort estava a olhar fixamente para Morfin, como que a avaliar as suas possibilidades. Aproximou-se então um pouco mais dele e perguntou:

— *O Riddle voltou?*

— *Hã, ele deixou-a e foi bem feito, por se ter casado com aquela porcaria!* — disse Morfin, tornando a cuspir para o chão. — *Roubou-nos antes de fugir! Onde está o medalhão, hã, onde está o medalhão de Slytherin?*

Voldemort não respondeu. Morfin estava outra vez a ficar enfurecido;

brandiu a faca e gritou:

— *Desonrou-nos, foi o que ela fez, aquela cabra! E quem és tu, para vires aqui e te pões a fazer perguntas sobre tudo isso? Acabou-se, não foi... acabou-se...*

Desviou a cara, cambaleando ligeiramente, e Voldemort avançou. Ao fazê-lo, abateu-se sobre eles uma escuridão anormal, que apagou o candeeiro de Voldemort e a vela de Morfin, apagou tudo...

Os dedos de Dumbledore fecharam-se com força à volta do braço de Harry e voltaram para o presente. A luz suave e dourada do gabinete de Dumbledore quase ofuscou os olhos de Harry, depois daquela escuridão impenetrável.

— É tudo? — perguntou Harry imediatamente. — Por que é que ficou tudo escuro? O que é que aconteceu?

— Porque o Morfin não conseguiu lembrar-se de mais nada dali para a frente — esclareceu Dumbledore, fazendo um gesto a Harry para que voltasse a sentar-se. — Quando acordou na manhã seguinte, estava deitado no chão, sozinho. O anel do Marvolo tinha desaparecido.

«Entretanto, na aldeia de Little Hangleton, uma criada ia a correr pela rua principal a gritar que havia três corpos na sala de estar da casa grande: Tom Riddle Sênior, o seu pai e a sua mãe.

«As autoridades Muggles ficaram perplexas. Pelo que sei, até hoje ainda não descobriram como morreram os Riddle, pois a Maldição Avada Kedavra não costuma deixar lesões... a excepção está aqui à minha frente — acrescentou Dumbledore, acenando com a cabeça para a cicatriz de Harry. — O Ministério, por seu lado, percebeu imediatamente que o crime tinha sido cometido por um feiticeiro. Também sabia que do outro lado do vale, em frente da casa dos Riddle, vivia alguém que odiava os Muggles, que já tinha sido preso uma vez por atacar uma das pessoas mortas.

«Por isso, o Ministério mandou chamar o Morfin. Nem foi preciso interrogá-lo, nem usar Veritaserum ou Legilimancia. Admitiu imediatamente ser o autor do crime, dando detalhes que só o criminoso poderia saber. Disse que estava orgulhoso por ter morto os Muggles e que tinha estado muitos anos à espera daquela oportunidade. Entregou a varinha, que se provou imediatamente ter sido utilizada para matar os Riddle. E deixou que o levassem para Azkaban sem se debater. A única coisa que o perturbava era o facto de o anel do pai ter desaparecido. “Ele vai matar-me por ter perdido o anel”, repetia aos captores. “Ele vai matar-me por ter perdido o anel.” E, aparentemente, nunca mais disse nada senão isso. Viveu o resto da vida em Azkaban, lamentando a perda do último bem de Marvolo, e está enterrado ao lado da prisão, juntamente com outros

pobres diabos que morreram dentro dos seus muros.

— Quer dizer que o Voldemort roubou a varinha do Morfin e a usou? — perguntou Harry, endireitando-se na cadeira.

— Exactamente — corroborou Dumbledore. — Não tenho recordações que nos mostrem isso, mas acho que podemos ter a certeza quase absoluta do que aconteceu. O Voldemort Atordoou o tio, tirou-lhe a varinha e atravessou o vale em direcção à «casa grande que ficava no caminho». Depois matou o Muggle que tinha abandonado a feiticeira sua mãe e, de caminho, os seus avós Muggles, obliterando assim os últimos membros da indigna linha dos Riddle e vingando-se do pai que nunca o quis. Depois, voltou para o casebre dos Gaunt, fez a magia complexa que iria implantar uma falsa memória na mente do seu tio, depositou a varinha de Morfin ao lado do seu dono inconsciente, guardou o anel antigo que ele tinha no dedo e partiu.

— E o Morfin nunca percebeu que não tinha sido ele?

— Nunca — disse Dumbledore. — Como já disse, confessou tudo e com grande orgulho.

— E teve sempre dentro de si esta verdadeira recordação!

— Foi precisa uma Legilimancia muito especial para lha arrancar — esclareceu Dumbledore —, e por que haveria alguém de investigar mais a mente do Morfin, se ele já tinha confessado o crime? Mas eu consegui visitá-lo nas suas últimas semanas de vida, e nessa altura já andava a tentar descobrir tudo o que pudesse sobre o passado do Voldemort. Foi difícil extrair-lhe esta recordação. Quando vi o que continha, quis garantir que o Morfin seria libertado de Azkaban. Mas ele morreu antes de o Ministério chegar a uma decisão.

— Mas como é que foi possível o Ministério não perceber que tinha sido o Voldemort a fazer tudo isso ao Morfin? — perguntou Harry, muito irritado. — Na altura, ele ainda era menor, não era? Pensava que eles conseguiam detectar magia de menores!

— Tens toda a razão. Conseguem detectar a magia, mas não o seu autor. Deves estar lembrado de que foste acusado pelo Ministério do Feitiço de Suspensão que, na realidade, tinha sido lançado...

— Pelo Dobby — resmungou Harry; aquela injustiça ainda o exasperava. — Quer dizer que, se um menor fizer uma magia dentro da casa de uma feiticeira ou de um feiticeiro adulto, o Ministério não sabe?

— Não conseguirão dizer quem foi o autor da magia — respondeu Dumbledore, com um ligeiro sorriso provocado pela enorme indignação estampada no rosto de Harry. — Confiam nos pais para obrigar os seus filhos a serem obedientes, enquanto estiverem na sua casa.

— Ora, isso é uma treta — reagiu Harry com brusquidão. — Veja o que aconteceu neste caso, veja o que aconteceu ao Morfin!

— Concordo — disse Dumbledore. — O que quer que o Morfin tivesse feito, não merecia morrer como morreu, acusado de um crime que não cometeu. Mas está a fazer-se tarde, e ainda quero que vejas outra recordação, antes de nos separarmos...

Dumbledore tirou do bolso outro frascozinho de cristal, e Harry ficou imediatamente em silêncio, lembrando-se de que Dumbledore lhe tinha dito que tinha sido a recordação mais importante que conseguira obter. Harry reparou que foi difícil verter o conteúdo para o Pensatório, como se tivesse congelado ligeiramente; seria possível que as recordações se estragassem?

— Esta não vai demorar muito tempo — disse Dumbledore, depois de acabar de esvaziar o frasco. — Estaremos de regresso quase sem dares por isso. Vamos, então, mais uma vez para o Pensatório...

E Harry tornou a cair pela superfície prateada, aterrando desta vez em frente de um homem que reconheceu de imediato.

Era Horace Slughorn muito mais novo. Estava tão habituado a vê-lo careca que ficou desconcertado perante a visão de Slughorn com uma cabeleira espessa e brilhante, cor de palha; parecia que tinha mandado pôr um telhado de colmo na cabeça, embora já tivesse uma careca reluzente do tamanho de um galeão no alto. O bigode, embora menos abundante que agora, era meio loiro, meio ruivo. Não era tão rechonchudo como o Slughorn que Harry conhecia, mas os botões dourados do colete ricamente bordado que tinha vestido estavam quase a rebentar. Estava recostado num confortável sofá de orelhas, com os pezinhos apoiados num banquinho de veludo, um pequeno copo de vinho numa mão e a outra remexendo numa caixa de ananás cristalizado.

Harry olhou em redor no momento em que Dumbledore apareceu e viu que estavam no gabinete de Slughorn. Havia uns seis rapazes sentados à volta do professor, todos em assentos mais duros ou mais baixos que o seu. Deviam ter todos à roda de quinze anos. Harry reconheceu Riddle de imediato. Era o que tinha a cara mais bonita e parecia ser também o mais descontraído de todos eles. Tinha a mão direita descuidadamente pousada no braço da cadeira. Harry deu um salto ao ver que ele tinha o anel preto e dourado de Marvolo; já tinha morto o pai.

— Professor, é verdade que a Professora Merrythought vai reformar-se? — perguntou Riddle.

— Tom, Tom, mesmo que eu soubesse, não te poderia dizer — respondeu Slughorn, acenando um dedo reprovador, coberto de açúcar, a Riddle, mas estragando um pouco o efeito ao piscar o olho. — Devo

confessar que gostava de saber onde obténs as tuas informações, menino. Sabes mais que a maioria dos professores.

Riddle sorriu; os outros rapazes riram-se, lançando-lhe olhares de admiração.

— Com essa tua fantástica capacidade de saberes coisas que não devias e lisonjeando cuidadosamente as pessoas importantes... A propósito, obrigado pelo ananás, tens razão, é o meu preferido...

Por entre os risos abafados de alguns dos rapazes, algo muito estranho aconteceu... De repente, a sala encheu-se de uma névoa branca tão espessa que Harry não conseguia ver mais nada a não ser a cara de Dumbledore, que se encontrava de pé a seu lado. Nesse momento, a voz de Slughorn soou por entre a névoa, num tom invulgarmente alto:

— ... *vais acabar mal, menino, fixa bem o que te digo.*

A névoa dissipou-se tão depressa como tinha aparecido, sem que ninguém fizesse qualquer alusão a isso ou desse a ideia de que algo de estranho tinha acontecido. Harry olhou à sua volta, confuso, no momento em que um pequeno relógio de ouro que estava sobre a secretária de Slughorn deu as onze horas.

— Justos céus, já são estas horas!? — exclamou Slughorn. — É melhor irem andando, meninos, se não estaremos todos metidos em sarilhos. Lestrange, quero a tua composição amanhã ou então apanhas um castigo. E tu também, Avery.

Slughorn levantou-se do cadeirão e levou o copo vazio até à secretária, enquanto os rapazes iam saindo. No entanto, Riddle ficou para trás. Harry teve a certeza de que ele tinha andado propositadamente devagar, para ficar sozinho na sala com Slughorn.

— Cuidadinho, Tom — disse Slughorn, voltando-se e vendo que ele ainda ali estava. — Não deves querer que te apanhem fora da cama a esta hora, ainda por cima tu, que és prefeito...

— Professor, queria perguntar-lhe uma coisa.

— Então pergunta, menino, pergunta lá...

— Professor, gostava de lhe perguntar o que sabe sobre... sobre Horcruxes?

E, então, tornou a acontecer a mesma coisa: a espessa névoa encheu a sala, de tal forma que Harry nem conseguia ver Slughorn nem Riddle, mas apenas Dumbledore a sorrir serenamente a seu lado. A voz de Slughorn soou então outra vez, como tinha acontecido antes:

— *Não sei nada sobre Horcruxes e, mesmo que soubesse, não te diria! Agora desaparece daqui imediatamente! Eu que não torne a apanhar-te a falar disso!*

— E pronto — disse Dumbledore placidamente ao lado de Harry. — Está na hora de irmos embora.

E os pés de Harry levantaram-se do chão e foram cair, alguns segundos depois, no tapete à frente da secretária de Dumbledore.

— É só isto? — perguntou Harry, incrédulo.

Dumbledore tinha dito que aquela era a recordação mais importante de todas, mas ele não conseguia ver o que havia de significativo nela. Era certo que a névoa e o facto de aparentemente ninguém a ver eram estranhos, mas, tirando isso, nada mais tinha acontecido para além de Riddle ter feito uma pergunta e não ter obtido resposta.

— Como deves ter reparado — disse Dumbledore, tornando a sentar-se atrás da secretária —, esta recordação foi adulterada.

— Adulterada? — repetiu Harry, sentando-se também.

— Sim — confirmou Dumbledore. — O Professor Slughorn interferiu nas suas próprias recordações.

— Por que faria ele isso?

— Acho que é porque tem vergonha daquilo que recorda — respondeu Dumbledore. — Tentou reelaborar a memória para dar uma melhor imagem de si próprio, obliterando as partes que não quer que eu veja. Como deves ter reparado, fá-lo de uma forma muito rudimentar, e ainda bem que assim é, pois permite ver que as verdadeiras recordações ainda estão por baixo das alterações.

«Bem, pela primeira vez, vou dar-te um trabalho de casa, Harry. Vais ter de convencer o Professor Slughorn a dar-te a conhecer as suas verdadeiras memórias, que serão indubitavelmente a nossa informação mais crucial.

Harry olhou para ele, de olhos arregalados.

— Mas, professor — disse, com o tom mais respeitoso possível —, não precisa de mim, pode usar Legilimancia... ou o Vertitaserum...

— O Professor Slughorn é um feiticeiro extremamente competente e estará a contar com ambos — explicou Dumbledore. — É muito melhor em Oclumancia que o pobre Morfin Gaunt, e eu ficaria admirado se não andasse sempre com um antídoto para o Veritaserum, desde que o obriguei a esta caricatura de uma recordação.

«Não, acho que seria uma loucura tentar arrancar a verdade ao Professor Slughorn pela força, e podia até causar mais danos que proveitos; não quero que ele se vá embora de Hogwarts. Mas ele tem as suas fraquezas, como todos nós, e acho que tu és a única pessoa capaz de quebrar as suas defesas. É fundamental que preservemos as verdadeiras recordações dele, Harry. Mas só saberemos como são importantes quando tivermos visto a verdade. Por isso, boa sorte... e boa noite.

Um tanto desanimado por aquela despedida abrupta, Harry pôs-se rapidamente de pé.

— Boa noite, professor.

Quando fechou a porta do gabinete atrás de si, ouviu distintamente Phineas Nigellus dizer:

— Não sei por que é que o rapaz há-de conseguir fazer isso melhor que tu, Dumbledore.

— Também não estava à espera de que soubesses, Phineas — respondeu Dumbledore, e *Fawkes* soltou outro grito grave e musical.

XVIII

SURPRESAS DE ANIVERSÁRIO

No dia seguinte, Harry confiou a Ron e a Hermione a tarefa de que Dumbledore o tinha incumbido, embora em separado, pois Hermione recusava-se a permanecer na presença de Ron mais do que o necessário para lhe lançar um olhar de desdém.

Ron achou que era pouco provável que Harry tivesse problemas com Slughorn.

— Ele adora-te — disse-lhe, enquanto tomavam o pequeno-almoço, brandindo um garfo cheio de ovos mexidos. — Não te recusa nada, pois não? Ao seu querido Príncipe das Poções, nunca. Quando acabar a aula de hoje à tarde, fica na sala e pergunta-lhe.

Mas Hermione tinha uma ideia mais sombria do caso.

— Ele deve estar determinado a esconder o que realmente aconteceu, se nem o Dumbledore conseguiu arrancar-lhe nada — disse, em voz baixa, quando estavam no pátio deserto e coberto de neve, durante o intervalo. — Horcruxes... *Horcruxes*... Nunca ouvi falar disso...

— Não?

Harry ficou desapontado; estava a contar que Hermione pudesse dar-lhe uma pista sobre o que seriam Horcruxes.

— Deve ser uma magia negra muito avançada. Se não, por que estaria o Voldemort interessado neles? Acho que vai ser difícil obter a informação, Harry. Vais ter de ser muito cuidadoso com a forma como irás abordar o Slughorn, traçar uma estratégia...

— O Ron acha que basta eu ficar na sala, quando acabar a aula de Poções hoje à tarde.

— Bem, se é isso que o Ronron acha, é o que deves fazer — disse Hermione, logo irritada. — Afinal de contas, alguma vez o Ronron deu uma opinião que não fosse a correcta?

— Hermione, será que não podes...?

— *Não!* — exclamou muito zangada e foi-se embora de rompante, deixando Harry sozinho e com neve até aos tornozelos.

As aulas de Poções estavam a ser muito desagradáveis, pois Harry, Ron e Hermione partilhavam a mesma mesa. Naquele dia, Hermione deslocou o seu caldeirão para o outro lado da mesa, para junto de Ernie, ignorando Harry e Ron.

— O que é que *tu* fizeste? — sussurrou Ron a Harry, vendo o nariz empinado de Hermione.

Mas antes que Harry pudesse responder, Slughorn pediu silêncio aos alunos da frente:

— Sosseguem, sosseguem, por favor! Hoje temos muito que trabalhar! Quem é que me diz a Terceira Lei de Golpalott...? Miss Granger, claro!

Hermione recitou a lei a toda a velocidade: «Segundo a Terceira Lei de Golpalott, o antídoto para um veneno composto é igual a mais do que a soma dos antídotos de cada um dos componentes.»

— Precisamente! — exclamou Slughorn, radiante. — Dez pontos para os Gryffindor! Ora, se aceitarmos que a Terceira Lei de Golpalott é verdadeira...

Harry teria de acreditar em Slughorn quanto à veracidade da Terceira Lei de Golpalott, porque não tinha percebido rigorosamente nada. Aliás, ninguém excepto Hermione parecia estar a perceber o que Slughorn estava a dizer.

— ... o que significa, obviamente, que assumindo que conseguimos uma identificação correcta dos ingredientes do veneno através do Revela-Feitiço de Scarpin, o nosso principal objectivo não será apenas a escolha relativamente simples dos antídotos desses ingredientes, mas descobrir o componente que, adicionado por um processo quase alquímico, irá transformar esses diversos elementos...

Ron estava sentado ao lado de Harry, de boca semiaberta, gatafunhando distraidamente no seu manual do *Preparação de Poções: Nível Avançado*. Estava sempre a esquecer-se de que já não podia contar com Hermione para o ajudar quando não percebia a matéria.

— ... assim sendo — concluiu Slughorn — quero que cada um de vocês venha buscar um destes frasquinhos à minha mesa. Têm de criar um antídoto para o veneno que está dentro deles até ao fim da aula. Boa sorte, e não se esqueçam das luvas de protecção!

Hermione tinha saltado do seu banco e já ia a meio caminho da mesa de Slughorn antes de o resto da turma ter percebido que tinha de se mexer e, quando Harry, Ron e Ernie chegaram à mesa deles, já ela tinha despejado o conteúdo do seu frasquinho no caldeirão e estava a tratar de acender o

lume.

— É uma pena o Príncipe não poder ajudar-te nesta tarefa, Harry — disse ela, endireitando-se, muito contente. — Desta vez vais ter de perceber os princípios que estão em causa. Sem facilidades nem maroscas!

Com um ar aborrecido, Harry tirou a rolha do frasquinho que tinha ido buscar à mesa de Slughorn, cujo conteúdo era de um cor-de-rosa garrido, e despejou-o para o caldeirão, ateando o lume por baixo dele. Não tinha a menor ideia do que deveria fazer a seguir. Olhou para Ron, que, com um ar apatetado, tinha copiado todos os seus gestos.

— Tens a certeza de que o Príncipe não tem nenhuma dica? — perguntou a Harry em surdina.

Harry pegou no seu exemplar do *Preparação de Poções: Nível Avançado* e abriu-o no capítulo sobre Antídotos. Lá estava a Terceira Lei de Golpalott, igual, palavra por palavra, à forma como Hermione a recitava, mas sem a mais pequena anotação feita pelo Príncipe a explicar o que queria dizer. Aparentemente, tal como Hermione, também o Príncipe não tinha tido qualquer dificuldade em entendê-la.

— Nada — disse Harry, com uma expressão soturna.

Hermione agitava agora entusiasticamente a sua varinha sobre o caldeirão. Infelizmente, não podiam copiar o feitiço que ela estava a fazer, porque era já tão perita em encantamentos não-verbais que não precisava de dizer as palavras em voz alta. No entanto, como Ernie Macmillan estava a murmurar «*Specialis revelio!*» sobre o caldeirão, Harry e Ron apressaram-se a imitá-lo.

Bastaram cinco minutos para que Harry percebesse que a sua reputação de melhor aluno de Poções estava a ir por água abaixo. Slughorn tinha espreitado, cheio de esperança, para o seu caldeirão da primeira vez que dera a volta pela masmorra, preparando-se para uma exclamação de prazer, como habitualmente acontecia, mas em vez disso teve de afastar rapidamente a cabeça, a tossir, por causa do cheiro a ovos podres. A expressão de Hermione não podia ser mais presunçosa; tinha-lhe custado imenso ser ultrapassada em todas as aulas de Poções. Estava já a decantar os ingredientes misteriosamente separados do seu veneno para dez frasquinhos diferentes de vidro. Mais para evitar aquela visão irritante que por qualquer outra razão, Harry tornou a mergulhar a cabeça no livro do Príncipe Meio-Sangue e virou algumas páginas com uma força desnecessária.

Finalmente, lá estava rabiscado por entre uma longa lista de antídotos: *Basta enfiar-lhes um bezoar pela garganta abaixo.*

Harry ficou por um momento a olhar para aquelas palavras. Parecia-lhe

já ter ouvido falar uma vez de bezoars. Não teria sido Snape que falara disso na primeira aula de Poções? *«Uma pedra tirada do estômago de uma cabra, que protege contra a maior parte dos venenos.»*

Não era a resposta para o problema de Golpalott e, se Snape ainda fosse o professor de Poções, Harry não teria ousado fazê-lo, mas o momento era de medidas desesperadas. Dirigiui-se rapidamente ao armário e remexeu o que estava lá dentro, afastando chifres de unicórnio e emaranhados de ervas secas até descobrir, ao fundo de tudo, uma pequena caixa de cartão na qual tinha sido rabiscada a palavra «Bezoars».

Abriu-a no momento em que Slughorn anunciou «Faltam dois minutos!» Lá dentro estava meia dúzia de objectos castanhos, ressequidos, que pareciam mais rins secos que pedras. Harry tirou um, tornou a pôr a caixa no armário e voltou para junto do seu caldeirão.

— Acabou o tempo! — informou Slughorn num tom bem-humorado. — Então, vamos lá ver como é que se saíram! Blaise... o que é que tens para me mostrar?

Slughorn percorreu lentamente a sala, observando os vários antídotos. Ninguém tinha terminado a tarefa, embora Hermione estivesse a tentar meter à força mais alguns ingredientes no seu frasco, antes de Slughorn chegar junto dela. Ron tinha desistido completamente e estava apenas a tentar evitar inalar o fumo nauseabundo que saía do seu caldeirão. Harry esperava, com o bezoar fechado na mão ligeiramente suada. Slughorn chegou finalmente à sua mesa. Cheirou a poção de Ernie e passou à de Ron, com uma careta. Não se demorou muito tempo ao pé do caldeirão de Ron, afastando-se rapidamente com um vômito.

— E tu, Harry? — perguntou. — O que é que tens para me mostrar?

Harry estendeu a mão, mostrando o bezoar.

Slughorn ficou uns bons dez segundos a olhar para ele. Por momentos, Harry pensou que o professor iria começar aos gritos com ele. Depois, atirou a cabeça para trás, soltando uma gargalhada tonitruante.

— Tens cá uma lata, menino! — exclamou, pegando no bezoar e levantando a mão para que toda a turma pudesse vê-lo. — És tal e qual a tua mãe... Bem, não te posso censurar... Um bezoar serviria, sem dúvida, de antídoto para todas estas poções!

Hermione, com a cara muito suada e o nariz enfarruscado, estava lívida. O seu antídoto, ainda por acabar, com cinquenta e dois ingredientes incluindo uma madeixa do seu próprio cabelo, borbulhava lentamente por detrás de Slughorn, que não tinha olhos para ninguém a não ser para Harry.

— E lembraste-te do bezoar sozinho, Harry? — perguntou-lhe Hermione, por entre os dentes cerrados.

— É esse espírito individual que um verdadeiro fabricante de poções deve ter — comentou Slughorn, muito feliz, antes que Harry pudesse responder. — É igualzinho à mãe; ela também tinha a mesma intuição para poções; não há dúvida de que nisto sai à Lily. Pois é, Harry, pois é... tendo um bezoar à mão, o problema fica resolvido. Mas, como eles não resultam com tudo e são bastante raros, vale a pena à mesma saber misturar antídotos...

A única pessoa na sala que estava mais zangada que Hermione era Malfoy que, para gáudio de Harry, tinha entornado por cima de si uma coisa que parecia vomitado de gato. No entanto, antes que qualquer um deles pudesse dar largas à sua fúria por Harry ter sido o melhor da aula, sem ter feito nada, a campainha tocou.

— Está na hora de arrumarem! — anunciou Slughorn. — E mais dez pontos extra para os Gryffindor pelo atrevimento!

Continuando a rir por entre dentes, voltou, a bambolear-se, para junto da sua mesa na parte da frente da masmorra.

Harry ficou para trás, levando uma imensidão de tempo a arrumar a mala. Nem Ron, nem Hermione lhe desejaram boa sorte ao saírem. Por fim, Harry e Slughorn ficaram sozinhos na sala.

— Professor — disse Harry, lembrando-se irresistivelmente de Voldemort —, queria perguntar-lhe uma coisa.

— Pergunta, menino, pergunta à vontade...

— Professor, gostava de lhe perguntar o que sabe sobre... sobre Horcruxes.

A expressão de Slughorn tornou-se glacial. O seu rosto redondo pareceu afundar-se em si próprio. Humedeceu os lábios e indagou com uma voz rouca:

— O que é que disseste?

— Perguntei-lhe se sabe alguma coisa sobre Horcruxes, professor. É que...

— Foi o Dumbledore quem te incumbiu disso — murmurou Slughorn.

A sua voz tinha mudado completamente. Já não estava alegre, mas chocada, aterrorizada. Procurou qualquer coisa no bolso de cima e tirou um lenço, com o qual limpou a testa coberta de suor.

— O Dumbledore mostrou-te aquela... aquela recordação — continuou.

— Foi isso, não foi?

— Foi — disse Harry, decidindo imediatamente que seria melhor não mentir.

— Está claro que foi isso — repetiu Slughorn, continuando a limpar o rosto lívido. — Claro... bem, se viste essa recordação, Harry, sabes que

não sei nada, *rigorosamente nada* — repetiu vincando bem as palavras — sobre Horcruxes.

Pegou na sua pasta de pele de dragão, tornou a meter o lenço no bolso e dirigiu-se a passadas largas para a porta da masmorra.

— Professor — insistiu Harry, num tom desesperado. — Pensei que podia acrescentar mais alguma coisa àquela recordação...

— Pensaste? — retorquiu Slughorn. — Então, enganaste-te, não foi? ENGANASTE-TE!

Disse aquela última palavra a gritar e, antes de Harry poder acrescentar o que quer que fosse, saiu, batendo com a porta da masmorra.

Nem Ron nem Hermione se mostraram minimamente compreensivos, quando Harry lhes contou a desastrosa conversa. Hermione ainda estava furiosa por Harry ter triunfado sem ter feito o trabalho que lhe competia. Ron estava ressentido por Harry não lhe ter dado também um bezoar.

— Teria sido uma estupidez fazermos isso os dois! — explicou Harry, muito irritado. — Além disso, eu tinha de tentar acalmá-lo para poder falar-lhe do Voldemort, não era? Olha, *vai-te curar!* — acrescentou exasperado, ao ver Ron estremecer só de ouvir o nome de Voldemort.

Enfurecido por não ter conseguido nada e pela atitude de Ron e Hermione, Harry passou alguns dias a maturar sobre o que deveria fazer a seguir em relação a Slughorn. Decidiu que, durante algum tempo, iria deixar que o professor pensasse que ele tinha tirado de vez os Horcruxes da cabeça. O melhor a fazer seria certamente deixá-lo acalentar um falso sentimento de segurança, antes de atacar de novo.

Na ausência de novas perguntas por parte de Harry, Slughorn voltou a tratá-lo da mesma forma afectuosa, dando a ideia de que tinha esquecido o assunto. Harry ficou à espera de que ele o convidasse para uma das suas festazinhas tardias, decidido a aceitar desta vez, nem que para isso tivesse de faltar a um treino de Quidditch. Mas, infelizmente, o convite nunca chegou. Harry confirmou com Hermione e Ginny: nenhuma delas tinha recebido qualquer convite e, tanto quanto sabiam, ninguém tinha. Harry não pôde deixar de pensar se aquilo não queria dizer que afinal Slughorn não estava tão esquecido como parecia, mas apenas decidido a não dar a Harry novas oportunidades de o interrogar.

Entretanto, pela primeira vez na vida, a biblioteca de Hogwarts desapontara Hermione. Ficou tão chocada que até se esqueceu de que estava zangada com Harry pelo truque do bezoar.

— Não encontrei uma única explicação sobre o que fazem os Horcruxes! Nem uma única! Até fui à secção de reservados e estive a ver os livros mais *horrorosos*, os que ensinam a fazer as poções mais *arrepiantes*, e nada! Só

encontrei isto, na introdução do livro *As Magias Mais Tenebrosas...* ouve... «do Horcrux, a mais maléfica de todas as invenções mágicas, não falaremos nem daremos qualquer indicação»... Quer dizer, então para quê mencioná-lo!? — exclamou impaciente, fechando com força o livro antigo, que soltou um gemido fantasmagórico. — Ora, cala-te — ordenou Hermione, tornando a guardá-lo na mala.

Com a chegada de Fevereiro, a neve derreteu à volta da escola, sendo substituída por uma chuva fria e triste. O céu estava sempre coberto de nuvens baixas, de uma cor cinzento-arroxeadas, e a queda constante de uma chuva gelada tornava os relvados escorregadios e lamacentos. O contraponto era a aproximação da primeira lição de Aparição, marcada para um sábado de manhã para que não fosse preciso faltar às aulas normais, e que teria lugar no Salão Nobre e não nos jardins.

Quando Harry e Hermione chegaram ao Salão (Ron já tinha descido com Lavender), viram que as mesas tinham desaparecido. A chuva fustigava as janelas altas, e o tecto encantado rodopiou sobre as suas cabeças, quando se reuniram à frente dos Professores McGonagall, Snape, Flitwick e Sprout — os Chefes das Equipas — e um pequeno feiticeiro que Harry pensou tratar-se do Instrutor de Aparição do Ministério. Tinha uma estranha ausência de cor, com pestanas transparentes, cabelos ralos e um ar insubstancial, como se bastasse uma simples rajada de vento para o levar. Harry pensou que talvez o facto de estar constantemente a aparecer e a desaparecer tivesse de alguma forma diminuído a sua substância ou que talvez aquela constituição frágil fosse ideal para qualquer pessoa que quisesse desaparecer.

— Bom dia — disse o feiticeiro do Ministério, depois de todos os alunos já terem chegado, e os Chefes das Equipas terem pedido silêncio. — Chamo-me Wilkie Twycross e vou ser o Instrutor de Aparição enviado pelo Ministério durante as próximas doze semanas. Espero conseguir preparar-vos para o vosso teste de Aparição...

— Malfoy, está calado e presta atenção! — ordenou a Professora McGonagall.

Voltaram-se todos para Malfoy, que, muito corado e com um ar furioso, se afastou de Crabbe, com quem parecia estar a ter uma discussão em surdina. Harry olhou rapidamente para Snape, que também parecia aborrecido, embora na sua opinião isso se devesse menos ao mau comportamento de Malfoy e mais ao facto de a Professora McGonagall ter ralhado com um elemento da sua equipa.

— ... nessa altura, muitos de vocês devem estar prontos para fazer o exame — continuou Twycross, como se não tivesse havido qualquer interrupção.

«Como devem saber, normalmente é impossível Aparecer ou Desaparecer em Hogwarts. O Director anulou este encantamento durante uma hora, apenas no Salão Nobre, para que possam treinar. Devo sublinhar que não conseguirão Aparecer fora dos limites do Salão e que seria uma insensatez tentarem.

«Gostava que se colocassem de forma a terem um espaço livre de mais ou menos um metro e meio à vossa frente.

Houve uma grande agitação e muitos encontrões, enquanto se separavam e ordenavam uns aos outros que saíssem do seu espaço. Os Chefes das Equipas deslocaram-se por entre os alunos, pondo-os em posição e impedindo mais discussões.

— Aonde vais, Harry? — perguntou Hermione.

Todavia, Harry não respondeu; rompeu rapidamente por entre a multidão, para lá do lugar onde o Professor Flitwick tentava com grande alarido posicionar alguns Ravenclaw — queriam todos ficar à frente — para lá da Professora Sprout, que estava a alinhar os Hufflepuff, até conseguir, desviando-se de Ernie Macmillan, ficar na última linha, mesmo atrás de Malfoy, que aproveitava a confusão geral para continuar a discussão com Crabbe, que se encontrava a quase dois metros dele, com um ar de grande revolta.

— Não sei quanto tempo mais, está bem? — disparou Malfoy, esquecendo-se de que Harry estava mesmo por detrás dele. — Está a demorar mais do que eu pensava.

Crabbe abriu a boca para falar, mas aparentemente Malfoy conseguiu adivinhar o que ele se preparava para dizer.

— Olha, o que eu faço não te diz respeito, Crabbe. Tu e o Goyle têm de se limitar a fazer o que eu mandar e ficar de vigia!

— Quando quero que os meus amigos fiquem de vigia, digo-lhes o que vou fazer — comentou Harry, suficientemente alto para Malfoy conseguir ouvir.

Malfoy rodopiou no sítio onde estava, levando a mão à varinha, mas, nesse preciso momento, os quatro Chefes das Equipas gritaram «Calados!», e a sala ficou outra vez em silêncio. Malfoy virou-se lentamente para a frente.

— Obrigado — disse Twycross. — Ora, portanto...

Acenou com a varinha e instantaneamente surgiram no chão uns aros de madeira antiquados à frente de cada aluno.

— A coisa mais importante a ter em mente quando se pratica Aparição são os três «Dês» — prosseguiu Twycross. — Destino, Determinação, Deliberação!

«Primeiro passo: fixem bem a mente no *destino* pretendido. Neste caso, o interior do aro. Agora, concentrem-se nesse destino.

Lançaram todos olhares furtivos à sua volta para ver se os outros estavam a olhar para os respectivos aros e depois fizeram rapidamente o que lhes estava a ser pedido. Harry olhou fixamente para a área empoeirada delimitada pelo seu aro e tentou não pensar em mais nada. No entanto, foi impossível, pois não conseguia parar de dar voltas ao miolo sobre o que andaria Malfoy a fazer para precisar de vigias.

— Segundo passo — continuou Twycross —, concentrem-se na vossa *determinação* de ocupar o espaço visualizado! Deixem que o vosso desejo de entrar nele flua da vossa mente para cada partícula do vosso corpo!

Harry olhou sub-repticiamente em volta. À sua esquerda, encontrava-se Ernie Macmillan, a olhar tão atentamente para o seu aro que até ficava corado. Parecia que estava a esforçar-se para pôr um ovo do tamanho de uma *quaffle*. Harry reprimiu uma gargalhada e tornou a olhar para o seu aro.

— Terceiro passo — anunciou Twycross —, mas só quando eu mandar... Dêem uma volta no lugar, sentindo o vosso movimento através do nada, deslocando-se com *deliberação*! Quando eu disser, um...

Harry olhou à sua volta; muitos dos alunos estavam positivamente alarmados por terem de Aparecer tão depressa.

— ... dois...

Harry tentou concentrar de novo os seus pensamentos no aro; já se tinha esquecido do que significavam os três Dês.

— TRÊS!

Harry rodopiou, desequilibrou-se e quase caiu. Não foi o único. De repente, o Salão ficou cheio de pessoas a cambalearem; Neville caiu de costas; Ernie Macmillan deu uma espécie de salto em pirueta para dentro do seu aro e, por momentos, mostrou-se muito entusiasmado até dar de caras com Dean Thomas a rir-se a bandeiras despregadas à sua custa.

— Não faz mal, não faz mal — disse Twycross com frieza. — Na realidade, não estava à espera de que o resultado fosse melhor. Endireitem os vossos aros e regressem à posição original...

A segunda tentativa não foi melhor que a primeira. A terceira foi igualmente má. Só à quarta tentativa é que aconteceu algo de excitante. Ouviu-se um terrível grito de dor e todos se voltaram, vendo então Susan Bones dos Hufflepuff a cambalear dentro do seu aro, com a perna esquerda um metro e meio atrás, no sítio de onde partira.

Os Chefes das Equipas acorreram para ela; ouviu-se um grande estrondo e surgiu uma nuvem de fumo arroxeadado que, ao dissipar-se, deixou ver

Susan a soluçar, já com a perna no devido lugar, mas com uma expressão horrorizada.

— A Divisão, ou seja, a separação aleatória de partes do corpo — explicou calmamente Wilkie Twycross —, acontece quando a mente não está suficientemente *determinada*. Têm de estar permanentemente concentrados no vosso *destino* e moverem-se, sem pressas, mas com *deliberação*... assim.

Deu um passo em frente, rodopiou graciosamente no lugar com os braços esticados e desapareceu por entre um redemoinho de vestes, reaparecendo ao fundo do Salão.

— Lembrem-se dos três Dês — insistiu — e tentem outra vez... um... dois... três...

Todavia, uma hora depois, a Divisão de Susan continuava a ser a coisa mais interessante que tinha acontecido. Twycross não parecia desencorajado. Apertou a capa e limitou-se a dizer:

— Até sábado, e não se esqueçam: *Destino, Determinação, Deliberação*.

E, com estas palavras, agitou a varinha, fazendo Desaparecer os aros, e saiu do Salão acompanhado pela Professora McGonagall. As conversas recomeçaram imediatamente, enquanto os alunos se dirigiam para o *Hall* de Entrada.

— Como é que te correu? — perguntou Ron, apressando-se a ir ao encontro de Harry. — Acho que senti qualquer coisa da última vez que tentei... uma espécie de formigueiro nos pés.

— Devem ser os teus ténis que te estão apertados, Ronron — disse uma voz atrás deles, e Hermione passou por eles com um andar pomposo e um sorriso afectado.

— Eu não senti nada — disse Harry, ignorando a interrupção. — Mas agora não quero saber disso...

— Não queres saber como? Não queres aprender a Aparecer? — perguntou Ron, incrédulo.

— Por acaso, não estou muito nessa. Prefiro voar — retorquiu Harry, espreitando por cima do ombro para ver onde estava Malfoy e apressando o passo quando chegaram ao *Hall* de Entrada. — Ouve, despacha-te, quero fazer uma coisa...

Perplexo, Ron foi a correr com Harry até à Torre dos Gryffindor. Foram temporariamente interrompidos por Peeves, que tinha bloqueado uma porta no quarto andar e não deixava ninguém passar, sem que primeiro lançassem fogo às suas próprias cuecas, mas Ron e Harry limitaram-se a voltar pelo mesmo caminho e a ir por um dos atalhos que conheciam. Passados cinco minutos, já estavam a entrar pelo buraco do retrato.

— Então, vais contar-me o que andas a fazer? — perguntou Ron, um pouco ofegante.

— Por aqui — disse Harry e atravessou a sala comum, saindo pela porta que dava acesso à escada dos rapazes.

Tal como Harry esperava, o dormitório estava vazio. Abriu o seu malão e começou a remexer lá dentro, enquanto Ron esperava impacientemente.

— Harry...

— O Malfoy anda a usar o Crabbe e o Goyle como vigias. Estava há pouco a discutir com o Crabbe. Quero saber... aha!

Tinha encontrado um pergaminho muito dobrado, aparentemente sem nada escrito. Alisou-o e bateu-lhe com a ponta da varinha.

— *Juro solenemente que vou fazer asneira ...* ou, pelo menos, o Malfoy vai.

O Mapa do Salteador apareceu imediatamente sobre a superfície do pergaminho, mostrando uma planta detalhada de cada um dos andares do castelo e, deslocando-se sobre ele, os pequenos pontos pretos, identificados, que correspondiam a cada um dos ocupantes.

— Ajuda-me a encontrar o Malfoy — pediu Harry com um tom de urgência na voz.

Abriu o mapa em cima da cama, e ele e Ron debruçaram-se sobre ele, à procura.

— *Ali!* — gritou Ron ao fim de pouco mais de um minuto. — Está na sala comum dos Slytherin, vê... com a Parkinson, e o Zabini, e o Crabbe, e o Goyle...

Harry olhou para o mapa, desapontado, mas recuperou logo o ânimo.

— Bem, a partir de agora vou andar de olho nele — disse com firmeza.

— E, assim que o vir desaparecer nalgum lado, e deixar o Crabbe e o Goyle de vigia, ponho logo o Manto da Invisibilidade e vou descobrir o que ele está...

Interrompeu o que estava a dizer, porque Neville entrou no dormitório, trazendo consigo um cheiro intenso a queimado, e começou à procura de umas cuecas novas.

Apesar da sua determinação em apanhar Malfoy, Harry não teve sorte nas duas semanas seguintes. Embora consultasse o mapa sempre que possível, sendo levado por vezes a fazer visitas desnecessárias à casa de banho nos intervalos das aulas, nunca viu Malfoy em nenhum sítio suspeito. É certo que detectou Crabbe e Goyle a movimentarem-se sozinhos pelo castelo mais vezes do que era costume, ficando por vezes parados em corredores desertos, mas, nessas alturas, Malfoy não só não estava ao pé deles como era impossível localizá-lo no mapa. Isso era muito

misterioso. Harry admitia a possibilidade de Malfoy estar, de facto, a sair do recinto da escola, mas não percebia como é que conseguia fazê-lo, dado o elevado nível de segurança que existia agora no castelo. O mais provável seria não estar a conseguir localizar Malfoy por entre as centenas de pequenos pontos negros que cobriam o mapa. Quanto ao facto de Malfoy, Crabbe e Goyle andarem por caminhos diferentes quando dantes eram inseparáveis, era uma coisa que acontecia à medida que as pessoas se iam tornando mais velhas — Ron e Hermione, pensava Harry com tristeza, eram a prova viva disso.

Com o fim de Fevereiro e o princípio de Março, o vento veio juntar-se à chuva. Para indignação geral, foi colocado um aviso em todos os quadros das salas comuns a comunicar que a viagem a Hogsmeade tinha sido cancelada. Ron ficou furioso.

— Era no meu dia de anos! — exclamou. — Estava ansioso.

— Mas não é uma grande surpresa, pois não? — contrapôs Harry. — Sobretudo depois do que aconteceu à Katie.

Ela ainda não tinha voltado de S. Mungus. Mas, pior ainda, tinham sido comunicados mais desaparecimentos n' *O Profeta Diário*, incluindo alguns familiares de alunos de Hogwarts.

— Agora só me resta a estúpida aula de Aparição! — disse Ron, mal-humorado. — Grande aniversário...

Passadas três aulas, continuava a ser tão difícil Aparecer como antes, apesar de mais alguns alunos terem conseguido Dividir-se. A frustração era enorme, e havia uma certa sensação de mal-estar em relação a Wilkie Twycross e os seus três Dês, que tinham inspirado uma série de alcunhas, a mais meiga das quais era Doninha Fedorenta.

— Feliz aniversário, Ron — disse Harry, quando foram acordados no dia um de Março pelo barulho de Seamus e Dean a saírem do dormitório para irem tomar o pequeno-almoço. — Toma uma prenda.

Atirou um embrulho para a cama de Ron, onde já havia uma pequena pilha de presentes, que, pensou Harry, deviam ter sido entregues durante a noite pelos elfos.

— Obrigado — respondeu Ron, ensonado. Enquanto o amigo abria o presente, Harry levantou-se, abriu o seu malão e começou a procurar o Mapa do Salteador, que escondia de cada vez que se servia dele. Teve de despejar o malão para o encontrar por baixo das meias dobradas, dentro das quais continuava escondido o seu frasco de poção da sorte, Felix Felicis.

— Muito bem — murmurou, abrindo-o sobre a cama, dando-lhe uma pancadinha e dizendo em surdina: *Juro solenemente que vou fazer asneira*, para que Neville, que ia a passar aos pés da sua cama, não ouvisse.

— Boa, Harry! — exclamou Ron entusiasticamente, agitando no ar o par de luvas de *keeper* de Quidditch que Harry lhe tinha dado.

— Tudo bem — retorquiu Harry, distraidamente, enquanto passava em revista o dormitório dos Slytherin à procura de Malfoy. — Não me parece que ele esteja deitado...

Ron não respondeu; estava demasiado ocupado a abrir presentes, soltando de vez em quando uma exclamação de prazer.

— Facturei bem este ano! — anunciou, mostrando um pesado relógio de ouro com uns símbolos estranhos à volta do mostrador e pequenas estrelas em vez de ponteiros. Já viste o que os meus pais me deram? Bolas! Acho que para o ano volto outra vez a fazer dezassete anos...

— Que fixe! — murmurou Harry, lançando um olhar rápido ao relógio e voltando de imediato a concentrar-se com mais atenção no mapa. Onde estaria Malfoy? Não parecia estar à mesa dos Slytherin no Salão Nobre, a tomar o pequeno-almoço... Não estava ao pé de Snape, que se encontrava no seu gabinete... Não estava em nenhuma das casas de banho nem na enfermaria...

— Queres um? — perguntou Ron com a boca cheia, segurando numa caixa de Caldeirões de Chocolate.

— Não, obrigado — respondeu Harry, levantando os olhos. — O Malfoy tornou a desaparecer!

— Não pode ser! — exclamou Ron, metendo outro Caldeirão na boca, ao mesmo tempo que saía da cama para se vestir. — Vá, se não te despachas, vais ter de Aparecer de estômago vazio... Talvez seja mais fácil...

Olhou pensativamente para a caixa de Caldeirões de Chocolate e depois encolheu os ombros e tirou mais um.

Harry bateu no mapa com a varinha e disse: «*Asneira terminada*», embora não tivesse acontecido nada, e vestiu-se sempre muito embrenhado nos seus pensamentos. Tinha de haver uma explicação para os desaparecimentos periódicos de Malfoy, mas ele não conseguia imaginar o que seria. A melhor forma de descobrir seria segui-lo, mas era uma ideia impraticável, mesmo com o Manto da Invisibilidade; tinha aulas, treinos de Quidditch, trabalhos de casa e o curso de Aparecer; não podia passar o dia inteiro atrás de Malfoy, sem que dessem pela sua falta.

— Estás pronto? — perguntou a Ron.

Ia a meio caminho da porta do dormitório, quando se apercebeu de que Ron não saíra do sítio onde estava e continuava encostado à coluna da cama, a olhar pela janela molhada pela chuva com uma expressão estranhamente absorta.

— Ron? Pequeno-almoço!

— Não tenho fome.

Harry fitou-o, de olhos arregalados.

— Pareceu-me que tinhas dito...

— Pronto, está bem — suspirou Ron. — Desço contigo, mas não como.

Harry observou-o, desconfiado.

— Comeste meia caixa de Caldeirões de Chocolate, não foi?

— Não, não é isso — disse Ron, suspirando outra vez. — Não... não ias compreender.

— Como queiras — retorquiu Harry, ainda confuso, e dirigiu-se para a porta aberta.

— Harry! — chamou Ron de repente.

— O que foi?

— Harry, não consigo aguentar.

— Não consegues aguentar o quê? — perguntou Harry, que agora já estava a sentir-se alarmado. Ron estava bastante pálido e parecia prestes a vomitar.

— Não consigo deixar de pensar nela! — acrescentou Ron com uma voz rouca.

Harry ficou a olhar para ele de boca aberta. Não estava à espera de ouvir aquilo e não tinha a certeza de o querer ouvir. Podiam ser muito amigos, mas, se Ron comesse a tratar Lavender por «Lavinha», teria de se impor.

— Por que é que isso te impede de tomar o pequeno-almoço? — perguntou Harry, tentando injectar algum bom senso na situação.

— Acho que ela nem sabe que eu existo — lastimou-se Ron com um gesto desesperado.

— Podes crer que sabe — contrapôs Harry, confuso. — Passa a vida a curtir contigo, não passa?

Ron pestanejou.

— De quem é que estás a falar?

— De quem é que *tu* estás a falar? — perguntou Harry, cada vez mais convencido de que a conversa não fazia o mínimo sentido.

— Da Romilda Vane — respondeu Ron em voz baixa, e o seu rosto pareceu iluminar-se ao pronunciar o nome, como se tivesse sido banhado por um raio de Sol.

Ficaram quase um minuto a olhar um para o outro, findo o qual Harry disse:

— Estás a brincar, não estás? Só podes estar a brincar.

— Acho que... Harry, acho que estou apaixonado por ela — confirmou Ron com uma voz sumida.

— Muito bem — disse Harry e aproximou-se de Ron para ver melhor os seus olhos vidrados e a sua cor pálida. — Muito bem... repete isso sem te rires.

— Amo-a — repetiu Ron quase sem conseguir respirar. — Já viste o cabelo dela, tão negro, e brilhante, e sedoso... e os seus olhos? Aqueles olhos escuros e enormes? E...

— Estás a ter imensa piada, mas acaba com a brincadeira, está bem? — pediu Harry, impaciente. — Pára com isso.

Voltou-se para se ir embora. Tinha dado dois passos em direcção à porta, quando um violento golpe o atingiu no ouvido direito. Deu meia-volta, a cambalear. Ron estava de punho cerrado, com o braço para trás e o rosto contorcido de raiva, prestes a desferir outro golpe.

Harry reagiu instintivamente; tirou a varinha do bolso e, quase sem pensar, ocorreu-lhe o encantamento a utilizar: *Levicorpus!*

Ron soltou um grito no momento em que o seu pé se ergueu no ar; balançou de cabeça para baixo, sem poder fazer nada, com a roupa a cair-lhe.

— *Para que foi aquilo?* — gritou Harry.

— Insultaste-a, Harry! Disseste que eu estava a gozar! — exclamou Ron, que aos poucos ia ficando vermelho, pois o sangue estava a descer-lhe à cabeça.

— Que disparate! O que é que te deu? — perguntou Harry.

Viu então a caixa aberta em cima da cama de Ron, e a verdade atingiu-o como uma estocada.

— Onde é que arranjaste os Caldeirões de Chocolate?

— Foram uma prenda de anos! — gritou Ron, ainda às voltas no ar, tentando libertar-se. — Ofereci-te um, não ofereci?

— Apanhaste-os do chão, não foi?

— Caíram de cima da minha cama, está bem? Agora larga-me!

— Não caíram da tua cama, idiota. Não percebes? Eram meus, tirei-os do meu malão quando estava à procura do mapa. São os Caldeirões de Chocolate que a Romilda me deu antes do Natal e estão encharcados de poção do amor!

Mas, de todas estas palavras, apenas uma ficou registada na mente de Ron.

— A Romilda? — repetiu. — Disseste Romilda? Conhece-la, Harry? Podes apresentar-ma?

Harry olhou para Ron, que continuava a balouçar de cabeça para baixo com uma expressão de esperança a iluminar-lhe o rosto, e teve de se conter para não soltar uma gargalhada. Uma parte dele — a que estava mais

próxima do ouvido direito — tinha vontade de fazer Ron descer e deixá-lo andar de cabeça perdida até passar o efeito da poção... Mas, por outro lado, eram amigos, Ron não estava em si quando o atacou, e Harry achou que até merecia outro murro, se permitisse que Ron fizesse uma declaração de amor a Romilda Vane.

— Está bem, eu apresento-vos — disse Harry, pensando depressa. — Agora vou deixar-te descer, está bem?

Fez com que caísse com força no chão (ainda lhe doía bastante o ouvido), mas Ron limitou-se a pôr-se de pé, com um sorriso rasgado.

— Ela deve estar no gabinete do Slughorn — informou Harry, dirigindo-se para a porta.

— Por que é que achas que ela está aí? — perguntou Ron ansioso, apressando o passo para apanhar Harry.

— Porque ela tem aulas extra de Poções com ele — inventou Harry.

— Se calhar, podia perguntar se posso ter aulas com ela? — observou Ron, com ansiedade.

— Boa! — exclamou Harry.

Lavender estava à espera ao lado do buraco do retrato, uma complicação que Harry não tinha previsto.

— Estás atrasado, Ronron! — disse, fazendo beicinho. — Tenho uma prenda de anos...

— Deixa-me em paz — reagiu Ron com impaciência. — O Harry vai apresentar-me à Romilda Vane.

E, sem mais uma palavra, abriu caminho até ao buraco do retrato. Harry tentou fazer um trejeito de desculpa a Lavender, mas não deve ter conseguido mais que uma careta cómica, porque, no momento em que a Dama Gorda se fechou atrás deles, a sua expressão era mais ofendida do que nunca.

Harry receava que Slughorn estivesse a tomar o pequeno-almoço, mas, mal deu a primeira pancada na porta, ele abriu-a imediatamente, com um roupão de veludo verde, uma boina a condizer e os olhos ainda remelentos.

— Harry — balbuciou. — Ainda é muito cedo para visitas... Normalmente durmo até tarde aos sábados...

— Peço muita desculpa por vir incomodá-lo, professor — disse Harry, o mais calmamente possível, enquanto Ron, em bicos de pés, tentava espreitar para dentro do quarto —, mas o meu amigo Ron tomou por engano uma poção de amor. Será que pode dar-lhe um antídoto? Eu levava-o à Madame Pomfrey, mas não podemos tomar nada das Magias Mirabolantes dos Weasley e, sabe como é... as perguntas indiscretas...

— Pensava que eras capaz de lhe dar um remédio, Harry, um perito em

poções como tu... — disse Slughorn.

— Hã... — hesitou Harry, meio distraído pelo facto de Ron estar a dar-lhe cotoveladas nas costelas para o obrigar a entrar —

... é que eu nunca fiz nenhum antídoto para uma poção de amor e, quando finalmente tivesse conseguido prepará-lo, o Ron já podia ter feito alguma coisa de grave...

Mesmo a calhar, Ron escolheu este momento para gemer:

— Não consigo vê-la, Harry... Será que ele está a escondê-la?

— Essa poção ainda estava dentro do prazo de validade? — perguntou Slughorn, observando Ron com o interesse de um profissional. — Com o tempo, podem ficar cada vez mais fortes.

— Isso ajuda a explicar muita coisa — disse Harry, ofegante, pois estava positivamente a lutar com Ron para o impedir de empurrar Slughorn. — Ele hoje faz anos, Professor — acrescentou Harry, a implorar.

— Ah, está bem. Então, entrem, entrem — convidou Slughorn, cedendo. — Tenho tudo o que é preciso aqui na minha mala. Não é um antídoto difícil...

Ron irrompeu porta adentro, entrando no gabinete demasiado quente e atafalhado de Slughorn, tropeçou num escabelo guarnecido com borlas, conseguiu reequilibrar-se, agarrando-se ao pescoço de Harry e murmurou:

— Ela não viu nada, pois não?

— Ainda não — disse Harry, vendo Slughorn abrir o seu estojo de poções e juntar um bocadinho disto e daquilo num pequeno frasco de vidro.

— Ainda bem — suspirou Ron, a ferver. — Que tal estou?

— Muito bonito — comentou Slughorn tranquilamente, passando a Ron um frasco contendo um líquido transparente. — Bebe isso, é um tónico para os nervos, vai ajudar-te a manter a calma quando ela chegar.

— Maravilha! — exclamou Ron com avidez e bebeu de um trago o antídoto.

Harry e Slughorn ficaram a observá-lo. Por um momento, sorriu-lhes muito feliz. Depois, lentamente, o sorriso foi esmorecendo até desaparecer, sendo substituído por uma expressão de puro horror.

— Já voltaste ao normal? — perguntou Harry, com um sorriso irónico. Slughorn soltou um riso abafado. — Muito obrigado, professor.

— De nada, menino, de nada — disse Slughorn, no momento em que Ron se deixou cair num cadeirão, com um ar destroçado. — Ele precisa é de uma coisa que lhe dê ânimo. Tenho Cerveja de Manteiga, tenho vinho, tenho uma última garrafa de *mead* envelhecido em casco de carvalho... hum... Era para a dar ao Dumbledore no Natal... Bem, tanto faz... — encolheu os ombros. — Ele não irá sentir a falta do que nunca teve! E se a

abrissemos agora e festejássemos o aniversário de Mr. Weasley? Não há nada como uma bebida de boa qualidade para afastar as decepções do amor não-correspondido.

Tornou a dar uma gargalhada, e Harry acompanhou-o. Era a primeira vez que estava quase a sós com Slughorn desde a sua tentativa desastrosa de lhe arrancar a recordação verdadeira. Talvez, se conseguisse manter Slughorn assim bem-disposto... talvez se bebessem bastante *mead*...

— Aqui têm — disse Slughorn, estendendo a Harry e a Ron um copo de *mead*, antes de servir um para si. — Feliz aniversário, Ralph...

— Ron... — murmurou Harry.

Mas Ron, aparentemente sem sequer ter ouvido o brinde, já tinha emborcado o *mead*.

Por um segundo, por pouco mais que uma palpitação, Harry sentiu que havia qualquer coisa de profundamente errado, que aparentemente estava a escapar a Slughorn.

— ... e que contes muitos...

— *Ron!*

Ron tinha deixado cair o seu copo; tentou levantar-se da cadeira e depois voltou a tombar, com os membros a tremerem descontroladamente. Tinha espuma a sair dos cantos da boca, e os olhos pareciam querer saltar das órbitas.

— Professor! — gritou Harry. — Faça qualquer coisa!

Mas Slughorn parecia paralisado com o choque. Ron contorcia-se e parecia sufocar; a sua pele estava a ficar azul.

— O quê... mas... — gaguejou Slughorn.

Harry saltou para cima de uma mesa baixa e precipitou-se sobre o estojo de poções de Slughorn, tirando frascos e bolsas, enquanto o som tenebroso da respiração de Ron enchia a sala. Até que descobriu — a pedra em forma de rim que Slughorn lhe tinha tirado na aula de Poções.

Deu um salto para junto de Ron, abriu-lhe o maxilar à força e meteu-lhe o bezoar na boca. Ron estremeceu de alto a baixo, deu um suspiro ruidoso, e o seu corpo ficou inanimado e imóvel.

XIX

ELFOS ESPIÕES

— Quer então dizer que não foi um dos melhores aniversários do Ron? — concluiu Fred.

Era já noite; a enfermaria estava em silêncio, as cortinas das janelas corridas, os candeeiros acesos. A única cama ocupada era a de Ron. Harry, Hermione e Ginny estavam sentados à volta dele; tinham passado todo o dia à espera do lado de fora das portas de batente, tentando ver lá para dentro sempre que alguém entrava ou saía. Madame Pomfrey só os tinha deixado entrar às oito horas. Fred e George tinham chegado às oito e dez.

— Não foi assim que imaginámos dar-lhe a nossa prenda — disse George, alarmado, pousando um grande embrulho sobre o armário ao lado da cama de Ron e sentando-se ao pé de Ginny.

— Pois foi. Imaginámos a cena com ele consciente — acrescentou Fred.

— Estávamos em Hogsmeade, à espera para lhe fazer uma surpresa — explicou George.

— Estavam em Hogsmeade? — perguntou Ginny, olhando para eles.

— Pensámos comprar a loja do Zonko — explicou Fred, com a mesma expressão triste. — 'Tão a ver, uma sucursal em Hogsmeade, mas de que é que nos serve, se vocês já não podem sair aos fins-de-semana para comprar os nossos produtos... Bem, mas isso agora não interessa.

Puxou uma cadeira para junto de Harry e olhou para o rosto pálido de Ron.

— O que é que aconteceu exactamente, Harry?

Harry tornou a contar a história que lhe parecia já ter contado umas cem vezes a Dumbledore, McGonagall, Madame Pomfrey, Hermione e Ginny.

— ... e então meti-lhe o bezoar pela boca abaixo, e a respiração dele ficou um pouco mais aliviada. O Slughorn foi a correr pedir ajuda, e então apareceu a McGonagall e a Madame Pomfrey e trouxeram o Ron cá para cima. Elas acham que ele vai ficar bom. A Madame Pomfrey diz que ele

vai ter de ficar aqui uma semana... sem nunca deixar de tomar Essência de Arruda...

— Caramba, foi uma sorte teres-te lembrado do bezoar — disse George em voz baixa.

— A sorte foi haver um lá na sala — retorquiu Harry, que sentia um calafrio sempre que pensava no que podia ter acontecido, se não tivesse conseguido deitar a mão à pequena pedra.

Hermione fungou de uma forma quase inaudível. Tinha estado excepcionalmente calada durante todo o dia. Depois de ter ido ter com Harry, a correr como louca, muito lívida, à porta da enfermaria, exigindo que lhe dissessem o que tinha acontecido, quase não tinha tomado parte na discussão obsessiva de Harry e Ginny sobre a forma como Ron teria sido envenenado. Limitou-se a ficar ao pé deles, de maxilares cerrados, com um ar muito assustado, até ao momento em que finalmente foram autorizados a entrar.

— A mãe e o pai já sabem? — perguntou Fred a Ginny.

— Já o viram. Chegaram há uma hora. Estão no gabinete do Dumbledore, mas não devem demorar...

Seguiu-se uma pausa, durante a qual ficaram a observar Ron, que murmurava algumas palavras enquanto dormia.

— Então, o veneno estava na bebida? — perguntou Fred em voz baixa.

— Estava — confirmou Harry de imediato; não conseguia pensar em mais nada e estava contente com a oportunidade de começar a falar do caso outra vez. — O Slughorn serviu-a...

— Seria possível ele pôr alguma coisa no copo do Ron sem tu veres?

— Talvez — respondeu Harry —, mas por que quereria o Slughorn envenenar o Ron?

— Não faço ideia — disse Fred, franzindo a testa. — Achas que ele podia ter trocado os copos por engano? Quer dizer, para te envenenar a ti?

— Por que havia o Slughorn de querer envenenar o Harry? — perguntou Ginny.

— Não sei — respondeu Fred —, mas deve haver imensa gente que gostaria de envenenar o Harry, não deve? Sendo «O Eleito» e isso tudo?

— Então, achas que o Slughorn é um Devorador da Morte? — continuou Ginny.

— Tudo é possível — foi a resposta lúgubre de Fred.

— Pode estar sob a Maldição Imperius — sugeriu George.

— Também pode estar inocente — aventou Ginny. — O veneno podia estar na garrafa e, nesse caso, seria destinado ao próprio Slughorn.

— Quem quereria matar o Slughorn?

— O Dumbledore acha que o Voldemort queria ter o Slughorn do seu lado — disse Harry. — O Slughorn esteve escondido um ano antes de vir para Hogwarts. E... — lembrou-se da recordação que Dumbledore ainda não tinha conseguido arrancar ao professor — talvez o Voldemort queira afastá-lo, talvez ache que ele pode ser útil ao Dumbledore.

— Mas tu disseste que o Slughorn estava a planear dar a garrafa ao Dumbledore pelo Natal — lembrou-lhe Ginny. — Por isso, o veneno podia destinar-se ao Dumbledore.

— Nesse caso, o autor não conhece o Slughorn lá muito bem — comentou Hermione, falando pela primeira vez ao fim de várias horas, com uma voz que parecia de alguém com uma grande constipação. — Quem conhecesse o Slughorn, saberia que havia fortes probabilidades de ele guardar uma coisa tão saborosa para si próprio.

— Er... my... nee — murmurou Ron, inesperadamente.

Ficaram todos em silêncio, a olhar ansiosamente para ele, mas, depois de mais algumas palavras incompreensíveis, começou a risonar.

As portas do dormitório abriram-se de par em par, fazendo com que todos dessem um salto. Por elas entrou Hagrid com grandes passadas, o cabelo molhado pela chuva, a capa de pele de urso a esvoaçar atrás de si e uma besta na mão, deixando no chão um trilho de pegadas do tamanho de golfinhos.

— ‘Tive todo o dia na Floresta! — disse ofegante. — A *Aragog* ’tá pior, ’tive a ler p’ra ela. Só vim jantar agora e foi q’ando a Professora Sprout me contou do Ron! Como é qu’ele ‘tá?

— Não está mal — informou Harry. — Dizem que vai ficar bom.

— Não quero mais de seis visitas de cada vez! — disse Madame Pomfrey, saindo de rompante do seu gabinete.

— Com o Hagrid somos seis — esclareceu George.

— Ah... está bem... — acedeu Madame Pomfrey, que devia ter contado Hagrid por várias pessoas, dado o seu tamanho. Para disfarçar a confusão, começou a limpar as pegadas de lama com a sua varinha.

— Nã’ acredito nisto — exclamou Hagrid, na sua voz rouca, abanando a sua cabeça desgrenhada, enquanto olhava para Ron. — Nã’ acredito... Olha p’ra ele ali deitado... Quem é qu’ia querer fazer-lhe mal, hã?

— Era exactamente sobre isso que estávamos a falar — disse Harry. — Não sabemos.

— Pode ser alguém que não grame a equipa de Quidditch dos Gryffindor, não pode? — sugeriu Hagrid, com um ar ansioso. — Primeiro a Katie, agora o Ron...

— Não estou a ver ninguém a querer acabar com uma equipa de

Quidditch — opinou George.

— O Wood teria dado cabo dos Slytherin, se tivesse podido ir com a dele avante — observou Fred.

— Acho que não tem que ver com o Quidditch, mas deve haver uma ligação entre os ataques — afirmou calmamente Hermione.

— Como é que chegaste a essa conclusão? — perguntou Fred.

— Bem, para já, deviam ter sido ambos fatais e não foram, embora tenha sido apenas por sorte. Em segundo lugar, nem o veneno nem o colar chegaram à pessoa que era para morrer. Claro — acrescentou pensativamente —, de certa forma isso torna a pessoa que está por detrás disto ainda mais perigosa, pois não se importa de quantas pessoas tem de matar até chegar à sua vítima.

Antes de alguém poder reagir àquela tenebrosa declaração, as portas do dormitório tornaram a abrir-se, e Mr. e Mrs. Weasley irromperam pela enfermaria. Na sua última visita tinham-se apenas informado de que Ron recuperaria por completo; desta vez Mrs. Weasley agarrou-se a Harry e abraçou-o com toda a força.

— O Dumbledore contou-nos que foste tu que o salvaste com o bezoar — disse, a soluçar. — Oh, Harry, o que é que nós podemos dizer? Salvaste a Ginny... salvaste o Arthur... agora salvaste o Ron...

— Não fique assim... eu não fiz nada... — balbuciou Harry, acanhado.

— Pensando bem, parece que metade da nossa família te deve a vida — disse Mr. Weasley com a voz embargada. — Bem, Harry, só posso dizer que foi uma sorte para os Weasley o Ron ter decidido sentar-se no teu compartimento no Expresso de Hogwarts.

Harry não conseguiu lembrar-se de nenhuma resposta a estas palavras e quase ficou contente quando Madame Pomfrey os lembrou outra vez de que só podiam estar seis pessoas junto da cama de Ron; ele e Hermione levantaram-se imediatamente para saírem, e Hagrid decidiu acompanhá-los, deixando Ron com a família.

— É terrível! — exclamou Hagrid com um ronco, que se perdeu na sua barba, enquanto seguiam os três pelo corredor em direcção à escadaria de mármore. — Com tanta segurança, e só a acontecerem coisas aos miúdos... O Dumbledore está raladíssimo... Não diz nada, mas tenho a certeza...

— Ele não tem nenhuma ideia? — perguntou Hermione, desesperada.

— Cá p'ra mim, ele tem centenas de ideias, com uns miolos com' ele tem — disse Hagrid com firmeza. — Mas não sabe quem mandou o colar nem quem pôs o veneno no vinho, porque, se soubesse, os tipos já tinham sido apanhados, não tinham? O que me preocupa — continuou Hagrid, baixando a voz e olhando por cima do ombro (por uma questão de

segurança, Harry olhou para o tecto à procura de Peeves) — é durante quanto tempo Hogwarts vai ficar aberta, se os miúdos ‘tão a ser atacados. Temos outra vez a Câmara dos Segredos, né? Vai haver pânico, mais pais a tirarem os filhos da escola, e a seguir, já se sabe, o conselho directivo... — Hagrid parou de falar quando o fantasma de uma mulher de longos cabelos passou serenamente por eles e depois continuou, num sussurro rouco — ... o conselho directivo vai começar a pensar em fechar isto p’ra sempre.

— Isso não vai acontecer — disse Hermione, com um ar preocupado.

— Tens de ver as coisas p’lo lado deles — insistiu Hagrid. — Sempre foi um bocado arriscado mandar um miúdo p’ra Hogwarts, nã’ foi? É sempre de esperar qu’aconteçam acidentes com centenas de miúdos feiticeiros juntos no mêmo sítio, mas tentar matar um miúdo já é outra coisa. Nã’ é d’admirar qu’ o Dumbledore ande chateado c’ o Sn...

Hagrid parou, com uma expressão familiar de culpa no pouco que se via da sua cara por entre o emaranhado de barba negra.

— O quê? — perguntou logo Harry. — O Dumbledore está zangado com o Snape?

— Ê nã’ disse isso — contrapôs Hagrid, mas a sua expressão de pânico não podia desmenti-lo de forma mais evidente. — Ena pá, já é tão tarde, é quase meia-noite, tenho de...

— Hagrid, por que é que o Dumbledore está zangado com o Snape? — perguntou Harry muito alto.

— Psiu! — Hagrid estava ao mesmo tempo nervoso e zangado — Nã’ digas isso a gritar, queres qu’eu perca o emprego, Harry? Cá p’ra mim nã’ t’importavas nada, agora que desististe de Cuidados com as Cri...

— Não tentes fazer-me sentir culpado, não vais conseguir — disse Harry energicamente. — O que é que o Snape fez?

— Nã’ sei, Harry, nã’ devia ter ouvido a conversa!... Bem, eu vinha a sair da Floresta e ouvi-os a falar... bem, a discutir. Nã’ queria chamar as atenções e antão escondi-me e tentei nã’ ouvir, mas era uma ganda discussão, e nã’ era nada fácil nã’ ouvir.

— E então? — insistiu Harry, enquanto Hagrid andava de um lado para outro, arrastando os seus enormes pés.

— Bem.. eu cá só ouvi o Snape dizer ao Dumbledore que nã’ contasse tanto c’o ovo no cu da galinha, porque talvez ele... o Snape... nã’ ‘tivesse disposto a continuar a fazer o mesmo.

— A fazer o quê?

— Nã sei, Harry, parecia que o Snape andava a trabalhar de mais, só isso. Bem, mas o Dumbledore disse-lhe sem mais nem menos qu’ele tinha concordado em fazer aquilo e portanto nã’ havia mais nada a dizer. Foi

muito categórico. Depois disse qualquer coisa sobre umas investigações qu' o Snape andava a fazer na equipa dele, nos Slytherin. Mas isso nã' tem nada de estranho! — acrescentou Hagrid assim que viu Harry e Hermione trocarem uns olhares cheios de significado. — Pediram a todos os Chefes das Equipas qu' investigassem essa história do colar...

— Está bem, mas o Dumbledore não anda a discutir com os outros, pois não?

— Olha — disse Hagrid embaraçado, torcendo a besta nas mãos; ouviu-se um forte estalido, no momento em que a besta se partiu ao meio. — Sei como tu és c' o Snape, Harry, e nã' quero que tu te ponhas com manias em relação a isto.

— Cuidado! — gritou Hermione.

Voltaram-se mesmo a tempo de verem a sombra de Argus Filch a agigantar-se na parede atrás deles, antes de ele próprio aparecer, curvado, com os queixos a tremer.

— Oho! — exclamou com a sua voz arquejante. — A pé tão tarde? Isso significa castigo!

— Nã', Filch — disse Hagrid. — Eles 'tão comigo, nã' 'tão?

— E que diferença é que isso faz? — retorquiu Filch, num tom antipático.

— Sou professor, nã' sou, ó cepa-torta abelhudo? — atirou-lhe Hagrid, exaltando-se logo.

Filch sibilou de forma terrível, com uma fúria incontrollável a crescer dentro de si; *Mrs. Norris* tinha chegado sem ninguém a ver e estava a contorcer-se sinuosamente em redor dos tornozelos escanzelados de Filch.

— Ponham-se a milhas — disse Hagrid pelo canto da boca.

Não foi preciso dizê-lo segunda vez; Harry e Hermione desataram a correr, ouvindo atrás de si as vozes alteradas de Hagrid e Filch. Quando iam a chegar à Torre dos Gryffindor, passaram por Peeves, que se dirigia apressadamente para o sítio de onde vinha a gritaria, a rir ruidosamente e a gritar:

«Onde houver barulho e sarilho

Chamem o Peevsie, que põe tudo em torvelinho!»

A Dama Gorda estava a passar pelas brasas e não gostou nada de ser acordada, mas inclinou-se para a frente a resmungar, para que eles pudessem entrar na sala comum, felizmente vazia e em silêncio; pelos vistos, ainda não sabiam o que tinha acontecido a Ron, o que deixou Harry aliviado, pois já tinha sido suficientemente interrogado nesse dia. Hermione

deu-lhe as boas-noites e dirigiu-se ao dormitório das raparigas. Mas Harry ficou na sala e sentou-se junto da lareira a ver as cinzas a apagarem-se lentamente.

Com que então, Dumbledore tinha discutido com Snape. Apesar de tudo o que tinha dito a Harry, apesar de insistir em dizer que confiava inteiramente em Snape, tinha perdido a cabeça com ele... achava que Snape não tinha tentado investigar os Slytherin... ou, talvez, um Slytherin em particular: Malfoy?

Seria por não querer que Harry fizesse alguma loucura, que tentasse resolver as coisas pelas suas próprias mãos, que tinha fingido que as suspeitas de Harry não tinham fundamento? Parecia provável. Até podia ser que Dumbledore não quisesse que nada distraísse Harry das suas sessões particulares ou de tentar conseguir arrancar a recordação a Slughorn. Talvez Dumbledore não achasse correcto confiar as suas suspeitas sobre os seus funcionários a miúdos de dezasseis anos...

— Ah, estás aí, Potter!

Com o susto, Harry pôs-se de pé num salto, puxando logo da varinha. Estava convencido de que não havia mais ninguém na sala comum; não estava nada preparado para ver, de repente, um vulto enorme a levantar-se de uma cadeira lá ao fundo. Mais de perto, percebeu que se tratava de Cormac McLaggen.

— Estava à espera de que voltasses — disse McLaggen, ignorando a varinha que Harry empunhava. — Devo ter adormecido. Olha, vi levarem o Weasley para a enfermaria. Não me pareceu que ele esteja apto para o jogo da semana que vem.

Harry demorou algum tempo a perceber do que é que McLaggen estava a falar.

— Ah... pois... o Quidditch — disse, voltando a pôr a varinha no cinto das calças de ganga e passando lentamente a mão pelo cabelo. — Pois é... talvez não esteja.

— Então, vou jogar a *keeper*, não vou? — perguntou McLaggen.

— Vais — disse Harry. — Acho que sim...

Não estava a lembrar-se de qualquer argumento contra isso; afinal, McLaggen tinha sido o segundo melhor nas provas.

— Excelente! — exclamou McLaggen, com uma voz satisfeita. — Então, e quando é o treino?

— O quê? Ah... é amanhã à noite.

— Ótimo. Ouve, Potter, antes disso temos de conversar. Tenho umas ideias sobre estratégia que talvez consideres úteis.

— Está bem — disse Harry sem entusiasmo. — Então, amanhã falamos.

Agora estou muito cansado... adeus...

A notícia de que Ron tinha sido envenenado espalhou-se rapidamente no dia seguinte, mas não causou tanta sensação como o ataque de que Katie tinha sido alvo. Parecia ser opinião geral que se tratara dum acidente, dado ele encontrar-se na altura no gabinete do mestre de Poções, e que não haveria grande perigo, uma vez que lhe tinha sido administrado imediatamente um antídoto. A verdade é que os Gryffindor estavam muito mais interessados no próximo jogo de Quidditch contra os Hufflepuff, pois muitos deles queriam ver o castigo que seria aplicado a Zacharias Smith, *chaser* da equipa dos Hufflepuff, pelo comentário que tinha feito no jogo de abertura contra os Slytherin.

Mas Harry não podia estar menos interessado no Quidditch; estava a ficar obcecado com Draco Malfoy. Consultava o Mapa do Salteador sempre que podia e, de vez em quando, fazia alguns desvios até ao sítio onde Malfoy supostamente estaria, mas ainda não o tinha detectado a fazer algo fora do normal. E, no entanto, continuava a haver momentos em que inexplicavelmente Malfoy desaparecia do mapa...

Harry não tinha, contudo, muito tempo para pensar no assunto, com o treino de Quidditch, os trabalhos de casa e, ainda por cima, o facto de agora ser seguido para onde quer que fosse por Cormac McLaggen e Lavender Brown.

Não conseguia decidir qual deles o aborrecia mais. McLaggen andava sempre a dar-lhe a entender que seria melhor ser ele o *keeper* do que Ron e que, como Harry o via agora jogar regularmente, de certeza iria acabar por concordar com ele; também gostava muito de criticar os outros jogadores e de dar esquemas pormenorizados de treino a Harry, o que o obrigou a lembrar-lhe mais que uma vez que era ele o Capitão.

Entretanto, Lavender estava sempre a aproximar-se timidamente dele para falar sobre Ron, o que para Harry era ainda mais cansativo do que as palestras de McLaggen sobre Quidditch. Primeiro, ficara muito aborrecida por ninguém se ter lembrado de lhe dizer que Ron estava no hospital — «Quer dizer, *sou* a namorada dele!» — mas, infelizmente, decidira perdoar a Harry esse lapso de memória — e estava sempre desejosa de ter conversas muito profundas com ele sobre os sentimentos de Ron, uma experiência muito desconfortável, de que Harry prescindiria de bom grado.

— Olha, por que é que não falas com o Ron sobre isso? — sugeriu Harry, depois de um interrogatório particularmente longo por parte de Lavender sobre quase tudo, desde o que Ron tinha dito exactamente sobre os seus vestidos novos até se Harry achava que Ron considerava a sua relação com Lavender «séria».

— Eu até falava com o Ron, mas ele está sempre a dormir quando vou visitá-lo — explicou Lavender, irritada.

— A sério? — perguntou Harry, surpreendido, pois encontrara Ron bem desperto de todas as vezes que fora à enfermaria, muito interessado nas notícias da discussão entre Dumbledore e Snape e pronto a insultar McLaggen sempre que podia.

— A Hermione Granger continua a ir visitá-lo? — perguntou Lavender de repente.

— Acho que sim. Afinal são amigos, não são? — respondeu Harry, algo embaraçado.

— Amigos... não me faças rir — contrapôs Lavender com desdém. — Passou semanas sem lhe falar, quando ele começou a andar comigo! Deve querer fazer as pazes, agora que ele é tão interessante...

— Achas que ser envenenado é ser interessante? — perguntou Harry. — Bem, desculpa, mas tenho de ir. Vem aí o McLaggen para falar comigo sobre Quidditch — acrescentou rapidamente e desapareceu por uma porta que fingia ser uma parede, correndo depois pelo atalho que o levaria até à sala de Poções para onde, felizmente, nem Lavender nem McLaggen poderiam segui-lo.

Na manhã do jogo de Quidditch contra os Hufflepuff, Harry passou pela enfermaria antes de ir para o campo. Ron estava muito agitado. Madame Pomfrey não o deixava ir ver o jogo, com receio de que ele ficasse demasiado excitado.

— Então, como é o McLaggen se está a portar? — perguntou a Harry, com uma expressão nervosa, esquecendo-se de que tinha feito duas vezes a mesma pergunta.

— Já te disse — respondeu Harry, pacientemente — que ele podia ser o melhor do mundo e nem mesmo assim eu quereria ficar com ele. Está sempre a dizer a toda a gente o que hão-de fazer, acha que jogaria melhor em qualquer posição do que todos nós. Não vejo a hora de o pôr a andar. E, a propósito de pôr a andar — acrescentou Harry, pondo-se de pé e pegando na sua *Flecha de Fogo* —, és capaz de parar de fingir que estás a dormir quando a Lavender vem visitar-te? Ela também está a dar comigo em doido.

— Oh! — exclamou Ron, com um ar acabrunhado. — Está bem.

— Se não queres continuar a andar com ela, diz-lhe.

— Pois... quer dizer... não é assim tão fácil, pois não? — objectou Ron. Fez uma pausa e depois perguntou, num tom casual: — A Hermione passa por cá antes de ir para o jogo?

— Não, já foi para o campo com a Ginny.

— Oh — murmurou Ron num tom sorumbático. — Bem, então boa sorte. Espero que dês cabo do McLag... quer dizer, do Smith.

— Vou tentar — disse Harry, e pôs a vassoura ao ombro. — Vemo-nos depois do jogo.

Percorreu rapidamente os corredores desertos; toda a escola estava lá fora, ou já sentada no campo ou a dirigir-se para ele. Ia espreitando pelas janelas por que passava para tentar avaliar o vento que teriam de enfrentar, quando um barulho à sua frente o fez olhar para cima e ver Malfoy a caminhar na sua direcção, acompanhado por duas raparigas, ambas com um ar amuado e ofendido.

Malfoy parou assim que viu Harry e depois deu uma gargalhada curta e seca e continuou a andar.

— Aonde vais? — perguntou Harry.

— Vou mesmo dizer-te, porque tens muito que ver com isso, Potter — troçou Malfoy. — É melhor despachares-te, já devem estar à espera do Capitão Eleito, ou o Tipo Que Já Marcou, ou lá como te chamam agora.

Uma das raparigas soltou uma risadinha forçada. Harry olhou fixamente para ela, fazendo-a corar. Malfoy empurrou Harry para passar, e ela e a amiga seguiram-no quase em passo de corrida até dobrarem a esquina, e ele deixar de os ver.

Harry ficou parado onde estava. Que fúria! Agora que estava mesmo em cima da hora do jogo é que dava com Malfoy a atacar pela calada, enquanto o resto da escola estava fora; seria a melhor altura para Harry descobrir o que andava ele a tramar. Ao fim de mais alguns segundos de absoluto silêncio, Harry continuava onde estava, petrificado, a olhar fixamente para o sítio onde Malfoy tinha desaparecido...

— Onde é que estiveste? — perguntou Ginny, no momento em que Harry entrou a correr no vestiário. Toda a equipa já estava pronta; Coote e Peakes, os *beaters*, batiam nervosamente com os bastões nas pernas.

— Encontrei o Malfoy — explicou Harry em voz baixa, enquanto enfiava o equipamento escarlate pela cabeça.

— E então?

— Queria saber o que é que ele anda a fazer no castelo com duas raparigas, quando toda a gente está aqui...

— E isso é importante neste momento?

— Bem, não vou conseguir descobrir, pois não? — retorquiu Harry, pegando na sua *Flecha de Fogo* e endireitando os óculos. — Vamos!

E, sem mais uma palavra, entrou no campo por entre um coro ensurdecidor de vivas e vaías. Quase não havia vento; viam-se nuvens dispersas; de vez em quando, o Sol raiava por entre elas com um brilho

incandescente.

— O tempo está traiçoeiro! — disse McLaggen para preparar a equipa.
— Coote, Peakes, voem contra o Sol, para eles não vos verem a aproximar-se.

— Eu é que sou o Capitão, McLaggen, por isso pára de dar ordens! — gritou Harry, zangado. — Vai para os postes de marcação!

Quando McLaggen se afastou, Harry voltou-se para Coote e Peakes e disse-lhes contrafeito:

— Vejam se *voam* contra o Sol!

Apertou a mão ao Capitão dos Hufflepuff e depois, quando soou o apito de Madame Hooch, ergueu-se no ar, dando a volta ao campo à procura da *snitch*. Se conseguisse apanhá-la depressa, talvez pudesse voltar para o castelo a tempo de ir buscar o Mapa do Salteador e descobrir em que é que Malfoy andava metido...

— Agora é Smith dos Hufflepuff que detém a *quaffle* — disse uma voz sonhadora, que ecoou sobre o campo. — Da última vez foi ele que fez o relato, e a Ginny Weasley voou contra ele, acho que de propósito, pelo menos foi o que pareceu. O Smith estava a ser bastante cruel para com os Gryffindor. Espero que se tenha arrependido disso, agora que está a jogar contra eles... Oh, vejam só, perdeu a *quaffle*, foi a Ginny que lha tirou, gosto mesmo dela, é muito simpática...

Harry olhou, incrédulo, para o palanque do comentador. Ninguém no seu perfeito juízo teria deixado Luna Lovegood fazer o relato. Mas, mesmo de lá do alto, não havia que enganar, com aquela cabeleira loura ou o colar feito de rolhas de Cerveja de Manteiga... Ao lado de Luna, a Professora McGonagall parecia pouco à vontade, como se estivesse de facto a pensar melhor sobre aquela escolha.

— ... mas agora aquele jogador matulão dos Hufflepuff tirou-lhe a *quaffle*. Não me lembro do nome dele, é qualquer coisa como Bibble... não, Buggins...

— É Cadwallader! — gritou a professora McGonagall ao lado de Luna. A assistência riu em coro.

Harry olhou em volta à procura da *snitch*; não havia sinais dela. Passado um momento, Cadwallader marcou. McLaggen estava aos gritos com Ginny, a criticá-la por ter permitido que lhe tirassem a *quaffle* e não reparou na grande bola vermelha que lhe passou rente à orelha direita.

— McLaggen, és capaz de estar com atenção ao que te compete fazer e deixar o resto das pessoas em paz? — gritou Harry, dando a volta para passar junto do seu *keeper*.

— Não estás a dar um grande exemplo! — ripostou McLaggen, muito

vermelho e furioso.

— E agora Harry Potter está a discutir com o seu *keeper* — disse Luna serenamente, enquanto na assistência os Hufflepuffs e os Slytherins davam vivas e faziam troça. — Acho que aquilo não vai ajudá-lo a encontrar a *snitch*, mas talvez seja um estratagema...

Praguejando de raiva, Harry virou-se e começou outra vez a voar em volta do campo, tentando descortinar a pequena bola dourada com asas.

Ginny e Demelza marcaram um golo cada uma, dando aos apoiantes vestidos de vermelho e dourado motivos para aplaudir. Depois Cadwallader tornou a marcar, empatando o jogo, mas Luna não deu por isso. Parecia estar singularmente desinteressada em aspectos tão mundanos como o resultado, preferindo chamar a atenção do público para coisas como as formas interessantes das nuvens e a possibilidade de Zacharias Smith, que até ao momento ainda não tinha conseguido manter a *quaffle* na sua posse por mais de um momento, estar a sofrer de uma coisa chamada «Lergia do Derrotado».

— Setenta e quatro para os Hufflepuff — gritou a Professora McGonagall ao megafone de Luna.

— Já? — perguntou Luna com um ar absorto. — Olhem, o *keeper* dos Gryffindor agarrou no bastão de um dos *beaters*.

Harry deu a volta em pleno ar. Era verdade: McLaggen, por razões que só ele conhecia, tinha tirado o bastão a Peakes e parecia estar a demonstrar-lhe como lançar uma *bludger* contra Cadwallader, que se aproximava.

— Dá-lhe já o bastão e volta para o poste de marcação! — gritou Harry, avançando a toda a velocidade para McLaggen, no momento em que este tentava desferir um violento golpe na *bludger*, mas falhava.

Uma dor excruciante... um jorro de luz... gritos ao longe... e a sensação de cair por um longo túnel...

Quando recuperou os sentidos, Harry estava deitado numa cama muito quente e confortável, a olhar para um candeeiro que espalhava um círculo de luz dourado num tecto cheio de sombras. Levantou a cabeça com dificuldade e viu à sua esquerda um rosto sardento e uma cabeleira ruiva que lhe eram familiares.

— Foste simpático em vir até cá — disse Ron, a sorrir.

Harry pestanejou e olhou à sua volta. Claro! Estava na enfermaria. O céu lá fora estava de um azul intenso raiado de carmesim. O jogo devia ter acabado há horas... assim como qualquer esperança de apanhar Malfoy. Sentia a cabeça estranhamente pesada; ergueu a mão e tacteou um duro turbante de ligaduras.

— O que é que aconteceu?

— Partiste a cabeça — esclareceu Madame Pomfrey, apressando-se a ir ter com ele e obrigando-o a deitar a cabeça na almofada. — Não é nada de preocupante, cosi-a logo, mas esta noite ficas cá. Não podes fazer esforços durante algumas horas.

— Não quero passar cá a noite — disse Harry, zangado, e sentou-se, atirando a roupa para trás. — Quero encontrar o McLaggen e matá-lo.

— Lamento, mas isso é considerado um «esforço» — disse Madame Pomfrey e empurrou-o com força para trás, brandindo a varinha de forma ameaçadora. — Ficas aqui até eu te dar alta, Potter, ou então chamo o Director.

Voltou para o seu gabinete, e Harry afundou a cabeça na almofada, a bufar de raiva.

— Sabes por quanto é que perdemos? — perguntou a Ron, com os dentes cerrados.

— Por acaso, sei — disse Ron, como se estivesse a pedir desculpa. — O resultado final foi de trezentos e vinte a sessenta.

— Brilhante! — exclamou Harry, furiosamente. — Mesmo brilhante! Quando eu deitar a mão ao McLaggen...

— Não queres nada deitar-lhe a mão, ele é do tamanho de um troll — contrapôs Ron, chamando-o à razão. — Pessoalmente, acho mais aconselhável enfeitá-lo com aquela coisa da unha do pé do Príncipe. De qualquer forma, quando saíres daqui, o resto da equipa já lhe deve ter tratado da saúde. Não estão nada contentes...

Havia um tom mal disfarçado de contentamento na voz de Ron. Harry tinha a certeza de que ele estava felicíssimo por McLaggen se ter saído tão mal. Ficou deitado, a olhar para o remendo de luz no tecto, com a cabeça, recentemente cosida, não propriamente a doer-lhe, mas como se estivesse mais sensível por baixo de todas aquelas ligaduras.

— Consegui ouvir o relato daqui — disse Ron, com a voz a tremer de riso. — Espero que a partir de agora seja sempre a Luna a fazer o relato... *A Lergia do Derrotado...*

Mas Harry continuava demasiado irritado para conseguir ver humor na situação e, ao fim de algum tempo, os risos de Ron deixaram de se ouvir.

— A Ginny veio visitar-te, enquanto estavas sem sentidos — disse, após uma longa pausa, e a imaginação de Harry zarpou vertiginosamente, construindo logo um cenário em que Ginny, chorando sobre o seu corpo sem vida, confessava a sua profunda atracção por ele ao mesmo tempo que Ron lhes dava a sua bênção...

— Disse que chegaste mesmo em cima da hora do jogo. Porquê? Saíste daqui tão cedo.

— Oh... — suspirou Harry, no momento da implosão da cena que estivera a imaginar... — Pois foi... Vi o Malfoy a andar por aí com duas raparigas, que não pareciam nada interessadas em estar na companhia dele. É a segunda vez que ele faz questão de não estar no campo de Quidditch, quando toda a gente lá está. Também faltou ao último jogo, lembras-te? — suspirou Harry. — Quem me dera ter ido atrás dele, já que o jogo foi um fiasco tão grande...

— Não sejas parvo — disse Ron num tom ríspido. — Não podias ter faltado a um jogo de Quidditch só para ires atrás do Malfoy. És o Capitão!

— Quero descobrir o que é que ele anda a tramar. E não me digas que é imaginação minha, depois da conversa que ouvi entre ele e o Snape...

— Nunca disse que era imaginação tua — disse Ron, apoiando-se no cotovelo e franzindo a testa para Harry —, mas não há regra nenhuma que diga que nesta casa só uma pessoa pode estar a conspirar! Estás a ficar um bocado obcecado com o Malfoy, Harry. Quer dizer, pensares em faltar a um jogo só para o seguíres...

— Quero apanhá-lo em flagrante! — esclareceu Harry, frustrado. — Para onde é que ele vai, quando desaparece do mapa?

— Não sei... Para Hogsmeade? — sugeriu Ron, bocejando.

— Nunca o vi em nenhuma das passagens secretas assinaladas no mapa. Aliás, pensava que agora estavam a ser vigiadas.

— Então, não sei — concluiu Ron.

Ficaram os dois em silêncio. Harry olhava fixamente para o círculo de luz no tecto, a pensar...

Se, ao menos, tivesse o poder de Rufus Scrimgeour, poderia ter mandado seguir Malfoy, mas, infelizmente, Harry não tinha um departamento cheio de Aurors à sua disposição... passou-lhe pela cabeça tentar combinar alguma coisa com o ED, mas havia o problema de as pessoas faltarem às aulas; a maior parte dos alunos continuava a ter os horários completamente preenchidos...

Ouviu-se o som cavo e prolongado de Ron a rressonar. Passado algum tempo, Madame Pomfrey saiu do seu gabinete, desta vez com um roupão grosso. Era fácil fingir que estava a dormir; Harry voltou-se de lado e ouviu as cortinas a fecharem-se sozinhas quando ela agitou a varinha. As luzes apagaram-se, e ela voltou para o gabinete; Harry ouviu a porta fechar-se — era o sinal de que ia para a cama.

Deitado na escuridão, Harry pensou que era a terceira vez que era levado para a enfermaria por se lesionar a jogar Quidditch. Da última vez, tinha caído da vassoura devido à presença de Dementors à volta do campo e, na vez anterior, todos os ossos lhe tinham sido retirados do braço pelo

incuravelmente inapto Professor Lockhart... Fora de longe a lesão mais dolorosa... Lembrava-se do sofrimento causado por todos os ossos a crescerem numa só noite, uma dor que não tinha sido mitigada pela chegada inesperada de uma visita a meio da noite...

Harry sentou-se muito direito, com o coração a bater descompassadamente e as ligaduras de lado. Tinha descoberto finalmente a solução: *havia* uma maneira de seguir Malfoy... Como é que podia ter-se esquecido? Por que não pensara nisso antes?

Mas o problema era como conseguir chamá-lo? Que havia de fazer?

Em voz baixa, tentou chamar no escuro:

— Kreacher?

Ouviu-se um forte estalido, e o som de passos arrastados e guinchos encheu o quarto silencioso. Ron acordou com um grito:

— O que foi isto?

Harry apontou rapidamente a sua varinha na direcção da porta de Madame Pomfrey e murmurou *Muffliato!* para que ela não sáísse de lá a correr. Depois, chegou-se para o fundo da cama, para ver melhor o que estava a acontecer.

Dois elfos domésticos reboavam pelo chão do dormitório, um deles com uma camisola castanha encolhida e vários chapéus de lã, e o outro com um trapo velho enrolado à volta das ancas, como se fosse uma tanga. Depois ouviu-se outro estrondo, e Peeves, o *poltergeist*, apareceu a pairar por cima dos elfos engalfinhados um no outro.

— Eu estava a ver, Biruta! — gritou indignado para Harry, apontando para a briga dos elfos e soltando uma enorme gargalhada. — Que criaturas nojentas à pancada, pum, pum, toma, toma...

— O Kreacher não insulta o Harry Potter em frente do Dobby, nem pensar, senão o Dobby fecha a boca ao Kreacher! — gritou Dobby, com uma voz muito aguda.

— ... pontapé, arranhão! — gritava Peeves, muito feliz, atirando pedaços de giz aos elfos para os enraivecer ainda mais. — Toma, toma!

— O Kreacher pode dizer o que quiser do seu dono, ah sim, e que dono, um amigo nojento de Sangues de Lama, o que diria a pobre ama do Kreacher..?

Não descobriram o que diria a ama de Kreacher, porque, nesse momento, Dobby acertou com o seu pequeno punho ossudo na boca de Kreacher e arrancou-lhe metade dos dentes. Harry e Ron saltaram das respectivas camas e separaram os elfos, que continuavam a tentar dar pontapés e murros um no outro, incitados por Peeves, que ia rodopiando à volta do candeeiro a gritar «Enfia-lhe os dedos pelo nariz acima, arranca-lhe o nariz,

puxa-lhe as orelhas...»

Harry apontou a varinha a Peeves, dizendo *Langlock!* Peeves agarrou-se à garganta, engoliu em seco e depois saiu da sala, fazendo gestos obscenos mas sem conseguir falar, pois a sua língua acabara de se colar ao céu-da-boca.

— Boa! — disse Ron apreciativamente, levantando Dobby ao ar, para que os seus membros frágeis deixassem de poder tocar em Kreacher. — Foi outro feitiço do Príncipe, não foi?

— Foi — confirmou Harry, torcendo o braço mirrado de Kreacher. — Proíbo-vos de lutarem um com o outro! Muito bem, Kreacher, estás proibido de lutar com o Dobby. Dobby, sei que não estou autorizado a dar-te ordens...

— O Dobby ser um elfo livre e cumprir as ordens de quem quiser, e o Dobby fazer tudo o que o Harry Potter quiser que ele faz! — declarou Dobby, com as lágrimas a caírem-lhe cara abaixo, perdendo-se na camisola.

— Então, está bem — concluiu Harry. Ele e Ron soltaram os elfos, que caíram ao chão, mas não continuaram a lutar.

— O Amo chamou? — resmungou Kreacher, fazendo uma vénia, ao mesmo tempo que lançava a Harry um olhar que, sem sombra de dúvida, deixava entender que lhe desejava uma morte dolorosa.

— Chamei — disse Harry, olhando para a porta do gabinete de Madame Pomfrey para ter a certeza de que o feitiço Muffliato ainda estava a funcionar; não havia sinal de que ela tivesse ouvido qualquer barulho. — Tenho um trabalho para ti.

— O Kreacher fazer tudo o que o Amo querer — disse Kreacher, curvando-se tanto que os seus lábios quase tocaram nos seus pés deformados —, porque o Kreacher não ter outra hipótese, mas o Kreacher ter vergonha de ter um Amo assim, ter mesmo...

— O Dobby fazer o trabalho, Harry Potter! — guinchou Dobby, com os seus olhos do tamanho de bolas de ténis ainda cheios de lágrimas. — Ser uma honra para o Dobby poder ajudar o Harry Potter!

— Pensando melhor, seria bom poder contar com os dois — disse Harry. — Muito bem... quero que sigam o Draco Malfoy.

— Ignorando a expressão de surpresa e exasperação ostentada pelo rosto de Ron, Harry prosseguiu: — Quero que descubram aonde é que ele vai, com quem fala e o que anda a fazer. Quero que o sigam vinte e quatro horas por dia.

— Muito bem, Harry Potter! — exclamou Dobby, com os seus olhos enormes a brilharem agora de excitação. — E se o Dobby fizer alguma

coisa de errado, o Dobby atirar-se da torre mais alta, Harry Potter!

— Isso não será preciso — disse Harry rapidamente.

— O Amo quer que eu siga o mais novo dos Malfoy? — resmungou Kreacher. — O Amo quer que eu espie o sobrinho-neto puro-sangue da minha antiga Ama?

— Esse mesmo — respondeu Harry, prevendo um grande perigo e tratando de impedi-lo de imediato. — E estás proibido de lhe dizer seja o que for, de lhe mostrares o que andas a fazer, de falares com ele ou de lhe mandares recados ou... ou de o contactares seja de que maneira for. Entendido?

Teve a nítida sensação de que Kreacher estava a tentar descobrir uma lacuna nas instruções que acabava de receber e ficou à espera. Passado um momento, para grande satisfação de Harry, Kreacher tornou a fazer uma vénia e disse, cheio de ressentimentos:

— O Amo pensar em tudo, e o Kreacher ter de lhe obedecer, apesar de o Kreacher preferir de longe ser criado do Malfoy, oh sim...

— Então, está combinado — concluiu Harry. — Quero relatórios periódicos, mas, se eu estiver acompanhado, não venham ter comigo. Se for o Ron ou a Hermione, tudo bem. E não digam a ninguém o que andam a fazer. Agarrem-se ao Malfoy como duas lapas.

XX

O PEDIDO DE LORD VOLDEMORT

Harry e Ron saíram da enfermaria na segunda-feira de manhã, completamente restabelecidos graças aos cuidados de Madame Pomfrey e em condições de usufruírem dos benefícios de terem sido agredidos e envenenados, o melhor dos quais era o facto de Hermione ser outra vez amiga de Ron. Ela até os acompanhou ao pequeno-almoço, dando-lhes em primeira mão a notícia de que Ginny tinha discutido com Dean. O monstro meio adormecido no peito de Harry levantou imediatamente a cabeça, sentindo o perfume da esperança que pairava no ar.

— Por que é que discutiram? — perguntou, tentando mostrar-se desinteressado, no momento em que chegaram a um corredor do sétimo andar, onde não havia ninguém a não ser uma miúda pequenina que tinha estado a admirar uma tapeçaria de trolls vestidos com tutus. Fez uma expressão de terror ao ver aproximarem-se aqueles alunos do sexto ano, deixando cair a pesada balança de bronze que levava na mão.

— Não faz mal — disse Hermione amavelmente, apressando-se a ajudá-la. — Olha... — Bateu com a sua varinha na balança partida dizendo: — *Reparo!*

A menina não agradeceu. Continuou como que pregada ao chão, a vê-los passar até desaparecerem. Ron olhou outra vez para trás.

— Aposto que são cada vez mais pequenos — comentou.

— Esquece-a — disse Harry, um pouco impaciente. — A Ginny e o Dean discutiram sobre quê, Hermione?

— Oh, o Dean estava a rir-se por causa de o McLaggen te ter atirado aquela *bludger*.

— Deve ter tido piada — disse Ron, tentando impor a razão.

— Não teve piada nenhuma! — contrapôs Hermione acaloradamente. — Foi horrível, e se o Coote e o Peakes não tivessem apanhado o Harry, ele poderia ter sido ferido com gravidade!

— Bem, mas isso não é razão para a Ginny e o Dean acabarem — disse Harry, insistindo no tom casual. — Ou continuam juntos?

— Continuam... mas por que é que estás tão interessado? — perguntou Hermione, lançando a Harry um olhar penetrante.

— Só não quero que haja outra vez confusão na minha equipa de Quidditch — apressou-se a responder, mas Hermione manteve uma expressão de desconfiança, e Harry sentiu-se muito aliviado quando ouviu uma voz atrás de si a chamá-lo, dando-lhe uma desculpa para voltar as costas a Hermione.

— Olá, Luna.

— Fui à enfermaria à tua procura — disse Luna, procurando qualquer coisa no saco. — Mas disseram-me que já te tinhas vindo embora...

Atirou uma coisa que parecia uma cebola verde, um cogumelo enorme, sarapintado, e uma quantidade considerável de uma espécie de areia para gato para as mãos de Ron, tirando por fim um rolo de pergaminho todo sujo que entregou a Harry.

— ... Mandaram-me dar-te isto.

Era um pequeno rolo de pergaminho, que Harry reconheceu imediatamente tratar-se de um convite para mais uma lição com Dumbledore.

— Hoje à noite — disse a Ron e Hermione, depois de o ter desenrolado.

— Foste ótima a relatar o último jogo! — disse Ron a Luna, enquanto ela guardava a cebola verde, o cogumelo e a areia para gato. Luna fez um sorriso vago.

— Estás a gozar comigo, não estás? Toda a gente diz que fui horrível.

— Não, estou a falar a sério — insistiu Ron com sinceridade. — Não me lembro de ter gostado tanto de uns comentários como os teus! Já agora, o que é isto? — perguntou, pegando no objecto parecido com uma cebola.

— Ah, é uma Raiz de Gurdi — respondeu, tornando a pôr a areia para gato e o cogumelo no saco. — Se quiseres, podes ficar com ela. Tenho mais. São ótimas para afugentar Gulping Plimpies. — E afastou-se, deixando Ron a rir à gargalhada, com a Raiz de Gurdi na mão.

— Sabem, ela caiu-me no goto — disse Ron, enquanto retomavam o caminho em direcção ao Salão Nobre. — Sei que é louca, mas é-o num bom...

De repente, parou de falar. Lavender Brown estava ao fundo da escadaria de mármore, com cara de poucos amigos.

— Olá — disse Ron, nervoso.

— Anda — sussurrou Harry a Hermione, e apressaram o passo, mas não sem antes ouvirem Lavender dizer:

— Por que é que não me disseste que tinhas alta hoje? E o que é que *ela* estava a fazer contigo?

Ron mostrou-se carrancudo e zangado quando apareceu para tomar o pequeno-almoço meia hora depois e, embora se tivesse sentado ao pé de Lavender, Harry não os viu trocarem uma só palavra durante todo o tempo que estiveram juntos. Hermione estava a agir como se tudo aquilo lhe fosse indiferente, mas por uma ou duas vezes Harry detectou-lhe um sorriso inexplicavelmente irónico no rosto. Pareceu particularmente bem-disposta durante todo esse dia e à noite, na sala comum, até aceitou ver (por outras palavras, acabar) o trabalho de Herbologia de Harry, algo que se tinha recusado terminantemente a fazer até àquele dia, porque sabia que depois Harry deixaria Ron copiar o seu trabalho.

— Obrigadinho, Hermione — disse-lhe Harry, com uma palmadinha apressada nas costas, pois entretanto olhara para o relógio e vira que eram quase oito horas. — Olha, tenho de me despachar para não chegar atrasado à aula do Dumbledore...

Hermione não respondeu, limitando-se a cortar algumas das frases menos conseguidas com um ar entediado. Com um grande sorriso, Harry saiu apressadamente pelo buraco do retrato, em direcção ao gabinete do Director. A gárgula afastou-se para o lado, ao ouvir a referência a *éclair*s de caramelo, e Harry subiu as escadas de caracol a dois e dois e bateu à porta no preciso momento em que o relógio dava as oito horas.

— Entra — ordenou Dumbledore, mas, quando Harry estendeu a mão para empurrar a porta, esta abriu-se pelo lado de dentro. Fora a Professora Trelawney.

— Aha! — gritou, apontando teatralmente para Harry, enquanto piscava os olhos por detrás dos óculos de lentes grossíssimas. — Então, foi este o motivo que o levou a expulsar-me sem cerimónia do seu gabinete, Dumbledore!

— Minha querida Sybill — disse Dumbledore, num tom ligeiramente exasperado —, não se trata de correr consigo sem cerimónia. Acontece que o Harry tem uma aula comigo, e acho que já não há mais nada a dizer...

— Muito bem — aquiesceu a Professora Trelawney, com uma voz profundamente ofendida. — Se não quer proibir a entrada deste intrometido, que seja... Pode ser que eu arranje uma escola onde os meus talentos sejam mais apreciados...

Afastou Harry com um encontrão e desapareceu pela escada de caracol; ouviram-na tropeçar mais abaixo, e Harry calculou que tivesse pisado um dos seus longos xaires.

— Fecha a porta e senta-te, Harry — indicou Dumbledore, parecendo

bastante cansado.

Harry obedeceu, reparando ao sentar-se no lugar habitual à frente da secretária de Dumbledore que o Pensatório estava mais uma vez no meio deles. Juntamente com dois pequenos frascos de vidro cheios de recordações a rodopiarem.

— Quer dizer que a Professora Trelawney continua aborrecida com o facto de o Firenze estar a dar aulas? — perguntou Harry.

— Continua — confirmou Dumbledore. — A Adivinhação continua a dar-me muito mais trabalho do que eu poderia imaginar, ainda por cima sendo uma matéria que eu próprio não domino. Não posso pedir ao Firenze para voltar para a Floresta, donde foi banido, nem posso pedir à Sybill Trelawney que se vá embora. Aqui entre nós, ela não faz ideia do perigo que corre fora do castelo. Não sabe, e acho que seria uma imprudência explicar-lhe isso, que foi ela quem fez a profecia sobre ti e o Voldemort.

Dumbledore soltou um suspiro profundo e depois disse:

— Mas esquece os meus problemas com o pessoal. Temos coisas muito mais importantes para discutir. Em primeiro lugar, conseguiste realizar a tarefa de que te incumbi no fim da lição passada?

— Ah! — exclamou Harry, apanhado em falso. Com as lições de Aparição, e o Quidditch, e Ron a ser envenenado, e a cabeça partida, e a sua determinação em descobrir o que andava Draco Malfoy a tramar, Harry quase que se tinha esquecido por completo da recordação que Dumbledore lhe pedira para arrancar ao Professor Slughorn... — Bem, falei disso ao Professor Slughorn no fim da aula de Poções, mas...hã... ele não me disse nada.

Seguiu-se um curto silêncio.

— Estou a ver — disse, por fim, Dumbledore, olhando para Harry por cima dos óculos em meia-lua e transmitindo-lhe a habitual sensação de que estava a ser radiografado. — E achas que fizeste todos os esforços possíveis? Que utilizaste todo o teu considerável engenho? Que não há astúcia alguma que não tenhas sondado dentro de ti com o objectivo de recuperar essa recordação?

— Bem... — hesitou Harry para tentar ganhar tempo, pois não sabia o que dizer a seguir. De repente, a única tentativa que fizera para recuperar a recordação parecia-lhe constrangedoramente débil. — Bem... no dia em que o Ron bebeu por engano a poção de amor, levei-o ao Professor Slughorn. Pensei que, se o apanhasse de bom humor...

— E resultou? — perguntou Dumbledore.

— Bem, não, professor, porque o Ron foi envenenado...

— ... o que, naturalmente, te fez esquecer que tinhas de recuperar a

recordação; não seria de esperar outra coisa, considerando que o teu melhor amigo estava em perigo. Mas, quando ficou claro que Mr. Weasley ia recuperar completamente, estava a contar que voltasses à tarefa de que te incumbi. Pensei que tinha sido bem explícito quanto à importância daquela recordação. Aliás, fiz os possíveis por te transmitir a ideia de que era a recordação mais importante de todas e que, sem ela, estaríamos a perder o nosso tempo.

Uma sensação de calor, uma espécie de formigueiro causado pela vergonha desceu do alto da cabeça de Harry e espalhou-se por todo o seu corpo. Dumbledore não tinha levantado a voz, nem sequer parecia estar zangado, mas Harry teria preferido que ele gritasse; aquele tom frio de desilusão era o pior que podia haver.

— Professor — disse Harry, num tom algo desesperado —, não é que eu não tenha tentado. Só que tive... outras coisas...

— Outras coisas na cabeça — concluiu Dumbledore, antecipando-se. — Estou a ver.

Tornaram a ficar em silêncio, o silêncio mais desconfortável que Harry alguma vez sentira na presença de Dumbledore; parecia nunca mais ter fim, sendo apenas pontuado pelas fungadelas saídas do retrato de Armando Dippet, por trás da cabeça do director. Harry sentiu-se estranhamente diminuído, como se tivesse encolhido desde que ali entrara.

Quando já não conseguia suportar mais aquele silêncio, disse:

— Peço muita desculpa, Professor Dumbledore. Devia ter-me esforçado mais... Devia ter percebido que não me teria pedido, se não fosse mesmo importante.

— Obrigado por admitires isso, Harry — respondeu Dumbledore, tranquilamente. — Posso então contar que, de agora em diante, irás dar a máxima prioridade a este assunto? Não fará muito sentido tornarmos a encontrar-nos depois de hoje, se não tivermos essa recordação.

— Com certeza, professor, irei conseguir que ele me conte — disse Harry com toda a sinceridade.

— Então, não vamos falar mais disso agora — concluiu Dumbledore num tom mais meigo. — Vamos continuar a nossa história no ponto onde parámos. Lembras-te de onde foi?

— Lembro, professor — retorquiu Harry rapidamente. — Voldemort matou os pais e os avós e deu a entender que tinha sido o seu tio Morfin. Depois voltou para Hogwarts e falou... falou ao Professor Slughorn dos Horcruxes — murmurou, cheio de vergonha.

— Muito bem — disse Dumbledore. — Agora, espero que estejas lembrado de que te disse, no início destes nossos encontros, que

entraríamos no domínio da adivinhação e da especulação.

— Sim, lembro-me, professor.

— Até agora, espero que concordes comigo, sempre te apresentei fontes razoavelmente seguras para as minhas deduções sobre as actividades do Voldemort até aos dezassete anos.

Harry acenou a cabeça, em sinal de concordância.

— Mas agora, Harry — continuou Dumbledore —, agora as coisas vão tornar-se muito mais estranhas e sombrias. Se já foi difícil descobrir provas sobre o Riddle, enquanto rapaz, foi quase impossível encontrar alguém que estivesse preparado para recordar fosse o que fosse sobre o Voldemort, já homem. Aliás, duvido que haja alguém vivo, para além dele próprio, que possa fazer um retrato fiel do que foi a sua vida desde que saiu de Hogwarts. Mas tenho ainda duas recordações que gostaria de partilhar contigo. — Dumbledore apontou para os dois pequenos frascos de vidro que luziam ao lado do Pensatório. — Depois, terei todo o prazer em saber a tua opinião sobre as conclusões que tirei.

A ideia de que Dumbledore prezava tanto a sua opinião fez Harry sentir-se ainda mais envergonhado por não ter cumprido a tarefa de obter a recordação sobre o Horcrux. Agitou-se na cadeira, com um profundo sentimento de culpa, quando Dumbledore ergueu o primeiro dos dois frascos contra a luz e o examinou.

— Espero que não estejas cansado de mergulhar nas recordações de outras pessoas, pois estas duas são reminiscências muito curiosas. A primeira veio de uma elfo muito velha chamada Hokey. Mas antes de vermos o que a Hokey presenciou, tenho de te contar rapidamente como o Voldemort saiu de Hogwarts.

«Como seria de esperar, chegou ao sétimo ano com notas máximas em todos os exames que fez. Os colegas dele tentavam decidir quais as profissões que seguiriam quando saíssem de Hogwarts. Quase toda a gente depositava as maiores esperanças em Tom Riddle, prefeito, delegado, vencedor do Prémio Especial por Serviços Prestados à Escola. Sei que vários professores, incluindo o Slughorn, sugeriram que ele entrasse para o Ministério da Magia, ofereceram-se para lhe marcar entrevistas, puseram-no em contacto com pessoas que poderiam ser-lhe úteis. Recusou todas as ofertas. Soube-se apenas que Voldemort estava a trabalhar na Borgin e Burkes.

— Na Borgin e Burkes? — repetiu Harry, incrédulo.

— Na Borgin e Burkes — assegurou-lhe Dumbledore calmamente. — Penso que irás perceber o que o atraía àquele lugar, quando entrarmos nas recordações da Hokey. Mas não foi o primeiro emprego que o Voldemort

escolheu. Quase ninguém soube disso na altura... fui uma das poucas pessoas a quem o Director da altura o confiou... mas o Voldemort foi falar com o Professor Dippet para lhe pedir se podia ficar em Hogwarts como professor.

— Queria ficar cá? Porquê? — perguntou Harry, ainda mais admirado.

— Acho que tinha vários motivos, apesar de não ter apresentado nenhum deles ao professor Dippet — respondeu Dumbledore. — O primeiro e mais importante é que, na minha opinião, o Voldemort se sentia mais ligado a esta escola do que alguma vez esteve a qualquer pessoa. Nunca tinha sido tão feliz como em Hogwarts. Era o primeiro e o único sítio onde se sentia em casa.

Harry sentiu-se algo incomodado ao ouvir aquelas palavras, pois era exactamente o que ele próprio sentia em relação a Hogwarts.

— Em segundo lugar, o castelo é um reduto de magia antiga. Voldemort tinha certamente penetrado em muito mais dos seus segredos do que a maior parte dos alunos que passam por este lugar, mas talvez sentisse que havia mistérios por revelar, magias por explorar.

«Em terceiro lugar, como professor, teria grande poder e influência sobre jovens feiticeiras e feiticeiros. Talvez essa ideia lhe tivesse sido transmitida pelo Professor Slughorn, que era aquele com quem se dava melhor e que provavelmente lhe mostrara quão influente poderia ser o papel de um professor. Não concebo nem por um momento que o Voldemort imaginasse passar o resto da vida em Hogwarts, mas acho que encarava a escola como um bom sítio de recrutamento e um local onde poderia começar a formar o seu próprio exército.

— Mas ele não conseguiu o lugar, professor?

— Não. O Professor Dippet disse-lhe que, com dezoito anos, ainda era muito novo, mas convidou-o a candidatar-se ao lugar passados alguns anos, se ainda estivesse interessado em ensinar.

— E como é que isso o fez sentir, professor?

— Muito constrangido — respondeu Dumbledore. — Tinha aconselhado o Armando a recusar-lhe o lugar, sem lhe adiantar as razões que te apresentei a ti, pois o Professor Dippet gostava muito do Voldemort e estava convencido da sua honestidade. Só que eu não queria ter Lord Voldemort nesta escola e, ainda por cima, numa posição de poder.

— Que lugar é que ele queria, professor? Que disciplina é que ele queria ensinar?

De certa forma, Harry já sabia a resposta antes de Dumbledore a dar.

— Defesa Contra a Magia Negra. Na altura era dada por uma velha professora chamada Galatea Merrythought, que estava em Hogwarts havia

quase cinquenta anos.

«O Voldemort foi então para a Borgin e Burkes, e todos os professores que o admiravam disseram que era uma pena um jovem feiticeiro tão brilhante como ele trabalhar numa loja. Mas o Voldemort não era um simples empregado de balcão. Sendo bem-educado, bonito e inteligente, rapidamente lhe foram confiadas algumas tarefas exclusivas de um estabelecimento como a Borgin e Burkes que, como sabes, Harry, é especializada em objectos com propriedades raras e poderosas. O Voldemort foi incumbido de convencer algumas pessoas a separarem-se dos seus tesouros para que pudessem ser vendidos pelos sócios da loja e, segundo se consta, revelou grandes dotes nessa tarefa.

— Não duvido — disse Harry, sem conseguir conter-se.

— Tens razão — aquiesceu Dumbledore, com um sorriso ténue. — Agora está na altura de ouvirmos a elfo Hokey, que trabalhava para uma feiticeira muito velha e muito rica, chamada Hepzibah Smith.

Dumbledore bateu com a varinha num dos frascos, a rolha saltou, e ele despejou a recordação para o Pensatório ao mesmo tempo que dizia:

— Primeiro tu, Harry.

Harry levantou-se e debruçou-se uma vez mais sobre o conteúdo prateado e ondulante do recipiente de pedra até o seu rosto tocar nele. Mergulhou na escuridão do nada, aterrando numa sala de estar à frente de uma senhora terrivelmente gorda, com uma peruca ruiva e umas vestes cor-de-rosa brilhantes, que esvoaçavam à sua volta, dando a ideia de um bolo gelado a derreter-se. Mirava-se num pequeno espelho cravejado de pedras preciosas e punha *rouge* nas maçãs do rosto, já vermelhas, com uma borla de pó, enquanto a elfo mais pequena e mais velha que Harry alguma vez vira tentava meter os seus pés gordos nuns sapatos de cetim muito apertados.

— Despacha-te, Hokey! — ordenou Hepzibah. — Ele disse que vinha às quatro, está quase na hora, e ele nunca se atrasou!

Arrumou a borla de pó, ao mesmo tempo que a elfo se endireitava. O alto da sua cabeça quase não chegava ao assento da cadeira de Hepzibah, e a sua pele enrugada pendia-lhe do corpo como o pano de linho áspero que usava preso à sua volta como uma toga.

— Que tal estou? — perguntou Hepzibah, voltando a cabeça para admirar os vários ângulos do seu rosto no espelho.

— Encantadora, minha ama — guinchou Hokey.

Harry concluiu que o contrato de Hokey devia estipular que era obrigada a mentir com quantos dentes tinha na boca quando lhe fizessem aquela pergunta, pois, na sua opinião, Hepzibah estava tudo menos encantadora.

Ouviu-se o retinir de uma campainha, e tanto a patroa como a elfo deram um salto.

— Depressa, depressa, ele chegou, Hokey! — gritou Hepzibah, e a elfo saiu a correr da sala, tão atafalhada que era difícil perceber como alguém podia circular por ali sem deitar ao chão pelo menos uma dúzia de coisas: havia armários cheios de caixinhas lacadas, escaparates a abarrotar de livros gravados a ouro, prateleiras com esferas e globos celestes e muitos vasos com flores em recipientes de bronze. A sala parecia, na verdade, o cruzamento de uma loja mágica de antiguidades com uma estufa.

A elfo voltou passados poucos minutos, seguida por um jovem alto que Harry não teve qualquer dificuldade em reconhecer como sendo Voldemort. Envergava um simples fato preto; o seu cabelo estava um pouco mais comprido do que quando andara na escola e tinha as faces cavadas, mas tudo isso lhe ficava bem, pois estava mais belo que nunca. Avançou pela sala cheia de obstáculos com um ar determinado que mostrava que já ali tinha estado muitas vezes e curvou-se sobre a mão pequena e gorda de Hepzibah, aflorando-a com os lábios.

— Trouxe-lhe flores — disse em voz baixa, estendendo um ramo de rosas que fez aparecer do nada.

— Seu maroto, não era preciso! — reclamou a velha Hepzibah, mas Harry reparou que ela tinha uma jarra vazia a postos na mesinha mais perto de si. — Você estraga esta velhota, Tom... Sente-se... sente-se... onde está a Hokey... ah...

A elfo entrara de novo na sala a correr, trazendo um tabuleiro com bolinhos, que pousou ao alcance da patroa.

— Sirva-se, Tom — disse Hepzibah. — Sei que adora os meus bolos. Então, como tem passado? Está pálido. Obrigam-no a trabalhar demasiado na loja, já o disse centenas de vezes...

Voldemort fez um sorriso mecânico, e Hepzibah respondeu com um sorriso afectado.

— Então, o que o traz por cá desta vez? — perguntou, pestanejando.

— Mr. Burke gostaria de subir a oferta que fez pela armadura feita pelos goblins — disse Voldemort. — Ele acha que quinhentos galeões é uma quantia mais que justa...

— Mais devagar, mais devagar, se não vou pensar que só está aqui por causa das minhas bugigangas! — ripostou Hepzibah.

— Foi por causa delas que me mandaram cá — disse Voldemort, calmamente. — Sou apenas um simples funcionário, madame, tenho de fazer o que me mandam. Mr. Burke quer que eu lhe pergunte...

— Oh, esqueça Mr. Burke! — fazendo um gesto de desdém com a mão.

— Tenho uma coisa para lhe mostrar que nunca mostrei a Mr. Burke! É capaz de guardar um segredo, Tom? Promete-me que não diz a Mr. Burke que eu tenho o que vou mostrar-lhe? Ele nunca mais me deixaria em paz, se soubesse que tenho isto, mas eu não vendo, nem ao Burke, nem a ninguém! Mas você, Tom, vai apreciar isto pela sua história e não pela quantidade de galeões que poderia render-lhe...

— Terei todo o gosto em ver o que Miss Hepzibah quiser mostrar-me — respondeu Voldemort no seu tom calmo, e Hepzibah deu outra gargalhadinha infantil.

— Mandei a Hokey trazer-me... Hokey, onde é que estás? Quero mostrar a Mr. Riddle o nosso tesouro mais *precioso*... Aliás, já que estás com a mão na massa, traz as duas...

— Estão aqui, minha ama — guinchou a elfo, e Harry viu duas caixas de couro, uma em cima da outra, a deslocarem-se pela sala como que por iniciativa própria, apesar de saber que a minúscula elfo estava a carregá-las em cima da cabeça, ao mesmo tempo que desbravava caminho por entre mesas, pufes e banquinhos.

— Muito bem — disse Hepzibah eufórica, tirando as caixas à elfo, pousando-as sobre o colo e preparando-se para abrir a que estava por cima. — Acho que vai gostar disto, Tom... Oh, se a minha família soubesse que eu lhe tinha mostrado... Estão desejosos de lhe deitar a mão!

Tirou a tampa. Harry inclinou-se um pouco para a frente para ver melhor e pareceu-lhe ver uma pequena taça de ouro com duas asas finamente trabalhadas.

— Será que sabe o que isto é, Tom? Pegue nela e veja bem! — sussurrou Hepzibah, e Voldemort estendeu a mão esguia e pegou na taça por uma das asas, retirando-a das sedas que a envolviam. Harry pensou vislumbrar um brilho escarlate nos seus olhos escuros. A sua expressão ávida foi curiosamente reflectida pelo rosto de Hepzibah, à excepção dos seus olhos pequenos, que estavam fixos nas belas feições de Voldemort.

— Um texugo — murmurou Voldemort, examinando a gravura entalhada na taça. — Quer dizer que isto era...?

— Da Helga Hufflepuff, como você bem sabe, seu espertalhão! — concluiu Hepzibah, inclinando-se para a frente por entre os estalidos do corpete, e beliscando-lhe uma das faces. — Não lhe disse que era uma descendente distante dela? Isto tem passado de mão em mão na minha família desde há muitos anos. É linda, não é? Já para não falar nos poderes que supostamente terá, mas ainda não os experimentei como deve ser. Prefiro tê-la bem guardada e em segurança...

Desprendeu a taça do longo indicador de Voldemort e tornou a colocá-la

na caixa com todo o cuidado, demasiado preocupada em pô-la exactamente na posição em que estava para notar a sombra que passara pelo rosto de Voldemort no momento em que lhe tirara a taça.

— Pronto — disse Hepzibah, muito feliz. — Onde está a Hokey? Ah, estás aí... já podes levar isto, Hokey...

A elfo levou obedientemente a caixa com a taça, e Hepzibah concentrou a sua atenção no estojo muito mais pequeno que tinha no colo.

— Acho que ainda vai gostar mais disto, Tom — sussurrou Hepzibah. — Chegue-se um pouco para a frente, meu caro, para conseguir ver... É claro que o Burke sabe que tenho isto, comprei-lho a ele e atrevo-me a dizer que ele teria todo o gosto em recuperá-lo quando eu desaparecer...

Soltou o delicado fecho de filigrana e abriu a caixa. Sobre um suave veludo carmesim estava um pesado medalhão de ouro.

Voldemort estendeu a mão, desta vez sem ser convidado a fazê-lo, e ergueu-o contra a luz, olhando fixamente para ele.

— O símbolo de Slytherin — exclamou lentamente, fazendo incidir a luz sobre um ondulante e ornamentado «S».

— Isso mesmo! — confirmou Hepzibah, aparentemente deliciada perante o ar extasiado de Voldemort a olhar para o medalhão. — Tive de pagar um dinheirão por ele, mas não podia deixá-lo escapar, um tesouro destes, tinha de fazer parte da minha colecção. Ao que parece, o Burke comprou-o a uma mulher de aspecto andrajoso que o teria roubado, mas não fazia a menor ideia do seu verdadeiro valor...

Desta vez não havia engano: os olhos de Voldemort cintilaram, escarlates, ao ouvir as palavras dela, e Harry viu os nós dos seus dedos ficarem brancos a agarrarem a corrente do medalhão.

— ... o Burke pagou-lhe uma insignificância, mas veja... é lindo, não é? E, mais uma vez, dotado de todos os poderes, mas eu mantenho-o bem guardado...

Estendeu a mão para pegar no medalhão. Por um momento, Harry achou que Voldemort não ia largá-lo, mas acabou por escorregar entre os seus dedos e voltar à almofada de veludo vermelho.

— E, pronto, aqui tem, meu caro Tom. Espero que tenha gostado.

Hepzibah olhou-o bem de frente e, pela primeira vez, Harry viu o seu sorriso pretensioso esmorecer.

— Está tudo bem consigo, meu caro?

— Está — respondeu Voldemort, calmamente. — Sim, estou óptimo...

— Pareceu-me... Deve ter sido por causa da luz... — disse Hepzibah, nervosa, e Harry percebeu que também ela tinha visto por momentos o brilho vermelho nos olhos de Voldemort. — Toma, Hokey, leva isto e torna

a guardá-las... com os encantamentos do costume.

— Está na hora de irmos embora, Harry — avisou Dumbledore em voz baixa e, enquanto a pequena elfo se afastava a cambalear, equilibrando as caixas, Dumbledore agarrou mais uma vez no braço de Harry e elevaram-se pelo vazio, de regresso ao gabinete de Dumbledore. — A Hepzibah Smith morreu dois dias depois desta pequena cena — continuou, voltando a sentar-se e fazendo sinal a Harry para que se sentasse também. — A elfo Hokey foi condenada pelo Ministério por ter envenenado, por acidente, o cacau que a sua patroa bebia todas as noites.

— Não pode ser! — exclamou Harry, furioso.

— Estou a ver que somos da mesma opinião — constatou Dumbledore. — É certo que há muitas semelhanças entre esta morte e a dos Riddle. Em ambos os casos, a culpa foi atribuída a alguém que se lembrava com toda a nitidez de ter causado essa morte...

— A Hokey confessou?

— Lembrava-se de ter posto uma coisa no cacau da patroa que afinal não era açúcar, mas um veneno mortífero e pouco conhecido — explicou Dumbledore. — Concluiu-se que não o tinha feito de propósito, mas por estar velha e confusa...

— O Voldemort modificou-lhe a memória, tal como fez com o Morfin!

— Pois, também foi essa a conclusão que eu tirei — continuou Dumbledore. — E, tal como no caso do Morfin, o Ministério estava predisposto a suspeitar da Hokey...

— ... por ser uma elfo — concluiu Harry. Em poucas ocasiões tinha sentido uma empatia tão grande para com a sociedade fundada por Hermione, a BABE.

— Precisamente — anuiu Dumbledore. — Ela já tinha muita idade, admitiu que tinha mexido na bebida, e ninguém no Ministério se deu ao trabalho de investigar melhor. Como aconteceu com o Morfin, quando a descobri e consegui recuperar esta recordação, a sua vida estava a chegar ao fim, mas é óbvio que esta recordação não prova nada a não ser que o Voldemort sabia da existência da taça e do medalhão.

«Quando a Hokey foi condenada, já a família de Hepzibah tinha dado por falta de dois dos seus maiores tesouros. Demoraram algum tempo a certificarem-se, porque ela tinha muitos esconderijos, habituada que estava a guardar zelosamente a sua colecção. Mas, antes de terem a certeza absoluta de que a taça e o medalhão tinham desaparecido, já o empregado da Borgin e Burkes, o jovem que tantas vezes visitara Hepzibah e que tanto a encantara, tinha apresentado a demissão e desaparecido. Os seus superiores não faziam ideia de onde poderia estar; ficaram tão admirados

como todas as outras pessoas com o seu desaparecimento. E, durante muito tempo, foi a última vez que alguém viu ou ouviu falar do Tom Riddle.

«Bem — prosseguiu Dumbledore —, se não te importas, Harry, quero fazer mais uma pausa para chamar a tua atenção para certos aspectos da nossa história. O Voldemort tinha cometido outro crime; não sei se foi o primeiro depois de ter morto os Riddle, mas acho que sim. Desta vez, como deves ter constatado, não matou por vingança, mas por cobiça. Queria os dois fabulosos troféus que a pobre mulher, velha e embevecida por ele, lhe mostrara. Tal como tinha roubado as outras crianças no orfanato, tal como tinha roubado o anel do seu tio Morfin, fugira agora com a taça e o medalhão da Hepzibah.

— Mas — contrapôs Harry, franzindo a testa —, parece uma loucura... arriscar tudo, desperdiçar o emprego, só por causa de...

— Talvez para ti seja uma loucura, mas não para o Voldemort — contrapôs Dumbledore. — Espero que a seu tempo percebas o valor que estes objectos tinham para ele, Harry, mas tens de admitir que não é difícil imaginar que ele deve ter achado que, pelo menos o medalhão, lhe pertencia por direito.

— O medalhão, talvez — concordou Harry —, mas por que terá levado também a taça?

— Tinha pertencido a outro dos fundadores de Hogwarts — explicou Dumbledore. — Acho que ele continuava a sentir uma grande atracção pela escola e não deve ter conseguido resistir a um objecto tão ligado à história de Hogwarts. Mas deve ter havido outras razões... Espero conseguir demonstrar-tas em devido tempo.

«Vamos agora à última recordação que tenho para te mostrar, pelo menos até conseguires recuperar a do Professor Slughorn. Dez anos separam a recordação da Hokey desta, dez anos durante os quais só nos resta adivinhar o que Lord Voldemort andaria a fazer...

Harry tornou a pôr-se de pé, quando Dumbledore começou a esvaziar a última recordação para o Pensatório.

— De quem é esta recordação? — perguntou.

— Minha — respondeu Dumbledore.

E Harry mergulhou a seguir a Dumbledore pela ondulante massa prateada, chegando ao mesmo gabinete de onde acabara de sair. Lá estava *Fawkes*, a dormitar no seu poleiro e, atrás da secretária, Dumbledore, muito parecido com o Dumbledore que estava ali ao lado de Harry, embora as suas mãos estivessem perfeitas e intactas e o seu rosto se apresentasse, talvez, menos enrugado. A única diferença entre o gabinete actual e aquele era que no passado estava a nevar; pela janela viam-se esvoaçar flocos

azulados de neve, que se iam amontoando no parapeito.

O Dumbledore mais novo parecia estar à espera de qualquer coisa e, de facto, alguns momentos depois de terem chegado, alguém bateu à porta, e Dumbledore disse: «Entre!»

Harry ia a exclamar de admiração, mas rapidamente se conteve. Voldemort acabava de entrar no gabinete. As suas feições não eram as que Harry vira emergir do grande caldeirão de pedra há quase dois anos; não eram tão sinuosas, os olhos ainda não eram vermelhos, o rosto ainda não parecia uma máscara, mas já não era o belo Tom Riddle. Era como se as suas feições tivessem sido queimadas e esborratadas; pareciam de cera e estranhamente distorcidas, e o branco dos olhos estava agora permanentemente raiado de vermelho, embora as pupilas não fossem ainda as fendas que Harry sabia que viriam a ser mais tarde. Tinha uma longa capa preta, e o seu rosto estava tão branco como a neve que brilhava sobre os seus ombros.

O Dumbledore que estava atrás da secretária não se mostrou surpreendido. Era evidente que a visita tinha sido antecipadamente marcada.

— Boa noite, Tom — disse Dumbledore. — Queres sentar-te?

— Obrigado — agradeceu Voldemort, sentando-se na cadeira que Dumbledore lhe apontara e que, pelo aspecto, era precisamente a mesma cadeira da qual Harry acabara de se levantar no presente. — Soube que foi nomeado Director — disse, num tom de voz ligeiramente mais alto e frio que antes. — Uma escolha merecida.

— Ainda bem que concordas — retorquiu Dumbledore, a sorrir. — Posso oferecer-te uma bebida?

— Aceito com todo o gosto — respondeu Voldemort. — Vim de muito longe.

Dumbledore levantou-se e dirigiu-se ao armário onde agora guardava o Pensatório, mas que na altura estava cheio de garrafas. Depois de estender a Voldemort um cálice de vinho e de se servir também de um, voltou ao seu lugar à secretária.

— Então, Tom... a que devo o prazer?

Voldemort não respondeu de imediato, limitando-se a beber o vinho em pequenos golos.

— Agora já ninguém me chama «Tom». Hoje em dia sou conhecido por...

— Eu sei por que nome és conhecido — disse Dumbledore, com um sorriso prazenteiro. — Lamento muito, mas para mim serás sempre o Tom Riddle. É uma das coisas irritantes que os professores antigos têm, nunca se

esquecem das origens dos seus alunos.

Ergueu o cálice, como se fosse brindar a Voldemort, cujo rosto se mantinha impassível. Apesar disso, Harry sentiu que o ambiente tinha mudado subtilmente na sala: a recusa de Dumbledore em utilizar o nome escolhido por Voldemort significava uma recusa em permitir que fosse Voldemort a ditar os termos do encontro, e Harry tinha a certeza de que fora essa a interpretação de Voldemort.

— Admira-me que tenha ficado cá tanto tempo — disse Voldemort, após uma longa pausa. — Sempre perguntei a mim próprio por que é que um feiticeiro como o senhor nunca tinha querido deixar a escola.

— Bem — respondeu Dumbledore, ainda a sorrir —, para um feiticeiro como eu, não há nada de mais importante do que transmitir as artes antigas, ajudando a formar as mentes jovens. Se bem me lembro, também tu noutros tempos te sentiste atraído pelo ensino.

— E continuo a sentir — disse Voldemort. — Só não percebo por que é que o senhor, a quem o Ministério tantas vezes pede conselhos e que já foi duas vezes convidado para Ministro...

— Por acaso, três vezes — corrigiu Dumbledore. — Mas o Ministério nunca me atraiu como carreira. Julgo que é mais uma coisa que temos em comum.

Voldemort inclinou a cabeça, sem sorrir, e bebeu mais um pequeno golo de vinho. Dumbledore não quebrou o silêncio que se instalou entre eles, deixando que ele se prolongasse. Ficou à espera, com um ar de agradável expectativa, de que Voldemort fosse o primeiro a falar. Passado algum tempo, este disse:

— Talvez tenha voltado mais tarde do que o professor Dippet estava à espera... mas voltei para tornar a pedir o que ele uma vez me disse que eu ainda era demasiado novo para obter. Vim pedir-lhe autorização para voltar ao castelo para ensinar. Devo dizer-lhe que vi e fiz muitas coisas desde que saí daqui. Podia mostrar e ensinar aos alunos coisas que nenhum outro feiticeiro poderá transmitir-lhes.

Dumbledore observou Voldemort por cima do cálice durante algum tempo antes de falar.

— Sim, sei que viste e fizeste muitas coisas desde que nos deixaste — disse tranquilamente. — Os rumores dos teus feitos chegaram à tua antiga escola, Tom. Seria uma tristeza para mim ter de acreditar nalguns deles.

A expressão de Voldemort manteve-se impassível ao dizer:

— A grandeza inspira a inveja, a inveja suscita despeito, o despeito fomenta a mentira. Já devia saber isto, Dumbledore.

— Chamas «grandeza» ao que tens andado a fazer? — perguntou

Dumbledore delicadamente.

— É claro que sim — disse Voldemort, e os seus olhos pareciam estar a arder, de tão vermelhos. — Fiz experiências; alarguei os limites da magia, talvez mais do que alguém já o fez...

— De alguns tipos de magia — corrigiu Dumbledore. — De alguns. Em relação a outros, continuas a ser... perdoa-me... tristemente ignorante.

Voldemort sorriu, pela primeira vez. Foi um sorriso contrafeito, maléfico, mais ameaçador que um olhar de raiva.

— O velho argumento — disse em voz baixa. — Mas, de tudo o que vi no mundo, não vi nada que sustentasse a sua famosa declaração de que o amor é mais poderoso que a minha magia, Dumbledore.

— Talvez tenhas andado à procura nos sítios errados — sugeriu Dumbledore.

— Bem, então, haverá sítio melhor para recomençar a minha investigação do que aqui em Hogwarts? — contrapôs Voldemort. — Deixa-me voltar? Deixa-me partilhar os meus conhecimentos com os seus alunos? Coloque-me a mim e aos meus talentos à sua disposição. Pode dar-me as ordens que entender.

Dumbledore ergueu as sobrancelhas.

— E o que será daqueles que se puseram sob as *tuas* ordens? O que acontecerá àqueles que se intitulam... pelo menos é o que se diz... Devoradores da Morte?

Harry teve quase a certeza de que Voldemort não estava à espera de que Dumbledore conhecesse aquele nome; viu os olhos de Voldemort faiscarem de novo e as suas narinas aguçadas dilataram-se.

— Os meus amigos — disse depois de uma pausa — continuarão sem mim, tenho a certeza.

— Apraz-me ouvir que os consideras teus amigos — comentou Dumbledore. — Tinha a impressão de que eram mais teus criados.

— Está enganado — disse Voldemort.

— Então, se fosse ao Cabeça de Javali hoje à noite, não encontrava um grupo deles... o Nott, o Rosier, o Mulciber, o Dolohov... à tua espera? Amigos dedicados, sem dúvida, para virem tão longe numa noite de neve só para te desejarem sorte na tua tentativa de conseguires um lugar de professor.

Não havia dúvida de que o facto de Dumbledore conhecer detalhadamente todos aqueles com quem Voldemort tinha viajado o deixara ainda mais incomodado; apesar disso, voltou a atacar.

— Omnisciente como sempre, Dumbledore.

— Nem por isso. Tenho apenas boas relações com os empregados dos

bares da zona — respondeu Dumbledore com ligeireza. — Bem, Tom... — Dumbledore pousou o cálice vazio e endireitou-se na cadeira, com as pontas dos dedos juntas num gesto muito característico. — Vamos lá falar abertamente. Por que motivo vieste cá esta noite, rodeado pelos teus homens de mão, para pedires um emprego que ambos sabemos que não queres?

Voldemort mostrou-se surpreendido.

— Um emprego que não quero? Pelo contrário, Dumbledore, quero-o e muito.

— Ah, queres voltar para Hogwarts, mas queres tanto ensinar como querias quando tinhas dezoito anos. O que é que pretendes, Tom? Por que é que não tentas pela primeira vez dizer abertamente o que queres?

Voldemort fez um sorriso sarcástico.

— Se não quiser dar-me o lugar...

— Está claro que não quero — respondeu Dumbledore. — E acho que nem por um momento pensaste que o faria. Apesar disso, vieste, pediste, deves ter um objectivo qualquer.

Voldemort levantou-se. Parecia-se menos que nunca com Tom Riddle, as feições impregnadas de raiva.

— É a sua última palavra?

— É — disse Dumbledore, levantando-se também.

— Então, não temos nada mais a dizer um ao outro.

— Pois não. Nada — concluiu Dumbledore, e uma grande tristeza inundou-lhe o rosto. — Já vai longe o tempo em que podia assustar-te com um guarda-fato a arder e obrigar-te a pagar pelos teus crimes. Quem me dera que ainda pudesse, Tom... quem me dera...

Por um segundo, Harry esteve à beira de dar um grito de aviso inútil: tinha a certeza de que Voldemort tinha metido a mão no bolso e agarrado na varinha; mas, logo a seguir, esse momento já tinha passado, Voldemort já se tinha voltado, a porta estava a fechar-se, e ele já se tinha ido embora.

Harry sentiu a mão de Dumbledore tornar a fechar-se sobre o seu braço e, pouco depois, já estavam juntos quase no mesmo sítio, só que agora sem neve a acumular-se no parapeito da janela, e com a mão de Dumbledore já enegrecida e sem vida.

— Porquê? — perguntou Harry imediatamente, olhando para o rosto de Dumbledore. — Por que é que ele voltou? Chegou a descobrir?

— Tenho algumas ideias, mas não passam disso — respondeu Dumbledore.

— Que ideias, professor?

— Dir-te-ei, Harry, quando arrancares aquela recordação ao Professor

Slughorn. Quando tiveres a última peça do *puzzle*, espero que tudo seja claro... para nós dois.

Harry estava a arder de curiosidade e, apesar de Dumbledore se ter dirigido para a porta e estar a segurá-la para ele passar, Harry continuou sentado.

— Queria outra vez ser professor de Defesa Contra a Magia Negra? Ele não disse...

— Sim, ele queria definitivamente esse lugar — respondeu Dumbledore.

— Os acontecimentos que se seguiram ao nosso breve encontro foram a prova disso. Sabes, nunca consegui que ninguém se mantivesse como professor de Defesa Contra a Magia Negra por mais de um ano desde que recusei o lugar a Lord Voldemort.

XXI

A SALA INDETECTÁVEL

Na semana seguinte, Harry deu voltas à cabeça para descobrir uma maneira de convencer Slughorn a abrir mão da sua verdadeira recordação, mas não lhe surgiu nenhuma ideia e teve de se limitar a fazer o que nos últimos tempos fazia cada vez mais quando estava em dificuldades: folhear o livro de Poções, na esperança de que o Príncipe tivesse tomado algumas notas úteis à margem, como já tantas vezes acontecera.

— Não vais encontrar aí nada — disse Hermione convictamente num domingo à noite.

— Não comeces com isso, Hermione — ripostou Harry. — Se não fosse o Príncipe, o Ron já não estaria connosco.

— Estaria, se tivesses dado ouvidos ao Snape no primeiro ano — disse Hermione com desdém.

Harry ignorou-a. Tinha acabado de descobrir um encantamento (*Sectumsempra!*) rabiscado numa margem por cima da intrigante expressão «Para Inimigos», e estava ansioso por experimentá-lo, mas achou melhor não o fazer à vista de Hermione. Por isso, limitou-se a dobrar subrepticamente o canto da página.

Estavam sentados ao pé da lareira na sala comum; as únicas outras pessoas que lá se encontravam eram colegas seus do sexto ano. Horas antes tinha havido um grande alvoroço quando, ao voltarem do jantar, encontraram um novo aviso no quadro a anunciar a data do exame de Aparição. Quem fizesse dezassete anos até vinte e um de Abril, a data do primeiro exame, teria a opção de se inscrever para aulas práticas adicionais, que teriam lugar em Hogsmeade e seriam fortemente vigiadas.

Ron ficara em pânico ao ler o aviso; ainda não tinha conseguido Aparecer e receava não estar preparado para o exame. Hermione, que já tinha conseguido Aparecer duas vezes, estava um pouco mais confiante, mas Harry, que só faria dezassete anos daí a quatro meses, não poderia

apresentar-se ao exame, quer estivesse preparado quer não.

— Pelo menos, consegues Aparecer! — desabafou Ron, debaixo de grande tensão. — Não vais ter problemas, quando Julho chegar!

— Ainda só o fiz uma vez — lembrou-lhe Harry; tinha finalmente conseguido Desaparecer e Materializar-se dentro do aro na última aula.

Depois de ter perdido muito tempo a comunicar as suas preocupações em relação à Aparição, Ron estava agora a tentar terminar um trabalho terrivelmente difícil para Snape, que Harry e Hermione já tinham acabado. Harry estava à espera de uma nota baixa, porque tinha discordado de Snape quanto à melhor forma de lidar com os Dementors, mas não se importava: por agora, a coisa mais importante da sua vida era a recordação de Slughorn.

— Garanto-te que o estúpido do Príncipe não vai ajudar-te nisso! — repetiu Hermione, ainda mais alto. — Só há uma maneira de obrigar alguém a fazer o que tu queres, e é a Maldição Imperius, que é ilegal...

— Pois é, eu sei, obrigado — retorquiu Harry, sem levantar os olhos do livro. — É por isso que estou à procura de uma coisa diferente. O Dumbledore diz que o Veritaserum não vai resultar, mas pode haver outra coisa qualquer, uma poção ou um feitiço...

— Estás a ir pelo caminho errado — insistiu Hermione. — O Dumbledore diz que só tu é que podes recuperar essa recordação. Isso deve querer dizer que tens meios de persuadir o Slughorn que mais ninguém tem. Não é uma questão de lhe dar uma poção. Isso qualquer pessoa pode fazer...

— Como é que se escreve «beligerante»? — perguntou Ron, abanando a pena enquanto olhava fixamente para o pergaminho. — Não pode ser B-L-E...

— Não, não é — disse Hermione, puxando para si a composição de Ron. — E «augúrio» também não começa com O-G-O. Que pena é que estás a usar?

— É uma daquelas do Fred e do George que corrigem os erros... mas acho que o encantamento já deve estar a passar...

— Pois deve — anuiu Hermione, apontando para o título da composição —, porque te pediram que disseses como se lida com os Dementors e não com «Dugbogs» e, que eu me lembre, o teu nome não mudou para «Roonil Wazlib».

— Pois não! — gritou Ron, olhando horrorizado para o pergaminho. — Não me digas que vou ter de escrever isto tudo outra vez!

— Deixa estar, nós resolvemos isso — tranquilizou-o Hermione, puxando de novo o pergaminho para junto de si e pegando na sua varinha.

— Adoro-te, Hermione — disse Ron, afundando-se na cadeira e esfregando os olhos, com um ar cansado.

Hermione ficou ligeiramente corada, mas limitou-se a dizer:

— Não deixes a Lavender ouvir isso.

— Não deixo — disse Ron em voz baixa. — Ou, se calhar, até deixo... É a maneira de ela correr comigo...

— Por que é que não corres tu com ela, se queres acabar o namoro? — perguntou Harry.

— Nunca tiveste de correr com ninguém, pois não? — perguntou Ron.

— Tu e a Cho limitaram-se a...

— Separámo-nos, só isso — concordou Harry.

— Quem me dera que isso acontecesse comigo e com a Lavender — disse Ron, num tom melancólico, vendo Hermione bater com a ponta da varinha em cada uma das palavras mal escritas para as corrigir. — Quanto mais lhe dou a entender que quero acabar, mais ela se agarra a mim. É como andar com a Lula Gigante.

— Pronto — disse Hermione, uns vinte minutos depois, devolvendo a composição a Ron.

— Milhões de obrigados. Emprastas-me a tua pena para fazer a conclusão?

Harry, que até então não tinha encontrado nada de útil nas notas do Príncipe Meio-Sangue, olhou à sua volta. Agora estavam só os três na sala comum, depois de Seamus se ter levantado para ir para a cama, a praguejar contra Snape e a composição. Os únicos sons eram o crepitar da lareira e Ron a escrever um último parágrafo sobre os Dementors com a pena de Hermione. Harry tinha acabado de fechar o livro do Príncipe Meio-Sangue, com um bocejo, quando...

Craque!

Hermione deu um gritinho; Ron encheu a composição de tinta, e Harry exclamou:

— Kreacher!

O elfo fez uma vénia profunda, inclinando-se para os próprios pés:

— O Amo querer relatórios periódicos sobre o que o Malfoy andar a fazer, e o Kreacher vir dizer...

Craque!

Dobby apareceu ao lado de Kreacher, com o abafador de chá que lhe servia de chapéu de esguelha.

— O Dobby também tem estado a ajudar, Harry Potter! — guinchou, lançando a Kreacher um olhar ressentido. — E o Kreacher dever avisar o Dobby quando vem ter com o Harry Potter para poderem apresentar juntos

os seus relatórios!

— O que é isto? — perguntou Hermione, ainda em choque por aquela súbita aparição. — O que é que está a acontecer, Harry?

Harry hesitou antes de responder, porque não tinha contado a Hermione que tinha incumbido Kreacher e Dobby de seguirem Malfoy; era sempre tão difícil falar de elfos com ela.

— Bem... andam a seguir o Malfoy a meu pedido.

— De noite e de dia — resmungou Kreacher.

— O Dobby não dorme há uma semana, Harry Potter! — disse Dobby cheio de orgulho, balançando-se sem sair do lugar.

Hermione parecia indignada.

— Não dormes há uma semana, Dobby? Harry, não acredito que lhe tenhas dito para não...

— Está claro que não disse — esclareceu Harry rapidamente. — É claro que podes dormir, Dobby. Mas já descobriram alguma coisa? — apressou-se a perguntar antes que Hermione pudesse tornar a intervir.

— O menino Malfoy movimenta-se com uma nobreza à altura do seu sangue puro — resmungou Kreacher de imediato. — As suas feições fazem lembrar os finos ossos da minha senhora, e os seus modos são os de um...

— O Draco Malfoy ser um rapaz mau! — guinchou Dobby muito zangado. — Um rapaz mau que... que...

Estremeceu desde a borla do abafador de chá até aos dedos das meias e depois correu para a lareira, como se quisesse atirar-se para o lume. Harry, para quem aquilo não era totalmente inesperado, apanhou-o pelo meio e segurou-o com força. Durante alguns segundos, Dobby debateu-se, mas depois ficou imóvel.

— Obrigado, Harry Potter! — disse ofegante. — Ainda ser difícil para Dobby falar mal dos seus antigos amos...

Harry libertou-o. Dobby endireitou o abafador de chá e dirigiu-se a Kreacher, em tom de desafio:

— Mas o Kreacher dever saber que o Draco Malfoy não ser um bom amo para um elfo!

— Tens razão. Não precisamos das tuas histórias de amor com o Malfoy — disse Harry a Kreacher. — Vamos avançar rapidamente para o que ele tem andado a fazer.

Kreacher tornou a fazer uma vénia, com um ar furioso, e depois disse:

— O menino Malfoy come no Salão Nobre, dorme num dormitório na masmorra, assiste às aulas em diversos loc...

— Diz-me tu, Dobby — pediu Harry, interrompendo Kreacher. — Ele tem ido a algum lado aonde não deva ir?

— Harry Potter, senhor — guinchou Dobby, com os seus olhos grandes como esferas a brilharem à luz da lareira —, o Malfoy não andar a quebrar regras nenhuma que o Dobby consiga descobrir, mas continuar a ter muito cuidado para não ser detectado. Fazer deslocações regulares ao sétimo andar, acompanhado por outros alunos, que ficam de vigia, enquanto ele entra...

— Na Sala das Necessidades! — exclamou Harry, batendo com força na testa com o livro *Preparação de Poções: Nível Avançado*. Hermione e Ron olharam para ele, espantados. — É para onde ele tem ido! É lá que anda a fazer... o que anda a fazer! E aposto que é por isso que tem desaparecido do mapa. Pensando bem, nunca vi a Sala das Necessidades no mapa!

— Se calhar, os Salteadores não sabiam da existência da Sala — sugeriu Ron.

— Deve fazer parte da magia da Sala — adiantou Hermione. — Se for preciso que não seja localizada, não é.

— Dobby, conseguiste lá entrar para ver o que o Malfoy estava a fazer? — perguntou Harry, ansioso.

— Não, Harry Potter, isso ser impossível — disse Dobby.

— Não é nada — retorquiu Harry de imediato. — No ano passado, o Malfoy conseguiu entrar lá, no nosso quartel-general. Por isso, também posso fazer o mesmo e espreitá-lo a ele, sem problemas.

— Mas acho que não vais fazer isso — disse Hermione devagar. — O Malfoy já sabia exactamente como é que estávamos a usar a Sala por causa de a parva da Marietta ter dado com a língua nos dentes. Precisou que a sala se transformasse no Quartel-Geral do ED, e conseguiu. Mas tu não sabes o que a sala passa a ser quando ele vai para lá, por isso não sabes em que hás-de mandá-la transformar-se.

— Tem de haver uma solução para isso — contrapôs Harry, desvalorizando o problema levantado por Hermione. — Portaste-te muito bem, Dobby.

— O Kreacher também se portou bem — disse Hermione, por amabilidade. Mas, em vez de se mostrar agradecido, Kreacher desviou os seus olhos enormes, raiados de sangue e resmungou para o tecto:

— A Sangue de Lama estar a falar com o Kreacher, mas o Kreacher fingir que não ouve...

— Desaparece daqui — ordenou Harry com brusquidão, e Kreacher fez uma última vénia e Desapareceu. — É melhor ires andando também, Dobby, para ver se dormes.

— Obrigado, Harry Potter, senhor! — guinchou Dobby, muito feliz, e também ele desapareceu.

— O que é que me dizem disto? — perguntou Harry, muito entusiasmado, voltando-se para Ron e Hermione, quando já não havia elfos na sala. — Já sabemos onde se mete o Malfoy! Agora é só apanhá-lo!

— Pois, é bestial — disse Ron, muito sorumbático, tentando limpar o monte de tinta que ainda há bem pouco tempo tinha sido uma composição quase terminada. Hermione puxou o pergaminho para si e começou a aspirar a tinta com a sua varinha.

— Mas que ideia será aquela de ele ir para lá «acompanhado de outros alunos»? — perguntou Hermione. — Quantas pessoas estão metidas nisto? Não é de supor que ele confie a muita gente o que anda a fazer...

— Pois é. É estranho — corroborou Harry, de testa franzida. — Ouvi-o dizer ao Crabbe que não tinha nada que ver com o que ele andava a fazer... O que é que ele andarà a dizer a todos esses... a todos esses...

A voz de Harry foi soçobrando, e o seu olhar foi-se fixando na lareira.

— Céus, tenho sido tão estúpido — disse, por fim, em voz baixa. — É óbvio, não é? Havia uma tina cheia na masmorra... Ele podia ter desviado uma porção durante aquela aula...

— Desviado o quê? — perguntou Ron.

— A Poção Polissuco. Roubou uma parte da Poção Polissuco que o Slughorn nos mostrou na primeira aula de Poções... Não há muitos alunos a montarem guarda ao Malfoy... É só o Crabbe e o Goyle como é costume... Sim, bate tudo certo! — foi discorrendo Harry, que depois se pôs de pé e começou a andar de um lado para outro à frente da lareira. — São suficientemente estúpidos para fazerem o que ele manda, mesmo que ele não lhes diga o que anda a tramar... mas não quer que eles sejam vistos perto da Sala das Necessidades e, por isso, obriga-os a tomar a Poção Polissuco para parecerem outras pessoas... Aquelas duas raparigas com quem o vi quando não foi assistir ao jogo de Quidditch... Ah! O Crabbe e o Goyle!

— Quer dizer — sussurrou Hermione —, que aquela miúda a quem consertei a balança...?

— Claro! — exclamou Harry, olhando para ela de olhos esbugalhados. — Claro! O Malfoy devia estar dentro da Sala nessa altura, e então ela... o que é que eu estou a dizer?... *ele* deixou cair a balança para avisar o Malfoy para não sair, porque estava ali gente! E aquela rapariga que deixou cair as ovas de rã, também! Temos andado o tempo todo a passar por ele sem dar por isso!

— Ele obriga o Crabbe e o Goyle a transformarem-se em raparigas? — insistiu Ron com uma enorme gargalhada. — ... Caramba, não admira que andem com um ar tão pouco satisfeito... Até me espanta que não lhe digam

para enfiar a poção no...

— Está claro que não dizem, se ele lhes tiver mostrado a sua Marca Negra — disse Harry.

— Hum... não sabemos se existe a Marca Negra — observou Hermione num tom céptico, enrolando o pergaminho com a composição de Ron, já seco, antes que lhe acontecesse mais algum imprevisto, e entregando-lho.

— Veremos — disse Harry, com confiança.

— Pois veremos — corroborou Hermione. Pôs-se de pé e espreguiçou-se. — Mas antes que comeces a ficar todo excitado, Harry, continuo a achar que não vais conseguir entrar na Sala das Necessidades sem saberes primeiro o que lá há. — Depois, pôs o saco ao ombro e continuou, com um ar muito sério: — Acho que convém não esqueceres que *devias* concentrarte em arrancar aquela recordação ao Slughorn. Boa noite.

Harry ficou a vê-la afastar-se, sentindo-se ligeiramente aborrecido. Quando viu a porta do dormitório das raparigas fechar-se, voltou-se para Ron.

— O que é que achas?

— Quem me dera Desaparecer como um elfo — disse Ron, olhando para o sítio onde Dobby tinha desaparecido. — Tinha o teste de Aparição garantido.

Harry não dormiu bem nessa noite. Passou horas acordado, a pensar como estaria Malfoy a utilizar a Sala das Necessidades e o que ele, Harry, veria no dia seguinte, quando lá fosse. Independentemente do que Hermione dissesse, Harry tinha a certeza de que, se Malfoy tinha conseguido ver o Quartel-General do ED, ele conseguiria ver... o que seria? Um local de reuniões? Um esconderijo? Uma arrecadação? Uma oficina? A mente de Harry fervilhava e, quando finalmente adormeceu, os seus sonhos foram entrecortados e perturbados por imagens de Malfoy, que se transformava em Slughorn, que se transformava em Snape...

No dia seguinte, ao pequeno-almoço, Harry estava muito ansioso; tinha um tempo livre antes de Defesa Contra a Magia Negra e estava decidido a utilizá-lo numa incursão à Sala das Necessidades. Hermione ignorava ostensivamente os planos que ele lhe ia sussurrando sobre como forçar a entrada na Sala, o que o deixou muito irritado, pois achava que ela podia dar-lhe uma grande ajuda, se quisesse.

— Olha — disse, em voz baixa, inclinando-se para a frente e pousando uma mão sobre *O Profeta Diário* que ela tinha acabado de tirar de uma coruja, para a impedir de o abrir e desaparecer por detrás dele. — Não me esqueci do Slughorn, mas não imagino como lhe hei-de arrancar aquela recordação e, até ter uma ideia, por que não hei-de tentar descobrir o que é

que o Malfoy anda a fazer?

— Já te disse que tens de convencer o Slughorn — insistiu Hermione. — Não é uma questão de o enganar ou enfeitiçar, porque, se não, o Dumbledore tê-lo-ia feito com a maior das facilidades. Em vez de ires armar confusão à porta da Sala das Necessidades — continuou, arrancando o jornal de debaixo da mão de Harry e abrindo-o para ver a primeira página —, devias ir ter com o Slughorn e começares a apelar ao seu lado bom.

— É alguém nosso conhecido? — perguntou Ron, vendo Hermione a ler as gordas.

— É! — respondeu Hermione, fazendo Harry e Ron engasgar-se com o pequeno-almoço. — Mas não se preocupem. Não morreu. É o Mundungus... foi preso e enviado para Azkaban! Qualquer coisa relacionada com ter imitado um Inferius durante uma tentativa de assalto... e um tal Octavius Pepper que desapareceu... Oh, que horror, e um menino de nove anos que foi preso por ter tentado matar os avós, acham que estava sob o efeito da Maldição Imperius...

Acabaram de tomar o pequeno-almoço em silêncio. Hermione foi imediatamente para a aula de Runas Antigas, Ron para a sala comum para acabar a composição sobre Dementors para Snape, e Harry, para o corredor do sétimo andar, junto à parede em frente da tapeçaria de Barnabás, *o Louco*, a ensinar os trolls a dançar *ballett*.

Harry pôs o Manto da Invisibilidade assim que encontrou uma passagem deserta, mas não era preciso. Quando chegou ao seu destino, não havia lá ninguém. Não sabia se tinha mais hipóteses de entrar na Sala se Malfoy estivesse lá dentro ou cá fora, mas pelo menos a sua primeira tentativa não ia ser dificultada pela presença de Crabbe ou Goyle a fazerem-se passar por meninas de onze anos.

Fechou os olhos ao aproximar-se do local onde estava escondida a porta da Sala das Necessidades. Sabia o que tinha de fazer; tinha ficado bem treinado no ano anterior. Concentrando-se com toda a sua força, pensou, *Tenho de ver o que o Malfoy está a fazer ali... Tenho de ver o que o Malfoy está a fazer ali... Tenho de ver o que o Malfoy está a fazer ali...*

Passou três vezes pela porta e depois, com o coração aos saltos de tanta excitação, abriu os olhos... mas à sua frente continuava uma vulgar parede branca.

Chegou-se à frente e experimentou empurrá-la. A pedra manteve-se sólida, sem ceder.

— Está bem — disse Harry em voz alta. — Está bem... Não pensei a coisa certa...

Ficou a meditar por um momento e depois recomeçou, outra vez de

olhos fechados, concentrando-se o mais possível.

Tenho de ver o lugar para onde o Malfoy vai em segredo... Tenho de ver o lugar para onde o Malfoy vai em segredo... Tenho de ver o lugar para onde o Malfoy vai em segredo...

Depois de passar três vezes para trás e para a frente, abriu os olhos, cheio de expectativa.

Não havia porta alguma.

— Ora, abre-te lá — disse, irritado, para a parede. — Esta instrução era bem clara... bem...

Pensou durante vários minutos antes de tentar mais uma vez.

Preciso que te transformes no sítio em que te transformas para o Draco Malfoy...

Depois de repetir três vezes a frase, não abriu logo os olhos; ficou à escuta, como se quisesse ouvir a porta a Materializar-se. Mas não ouviu nada, a não ser o chilrear distante dos pássaros lá fora. Abriu então os olhos.

Continuava a não haver porta.

Harry praguejou. Alguém gritou. Olhou à sua volta e viu um grupo de alunos do primeiro ano a dobrarem a esquina a correr, como se tivessem acabado de encontrar um fantasma muito mal-educado.

Passou uma hora a tentar todas as variações de «Preciso de ver o que o Draco Malfoy está a fazer lá dentro» que lhe vieram à mente. Ao fim desse tempo, foi obrigado a admitir que talvez Hermione tivesse razão: a Sala não queria, pura e simplesmente, abrir-se para ele. Frustrado e aborrecido, dirigiu-se para a aula de Defesa Contra a Magia Negra, tirando o Manto da Invisibilidade e enfiando-o no saco durante o caminho.

— Outra vez atrasado, Potter — disse Snape com rispidez, quando Harry entrou a correr na sala de aula iluminada por velas. — Dez pontos a menos para os Gryffindor.

Harry lançou um olhar carrancudo a Snape ao mesmo tempo que se atirava para o lugar ao lado de Ron. Metade dos alunos ainda estavam de pé, a tirarem os livros e a organizarem o material, o que significava que não podia ter chegado muito mais tarde que eles.

— Antes de começarmos, quero as vossas composições sobre os Dementors — declarou Snape, agitando negligentemente a sua varinha, fazendo com que vinte e cinco rolos de pergaminho se erguessem no ar e aterrassem em pilha sobre a sua secretária. — E, para vosso bem, espero que estejam melhores que a miséria que eu tive de ler sobre como resistir à Maldição Imperius. Bem, agora, se não se importam, abram os livros na página... O que é, Mr. Finnigan?

— Professor — disse Seamus —, gostava de saber como é que se sabe a diferença entre um Inferius e um fantasma. É que hoje vinha n' *O Profeta* qualquer coisa sobre um Inferius...

— Não, não vinha — desmentiu Snape, num tom de tédio.

— Mas, Professor, eu ouvi falar de...

— Se tivesse lido o artigo em questão, Mr. Finnigan, ficaria a saber que o dito Inferius não passava de um ladrãozeco malcheiroso chamado Mundungus Fletcher.

— Pensava que o Snape e o Mundungus estavam do mesmo lado — murmurou Harry para Ron e Hermione. — Não devia estar aborrecido por causa da prisão do Mundungus?

— Mas o Potter parece ter qualquer coisa a dizer sobre o assunto — adiantou Snape, apontando de repente para o fundo da sala, com os olhos negros fixos em Harry. — Vamos perguntar ao Potter se quer dizer-nos a diferença entre um Inferius e um fantasma.

Todos os alunos se voltaram para Harry, que tentou rapidamente lembrar-se do que Dumbledore lhe tinha dito na noite em que tinham ido visitar Slughorn.

— Hã... bem... os fantasmas são transparentes... — disse Harry.

— Muito bem — interrompeu Snape, curvando os lábios em sinal de desdém. — Sim, é fácil ver que quase seis anos de ensino de magia não foram um desperdício em relação a ti, Potter. *Os fantasmas são transparentes.*

Pansy Parkinson soltou uma risadinha aguda. Havia outras pessoas a ostentar sorrisos pretensiosos. Harry respirou fundo e continuou calmamente embora, por dentro, estivesse em brasa:

— Sim, os fantasmas são transparentes, mas os Inferius são corpos sem vida, não são? Por isso, têm de ser sólidos...

— Isso até um miúdo de cinco anos saberia dizer — troçou Snape. — Um Inferius é um cadáver que foi reanimado por uma magia de um feiticeiro negro. Não é um ser vivo, é utilizado como uma marioneta que cumpre as ordens do feiticeiro. Um fantasma, como suponho que agora já todos saberão, é a marca deixada na terra por uma alma que partiu.. e, claro, como tão sabiamente o Potter nos informou, é *transparente*.

— O que o Harry disse é muito útil, se quisermos distingui-los! — exclamou Ron. — Se dermos de caras com um num beco escuro, temos pouco tempo para ver se é sólido ou não, não é? Não vamos pôr-nos a perguntar: «Olhe, desculpe, é a marca de uma alma que partiu?»

Ouviu-se uma série de risadas, instantaneamente subjugadas pelo olhar que Snape lançou a toda a turma.

— Mais dez pontos a menos para os Gryffindor — disse Snape. — Não esperava nada mais sofisticado de ti, Ronald Weasley, o rapaz tão sólido que não consegue Aparecer nem meio centímetro dentro de uma sala.

— *Não!* — murmurou Hermione, agarrando o braço de Harry, no momento em que ele abriu furiosamente a boca. — Não vale a pena. Vais acabar outra vez de castigo, esquece!

— Bem, agora abram os vossos livros na página duzentos e treze — disse Snape, com um ligeiro sorriso — e leiam os dois primeiros parágrafos sobre a Maldição Cruciatus...

Ron esteve muito acabrunhado durante toda a aula. Quando a campainha tocou, Lavender foi ter com Ron e Harry (Hermione desapareceu misteriosamente quando ela chegou) e insultou violentamente Snape pela sua diatribe sobre a Aparição de Ron, mas ele pareceu ficar ainda mais irritado e acabou por se livrar dela, fazendo um desvio por uma casa de banho dos rapazes com Harry.

— Mas o Snape tem razão, não tem? — perguntou Ron depois de passar um ou dois minutos a olhar fixamente para um espelho partido. — Não sei se vale a pena fazer o exame. Não consigo apanhar o jeito da Aparição.

— Podes ter as aulas extra em Hogsmeade e depois logo vêes como estás — sugeriu Harry. — De qualquer forma, deve ser mais interessante do que enfiar-te num estúpido aro. Depois, se ainda não estiveres tão bom como gostarias, podes adiar o exame e fazê-lo comigo depois do Verão... Murta, esta é a casa de banho dos rapazes!

O fantasma de uma rapariga tinha saído da sanita num lavabo atrás deles e estava a pairar no ar, olhando-os através de uns óculos grossos, redondos e brancos.

— Oh! — exclamou aborrecida. — São vocês.

— Estavas à espera de que fosse quem? — perguntou Ron, olhando para ela através do espelho.

— Ninguém — respondeu a Murta, mal-humorada, espremendo uma borbulha no queixo. — Ele disse que voltaria para me ver, mas *tu* também disseste que aparecias para me visitar... — e lançou um olhar reprovador a Harry — ... e há meses que não te via. Já me habituei a não esperar muito dos rapazes.

— Pensava que vivias na outra casa de banho das raparigas — disse Harry, que há anos mantinha a precaução de passar bem longe desse lugar.

— Pois vivo — respondeu a Murta, com um pequeno encolher de ombros amuado —, mas isso não significa que não possa *visitar* outros lugares. Uma vez fui ver-te quando estavas a tomar banho, lembras-te?

— Perfeitamente — respondeu Harry.

— Mas pensava que ele gostava de mim — disse ela, num tom queixoso. — Talvez ele voltasse, se vocês os dois saíssem... tínhamos tanto em comum... Tenho a certeza de que ele sentia o mesmo — e olhou esperançada para a porta.

— Quando dizes que tinham muito em comum, queres dizer que ele também vive num sifão?

— Não — respondeu a Murta, em tom de desafio, com a voz a ecoar muito alto pela velha casa de banho forrada de azulejos. — Quero dizer que é sensível, maltratado pelas pessoas, que também ele se sente sozinho e não tem ninguém com quem falar, e não tem medo de mostrar os seus sentimentos e chorar!

— Há um rapaz cá na escola que chora? — perguntou Harry, cheio de curiosidade. — Um dos pequenos?

— Não tens nada que ver com isso! — respondeu a Murta, com os seus olhos pequenos e indiscretos fixos em Ron, que agora se ria abertamente. — Prometi que não dizia a ninguém e que levaria o segredo dele para a...

— Certamente, não para a cova — disse Ron, resfolegando. Talvez para o esgoto...

A Murta uivou de raiva e tornou a mergulhar na sanita, fazendo a água transbordar para o chão. O seu aparecimento parecia ter dado um novo ânimo a Ron.

— Tens razão — disse a Harry. — Vou ter as aulas práticas em Hogsmeade e depois decido se faço ou não o exame.

E, assim, no fim-de-semana seguinte, Ron juntou-se a Hermione e aos restantes alunos do sexto ano que completariam dezassete anos a tempo de fazerem o exame daí a quinze dias. Harry teve alguma inveja de os ver prontos para irem para a aldeia; tinha saudades de passear por lá, e estava um dia de Primavera lindo; era a primeira vez em muito tempo que o céu se apresentava limpo. No entanto, tinha decidido utilizar aquele tempo para tentar outra incursão à Sala das Necessidades.

Quando ele confiou este plano a Hermione e a Ron no *Hall* de Entrada, ela disse-lhe:

— Acho melhor ires directamente ao gabinete de Slughorn e tentares arrancar-lhe a tal recordação.

— Já tentei! — disse Harry, furioso, e era verdade. Tinha ficado para trás no fim de todas as aulas de Poções que tinha tido nessa semana, para tentar falar com Slughorn, mas o professor saía sempre tão depressa da masmorra que Harry nunca tinha conseguido apanhá-lo. Tinha ido duas vezes ao seu gabinete e batido à porta, mas ninguém respondera, apesar de, da segunda vez, ter a certeza de que tinha ouvido o som rapidamente abafado de um

velho gramofone.

— Ele não quer falar comigo, Hermione! Sabe que tenho tentado apanhá-lo sozinho e não vai deixar que isso torne a acontecer!

— Tens de continuar a tentar, não é?

A pequena fila de pessoas à espera de passar por Filch, que fazia a revista habitual com o Sensor de Segredos, avançou alguns passos, e Harry não respondeu para evitar que o encarregado o ouvisse. Desejou boa sorte a Hermione e a Ron e depois deu meia-volta e subiu outra vez a escadaria de mármore, decidido a dedicar uma ou duas horas à Sala das Necessidades, apesar do que Hermione tinha dito.

Quando já não podia ser visto do *Hall* de Entrada, tirou o Mapa do Salteador e o Manto da Invisibilidade do saco. Depois de se esconder, bateu no mapa, murmurando: *Juro solenemente que vou fazer asneira e observando-o cuidadosamente.*

Como era domingo de manhã, quase todos os alunos estavam nas várias salas comuns, os Gryffindor numa torre, os Ravenclaw na outra, os Slytherin nas masmorras e os Hufflepuff na cave, ao pé das cozinhas. De vez em quando, uma ou outra pessoa aparecia a deambular ao pé da biblioteca ou por um corredor... havia pouca gente nos jardins... e sozinho no corredor do sétimo andar estava Gregory Goyle. Não havia sinal da Sala das Necessidades, mas Harry não estava preocupado com isso; se Goyle estava ali de guarda, a Sala estava aberta, quer aparecesse no mapa quer não. Por isso, subiu a escada a correr e só abrandou quando chegou à curva que dava para o corredor, começando então a rastejar, muito devagar, em direcção à mesma menina com a pesada balança de bronze que Hermione tinha ajudado tão amavelmente duas semanas antes. Esperou até estar mesmo por trás dela e, nessa altura, sussurrou:

— Olá... és muito bonita, não és?

Goyle deu um grito de terror estridente, atirou a balança ao ar e desatou a correr, desaparecendo de vista muito antes de o som da balança a cair no chão ter deixado de ecoar pelo corredor. Com uma gargalhada, Harry voltou-se para olhar para a parede branca por trás da qual se encontrava certamente Draco Malfoy, petrificado, sabendo que havia uma presença indesejada, mas sem ter coragem para aparecer. Sentiu uma agradável sensação de poder, enquanto tentava lembrar-se qual a frase que ainda não tinha experimentado.

Mas aquele sentimento de esperança não durou muito tempo. Meia hora depois já tentara muito mais variações do seu pedido para ver o que Malfoy andaria a fazer, e continuava a não surgir qualquer porta na parede. Harry sentiu-se terrivelmente frustrado; Malfoy podia estar a poucos metros dele,

e continuava a não haver o menor indício do que andaria a fazer. Perdendo completamente a cabeça, Harry correu para a parede e deu-lhe um pontapé.

— Ai!

Pensou que tinha partido o dedo grande do pé. Quando o agarrou e começou a saltar ao pé coxinho, o Manto da Invisibilidade caiu-lhe.

— Harry?

Deu a volta sobre uma perna e caiu. Para sua grande admiração, deu de caras com Tonks, que vinha a andar na sua direcção, como se costumasse passar muitas vezes por aquele corredor.

— Que estás aqui a fazer? — perguntou Harry, tornando a pôr-se de pé; por que havia ela de o encontrar sempre deitado no chão?

— Vim ver o Dumbledore — esclareceu Tonks.

Harry achou que ela estava com um péssimo aspecto: mais magra do que o habitual e com o cabelo pardacento completamente escorrido.

— O gabinete dele não é aqui — disse Harry. — É do outro lado do castelo, por trás da gárgula...

— Eu sei — disse Tonks. — Ele não está cá. Pelos vistos, foi-se embora outra vez.

— Foi? — perguntou Harry, assentando cuidadosamente o pé magoado no chão. — Não sabes aonde é que ele foi, pois não?

— Não — respondeu Tonks.

— Querias falar com ele sobre quê?

— Nada de especial — disse Tonks, mexericando, aparentemente sem dar por isso, na manga da capa. — Pensei que talvez ele soubesse o que está a acontecer... Ouvi uns boatos... pessoas a serem atacadas.

— Pois é, eu sei, tem vindo tudo no jornal — confirmou Harry. — Aquele miúdo que tentou matar os...

— Muitas vezes, *O Profeta* traz as notícias atrasadas — disse Tonks, que parecia não o ter ouvido. — Não tens recebido cartas de ninguém da Ordem?

— Ninguém da Ordem me escreve desde que o Sirius...

Harry viu os seus olhos encherem-se de lágrimas.

— Desculpa — murmurou algo embaraçado. — Eu também... eu também sinto a falta dele.

— O quê? — perguntou Tonks, com uma expressão vazia, como se não o tivesse ouvido. — Bem... havemos de nos ver por aí, Harry...

Voltou-se abruptamente e percorreu o longo corredor, deixando Harry a olhar fixamente para ela. Pouco depois, tornou a pôr o Manto da Invisibilidade e retomou os esforços para entrar na Sala das Necessidades, mas o seu coração estava distante. Por fim, um vazio no estômago e a

certeza de que Ron e Hermione deviam estar a voltar para o almoço fizeram-no desistir e deixar o corredor livre para Malfoy que, com alguma sorte, estaria demasiado assustado para aparecer nas próximas horas.

Encontrou Ron e Hermione no Salão Nobre, já a meio do almoço.

— Correu bem... mais ou menos — disse Ron a Harry, cheio de entusiasmo, assim que o viu. — Tinha de Aparecer à porta da casa de chá de Madame Puddifoot, errei um bocado o alvo e acabei ao pé do Scrivenshaft, mas pelo menos mudei de sítio!

— Boa! — exclamou Harry. — E tu, Hermione?

— Oh, ela foi perfeita, claro — disse Ron, antes que Hermione pudesse responder. — Perfeita na deliberação, no descaramento, no desespero, ou lá o que é... depois fomos tomar uma bebida ao Três Vassouras, e havias de ouvir o Twycross a falar dela. É de admirar se ele não lhe pedir a mão daqui a pouco tempo...

— E tu? — perguntou Hermione, ignorando Ron. — Estiveste este tempo todo na Sala das Necessidades?

— Estive — respondeu Harry. — E adivinha quem é que eu encontrei lá? A Tonks!

— A Tonks? — repetiram Ron e Hermione ao mesmo tempo, ambos surpreendidos.

— Sim. Disse que tinha vindo visitar o Dumbledore...

— Se queres saber a minha opinião — disse Ron, depois de Harry ter acabado de descrever a sua conversa com Tonks —, ela está a ficar maluca. Deve estar a ir-se abaixo por causa do que aconteceu no Ministério.

— É um bocado estranho — concordou Hermione, que parecia muito preocupada. — Devia estar de guarda à escola. Por que é que ela de repente abandona o seu posto para ir ter com o Dumbledore, quando ele nem sequer está cá?

— Tive uma ideia! — exclamou Harry. Teve uma sensação estranha ao apresentá-la; era mais do domínio de Hermione do que do seu. — Não acham que ela pode... que ela pode ter-se apaixonado pelo Sirius?

Hermione olhou para ele de olhos arregalados.

— Por que raio é que te lembraste disso?

— Não sei — respondeu Harry, encolhendo os ombros. — Ela ficou quase a chorar quando falei no nome dele... e agora o seu Patronus é uma coisa grande, de quatro patas... Pensei que, se calhar, se tinha transformado... nele.

— É uma ideia — disse Hermione devagar. — Mas continuo sem saber o que a terá levado a entrar no castelo para ir ver o Dumbledore, se era por isso que ela ali estava...

— Bate certo com o que eu disse há pouco, não acham? — perguntou Ron, que estava a enfardar puré de batata. — Ela está esquisita. Perdeu o ânimo. Mulheres... — comentou com um ar entendido para Harry. — Transtornam-se com facilidade.

— Mesmo assim — disse Hermione, como que despertando do seu sonho. — Duvido que se encontre uma *mulher* que fique meia hora amuada porque Madame Rosmerta não se riu duma piada sobre uma bruxa, um curandeiro e a *Mimbulus mimbletonia*.

Ron ficou de trombas.

XXII

DEPOIS DO FUNERAL

Sobre os torreões do castelo começavam a entrever-se retalhos de céu de um azul intenso, mas nem aqueles sinais de que o Verão se aproximava conseguiam animar Harry. Tinha sido frustrado tanto nos seus esforços para descobrir o que Malfoy andava a fazer, como na tentativa de iniciar uma conversa com Slughorn que, de alguma forma, pudesse levá-lo a revelar a recordação que aparentemente tinha suprimido durante várias dezenas de anos.

— Pela última vez, esquece o Malfoy — disse-lhe Hermione com firmeza.

Estavam sentados ao pé de Ron num canto soalheiro do pátio a seguir ao almoço. Nas mãos de Hermione e Ron havia um folheto do Ministério da Magia: *Erros Comuns de Aparição e Como Evitá-los*. Iam fazer o exame nessa tarde, mas os folhetos não tinham contribuído em nada para os acalmar. Mal viu uma rapariga dobrar a esquina, Ron deu um salto e tentou esconder-se atrás de Hermione.

— Não é a Lavender — disse Hermione, aborrecida.

— Ainda bem! — exclamou Ron, ficando mais calmo.

— Harry Potter? — perguntou a rapariga. — Pediram-me que te desse isto.

— Obrigado...

Harry sentiu-se desanimar, quando pegou no pequeno rolo de pergaminho. Quando a rapariga já estava suficientemente longe para não o ouvir, Harry desabafou:

— O Dumbledore disse que não tínhamos mais aulas enquanto eu não conseguisse a recordação!

— Talvez queira fazer o ponto da situação — sugeriu Hermione, enquanto Harry desenrolava o pergaminho. Todavia, em vez da letra grande, estreita e inclinada de Dumbledore, deparou com uma escrita

irregular, suja, difícil de ler, devido à presença de grandes manchas sobre o pergaminho, nos sítios onde a tinta tinha escorrido.

Queridos Harry, Ron e Hermione,

A Aragog morreu ontem à noite. Harry e Ron, vocês conheceram-na e sabem como era especial. Hermione, sei que terias gostado dela. Ficaria muito sensibilizado, se conseguissem vir ao enterro logo ao fim da tarde. Estou a planear fazê-lo ao pôr do Sol que era a hora do dia de que ela mais gostava. Sei que não podem sair tão tarde, mas podem usar o Manto. Não vos pedia se conseguisse enfrentar tudo isto sozinho, mas não consigo.

Hagrid

— Vê isto — disse Harry, entregando o pergaminho a Hermione.

— Oh, por amor de Deus! — exclamou, lendo-o depressa e passando-o a Ron, que o leu de alto a baixo com uma expressão cada vez mais incrédula.

— Ele é *maluco*! — gritou Ron, muito furioso. — Aquela coisa disse às outras para me comerem a mim e ao Harry! Disse-lhes que se servissem! E agora o Hagrid está à espera de que a gente vá lá e se ponha a chorar aquele horrível corpo cabeludo!

— E não é só isso — acrescentou Hermione. — Está a pedir-nos para sairmos do castelo à noite, sabendo como a segurança é agora um milhão de vezes mais apertada e o que nos aconteceria se fôssemos apanhados.

— Já fomos várias vezes visitá-lo de noite — lembrou Harry.

— Sim, mas por uma coisa destas? — interrogou-se Hermione. — Arriscámos muito para ajudar o Hagrid, mas foi a *Aragog* que morreu. Se, ao menos, fosse para a salvarmos...

— Eu cá ainda tinha menos vontade de ir — garantiu Ron, com firmeza. — Foi melhor para ti nunca a teres visto, Hermione. Acredita que melhorou muito por estar morta.

Harry tornou a pegar no pergaminho e observou as manchas de tinta que o cobriam. Era óbvio que tinham caído ali grandes e grossas lágrimas.

— Não acredito que estejas a pensar *ir*, Harry — disse Hermione. — É ridículo ficar de castigo por uma coisa dessas.

Harry suspirou.

— Eu sei. Acho que o Hagrid vai ter de enterrar a *Aragog* sem nós.

— Pois vai — concordou Hermione, com um ar mais aliviado. — Olha, hoje à tarde não vai haver quase ninguém na aula de Poções, porque vamos estar a fazer o exame. Por isso, aproveita para ver se consegues que o Slughorn te diga alguma coisa!

— Pode ser que à quinquagésima sétima vez tenha sorte — disse Harry num tom amargo.

— Sorte! — exclamou Ron de repente. — É isso, Harry... sorte!

— Não estou a perceber.

— Usa a tua poção da sorte!

— Ron, isso é... é isso mesmo! — exclamou Hermione, boquiaberta. — Claro! Por que é que nunca me lembrei disso?

Harry olhou para ambos.

— A Felix Felicis? — perguntou. — Não sei... Estava a poupá-la...

— Para quê? — Ron mostrou-se incrédulo.

— Há alguma coisa que seja mais importante do que essa recordação, Harry? — perguntou Hermione.

Harry não respondeu. Aquele frasquinho dourado pairava na sua imaginação há algum tempo; nas profundezas do seu cérebro fermentavam planos vagos e indistintos, que só ganhavam forma durante os sonhos ou naquele limiar entre o sono e o estado de alerta, e que envolviam Ginny a acabar o namoro com Dean, e Ron feliz por ela ter um novo namorado...

— Harry? Onde é que tens a cabeça? — perguntou Hermione.

— O quê?... Ah, claro — disse, recompondo-se. — Bem... está bem. Se não conseguir fazer o Slughorn falar hoje à tarde, levo um pouco da Felix e torno a tentar à noite.

— Então, está decidido — concluiu Hermione rapidamente e levantou-se, fazendo uma graciosa pirueta. — Destino... determinação... deliberação... — murmurou.

— Pára com isso — pediu Ron. — Já estou suficientemente enjoado. Depressa, esconde-me!

— Não é a Lavender — disse Hermione, já impaciente, quando um outro grupo de raparigas apareceu no pátio, fazendo Ron mergulhar atrás de si.

— Fixe — suspirou Ron, espreitando por cima do ombro de Hermione para confirmar. — Caramba, não estão com um ar nada feliz, pois não?

— São as irmãs Montgomery, e claro que não estão felizes. Não ouviste contar o que aconteceu ao irmão delas? — perguntou Hermione.

— Para dizer a verdade, já perdi a conta ao que acontece aos familiares de toda a gente — confessou Ron.

— O irmão delas foi atacado por um lobisomem. Corre o boato de que a mãe se recusou a ajudar os Devoradores da Morte. Bem, o certo é que o menino tinha cinco anos e morreu em São Mungus. Não conseguiram salvá-lo.

— Morreu! — repetiu Harry, chocado. — Mas os lobisomens não matam, só transformam as pessoas em lobisomens.

— Às vezes matam — disse Ron, com um ar estranhamente grave. — Ouvi dizer que pode acontecer quando se entusiasma.

— Como é que se chamava o lobisomem? — perguntou Harry rapidamente.

— Dizem que foi esse tal Fenrir Greyback — respondeu Hermione.

— Eu sabia... É o maníaco que gosta de atacar crianças, é aquele de quem o Lupin me falou! — desabafou Harry, furioso.

Hermione olhou para ele com uma expressão glacial.

— Harry, tens de conseguir arrancar essa recordação. É preciso obrigar o Voldemort a parar, não é? Todas essas coisas horríveis que têm estado a acontecer têm que ver com ele...

Ouviram-se a campainha tocar no castelo, e Hermione e Ron puseram-se de pé num salto, aterrorizados.

— Vai correr tudo bem — assegurou-lhes Harry, enquanto se dirigiam para o *Hall* de Entrada para se reunirem aos outros alunos que iam fazer o exame de Aparição. Boa sorte.

— Para ti também! — respondeu Hermione com um olhar expressivo, vendo Harry encaminhar-se para a masmorra.

Nessa tare, só havia três alunos na aula de Poções: Harry, Ernie e Draco Malfoy.

— Ainda muito novos para Aparecerem? — perguntou Slughorn bem-humorado. — Ainda não fizeram dezassete anos?

Responderam os três abanando a cabeça.

— Bem, como somos tão poucos, vamos fazer uma coisa *divertida*. Quero que me preparem uma coisa com graça.

— Que bom, professor! — exclamou Ernie, num tom adulator, esfregando as mãos. Malfoy, por seu lado, nem um sorriso esboçou.

— O que é quer dizer com isso de «uma coisa com graça»? — perguntou, irritado.

— Uma coisa que me surpreenda — respondeu Slughorn, mantendo o mesmo tom alegre.

Malfoy abriu o seu exemplar do *Preparação de Poções: Nível Avançado* com uma expressão carrancuda. Não podia ser mais óbvio que para ele aquela aula era uma perda de tempo. Olhando para ele por cima do seu livro, Harry teve a certeza de que estava a lamentar o tempo que ia ficar ali, quando podia estar na Sala das Necessidades.

Seria imaginação sua, ou também Malfoy, tal como Tonks, parecia mais magro? Mais pálido estava de certeza; a sua pele continuava a ter o mesmo tom acinzentado, talvez por ver tão poucas vezes a luz do dia. Mas não tinha aquele ar presunçoso, excitado ou superior; não tinha a arrogância

que tinha evidenciado no Expresso de Hogwarts, quando se gabara abertamente da missão que Voldemort lhe tinha confiado... Na opinião de Harry, só havia uma conclusão a tirar: a missão, fosse ela qual fosse, estava a correr mal.

Animado por este pensamento, Harry folheou o seu exemplar de *Preparação de Poções: Nível Avançado* até encontrar uma versão muito corrigida pelo Príncipe Meio-Sangue de um Elixir para Causar Euforia, que não só correspondia ao que Slughorn queria, como podia pô-lo tão bem disposto (o seu coração até deu um salto quando este pensamento lhe aflorou a mente) que Slughorn não se importaria de revelar a recordação, desde que Harry conseguisse convencê-lo a prová-lo.

— Bem, está absolutamente maravilhoso! — exclamou Slughorn, batendo as palmas quando, hora e meia depois, olhou para o líquido amarelo brilhante que borbulhava no caldeirão de Harry. — É Euforia? E que cheio é este? Hum... juntaste uma pitada de hortelã-pimenta, não foi? É uma medida pouco ortodoxa mas reveladora de inspiração, Harry. Está claro que isso serve para contrariar os efeitos secundários que esporadicamente surgem de excesso de cantoria e fungadela... Não sei aonde foste buscar tanta inteligência, meu rapaz... a menos que...

Harry empurrou o livro do Príncipe Meio-Sangue para dentro do saco com o pé.

— ... sejam os genes da tua mãe a revelarem-se!

— Sim, deve ser isso — disse Harry, aliviado.

Ernie estava muito mal-humorado; desejoso de ultrapassar Harry, pelo menos uma vez na vida, tinha tido a imprudência de inventar a sua própria poção, que havia coalhado e formado uma massa púrpurea no fundo do caldeirão. Malfoy já estava a arrumar as suas coisas, com cara de poucos amigos; Slughorn tinha declarado a sua Solução Soluçante apenas «aceitável».

A campainha tocou, e Ernie e Malfoy saíram imediatamente.

— Professor — disse Harry, mas Slughorn olhou imediatamente por cima do ombro e, assim que viu que só restavam eles os dois na sala, saiu o mais depressa que pôde.

— Professor... Professor, não quer provar a minha po...? — gritou Harry, desesperado.

Mas Slughorn já tinha desaparecido. Desapontado, Harry esvaziou o caldeirão, arrumou as suas coisas, saiu da masmorra e regressou lentamente à sala comum.

Ron e Hermione voltaram ao fim da tarde.

— Harry! — gritou Hermione assim que passou pelo buraco do retrato.

— Harry, passei!

— Boa! E o Ron?

— Ele... ele chumbou — sussurrou Hermione, no momento em que Ron entrava cabisbaixo na sala, de cenho carregado. — Foi azar, foi uma coisinha de nada, o examinador reparou que ele tinha deixado meia sobrançelha para trás... Como é que correram as coisas com o Slughorn?

— Nada — respondeu Harry, no momento em que Ron se juntou a eles.

— Tiveste azar, meu. Para a próxima, passas. Podemos fazer o exame juntos.

— Pois — anuiu Ron, carrancudo. — Mas *meia sobrançelha!* Como se isso fosse importante!

— Eu sei — disse Hermione, tentando acalmá-lo. — Deve custar imenso a aceitar...

Passaram a maior parte do jantar a insultar o examinador de Aparição, e Ron parecia ligeiramente mais bem disposto, quando foram para a sala comum para continuarem a discutir o problema de Slughorn e da recordação.

— Então, Harry, vais usar a Felix Felicis ou não? — perguntou Ron.

— Acho que é melhor — respondeu Harry. — Não devo precisar de toda, não vão ser precisas doze horas, não pode demorar a noite toda... Bebo só um gole grande. Duas ou três horas devem chegar.

— É uma sensação ótima quando se bebe isso — disse Ron, com um ar pensativo. — Tem-se a sensação de que tudo o que fizermos irá dar certo.

— O que é que estás para aí a dizer? — perguntou Hermione com uma gargalhada. — Tu nunca a tomaste!

— Eu sei, mas *pensei* que tinha tomado, não foi? — disse Ron, como se estivesse a explicar uma coisa óbvia. — Não tem diferença nenhuma...

Como tinham visto Slughorn entrar há pouco tempo no Salão Nobre e sabiam que ele gostava de comer tranquilamente, demoraram-se mais algum tempo na sala comum, uma vez que o plano era Harry ir ao gabinete de Slughorn assim que ele houvesse regressado. Quando o Sol já estava ao nível das copas das árvores na Floresta Proibida, decidiram que tinha chegado a hora. Depois de se certificarem de que Neville, Dean e Seamus estavam na sala comum, escapuliram-se para o dormitório.

Harry foi buscar as meias enroladas que tinha no fundo do malão e, do meio delas, tirou o frasquinho com o líquido brilhante.

— Bem, aqui vai — e, erguendo o frasco, deu um gole cuidadosamente medido.

— Qual é a sensação? — perguntou Hermione em surdina.

Harry não respondeu logo. Porém, depois, lentamente mas de forma

gradual, todo o seu corpo foi inundado por uma fantástica sensação de que tudo era possível; sentia que podia fazer tudo... tudo o que quisesse... e arrancar aquela recordação a Slughorn parecia não só possível como extremamente fácil...

Pôs-se de pé, a sorrir e a transbordar de confiança.

— Ótimo! — exclamou. — Fantástico! Vou ter com o Hagrid.

— O quê? — perguntaram Ron e Hermione, horrorizados.

— Não, Harry, tens de ir ter com o Slughorn, lembras-te? — disse Hermione.

— Não — retorquiu Harry com a mesma confiança inabalável. — Vou ter com o Hagrid. Tenho um bom pressentimento.

— Tens um bom pressentimento em relação ao enterro de uma aranha gigante? — perguntou Ron, incrédulo.

— Tenho — respondeu Harry, tirando o Manto da Invisibilidade do saco. — Sinto que é o lugar certo para estar esta noite. Percebem o que quero dizer?

— Não — responderam Ron e Hermione em coro, ambos decididamente alarmados.

— Isto é mesmo a Felix Felicis? — perguntou Hermione com uma expressão ansiosa, levantando o frasquinho contra a luz. — Não tens outro frasquinho cheio de... sei lá...

— Essência de Insanidade? — sugeriu Ron, ao ver Harry pôr o Manto sobre os ombros.

Harry deu uma gargalhada, o que deixou Ron e Hermione ainda mais assustados.

— Confiem em mim. Sei o que estou a fazer... ou, pelo menos... — avançou decididamente até à porta e concluiu: — a Felix sabe.

Puxou o Manto da Invisibilidade para a cabeça e começou a descer a escada, seguido por Ron e Hermione. Quando chegou ao fundo das escadas, Harry deslizou pela porta aberta.

— O que é que estavas a fazer aí com *ela*? — guinchou Lavender Brown, olhando através de Harry para Ron e Hermione, que saíam juntos do dormitório dos rapazes. Harry ouviu Ron dizer atabalhoadamente qualquer coisa atrás de si, enquanto atravessava a sala como uma seta.

Foi fácil passar pelo buraco do retrato. Quando chegou junto dele, Ginny e Dean vinham a entrar, e Harry conseguiu esgueirar-se pelo meio de ambos. Ao fazê-lo, tocou sem querer em Ginny.

— Não me empurres, Dean — disse ela, aborrecida. — Estás sempre a fazer isso. Não preciso de ajuda para entrar...

O retrato fechou-se atrás de Harry, mas só depois de ouvir Dean dar-lhe

uma resposta torta. Impelido por uma exaltação cada vez maior, Harry saiu do castelo. Não teve de se esconder, porque não encontrou ninguém no caminho, o que não o surpreendeu, pois naquela noite era a pessoa mais sortuda de Hogwarts.

Não fazia a mínima ideia do que o levava a pensar que a coisa certa a fazer era ir ter com Hagrid. Era como se a poção estivesse a iluminar os seus passos ao longo do caminho. Não via o destino final, não via onde aparecia Slughorn, mas sabia que estava a ir pelo caminho certo para recuperar aquela recordação. Quando chegou ao *Hall* de Entrada, viu que Filch se tinha esquecido de trancar a porta da frente. Com um sorriso enorme, Harry abriu-a e sentiu por um momento o perfume do ar puro e da relva, antes de mergulhar na penumbra.

Foi quando chegou ao fundo das escadas que se lembrou de como seria agradável passar pela horta a caminho da cabana de Hagrid. Não ficava bem em caminho, mas pareceu-lhe um capricho a que devia ceder e, assim, dirigiu-se para a horta, onde teve o prazer, mas não a surpresa, de encontrar o Professor Slughorn a conversar com a Professora Sprout. Harry ficou à espreita atrás de um pequeno muro de pedra, sentindo-se em paz com o mundo, enquanto ia ouvindo a conversa.

— ... Agradeço-te muito o incómodo, Pomona — disse Slughorn, num tom amável. — A maior parte dos entendidos acha que são mais eficazes se forem apanhados ao crepúsculo.

— Estou inteiramente de acordo — assentiu a Professora Sprout, num tom caloroso. — Isto chega?

— Chega, chega — respondeu Slughorn, que trazia um braçado de plantas com muitas folhas. — Isto deve chegar para dar algumas folhas a cada um dos alunos do terceiro ano e ainda devem sobrar algumas, para o caso de algum deles as deixar cozer de mais. Bem, boa noite e mais uma vez muito obrigado!

A Professora Sprout encaminhou-se para as suas estufas à luz do entardecer, e Slughorn dirigiu os seus passos para o sítio onde se encontrava Harry, invisível.

Tomado por um desejo imediato de se revelar, Harry tirou o Manto com um floreado.

— Boa noite, professor.

— Pela barba de Merlin, Harry, pregaste-me cá um susto! — exclamou Slughorn, e deteve-se com uma expressão preocupada. — Como é que saíste do castelo?

— O Filch deve ter-se esquecido de trancar a porta — disse Harry, rejubilando com o cenho carregado de Slughorn.

— Vou fazer queixa desse homem. Cá para mim, preocupa-se mais com o lixo que com a segurança... Mas o que estás aqui a fazer, Harry?

— Bem, professor, é por causa do Hagrid — respondeu Harry, julgando por bem dizer a verdade. — Ele está muito transtornado... Mas promete que não diz a ninguém, professor? Não quero arranjar-lhe problemas...

A súbita curiosidade de Slughorn estava bem espelhada no seu rosto.

— Bem, não posso prometer-te isso — disse, num tom impaciente. — Mas sei que o Dumbledore confia inteiramente no Hagrid, por isso tenho a certeza de que não pode ser nada muito terrível...

— Foi aquela aranha gigante que ele tinha há anos... vivia na Floresta... falava e tudo...

— Ouvi dizer que havia Acromântulas na Floresta — retorquiu Slughorn em voz baixa, olhando para o aglomerado negro de árvores. — Quer dizer que é verdade?

— É — confirmou Harry. — Mas aquela, a *Aragog*, a primeira que o Hagrid teve, morreu ontem à noite. Ele está destroçado. Quer que alguém lhe faça companhia para a enterrar, e eu disse-lhe que ia.

— Comovente, muito comovente — suspirou Slughorn, distraído, com os seus olhos descaídos fixos nas luzes distantes da cabana de Hagrid. — Mas o veneno das Acromântulas é muito valioso... Se o animal acabou de morrer, pode ainda não ter secado... Está claro que eu não iria fazer nada de insensível, se o Hagrid não quisesse... Mas se houvesse maneira de arranjar um bocadinho... quer dizer, é quase impossível arranjar veneno de uma Acromântula quando está viva.

Slughorn parecia estar a falar mais para si próprio que para Harry.

— ... é um desperdício terrível não o recolher... Chega a valer duzentos galeões o litro... Para dizer a verdade, o meu salário não é lá...

Harry percebeu claramente o que tinha de fazer.

— Bem — disse, com uma hesitação muito convincente —, bem... se quiser vir, professor, o Hagrid iria certamente ficar muito satisfeito... a *Aragog* teria uma despedida mais bonita, está a ver?...

— Claro — disse Slughorn, com os olhos a brilharem de entusiasmo. — Vamos fazer assim, Harry: vou lá ter contigo e levo uma ou duas garrafas para bebermos à saúde... bem, à saúde, não, bom, faremos uma despedida com estilo depois do enterro. E vou mudar de gravata, esta é um bocado exuberante para a ocasião...

Voltou rapidamente ao castelo, e Harry apressou-se a ir ter com Hagrid, muito satisfeito consigo próprio.

— Vieste — balbuciou Hagrid, quando abriu a porta e viu Harry aparecer do Manto da Invisibilidade à sua frente.

— Pois vim, mas o Ron e a Hermione não puderam vir — disse Harry.
— Tiveram muita pena.

— Nã'... nã' faz mal... 'Tou muito comovido por 'tares aqui, Harry...

Hagrid soluçou violentamente. Fizera um fumo para o braço com um trapo que parecia encharcado em graxa, e tinha os olhos vermelhos e inchados. Para o consolar, Harry deu-lhe uma palmadinha no cotovelo, que era o sítio mais alto de Hagrid aonde conseguia chegar.

— Onde é que vamos enterrá-la? — perguntou. — Na Floresta?

— Nã', qu'ideia! — exclamou Hagrid, limpando as lágrimas à fralda da camisa. — As outras aranhas nã' me deixam aproximar das suas teias agora qu'a *Aragog* morreu. Afinal, foi ela que deu ordem p'ra nã' me comerem! Até custa a acreditar, nã' custa, Harry?

A resposta sincera era «sim». Harry lembrava-se do momento difícil em que ele e Ron haviam ficado frente a frente com as Acromântulas, que tinham deixado bem claro que era só por causa da *Aragog* que não comiam Hagrid.

— Nunca houve um sítio da Floresta onde nã' pudesse ir! — disse Hagrid, abanando a cabeça. — Nã' foi nada fácil tirar o corpo da *Aragog* de lá, isso te garanto. Elas costumam comer os seus mortos, 'tás a ver... mas eu qu'ria qu'ela tivesse um enterro decente... uma despedida como merecia...

Tornou a irromper em soluços, e Harry tornou a dar-lhe umas palmadinhas no cotovelo, ao mesmo tempo que dizia (pois a poção sugeria-lhe que era isso que devia fazer):

— Quando vinha para cá, encontrei o Professor Slughorn, Hagrid.

— Espero que nã' te tenhas metido em sarilhos — disse Hagrid, olhando para ele, alarmado. — Sabes bem qu'à noite nã' podes sair do castelo. E a culpa é minha...

— Não, não. Quando lhe disse o que vinha fazer, ele disse que gostaria de vir comigo para prestar a última homenagem à *Aragog*. Foi vestir uma roupa mais indicada e buscar umas garrafas para podermos beber em memória da *Aragog*...

— A sério? — perguntou Hagrid, com uma expressão ao mesmo tempo admirada e comovida. — É... é simpático da parte dele. 'Inda por cima, sem te denunciar. Nunca tive muit' a ver co'o Horace Slughorn... e agora vem ao enterro da velha *Aragog*, hã? Bem, ela havia de gostar...

Harry pensou para si que a coisa que *Aragog* mais teria gostado em Slughorn era a enorme quantidade de carne que ele tinha para comer, mas limitou-se a ir para junto da janela das traseiras da cabana de Hagrid, onde teve a horrível visão de uma gigantesca aranha morta, deitada de costas,

com as patas recurvadas e emaranhadas.

— Vamos enterrá-la aqui no teu jardim, Hagrid?

— Ali ao pé das abóboras — respondeu este, com a voz embargada. — Já cavei a... a sepultura. Mas achei que talvez quiséssemos dizer umas palavras... falar das recordações boas... nã' achas?

A sua voz começou a tremer e acabou por soçobrar. Ouviu-se bater à porta, e Hagrid foi abrir, assoando-se no seu lenço grande às pintinhas. Slughorn entrou apressado, com várias garrafas debaixo do braço e uma lúgubre gravata preta.

— Hagrid — disse numa voz grossa e grave. — Lamento muito a tua perda.

— Obrigadinho — retorquiu Hagrid. — Muit'obrigado. E obrigadinho também por nã' fazer queixa do Harry...

— Nem tal coisa me passou pela cabeça — garantiu Slughorn.

— Que noite tão triste... tão triste... Onde está a pobre criatura?

— Ali fora — respondeu Hagrid, com a voz a tremer. — Vamos atão... tratar disso?

Saíram os três para as traseiras. A Lua brilhava com uma luz pálida por entre as árvores, e os seus raios misturavam-se com a luz que vinha da janela de Hagrid, iluminando o corpo de *Aragog*, deitado junto de uma cova enorme, ao lado da qual se via um monte com uns três metros de terra escavada.

— Magnífico — comentou Slughorn ao aproximar-se da cabeça da aranha, onde oito olhos turvos e inertes fixavam o céu, e duas pinças enormes, curvas, brilhavam imóveis ao luar. Harry teve a impressão de que tinha ouvido o tilintar de frascos, quando Slughorn se debruçou sobre as pinças, aparentemente para examinar a gigantesca cabeça peluda da aranha.

— Nã há muita gente que saiba apreciar a beleza delas — disse Hagrid por trás de Slughorn, com as lágrimas a correrem do canto dos seus olhos franzidos. — Nã' sabia que você s'interessava por bichos como a *Aragog*, Horace.

— Interessar-me? Meu caro Hagrid, eu venero estes animais — corrigiu Slughorn, afastando-se do corpo da aranha. Harry viu o brilho de um frasco desaparecer por baixo do manto dele, mas Hagrid, que mais uma vez esfregava os olhos, não reparou em nada. — Vamos então fazer o funeral?

Hagrid acenou com a cabeça e chegou-se para a frente. Ergueu a gigantesca aranha nos seus braços e, com um gemido terrível, depositou-a na cova escura. O animal bateu no fundo com um baque horrível, estaladiço e Hagrid começou outra vez a chorar.

— Está claro que deve ser difícil para ti que a conhecias tão bem —

disse Slughorn que, tal como Harry, não conseguia chegar mais alto do que o cotovelo de Hagrid, mas que, mesmo assim, lhe deu uma palmadinha. — E se disséssemos algumas palavras?

Devia ter tirado uma grande quantidade de veneno de alta qualidade à *Aragog*, pensou Harry, pois Slughorn ostentava um sorriso de júbilo ao aproximar-se da beira da cova e dizer, numa voz lenta e impressionante:

— Adeus, *Aragog*, rainha dos aracnídeos, cuja longa e fiel amizade jamais poderá ser esquecida por quantos te conheceram! O teu corpo decompor-se-á, é certo, mas o teu espírito ficará para sempre nas teias silenciosas da tua Floresta natal. Que os teus descendentes floresçam para sempre e que os teus amigos humanos possam encontrar consolação para a perda que sofreram.

— Foi... foi... lindo! — gemeu Hagrid, caindo sobre o monte de adubo, a chorar ainda mais convulsivamente.

— Pronto, pronto — apaziguou-o Slughorn, acenando a varinha para que a terra se deslocasse para cima da aranha morta, formando um monte uniforme. — Vamos entrar para tomar uma bebida. Vai para o outro lado, Harry... isso... vá, para cima, Hagrid... isso...

Fizeram Hagrid sentar-se numa cadeira à mesa. *Fang*, que tinha estado amuado no seu cesto durante o enterro, passou calmamente pelo meio deles, indo pousar a cabeça pesada no colo de Harry, como era seu costume. Slughorn abriu uma das garrafas de vinho que tinha trazido.

— Mandei-as testar *todas* para ter a certeza de que não têm veneno — garantiu a Harry, deitando a maior parte do conteúdo da primeira garrafa na caneca de Hagrid, que era quase do tamanho de um balde, e estendendo-lha. — Depois do que aconteceu ao teu pobre amigo Rupert, mandei um elfo provar todas as garrafas.

Harry imaginou a cara de Hermione se soubesse que os elfos eram expostos a uma violência daquelas, e decidiu nunca lhe contar nada.

— Uma para o Harry... — disse Slughorn, dividindo o conteúdo da segunda garrafa por duas canecas —, e uma para mim. Bem, à *Aragog* — e ergueu a sua caneca.

— À *Aragog* — repetiram, em uníssono, Harry e Hagrid.

Slughorn e Hagrid beberam quase tudo. Mas Harry, com a clarividência que lhe era transmitida pela Felix Felicis, sabia que não podia beber e, por isso, fingiu dar um gole e logo pousou a caneca na mesa à sua frente.

— Veio num ovo, sabiam? — disse Hagrid, num tom taciturno. — Era tão pequenina quando saiu do ovo. Era p'raí do tamanho de um pequinês.

— Que amor — disse Slughorn.

— Guardava-a num armário na escola até... bem...

O rosto de Hagrid ficou com uma expressão sombria, e Harry sabia porquê: Tom Riddle tinha conseguido que Hagrid fosse expulso da escola, acusando-o de ter aberto a Câmara dos Segredos. Mas Slughorn parecia não estar a ouvir; olhava para o tecto, no qual estavam pendurados vários potes de bronze e também uma longa meada de sedosos pêlos brancos.

— Aquilo são pêlos de unicórnio, Hagrid?

— São — respondeu Hagrid, com indiferença. — Caem-lhes das caudas, e ficam presos nas árvores e coisas assim na Floresta...

— Mas, meu caro amigo, fazes ideia do valor *daquilo*?

— Costumo usá-los para atar as ligaduras e coisas assim quand' algum animal s' aleija — disse Hagrid, encolhendo os ombros. — É do melhor que há... muita resistente.

Slughorn bebeu outra golada da sua caneca, percorrendo agora lentamente com os olhos toda a cabana, certamente — pensou Harry — à procura de mais tesouros que pudesse converter num licor envelhecido em casco de carvalho, em ananás cristalizado ou em *smokings* de veludo. Tornou a encher a caneca de Hagrid e a sua, e foi-lhe perguntando que tipo de criaturas vivia agora na Floresta e como conseguia cuidar de todas elas. Sob o efeito da bebida e da lisonja interesseira de Slughorn, Hagrid foi-se tornando mais falador, deixou de esfregar os olhos e dedicou-se alegremente a uma longa explicação sobre o tratamento dos bodigaiois.

Nesse momento, a Felix Felicis deu uma ajudinha a Harry, que reparou que a provisão de bebidas que Slughorn tinha trazido estava a acabar rapidamente. Nunca tinha conseguido lançar o Encantamento do Reabastecimento sem o dizer em voz alta, mas, naquela noite, a ideia de não o conseguir fazer dava-lhe vontade de rir. Aliás, foi a sorrir para si próprio que, sem que Hagrid ou Slughorn (que agora partilhavam histórias de contrabando de ovos de dragão) dessem por isso, apontou a varinha por debaixo da mesa para as garrafas quase vazias, que começaram imediatamente a encher-se.

Uma hora depois, Hagrid e Slughorn já estavam a fazer brindes disparatados a Hogwarts, a Dumbledore, ao vinho feito por elfos e a...

— Harry Potter! — gritou Hagrid, entornando uma parte da sua décima quarta caneca de vinho pelo queixo abaixo.

— Isso mesmo! — corroborou Slughorn com a voz empastada. — Parry Otter, o Eleito ou... coisa do género — murmurou, despejando também a sua caneca.

Passado pouco tempo, Hagrid começou outra vez a chorar e empurrou a cauda de unicórnio para cima de Slughorn, que a enfiou no bolso por entre gritos de «À amizade! À generosidade! A dez galeões o pêlo!»

E, durante algum tempo, Hagrid e Slughorn ficaram sentados lado a lado, com os braços à volta um do outro, a cantarem uma canção triste sobre um feiticeiro moribundo chamado Odo.

— Oooohhh, os bons também morrem — murmurou Hagrid, meio caído sobre a mesa, com os olhos um bocado tortos, enquanto Slughorn continuava a entoar o refrão. «O meu pai morreu novo de mais... e a tua mãe e o teu pai também, Harry...»

Dos olhos de Hagrid, começaram a brotar grossas lágrimas; pegou no braço de Harry e abanou-o.

— ... nunca conheci um feiticeiro e uma feiticeira tão bons e tão novos... Foi terrível... foi terrível...

Slughorn cantava num tom choroso:

*E trouxeram Odo, o herói, para casa
Para o lugar que conhecera em criança
Deitaram-no com o chapéu do avesso
E a sua varinha partiu-se — uma triste lembrança.*

— ... terrível — balbuciou Hagrid, deixando cair a sua cabeça enorme e desgredada sobre os braços e adormecendo, com um ronco assustador.

— Desculpa — disse Slughorn, dando um soluço. — Nem para salvar a vida consigo cantar afinado.

— O Hagrid não estava a falar da sua canção — observou Harry calmamente. — Estava a falar da morte dos meus pais.

— Oh! — exclamou Slughorn, reprimindo um arreto. — Oh, meu caro. É verdade, isso foi... horrível. Uma coisa terrível...

Parecia não saber o que dizer, resolvendo então tornar a encher as canecas.

— Não te lembras, pois não, Harry? — perguntou com embaraço.

— Bem... não. Tinha apenas um ano quando eles morreram — disse Harry, de olhos postos na chama da vela que se agitava à medida que Hagrid ressonava. — Mas depois descobri quase tudo o que aconteceu. Primeiro morreu o meu pai. Sabia?

— Não... não sabia — confessou Slughorn com a voz sumida.

— Pois foi... o Voldemort matou-o e depois passou por cima do corpo dele e dirigiu-se à minha mãe.

Slughorn estremeceu, sem conseguir desviar o olhar horrorizado do rosto de Harry.

— Disse-lhe que saísse da frente dele — continuou Harry, num tom desapiedado. — Contou-me que ela não precisava de ter morrido. Só me

queria a mim. Ela podia ter fugido.

— Oh, céus — suspirou Slughorn. — Ela podia ter... não precisava de ter... que horror...

— Pois é! — exclamou Harry, numa voz que pouco mais era que um sussurro. — Mas ela não se mexeu. O meu pai já estava morto, mas ela não quis que eu morresse também. Tentou implorar ao Voldemort... mas ele limitou-se a rir-se à gargalhada...

— Basta! — gritou Slughorn de repente, levantando a mão a tremer. — Basta, menino... já sou um velho... Não tenho de estar a ouvir... Não quero ouvir...

— Esqueci-me — mentiu Harry, encorajado pela Felix Felicis. — Gostava dela, não era?

— Se gostava dela? — repetiu Slughorn, com os olhos outra vez marejados de lágrimas. — Não consigo imaginar ninguém que a conhecesse e não gostasse dela... Muito corajosa... muito alegre... Foi uma coisa horrível...

— Mas não quer ajudar o filho dela — insistiu Harry. — Ela morreu para me dar a vida, mas o professor não quer dar-me a sua recordação.

A cabana quase estremecia com o ressonar de Hagrid. Harry olhou fixamente para os olhos de Slughorn, cheios de lágrimas. O professor de Poções parecia não conseguir desviar o olhar.

— Não digas isso — murmurou. — Não é uma questão de... Se te ajudasse, claro... mas não servirá qualquer objectivo...

— Serve, com certeza — afirmou Harry. — O Dumbledore precisa dessa informação, eu preciso dessa informação.

Sabia que não havia problema. A Felix garantia-lhe que Slughorn não se lembraria de nada na manhã seguinte. Olhando-o directamente nos olhos, Harry inclinou-se um pouco mais para a frente.

— Sou «O Eleito». Tenho de o matar. Preciso dessa recordação.

— És «O Eleito»?

— É claro que sou — respondeu Harry calmamente.

— Mas... menino... estás a pedir muito... estás a pedir-me que te ajude a destruir...

— Não quer acabar com o feiticeiro que matou a Lily Evans?

— Claro que quero, Harry, claro que quero, mas...

— Tem medo de que ele descubra que me ajudou?

Slughorn não disse nada; parecia aterrorizado.

— Seja corajoso como a minha mãe, professor...

Slughorn ergueu uma mão gorducha e tapou a boca com os dedos trementes; por momentos, parecia um bebé exageradamente grande.

— Não me orgulho nada... — murmurou por entre os dedos. — Tenho vergonha do que... do que essa recordação irá mostrar... Acho que posso ter causado um grande mal nesse dia...

— Pode anular tudo o que tiver feito, se me contar essa recordação — insistiu Harry. — Seria um gesto muito nobre e corajoso.

Hagrid contorceu-se e continuou a ressonar. Slughorn e Harry fitaram-se por sobre a vela que se derretia. Seguiu-se um longo silêncio, que a Felix Felicis disse a Harry para não interromper.

Depois, muito devagar, Slughorn meteu a mão no bolso e tirou a varinha. Pôs a outra mão dentro do manto e tirou um pequeno frasco vazio. Sempre a fitar os olhos de Harry, tocou com a ponta da varinha na fronte e em seguida afastou-a, trazendo com ela o longo fio prateado da recordação. Cada vez mais comprido, acabou por se partir e oscilou, numa espiral prateada e brilhante, suspenso da varinha. Slughorn fez com que entrasse no frasco, onde se espalhou como um gás. Tapou-o com a mão a tremer e estendeu-o a Harry por cima da mesa.

— Muito obrigado, professor.

— És um bom rapaz — reconheceu o professor Slughorn, com as lágrimas a caírem pelas suas faces gordas sobre o bigode descaído. — E tens os olhos dela... Quando vires isso, não fiques a pensar muito mal de mim...

E, então, também ele pousou a cabeça nos braços, deu um profundo suspiro e adormeceu.

XXIII

HORCRUXES

Enquanto regressava lentamente ao castelo, Harry sentia o efeito da Felix Felicis a diminuir. A porta da frente continuava destrancada, mas encontrou Peeves no terceiro andar e escapou a um ataque por uma unha negra, atirando-se para o lado e atalhando por um dos caminhos seus conhecidos. Quando, por fim, chegou ao retrato da Dama Gorda e tirou o Manto da Invisibilidade, não ficou surpreso por a encontrar com uma terrível disposição.

— Isto são horas de chegar?

— Lamento imenso... tive de sair por causa de uma coisa realmente importante...

— Bom, a palavra-passe mudou à meia-noite e, portanto, tens de dormir no corredor.

— Está a brincar! — exclamou Harry. — Por que é que havia de ter mudado à meia-noite?

— Porque sim — retorquiu a Dama Gorda. — Se estás zangado, vai perguntar ao Director, ele é que reforçou a segurança.

— Fantástico — resmungou Harry amargamente, olhando para o chão duro. — Absolutamente espectacular. Sim, gostava de ir perguntar ao Director, se ele cá estivesse, porque foi ele que quis que eu...

— Ele está cá — anunciou uma voz atrás de Harry. — O Professor Dumbledore regressou à escola há uma hora.

O Nick Quase-Sem-Cabeça deslizava em direcção a Harry, com a cabeça a oscilar em cima da gola como habitualmente.

— Soube pelo Barão Sangrento, que o viu chegar — esclareceu Nick. — Segundo ele, parecia bem disposto, embora um pouco cansado, claro.

— Onde está? — perguntou Harry com o coração aos pulos.

— Oh, a fazer uma barulheira enorme e a lamuriar-se na Torre de Astronomia, é o seu passatempo favorito...

— Não é o Barão Sangrento, é o Dumbledore!

— Oh... no gabinete dele — respondeu Nick. — Pelo que o Barão disse, creio que teve de tratar de uns assuntos antes de...

— Pois, pois teve — interrompeu Harry, com o peito a arder de excitação perante a perspectiva de contar a Dumbledore que conseguira a recordação. Deu meia-volta e começou a correr, ignorando a Dama Gorda, que o chamava.

— Volta! Pronto, eu menti-te! Fiquei aborrecida por me teres acordado! A palavra-passe continua a ser «ténia»!

Harry, porém, galgava, desenfreado, o corredor e, passados poucos minutos, dizia «*éclaircs* de caramelo» à gárgula de Dumbledore, a qual saltou para o lado, permitindo que Harry subisse a escada em caracol.

— Entre — disse Dumbledore quando Harry bateu. Parecia extenuado.

Harry empurrou a porta. Encontrou o gabinete do Director com o mesmo aspecto de sempre. Só o céu para lá das janelas estava agora escuro e cheio de estrelas.

— Oh, Harry! — exclamou Dumbledore, surpreendido. — A que devo este prazer tão tardio?

— Professor... consegui-a. Consegui a recordação do Slughorn.

Tirou a garrafinha minúscula e mostrou-a a Dumbledore. O Director pareceu momentaneamente espantado, mas depois o seu rosto abriu-se num grande sorriso.

— Harry, que notícia maravilhosa! Muito bem, muito bem! Sabia que ias conseguir.

Completamente esquecido do adiantado da hora, contornou apressadamente a secretária, pegou na garrafinha com a recordação de Slughorn com a mão sã e dirigiu-se ao armário onde guardava o Pensatório.

— E agora — disse Dumbledore, colocando a bacia de pedra sobre a secretária e despejando lá dentro o conteúdo da garrafa —, agora, podemos finalmente ver. Depressa, Harry...

Este curvou-se obedientemente sobre o Pensatório e sentiu os pés deixarem o chão do gabinete... Mais uma vez, caiu através da escuridão e aterrou no gabinete de Horace Slughorn muitos anos antes.

Lá estava o professor, muito mais novo, com o seu cabelo loiro acetinado e espesso e o bigode arruivado, novamente sentado na sua confortável poltrona, os pés apoiados num pufe de veludo. Segurava numa mão um pequeno copo de vinho e, com a outra, remexia numa caixa cheia de ananás cristalizado. E lá estavam também a mesma meia dúzia de adolescentes, sentados em seu redor, com Tom Riddle no centro. No seu dedo brilhava o anel dourado e preto de Marvolo.

Dumbledore aterrou ao lado de Harry no momento exacto em que Riddle perguntava:

— Professor, é verdade que a Professora Merrythought se vai reformar?

— Tom, Tom, mesmo que soubesse, não te poderia dizer — retorquiu Slughorn, acenando-lhe desaprovadamente com o dedo, mas piscando-lhe o olho ao mesmo tempo. — Devo confessar que gostava de saber onde obténs as tuas informações, menino. Sabes mais que a maioria dos professores.

Riddle sorriu. Os outros rapazes riram-se, lançando-lhe olhares de admiração.

— Com essa tua fantástica capacidade de saber coisas que não devias e lisonjeando cuidadosamente as pessoas importantes... A propósito, obrigado pelo ananás, tens razão, é o meu preferido...

Vários rapazes riram-se discretamente.

— ... tenho quase a certeza de que, daqui a vinte anos, chegas a Ministro da Magia. Quinze, se continuares a mandar-me ananás. Tenho *excelentes* conhecimentos no Ministério.

Tom Riddle limitou-se a sorrir, enquanto os outros voltavam a rir-se. Harry notou que ele não era, de forma alguma, o mais velho do grupo de rapazes, mas que todos pareciam considerá-lo o seu líder.

— Não creio que a política seja o ideal para mim, professor — declarou, quando o riso morreu. — Para começar, não tenho um passado apropriado.

Dois dos rapazes do grupo sorriram um para o outro maliciosamente, e Harry teve a certeza de que partilhavam uma piada só deles, sem dúvida sobre o que sabiam, ou suspeitavam, em relação ao famoso antepassado do líder do seu grupo.

— Que disparate! — exclamou Slughorn vivamente. — É por demais evidente que, com as tuas capacidades, vens de uma família de feiticeiros como deve ser. Não, tu vais longe, Tom, e olha que nunca me enganei sobre um aluno.

O pequeno relógio dourado pousado na secretária do professor bateu as onze horas e este olhou em volta.

— Justos céus, já são estas horas!? É melhor irem andando, meninos, ou arranjamos sarilhos. Lestrange, quero a tua composição amanhã, ou apanhas um castigo. E tu também, Avery.

Um a um, os rapazes foram saindo do gabinete. Slughorn ergueu-se lentamente da poltrona e levou o copo vazio até à secretária, mas um movimento atrás de si fê-lo olhar em volta. Riddle continuava na sala.

— Cuidadinho, Tom, não deves querer que te apanhem fora da cama a esta hora, ainda por cima tu, que és prefeito...

- Professor, queria perguntar-lhe uma coisa.
- Então, pergunta, menino, pergunta lá.
- Professor, gostava de lhe perguntar o que sabe sobre... sobre

Horcruxes.

Slughorn ficou a olhar para ele, espantado, acariciando distraidamente o pé do copo com os seus dedos grossos.

— É para um projecto de Defesa Contra a Magia Negra?

Harry, porém, percebeu logo que Slughorn sabia perfeitamente que não se tratava de trabalho escolar.

— Não exactamente, professor — respondeu Riddle. — Deparei-me com o termo durante uma leitura e não o compreendi inteiramente.

— Não... bem... dificilmente encontrarias em Hogwarts um livro que te desse pormenores sobre os Horcruxes. É matéria muito negra, mesmo muito negra — retorquiu Slughorn.

— Mas o senhor sabe tudo sobre o assunto, não é verdade? Quero dizer, um feiticeiro como o senhor... Desculpe, isto é, se não me pode dizer, obviamente... Só que pensei que, se alguém me podia explicar, seria o senhor... Por isso, lembrei-me de perguntar...

Fora muito bem feito, pensou Harry, as hesitações, o tom quase indiferente, a lisonja discreta, tudo bem calculado. Ele próprio já tivera bastante experiência em tentar extrair informações a pessoas relutantes, sendo, portanto, capaz de reconhecer um trabalho de mestre. Via-se que Riddle desejava muitíssimo aquela informação; talvez andasse a preparar aquele momento há semanas.

— Bem — disse Slughorn sem olhar para Riddle, mas mexendo distraidamente na fita da tampa da caixa de ananás cristalizado —, bem, não faz mal dar-te uma ideia geral, claro. Só para compreenderes o termo. Horcrux é a palavra usada para designar um objecto no qual uma pessoa escondeu parte da sua alma.

— Não compreendo muito bem como é que isso se faz, professor — confessou Riddle.

Controlava cuidadosamente o tom de voz, mas Harry sentia a sua excitação.

— Bem, divide-se a alma, estás a ver — explicou Slughorn —, e esconde-se uma parte num objecto exterior ao corpo. Então, mesmo que o corpo seja atacado ou destruído, não se morre, pois uma parte da alma continua ligada à terra e intacta. É claro que existir sob tal forma...

O rosto de Slughorn enrugou-se, e Harry deu por si a recordar palavras que ouvira havia quase dois anos:

«Fui arrancado do meu corpo, era menos que espírito, menos que o

mais ínfimo dos fantasmas... mas, ainda assim, estava vivo.»

— ... poucos o desejariam, Tom, muito poucos. Seria preferível a morte.

Mas a fome de Riddle era agora óbvia. Com uma expressão gananciosa no rosto, já não conseguia esconder o desejo.

— E como se divide a alma?

— Bem — prosseguiu Slughorn, incomodado —, tens de compreender que a alma deve permanecer intacta e íntegra. A sua divisão é um acto de violação, é contra a natureza.

— Mas como é que se faz?

— Por meio de um acto maligno... o supremo acto maligno: cometendo assassinio. O acto de matar despedaça a alma, e o feiticeiro decidido a criar um Horcrux poderia usar esse dano em seu benefício, guardando a porção arrancada...

— Guardando? Mas como...?

— Há um feitiço, não me perguntes, não o sei! — declarou Slughorn, abanando a cabeça como um velho elefante incomodado por mosquitos. — Achas que tenho ar de quem já tentou... Achas que tenho ar de assassino?

— Não, senhor, é claro que não — apressou-se Riddle a afirmar. — Desculpe... não quis ofendê-lo...

— Certo, certo, não estou ofendido — concedeu Slughorn bruscamente. — É natural sentir uma certa curiosidade sobre estas coisas... Os feiticeiros de um certo calibre sempre se sentiram atraídos por este lado da magia...

— Pois, professor — interrompeu Riddle. — Mas o que eu não compreendo... só por curiosidade... isto é, qual seria a utilidade de um Horcrux? Só se pode dividir a alma uma vez? Não seria melhor, não nos tornaria mais fortes, ter a alma dividida em mais pedaços? Quero dizer, por exemplo, o número sete não é o número mágico mais poderoso? Sete não seria...?

— Pela barba de Merlim, Tom! — guinchou Slughorn. — Sete! Não é suficientemente mau pensar em matar uma pessoa? E, seja como for... já é bastante mau dividir a alma... agora despedaçá-la em sete pedaços...

Slughorn parecia profundamente perturbado. Olhava para Riddle como se nunca o tivesse visto bem anteriormente, e Harry apercebeu-se de que já se arrependera de ter tomado parte na conversa.

— Claro — resmungou —, que tudo isto é hipotético, isto que estamos a discutir, não é? Uma discussão académica...

— Sim, senhor, claro — afirmou Riddle apressadamente.

— Mas, mesmo assim, Tom... não contes a ninguém o que te disse, isto é, o assunto que discutimos. As pessoas não haviam de gostar de pensar que andámos a conversar sobre Horcruxes. Sabes, é uma questão proibida

em Hogwarts... o Dumbledore é especialmente severo em relação a isso...

— Não direi uma palavra — prometeu Riddle e saiu, mas não sem que Harry lhe vislumbrasse o rosto, cheio da mesma felicidade louca que revelara ao saber que era feiticeiro, o tipo de felicidade que não lhe engrandecia as belas feições, tornando-as, pelo contrário, menos humanas...

— Obrigado, Harry — agradeceu Dumbledore baixinho. — Vamos...

Quando Harry voltou a aterrar no chão do gabinete, Dumbledore já estava sentado atrás da sua secretária. Harry sentou-se também e esperou que o professor falasse.

— Há muito tempo que esperava por esta informação — declarou por fim Dumbledore. — Confirma a teoria sobre a qual tenho andado a trabalhar, diz-me que tenho razão e também como ainda estamos tão longe...

Harry notou de súbito que todos os antigos directores e directoras dos retratos em volta das paredes estavam acordados e escutavam a conversa. Um feiticeiro corpulento, de nariz encarnado, até arranjara uma corneta acústica.

— Bem, Harry — prosseguiu Dumbledore —, tenho a certeza de que compreendes o significado do que acabámos de ouvir. Com a idade que tu tens agora, mais mês, menos mês, o Tom Riddle fazia todos os possíveis para descobrir como se tornar imortal.

— Então, e acha que conseguiu, professor? — perguntou Harry. — Ele fez um Horcrux? E foi por isso que não morreu quando me atacou? Tinha um Horcrux escondido num lado qualquer? Um pedaço da sua alma em segurança?

— Um pedaço... ou mais — afirmou Dumbledore. — Ouviste o Voldemort: o que ele queria especialmente do Horace era a sua opinião sobre o que aconteceria ao feiticeiro que criasse mais que um Horcrux, o que aconteceria a esse feiticeiro tão determinado a escapar à morte que estaria pronto a matar muitas vezes, a despedaçar repetidamente a sua alma, de forma a guardá-la em muitos Horcruxes separados, que esconderia. Nenhum livro lhe daria essa informação. Tanto quanto sei, e certamente tanto quanto o Voldemort sabia, nenhum feiticeiro fora além de dividir a sua alma em duas.

Dumbledore calou-se por uns instantes para organizar os pensamentos e depois acrescentou:

— Há quatro anos, recebi o que considero uma prova irrefutável de que o Voldemort tinha dividido a alma.

— Onde? — perguntou Harry. — Como?

— Foste tu quem ma deu, Harry — revelou Dumbledore. — O diário, o diário de Riddle, o que dava instruções sobre como reabrir a Câmara dos Segredos.

— Não compreendo, professor.

— Bem, embora eu não tenha visto o Riddle que saiu do diário, tu descreveste-me um fenómeno que nunca testemunhei. Uma simples memória que começou a agir e a pensar por si própria? Uma simples memória, minando a vida da rapariguinha que lhe caíra nas mãos? Não, algo de muito mais sinistro vivera dentro daquele livro... um fragmento de alma, tinha quase a certeza. O diário era um Horcrux, o que levantava tantas questões como as que esclarecia. O que mais me intrigou e alarmou foi o facto de o diário ter sido destinado a ser tanto uma arma como uma protecção.

— Continuo sem compreender — confessou Harry.

— Bem, funcionava como um Horcrux deve funcionar, por outras palavras, o fragmento de alma escondido lá dentro estava em segurança e sem dúvida que desempenhara o seu papel, impedindo a morte do seu dono. Mas também não havia dúvida de que o Riddle queria que lessem o diário, queria que aquele pedaço da sua alma habitasse ou possuísse alguém para que o monstro de Slytherin fosse de novo solto.

— Bem, ele não queria que o seu árduo trabalho se desperdiçasse — sugeriu Harry. — Queria que as pessoas soubessem que era ele o herdeiro de Slytherin, porque, naquela altura, não podia ficar com os louros.

— Exactamente — concordou Dumbledore, acenando afirmativamente com a cabeça. — Mas não vês, Harry, que se ele tencionasse que o diário passasse, ou fosse parar às mãos de um futuro aluno de Hogwarts, estaria a agir de uma forma incrivelmente indiferente em relação ao precioso fragmento da sua alma escondido no seu interior? O objectivo de um Horcrux é, como o Professor Slughorn explicou, manter uma parte do ser escondida e em segurança e não atirá-la para o caminho de outra pessoa e correr o risco de o destruírem, como, de facto, aconteceu. Aquele fragmento de alma em particular já não existe. Tu trataste disso.

«A forma descuidada como o Voldemort cuidava daquele Horcrux pareceu-me terrivelmente agourenta. Sugeriu-me que devia ter feito, ou planeava fazer, mais Horcruxes, de modo que a perda do primeiro não fosse tão prejudicial. Não queria acreditar nisso, mas nada mais parecia fazer sentido.

«Depois, dois anos mais tarde, tu contaste-me que, na noite em que o Voldemort regressou ao seu corpo, fez uma declaração aos seus Devoradores da Morte extremamente alarmante, mas reveladora. *‘Eu, que*

fui mais longe que qualquer outro no caminho que leva à imortalidade.’ Foi isto que tu me contaste: *‘mais longe que qualquer outro.*’ E pensei saber o seu significado, ao contrário dos Devoradores da Morte. Ele referia-se aos seus Horcruxes, Horcruxes, no plural, Harry, algo que, segundo creio, nenhum outro feiticeiro possuiu. E, contudo, encaixava: parecia que, com o passar dos anos, Lord Voldemort se tornava cada vez menos humano e, aos meus olhos, a transformação que ele sofrera só se podia explicar, se a sua alma tivesse sido mutilada para além da esfera daquilo a que podemos chamar o mal habitual...

— Então, ele tornou-se impossível de matar, assassinando outras pessoas? — questionou Harry. — Por que é que ele não fabricou uma Pedra Filosofal, ou roubou uma, se estava assim tão interessado na imortalidade?

— Bem, sabemos que tentou fazer exactamente isso, há cinco anos — recordou-lhe Dumbledore. — Creio, porém, que há várias razões pelas quais uma Pedra Filosofal seria menos apelativa a Lord Voldemort que os Horcruxes.

«Apesar de o Elixir da Vida prolongar, de facto, a vida, tem de ser bebido regularmente, para toda a eternidade, para que quem o bebe mantenha a imortalidade. Portanto, o Voldemort ficaria inteiramente dependente do Elixir e, se se acabasse, ou fosse contaminado, ou se a Pedra fosse roubada, morreria como qualquer outro homem. Lembra-te de que o Voldemort gosta de operar sozinho. Creio que teria considerado a ideia de ser dependente, até mesmo do Elixir, intolerável. É claro que estava preparado para o beber, se o tirasse da horrível meia-vida a que ficara condenado depois de te atacar, mas só para recuperar o seu corpo. Estou convencido de que, a partir daí, tencionava continuar a confiar nos seus Horcruxes. Não precisava de mais nada, se, ao menos, conseguisse recuperar a forma humana. Já era imortal, percebes... ou tão perto da imortalidade quanto possível.

«Agora, porém, armados com esta informação, a recordação vital que tu conseguiste arranjar, estamos mais perto do segredo de como acabar com Lord Voldemort do que alguém jamais esteve. Ouviste-o, Harry: ‘Não seria melhor, não nos tornaria mais fortes, ter a alma dividida em mais pedaços... o número sete não é o número mágico mais poderoso? *O número sete não é o número mágico mais poderoso?*’ Sim, acho que a ideia de uma alma dividida em sete pedaços exerceria grande atracção sobre Lord Voldemort.

— Ele fez *sete* Horcruxes? — perguntou Harry, horrorizado, enquanto vários retratos emitiam ruídos semelhantes de choque e indignação. — Mas

podem estar em qualquer parte do mundo... escondidos... enterrados ou invisíveis...

— Agrada-me ver que compreendes a magnitude do problema — declarou Dumbledore calmamente. — Mas, primeiro, Harry, não, não são sete Horcruxes, mas seis. A sétima parte da sua alma, por muito mutilada que esteja, reside no seu corpo regenerado. Foi a parte que viveu uma existência espectral durante tantos anos, durante o seu exílio. Sem ela, Voldemort não tem, sequer, um ser. Será a última a ser atacada por quem quiser matar o Voldemort, a parte que vive no seu corpo.

— Então, os seis Horcruxes — disse Harry, já desesperado —, como é que os vamos encontrar?

— Estás a esquecer-te... tu já destruíste um deles e eu destruí outro.

— Destruíu? — questionou Harry, ansioso.

— Sim, é verdade — retorquiu Dumbledore, erguendo a mão queimada e enegrecida. — O anel, Harry, o anel do Marvolo. E estava protegido por uma terrível maldição. Se não tivesse sido... perdoa-me a falta da devida modéstia... pelas minhas capacidades prodigiosas e pela intervenção atempada do Professor Snape quando regressei a Hogwarts, profundamente ferido, talvez não tivesse sobrevivido para contar a história. Contudo, uma mão mirrada parece uma troca aceitável pela sétima parte da alma do Voldemort. O anel já deixou de ser um Horcrux.

— Mas como é que o encontrou?

— Bem, como já sabes, há muitos anos que tomei a meu cargo descobrir tanto quanto possível sobre o passado do Voldemort. Viajei muito e visitei os locais que ele conhecia. Encontrei o anel, por acaso, escondido nas ruínas da casa de Gaunt. Parece que, depois de ter conseguido selar um pedaço da sua alma no seu interior, deixou de o querer usar. Escondeu-o, protegido por muitos encantamentos poderosos, na choupana onde os seus antepassados haviam vivido (depois de, evidentemente, terem levado o Morfin para Azkaban), sem imaginar que eu poderia, um dia, dar-me ao trabalho de visitar a ruína, ou estar atento a indícios de encobrimento mágico.

«Contudo, não devemos congratular-nos demasiado. Tu destruíste o diário, e eu, o anel, mas se a nossa teoria de uma alma dividida em sete estiver certa, restam quatro Horcruxes.

— Que podem ser qualquer coisa? — perguntou Harry. — Podem ser latas velhas, ou, sei lá, garrafas de poções vazias...

— Estás a pensar em Botões de Transporte, Harry, que têm de ser objectos comuns, que passem despercebidos. Mas iria Lord Voldemort usar latas ou garrafas velhas para guardar a sua preciosa alma? Estás a esquecer-

te do que te mostrei. Lord Voldemort gostava de coleccionar troféus e preferia objectos com uma poderosa história mágica. O seu orgulho, a crença na sua própria superioridade, a sua determinação em criar para si próprio um lugar único na história da magia, tudo isto me sugere que o Voldemort escolheria os seus Horcruxes com cuidado, preferindo objectos dignos dessa honra.

— O diário não era assim tão especial.

— Como tu próprio disseste, o diário era a prova de que ele era o herdeiro de Slytherin. Tenho a certeza de que o Voldemort lhe atribuía uma importância extraordinária.

— Então, e os outros Horcruxes? — perguntou Harry. — Acha que sabe o que são, professor?

— Só posso pôr hipóteses — respondeu Dumbledore. — Pelas razões que já aponte, acredito que Lord Voldemort preferiria objectos que, por si só, possuam uma certa grandeza. Por isso, investiguei de novo o seu passado para ver se conseguia encontrar provas em como objectos desse tipo tinham desaparecido quando ele estava presente.

— O medalhão! — bradou Harry. — A taça da Hufflepuff!

— Exactamente — apoiou Dumbledore, sorrindo. — Estou pronto a apostar... talvez não a minha outra mão, mas um par de dedos... em como se transformaram nos Horcruxes três e quatro. Os últimos dois, partindo do princípio de que criou um total de seis, são mais problemáticos, mas arrisco uma conjectura: tendo conseguido objectos de Hufflepuff e de Slytherin, iniciou a busca de objectos pertencentes a Gryffindor ou Ravenclaw. Tenho a certeza de que quatro objectos dos quatro fundadores teriam exercido uma grande influência na imaginação de Voldemort. Não posso dizer se conseguiu encontrar algo de Ravenclaw, mas tenho a certeza de que a única relíquia conhecida de Gryffindor continua em segurança.

Dumbledore apontou os dedos enegrecidos para a parede atrás de si, onde uma espada com rubis incrustados repousava dentro de uma caixa de vidro.

— Pensa que era por isso que ele queria realmente voltar para Hogwarts, professor? — perguntou Harry. — Para tentar encontrar um objecto dos outros fundadores?

— É exactamente isso — confirmou Dumbledore. — Mas infelizmente isso não nos faz avançar muito, pois foi recusado, creio que sem ter tido a hipótese de revistar a escola. Sou forçado a concluir que nunca concretizou a ambição de coleccionar quatro objectos dos fundadores. Tinha dois de certeza e talvez tenha arranjado três; de momento, não podemos saber mais.

— Mesmo que tenha descoberto algo de Ravenclaw ou de Gryffindor,

ainda temos um sexto Horcrux — constatou Harry, contando pelos dedos. — A não ser que tivesse arranjado os dois.

— Creio que não — retorquiu Dumbledore. — Penso que sei o que é o sexto Horcrux. Gostava de saber o que dirás quando te confessar que há já tempo sinto curiosidade sobre o comportamento da serpente, a *Nagini*.

— A serpente? — repetiu Harry, espantado. — Os animais podem ser usados como Horcruxes?

— Bem, não é aconselhável fazê-lo — respondeu Dumbledore —, porque confiar uma parte da nossa alma a algo que se mexe e pensa por si próprio é, obviamente, muito arriscado. Contudo, se os meus cálculos estiverem certos, ainda lhe faltava um Horcrux quando Voldemort entrou na casa dos teus pais com a intenção de te matar.

«Parece que ele reservou o processo da criação de Horcruxes para mortes particularmente significativas. A tua tê-lo-ia sido certamente. Ele acreditava que, ao matar-te, destruiria o perigo que a profecia revelara. Acreditava que se tornaria invencível. Tenho a certeza de que Voldemort tencionava criar o seu último Horcrux com a tua morte.

«Como sabemos, falhou. Após um intervalo de alguns anos, porém, usou a *Nagini* para matar um velho Muggle e talvez lhe tenha ocorrido então transformá-la no seu último Horcrux. Ela reforça a ligação a Slytherin, que fortalece a mística de Lord Voldemort. Creio que gosta dela, tanto quanto é capaz de gostar de alguma coisa. Gosta certamente de a ter perto de si e parece exercer um controlo invulgar sobre ela, mesmo considerando o facto de falar serpentês.

— Portanto — disse Harry —, o diário foi-se e o anel também. A taça, o medalhão e a serpente continuam intactos, e o professor acredita que talvez haja um Horcrux pertencente em tempos a Ravenclaw ou a Gryffindor!

— Isso, eis um resumo exacto e sucinto — retorquiu Dumbledore, curvando a cabeça.

— Portanto, ainda continua à procura deles, professor? É isso que faz, quando sai da escola?

— Correcto. Há muito que ando à procura. Creio que... talvez... esteja perto de descobrir outro. Há sinais de esperança.

— E, se assim for — interveio Harry rapidamente —, posso ir consigo, ajudá-lo a livrar-se dele?

Dumbledore olhou para Harry com grande intensidade durante um momento, antes de responder:

— Sim, acho que sim.

— Posso? — admirou-se Harry, surpreendidíssimo.

— Oh, sim — confirmou Dumbledore, sorrindo ao de leve. — Creio que

ganhaste esse direito.

Harry sentiu um alívio no coração. Era muito bom não ouvir, excepcionalmente, palavras de cautela e de protecção. Os directores e directoras nas paredes pareciam menos impressionados pela decisão de Dumbledore. Harry viu alguns abanar a cabeça, e Phineas Nigellus até bufou de desprezo.

— Professor, o Voldemort sabe quando um Horcrux é destruído? Consegue senti-lo? — perguntou Harry, ignorando os retratos.

— Uma pergunta muito interessante, Harry. Creio que não. Penso que o Voldemort está agora tão imerso no mal e que estas partes fundamentais do seu ser foram arrancadas há tanto tempo que ele já não sente como nós. Talvez que, no momento da morte, se aperceba da sua perda... mas, por exemplo, não se deu conta de que o diário fora destruído até arrancar a verdade ao Lucius Malfoy. Quando o Voldemort descobriu que o diário havia sido mutilado e extirpado dos seus poderes, eu soube que a sua ira foi um espectáculo terrível.

— Mas eu pensei que ele queria que o Lucius Malfoy escondesse o diário em Hogwarts.

— Pois queria, há muito tempo, quando tinha a certeza de ser capaz de criar mais Horcruxes, mas o Lucius devia ter esperado pela ordem do Voldemort. Mas nunca a recebeu, pois o Voldemort desapareceu pouco depois de lhe ter dado o diário. Sem dúvida que pensava que o Lucius não se atreveria a fazer mais nada a não ser guardar o Horcrux cuidadosamente. No entanto, depositou demasiadas esperanças no medo que o Lucius teria de um mestre desaparecido havia anos e considerado morto. É claro que o Lucius não sabia o que o diário realmente era. Penso que o Voldemort lhe disse que o diário faria com que a Câmara dos Segredos se voltasse a abrir, porque tinha encantamentos muito especiais. Se o Lucius tivesse sabido que tinha nas mãos uma parte da alma do seu mestre, tê-lo-ia certamente tratado com mais reverência. Pelo contrário, avançou, executando o velho plano para os seus próprios fins: ao passar o diário à filha do Arthur Weasley, tinha esperança de desacreditar o pai, conseguir que me expulsassem de Hogwarts e livrar-se de um objecto altamente incriminatório, tudo de uma só penada. Ah, pobre Lucius... entre a fúria do Voldemort por ele ter deitado fora o Horcrux por interesse próprio e o fiasco no Ministério no ano passado, não ficaria surpreendido se ele estivesse secretamente satisfeito por se encontrar em Azkaban e em segurança.

Harry pensou durante uns momentos e depois perguntou:

— Portanto, se se destruírem todos os Horcruxes, é *possível* matar o

Voldemort?

— Sim, acho que sim — respondeu Dumbledore. — Sem os seus Horcruxes, o Voldemort será mortal, com uma alma mutilada e reduzida. Porém, nunca te esqueças de que, apesar de a sua alma poder ser atingida para além da regeneração, o seu cérebro e os seus poderes mágicos permanecem intactos. Será necessária uma capacidade e um poder invulgares para matar um feiticeiro como o Voldemort, mesmo sem os seus Horcruxes.

— Mas eu não possuo esses poderes — afirmou Harry espontaneamente.

— Possuis, sim — contrapôs Dumbledore com firmeza. — Tu tens um poder que o Voldemort nunca possuiu. Tu consegues...

— Eu sei! — interrompeu Harry impacientemente. — Eu consigo amar! — Só com grande dificuldade não acrescentou: «Grande coisa!»

— Sim, Harry, tu consegues amar — repetiu Dumbledore, que parecia saber muito bem o que Harry não dissera. — O que, dado tudo o que te aconteceu, é algo de grandioso e notável. Ainda és demasiado novo para compreenderes como és fora do comum, Harry.

— Portanto, quando a profecia diz que eu terei «um poder que o Senhor das Trevas desconhece», isso só quer dizer... amor? — insistiu Harry, sentindo-se um pouco desiludido.

— Sim, só — confirmou Dumbledore. — Mas, Harry, nunca te esqueças de que a profecia só tem significado porque o Voldemort lho deu. Expliquei-te isto no fim do ano passado. O Voldemort escolheu-te como a pessoa que seria mais perigosa para ele... e, ao fazê-lo, transformou-te na pessoa que seria mais perigosa para ele!

— Mas vem a dar no mesmo...

— Não, não vem! — contrapôs Dumbledore, agora num tom já impaciente. Apontando a sua mão enegrecida para Harry, prosseguiu: — Estás a dar demasiada importância à profecia!

— Mas... — balbuciou Harry — mas o professor disse que a profecia significava...

— Se o Voldemort nunca a tivesse ouvido, teria ela sido cumprida? Teria tido algum significado? É claro que não! Pensas que todas as profecias na Sala das Profecias foram cumpridas?

— Mas... — continuou Harry, confuso — mas, no ano passado, o professor disse que um de nós teria de matar o outro...

— Harry, Harry, só porque o Voldemort cometeu um erro gravíssimo e seguiu as palavras da Professora Trelawney! Se o Voldemort não tivesse assassinado o teu pai, ter-te-ia transmitido esse desejo furioso de vingança? É claro que não! Se ele não tivesse obrigado a tua mãe a morrer por ti, ter-

te-ia dado uma protecção mágica que é incapaz de penetrar? É claro que não, Harry! Não vês? Foi o próprio Voldemort a criar o seu pior inimigo, tal como acontece com todos os tiranos! Fazes alguma ideia de como os tiranos receiam as pessoas que oprimem? Todos sabem que, mais tarde ou mais cedo, entre as suas inúmeras vítimas, haverá certamente uma que se erguerá contra eles e ripostará! O Voldemort não é diferente. Esteve sempre atento àquele que o iria desafiar. Ouviu a profecia e agiu imediatamente, tendo, não só escolhido o homem com mais probabilidades de acabar com ele, mas entregando-lhe também armas mortais únicas.

— Mas...

— É essencial que compreendas isto! — insistiu Dumbledore, levantando-se e começando a andar pela sala, fazendo revoltar o manto cintilante atrás de si. Harry nunca o vira tão agitado. — Ao tentar matar-te, foi ele próprio quem escolheu a pessoa invulgar aqui sentada na minha frente e lhe deu as ferramentas para o seu trabalho. O Voldemort é responsável pelo facto de tu seres capaz de penetrar nos seus pensamentos, nas suas ambições, até de conseguires compreender a linguagem de serpente em que ele dá as suas ordens e, porém, Harry, apesar da tua percepção privilegiada do mundo do Voldemort (e que, a propósito, é um dom que qualquer Devorador da Morte seria capaz de matar para obter), nunca te sentiste atraído pela Magia Negra, nunca, nem por um segundo, revelaste o menor desejo de vires a ser um dos seguidores do Voldemort.

— Claro que não! — retorquiu Harry, indignado. — Ele matou a minha mãe e o meu pai!

— Em resumo, estás protegido pela tua capacidade de amar — bradou Dumbledore. — A única protecção que pode resistir ao fascínio de um poder como o do Voldemort! Apesar de todas as tentações que sofreste, de todo o sofrimento, o teu coração permaneceu puro, tão puro como quando tinhas onze anos e olhaste para um espelho que reflectia o desejo do teu coração e este só te mostrou como frustrar Lord Voldemort, em vez de imortalidade ou riquezas. Harry, fazes alguma ideia de como são poucos os feiticeiros que poderiam ter visto o que tu viste naquele espelho? Nessa altura, o Voldemort devia ter percebido aquilo com que estava a lidar, mas não percebeu.

«Agora, porém, já sabe. Afloraste o espírito de Lord Voldemort sem te ferires, mas ele não te pode possuir sem sofrer uma agonia mortal, como descobriu no Ministério. Creio que não percebe porquê, mas tinha tanta pressa de mutilar a sua própria alma, que nem se deteve para compreender o poder incomparável de uma alma imaculada e incólume.

— Mas, professor — interveio Harry, fazendo um enorme esforço para

não parecer argumentativo —, vai tudo dar ao mesmo, não é? Tenho de tentar matá-lo, ou...

— Tens? — questionou Dumbledore. — É óbvio que tens! Mas não por causa da profecia! Porque tu próprio nunca terás descanso se não tentares. Ambos o sabemos! Por favor, imagina, só por um momento, que nunca tinhas ouvido aquela profecia. Como te sentirias agora? Pensa!

Harry observou Dumbledore a andar de um lado para o outro na sua frente e pensou. Pensou na mãe, no pai e em Sirius. Pensou em Cedric Diggory. Pensou em todos os actos terríveis que Lord Voldemort cometera e pareceu-lhe que uma chama se acendeu dentro do seu peito, queimando-lhe a garganta.

— Queria que morresse — respondeu Harry baixinho. — E queria ser eu a matá-lo.

— É claro que sim! — gritou Dumbledore. — Vê bem, a profecia não significa que tu *tenhas* de fazer o que quer que seja. No entanto, foi a profecia que fez com que Lord Voldemort *te marcasse como seu igual*... Por outras palavras, és livre de escolher o teu caminho, livre de virares as costas à profecia! O Voldemort, porém, continua agarrado a ela. Vai continuar a perseguir-te... o que, na verdade, nos dá a certeza de que...

— Um de nós vai acabar por matar o outro — concluiu Harry. — Claro.

Compreendeu, por fim, o que Dumbledore andara a tentar dizer-lhe. Era a diferença entre ser arrastado para a arena a fim de enfrentar uma batalha até à morte, ou entrar nessa arena com a cabeça erguida. Talvez algumas pessoas dissessem que não havia muita diferença entre ambas as escolhas, mas Dumbledore sabia — «e eu também», pensou Harry, sentindo uma vaga de intenso orgulho, «e os meus pais também» — que a diferença era enorme.

XXIV

SECTUMSEMPRA

Exausto mas satisfeitíssimo com o trabalho daquela noite, Harry contou a Ron e a Hermione tudo o que acontecera durante a aula de Encantamentos da manhã seguinte (depois de ter lançado o feitiço Muffliato sobre quem estava mais próximo). Ficaram ambos bastante impressionados com a forma como ele persuadira Slughorn a contar-lhe a recordação, sentindo-se positivamente aterrados quando lhes falou dos Horcruxes de Voldemort e da promessa de Dumbledore de o levar com ele, se localizasse outro.

— Uau! — exclamou Ron, quando Harry acabou de lhes contar tudo. Ia balançando levemente a varinha na direcção do tecto sem prestar a mínima atenção ao que estava a fazer. — Uau! E vais mesmo com o Dumbledore... tentar destruir... uau.

— Ron, estás a fazer nevar — disse-lhe Hermione pacientemente, agarrando-lhe o pulso e desviando a varinha do tecto, de onde haviam começado a cair grandes flocos brancos. Harry reparou que Lavender Brown, sentada a uma mesa próxima, olhou, irritada, para Hermione, com os olhos muito vermelhos. Hermione largou imediatamente o braço de Ron.

— Oh, pois é — constatou Ron, mirando os próprios ombros, vagamente surpreso. — Desculpem... agora parece que temos todos imensa caspa...

E sacudiu alguns flocos de neve do ombro da amiga. Lavender desatou a chorar, e Ron, com um ar profundamente culpado, virou-lhe as costas.

— Nós acabámos — contou a Harry pelo canto da boca. — Ontem à noite. Quando ela me viu sair do dormitório com a Hermione. É obvio que não te podia ver e, portanto, pensou que estávamos só nós dois.

— Ah! — exclamou Harry. — Bem... não te importas de ter acabado, pois não?

— Não — admitiu Ron. — Foi horrível quando ela se pôs a gritar, mas, pelo menos, não tive de ser eu a acabar.

— Cobarde! — acusou-o Hermione, embora se mostrasse divertida. — Bem, no todo, foi uma noite má para os romances. A Ginny e o Dean também acabaram, Harry.

Este pensou detectar um certo ar intencional no olhar da amiga ao contar-lhe aquilo, mas Hermione certamente não podia saber que as suas entranhas tinham de súbito começado a dançar a conga. Esforçando-se por manter o rosto impassível e a voz indiferente, perguntou-lhe:

— Porquê?

— Oh, por uma idiotice... Ela disse que ele estava sempre a tentar ajudá-la a trepar o buraco do retrato, como se ela não conseguisse fazê-lo sozinha... Mas há séculos que aquilo andava um bocado tremido.

Harry lançou uma olhadela a Dean, do outro lado da sala. Tinha certamente um ar infeliz.

— É claro que isto te deixa num certo dilema, não é? — perguntou-lhe Hermione.

— Dilema, como? — inquiriu Harry de imediato.

— A equipa de Quidditch — esclareceu ela. — Se a Ginny e o Dean não se falarem...

— Oh... pois, pois é — balbuciou Harry.

— O Flitwick — avisou Ron. O minúsculo professor de Encantamentos avançava, oscilando, na direcção deles, e Hermione fora a única que conseguira transformar vinagre em vinho. O seu frasco estava cheio de um líquido vermelho-escuro, ao passo que o de Harry e de Ron era de um castanho-lamacento.

— Então, então, meninos — guinchou o professor Flitwick num tom de reprovação. — Menos conversa e mais acção... quero vê-los a tentar...

Em conjunto, fazendo um grande esforço de concentração, ergueram as varinhas e apontaram-nas aos frascos. O vinagre de Harry transformou-se em gelo, e o frasco de Ron explodiu.

— Muito bem... para trabalho de casa... — disse o professor, reaparecendo de debaixo da mesa, tirando fragmentos de vidro do chapéu — *pratiqueem*.

Depois de Encantamentos, tiveram um dos seus raros tempos livres e voltaram juntos para a sala comum. Ron parecia positivamente despreocupado quanto ao fim da sua relação com Lavender e Hermione também se mostrava animada. Porém, quando lhe perguntaram de que é que se estava a rir, limitou-se a comentar: — Está um dia bonito. — Aparentemente, nenhum deles se apercebeu da tremenda batalha que se desenrolava na cabeça de Harry:

«*Ela é irmã do Ron.*»

«Mas deixou o Dean!»

«*Mas continua a ser irmã do Ron.*»

«Sou o seu melhor amigo!»

«*Isso ainda faz com que seja pior.*»

«Se eu falasse primeiro com ele...»

«*Dava-te um soco.*»

«E se eu me estiver nas tintas?»

«*Ele é o teu melhor amigo!*»

Harry mal deu por terem trepado pelo buraco do retrato, entrando na sala comum, cheia de sol, e só vagamente se apercebeu de um grupinho de alunos do sétimo ano, muito juntinhos, até Hermione exclamar:

— Katie! Voltaste! Estás bem?

Harry ficou pasmado. Era, de facto, Katie Bell, com um ar muito saudável, rodeada pelos amigos.

— Estou óptima! — informou-os com um ar feliz. — Deixaram-me sair de São Mungus na segunda-feira, passei dois dias em casa com os meus pais e regresssei hoje de manhã. A Leanne estava agora mesmo a contar-me sobre o McLaggen e o último jogo, Harry...

— Pois — disse Harry —, bem, agora que voltaste e o Ron está em forma, temos uma boa hipótese de dar uma tarefa aos Ravenclaw, o que significa que ainda podemos estar na corrida para a Taça. Escuta, Katie...

Tinha de lhe fazer a pergunta imediatamente, e a sua curiosidade conseguiu até tirar-lhe Ginny temporariamente da cabeça. Baixou a voz, quando os amigos de Katie começaram a pegar nas suas coisas, pois já estavam atrasados para Transfiguração.

— ... o tal colar... já te conseguiste lembrar de quem to deu?

— Não — retorquiu Katie, abanando a cabeça cheia de pena. — Toda a gente me pergunta isso, mas não faço a mínima. A última coisa de que me lembro foi de ter entrado na casa de banho das senhoras, no Três Vassouras.

— Então, entraste mesmo na casa de banho? — perguntou Hermione.

— Bem, sei que empurrei a porta — afirmou Katie —, portanto suponho que quem quer que me tenha lançado a maldição Imperius estava mesmo atrás da porta. Depois disso, está tudo em branco até há cerca de duas semanas, em São Mungus. Olhem, tenho de ir, não me admirava nada de que a McGonagall me desse um castigo, apesar de ainda hoje ter voltado...

Pegou no saco e nos livros e apressou-se a seguir os amigos, deixando Harry, Ron e Hermione sentados a uma mesa perto da janela, reflectindo no que ela lhes contara.

— Portanto, para estar na casa de banho das senhoras, quem deu o colar

à Katie deve ter sido uma rapariga ou uma mulher — concluiu Hermione.

— Ou alguém que se fizesse passar por uma — contrapôs Harry. — Não te esqueças de que havia um caldeirão cheio de Poção Polissuco em Hogwarts. Sabemos que uma parte foi roubada...

Mentalmente, viu uma procissão de Crabbes e Goyles a desfilar, todos empertigados e transformados em raparigas.

— Acho que vou tomar mais uma golada de Felix — disse Harry — e fazer mais outra tentativa na Sala das Necessidades.

— Isso só serve para desperdiçar poção — declarou Hermione terminantemente, poisando o exemplar de *O Silabário de Spellman* que acabara de tirar do saco. — A sorte não te vai resolver tudo, Harry. A situação com o Slughorn era diferente. Tiveste sempre jeito para o persuadir e só precisavas de alterar ligeiramente as circunstâncias. Mas a sorte não é suficiente para vencer um poderoso encantamento. Não desperdices o resto daquela poção! Vais precisar de toda a sorte do mundo, se o Dumbledore te levar com ele... — e baixou a voz.

— Não poderíamos fazer mais? — perguntou Ron a Harry, ignorando a amiga. — Seria óptimo termos uma data dela... Dá uma olhadela ao livro...

Harry tirou do saco o seu exemplar de *Preparação de Poções: Nível Avançado* e procurou Felix Felicis.

— Bolas, é muito complicado — comentou, passando os olhos pela lista de ingredientes. — E leva seis meses... tem de se deixar estufar...

— Típico — comentou Ron.

Harry estava prestes a guardar de novo o livro, quando reparou no canto dobrado de uma página. Passando a essa página, viu o feitiço Sectumsempra, com a legenda «Para Inimigos», que assinalara alguns dias antes. Continuava sem descobrir o efeito, sobretudo por não querer testá-lo perto de Hermione, mas estava a pensar experimentá-lo em McLaggen da próxima vez que ele o abordasse por trás inesperadamente.

A única pessoa que não ficou particularmente feliz por ver Katie Bell de regresso à escola foi Dean Thomas, pois deixariam de lhe pedir que preenchesse o lugar dela como *chaser*. Aguentou estoicamente o golpe, quando Harry lhe disse, limitando-se a resmungar e a encolher os ombros, mas ao vê-lo afastar-se, Harry teve uma forte impressão de que Dean e Seamus murmuravam algo, revoltados, nas suas costas.

As duas semanas seguintes testemunharam os melhores treinos de Quidditch desde que Harry era Capitão. A equipa estava tão satisfeita por se ter visto livre de McLaggen e tão feliz por Katie ter finalmente regressado, que voaram extremamente bem.

Ginny não parecia nada incomodada por ter rompido com Dean; pelo contrário, era a alma da equipa. A sua imitação de Ron a oscilar ansiosamente para cima e para baixo em frente das balizas, enquanto a *quaffle* acelerava na sua direcção, ou de Harry a berrar ordens a McLaggen antes de ter sido atingido e desmaiar, deixava-os divertidíssimos. Rindo-se com os outros, Harry alegrava-se por ter uma razão inocente que lhe permitia olhar para Ginny; até sofrera uma série de ferimentos causados por *bludgers* durante os treinos, uma vez que era incapaz de manter os olhos na *snitch*.

A batalha continuava a desenrolar-se ferozmente no seu espírito: Ginny ou Ron? Por vezes, pensava que o Ron que emergira do namoro com Lavender talvez não se importasse muito, se ele convidasse Ginny para sair, mas depois lembrava-se da expressão do amigo ao vê-la beijar Dean e tinha a certeza de que, se se atrevesse sequer a pegar-lhe na mão, Ron consideraria isso uma vil traição...

Contudo, Harry não conseguia deixar de falar com Ginny, de se rir com ela, de a acompanhar no regresso dos treinos. Por muito que lhe doesse a consciência, dava consigo a pensar qual seria a melhor forma de ficar sozinho com ela. Teria sido óptimo, se Slughorn tivesse dado outra das suas festazinhas, pois Ron não estaria presente... mas, infelizmente, parecia que o professor desistira disso. Uma ou duas vezes, pensou em pedir ajuda a Hermione, mas achava que não iria aguentar o olhar convencido da amiga. Pensou tê-lo detectado de vez em quando, sempre que Hermione o apanhava a olhar para Ginny, ou a rir-se das suas piadas e, para complicar as coisas, sentia uma aflição persistente que lhe dizia que, se não o fizesse, era mais que certo que outro a convidaria em breve. Pelo menos, concordava com Ron em como ela era demasiado popular para seu próprio bem.

De modo geral, a tentação de tomar outro gole de Felix Felicis era cada dia mais forte, pois aquilo era certamente um caso de, como dizia Hermione, «forçar as circunstâncias». Maio passou suavemente, repleto de dias amenos, e parecia que Ron estava sempre colado ao ombro de Harry sempre que ele via Ginny. Deu consigo a ansiar por um golpe de sorte que fizesse com que Ron percebesse que nada o faria mais feliz que o facto de o seu melhor amigo e a sua irmã se terem apaixonado, deixando os dois sozinhos por mais que alguns segundos. Parecia que nem uma coisa nem outra tinha hipóteses de acontecer, enquanto se aproximava o jogo final da época. Ron queria discutir tácticas com ele constantemente e não pensava praticamente em mais nada.

Quanto a isso, não era o único. O interesse pelo jogo Gryffindor-

Ravenclaw tomara conta da escola, pois decidiria o campeonato, cujo resultado final estava ainda totalmente em aberto. Se os Gryffindor batessem os Ravenclaw por uma margem de trezentos pontos (quase uma impossibilidade e, porém, Harry nunca vira a equipa voar tão bem), então ganhariam o campeonato. Se ganhassem por menos de trezentos pontos, ficariam em segundo; se perdessem por cem pontos, ficariam em terceiro, atrás dos Hufflepuff, e se perdessem por mais de cem, restava-lhes o quarto lugar e ninguém, pensava Harry, absolutamente ninguém o deixaria jamais esquecer que fora ele o capitão dos Gryffindor na sua primeira derrota absoluta, no fim da tabela, nos últimos dois séculos.

O período que antecedeu este jogo crucial revestiu-se das características habituais: membros das outras equipas a tentarem intimidar os adversários nos corredores; cânticos desagradáveis sobre certos jogadores, ensaiados sonoramente quando eles passavam; os próprios membros das equipas pavoneando-se pela escola, desfrutando da atenção de que eram alvo, ou correndo para a casa de banho no intervalo das aulas para vomitar. Sem saber bem porquê, no seu espírito, o jogo estava inexoravelmente ligado ao êxito ou ao fracasso dos seus planos em relação a Ginny. Não podia deixar de sentir que, se ganhassem por mais de trezentos pontos, as cenas de euforia e uma boa festa ruidosa após o jogo talvez surtisses o mesmo efeito que um gole generoso de Felix Felicis.

Por entre tantas preocupações, Harry não se esquecera da sua outra ambição: descobrir em que é que Malfoy andava metido na Sala das Necessidades. Continuava a verificar o Mapa dos Salteadores e, como quase nunca conseguia localizar Malfoy, deduzia que ele continuava a passar bastante tempo na Sala. Embora Harry estivesse a perder as esperanças de conseguir lá entrar, tentava sempre que se achava lá perto. No entanto, apesar de alterar a fórmula do seu pedido, a parede continuava firmemente a não ostentar qualquer porta.

Uns dias antes do jogo contra os Ravenclaw, deu consigo sozinho a sair da sala comum a caminho do jantar. Ron correria para a casa de banho mais próxima a fim de voltar a vomitar, e Hermione dera uma corrida para falar com o Professor Vector sobre um erro que pensava ter cometido na sua última composição de Aritmancia. Mais por hábito que por qualquer outro motivo, Harry fez o seu desvio habitual pelo corredor do sétimo andar, verificando o Mapa dos Salteadores enquanto caminhava. Por um momento, não descobriu Malfoy em lado algum e partiu do princípio de que devia estar, de facto, na Sala das Necessidades, mas depois viu o pontinho como o nome dele numa casa de banho dos rapazes do andar de baixo, acompanhado, não de Crabbe ou de Goyle, mas sim da Murta

Queixosa.

Só parou de olhar para aquele par altamente improvável ao esbarrar com uma armadura. O estrondo obrigou-o a despertar da sua fantasia e apressou-se a abandonar o local, não fosse Filch aparecer. Galgou a escadaria de mármore e atravessou o corredor do andar de baixo a correr. No exterior da casa de banho, encostou o ouvido contra a porta, mas não conseguia ouvir nada. Muito de mansinho, empurrou a porta.

Draco Malfoy estava de costas viradas, as mãos agarrando firmemente o lavatório e a cabeça curvada.

— Não... conta-me o que se passa... posso ajudar-te...

— Ninguém me pode ajudar — respondeu Malfoy, tremendo da cabeça aos pés. — Não consigo fazê-lo... não consigo... Não vai resultar... e, a não ser que me despache... ele diz que me mata...

Então, Harry percebeu, tão profundamente chocado que lhe pareceu ter ficado preso ao chão, que Malfoy estava a chorar, estava mesmo a chorar; as lágrimas escorriam-lhe pelo rosto pálido e caíam na bacia encardida. Arquejando e engolindo em seco, Malfoy estremeceu visivelmente, ergueu o olhar para o espelho rachado e, por cima do ombro, viu Harry a olhar para ele.

Malfoy deu meia-volta, sacando da varinha. Instintivamente, Harry puxou também da sua. O feitiço de Malfoy falhou o alvo por pouco, despedaçando o candeeiro da parede. Harry atirou-se para o lado, pensou *Levicorpus* e agitou a varinha, mas Malfoy bloqueou-o e ergueu a varinha para outro...

— Não, não! Parem! — guinchava a Murta Queixosa, a sua voz ecoando fortemente nas paredes de azulejo. — Parem! PAREM!

Ouviu-se um grande estrondo, e o caixote ao lado de Harry explodiu. Harry tentou a Maldição das Pernas Amarradas, mas esta fez ricochete na parede atrás das orelhas de Malfoy e destruiu a sanita por baixo da Murta Queixosa, que gritou. A água derramava-se por todo o lado, e Harry escorregou, enquanto Malfoy, de rosto contorcido, gritava «Cruci!...».

— SECTUMSEMPRA! — berrou Harry do chão, agitando a varinha desesperadamente.

Do rosto e do peito de Malfoy espirrou sangue como se ele tivesse sido golpeado por uma espada invisível. Cambaleando para trás, desfaleceu sobre o chão encharcado, espalhando água em todas as direcções. Da mão direita, agora frouxa, caiu-lhe a varinha.

— Não... — arquejou Harry.

Escorregando e cambaleando, Harry pôs-se de pé e mergulhou sobre Malfoy, cujo rosto brilhava, escarlate. As suas mãos pálidas arranhavam o

peito encharcado em sangue.

— Não... eu não queria...

Harry não sabia o que estava a dizer. Deixou-se cair de joelhos ao lado de Malfoy, que tremia descontroladamente numa poça do seu próprio sangue. A Murta Queixosa lançou um grito ensurdecedor.

— CRIME! CRIME NA CASA DE BANHO! CRIME!

Atrás de si, a porta escancarou-se com um baque, e Harry ergueu o olhar, aterrorizado: Snape entrara de rompante, o rosto lívido. Empurrando Harry sem cerimónias para o lado, ajoelhou-se sobre Malfoy, sacou da varinha e delineou com ela os profundos ferimentos provocados pela maldição de Harry, murmurando um encantamento que mais fazia lembrar uma canção. O fluxo de sangue pareceu abrandar. Snape limpou o restante do rosto de Malfoy e repetiu o feitiço. Parecia agora que as feridas se fechavam.

Harry continuava a observar, horrorizado com o que fizera, mal se dando conta de que também ele estava encharcado de sangue e água. No alto, a Murta Queixosa continuava a soluçar e a gemer. Depois de ter realizado a contramaldição pela terceira vez, Snape ergueu ligeiramente Malfoy, acabando por levantá-lo.

— Precisas de ir para a enfermaria. Talvez fiques com algumas cicatrizes, mas se tomares ditânia imediatamente, talvez consigamos até evitar isso... vamos...

Ajudou Malfoy a atravessar a casa de banho até à porta, onde se virou e proferiu numa voz gelada e furiosa:

— E tu, Potter... tu esperas aqui por mim.

A Harry nem lhe passou pela cabeça desobedecer. Levantou-se devagarinho, a tremer, e olhou para o chão molhado. Manchas de sangue flutuavam, quais flores carmesins, na superfície da água. Nem sequer teve coragem de mandar calar a Murta Queixosa, que continuava a gemer e a soluçar, parecendo cada vez mais deliciada.

Snape regressou passados dez minutos. Entrou na casa de banho e fechou a porta.

— Sai — ordenou à Murta, que mergulhou imediatamente na sua sanita, deixando atrás de si um silêncio incomodativo.

— Não tinha intenção de fazer aquilo — declarou Harry logo de seguida, a voz ecoando no espaço frio e húmido. — Não sabia qual o efeito daquele feitiço.

Snape, porém, ignorou as suas palavras.

— Parece que te subestimei, Potter — afirmou em voz baixa. — Quem iria imaginar que conhecias uma magia negra tão poderosa? Quem te ensinou aquele feitiço?

— Li... li sobre ele num sítio qualquer.

— Onde?

— Num... num livro da biblioteca — inventou Harry ao calhas. — Não me lembro de como se cham...

— Mentiroso — cortou Snape. Harry sentiu a garganta seca. Sabia o que é que Snape ia fazer e nunca fora capaz de o impedir...

Perante o seu olhar, a casa de banho pareceu tremeluzir, enquanto tentava bloquear todos os pensamentos, mas por mais que tentasse, o exemplar de *Preparação de Poções: Nível Avançado* pertencente ao Príncipe Meio-Sangue vogou indistintamente para a primeira linha do seu espírito...

Deu consigo a olhar de novo para Snape, no meio daquela casa de banho destruída e cheia de água. Mirou os olhos negros do professor com a derradeira esperança de que ele não tivesse visto aquilo que receava, mas...

— Traz-me o teu saco — ordenou Snape suavemente — e todos os teus livros escolares. *Todos*. Trá-los aqui. Imediatamente.

Não valia a pena discutir. Harry virou costas e saiu a chapinhar. Uma vez no corredor, desatou a correr direito à Torre dos Gryffindor. A maior parte das pessoas caminhava na direcção contrária e ficaram a olhá-lo, cheio de água e de sangue, mas Harry não respondeu a nenhuma das perguntas que lhe atiravam enquanto corria.

Sentia-se atordoado. Era como se um animal de estimação muito amado tivesse de súbito ficado selvagem. Que teria passado pela cabeça do Príncipe para ter copiado um feitiço daqueles para um livro? E que aconteceria quando Snape o visse? Iria dizer a Slughorn (o seu estômago encolheu-se) como é que Harry conseguira resultados tão bons a Poções durante o ano? Iria confiscar ou destruir o livro que lhe ensinara tanto... o livro que se tornara uma espécie de guia e de amigo? Não podia permitir que isso acontecesse... não podia...

— Onde é que...? Por que é que estás encharcado...? Isso é *sangue*?

Ron encontrava-se no cimo das escadas, com uma expressão de espanto perante a figura de Harry.

— Preciso do teu livro — arquejou Harry. — Do teu livro de Poções. Depressa... dá-mo.

— Mas então e o Príncipe...?

— Explico-te depois.

Ron tirou o seu exemplar de *Preparação de Poções: Nível Avançado* do saco e passou-lho. Harry ultrapassou-o a correr em direcção à sala comum. Aí, agarrou no seu saco, ignorando os olhares espantados de diversas pessoas que já tinham acabado de jantar, voltou a sair pelo buraco do

retrato e disparou pelo corredor do sétimo andar.

Estacou a derrapar ao lado da tapeçaria dos trolls bailarinos, fechou os olhos e começou a andar.

«Preciso de um lugar para esconder o meu livro... Preciso de um lugar para esconder o meu livro... Preciso de um lugar para esconder o meu livro...»

Passou três vezes defronte da extensão de parede vazia. Quando abriu os olhos, ali estava por fim: a porta da Sala das Necessidades. Harry abriu-a de rompante, atirou-se lá para dentro e fechou-a com força.

Abriu a boca de espanto. Apesar da pressa, do pânico, do medo do que o esperava na casa de banho, não pôde deixar de se sentir intimidado com o que os seus olhos contemplavam. Encontrava-se numa sala do tamanho de uma catedral. Do alto, as janelas lançavam raios de luz sobre o que parecia uma cidade com muralhas altíssimas, construídas do que Harry sabia serem objectos escondidos por gerações de habitantes de Hogwarts. Havia veredas e estradas ladeadas por pilhas vacilantes de mobília partida e estragada, ali armazenada, talvez, para esconder as provas de actos de magia mal efectuados, ou escondida por elfos domésticos, orgulhosos do seu castelo. Havia milhares e milhares de livros, sem dúvida proibidos, roubados ou cheios de *graffitis*. Havia catapultas aladas e Frisbees com Dentes, alguns ainda com energia suficiente para pairar desconsoladamente sobre as montanhas de outros objectos proibidos. Havia garrafas lascadas de poções congeladas, chapéus, jóias, mantos. Havia o que lhe pareceu cascas de ovos de dragão, garrafas rolhadas cujo conteúdo continuava a cintilar maldosamente, várias espadas enferrujadas e um pesado machado, sujo de sangue.

Harry avançou apressadamente por uma das vielas daquele tesouro oculto. Virou à direita junto de um enorme troll embalsamado, correu um pouco, virou à esquerda no Armário de Desaparição dentro do qual Montague se perdera no ano anterior, parando, por fim, ao lado de um grande armário, cuja superfície empolada parecia ter sido atacada com ácido. Abriu uma das portas, que rangeu, e viu que já fora usado como esconderijo de algo dentro de uma gaiola, cujo esqueleto tinha cinco pernas e que morrera havia muito. Enfiou o livro do Príncipe Meio-Sangue por trás da gaiola e fechou a porta rapidamente. Parou um instante, com o coração a bater descompassadamente e olhou em redor para aquela confusão... Seria capaz de voltar a encontrar aquele local exacto no meio de tanta tralha? Agarrando no busto lascado de um feiticeiro velho e feio, pousado num caixote ali perto, colocou-o no topo do armário onde escondera o livro, empoleirou uma velha cabeleira poeirenta e uma tiara baça na cabeça da

estátua para a tornar mais visível e voltou para trás, percorrendo as vielas de tralha escondida o mais depressa possível. De volta ao corredor, bateu com a porta, que se transformou imediatamente em pedra.

Harry correu a bom correr para a casa de banho, no andar de baixo, enfiando o exemplar de Ron de *Preparação de Poções: Nível Avançado* no seu saco durante o caminho. Um minuto depois, estava de novo defronte de Snape, que, sem palavras, estendeu a mão para o saco. Harry entregou-lho, a arfar, com uma pontada no peito, e esperou.

Snape tirou os seus livros um a um e examinou-os. Por fim, o único que faltava era o livro de Poções, que examinou cuidadosamente antes de falar.

— Este é o teu exemplar de *Preparação de Poções: Nível Avançado*, não é verdade, Potter?

— Sim — confirmou Harry, ainda ofegante.

— Tens a certeza absoluta, não tens, Potter?

— Sim — repetiu Harry com um pouco mais de desafio na voz.

— Este é o exemplar de *Preparação de Poções: Nível Avançado* que compraste na Borrões e Floreados?

— Sim — disse Harry com firmeza.

— Então — perguntou Snape —, por que é que tem o nome «Roonil Wazlib» escrito no interior da capa?

O coração de Harry falhou momentaneamente.

— É a minha alcunha — mentiu.

— A tua alcunha? — repetiu Snape.

— Pois... é assim que os meus amigos me chamam — esclareceu Harry.

— Eu sei o que é uma alcunha — retorquiu Snape, os seus olhos negros e frios perfurando os de Harry, que tentou desviar o olhar. *Fecha a mente... fecha a mente...* mas ele nunca aprendera a fazê-lo convenientemente.

— Sabes o que é que eu penso, Potter? — disse Snape muito baixo. — Penso que és um mentiroso e um aldrabão e que mereces ser castigado todos os sábados até ao fim do período. Que achas, Potter?

— Não... não concordo, professor — declarou Harry, continuando a não fitar Snape de frente.

— Bem, veremos como te sentes depois dos castigos — rematou Snape.

— Sábado de manhã, às dez horas. No meu gabinete.

— Mas, professor... — protestou Harry, erguendo os olhos, desesperado. — O Quidditch... o último jogo do...

— Às dez horas — sussurrou Snape com um sorriso que deixava ver os seus dentes amarelos. — Coitados dos Gryffindor... receio bem que este ano seja o quarto lugar...

E saiu da casa de banho sem mais palavras, deixando Harry a olhar para

o espelho rachado, mais maldisposto que Ron alguma vez se sentira.

— Não vou dizer «Bem te avisei» — comentou Hermione uma hora mais tarde na sala comum.

— Deixa, Hermione — retorquiu Ron, irritado.

Harry nem sequer foi jantar, pois perdera completamente o apetite. Acabara de contar o que acontecera a Ron, Hermione e Ginny, não que fosse muito necessário. As notícias haviam-se espalhado rapidamente: parecia que a Murta Queixosa decidira aparecer pessoalmente em todas as casas de banho do castelo para contar a história. Na enfermaria, Malfoy já recebera a visita de Pansy Parkinson, que não perdera tempo a caluniar Harry por todo o lado, e Snape também relatara a história com todos os pormenores aos outros professores. Harry já fora chamado à presença da Professora McGonagall, junto da qual sofrera quinze minutos muito desagradáveis. A professora dissera-lhe que tivera muita sorte em não ter sido expulso e que apoiava sinceramente a decisão de Snape em o castigar todos os sábados até ao fim do período.

— Bem te disse que havia qualquer coisa de errado com o tal Príncipe — disse Hermione, evidentemente incapaz de se controlar. — E tinha razão, não tinha?

— Não, acho que não — insistiu Harry teimosamente.

As coisas já estavam bastante feias sem os sermões de Hermione. A expressão nos rostos da equipa dos Gryffindor quando lhes dissera que não poderia jogar no sábado havia sido o pior castigo de todos. Naquele momento, sentia o olhar de Ginny cravado nele, mas não a enfrentou, pois não queria ver o seu desapontamento ou a sua raiva. Acabara de lhe dizer que, no sábado, ela ia jogar como *seeker* e que Dean voltaria a juntar-se à equipa como *chaser*, ocupando o lugar dela. Se ganhassem, talvez ela e Dean reatassem durante a euforia que se seguiria ao jogo... Essa possibilidade trespassou-o como uma faca gelada...

— Harry — insistiu mais uma vez Hermione —, como é que consegues continuar a defender aquele livro, quando o feitiço...

— Importas-te de te calares com o assunto do livro? — retorquiu ele asperamente. — O Príncipe limitou-se a copiá-lo! Não é o mesmo que ter aconselhado alguém a usá-lo! Tanto quanto sabemos, fez uma nota sobre algo que fora usado contra ele!

— Não acredito! — disse Hermione. — Na verdade, estás é a defender...

— Não estou a defender o que fiz! — apressou-se Harry a declarar. — Quem me dera não o ter feito e não é por já ter uma data de castigos. Sabes bem que não teria usado um feitiço daqueles, nem sequer contra o Malfoy,

mas não podes culpar o Príncipe, ele não escreveu «Experimentem isto, é mesmo bom». Estava apenas a tomar notas para si próprio, não se destinavam a outros...

— Estás a dizer-me — interrompeu Hermione — que vais voltar a...

— Ir buscar o livro? Sim, vou — declarou Harry impetuosamente. — Escuta, sem o Príncipe, nunca teria ganhado a Felix Felicis. Nunca teria sido capaz de impedir o Ron de ser envenenado, nunca teria...

— ... ganho reputação de brilhante em Poções, inteiramente imerecida — concluiu Hermione maldosamente.

— Pára com isso, Hermione! — interveio Ginny, e Harry ficou tão espantado, tão grato, que ergueu o olhar. — Pelo que me pareceu, o Malfoy estava a tentar usar uma Maldição Imperdoável e devias estar contente por o Harry ter algo realmente bom na manga.

— Bem, é claro que estou contente por o Harry não ter sido amaldiçoado! — exclamou Hermione, visivelmente picada. — Mas não podes considerar aquele *Sectumsempra* um bom feitiço, Ginny, olha o que aconteceu ao Harry. E também acho, vendo o que se passa com as vossas hipóteses de ganharem o jogo...

— Oh, não comeces a fingir que percebes de Quidditch — retorquiu Ginny, irritada. — Só vais fazer má figura.

Harry e Ron ficaram boquiabertos. Hermione e Ginny, que sempre se haviam dado muito bem, tinham cruzado os braços e olhavam em direcções opostas. Nervoso, Ron mirou Harry e depois agarrou num livro ao acaso e escondeu-se por trás dele. Harry, porém, e apesar de saber que não o merecia, sentia-se de súbito incrivelmente alegre, embora não voltassem a conversar durante o resto do serão.

A sua despreocupação durou pouco tempo. No dia seguinte, foi preciso aguentar os comentários jocosos dos Slytherin, para já não falar da raiva dos Gryffindor, que se sentiam infelicíssimos pelo facto de o seu Capitão ser responsável por ter sido afastado da final da época. No sábado de manhã, e apesar do que dissera a Hermione, Harry teria trocado alegremente toda a Felix Felicis do mundo pela possibilidade de se dirigir ao campo de Quidditch na companhia de Ron, Ginny e dos outros. Foi quase impossível virar as costas à massa de estudantes que mergulhava no dia solarengo, ostentando crachás e chapéus e agitando bandeiras e cachecóis, e ter de descer os degraus de pedra em direcção às masmorras. Caminhou até os sons da multidão distante se terem desvanecido, sabendo que seria impossível ouvir o comentário do jogo, os aplausos e os lamentos.

— Ah, Potter — disse Snape, quando Harry bateu à porta e entrou no gabinete desagradavelmente familiar que o professor não tinha

abandonado, apesar de agora dar aulas vários andares mais acima. Continuava tão mal iluminado como sempre, e viam-se as mesmas criaturas mortas e nojentas suspensas em poções coloridas em volta das paredes. Havia inúmeras caixas cobertas de teias de aranha empilhadas numa mesa, onde, segundo tudo indicava, Harry se devia sentar. Emanava delas uma aura de trabalho entediante, árduo e inútil.

— Mr. Filch tem andado à procura de alguém para limpar estes arquivos — disse Snape suavemente. — São os registos de outros prevaricadores de Hogwarts e os respectivos castigos. Nos casos em que a tinta está indistinta, ou nas fichas que foram danificadas por ratos, gostaríamos que copiasses os crimes e os castigos e, depois de te certificares de que se encontram por ordem alfabética, os colocasses de novo nas caixas. Não podes usar magia.

— Certo, professor — respondeu Harry com o máximo desprezo que conseguiu imprimir às três últimas sílabas.

— Pensei que podias começar — prosseguiu Snape com um sorriso malicioso nos lábios — pelas caixas mil e doze a mil e cinquenta e seis. Encontrarás alguns nomes conhecidos, o que deverá emprestar à tarefa algum interesse. Aqui, como vês...

Com um floreado, tirou uma ficha de uma das caixas do topo e leu: «*James Potter e Sirius Black. Apanhados a usar um feitiço ilegal sobre Bertram Aubrey. A cabeça de Aubrey duplicou de tamanho. Castigo duplicado.*» Snape riu-se maliciosamente.

— Não é tão bom saber que, apesar de terem partido, nos resta ainda um registo dos seus grandiosos feitos?

Harry sentiu a já familiar sensação de raiva a ferver-lhe no estômago. Mordendo a língua para evitar responder, sentou-se em frente das caixas e puxou uma na sua direcção.

Como já esperava, era um trabalho inútil e chato, assinalado (como fora óbvia intenção de Snape) por um salto no estômago sempre que lia os nomes do pai ou de Sirius, normalmente juntos e relacionados com algum delito insignificante, por vezes acompanhado pelos de Remus Lupin e Peter Pettigrew. Enquanto copiava as suas diversas ofensas e castigos, pensava no que estaria a acontecer lá fora... O jogo devia ter começado naquele instante... Ginny a jogar como *seeker* contra Cho...

Harry não parava de lançar olhadelas ao grande relógio que batia as horas na parede. Parecia avançar muito mais devagar que a maioria dos relógios. Talvez Snape o tivesse enfeitiçado para se atrasar. Não era possível estar ali havia apenas meia hora... uma hora... uma hora e meia...

Quando o relógio bateu o meio-dia e meia, o estômago de Harry

começou a protestar. Snape, que não falara desde que lhe dera a tarefa, acabou por erguer o olhar às dez para a uma.

— Creio que é suficiente — declarou com frieza. — Marca o sítio onde vais. — Continuas no próximo sábado às dez horas.

— Sim, professor.

Enfiou uma ficha dobrada na caixa, ao acaso, e apressou-se a sair antes que Snape mudasse de ideias. Correu pelas escadas acima, esforçando-se por ouvir qualquer som do campo, mas estava tudo em silêncio... então, já devia ter acabado.

Hesitou à entrada do Salão e depois subiu pela escadaria de mármore a toda a pressa. Quer os Gryffindor tivessem ganhado ou perdido, a equipa costumava celebrar ou condoer-se na sua sala comum.

— *Quid agis* — dirigiu-se em tom hesitante à Dama Gorda, sem saber o que iria encontrar lá dentro.

A expressão dela manteve-se neutra, enquanto retorquia: — Já vais ver. — E balançou para a frente.

Urros vitoriosos explodiram do buraco atrás dela. Harry ficou espedaçado, enquanto as pessoas começavam a gritar ao avistá-lo. Várias mãos puxaram-no para dentro da sala.

— Ganhámos! — berrava Ron, saltando para a frente e brandindo a Taça prateada na direcção de Harry. — Ganhámos! Por quatrocentos e cinquenta contra cento e quarenta! Ganhámos!

Harry olhou em volta e viu Ginny a correr para ele. Tinha no rosto um ar duro e ardente quando lhe lançou os braços ao pescoço. E, sem pensar, sem planear, sem se preocupar com o facto de estarem a ser observados por cinquenta pessoas, Harry beijou-a.

Passados longos momentos — talvez tivesse sido meia hora, ou vários dias cheios de sol — separaram-se. A sala caíra em silêncio. Depois, ouviram-se vários assobios e um ataque generalizado de risinhos nervosos. Harry olhou por cima da cabeça de Ginny e viu Dean Thomas segurando um copo estilhaçado e Romilda Vane com ar de quem tinha vontade de lhe atirar com qualquer coisa. Hermione sorria, mas o olhar de Harry procurou Ron. Encontrou-o por fim, ainda agarrado à Taça e com a expressão de quem levava uma mocada na cabeça. Por uma fracção de segundo, olharam um para o outro, e depois Ron fez um ligeiro movimento de cabeça que Harry interpretou como sendo «Bem, se tem mesmo de ser...».

Com o monstro que habitava o seu íntimo a rugir, triunfante, Harry sorriu para Ginny e fez um gesto vago para o buraco do retrato. Um longo passeio pelos jardins parecia-lhe o mais indicado, durante o qual talvez viessem a discutir o jogo, se tivessem tempo.

XXV

UM OUVINTE INOPORTUNO

O facto de Harry Potter andar com Ginny Weasley parecia interessar a muita gente, em especial às raparigas; contudo, nas semanas que se seguiram, Harry deu consigo estranhamente indiferente aos mexericos, o que lhe agradou sobremaneira. Afinal, era muito melhor ser falado por causa de algo que o fazia mais feliz que nunca que por ter estado envolvido em cenas horrendas de magia negra.

— Eu cá pensava que as pessoas tinham outras coisas para bisbilhotar — comentou Ginny, sentada no chão da sala comum, encostada às pernas de Harry, a ler *O Profeta Diário*. — Três ataques de Dementors numa semana e a Romilda Vane não tem mais nada para me perguntar a não ser se é verdade que tu tens um hipogrifo tatuado no peito.

Ron e Hermione partiram-se a rir às gargalhadas, mas Harry ignorou-os.

— O que é que lhe disseste?

— Disse-lhe que era um Cauda-de-Chifre da Hungria — retorquiu Ginny, virando uma página do jornal indolentemente. — É muito mais macho.

— Obrigado — agradeceu Harry a sorrir. — E a do Ron, disseste-lhe o quê?

— Que era um Pigmeu Penugento, mas não especifiquei onde.

Ron fez um olhar ameaçador, enquanto Hermione se rebojava a rir.

— Tenham cuidado — avisou-os ele, apontando um dedo a Harry e a Ginny. — Lá porque vos dei a minha autorização, não quer dizer que não possa voltar atrás...

— *A tua autorização?* — zombou Ginny. — Desde quando é que tu me dás autorização para fazer o que quer que seja? E ainda por cima, foste tu próprio a dizer que preferias o Harry ao Michael ou ao Dean.

— Pois prefiro — admitiu Ron de má vontade —, desde que não comecem a curtir em público...

— Seu hipócrita nojento! Então, e tu e a Lavender, a contorcerem-se como um par de enguias aí por todo o lado? — indignou-se Ginny.

Mas não foi preciso pôr à prova a tolerância de Ron, pois à medida que Junho ia avançando, o tempo que Harry e Ginny tinham para passar juntos era cada vez menos. Aproximavam-se os NPFs dela e, portanto, via-se obrigada a fazer revisões até altas horas da madrugada. Numa dessas noites, Ginny fora à biblioteca, e Harry estava sentado ao lado da janela, na sala comum, supostamente a terminar o trabalho de casa de Herbologia. No entanto, em vez disso, revivia uma hora particularmente feliz que passara com Ginny junto ao lago, à hora de almoço; de súbito, Hermione enfiou-se no lugar entre ele e Ron com uma expressão desagradavelmente determinada no rosto.

— Quero falar contigo, Harry.

— Sobre quê? — indagou Harry, desconfiado. Ainda no dia anterior, Hermione lhe ralhara por distrair Ginny, quando esta devia estar a estudar a sério para os exames.

— Sobre o tal Príncipe Meio-Sangue.

— Oh, outra vez não — gemeu ele. — Importas-te de esquecer o assunto?

Não se atrevera a voltar à Sala das Necessidades para recuperar o livro e os seus resultados em Poções acusavam a sua falta (embora Slughorn, que gostava de Ginny, tivesse jocosamente atribuído isso ao facto de Harry andar apaixonado). Contudo, Harry tinha a certeza de que Snape ainda não perdera a esperança de pôr as mãos no livro do Príncipe e decidira deixá-lo onde estava, enquanto Snape andasse de olho nele.

— Não esqueço coisa nenhuma — declarou Hermione com firmeza — até me dares atenção. Bom, tenho andado a tentar descobrir alguma coisa sobre quem é que poderia fazer da invenção de feitiços malignos o seu passatempo...

— Para ele não era passatempo nenhum...

— Ele, ele... quem diz que era um ele?

— Já discutimos isso — lembrou-lhe Harry, irritado. — *Príncipe*, Hermione, *Príncipe*!

— Certo! — retorquiu Hermione, com duas rosetas nas faces, enquanto tirava do bolso um recorte de jornal muito antigo e o pespegava em cima da mesa, defronte de Harry. — Olha para isso! Olha para a fotografia!

Harry pegou no pedaço de papel quase a desfazer-se e examinou a fotografia em movimento, amarelada pela idade. Ron inclinou-se para também dar uma olhadela. A fotografia mostrava uma rapariga magrinha com cerca de quinze anos. Não era bonita; parecia simultaneamente mal-

humorada e triste e tinha sobrancelhas grossas e um rosto comprido e pálido. Por baixo, lia-se a legenda: *Eileen Prince, Capitã da Equipa de Berlindes Cuspidores de Hogwarts*.

— E daí? — contrapôs Harry, lendo rapidamente o pequeno artigo referente à foto. Era uma história desinteressante sobre competições inter-escola.

— Ela chamava-se Eileen Prince. *Prince*4, Harry.

Olharam um para o outro, e Harry percebeu o que é que Hermione queria dizer. Desatou a rir.

— Nem pensar.

— O quê?

— Tu pensas que *ela* era o...? Oh, vá lá.

— Bem, por que não? Harry, no mundo mágico não há príncipes! Ou se trata de uma alcunha, ou é título inventado que alguém deu a si próprio, mas também pode ser o seu nome verdadeiro, não pode? Não, escuta! Se, digamos, o pai dela fosse um feiticeiro de apelido «Prince» e a mãe fosse Muggle, então, isso faria dela uma «Prince meio-sangue»!

— Pois, muito engenhoso, Hermione...

— Mas é verdade! Talvez ela tivesse orgulho de ser uma Prince meio-sangue!

— Escuta, Hermione, eu tenho a certeza de que não é uma rapariga. Tenho a certeza.

— A verdade é que achas que uma rapariga não seria suficientemente inteligente — retorquiu Hermione, zangada.

— Como é que é possível eu andar na tua companhia há cinco anos e não achar as raparigas inteligentes? — contrapôs Harry, picado. — É a forma como escreve. Sei que o Príncipe era um tipo, tenho a certeza. Essa rapariga não tem nada que ver. Onde é que arranjaste isso?

— Na biblioteca — foi a resposta previsível de Hermione. — Há lá uma colecção inteira de *Profetas* antigos. Bom, se puder, vou descobrir mais coisas sobre a Eileen Prince.

— Diverte-te — desejou-lhe Harry, irritado.

— Podes crer — respondeu Hermione. — E o primeiro sítio onde vou procurar — atirou-lhe ela ao chegar ao buraco do retrato — é nos registos de antigos prémios em Poções!

Harry ficou a olhá-la, maldisposto, por alguns momentos e depois regressou à sua contemplação do céu, que escurecia.

— Ela ainda não conseguiu encaixar tu seres melhor em Poções — comentou Ron, voltando ao seu exemplar de *Um Milhar de Ervas e Fungos Mágicos*.

— Achas que sou maluco por querer recuperar o livro?

— É claro que não — assegurou-lhe Ron com firmeza. — O tal Príncipe era cá um génio. Seja como for... sem aquela dica do bezoar... — e passou o dedo na garganta com um ar significativo — bem, eu não estaria aqui a discutir o assunto, pois não? Isto é, não quero dizer que aquele feitiço que usaste contra o Malfoy fosse grande...

— E eu também não — apressou-se Harry a acrescentar.

— Mas ele curou-se sem problemas, não foi? Pôs-se de pé em menos de nada.

— Pois foi — retorquiu Harry. Aquilo era absolutamente verdade, embora a sua consciência ainda o fizesse sentir-se culpado. — Graças ao Snape...

— Ainda tens de cumprir o castigo com o Snape este sábado? — prosseguiu Ron.

— Tenho, e no sábado seguinte e no outro — suspirou Harry. — E agora anda a pensar que, se eu não fizer todas as caixas até ao fim do período, continuaremos no próximo ano.

Considerava agora aquele castigo particularmente penoso, porque limitava ainda mais o tempo que podia passar com Ginny. Na verdade, dera consigo a pensar se Snape não saberia disso, pois demorava-o cada vez mais, enquanto lhe mandava bocas sobre o facto de Harry estar a perder dias tão bonitos e as diversas oportunidades que isso proporcionava.

O aparecimento súbito de Jimmy Peakes a seu lado, que lhe estendia um rolo de pergaminho, distraiu-o daqueles amargos pensamentos.

— Obrigado, Jimmy... Eh, é do Dumbledore! — exclamou Harry, entusiasmado. Desenrolou o pergaminho e leu-o rapidamente. — Quer que eu vá ao gabinete dele o mais depressa possível!

Ficaram a olhar um para o outro.

— Caramba! — murmurou Ron. — Não pensas que... ele terá descoberto...?

— É melhor ir ver o que é — declarou Harry, pondo-se de pé de um salto.

Apressou-se a sair da sala comum, percorreu rapidamente o corredor do sétimo andar, passando apenas por Peeves, que se dirigia na direcção oposta, e atirou pedaços de giz a Harry, como era seu hábito. Este limitou-se a lançar um feitiço defensivo, que falhou, perante as gargalhadas ruidosas do *poltergeist*. Assim que Peeves desapareceu, fez-se silêncio nos corredores, pois uma vez que faltavam apenas quinze minutos para o recolher obrigatório, a maior parte dos alunos havia já regressado aos dormitórios.

Nesse momento, Harry ouviu um grito e um estrondo. Estacou de repente e ficou à escuta.

— Como...te... atreves... aaaahhh!

O ruído vinha de um corredor ali próximo. Harry correu para lá, a varinha a postos, virou uma esquina a toda a velocidade e deparou-se com a Professora Trelawney caída no chão, com a cabeça coberta por um dos seus inúmeros xailes e várias garrafas de xerez a seu lado, uma delas partida.

— Professora...

Harry avançou e ajudou a Professora Trelawney a levantar-se. Algumas das contas dos seus colares haviam-se emaranhado nos óculos. Ela soltava enormes soluços, enquanto arranjava o cabelo e se endireitava, amparando-se ao braço de Harry.

— Que lhe aconteceu, professora?

— Bem podes perguntar! — exclamou estridentemente. — Vinha eu a caminhar sossegadamente, pensando em vários presságios malignos de que me apercebi...

Harry, porém, não lhe prestou grande atenção. Acabara de reparar no local onde se encontravam: à direita, via-se a tapeçaria dos trolls bailarinos e, à esquerda, estendia-se o pedaço de parede liso e impenetrável que escondia...

— Professora, estava a tentar entrar na Sala das Necessidades?

— ... agouros que me foram concedidos... o quê?

Compôs, de súbito, uma expressão velhaca.

— A Sala das Necessidades — repetiu Harry. — Estava a tentar entrar lá?

— Eu... bem... não sabia que os estudantes conheciam...

— Nem todos — sossegou-a Harry. — Mas que lhe aconteceu? Gritou... parecia que se tinha magoado...

— Eu... bem... — disse a professora, aconchegando os xailes numa atitude defensiva e olhando-o do alto com os seus olhos imensamente ampliados. — Eu queria... hã... depositar certos... objectos pessoais na Sala... — e murmurou algo sobre «acusações maldosas».

— Certo — afirmou Harry com uma olhadela às garrafas de xerez. — Mas não conseguiu entrar para as esconder?

Achava aquilo muito estranho. Afinal, a Sala abria-se para ele quando precisara de esconder o livro do Príncipe Meio-Sangue.

— Oh, eu consegui entrar — esclareceu a Professora Trelawney, olhando, furiosa, para a parede. — Mas já lá havia outra pessoa.

— Outra pessoa? Quem? — quis Harry saber. — Quem é que lá estava?

— Não faço ideia — confessou a Professora Trelawney, ligeiramente

alarmada pelo tom de urgência na voz de Harry. — Entrei na Sala e ouvi uma voz, o que nunca aconteceu em todos os anos em que tenho escondido... isto é, em que tenho utilizado a Sala.

— Uma voz? E dizia o quê?

— Creio que não estava a dizer nada de concreto. Estava... a dar vivas.

— *A dar vivas?*

— Cheia de alegria — confirmou ela, meneando a cabeça.

Harry ficou a olhar para ela.

— Era de homem ou de mulher?

— Atrevo-me a dizer que era de homem — disse a professora.

— E pareceu-lhe feliz?

— Muito feliz — confirmou a professora Trelawney desdenhosamente.

— Como se estivesse a celebrar?

— Exactamente.

— E depois?

— E depois eu bradei: «Quem está aí?»

— Não poderia ter descoberto sem perguntar? — indagou Harry, ligeiramente frustrado.

— A Visão Interior — proferiu a Professora Trelawney com dignidade, alisando os xales e as inúmeras fiadas de contas — estava concentrada em questões que ultrapassavam em muito o reino mundano de vozes esfusiantes.

— Claro — apressou-se Harry a responder. Já estava acostumadíssimo à Visão Interior da Professora Trelawney. — E a voz esclareceu-lhe quem era?

— Não, não o fez. Ficou tudo negro como breu e, quando dei por mim, estava a ser expulsa da Sala sem qualquer cerimónia.

— E não se deu conta do que ia acontecer? — perguntou Harry sem conseguir controlar-se.

— Não, não dei, como já disse, estava tudo escuro... — interrompeu-se e ficou a olhar para ele, desconfiada.

— Acho que é melhor contar isso ao Professor Dumbledore — aconselhou-a Harry. — É bom que ele saiba que o Malfoy está a celebrar... isto é, que alguém a expulsou da Sala.

Para sua surpresa, e perante aquela sugestão, a Professora Trelawney endireitou-se com uma expressão altiva.

— O Director deu-me a entender que gostaria de receber menos visitas da minha parte — retorquiu friamente. — Não sou do género de impor a minha companhia a quem não a aprecia. Se o Dumbledore prefere ignorar os avisos que as cartas revelam...

A sua mão ossuda fechou-se subitamente em volta do pulso de Harry.

— Vezes sem conta, independentemente da forma como as deito...

E, num gesto dramático, puxou de uma carta oculta sob os xales.

— ... vejo a torre atingida por um raio — sussurrou. — Calamidade. Desastre, aproximando-se cada vez mais...

— Claro — repetiu Harry. — Bem... continuo a pensar que devia contar ao Dumbledore sobre essa voz, e sobre ter ficado tudo escuro, e ter sido expulsa da Sala...

— Achas? — Pareceu-lhe que a Professora Trelawney ponderava a questão, mas Harry viu bem que a ideia de voltar a contar a sua historiazinha lhe agradava.

— Eu vou agora encontrar-me com ele — disse Harry. — Temos uma reunião. Podíamos ir juntos.

— Bom, nesse caso — acedeu a Professora Trelawney com um sorriso. Curvou-se, apanhou as garrafas de xerez e atirou-as sem cerimónias para dentro de um grande jarrao azul e branco que ocupava um nicho ali perto.

— Sinto a tua falta nas minhas aulas, Harry — confessou-lhe, emocionada, ao começarem a andar. — Nunca tiveste grande Visão... mas eras um Objecto maravilhoso...

Harry não lhe respondeu. Detestara ser o Objecto das constantes predições agourentas da Professora Trelawney.

— Receio bem que — prosseguiu ela — o cavalo... desculpa-me, o centauro... não saiba nada de cartomancia. Perguntei-lhe, de Vidente para Vidente, se também ele não sentira as vibrações distantes de uma catástrofe iminente, mas pareceu-me que achou as minhas palavras ridículas. Sim, ridículas.

A sua voz elevou-se histericamente, e Harry detectou um forte cheiro a xerez, apesar de as garrafas terem ficado para trás.

— Talvez o cavalo tenha ouvido as pessoas dizer que eu não herdei o dom da minha trisavó. Há anos que quem tem ciúmes de mim anda a espalhar esses boatos. Sabes o que digo a essas pessoas, Harry? Pergunto-lhes se o Dumbledore me teria deixado ensinar nesta escola e teria depositado tanta confiança em mim, se eu não lhe tivesse dado provas.

Harry murmurou algo incompreensível.

— Lembro-me muito bem da minha primeira entrevista com o Dumbledore — prosseguiu a Professora Trelawney num tom gutural. — Ficou profundamente impressionado, claro, profundamente impressionado... Eu estava no Cabeça de Javali, que, a propósito, não aconselho a ninguém, imagina que até tem percevejos, mas andava mal de dinheiro. O Dumbledore teve a delicadeza de me ir visitar ao meu quarto da

estalagem. Fez-me perguntas... Devo confessar que, no início, me pareceu pouco inclinado no tocante à Adivinhação... e lembro-me de que estava a começar a sentir-me um pouco esquisita, nesse dia não comera muito... mas, depois...

Agora Harry começara a prestar-lhe a devida atenção, pois sabia o que acontecera a seguir: a Professora Trelawney fizera a profecia que alterara o curso da sua vida, a profecia sobre ele e Voldemort.

— ... depois fomos grosseiramente interrompidos pelo Severus Snape!

— O quê?

— Sim, ouviu-se um alvoroço do lado de fora da porta, que se abriu, e lá estava aquele mal-educado daquele *barman* juntamente com o Snape, que palavra qualquer coisa sobre ter-se enganado nas escadas, embora eu tenha uma forte suspeita de que o outro o apanhou a escutar a minha entrevista com o Dumbledore. Sabes, ele próprio andava também à procura de emprego e esperava, sem dúvida, ouvir umas dicas! Bem, depois daquilo, acontece que o Dumbledore me pareceu muito mais inclinado a dar-me o emprego e sabes, Harry, não pude deixar de pensar que foi por ele ter apreciado o imenso contraste entre os meus modos modestos e o meu talento despretenso, comparados com aquele jovem insistente e impulsivo que estava disposto a escutar às portas... Harry, meu querido?

Olhou por cima do ombro, tendo acabado de perceber que Harry já não se encontrava a seu lado, pois parara de andar, encontrando-se a três metros dela.

— Harry? — repetiu, indecisa.

Talvez o seu rosto tivesse empalidecido, fazendo com a professora ficasse tão assustada e preocupada. Harry imobilizara-se, enquanto o choque o atingia qual onda gigantesca que se repetia indefinidamente, obliterando tudo o mais, excepto a informação que lhe haviam ocultado durante tanto tempo...

Fora Snape quem escutara a profecia! Fora Snape quem levava as novas da profecia a Voldemort. Snape e Peter Pettigrew em conjunto haviam lançado Voldemort na pista de Lily e James e do seu filho...

Naquele momento, nada mais tinha importância.

— Harry? — repetiu a Professora Trelawney. — Harry... pensei que íamos falar com o Director?

— Fique aqui — pediu Harry com os lábios tolhidos.

— Mas, querido... eu ia contar-lhe como fui atacada na Sala das...

— Não saia daqui! — repetiu Harry, zangado.

Ela mostrou-se alarmada ao vê-lo passar a correr e virar a esquina para o corredor de Dumbledore, onde a gárgula solitária montava guarda. Harry

gritou-lhe a palavra-passe e galgou os degraus da escada rolante, três a três. Não bateu à porta, esmurrou-a, e já se atirara para dentro do gabinete quando a voz calma do director respondera: «Entre».

Fawkes, a fénix, olhou em volta, com os olhinhos pretos a cintilar, reflectindo a luz dourada do pôr do Sol para lá da janela. Dumbledore estava de pé junto a esta, a contemplar os jardins, segurando um longo manto de viagem negro.

— Bem, Harry, prometi-te que virias comigo.

Por instantes, Harry não compreendeu. A conversa com Trelawney varrera-lhe tudo o mais da cabeça e parecia-lhe que o cérebro se movimentava muito devagar.

— Ir... consigo?

— Só se quiseses, claro.

— Se eu...

E, então, lembrou-se por que se sentira tão ansioso por ir ao gabinete de Dumbledore.

— Encontrou um? Encontrou outro Horcrux?

— Creio que sim.

A raiva e o ressentimento lutaram contra o choque e a excitação. Sentiu-se incapaz de falar por algum tempo.

— É natural sentires receio — disse Dumbledore.

— Não tenho medo! — bradou Harry de imediato, o que era totalmente verdade. O medo era uma emoção que, naquele momento, lhe era totalmente estranha. — Qual dos Horcruxes é? Onde está?

— Não tenho bem a certeza de qual é... embora creia que podemos excluir a serpente... mas calculo que esteja escondido numa caverna na costa, a muitos quilómetros daqui, uma caverna que ando a tentar localizar há muito tempo, a caverna onde Tom Riddle aterrorizou, em tempos, duas crianças do seu orfanato durante a excursão anual. Lembras-te?

— Sim — confirmou Harry. — Como é que está protegida?

— Não sei. As minhas suposições podem estar totalmente erradas. — Dumbledore hesitou e depois disse: — Harry, prometi-te que podias vir comigo e mantenho a minha palavra, mas seria muito errado da minha parte não te avisar de que será incredivelmente perigoso.

— Eu vou — afirmou Harry, mesmo antes de Dumbledore acabar de falar. Fervendo de raiva contra Snape, o seu desejo de cometer um acto desesperado e arriscado aumentara dez vezes nos últimos dez minutos. O seu rosto parecia reflectir isso mesmo, pois Dumbledore afastou-se da janela e observou-o mais atentamente, uma ruga visível entre as sobrancelhas cor de prata.

— Que te aconteceu?

— Nada — mentiu Harry instantaneamente.

— Que foi que te perturbou?

— Não estou perturbado.

— Harry, nunca foste um bom Occlumens...

Aquela palavra funcionou como a faísca que incendiou a raiva de Harry.

— O Snape! — bradou muito alto, o que fez com que, atrás deles, *Fawkes* grasnasse baixinho. — O Snape é que me perturbou! Foi ele quem contou ao Voldemort sobre a profecia, foi *ele*, ele quem escutou à porta, a Trelawney acabou de me contar!

A expressão de Dumbledore não se alterou, mas Harry achou que o rosto do director empalidecera sob o tom vermelho-sangue lançado pelo sol poente. Durante um longo momento, Dumbledore nada disse.

— Quando é que descobriste isso? — perguntou por fim.

— Agora mesmo! — disse Harry, que tentava, com enorme dificuldade, não gritar. Porém, de súbito, foi incapaz de se controlar: — E O SENHOR DEIXA-O ENSINAR AQUI E FOI ELE QUEM DISSE AO VOLDEMORT PARA IR ATRÁS DA MINHA MÃE E DO MEU PAI!

Ofegando como se tivesse estado a lutar, Harry afastou-se de Dumbledore, que não havia movido um músculo, e pôs-se a andar de um lado para o outro, esfregando os nós dos dedos na outra mão e exercendo todo o controlo que possuía para não começar a derrubar objectos. Tinha vontade de se enfurecer e gritar com Dumbledore, mas também queria ir com ele para tentar destruir o Horcrux. Queria dizer-lhe que ele não passava de um velho tonto por confiar em Snape, mas tinha imenso medo de que não o levasse, a não ser que controlasse a raiva...

— Harry — disse Dumbledore baixinho. — Escuta-me, por favor.

Foi-lhe tão difícil parar de andar como impedir-se de desatar aos gritos. Harry deteve-se, mordendo o lábio, e olhou para o rosto enrugado de Dumbledore.

— O Professor Snape cometeu um terrível...

— Não me venha dizer que foi um erro, professor, ele estava a escutar à porta!

— Por favor, deixa-me terminar. — Dumbledore esperou até Harry fazer um breve aceno de cabeça e depois prosseguiu: — O Professor Snape cometeu um terrível erro. Na noite em que ouviu a primeira metade da profecia da Professora Trelawney, ainda estava ao serviço de Lord Voldemort. Naturalmente, apressou-se a ir contar ao mestre o que ouvira, pois era do seu mais profundo interesse. Mas não sabia... não tinha forma de saber... que rapaz iria Voldemort perseguir daí para a frente, ou que os

pais que ele destruiria na sua busca assassina seriam pessoas que o Professor Snape conhecia, que seriam o teu pai e a tua mãe...

Harry largou uma gargalhada triste.

— Ele odiava o meu pai tanto como odiava o Sirius! Professor, ainda não reparou que as pessoas que o Snape odeia têm tendência para acabar por morrer?

— Não fazes ideia do remorso sentido pelo Professor Snape quando compreendeu de que forma Lord Voldemort interpretara a profecia. Acredito que é o maior arrependimento da sua vida e a razão pela qual regressou...

— Mas *ele* é um excelente Oclumens, não é, professor? — indagou Harry, cuja voz tremia com o esforço para a manter firme. — E o Voldemort não está, neste preciso momento, convencido de que o Snape está do lado dele? Professor... como pode ter a *certeza* de que o Snape está do nosso lado?

Dumbledore não falou por um instante e parecia estar a tentar tomar uma decisão sobre algo. Por fim, disse: — Tenho a certeza. Confio totalmente em Severus Snape.

Harry respirou fundo por várias vezes, esforçando-se por se acalmar, mas não conseguiu.

— Bom, eu não confio! — bradou tão alto como antes. — Neste preciso momento, anda a tramar alguma com o Draco Malfoy, mesmo debaixo do seu nariz, e o senhor continua...

— Já discutimos este assunto, Harry — lembrou-lhe Dumbledore, de novo num tom de voz severo. — Já te fiz ver o meu ponto de vista.

— Hoje à noite vai sair da escola e aposto que nem sequer pensou na hipótese de o Snape e o Malfoy poderem decidir-se a...

— A quê? — indagou Dumbledore, erguendo as sobrancelhas. — O que é que suspeitas que eles andam a fazer exactamente?

— Eu... eles andam a tramar alguma! — repetiu Harry, fechando os punhos ao falar. — A Professora Trelawney esteve agora mesmo na Sala das Necessidades, a tentar esconder as suas garrafas de xerez, e ouviu o Malfoy a dar vivas, a celebrar! Ele anda lá a tentar arranjar uma coisa perigosa e, se quer saber a minha opinião, já a arranjou, e o senhor vai sair da escola sem...

— Chega! — declarou Dumbledore. Disse aquilo com toda a calma e, contudo, Harry calou-se imediatamente, percebendo que ultrapassara, por fim, uma qualquer linha invisível. — Pensas que alguma vez deixei a escola sem protecção durante as minhas ausências deste ano? Não deixei. Esta noite, quando partirmos, haverá protecção adicional. Por favor, não

sugiras que eu não levo a sério a segurança dos meus alunos, Harry.

— Não era isso... — balbuciou Harry, um pouco envergonhado, mas Dumbledore cortou-lhe a palavra.

— Não desejo continuar a discutir este assunto.

Harry engoliu a sua resposta, receando ter ido demasiado longe e ter arruinado a sua hipótese de acompanhar Dumbledore, mas este prosseguiu:

— Queres vir comigo hoje à noite?

— Sim — respondeu Harry imediatamente.

— Muito bem. Então, escuta. — E Dumbledore ergueu-se a toda a sua altura. — Levo-te comigo numa condição: que obedças imediatamente a toda e qualquer ordem que te possa dar, sem discussão.

— Certamente.

— Vê lá se me compreendes bem, Harry. Refiro-me a que tens de cumprir ordens do tipo «foge», «esconde-te» ou «volta para trás». Tenho a tua palavra?

— Sim... sim, claro.

— Se te disser que te escondas, fá-lo-ás?

— Sim.

— Se te mandar fugir, obedeces-me?

— Sim.

— Se te disser para me deixares e salvares a tua vida, farás o que te ordeno?

— Eu...

— Harry?

Olharam um para o outro por instantes.

— Sim, professor.

— Muito bem. Então, quero que vás buscar o teu Manto e que vás ter comigo ao *Hall* de Entrada daqui a cinco minutos.

Dumbledore virou-se e olhou através da janela para o céu flamejante. O Sol era agora um clarão cor de rubi no horizonte. Harry saiu rapidamente do gabinete, desceu a escada em caracol, o espírito subitamente tranquilo. Sabia o que tinha a fazer.

Ron e Hermione estavam sentados na sala comum.

— O que é que o Dumbledore queria? — perguntou Hermione de imediato. — Harry, estás bem? — acrescentou, ansiosa.

— Estou ótimo — foi a sua resposta breve, passando por eles. Galgou as escadas para o dormitório, onde abriu de rompante o malão, do qual retirou o Mapa dos Salteadores e um par de meias enroladas. Voltou a descer as escadas a correr e estacou de repente em frente de Ron e Hermione, que continuavam sentados na sala comum com uma expressão

de espanto no rosto.

— Não tenho muito tempo — arfou Harry. — O Dumbledore pensa que eu vim buscar o Manto da Invisibilidade. Escutem...

Contou-lhes rapidamente para aonde ia e porquê. Não se deteve perante os arquejos horrorizados da amiga, ou as perguntas precipitadas de Ron. Eles que tentassem perceber sozinhos os detalhes, mais tarde.

— ... portanto, estão a ver o que isto significa? — terminou num tropel. — O Dumbledore não vai estar cá hoje à noite e, portanto, o Malfoy vai fazer outra tentativa relacionada com aquilo em que anda metido. *Não, escutem-me!* — Sibillou já zangado, quando tanto Ron como Hermione deram sinais de o quererem interromper. — Tenho a certeza de que era o Malfoy a celebrar qualquer coisa na Sala das Necessidades. Toma — disse, enfiando o Mapa dos Salteadores na mão de Hermione. — Têm de o vigiar, a ele e ao Snape. Peçam ajuda a quem conseguirem agarrar do ED. Hermione, aqueles galeões de estabelecer contacto ainda funcionam, não é? O Dumbledore disse que pôs ainda mais protecções na escola, mas, se o Snape estiver envolvido, conhece-as e sabe como evitá-las... mas não vai estar a contar que a malta esteja de sobreaviso, pois não?

— Harry... — principiou Hermione com os olhos arregalados de medo.

— Não tenho tempo para discutir — cortou Harry bruscamente. — Fiquem também com isto... — e enfiou as meias nas mãos de Ron.

— Obrigado — agradeceu Ron. — Hã... por que é que eu preciso de meias?

— Precisas do que está lá dentro embrulhado, é a Felix Felicis. Dividam-na entre vocês e também com a Ginny. Despeçam-se dela por mim. Tenho de ir, o Dumbledore está à espera...

— Não! — exclamou Hermione, enquanto Ron desembulhava a garrafinha com a poção dourada com uma expressão receosa. — Não a queremos, fica tu com ela, quem sabe o que vais ter de enfrentar.

— Eu fico bem, estou com o Dumbledore — descansou-a Harry. — Quero ter a certeza de que vocês ficam OK... não ponhas esse ar, Hermione, vemo-nos depois...

E partiu, saindo apressadamente pelo buraco do retrato em direcção ao *Hall* de Entrada.

Dumbledore esperava-o ao lado das portas de carvalho. Virou-se no momento em que Harry deslizava até ao degrau do topo da escadaria, a arquejar, com uma pontada lancinante.

— Quero que ponhas o Manto, por favor — disse Dumbledore, esperando que Harry o lançasse sobre si antes de continuar: — Muito bem. Vamos?

O director desceu imediatamente as escadas de pedra, o seu manto de viagem mal ondulando no abafado ar estival. Harry apressou-se a acompanhá-lo, coberto pelo Manto, ainda a ofegar e a transpirar abundantemente.

— Mas o que irão pensar as pessoas quando o virem partir, professor? — indagou Harry, ainda a pensar em Malfoy e Snape.

— Que fui a Hogsmeade tomar um copo — respondeu Dumbledore levianamente. — Por vezes ofereço à Rosmerta a honra da minha companhia, ou faço uma visitinha ao Cabeça de Javali... ou assim parece. É uma forma tão boa como qualquer outra de disfarçar o nosso verdadeiro destino.

Desceram o caminho no crepúsculo que se adensava. O ar estava repleto do aroma da erva quente, da água do lago e do fumo de lenha vindo da cabana de Hagrid. Era difícil acreditar que se dirigiam para uma tarefa perigosa e assustadora.

— Professor — perguntou Harry em voz baixa, ao avistarem os portões ao fundo do caminho —, vamos Aparecer?

— Vamos — respondeu Dumbledore. — Agora já consegues, segundo creio.

— Sim — confirmou Harry —, mas ainda não tenho a licença.

Achou melhor ser honesto, não fosse estragar tudo ao Aparecer a mais de cem quilómetros do sítio para onde iam.

— Não faz mal — descansou-o Dumbledore. — Posso dar-te de novo assistência.

Passaram os portões que desembocavam na vereda deserta e crepuscular que ia dar a Hogsmeade. A escuridão caiu rapidamente enquanto caminhavam e, ao chegarem à Rua Principal, era já noite cerrada. Sobre as lojas, a luz tremeluzia nas janelas e, quando se aproximavam do Três Vassouras, ouviram gritos roucos.

— ... e não volte a entrar! — gritou Madame Rosmerta, expulsando à força um feiticeiro com ar imundo. — Oh, olá, Albus... por aqui a estas horas?

— Boa noite, Rosmerta, boa noite... perdoa-me, vou até ao Cabeça de Javali... Não leves a mal, mas hoje apetece-me um ambiente mais tranquilo.

Um minuto mais tarde, viraram a esquina para a viela onde a tabuleta do Cabeça de Javali rangia levemente, apesar de não haver vento. Ao contrário do Três Vassouras, o *pub* parecia estar completamente vazio.

— Não vale a pena entrarmos — murmurou Dumbledore, olhando em seu redor. — Desde que ninguém nos veja partir... vá, Harry, põe a tua

mão no meu braço. Não é preciso agarrar com demasiada força, vou apenas guiar-te. Quando contar até três... um... dois... três...

Harry virou-se. Teve imediatamente a horrível sensação de estar a ser espremido por um tubo de borracha. Não conseguia inspirar, sentia o corpo comprimido para além do suportável e então, no momento em que achava que ia sufocar, as faixas invisíveis que o apertavam rebentaram, e deu consigo num local escuro e fresco, inspirando o ar frio e salgado a plenos pulmões.

XXVI

A CAVERNA

Harry sentiu o cheiro a sal e ouviu o rebentar das ondas. Uma brisa leve e fresca despenteou-lhe o cabelo, enquanto, sob o luar, contemplava o mar e o céu repleto de estrelas. Encontrava-se num afloramento rochoso, a água revolteando e espumando ao fundo, a seus pés. Olhou para trás, por cima do ombro, para uma enorme falésia e um precipício a pique, negro e insondável. Parecia que alguns pedaços de rocha, como aquele onde Harry e Dumbledore se encontravam, se haviam destacado da superfície da falésia num passado distante. A paisagem era desolada e agreste, não se avistando árvores, tufos de ervas ou areia que aligeirassem a extensão de mar e rocha.

— Que te parece? — perguntou Dumbledore, como se lhe estivesse a perguntar a opinião sobre se o local lhe agradava para fazer um piquenique.

— Traziam os miúdos do orfanato para aqui? — indagou Harry, incapaz de imaginar um local menos acolhedor para uma excursão.

— Não era exactamente para aqui — esclareceu Dumbledore. — Há uma espécie de aldeia a meio caminho para lá da falésia, atrás de nós. Creio que levavam para lá os órfãos para apanharem um pouco de ar do mar e verem as ondas. Não, creio que só o Tom Riddle e as suas jovens vítimas é que visitaram este local. Nenhum Muggle conseguia chegar a este rochedo, a não ser que fosse um montanheiro experiente, e não é possível alcançar a falésia de barco, pois as águas são demasiado perigosas. Imagino que o Riddle deve ter descido por aqui. A magia ter-lhe-ia sido mais útil que cordas. E trouxe duas criancinhas com ele, provavelmente pelo prazer de as aterrorizar. Creio que para isso, bastava a viagem, não achas?

Harry olhou de novo a falésia e ficou todo arrepiado.

— Mas o seu destino final, que é também o nosso, fica um pouco mais adiante. Anda.

Dumbledore fez sinal a Harry que se aproximasse mais da beira da rocha, onde uma série de nichos escarpados, que formavam apoios para os

pés, levavam a grandes pedregulhos arredondados, meio submersos e já bastante próximos da falésia. Era uma descida traiçoeira, e Dumbledore, cuja mão mirrada constituía um ligeiro empecilho, movia-se devagar. A água do mar tornava as rochas mais baixas escorregadias, e Harry sentia os salpicos da espuma salgada baterem-lhe no rosto.

— *Lumos* — disse Dumbledore ao chegar ao pedregulho mais próximo da falésia. Mil centelhas douradas cintilaram sobre a superfície escura da água, um pouco abaixo de onde se agachara, iluminando também a parede de rocha negra a seu lado.

— Consegues ver? — perguntou Dumbledore em voz baixa, erguendo um pouco mais a varinha. Harry avistou uma fissura na falésia por onde entrava a água em grandes remoinhos.

— Não te importas de te molhares um bocadinho?

— Não — retorquiu Harry.

— Então, tira o Manto da Invisibilidade, pois agora já não precisas dele, e toca a mergulhar.

E, com a agilidade súbita de um homem muito mais novo, Dumbledore deixou-se escorregar do rochedo para o mar e começou a nadar de bruços em direcção à fissura negra na superfície da rocha, segurando a varinha acesa entredentes. Harry tirou o Manto, enfiou-o no bolso e seguiu o director.

A água estava gelada, e as roupas encharcadas boiavam em seu redor, puxando-o para o fundo. Inspirou profundamente, enchendo o nariz com o cheiro forte a sal e algas, enquanto dava grandes braçadas no rasto da luz cintilante que diminuía, penetrando cada vez mais na falésia.

Em breve a fissura se alargou, dando lugar a um túnel escuro, o qual, como Harry logo percebeu, se encheria de água na maré cheia. Apenas um metro separava as paredes cobertas de limo, que reluziam, negras, à luz da varinha de Dumbledore. Um pouco mais dentro, a passagem curvava para a esquerda, e Harry viu que se estendia para o interior da falésia. Continuou a nadar atrás de Dumbledore, roçando as pontas dormentes dos dedos contra a rocha áspera e molhada.

Então, viu o director erguer-se das águas, com o cabelo grisalho e o manto escuro a cintilar. Ao alcançar o mesmo lugar, encontrou degraus que conduziam a uma grande caverna. Escalou-os com dificuldade, a água a escorrer das roupas encharcadas, e emergiu, tremendo sem controlo no ar parado e gélido.

Dumbledore estava de pé no centro da caverna, a varinha ao alto, enquanto girava lentamente, examinando as paredes e o tecto.

— Sim, o lugar é este — confirmou.

— Como é que sabe? — perguntou Harry num sussurro.

— Consigo identificar a magia utilizada — explicou Dumbledore com simplicidade.

Harry não era capaz de dizer se os arrepios que sentia se deviam ao frio de enregelar ou a essa mesma consciência da presença de encantamentos. Ficou a ver Dumbledore a girar no mesmo lugar, concentrando-se obviamente em algo que Harry não detectava.

— Isto é apenas a antecâmara, o *hall* de entrada — declarou Dumbledore passado um ou dois minutos. — Temos de penetrar no interior... Agora vamos depararmo-nos com os obstáculos de Lord Voldemort e não com a natureza...

Dumbledore aproximou-se da parede da caverna e afagou-a com as pontas dos dedos enegrecidas, murmurando palavras numa língua estranha que Harry não compreendia. Percorreu duas vezes o perímetro da caverna, tocando na rocha áspera tanto quanto possível. Por vezes, parava e corria os dedos para trás e para a frente no mesmo local até que finalmente se deteve, espalmando a mão contra a parede.

— Aqui — afirmou. — É aqui que se atravessa. A entrada está oculta.

Harry não lhe perguntou como sabia. Nunca vira um feiticeiro resolver as coisas assim, limitando-se a olhar e a tocar, mas havia muito que aprendera que explosões e fumo eram normalmente um sinal de inaptidão e não de sabedoria.

Dumbledore afastou-se uns passos da parede e apontou a varinha à rocha. Por momentos, apareceram as linhas de um arco, cintilando fortemente, como se, por detrás da brecha se encontrasse um potente foco de luz.

— Conseguiu! — exclamou Harry com os dentes a bater, mas ainda não tinha proferido bem a palavra quando as linhas desapareceram, deixando a rocha com o mesmo aspecto nu e sólido de antes. Dumbledore olhou em volta.

— Harry, desculpa, esqueci-me — pediu o director, apontando-lhe a varinha. As suas roupas ficaram tão secas e tão quentes como se tivessem estado penduradas diante de um bom fogo.

— Obrigado — disse Harry, agradecido, mas Dumbledore já voltara a concentrar a atenção na parede sólida da caverna. Não tentou mais actos de magia, limitando-se a ficar ali, olhando-a intensamente, como se pudesse ver lá escrito algo extremamente interessante. Harry permaneceu imóvel, pois não queria quebrar a sua concentração.

Então, passados dois minutos, Dumbledore afirmou baixinho:

— Oh, não pode ser. É tão tosco.

— O que foi, professor?

— Creio — declarou Dumbledore, enfiando a mão sã dentro do manto e tirando uma pequena faca de prata, do tipo que Harry usava para cortar os ingredientes para as poções — que, para passar, nos é exigido um pagamento.

— Um pagamento? — admirou-se Harry. — Temos de dar algo à porta?

— Sim — confirmou Dumbledore. — Sangue, se não me engano.

— *Sangue?*

— Bem te disse que era tosco — insistiu Dumbledore num tom desdenhoso, mesmo desapontado, como se Voldemort tivesse ficado muito aquém do nível que esperara. — Como tenho a certeza de que já compreendeste, a ideia é que o inimigo ou inimiga tem de se enfraquecer para poder entrar. Mais uma vez, Lord Voldemort não conseguiu compreender que há coisas muito mais terríveis que o sofrimento físico.

— Pois, mas se o pudermos evitar... — disse Harry, que já sofrera dores suficientes e não ansiava por mais.

— Contudo, por vezes é inevitável — afirmou Dumbledore, puxando para trás a manga do manto e expondo o antebraço da mão mirrada.

— Professor! — protestou Harry, avançando rapidamente no momento em que Dumbledore erguia a faca. — Eu faço, eu sou...

Não sabia bem o que ia dizer, que era mais novo, que estava em forma? Dumbledore, porém, limitou-se a sorrir. Viu-se um clarão prateado e um jorro escarlate, e a superfície da rocha ficou salpicada de gotas cintilantes.

— És muito amável, Harry — agradeceu Dumbledore, passando a ponta da varinha sobre o profundo golpe que fizera no braço, curando-o instantaneamente, tal como Snape sarara as feridas de Malfoy —, mas o teu sangue é mais valioso que o meu. Ah, parece que resolvemos a coisa, não foi?

O desenho prateado e ardente de um arco aparecera de novo na parede e, desta vez, não se desvaneceu. A rocha manchada de sangue no seu interior desapareceu simplesmente, revelando uma profunda escuridão.

— Depois de mim, se não te importas — indicou Dumbledore e atravessou o arco logo seguido de Harry, que acendeu apressadamente a sua varinha enquanto caminhava.

Deparou-se-lhes uma visão fantasmagórica: encontravam-se à beira de um vasto lago negro, tão vasto que Harry não conseguia distinguir as margens distantes, situado numa caverna tão alta que também o tecto se perdia de vista. Uma luz esverdeada e indistinta brilhava ao longe no que parecia ser o centro do lago, reflectindo-se nas águas paradas em seu redor. O brilho esverdeado e a luz das duas varinhas eram a única coisa que

quebrava a escuridão aveludada, embora os raios não alcançassem tão longe como Harry esperaria. De forma inexplicável, aquela escuridão era mais densa que normalmente.

— Avancemos — disse Dumbledore. — Toma muito cuidado para não enfiar os pés na água. Mantém-te junto a mim.

Começou a contornar a beira do lago, seguido de perto por Harry. Os seus passos ecoavam sonoramente na estreita berma de rocha que rodeava a água. Continuaram a andar sem que a vista se alterasse: de um dos lados, a parede de rocha áspera; do outro, a extensão sem fim daquele negrume liso e vidrado, no centro do qual se via o misterioso brilho esverdeado. Harry achou o local e o silêncio opressivos e enervantes.

— Professor? — acabou por perguntar. — Pensa que o Horcrux está ali?

— Oh, sim — retorquiu Dumbledore. — Sim, tenho a certeza. A questão é como é que o alcançamos.

— Não podíamos... não podíamos tentar um Encantamento de Convocação? — sugeriu Harry, com a certeza de ser uma estupidez, mas muito mais ansioso por sair daquele lugar do que estava disposto a admitir.

— É claro que podíamos — respondeu Dumbledore, parando tão de repente que Harry foi de encontro a ele. — Por que é que não experimentas?

— Eu? Oh... Está bem...

Harry não esperara aquela resposta, mas aclarou a garganta e disse em voz alta, erguendo a varinha:

— *Accio, Horcrux!*

Com um ruído de explosão, algo enorme e indistinto elevou-se das águas escuras a cerca de seis metros deles. Antes de Harry poder ver de que se tratava, voltara a desaparecer com um chape clamoroso que formou uma profunda ondulação na superfície espelhada. Em choque, Harry recuou, batendo na parede. Virou-se para Dumbledore com o coração ainda aos pulos.

— O que era aquilo?

— Algo, segundo creio, pronto a reagir se tentarmos apoderarmo-nos do Horcrux.

Harry voltou a olhar para a água. A superfície do lago assemelhava-se de novo a um vidro negro e lúcido: as ondas haviam desaparecido com uma rapidez anormal, mas o coração de Harry ainda batia fortemente.

— Já calculava que aquilo ia acontecer, professor?

— Calculava que *alguma coisa* aconteceria se fizéssemos uma tentativa óbvia para deitarmos a mão ao Horcrux. Foi uma excelente ideia, Harry. Foi a forma mais simples de sabermos aquilo que temos de enfrentar.

— Mas não sabemos o que era aquela coisa — contrapôs Harry, mirando a água sinistramente serena.

— Aquelas coisas, queres tu dizer — esclareceu Dumbledore. — Duvido muito de que haja apenas uma. Continuamos?

— Professor?

— Sim, Harry.

— Acha que vamos ter de entrar no lago?

— Entrar no lago? Só se tivermos muito pouca sorte.

— Não acha que o Horcrux está no fundo?

— Oh, não... acho que o Horcrux está no *meio*.

E Dumbledore apontou para a indistinta luz esverdeada no centro do lago.

— Portanto, vamos ter de atravessar o lago para lá chegar?

— Sim, acho que sim.

Harry não disse nada. Tinha a cabeça cheia de imagens de monstros marinhos, serpentes gigantes, demónios, *kelpies* e espíritos aquáticos.

— Aha! — exclamou Dumbledore, voltando a parar. Desta vez, Harry foi mesmo contra ele e, por momentos, oscilou na berma da água escura, e a mão sã do director fechou-se firmemente em volta do seu braço, puxando-o para trás. — Desculpa, Harry, devia ter-te avisado. Encosta-te à parede, por favor. Creio ter encontrado o local.

Harry não fazia ideia do significado daquelas palavras. Tanto quanto lhe parecia, aquela porção de margem era igualzinha às restantes, mas Dumbledore parecia ter encontrado algo de especial. Desta vez, passava a mão não sobre a parede rochosa, mas sim pelo ar vazio, como se esperasse sentir e agarrar uma coisa invisível.

— Oho! — exclamou alegremente passados uns segundos. No meio do ar, a sua mão fechara-se sobre algo que Harry não conseguia ver. Dumbledore aproximou-se mais da água e Harry observou-o, nervoso, enquanto as pontas dos seus sapatos afivelados tocavam na extremidade da berma rochosa. Ainda com a mão fechada em pleno ar, Dumbledore ergueu a varinha com a outra e bateu com a ponta no próprio punho.

Do nada, apareceu de imediato uma grossa corrente de cobre esverdeado que se elevava das profundezas da água até ao punho cerrado de Dumbledore. Este bateu na corrente, a qual começou a deslizar por entre os seus dedos, qual serpente, enrolando-se no solo com um sonoro tilintar que ecoou ruidosamente nas paredes rochosas. Das profundezas das águas negras algo foi içado. Harry arfou de espanto quando a proa fantasmagórica de um barquinho minúsculo subiu à superfície, cintilando com o mesmo verde da corrente, e flutuou, quase sem fazer ondas, para o local da margem

onde se encontravam Harry e Dumbledore.

— Como é que sabia que estava aqui? — indagou Harry, atónito.

— A magia deixa sempre sinais — declarou Dumbledore. O barco embateu na margem com um baque suave. — Por vezes, sinais muito nítidos. Fui eu quem ensinou o Tom Riddle. Conheço o seu estilo.

— Este... este barco é seguro?

— Oh, sim, creio que sim. O Voldemort precisava de criar uma forma de atravessar o lago sem atrair a fúria das criaturas que aqui colocou para o caso de alguma vez desejar visitar ou retirar o Horcrux.

— Portanto, as coisas que há dentro da água não nos farão nada, se atravessarmos no barco do Voldemort?

— Creio que temos de nos resignar a que, a determinada altura, acabarão por compreender que não somos Lord Voldemort. No entanto, até agora procedemos bem, pois permitiram-nos içar o barco.

— Mas por que é que o permitiram? — perguntou Harry, que não conseguia afastar a visão de tentáculos a erguerem-se da escuridão das águas assim que se afastassem da margem.

— É bastante provável que o Voldemort acredite que só um feiticeiro muito poderoso consiga encontrar o barco — adiantou Dumbledore. — Creio que estava preparado para arriscar o que era, na sua maneira de ver, a remota possibilidade de outra pessoa o encontrar, sabendo que dispusera anteriormente outros obstáculos que apenas ele seria capaz de penetrar. Veremos se tinha razão.

Harry mirou o barco. Era, na realidade, muito pequeno.

— Não parece ter sido construído para duas pessoas. Aguentará com ambos? Seremos os dois demasiado pesados?

Dumbledore lançou um riso abafado.

— O Voldemort não se deve ter preocupado com o peso, mas sim com a quantidade de poder mágico que atravessaria o lago. Estou convencido de que este barco deve ter sido objecto de um encantamento de forma a que apenas um feiticeiro de cada vez possa utilizá-lo.

— Mas então...?

— Creio que tu não contas, Harry. És menor de idade e sem habilitações. O Voldemort nunca esperaria que um rapaz de dezasseis anos conseguisse chegar a este lugar. Creio que é altamente improvável que os teus poderes se notem, comparados com os meus.

Estas palavras contribuíram em nada para levantar o moral de Harry; talvez Dumbledore o percebesse, pois acrescentou:

— Foi um erro, foi um erro, Harry... Os mais velhos são tolos e desatentos quando subestimam os jovens... Bom, desta vez vais tu

primeiro, mas tem cuidado para não tocares na água.

Dumbledore afastou-se para o lado, e Harry entrou com cautela no barco. Dumbledore entrou por sua vez e enrolou cuidadosamente a corrente no chão. Ficaram muito apertados. Harry não podia sentar-se à vontade, tendo-se apenas agachado, com os joelhos a sobressaírem da borda do barco, que começou a avançar imediatamente. Não se ouvia qualquer outro som para além do roçar sedoso da proa rasgando a água. O barco avançava sem a ajuda deles, como se uma corda invisível o puxasse em direcção à luz no centro do lago. Em breve deixaram de avistar as paredes da caverna, e era como se estivessem no mar, excepto que não havia ondas.

Harry olhou para baixo e viu o reflexo dourado da luz da sua varinha cintilar e reluzir na água negra à medida que avançavam. O barco esculpia ondas profundas sobre a superfície vidrada, sulcos num espelho negro...

E depois Harry viu-a, de um branco mármoreo, flutuando a poucos centímetros abaixo da superfície.

— Professor! — exclamou, e a sua voz assustada ecoou com toda a força sobre a água silenciosa.

— Harry?

— Creio que vi uma mão na água... uma mão humana!

— Sim, viste certamente — retorquiu Dumbledore calmamente.

Harry perscrutou as águas em busca da mão desaparecida, e uma sensação de enjoo subiu-lhe à garganta.

— Então, aquilo que saltou para fora de água...

Harry, porém, obteve a resposta antes de Dumbledore poder falar. A luz da varinha deslizara sobre uma nova porção de água e, desta vez, mostrou-lhe um homem morto, virado para cima, logo abaixo da superfície. Os seus olhos abertos estavam embaciados como se cobertos por teias de aranha, e o cabelo e as vestes rodopiavam em seu redor como fumo.

— Há corpos ali dentro! — exclamou Harry, num tom de voz mais estridente, muito diferente do habitual.

— Sim — confirmou Dumbledore em tom plácido —, mas de momento não é preciso preocuparmo-nos com eles.

— De momento? — repetiu Harry, afastando o olhar da água para mirar Dumbledore.

— Pois, enquanto boiarem pacificamente abaixo de nós — prosseguiu o director. — Não há nada a temer num corpo, Harry, assim como há nada a temer na escuridão. Lord Voldemort, que em segredo, claro, receia ambos, discorda disto. Mais uma vez, porém, revela a sua falta de sabedoria. Ao contemplarmos a morte e a escuridão, receamos apenas o desconhecido, nada mais.

Harry não respondeu; não queria responder, mas achava horrível a ideia de que, por baixo deles e em sua volta, existiam corpos a flutuar. Ainda por cima, não acreditava que não fossem perigosos.

— Mas um deles saltou — insistiu, tentando tornar a voz tão neutra e tão calma como a de Dumbledore. — Quando eu tentei Convocar o Horcrux, saltou um corpo do lago.

— Sim — confirmou Dumbledore. — Tenho a certeza de que assim que tirarmos o Horcrux, vamos achá-los menos pacíficos. Contudo, como muitas criaturas que habitam na escuridão e no frio, receiam a luz e o calor, que nós chamaremos em nossa ajuda, se a necessidade surgir. Fogo, Harry — acrescentou com um sorriso em resposta à expressão confusa do rapaz.

— Oh... claro... — apressou-se Harry a proferir. Virou a cabeça para olhar o brilho esverdeado na direcção do qual o barco continuava inexoravelmente a dirigir-se. Já não podia fingir que não estava assustado. O enorme lago negro, apinhado de mortos... parecia que haviam passado horas infinitas desde que encontrara a Professora Trelawney, desde que dera a Felix Felicis a Ron e Hermione... desejou, de súbito, ter-se despedido melhor deles... e nem sequer vira Ginny...

— Estamos quase lá — disse Dumbledore com voz jovial.

E, na verdade, a luz esverdeada parecia finalmente aumentar; passados minutos, o barco parou, indo de encontro a algo que Harry não distinguiu à primeira vista. Quando, porém, ergueu a varinha acesa, viu que tinham chegado a uma pequena ilha de rocha lisa no centro do lago.

— Tem cuidado para não tocares na água — avisou-o Dumbledore de novo, quando Harry saiu do barco.

A ilha não era maior que o gabinete do director: um espaço de pedra lisa, negra, sobre a qual se via apenas a fonte da luz esverdeada, que, de perto, parecia muito mais brilhante. Harry semicerrou os olhos. Primeiro pensou que fosse um qualquer candeeiro, mas depois percebeu que a luz saía de uma bacia de pedra muito parecida com o Pensatório, fixada sobre um pedestal.

Dumbledore aproximou-se da bacia, seguido de Harry. Lado a lado, olharam lá para dentro. Estava cheia de um líquido cor de esmeralda que emitia aquele brilho fosforescente.

— O que é? — indagou Harry baixinho.

— Não tenho a certeza — respondeu Dumbledore. — Mas preocupa-me mais que sangue ou cadáveres.

Dumbledore afastou a manga do manto, destapando a mão enegrecida e esticou as pontas dos dedos queimados para a superfície da poção.

— Professor, não, não lhe toque...!

— Não consigo — revelou-lhe o director, sorrindo ao de leve. — Estás a ver? Não me consigo aproximar mais perto que isto. Tenta lá tu.

Olhando fixamente, Harry pôs a mão dentro da bacia e tentou tocar na poção. Bateu numa barreira invisível que o impedia de se aproximar. Por mais que empurrasse, os seus dedos deparavam-se apenas com o que parecia ser ar sólido e inflexível.

— Por favor, afasta-te, Harry — pediu Dumbledore.

Ergueu a varinha e desenhou movimentos complexos sobre a superfície da poção, murmurando em silêncio. Nada aconteceu, a não ser o facto de a poção ter brilhado com mais intensidade. Harry permaneceu calado, enquanto Dumbledore retirava a varinha, sentindo depois que já podia voltar a falar.

— Pensa que o Horcrux está aí dentro, professor?

— Oh, sim. — Dumbledore perscrutou mais atentamente a bacia. Harry viu o reflexo invertido do rosto dele na superfície tranquila da poção verde. — Mas como havemos de o alcançar? Não se pode penetrar nesta poção com as mãos, não pode Desaparecer, ser dividida, recolhida, aspirada, nem Transfigurada, Encantada, ou forçada a alterar a sua natureza por quaisquer outros meios.

Parecendo distraído, Dumbledore ergueu de novo a varinha, fê-la girar uma vez e apanhou um cálice de cristal que fez aparecer do nada.

— Sou forçado a concluir que esta poção tem de ser bebida.

— O quê? — exclamou Harry. — Não!

— Sim, acho que sim. Só bebendo-a é que poderei esvaziar a bacia e ver o que se esconde nas suas profundezas.

— Mas e se... se a poção o matar?

— Oh, duvido que funcione assim — declarou Dumbledore sem dúvidas. — Lord Voldemort não iria querer matar a pessoa que conseguisse chegar a esta ilha.

Harry mal podia acreditar. Seria ainda mais outro exemplo da sua insensata determinação de ver o bem em todas as pessoas?

— Professor — principiou Harry, tentando manter um tom razoável na voz —, professor, estamos a falar do *Voldemort*...

— Desculpa, Harry, devia ter dito que ele não iria querer matar *imediatamente* as pessoas que conseguissem chegar a esta ilha — corrigiu Dumbledore. — Queria mantê-los vivos o tempo suficiente para descobrir como conseguiram penetrar tanto nas suas defesas e, ainda mais importante, descobrir por que se mostraram tão determinados em esvaziar a bacia. Não te esqueças de que Lord Voldemort pensa que mais ninguém sabe dos seus Horcruxes.

Harry preparava-se de novo para falar, mas desta vez Dumbledore ergueu a varinha a pedir silêncio, franzindo ligeiramente a testa perante o líquido cor de esmeralda, num esforço de concentração.

— Sem qualquer dúvida — acabou por dizer —, esta poção deve actuar de forma a impedir-me de levar o Horcrux. Talvez me paralise, me faça esquecer o motivo da minha presença aqui, me cause tantas dores que me deixe perturbado, ou me incapacite de qualquer outra forma. Se assim for, Harry, ficarás encarregado de me obrigar a beber, mesmo que tenhas de despejar a poção na minha boca relutante. Compreendes?

Os olhares de ambos encontraram-se por cima da bacia, os rostos iluminados por aquela estranha luz esverdeada. Harry não falou. Teria sido por aquele motivo que fora convidado a vir... para poder obrigar Dumbledore a tomar uma poção que talvez lhe causasse um sofrimento insuportável?

— Recordas-te das condições sob as quais te trouxe comigo? — perguntou Dumbledore.

Harry hesitou, mirando os olhos azuis que estavam agora verdes devido ao reflexo da bacia.

— Mas e se...?

— Tu juraste obedecer a todas as ordens que te desse, não juraste?

— Sim, mas...

— Eu avisei-te de que talvez houvesse perigo, não avisei?

— Sim — retorquiu Harry —, mas...

— Muito bem — prosseguiu Dumbledore, afastando mais uma vez as mangas e erguendo o cálice vazio —, já sabes as minhas ordens.

— Por que não posso ser eu a beber a poção? — perguntou Harry, desesperado.

— Porque eu sou muito mais velho, mais esperto e muito menos valioso — afirmou Dumbledore. — De uma vez por todas, Harry, tenho a tua palavra de que farás tudo o que estiver ao teu alcance para não me deixares parar de beber?

— Não poderia...?

— Tenho a tua palavra?

— Mas...

— *A tua palavra, Harry!*

— Eu... está bem, mas...

Antes que Harry pudesse levantar mais objecções, Dumbledore levou o cálice de cristal à poção. Por um décimo de segundo, Harry teve a esperança de que o professor não conseguisse tocar na poção com o cálice, mas o cristal quebrou a superfície como nada o conseguira antes. Quando o

enchera até à borda, Dumbledore levou-o à boca.

— À tua saúde, Harry.

E esvaziou o cálice. Harry ficou a vê-lo, aterrado, agarrando a orla da bacia com tanta força que ficou com os dedos dormentes.

— Professor? — perguntou ansiosamente, quando Dumbledore baixou o cálice vazio. — Como se sente?

Dumbledore abanou a cabeça, os olhos fechados, e Harry pensou se estaria com dores, mas o director mergulhou o cristal às cegas de novo na bacia, encheu-o e voltou a beber.

Em silêncio, Dumbledore bebeu três cálices de poção. Depois, a meio do quarto, cambaleou e caiu para a frente, de encontro à bacia. Continuava de olhos fechados e tinha a respiração pesada.

— Professor Dumbledore? — chamou Harry com a voz tensa. — Está a ouvir-me?

Dumbledore não lhe respondeu. O rosto contraía-se-lhe como se estivesse profundamente adormecido, vivendo um sonho terrível. A força com que apertava o cálice começou a ceder, quase deixando derramar a poção. Harry avançou e agarrou na taça de cristal, endireitando-a.

— Professor, está a ouvir-me? — repetiu em voz alta, fazendo ecoar as palavras em volta da caverna.

Dumbledore ofegou e depois falou numa voz que Harry não reconheceu, pois nunca vira o director tão assustado.

— Não quero... Não me obrigues...

Harry fitou o rosto esbranquiçado que conhecia tão bem, o nariz adunco e os óculos em meia-lua, sem saber o que fazer.

— ... Não gosto... quero parar... — gemia Dumbledore.

— Não pode... professor, não pode parar — recordou-lhe Harry. — Tem de continuar a beber, lembra-se? Disse-me que tinha de beber... Tome...

Odiando-se profundamente e enojado com o que estava a fazer, Harry enfiou o cálice na boca de Dumbledore e inclinou-o, obrigando o director a beber o resto da poção.

— Não... — gemia ele, quando Harry levou o cálice à bacia e o voltou a encher. — Não quero... não quero... deixa-me...

— Já vai passar, professor — disse Harry com a mão a tremer. — Já vai passar, eu estou aqui...

— Faz com que pare, faz com que pare — gemia Dumbledore.

— Sim... sim, isto vai fazer com que a dor pare — mentiu Harry. E voltou a despejar o conteúdo do cálice na boca aberta de Dumbledore.

Este gritou e o ruído ecoou pela enorme câmara, atravessando a extensão de água negra e parada.

— Não, não, não... não... não consigo... não consigo... Não me obrigues, não quero...

— Já vai passar, professor, já vai passar! — repetiu Harry em voz alta, com as mãos a tremer tanto que mal conseguia encher o sexto cálice de poção. A bacia estava agora meio vazia. — Não lhe vai acontecer nada, está em segurança, não é a sério, juro que não é a sério... Agora beba isto, vá beba...

E, obediente, Dumbledore bebeu, como se Harry lhe estivesse a oferecer um antídoto, mas ao despejar o cálice, deixou-se cair de joelhos, tremendo descontroladamente.

— A culpa é toda minha, toda minha — soluçava. — Por favor, faz com que pare, bem sei que agi mal, oh, por favor, faz com que pare e nunca, nunca mais...

— Isto vai fazer com que pare, professor — dizia-lhe Harry com a voz alterada ao verter o sétimo cálice de poção na boca de Dumbledore.

O director começou a encolher-se de medo, como se estivesse rodeado de carrascos invisíveis, e quase derrubou o cálice repleto das mãos trémulas de Harry ao bater-lhe com a mão errática, enquanto gemia: — Não os magoes, não os magoes, por favor, por favor, a culpa é minha, magoa-me antes a mim...

— Tome, beba isto, beba isto que lhe vai fazer bem — insistia Harry, desesperado e, mais uma vez Dumbledore lhe obedeceu, abrindo a boca, apesar de manter os olhos bem fechados e de tremer da cabeça aos pés.

Em seguida, caiu para a frente, gritando outra vez e batendo com os punhos no chão, enquanto Harry enchia o cálice pela nona vez.

— Por favor, por favor, não, por favor... mais não, mais não, faço tudo o que quiseres...

— Beba, professor, beba...

Dumbledore bebeu como uma criança a morrer de sede, mas ao acabar, gritou de novo como se tivesse as entranhas em fogo.

— Mais não, por favor, mais não...

Harry recolheu um décimo cálice de poção e sentiu o cristal raspar o fundo da bacia.

— Estamos quase, professor, beba, beba...

Amparou Dumbledore pelos ombros, e mais uma vez ele esvaziou o cálice. Harry pôs-se novamente de pé e voltou a enchê-lo. Nesse momento, Dumbledore começou a gritar, mais angustiado que nunca:

— Quero morrer! Quero morrer! Faz com que pare, faz com que pare, quero morrer!

— Beba, professor, beba.

Dumbledore bebeu e, mal acabara, começou a gritar:

— MATA-ME!

— Vá, este vai matá-lo! — arfou Harry. — Beba... e acabou... pronto... acabou!

Dumbledore engoliu sofregamente, bebendo até à última gota e depois, com um arquejo terrível, girou e caiu de cara no chão.

— Não! — gritou Harry, que se erguera para voltar a encher o cálice. Perante aquilo, deixou cair o cálice na bacia, atirou-se sobre Dumbledore e ajudou-o a erguer-se de novo. Tinha os óculos de banda, a boca entreaberta e os olhos fechados. — Não — dizia ele, abanando Dumbledore —, não, o senhor não está morto, disse-me que aquilo não era venenoso, acorde, acorde... *Rennervate!* — gritou, apontando a varinha ao peito de Dumbledore. Viu-se um raio de luz vermelha, mas nada aconteceu. — *Rennervate...* professor... por favor...

As pálpebras de Dumbledore estremeceram, e o coração de Harry deu um pulo.

— Professor, está...?

— Água — crocitou Dumbledore.

— Água — arfou Harry. — Sim...

Pôs-se de pé num pulo e agarrou no cálice que deixara cair dentro da bacia, mal se apercebendo do medalhão dourado que jazia, impreciso, por baixo dele.

— *Aguamenti!* — gritou, dando um golpe seco no cálice com a varinha. Este encheu-se de água límpida. Harry ajoelhou-se ao lado de Dumbledore, ergueu-lhe a cabeça e levou-lhe o cálice aos lábios... mas este estava vazio. Dumbledore gemeu e começou a arfar.

— Mas eu tinha... espere... *Aguamenti!* — repetiu Harry, apontando a varinha ao cálice. Mais uma vez, por um segundo, se viu o brilho da água límpida no seu interior, mas ao aproximá-lo da boca de Dumbledore, a água tornou a desaparecer.

— Professor, eu estou a tentar, estou a tentar! — gritou Harry, desesperado, sem esperar que Dumbledore o conseguisse ouvir. O director caíra de lado e engolia o ar em grandes arquejos ruidosos aparentemente agonizantes. — *Aguamenti... Aguamenti... AGUAMENTI!*

O cálice voltou a encher-se e a despejar-se. A respiração de Dumbledore parecia um fio. Com o cérebro num torvelinho, Harry percebeu instintivamente que a única forma de arranjar água era... uma vez que fora assim que Voldemort planeara aquilo tudo.

Atirou-se para a berma da rocha e mergulhou o cálice no lago, enchendo-o até ao cimo de água gelada que não desaparecia.

— Professor... tome! — gritou Harry e, precipitando-se para a frente, despejou atabalhoadamente a água sobre o rosto de Dumbledore.

Foi o melhor que conseguiu, pois a sensação gelada no braço que não segurava o cálice não era o frio persistente da água. Uma mão esbranquiçada e lodosa agarrara-o pelo pulso e a criatura a quem pertencia puxava-o lentamente para trás. A superfície do lago já não se apresentava espelhada: agitava-se e, para onde quer que Harry olhasse, via cabeças e mãos brancas a sair da água negra, homens, mulheres e crianças com olhos cegos e encovados que avançavam para o rochedo. Um exército de mortos que se erguia das águas negras!

— *Petrificus Totalus!* — gritou Harry, lutando por se manter na superfície lisa e molhada da ilha, enquanto apontava a varinha ao Inferius que lhe agarrara o braço. Este largou-o, voltando a cair na água com um chape. Harry pôs-se de pé com dificuldade, mas já havia mais Inferi a trepar para a rocha, as mãos descarnadas arranhando a superfície escorregadia, os olhos vazios e foscos cravados nele, arrastando trapos encharcados, os rostos encovados olhando-o de esguelha.

— *Petrificus Totalus!* — berrou Harry de novo, recuando, enquanto varria o ar com a varinha. Seis ou sete foram-se abaixo, mas muitos mais avançavam para ele. — *Impedimenta! Incarcerous!*

Alguns tropeçaram, um ou outro amarrado com cordas, mas os que subiam para a rocha atrás deles limitavam-se a passar por cima dos corpos caídos. Continuando a cortar o ar com a varinha, Harry gritou: — *Sectumsemptra! SECTUMSEMPTRA!*

Todavia, apesar de aparecerem cortes nos trapos encharcados e na pele gelada, não tinham sangue para jorrar; continuavam a avançar, sem sentir nada, as mãos mirradas estendidas na sua direcção e, à medida que Harry recuava o mais que podia, sentia braços que o rodeavam por detrás, braços magros e descarnados, frios como a morte, e os seus pés abandonaram o chão quando eles o ergueram e o começaram a transportar para a água, lenta mas seguramente. Percebeu que não iria escapar, que se iria afogar e transformar-se em mais um guardião defunto de um fragmento da alma dilacerada de Voldemort...

Nesse momento, porém, o fogo explodiu através da escuridão, vermelho e dourado, um anel de fogo que rodeou a rocha, fazendo com que os Inferi que seguravam Harry com tanta força tropeçassem e hesitassem. Não se atreviam a atravessar as chamas para chegar à água. Largaram Harry, que bateu no chão, escorregou e caiu, esfolando os braços, conseguindo, porém, pôr-se novamente de pé e erguer a varinha, olhando em seu redor.

Dumbledore estava de novo de pé, tão pálido como os Inferi que os

rodeavam, mas mais alto que eles, o fogo dançando-lhe no olhar. Erguera a varinha como uma tocha e, da sua extremidade emanavam chamas, formando um enorme laço que os envolvia no seu calor.

Os Inferi chocavam uns nos outros, na sua tentativa cega de fugir ao fogo que os rodeava.

Dumbledore apanhou o medalhão do fundo da bacia de pedra e guardou-o dentro das suas vestes. Sem palavras, gesticulou a Harry que se colocasse a seu lado. Perturbados pelas chamas, parecia que os Inferi não se haviam apercebido de que a sua presa fugia, enquanto Dumbledore levava Harry para o barco. O anel de fogo movia-se com eles, continuando a rodeá-los, enquanto os confusos Inferi os acompanhavam até à borda da água, donde escorregavam, gratos, regressando às suas águas negras.

Harry, que tremia dos pés à cabeça, pensou por momentos que Dumbledore não ia conseguir entrar no barco, pois cambaleou ligeiramente na primeira tentativa. Parecia ter concentrado toda a sua força em manter o anel de chamas protectoras em redor de ambos. Harry agarrou-o e ajudou-o a sentar-se. Assim que se encontravam os dois, apertadíssimos, no interior, mas em segurança, o barco começou a atravessar as águas negras, afastando-se da rocha, ainda envolto no anel de chamas. Aparentemente, os Inferi que se apinhavam por baixo deles não se atreviam a vir à superfície.

— Professor — arfou Harry —, professor, esqueci-me... do fogo... eles estavam a avançar para mim e entrei em pânico...

— É muito natural — murmurou Dumbledore. Harry assustou-se ao ver como a voz dele estava fraca.

Chegaram à margem com um pequeno baque, e Harry saltou para fora e virou-se rapidamente para ajudar Dumbledore. Assim que este pôs os pés na margem, baixou a varinha e o anel de fogo desapareceu, mas os Inferi não voltaram a emergir. O barquinho afundou-se de imediato, com um ruído metálico, à medida que a corrente deslizava também para o fundo do lago. Dumbledore soltou um profundo suspiro e encostou-se à parede da caverna.

— Estou muito fraco — murmurou.

— Não se preocupe, professor — atalhou Harry de imediato, ansioso devido à sua extrema palidez e à exaustão que aparentava. — Não se preocupe, eu trato do nosso regresso... apoie-se em mim, professor...

E, puxando o braço são de Dumbledore para cima dos seus ombros, Harry guiou o director pela borda do lago, suportando o seu peso quase todo.

— Afinal... a protecção estava... bem concebida — disse Dumbledore com voz sumida. — Um sozinho não teria conseguido fazê-lo... Portaste-te

muito bem, Harry, muito bem...

— Agora não fale — pediu Harry, alarmado com as palavras indistintas e o arrastar dos pés de Dumbledore. — Poupe as suas forças, professor... em breve estaremos fora daqui...

— A entrada deve ter-se selado outra vez... a minha faca...

— Não é preciso, eu cortei-me na rocha — disse Harry com toda a firmeza —, diga-me apenas onde...

— Aqui...

Harry limpou o braço esfolado na pedra. A arcada, tendo recebido o seu tributo de sangue, reabriu-se instantaneamente. Atravessaram a caverna exterior, e Harry ajudou Dumbledore a mergulhar de novo no mar gelado que enchia agora a fissura da falésia.

— Vai correr tudo bem — repetia Harry sem cessar, assustando-se mais com o silêncio de Dumbledore que com a sua voz enfraquecida. — Estamos quase lá... posso Aparecer com ambos... não se preocupe.

— Não estou preocupado, Harry — afirmou Dumbledore, a voz um pouco mais forte, apesar da água gelada. — Estou na tua companhia.

XXVII

LUTA NA TORRE

De novo sob o céu estrelado, Harry puxou Dumbledore para o topo do pedregulho mais próximo e ajudou-o a pôr-se de pé. Encharcado e a tremer, e suportando ainda o peso do professor, concentrou-se como nunca fizera no destino que pretendia: Hogsmeade. Fechou os olhos, agarrou no braço de Dumbledore com toda a força e deu um passo em frente, entregando-se à horrível sensação de esmagamento.

Antes de abrir os olhos já sabia que conseguira, pois o cheiro a sal e a brisa marinha haviam desaparecido. Dumbledore e ele encontravam-se, a tremer e a pingar, no meio da sombria Rua Principal, em Hogsmeade. Por um terrível momento, a imaginação de Harry mostrou-lhe mais Inferi que se arrastavam na sua direcção, avançando das esquinas das lojas, mas, depois de pestanejar, viu que nada se movia. Estava tudo calmo, em total escuridão, exceptuando alguns candeeiros públicos e umas quantas janelas iluminadas.

— Conseguimos, professor! — murmurou Harry com dificuldade, apercebendo-se de súbito da tremenda pontada que lhe ardia no peito. — Conseguimos! Temos o Horcrux.

Dumbledore cambaleou de encontro a ele. Por um instante, Harry pensou que a sua Aparição inexperiente fizera desequilibrar o director, mas foi então que reparou no seu rosto, mais pálido e mais abatido que nunca, à luz distante de um candeeiro.

— Professor, sente-se bem?

— Já me senti melhor — confessou Dumbledore debilmente, embora contraísse os cantos da boca. — Aquela poção... não era uma bebida nada saudável...

E, para pavor de Harry, Dumbledore deixou-se cair.

— Professor... não há problema, vai ficar bem, não se preocupe...

Desesperado, olhou em volta em busca de ajuda, mas não se via

ninguém, e a sua única preocupação era levar Dumbledore rapidamente para a enfermaria.

— Temos de o levar para a escola, professor... a Madame Pomfrey...

— Não — retorquiu Dumbledore. — Eu preciso é do Professor Snape... Mas acho que não consigo andar muito...

— Certo... professor, escute... vou bater a uma porta, arranjar um sítio onde possa ficar... e depois vou a correr buscar a Madame...

— O Severus — declarou Dumbledore com toda a clareza. — Preciso do Severus...

— Então, está bem... mas vou ter de o deixar por um bocadinho para...

Contudo, antes de Harry se mexer, ouviu passos que corriam, e o seu coração deu um pulo. Alguém os vira, havia alguém que sabia que precisavam de ajuda e, olhando em volta, avistou Madame Rosmerta numa correria pela rua às escuras na sua direcção, de chinelos felpudos de salto alto e envergando um roupão de seda com dragões bordados.

— Vi-vos Aparecer quando fechava as cortinas do meu quarto! Graças aos céus, graças aos céus, não sabia o que havia de fazer... Mas o que é que se passa com o Albus?

Parou, ofegante, e ficou a olhar para Dumbledore de olhos esbugalhados.

— Está ferido — explicou Harry. — Madame Rosmerta, será que ele pode ficar no Três Vassouras, enquanto eu vou à escola buscar ajuda?

— Não podes ir lá sozinho! Não sabes...? Não vês que...?

— Se me ajudar a segurá-lo — prosseguiu Harry sem lhe prestar atenção —, acho que conseguimos levá-lo para dentro...

— Que aconteceu? — perguntou Dumbledore. — Rosmerta, que se passa?

— A... a Marca Negra, Albus.

E apontou para o céu na direcção de Hogwarts. Ao som daquelas palavras, o medo apoderou-se de Harry. Virou-se e olhou.

E ali estava no céu, suspensa sobre a escola: a caveira verde flamejante com língua de serpente, a marca que os Devoradores da Morte deixavam para trás sempre que entravam num edifício... sempre que matavam...

— Quando é que apareceu? — perguntou Dumbledore, agarrando-se dolorosamente ao ombro de Harry para se conseguir pôr de pé.

— Deve ter sido há poucos minutos, não estava lá quando pus o gato na rua, mas quando subi as escadas...

— Temos de voltar imediatamente ao castelo — decidiu Dumbledore. — Rosmerta — e, apesar de cambalear ligeiramente, parecia deter o controlo absoluto da situação —, precisamos de transporte... de vassouras...

— Tenho duas por detrás do balcão — disse ela com um ar assustado. —

Quer que vá buscá-las a correr?

— Não, o Harry pode fazê-lo.

Harry ergueu de imediato a varinha.

— *Accio vassouras da Rosmerta.*

Um segundo depois, ouviram um estoiro quando a porta do *pub* se escancarou e duas vassouras se precipitaram para a rua e voaram em direcção a Harry. Estacaram a seu lado, estremecendo ligeiramente.

— Rosmerta, por favor, manda uma mensagem ao Ministério — pediu-lhe Dumbledore, montando a vassoura mais perto de si. — Pode ser que ainda ninguém em Hogwarts se tenha apercebido de que se passa alguma coisa... Harry, põe o teu Manto da Invisibilidade.

Harry tirou o Manto do bolso e cobriu-se antes de montar a vassoura. Madame Rosmerta já ia a caminho do *pub*, oscilando nos seus saltos altos, quando Harry e Dumbledore pontapearam o chão e se elevaram nos ares. Enquanto aceleravam para o castelo, Harry deu uma olhadela ao director, pronto a agarrá-lo, se fosse cair, mas a visão da Marca Negra parecia ter actuado em Dumbledore como um estimulante: todo curvado sobre a vassoura, tinha o olhar fixo sobre a Marca, o longo cabelo e a barba cor de prata esvoaçando atrás de si no ar nocturno. Harry olhava também a caveira e foi invadido pelo medo, qual bolha que lhe comprimia os pulmões e que lhe afastara do espírito qualquer outro incómodo.

Quanto tempo tinham estado fora? Ter-se-ia esgotado a sorte de Ron, Hermione e Ginny? Teria sido por causa de um deles que a Marca fora invocada por cima da escola, ou por Neville, ou Luna, ou outro membro do ED? E se fosse... fora ele que lhes dissera que patrulhassem os corredores, pedira-lhes que abandonassem a segurança das suas camas... Seria de novo responsável pela morte de um amigo?

Enquanto voavam ao longo do caminho sinuoso e sombrio que haviam percorrido algum tempo antes, Harry ouviu, acima do assobio do ar nocturno, Dumbledore a murmurar algo numa língua desconhecida. Pensou compreender o motivo ao sentir a sua vassoura estremecer momentaneamente ao sobrevoarem os limites dos campos do castelo: Dumbledore desfazia os encantamentos que ele próprio lançara em volta do castelo para poderem entrar a toda a velocidade. A Marca Negra cintilava directamente por cima da Torre de Astronomia, a mais alta do castelo. Queria isso dizer que a morte ocorrera aí?

Dumbledore transpusera já as ameias da fortificação e desmontava. Harry aterrou a seu lado segundos depois e olhou em seu redor.

O local estava deserto e a porta que dava para a escada em caracol que levava ao castelo encontrava-se fechada. Não se viam sinais de luta, de

qualquer combate mortal, não havia nenhum corpo.

— Que quer isto dizer? — perguntou Harry a Dumbledore, mirando a caveira verde com a sua língua serpentiforme cintilando malignamente acima deles. — Será a Marca verdadeira? Terá mesmo havido uma... Professor?

Sob o clarão de um verde indistinto da Marca, Harry viu Dumbledore agarrar-se ao peito com a mão queimada.

— Vai acordar o Severus — pediu o director numa voz fraca, mas nítida. — Conta-lhe o que aconteceu e trá-lo ao pé de mim. Não faças mais nada, não fales com mais ninguém e não tires o Manto. Eu espero aqui.

— Mas...

— Juraste obedecer-me, Harry... vai!

Harry apressou-se em direcção à porta que dava para a escada em caracol, mas acabara de poisar a mão na argola de ferro quando ouviu passos em corrida do outro lado. Olhou para Dumbledore, que, com um gesto, lhe disse que recuasse. Harry assim fez, puxando simultaneamente da varinha.

A porta escancarou-se e alguém irrompeu da abertura, gritando:

— *Expelliarmus!*

O corpo de Harry ficou imediatamente rígido e imóvel e sentiu que caía de encontro à muralha da Torre, onde ficou encostado como uma estátua vacilante, incapaz de se mexer ou de falar. Não percebia como aquilo tinha acontecido... *Expelliarmus* não era um Encantamento de Congelação!

Então, à luz da Marca, viu a varinha de Dumbledore voar, descrevendo um arco sobre as ameias e compreendeu... Dumbledore imobilizara-o sem usar palavras e, o segundo de que necessitara para lançar o feitiço, custara-lhe a possibilidade de se defender.

Apoiado na muralha, muito pálido, Dumbledore continuava a não dar sinais de aflição ou pânico. Limitou-se a encarar quem o desarmara e a dizer:

— Boa noite, Draco.

Malfoy avançou, olhando rapidamente em volta para verificar se ele e Dumbledore estavam a sós, e o seu olhar caiu sobre a segunda vassoura.

— Quem mais está aqui?

— Uma pergunta que eu te poderia fazer. Ou estás a agir sozinho?

À luz esverdeada da Marca, Harry viu os olhos pálidos de Malfoy voltarem-se de novo para Dumbledore.

— Não — esclareceu. — Tenho reforços. Esta noite, há Devoradores da Morte aqui na sua escola.

— Ora bem, ora bem — comentou Dumbledore, como se Malfoy lhe

estivesse a apresentar um ambicioso projecto escolar. — Diria mesmo muito bem. Descobriste uma forma de os deixar entrar, não foi?

— Foi — confirmou Malfoy, ofegante. — Mesmo debaixo do seu nariz, e o senhor nunca se apercebeu!

— Muito engenhoso — respondeu Dumbledore. — E, contudo... perdoa-me... onde estão neste momento? Pareces não ter apoio.

— Encontraram parte da sua guarda. Estão a lutar lá em baixo. Não se demoram... Eu vim à frente... Tenho... tenho um trabalho a fazer.

— Bom, então tens de te despachar, meu rapaz — afirmou Dumbledore baixinho.

Fez-se silêncio. Harry, aprisionado no seu corpo invisível e paralisado, olhava para ambos, esforçando-se por ouvir sons da luta distante dos Devoradores da Morte. Na sua frente, Malfoy limitava-se a olhar para Albus Dumbledore que, por incrível que parecesse, sorria.

— Draco, Draco, não és um assassino.

— Como é que sabe? — retrucou ele de imediato.

Parecera dar-se conta da infantilidade das suas palavras e, à luz esverdeada da Marca, Harry viu que ele corara.

— Não sabe aquilo de que sou capaz — gabou-se Malfoy vivamente —, não sabe aquilo que já fiz!

— Oh, sei, sim senhor — contrapôs Dumbledore com voz suave. — Quase mataste a Katie Bell e o Ronald Weasley. E tens andado todo o ano, cada vez mais desesperado, a tentar matar-me. Perdoa-me, Draco, mas as tuas tentativas têm sido muito débeis... tão débeis, para ser honesto, que me pergunto se puseste, de facto, o teu coração nessa tarefa.

— Pus, é claro que pus! — exclamou Malfoy com toda a veemência. — Tenho andado a trabalhar nisto durante todo o ano e esta noite...

Lá em baixo, algures nas profundezas do castelo, Harry ouviu um grito abafado. Malfoy imobilizou-se e olhou por cima do ombro.

— Alguém está a oferecer resistência — prosseguiu Dumbledore num tom conversador. — Mas ias a dizer... Sim, conseguiste fazer entrar Devoradores da Morte na minha escola, o que, tenho de admitir, pensei que era impossível... como é que fizeste?

Malfoy, porém, não respondeu. Continuava a escutar o que estava a acontecer lá em baixo e parecia quase tão paralisado como Harry.

— Talvez devas prosseguir a tarefa sozinho — sugeriu Dumbledore. — E se os teus apoiantes tiverem sido detidos pela minha guarda? Como decerto já compreendeste, esta noite, também cá estão membros da Ordem da Fénix. E, afinal de contas, não precisas de ajuda... de momento, não tenho varinha... não me posso defender.

Malfoy limitou-se a olhá-lo.

— Compreendo — disse Dumbledore com amabilidade, ao ver que Malfoy não falava nem se mexia. — Tens medo de agir antes de eles se te juntarem.

— Não tenho medo — vociferou Malfoy, embora continuasse sem fazer qualquer gesto para magoar Dumbledore. — O senhor é que devia ter medo!

— Mas porquê? Não creio que me mates, Draco. Matar não é assim tão fácil como pensam os inocentes... Portanto, diz-me lá, enquanto esperamos pelos teus amigos... como é que os enfiaste cá dentro? Parece que precisaste de muito tempo para perceber como fazê-lo.

Parecia que Malfoy lutava contra a vontade de gritar ou de vomitar. Engoliu em seco e inspirou fundo várias vezes, olhando, furioso, para Dumbledore e apontando a varinha directamente ao coração do director. Então, como se não aguentasse mais, declarou:

— Tive de arranjar o Armário de Desaparição avariado que não era usado há anos. Aquele em que o Montague se perdeu no ano passado.

— Aaaah!

A exclamação de Dumbledore soou como um gemido e ele fechou momentaneamente os olhos.

— Muito bem visto... deduzo que sejam um par, não é?

— O outro está na Borgin e Burkes — esclareceu Malfoy. — Há uma espécie de passagem entre ambos. O Montague contou-me que, quando foi enfiado no de Hogwarts, ficou encurralado no limbo, mas que por vezes ouvia o que se passava na escola e, outras vezes, o que se passava na loja, como se o Armário viajasse entre estes dois locais, mas não conseguia que ninguém o ouvisse... Acabou por conseguir Aparecer, apesar de nunca ter passado no exame. Quase morreu. Toda a gente pensou que era uma história incrível, mas eu fui o único a compreender o seu verdadeiro significado. Nem mesmo o Borgin sabia! Fui eu quem percebi que podia haver uma forma de entrar em Hogwarts através dos Armários, se eu arranjasse o que estava avariado.

— Excelente! — murmurou Dumbledore. — Portanto, os Devoradores da Morte conseguiram passar da Borgin e Burkes para a escola para te ajudar, mesmo debaixo do meu nariz...

— Pois foi — disse Malfoy que, estranhamente, parecia tirar coragem e alento dos elogios de Dumbledore. — Foi excelente.

— Mas houve momentos — prosseguiu Dumbledore —, não foi, em que não tinhas a certeza de seres capaz de arranjar o Armário? E recorreste a medidas toscas e precipitadas, como enviar-me um colar amaldiçoado que

quase de certeza iria cair nas mãos erradas... e envenenares uma garrafa de *mead* que só com muita dificuldade eu viria a beber...

— Bem, pois, e o senhor continuou sem perceber quem estava por detrás de tudo isso, não foi? — zombou Malfoy, enquanto Dumbledore escorregava mais um pouco pela parede, aparentemente perdendo força nas pernas. Harry lutou em vão e em silêncio contra o encantamento que o prendia.

— Na verdade, sabia muito bem — revelou Dumbledore. — Tinha a certeza de que eras tu.

— Então, por que é que não me impediu? — quis saber Malfoy.

— Tentei, Draco. O professor Snape tem andado a vigiar-te sob as minhas ordens...

— Ele não obedece às *suas* ordens, ele prometeu à minha mãe...

— É claro que ele te diria exactamente isso, Draco, mas...

— Ele é um agente duplo, seu velho estúpido, não trabalha para si, mas você pensa que sim!

— Quanto a isso, temos de concordar em discordar, Draco. Acontece que eu confio no Professor Snape...

— Bom, então, está a perder qualidades! — riu-se Malfoy com desdém. — Ele tem-me oferecido montes de ajuda, mas queria a glória toda para ele... queria ver alguma acção... «Que andas a fazer? A ideia do colar foi tua? Foi uma estupidez, podia ter estragado tudo...» Mas eu não lhe contei o que andei a fazer na Sala das Necessidades; ele vai acordar amanhã, e estará tudo acabado, e ele deixará de ser o preferido do Senhor das Trevas, não será nada comparado comigo, nada!

— Muito gratificante — comentou Dumbledore suavemente. — É claro que todos gostamos que o nosso esforço seja recompensado, mas, seja como for, deves ter tido um cúmplice... alguém em Hogsmeade, alguém que conseguiu passar o colar à Katie... aaah...

Dumbledore fechou de novo os olhos e meneou a cabeça, como se estivesse prestes a adormecer.

— ... é claro... a Rosmerta. Há quanto tempo está ela sob a Maldição Imperius?

— Até que enfim que percebeu! — escarneceu Malfoy.

Ouviu-se outro grito vindo de baixo, muito mais alto que o anterior. Nervoso, Malfoy olhou de novo por cima do ombro e logo para Dumbledore, que prosseguiu:

— Portanto, a pobre da Rosmerta foi obrigada a estar à espreita na sua própria casa de banho e passar o colar ao primeiro aluno de Hogwarts que entrasse sozinho? E o *mead* envenenado... Bom, naturalmente, a Rosmerta

conseguiu envenená-lo antes de enviar a garrafa ao Slughorn, pensando que iria ser o meu presente de Natal... Sim, muito bem pensado... muito bem... É claro que não passaria pela cabeça do pobre Mr. Filch examinar uma garrafa da Rosmerta... Diz-me lá, como é que comunicavas com ela? Pensava que controlávamos todos os meios de comunicação de e para a escola.

— Moedas Encantadas — revelou Malfoy, como se algo o obrigasse a continuar a falar. A mão que empunhava a varinha tremia descontroladamente. — Eu tinha uma, e ela tinha outra, e, assim, podia mandar-lhe mensagens...

— Não foi esse o método de comunicação secreto que o grupo que se intitulava Exército de Dumbledore usou no ano passado? — indagou Dumbledore. O seu tom de voz era leve e conversador, mas Harry notou que escorregara mais um bocadinho pela parede, enquanto falava.

— Pois, tirei daí a ideia — revelou Malfoy com um sorriso de banda. — E a ideia de envenenar o *mead* foi a Sangue de Lama da Granger quem ma deu. Ouvi-a na biblioteca a dizer que o Filch não sabia reconhecer poções...

— Por favor, não uses essa palavra ofensiva na minha frente — pediu Dumbledore.

Malfoy soltou uma gargalhada desagradável.

— Preocupa-se com o facto de eu dizer «Sangue de Lama» quando estou prestes a matá-lo?

— Sim, preocupo — retorquiu Dumbledore, e Harry viu os seus pés escorregarem, enquanto lutava por se manter direito. — E quanto a estares prestes a matar-me, Draco, já tiveste bastante tempo. Estamos sozinhos, estou indefeso, algo que nunca sonhaste poder acontecer e, porém, ainda não agiste...

A boca de Malfoy contorceu-se involuntariamente, como se tivesse provado algo muito amargo.

— Bem, quanto a esta noite — prosseguiu Dumbledore —, sabias que eu tinha saído da escola? Está claro que sabias — declarou, respondendo à sua própria pergunta. — A Rosmerta viu-me partir e deu-te certamente a dica, usando as tais moedas engenhosas.

— Exactamente — retorquiu Malfoy. — Mas disse que o senhor ia só tomar uma bebida, que ia voltar...

— Bem, de facto tomei mesmo uma bebida... e voltei... de certa maneira — balbuciou Dumbledore. — E, portanto, decidiste estender-me uma armadilha?

— Decidimos pôr a Marca Negra sobre a Torre para que se apressasse a

cá vir, a fim de saber quem morrera — revelou Malfoy. — E funcionou!

— Bem... sim e não... — contrapôs Dumbledore. — Portanto, devo concluir que ninguém foi assassinado?

— Morreu alguém — afirmou Malfoy, e a sua voz pareceu subir uma oitava. — Um dos seus... não sei quem, estava escuro... passei por cima do corpo... Devia esperar aqui em cima pelo seu regresso, só que a malta da Fénix meteu-se de permeio...

— Sim, é uma mania que eles têm — ironizou Dumbledore.

Ouviu-se um estrondo e gritos vindos de baixo, mais altos que nunca. Parecia que havia luta na própria escadaria que levava ao local onde se encontravam Dumbledore, Malfoy e Harry. O coração de Harry martelava, silencioso, no seu peito invisível... morrera alguém... Malfoy passara por cima do corpo... mas quem seria?

— Seja como for, temos pouco tempo — disse Dumbledore. — Portanto, é melhor discutir as tuas opções, Draco.

— As *minhas* opções? — repetiu Malfoy muito alto. — Eu estou aqui com uma varinha... prestes a matá-lo...

— Meu querido rapaz, quanto a isso, é melhor deixarmo-nos de fingimentos. Se me fosses, de facto, matar, tê-lo-ias feito logo quando me Desarmaste, não te terias detido para termos esta agradável conversa sobre meios e fins.

— Eu não tenho opções! — bradou Malfoy, subitamente tão pálido como Dumbledore. — Tenho de o fazer! Ele mata-me! Mata a minha família toda!

— Compreendo a delicadeza da tua posição — disse Dumbledore. — Por que outro motivo pensas que ainda não te tinha confrontado? Porque sabia que terias sido assassinado, se Lord Voldemort percebesse que eu suspeitava de ti.

Perante o som daquele nome, Malfoy encolheu-se.

— Não me atrevi a falar-te da missão que sabia que te fora confiada, caso ele usasse Legilimancia contra ti — prosseguiu Dumbledore. — Mas agora podemos, por fim, falar com clareza... não aconteceu nada de mau, não feriste ninguém, embora tenhas muita sorte pelo facto de as tuas vítimas involuntárias terem sobrevivido... Eu posso ajudar-te, Draco.

— Não, não pode — contrapôs Malfoy, a mão da varinha a tremer violentamente. — Ninguém pode. Ele ordenou-me que o fizesse, ou mata-me. Não tenho opção.

— Vem para o lado dos bons, Draco, e podemos esconder-te totalmente. E o que é mais, posso mandar membros da Ordem ainda esta noite à tua mãe e escondê-la também. De momento, o teu pai está seguro em

Azkaban... Quando chegar a altura, poderemos também protegê-lo... vem para o nosso lado, Draco, não és um assassino...

Malfoy ficou a olhar para Dumbledore, espantado.

— Mas eu cheguei até aqui, não cheguei? — perguntou devagar. — Pensavam que eu ia morrer a tentar, mas aqui estou eu... E o senhor está sob o meu poder... Eu é que tenho varinha... Está à minha mercê...

— Não, Draco — contrapôs Dumbledore baixinho. — O que interessa neste momento é a minha mercê e não a tua.

Malfoy não respondeu. Tinha a boca aberta, a mão da varinha ainda a tremer. Harry pensou tê-lo visto baixá-la ligeiramente.

De súbito, porém, passos estrondosos ecoaram pela escada acima e, um segundo mais tarde, Malfoy foi empurrado, enquanto quatro pessoas de vestes negras irromperam pela porta para o interior da fortificação. Continuando paralisado, Harry mirou sem pestanejar, horrorizado, os quatro estranhos. Ao que tudo indicava, os Devoradores da Morte haviam ganho a luta.

Um velho enrugado com um estranho olhar enviesado soltou uma gargalhadinha ofegante.

— O Dumbledore está encurralado! — exclamou, enquanto se voltava para uma mulher baixa e atarracada que podia ser sua irmã e que sorria avidamente. — O Dumbledore perdeu a varinha! O Dumbledore está sozinho! Bom trabalho, Draco, bom trabalho!

— Boa noite, Amycus — cumprimentou-o o director calmamente, como se o estivesse a receber numa festa. — E também trouxeste a Alecto... que maravilha...

A mulher soltou um riso sufocado.

— Com que então, pensas que as tuas piadinhas te vão ajudar na hora da tua morte? — zombou ela.

— Piadinhas? Não, não, trata-se de boas maneiras — retorquiu Dumbledore.

— Fá-lo! — disse o estranho que se encontrava mais perto de Harry, um homem esguio de cabelo cinzento empastado e patilhas, cujas vestes negras de Devorador da Morte pareciam estar-lhe desconfortavelmente apertadas. Harry nunca tinha ouvido uma voz assim, a lembrar um latido áspero. Chegou-lhe às narinas um forte odor, misto de sujidade, suor e, sem qualquer dúvida, sangue. As mãos nojentas tinham longas unhas amareladas.

— És tu, Fenrir? — perguntou Dumbledore.

— Eu mesmo — respondeu o outro na sua voz desagradável. — Estás contente por me ver, Dumbledore?

— Não, receio bem que não...

Fenrir Greyback sorriu, mostrando os seus dentes pontiagudos. Do queixo escorria-lhe sangue e lambeu lentamente os lábios de uma forma quase obscena.

— Sabes bem como eu gosto de miúdos, Dumbledore.

— Devo concluir que tu agora atacas mesmo sem Lua cheia? É muito invulgar... desenvolveste um gosto por carne humana que já não pode ser satisfeito uma vez por mês?

— Exactamente — confirmou Greyback. — Ficas chocado, não ficas, Dumbledore. Assusta-te, não é?

— Bem, não posso fingir que não me deixa um pouco enojado — admitiu Dumbledore. — E é verdade que me choca por o Draco te ter convidado, logo a ti, para vir à escola onde vivem os amigos dele...

— Não fui eu — arfou Malfoy, sem olhar para Greyback. Parecia nem sequer ter vontade de o ver. — Não sabia que ele vinha...

— Nunca perderia uma viagensinha a Hogwarts, Dumbledore — arquejou Greyback. — Aqui, onde há tantas gargantazinhas à espera de serem rasgadas... Que delícia, que maravilha...

E, erguendo uma das suas unhas amareladas, limpou os dentes da frente, olhando de soslaio para Dumbledore.

— Tu podias servir de sobremesa.

— Não — contrapôs o quarto Devorador da Morte em tom brusco. Tinha um rosto de aspecto brutal. — Temos ordens. O Draco tem de o fazer. Já, Draco, despacha-te.

Malfoy revelava ainda menos determinação que anteriormente. Parecia aterrorizado ao olhar o rosto de Dumbledore, que estava ainda mais pálido e mais abaixo que em circunstâncias normais, pois escorregara imenso pela parede da torre.

— Se me perguntarem, ele já não dura muito! — opinou o homem de rosto retorcido, secundado pelas gargalhadinhas fungosas da irmã. — Olhem para ele... Que foi que te aconteceu, Dumbledore?

— Oh, resistência enfraquecida, reflexos mais lentos — disse Dumbledore. — Em resumo, velhice... Talvez também te venha a acontecer a ti um destes dias... se tiveres sorte.

— Que quer isso dizer, que queres dizer com isso? — gritou o Devorador da Morte, subitamente violento. — És sempre o mesmo, não és, Dumby, sempre a falar e não fazes nada, nada. Nem sequer percebo por que é que o Senhor das Trevas se dá ao trabalho de te matar. Vá lá, Draco, despacha-te!

Nesse momento, porém, ouviram-se de novo sons de refrega vindos lá de

baixo e uma voz gritou:

— *Eles bloquearam as escadas... reducto! REDUCTO!*

O coração de Harry deu um pulo. Então, aqueles quatro não haviam eliminado toda a oposição, tendo apenas conseguido escapar e subido à Torre e, ao que parecia, tinham criado uma barreira atrás deles...

— Já, Draco, despacha-te! — ordenou o homem de rosto brutal, irado.

Mas a mão de Malfoy tremia de tal forma que mal conseguia fazer pontaria.

— Eu faço-o — rosnou Greyback, avançando para Dumbledore com as mãos estendidas e os dentes à mostra.

— Já disse que não! — berrou o outro. Viu-se um clarão, e o lobisomem foi afastado do caminho. Bateu contra as paredes da torre e cambaleou, com um ar furibundo. O coração de Harry pulsava com tanta força que parecia impossível não o ouvirem ali mesmo, aprisionado pelo feitiço de Dumbledore... se, ao menos, se conseguisse mexer, podia lançar uma maldição por baixo do Manto.

— Draco, fá-lo ou afasta-te para que um de nós... — guinchou a mulher. Mas nesse preciso momento, a porta da torre escancarou-se de novo e ali estava Snape, empunhando a varinha, enquanto os seus olhos negros varriam a cena, desde Dumbledore, caído junto à parede, até aos quatro Devoradores da Morte, incluindo o enraivecido lobisomem e Draco.

— Temos um problema, Snape — informou-o Amycus, o das rugas, cujo olhar e a varinha se fixavam sobre Dumbledore. — Parece que o rapaz não é capaz...

Outra pessoa, porém, pronunciara muito baixinho o nome de Snape.

— Severus...

Aquele som assustou Harry mais do que tudo o que vivera naquela noite. Pela primeira vez, Dumbledore implorava.

Snape não disse nada, mas avançou e afastou Malfoy do caminho sem cerimónias. Os três Devoradores da Morte recuaram sem uma palavra. Até o lobisomem pareceu intimidado.

Snape mirou Dumbledore por um momento, a aversão e o ódio gravados nas linhas duras do seu rosto.

— Severus... por favor...

Snape ergueu a varinha e apontou-a directamente a Dumbledore.

— *Avada Kedavra!*

Um raio de luz verde saltou da extremidade da varinha de Snape e atingiu Dumbledore em cheio no peito. O grito de horror de Harry nunca se ouviu; silenciado e imobilizado, foi obrigado a ver Dumbledore ser atirado ao ar. Por uma fracção de segundo, parecia ter ficado suspenso por baixo da

caveira cintilante, mas logo a seguir caiu lentamente para trás, como uma grande boneca de trapos, para lá das ameias e desapareceu.

XXVIII

A FUGA DO PRÍNCIPE

Harry sentiu como se também ele tivesse sido projectado pelos ares. *Não aconteceu... não podia ter acontecido.*

— Vamos embora daqui, depressa — ordenou Snape.

Agarrou Malfoy pelo cachaço e obrigou-o a passar a porta à frente dos outros. Seguiram-se Greyback e os dois irmãos atarracados; a mulher arfava, muito excitada. Assim que desapareceram, Harry deu-se conta de que já conseguia mexer-se. O que agora o pregava à parede não era magia, mas horror e choque. Atirou para o lado o Manto da Invisibilidade no momento em que o Devorador da Morte de rosto brutal, o último a sair da Torre, desaparecia pela porta.

— *Petrificus Totalus!*

O Devorador da Morte torceu-se como se tivesse sido atingido nas costas por um objecto sólido e caiu no chão, rígido como um molde de cera. Ainda mal batera no chão, e já Harry passava por cima dele e descia, a correr, a escada às escuras.

O terror despedaçava-lhe o coração... Tinha de ir ter com Dumbledore e tinha de apanhar Snape... As duas coisas estavam intrinsecamente ligadas... Poderia inverter o que acontecera, se os conseguisse juntar a ambos... Dumbledore não podia ter morrido...

Saltou os últimos dez degraus da escada em caracol e parou onde aterrou, de varinha erguida: o corredor pouco iluminado estava cheio de pó. Parecia que caíra metade do tecto e, à sua frente, travava-se ainda uma batalha, mas quando tentava distinguir quem lutava contra quem, ouviu a voz odiada gritar: «*Acabou, temos de ir!*» e viu Snape desaparecer na esquina ao fundo do corredor. Aparentemente, ele e Malfoy haviam aberto caminho pelo meio da luta, ilesos. Ao mergulhar atrás deles, um dos contendores destacou-se da refrega e voou para ele: era Greyback, o lobisomem, que lhe caíra em cima, antes de ter tido tempo de erguer a

varinha. Harry cambaleou, sentindo no rosto os cabelos nojentos e empastados, enquanto o fedor a suor e sangue lhe enchia as narinas e a boca e um bafo quente e ávido lhe afluía a garganta.

— *Petrificus Totalus!*

Harry sentiu Greyback tombar contra si e, com um esforço imenso, empurrou o lobisomem para o chão, no momento em que um raio de luz verde voava na sua direcção. Baixou-se e correu a direito para o centro da luta. Os seus pés encontraram uma substância húmida e escorregadia, e tropeçou. Havia dois corpos caídos, com a cara numa poça de sangue, mas não tinha tempo para investigar. Na sua frente, avistou uma cabeleira ruiva a voar como uma labareda. Ginny travava uma luta mortal com o Devorador da Morte enrugado, Amycus, que lhe atirava feitiços uns a seguir aos outros, enquanto ela se esquivava. Amycus dava gargalhadinhas, divertindo-se com a cena:

— *Crucio... Crucio...* Não podes dançar eternamente, minha linda...

— *Impedimenta!* — berrou Harry.

O seu feitiço atingiu Amycus no peito. O homem lançou um guincho de dor, qual porco em agonia, o corpo ergueu-se do chão e foi abater-se contra a parede do outro lado, escorregou e desapareceu por trás de Ron, da Professora McGonagall e de Lupin, cada um dos quais lutava contra um Devorador da Morte. Para além deles, Harry viu Tonks a combater um enorme feiticeiro loiro que lançava maldições em todas as direcções e que faziam ricochete nas paredes, rachavam a pedra e destruíram a janela mais próxima.

— Harry, como é que apareceste aqui? — gritou-lhe Ginny, mas não havia tempo para lhe responder. Baixou a cabeça e correu para a frente, escapando por um triz a uma explosão sobre a sua cabeça, que os cobriu de pedacinhos de parede. Snape não podia escapar, tinha de apanhar Snape...

— Toma lá! — gritou a Professora McGonagall, e Harry avistou a Devoradora da Morte, Alecto, a fugir pelo corredor com as mãos sobre a cabeça, seguida de perto pelo irmão. Harry precipitou-se atrás deles, mas prendeu o pé em qualquer coisa e, sem saber como, viu-se caído sobre as pernas de alguém. Olhando em volta, deparou-se com o rosto pálido e redondo de Neville de chapa no chão.

— Neville, estás...?

— ‘Tou bem — balbuciou Neville, agarrado ao estômago. — Harry... o Snape e o Malfoy... passaram a correr...

— Eu sei, vou atrás deles! — disse Harry, lançando do chão um feitiço contra o enorme Devorador da Morte loiro que era quem causava grande parte do caos. O homem soltou um uivo de dor, quando foi atingido na

cara. Deu meia-volta, cambaleou e seguiu o caminho dos dois irmãos em grandes passadas.

Harry levantou-se a custo e disparou pelo corredor, ignorando os estrondos que vinham de trás, os gritos dos outros para que voltasse e o apelo mudo das figuras que jaziam no chão e cuja sorte desconhecia.

Patinou em redor da esquina, os ténis escorregadios devido ao sangue. Snape levava-lhe um avanço enorme... Seria possível que já tivesse entrado no Armário na Sala das Necessidades, ou teria a Ordem tomado medidas para o trancar, impedindo que os Devoradores da Morte fugissem por aí? Ouvia apenas o bater dos seus próprios pés, as marteladas do coração, enquanto corria desesperadamente ao longo do corredor seguinte, vazio. Então, avistou uma pegada sangrenta que mostrava que pelo menos um dos fugitivos se dirigia às portas da frente... talvez a Sala das Necessidades estivesse, de facto, bloqueada...

Dobrou mais outra esquina a patinar e sentiu uma maldição passar-lhe rente. Agachou-se por detrás de uma armadura que explodiu. Avistou os dois irmãos Devoradores da Morte a correr pela escadaria de mármore abaixo e lançou-lhes vários feitiços, mas atingiu apenas um grupo de feiticeiras de peruca de um dos retratos do patamar, que fugiram, aos guinchos, para o retrato do lado. Ao saltar sobre os destroços da armadura, Harry ouviu mais brados e gritos; parecia que mais gente no castelo havia acordado.

Acelerou para um atalho, na esperança de ultrapassar os irmãos e de se aproximar de Snape e Malfoy, que certamente já haviam chegado aos jardins. Lembrando-se de evitar o degrau falso a meio da escada secreta, saiu de rompante por uma tapeçaria, indo dar a um corredor do fundo, onde se aglomeravam vários espantados Hufflepuffs, em pijama.

— Harry! Ouvimos barulho, e houve alguém que disse qualquer coisa sobre a Marca Negra... — principiou Ernie Macmillan.

— Afasta-te! — berrou Harry, derrubando dois rapazes, enquanto corria desesperadamente para o patamar e descia os últimos degraus da escadaria. As grandes portas de carvalho haviam sido escancaradas por uma explosão e viam-se rastos de sangue nas lajes. Vários alunos amontoavam-se, aterrorizados, junto às paredes, um ou dois ainda cobrindo a cabeça com os braços. A enorme ampulheta dos Gryffindor fora atingida por uma maldição, e os rubis caíam ainda do seu interior, retinindo nas lajes.

Harry atravessou o *Hall* de Entrada a voar e saiu para a escuridão. Distinguia com dificuldade três figuras que corriam pelo relvado, em direcção aos portões, para além dos quais já podiam Desaparecer. Pelo que lhe parecia, era o Devorador da Morte grandalhão e, um pouco mais à

frente, Snape e Malfoy...

O ar frio da noite dilacerava-lhe os pulmões, enquanto os perseguia. Ao longe, viu um clarão que iluminou por instantes a sua presa. Não percebeu o que era, mas continuou a correr, pois não estava suficientemente perto para lhes apontar uma maldição.

Mais outro clarão, gritos, raios de luz em retaliação, e Harry compreendeu: Hagrid saíra da sua cabana e tentava deter os Devoradores da Morte em fuga; embora cada inspiração parecesse despedaçar-lhe os pulmões e a pontada no peito o queimasse como fogo, Harry acelerou, enquanto, na sua cabeça, uma voz intrometida lhe dizia: *o Hagrid não... o Hagrid também, não...*

Houve algo que o atingiu na nuca e o fez cair de bruços, batendo de cara no chão e começando a jorrar sangue do nariz. Percebeu, ainda a rolar e de varinha em riste, que os irmãos que ele ultrapassara devido ao atalho se aproximavam por detrás...

— *Impedimenta!* — gritou, voltando a rebolar e agachando-se, quase colado ao solo pardo. Como que por milagre, o seu feitiço atingiu um deles, que fez tropeçar o outro. Harry pôs-se de pé num salto e acelerou atrás de Snape...

Avistou, então, o enorme perfil de Hagrid, iluminado pela luz do quarto crescente, que aparecera de súbito de detrás das nuvens. O Devorador da Morte loiro lançava maldições sem fim ao guarda dos campos, mas a imensa força de Hagrid e a pele dura que herdara da mãe gigante pareciam protegê-lo. Snape e Malfoy, porém, continuavam a correr e em breve passariam os portões e poderiam Desaparecer...

Harry ultrapassou Hagrid e o adversário num repente, fez pontaria às costas de Snape e gritou:

— *Atordoar!*

Falhou. O raio de luz vermelha passou por cima da cabeça de Snape, o qual gritou «*Foge, Draco*», virando-se de seguida. A vinte metros de distância, ele e Harry olharam-se nos olhos e ergueram as varinhas ao mesmo tempo.

— *Cruc...*

Snape, porém, esquivou-se e fez com que Harry caísse para trás antes de ter tempo de completar a maldição. Harry rebolou e pôs-se novamente de pé, no momento em que o Devorador da Morte grandalhão berrava «*Incendio!*». Harry ouviu um estouro enorme e uma luz alaranjada espalhou-se sobre todos: a cabana de Hagrid irrompera em chamas.

— *O Fang* 'tá lá dentro, seu mald...! — berrou Hagrid.

— *Cruc...* — gritou Harry pela segunda vez, fazendo pontaria à figura à

sua frente, iluminada pelas chamas ondulantes, mas Snape voltou a bloquear o feitiço. Harry viu o seu riso de escárnio.

— Nada de Maldições Imperdoáveis vindas de ti, Potter! — berrou sobre o rugir das chamas, os berros de Hagrid e os latidos enlouquecidos de *Fang*, aprisionado dentro da cabana. — Não tens nem a coragem, nem a capacidade...

— *Incarc...* — rosnou Harry, mas Snape desviou o feitiço com um gesto quase indolente do braço.

— Luta comigo! — gritou-lhe Harry. — Luta, seu covarde...

— Covarde? Chamaste-me covarde, Potter? — gritou por sua vez Snape. — O teu pai só atacava se fossem quatro contra um! Gostava de saber o que lhe chamarias.

— *Atord...*

— Bloqueio-te uma, e outra, e outra vez, até aprenderes a fechar a boca e a bloquear a mente, Potter — zombou Snape, desviando mais uma vez a maldição. — Tu aí, *vem!* — gritou para o Devorador da Morte grandalhão atrás de Harry. — Temos de ir, antes que o Ministério apareça...

— *Impedi...*

Mas antes de poder terminar a palavra, uma dor insuportável atingiu-o. Caiu para o lado, sobre a relva, alguém gritava, ia certamente morrer daquela agonia, Snape ia torturá-lo até à morte ou à loucura...

— Não! — rugiu a voz de Snape, e a dor parou tão subitamente como começara. Harry ficou enrolado no chão, agarrado à varinha, a arfar. Algures acima dele, Snape gritava:

— Esqueceram-se das ordens? O Potter pertence ao Senhor das Trevas... Temos de o deixar! Ide! Ide!

Harry sentiu o chão tremer sob o seu rosto, quando o Devorador da Morte grandalhão e os irmãos obedeceram e correram para os portões. Lançou um grito de raiva indistinto e, naquele momento, era-lhe indiferente viver ou morrer. Pondo-se novamente em pé, cambaleou às cegas em direcção a Snape, o homem a quem odiava tanto como ao próprio Voldemort.

— *Sectum...*

Snape agitou a varinha, e a maldição foi de novo repelida, mas Harry estava agora muito perto e via, por fim, o rosto do professor claramente. Já não zombava, nem escarnecia: as chamas escaldantes revelaram-lhe um rosto repleto de raiva. Chamando a si todo o seu poder de concentração, Harry pensou «*Levi...*»

— Não, Potter! — gritou Snape. Ouviu-se um grande estrondo, e Harry saltou para trás, voltando a cair no chão violentamente; desta vez, a varinha

fugiu-lhe da mão. Ouviu os gritos de Hagrid e os uivos de *Fang* no momento em que Snape se acercou e olhou para ele, ali deitado, sem varinha, indefeso, tal como Dumbledore. O rosto pálido de Snape, iluminado pela cabana em chamas, tresandava ódio, tal como no momento em que amaldiçoara Dumbledore.

— Atreves-te a usar os meus próprios feitiços contra mim, Potter? Fui eu quem os inventou... eu, o Príncipe Meio-Sangue! E querias virar os meus inventos contra mim, tal como o nojento do teu pai, não era? Não creio... não!

Harry precipitara-se sobre a sua varinha, mas Snape lançou-lhe um feitiço e ela voou para mais longe, desaparecendo de vista na escuridão.

— Mate-me, então — arfou Harry, sem qualquer sensação de medo. Apenas sentia raiva e desprezo. — Mate-me como o matou a ele, seu cobarde...

— NÃO... — berrou Snape, o rosto subitamente enlouquecido, desumano, como se sofresse uma dor igual à do cão que uivava e ladrava, preso na cabana em chamas — ME CHAMES COBARDE!

E ceifou o ar com a varinha. Harry sentiu uma chicoteada quente como brasas atingi-lo no rosto e foi de novo lançado para trás, caindo no chão. Pontinhos de luz dançavam-lhe defronte dos olhos e, por um momento, pareceu ter ficado sem fôlego; em seguida, ouviu um roçar de asas e algo enorme obscureceu as estrelas: *Buckbeak* voara sobre Snape, que cambaleou para trás, enquanto as garras afiadas como lâminas o dilaceravam. Enquanto Harry se sentava, a cabeça ainda estonteada devido à última pancada contra o solo, viu Snape a correr desvairadamente, a enorme besta voluteando atrás dele e guinchando como Harry não se lembrava de ouvir.

Harry pôs-se de pé aos tombos, olhou em redor a cambalear, em busca da varinha, ainda na esperança de continuar a perseguição, mas enquanto procurava na relva, afastando os ramos secos, percebeu que era demasiado tarde. E, de facto, quando localizou a varinha, virou-se e viu o hipogrifo a sobrevoar os portões: Snape conseguira Desaparecer logo a seguir ao limite da escola.

— Hagrid — balbuciou Harry, ainda confuso, olhando em redor. — HAGRID?

Encaminhou-se aos tropeções para a cabana que ardia, no momento em que uma figura enorme saía das chamas, transportando *Fang* aos ombros. Com um grito de agradecimento, Harry deixou-se cair de joelhos. Tremia que nem varas verdes, doía-lhe o corpo todo e respirava a custo.

— ‘Tás bem, Harry? ‘Tás bem? Fala comigo, Harry...

O enorme rosto barbudo de Hagrid flutuava acima dele, encobrindo as estrelas. Chegava-lhe o cheiro a madeira queimada e pêlo de cão chamuscado. Estendeu uma mão e sentiu o corpo de *Fang* a seu lado, trémulo, mas, para seu grande alívio, ainda quente.

— Eu estou bem — arquejou Harry. — E tu?

— 'Tá claro que sim... é preciso mais qu'aquilo p'r'acabar comigo.

Hagrid passou as mãos sob os braços de Harry e levantou-o com tal força que os seus pés se ergueram do chão antes de Hagrid o voltar a largar. De um golpe fundo debaixo de um olho, que inchava rapidamente, saía sangue que escorria pela face de Hagrid.

— Devíamos apagar o fogo da tua casa — lembrou Harry. — O encantamento *Aguamenti*...

— Sabia qu'era uma cois' assim — resmungou Hagrid, erguendo uma sombrinha às flores cor-de-rosa bastante chamuscada. Depois disse: — *Aguamenti!*

Um jacto de água saltou da ponta da sombrinha. Harry levantou o braço com a varinha, que mais parecia chumbo, e murmurou igualmente «*Aguamenti*»; juntos, ele e Hagrid deitaram água sobre a cabana até extinguirem as últimas chamas.

— Nã' foi tã' mau com' isso — disse Hagrid, animado, passados alguns minutos, olhando as ruínas fumegantes. — Nada qu'o Dumbledore nã' consiga arranjar...

Harry sentiu uma dor lancinante no estômago ao ouvir aquele nome. No silêncio e quietude da noite, o pavor apoderou-se de novo dele.

— Hagrid...

— Eu 'tava a atar umas q'antas pernas de bodigaiais q'ando os ouvi — explicou Hagrid tristemente, continuando a olhar a sua cabana desfeita. — Devem ter ficado feitos em carvão, pobrezinhos...

— Hagrid...

— Qu'é qu'aconteceu, Harry? Só vi os tais dos Devoradores da Morte a correr, vindos do castelo, mas que raio é qu' o Snape fazia com eles? Aonde é qu' ele foi? Ia atrás deles?

— Ele... — Harry clareou a garganta, seca devido ao pânico e ao fumo.

— Hagrid, ele matou...

— Matou? — repetiu Hagrid sonoramente, olhando para Harry. — O Snape matou? Que queres tu d'zer co'isso, Harry?

— O Dumbledore — disse Harry. — O Snape matou... o Dumbledore.

Hagrid limitou-se a olhar para ele, a pequena porção visível do seu rosto revelando total incompreensão.

— O Dumbledore o quê, Harry?

— Morreu. O Snape matou-o...

— Não digas isso — ordenou Hagrid em voz rouca. — O Snape matar o Dumbledore...? Não seja parvo, Harry. Por qu'ê que dizes isso?

— Eu vi.

— Não pode ser.

— Eu vi, Hagrid.

Hagrid abanou a cabeça. Tinha uma expressão de descrença, mas simultaneamente compreensiva, e Harry percebeu que Hagrid pensava que ele tinha levado uma pancada na cabeça, que estava confuso, talvez devido aos efeitos de um feitiço...

— O que deve ter acontecido é qu'o Dumbledore deve ter dito ao Snape p'ra ir co's tais dos Devoradores da Morte — concluiu Hagrid cheio de confiança. — Suponho qu'ele tem de manter o disfarce. Olha, vamos lá levar-te p'ra escola. Anda, Harry...

Harry não tentou discutir nem explicar. Continuava a tremer descontroladamente. Hagrid em breve descobriria, demasiado depressa... Enquanto dirigiam os seus passos de regresso ao castelo, Harry notou que havia luz em muitas janelas. Conseguia imaginar claramente as cenas lá dentro, com gente a andar de quarto em quarto, contando umas às outras que um grupo de Devoradores da Morte tinha conseguido entrar, que a Marca brilhava sobre Hogwarts, que alguém devia ter morrido...

À sua frente, as portas de carvalho estavam abertas, e a luz inundava o caminho e o relvado. Lentamente, indecisas, pessoas de roupão desciam os degraus, olhando em volta, nervosas, em busca de sinais dos Devoradores da Morte que haviam desaparecido na noite. O olhar de Harry, porém, fixou-se no chão, aos pés da torre mais alta. Imaginou que via um amontoado escuro jazendo na relva, embora estivesse, na verdade, demasiado longe para distinguir fosse o que fosse. Contudo, enquanto olhava, mudo, para o local onde imaginava que devia estar o corpo de Dumbledore, viu pessoas que começavam a encaminhar-se para lá.

— P'ra ond' é que 'tão todos a olhar? — perguntou Hagrid, à medida que ambos se aproximavam do castelo, com *Fang* mantendo-se tão perto deles quanto possível. — Qu'ê aquilo ali na relva? — acrescentou bruscamente, começando a dirigir-se para a base da Torre de Astronomia, onde se juntava já uma pequena multidão. — 'Tás a ver, Harry? Ali mêmo aos pés da Torre? Debaixo do sítio onde a Marca... achas qu' alguém foi atirado...?

Hagrid calou-se, incapaz de exprimir em voz alta o horrível pressentimento que o invadiu. Harry continuou a caminhar a seu lado, sentindo dores na cara e nas pernas, onde os diversos feitiços da última

meia hora o tinham atingido, mas de uma forma indiferente, como se alguém a seu lado as sofresse e não ele. A realidade inevitável era aquela sensação de opressão no peito...

Hagrid e ele passaram, como num sonho, por entre a multidão que murmurava, até à frente, onde os alunos e professores, atónitos, haviam aberto um espaço.

Harry ouviu o gemido de dor e de choque vindo de Hagrid, mas não se deteve. Avançou lentamente até chegar ao local onde Dumbledore jazia e agachou-se a seu lado.

Soubera, desde o momento em que o feitiço Ligadura Total do Corpo que Dumbledore lhe lançara se desvanecera, que não havia esperança, que aquilo só poder ia ter acontecido porque quem o lançara já morrera. No entanto, continuava a não estar preparado para o ver ali, de braços abertos, desfeito, o maior feiticeiro que Harry conhecera ou viria a conhecer.

Dumbledore tinha os olhos fechados e, não fora o ângulo estranho formado pelos braços e pelas pernas, podia estar a dormir. Harry estendeu a mão e endireitou os óculos em meia-lua sobre o nariz adunco e limpou uma gota de sangue da boca com a sua própria manga. Depois, contemplando o velho rosto sábio, tentou absorver a terrível verdade incompreensível: Dumbledore nunca mais falaria com ele, nunca mais o poderia ajudar...

A multidão murmurava atrás de si. Após o que lhe pareceu muito tempo, apercebeu-se de que estava ajoelhado sobre uma coisa dura e olhou para baixo.

O medalhão que tinham conseguido roubar havia já tantas horas caído do bolso de Dumbledore e abrira-se, talvez devido à força com que batera no chão. E, apesar de já não poder sentir mais choque, mais horror ou mais tristeza do que sentia, Harry soube, ao pegar-lhe, que algo estava mal...

Revirou o medalhão entre os dedos. Não era tão grande como aquele que se lembrava de ter visto no Pensatório, nem ostentava quaisquer marcas, nem sinais do S decorativo que seria supostamente a marca de Slytherin. Para além disso, não tinha nada lá dentro, excepto um fragmento de pergaminho dobrado, firmemente encaixado no local reservado à fotografia.

Automaticamente, sem sequer pensar no que estava a fazer, Harry tirou o pedaço de pergaminho, desdobrou-o e leu-o à luz das inúmeras varinhas que se haviam acendido atrás de si:

Ao Senhor das Trevas,

*Sei que terei morrido muito antes de lerdes isto, mas quero que saibais que
fui eu quem descobriu o vosso segredo.*

Roubei o Horcrux verdadeiro e tenciono destruí-lo assim que puder.

Enfrento a morte na esperança de que, quando vos defrontardes com o vosso igual, sejais de novo mortal.

R.A.B.

Harry não sabia, nem lhe interessava o que dizia a mensagem. Apenas uma coisa contava: aquilo não era um Horcrux. Dumbledore enfraquecera ao beber aquela terrível poção a troco de nada. Harry amarrotou o pergaminho, e os seus olhos encheram-se de lágrimas ardentes no momento em que, atrás de si, *Fang* começou a uivar.

XXIX

O LAMENTO DA FÉNIX

— Anda cá, Harry...

— Não.

— Nã' podes ficar aqui, Harry... vá, anda...

— Não.

Não queria deixar Dumbledore, não queria ir para outro sítio. No seu ombro, a mão de Hagrid tremia. Nesse momento, uma outra voz chamou-o:

— Harry, anda.

Uma mão muito mais pequena e mais quente fechara-se sobre a sua e puxava-o, e ele obedeceu àquela pressão inconscientemente. Só quando já passava de novo por entre a multidão, às cegas, é que compreendeu, sentindo no ar um leve aroma floral, que era Ginny quem o acompanhava de volta ao castelo. Vozes incompreensíveis magoavam-no, soluços, gritos e gemidos feriam a noite, mas Harry e Ginny continuaram a andar e subiram os degraus que levavam ao *Hall* de Entrada. Na periferia da sua visão, Harry distinguia rostos vagos, havia gente a mirá-lo, murmurando e interrogando-se e, no chão, os rubis dos Gryffindor cintilavam como gotas de sangue, à medida que se dirigiam à escadaria de mármore.

— Vamos para a enfermaria — disse Ginny.

— Não estou ferido — contrapôs Harry.

— São ordens da McGonagall — informou-o Ginny. — Estão todos lá em cima, o Ron, a Hermione, o Lupin, todos...

O medo agitou-se de novo no peito de Harry; esquecera-se dos corpos imóveis que deixara para trás.

— Ginny, quem mais é que morreu?

— Não te preocupes, nenhum de nós.

— Mas a Marca Negra... O Malfoy disse que tinha tropeçado num corpo...

— Tropeçou no Bill, mas não há nada, ele está vivo.

Harry notou, porém, algo na sua voz que só podia ser um mau agouro.

— Tens a certeza?

— É claro que sim... Ele está... um pouco escalavrado, mais nada. O Greyback atacou-o. A Madame Pomfrey diz que ele não... não volta a ter o mesmo aspecto... — A voz de Ginny tremeu um pouco. — Não sabemos bem quais são os efeitos secundários... Quer dizer, por o Greyback ser lobisomem, mas não estar transformado naquela altura.

— Mas os outros, havia outros corpos no chão...

— O Neville está na enfermaria, mas a Madame Pomfrey acha que fica totalmente bom e puseram o Professor Flitwick sem sentidos, mas está bem, só um pouco abalado. Insistiu em ir tomar conta dos Ravenclaw. E morreu um Devorador da Morte, atingido por uma Maldição de Morte que o grandalhão louro atirava para todo o lado... Harry, se não tivéssemos a tua Felix, acho que teríamos morrido todos, mas parecia que nada nos acertava...

Tinham chegado à enfermaria. Empurrando a porta, Harry viu Neville deitado numa cama perto da entrada, aparentemente a dormir. Ron, Hermione, Luna, Tonks e Lupin encontravam-se reunidos em redor de uma outra cama, ao fundo da sala. Ao ouvirem as portas abrirem-se, todos olharam, e Hermione correu para Harry e abraçou-o. Lupin dirigiu-se igualmente a ele, parecendo ansioso.

— Estás bem, Harry?

— Estou... como vai o Bill?

Ninguém lhe respondeu. Harry olhou por cima do ombro de Hermione e viu, sobre a almofada, um rosto irreconhecível, tão profundamente golpeado e estraçalhado que parecia grotesco. Madame Pomfrey limpava-lhe delicadamente as feridas com uma pomada verde com um cheiro desagradável, e Harry recordou-se de como Snape curara os ferimentos causados pelo Sectumsempra tão facilmente com a sua varinha.

— Não o podem tratar com um encantamento ou coisa assim? — perguntou à curandeira.

— Nisto não há encantamento que resulte — revelou Madame Pomfrey.

— Já experimentei tudo o que sei, mas não existe cura para a dentada de lobisomem.

— Mas ele não foi mordido na Lua cheia — observou Ron, que contemplava o rosto do irmão como se pudesse obrigá-lo a curar-se só de olhar para ele. — O Greyback não se tinha transformado, portanto de certeza o Bill não vai ser... um verdadeiro...

Ergueu o olhar duvidoso para Lupin.

— Não, também acho que o Bill não será um verdadeiro lobisomem —

concordou Lupin —, mas isso não quer dizer que não haja uma certa contaminação. Esses ferimentos são amaldiçoados. É pouco provável que venham a curar-se totalmente e... o Bill talvez venha a adquirir algumas características de lobo no futuro.

— Talvez o Dumbledore saiba de alguma coisa que dê resultado — alvitrou Ron. — Onde está ele? O Bill lutou contra aqueles maníacos por ordem dele, o Dumbledore está em dívida para com ele, não o pode deixar neste estado...

— Ron... o Dumbledore morreu — disse Ginny.

— Não! — Lupin olhou como louco de Ginny para Harry, na expectativa de que este a contradissesse, mas, como tal não sucedeu, deixou-se cair numa cadeira ao lado da cama de Bill, cobrindo o rosto com as mãos. Harry nunca havia visto Lupin perder o controlo e pareceu-lhe que se estava a intrometer em algo privado e indecoroso. Virou-se e deu de caras com Ron, trocando com ele um olhar silencioso que confirmava o que Ginny dissera.

— Como é que ele morreu? — indagou Tonks num murmúrio. — Como é que aconteceu?

— O Snape matou-o — declarou Harry. — Eu estava lá, eu vi. Ao regressarmos, aterrámos na Torre de Astronomia, que era onde estava a Marca... O Dumbledore vinha doente, estava fraco, mas creio que compreendeu que era uma armadilha ao ouvir passos que corriam pela escada acima. Imobilizou-me, não pude fazer nada, estava debaixo do Manto da Invisibilidade... e depois o Malfoy apareceu e Desarmou-o...

Hermione levou as mãos à boca, e Ron gemeu. A boca de Luna estremeceu.

— ... chegaram mais Devoradores da Morte... e depois o Snape... e foi o Snape quem o matou. Com a Avada Kedavra. — Harry não conseguiu continuar.

Madame Pomfrey rebentou em lágrimas, mas ninguém lhe prestou qualquer atenção, excepto Ginny, que sussurrou:

— Chiu, escute!

Engolindo em seco e de olhos esbugalhados, Madame Pomfrey tapou a boca com os dedos. Ao longe, na escuridão, uma fénix cantava como Harry nunca ouvira: um lamento magoado de uma extrema beleza. E Harry sentiu, como já lhe sucedera em relação ao canto da fénix, que a música vinha do seu âmago e não do exterior: era a sua própria dor que, transformada magicamente em ária, ecoava pelos jardins e entrava pelas janelas do castelo.

Não soube quanto tempo ali ficaram, a escutar, nem por que motivo o som do seu luto parecia aliviar-lhes um pouco a dor. Muito tempo depois,

ou assim parecia, a porta da enfermaria abriu-se de novo e a Professora McGonagall entrou. Como os restantes, ostentava marcas da batalha que travara, arranhões no rosto e as vestes rasgadas.

— A Molly e o Arthur vêm a caminho — anunciou, quebrando o feitiço da música. Todos despertaram como se saíssem de um transe, uns voltando-se de novo para Bill, outros esfregando os olhos ou abanando a cabeça.

— Harry, que aconteceu? Segundo o Hagrid, tu estavas com o Professor Dumbledore quando ele... quando aquilo aconteceu. Ele diz que o Professor Snape esteve envolvido até...

— O Snape matou o Dumbledore — afirmou Harry.

Ela fitou-o intensamente durante um momento e depois vacilou de forma alarmante. Madame Pomfrey, que parecia já recomposta, correu, fazendo aparecer uma cadeira do nada e empurrando-a para debaixo da professora.

— O Snape! — repetiu a professora McGonagall com voz fraca, deixando-se cair na cadeira. — Todos nós nos interrogávamos... Mas ele confiava... sempre... O *Snape*... Não posso acreditar...

— O Snape era um Occlumens muitíssimo competente — afirmou Lupin com uma dureza na voz muito pouco característica. — Sempre o soubemos.

— Mas o Dumbledore jurava que ele estava do nosso lado! — murmurou Tonks. — Sempre pensei que o Dumbledore devia saber alguma coisa do Snape que nós desconhecíamos...

— Sempre deu a entender que tinha uma razão fortíssima para confiar nele — balbuciou a Professora McGonagall, limpando os cantos dos olhos lacrimejantes com um lenço com um debrum axadrezado. — Quer dizer... com a história do Snape... era natural as pessoas interrogarem-se, claro... Mas o Dumbledore disse-me claramente que o arrependimento do Snape era absolutamente genuíno... Recusava-se a ouvir uma palavra que fosse contra ele!

— Adorava saber o que ele lhe terá contado para o convencer — adiantou Tonks.

— Eu sei — declarou Harry, fazendo com que todos se virassem para o olhar. — O Snape passou ao Voldemort a informação que lhe permitiu caçar o meu pai e a minha mãe. Depois, disse ao Dumbledore que não se apercebera do que fizera, que estava mesmo arrependido e que lamentava o facto de eles terem morrido.

— E o Dumbledore acreditou? — perguntou Lupin, incrédulo. — O Dumbledore acreditou que o Snape lamentava a morte do James? O Snape odiava o James...

— E também achava que a minha mãe não valia népia — acrescentou

Harry —, por ser de origem Muggle... chamava-lhe Sangue de Lama...

Ninguém lhe perguntou como soubera aquilo. Pareciam todos perdidos num choque pavoroso, enquanto tentavam digerir a verdade monstruosa do que tinha sucedido.

— A culpa é toda minha — declarou de súbito a Professora McGonagall. Parecia desorientada e torcia o lenço encharcado por entre os dedos. — Toda minha. Esta noite, fui eu quem mandou o Filius ir buscar o Snape. Fui quem o mandou chamar para nos vir ajudar! Se eu não tivesse alertado o Snape sobre o que se estava a passar, talvez nunca se tivesse juntado aos Devoradores da Morte. Creio que ele não sabia que cá estavam antes de o Filius lhe dizer, creio que não sabia da vinda deles...

— A culpa não é sua, Minerva — declarou Lupin com firmeza. — Nós precisávamos de ajuda e ficámos contentes ao saber que o Snape vinha a caminho...

— Portanto, quando ele chegou ao local da luta, juntou-se logo aos Devoradores da Morte? — perguntou Harry, que queria saber todos os pormenores da duplicidade e da infâmia de Snape. Furioso, queria coleccionar mais motivos para o odiar, para jurar vingança.

— Não sei como é que a coisa se passou — confessou a Professora McGonagall, perturbada. — Foi tudo muito confuso... O Dumbledore tinha-nos dito que ia sair da escola por algumas horas e que nós tínhamos de patrulhar os corredores por precaução... O Remus, o Bill e a Nymphadora juntar-se-nos-iam... E assim fizemos. Parecia tudo calmo. Todas as passagens secretas para fora da escola estavam vigiadas. Sabíamos que ninguém podia voar até cá e todas as entradas do castelo estavam protegidas por poderosos encantamentos. Continuo sem saber como é que os Devoradores da Morte conseguiram entrar...

— Eu sei — afirmou Harry de novo e explicou-lhes resumidamente a existência do par de Armários de Desaparição e o trilho mágico que formavam. — Portanto, entraram pela Sala das Necessidades.

Quase contra sua vontade, olhou de Ron para Hermione. Ambos se mostravam destroçados.

— Eu estraguei tudo, Harry — lamentou-se Ron tristemente. — Fizemos o que nos pediste, verificámos o Mapa dos Salteadores e não encontrámos o Malfoy e, portanto, pensámos que devia estar na Sala das Necessidades; eu, a Ginny e o Neville fomos para lá vigiar... mas o Malfoy conseguiu passar-nos a perna.

— Saiu da Sala das Necessidades aí uma hora depois de termos começado a vigilância — prosseguiu Ginny. — Vinha sozinho, segurando aquele horrível braço mirrado...

— A Mão da Glória — esclareceu Ron. — Só ilumina quem a segura, lembras-te?

— Seja como for — continuou Ginny —, ele devia ter verificado várias vezes se a costa estava livre para deixar sair os Devoradores da Morte, porque, assim que nos viu, atirou qualquer coisa ao ar e ficou tudo negro como breu...

— Escuridão Instantânea em Pó, do Peru — esclareceu Ron com amargura. — Da loja do Fred e do George. Vou dar-lhes uma palavrinha sobre que tipo de clientes é que têm.

— Tentámos tudo... *Lumos, Incendio* — disse Ginny. — Nada penetrava aquela escuridão. Lá conseguimos descobrir o caminho às apalpadelas para sair do corredor e, entretanto, fomos ouvindo pessoas a passar por nós numa correria. É claro que o Malfoy conseguia ver por causa da tal Mão e guiava-os, mas não nos atrevemos a usar maldições, não fôssemos atingirmo-nos a nós próprios. Quando chegámos a um corredor com luz, eles tinham desaparecido.

— Por sorte — interveio Lupin com voz rouca —, o Ron, a Ginny e o Neville deram de caras connosco quase imediatamente e contaram-nos o que acontecera. Descobrimos os Devoradores da Morte passados dez minutos; dirigiam-se à Torre de Astronomia. Era óbvio que o Malfoy não contara que houvesse mais gente de vigia, pelo menos já esgotara a sua provisão de Escuridão em Pó. Estalou uma luta, eles espalharam-se e nós perseguimo-los. Um deles, um tal Gibbon, adiantou-se e começou a subir as escadas da Torre...

— Para ir lançar a Marca? — perguntou Harry.

— Sim, deve ter sido ele, devem ter combinado isso antes de saírem da Sala das Necessidades — disse Lupin. — Mas acho que o Gibbon não gostou lá muito da ideia de ficar lá em cima sozinho à espera do Dumbledore, porque correu pela escada abaixo, e veio juntar-se à luta, e foi atingido por uma Maldição de Morte que me falhara por pouco.

— Portanto, se o Ron estava a vigiar a Sala das Necessidades com a Ginny e o Neville — concluiu Harry, virando-se para Hermione —, tu estavas...

— Sim, à porta do gabinete do Snape — sussurrou ela, os olhos marejados de lágrimas — com a Luna. Ficámos séculos por ali e nada acontecia... Não sabíamos o que se estava a passar lá em cima, o Ron levava o Mapa dos Salteadores... Era quase meia-noite quando o Professor Flitwick apareceu nas masmorras a correr. Gritava que havia Devoradores da Morte no castelo, creio que nem reparou bem que eu e a Luna estávamos ali; entrou de rompante no gabinete do Snape e ouvimo-lo dizer que o

Snape tinha de vir com ele para ajudar, e depois ouvimos uma grande pancada, e o Snape saiu disparado do gabinete, viu-nos e... e...

— E o quê? — incitou-a Harry.

— Fui tão estúpida, Harry! — lamentou-se Hermione num gemido agudo. — Ele disse-nos que o Professor Flitwick desmaiara e que nós tínhamos de ir tomar conta dele, enquanto ele... enquanto ele ia ajudar na luta contra os Devoradores da Morte...

Cobriu o rosto, morta de vergonha, e continuou a falar por entre os dedos, abafando as palavras.

— Entrámos no gabinete para ver se podíamos ajudar o Professor Flitwick e demos com ele no chão, inconsciente... e, oh, agora é óbvio que o Snape o deve ter Atordoadado, mas nós não percebemos, Harry, não percebemos e deixámos o Snape escapar!

— A culpa não é tua — declarou Lupin com firmeza. — Hermione, se não lhe tivesses obedecido e saído da frente, ele ter-te-ia provavelmente matado, a ti e à Luna.

— Portanto, ele subiu as escadas — resumiu Harry, que via mentalmente Snape a correr pela escadaria de mármore acima, o manto negro enfunado como habitualmente, puxando da varinha enquanto subia —, e deu com o local onde estavam a lutar...

— Foi um sarilho, estávamos a perder — disse Tonks em voz baixa. — O Gibbons tombara, mas os restantes Devoradores da Morte pareciam prontos a lutar até à morte. O Neville foi ferido, o Bill atacado pelo Greyback... Estava tudo escuro... Havia maldições a voar por todo o lado... O Malfoy desaparecera, deve ter-se escapulido e subido à Torre... depois foi seguido por mais uma série deles, mas um bloqueou as escadas com um feitiço qualquer... O Neville correu para lá e foi atirado ao ar...

— Nenhum de nós conseguiu passar — prosseguiu Ron —, e aquele Devorador da Morte grandalhão continuava a lançar feitiços por todo o lado, que faziam ricochete nas paredes e não nos acertavam por pouco...

— E depois apareceu o Snape — continuou Tonks —, mas não estava...

— Vi-o correr para nós, mas um feitiço do grandalhão quase me acertara, e eu baixei-me, e perdi o fio à meada — contou Ginny.

— Vi-o atravessar a barreira mágica como se não houvesse ali nada — disse Lupin. — Tentei segui-lo, mas fui atirado para trás, tal como o Neville.

— Ele devia saber um feitiço que nós desconhecemos — murmurou McGonagall. — Afinal... ele era o professor de Defesa Contra a Magia Negra... parti do princípio de que tinha pressa e queria ir atrás dos Devoradores da Morte que tinham fugido para a Torre...

— E tinha — interrompeu Harry ferozmente —, mas queria era ajudá-los e não detê-los... E aposto que é preciso ter uma Marca Negra para atravessar a tal barreira. Portanto, o que é que aconteceu quando ele voltou a descer?

— Bem, o Devorador da Morte grandalhão acabara de lançar um feitiço que fez cair metade do tecto e que também anulou o feitiço que bloqueava as escadas — prosseguiu Lupin. — Corremos todos para lá, isto é, os que ainda se tinham de pé, e nesse momento o Snape e o rapaz apareceram no meio do pó... É claro que nenhum de nós os atacou...

— Deixámo-los passar — afirmou Tonks em voz cava —, pensámos que iam a ser perseguidos pelos Devoradores da Morte... e, logo a seguir, apareceram os outros e o Greyback, e a luta recomeçou... pareceu-me ter ouvido o Snape gritar qualquer coisa, mas não sei o que...

— Gritou: «Acabou!» — disse Harry. — Já fizera o que tinha a fazer.

Calaram-se todos. O lamento da *Fawkes* continuava a ecoar sobre os jardins envoltos em trevas. Enquanto a música reverberava através do ar, pensamentos involuntários e incómodos invadiram o espírito de Harry... Já teriam levado o corpo de Dumbledore do fundo da Torre? Que lhe aconteceria a seguir? Onde seria sepultado? Cerrou os punhos com toda a força dentro dos bolsos e sentiu a forma fria do falso Horcrux contra os nós dos dedos da mão direita.

As portas da enfermariam abriram-se de rompante, sobressaltando-os. Mr. e Mrs. Weasley avançavam pela sala, logo seguidos de Fleur, cujo seu belo rosto estava crispado de terror.

— Molly... Arthur... — disse a Professora McGonagall, dando um salto e correndo a cumprimentá-los. — Lamento tanto...

— Bill... — sussurrou Mrs. Weasley, passando como uma flecha pela professora ao avistar o rosto mutilado do filho. — Oh, *Bill!*

Lupin e Tonks haviam-se levantado rapidamente para que Mr. e Mrs. Weasley se pudessem aproximar da cama. Mrs. Weasley curvou-se sobre o filho e encostou os lábios à testa ensanguentada.

— Disseste que o Greyback o atacou? — perguntou Mr. Weasley à Professora McGonagall, confuso. — Mas que não se tinha transformado? Que quer isso dizer? Que vai acontecer ao Bill?

— Ainda não sabemos — confessou a professora, olhando desesperada para Lupin.

— É provável que haja alguma contaminação, Arthur — declarou Lupin. — É um caso estranho, talvez único... não sabemos qual será o seu comportamento quando recuperar...

Mrs. Weasley tirou a pomada malcheirosa das mãos de Madame

Pomfrey e começou a passá-la pelas feridas de Bill.

— E o Dumbledore... — disse Mr. Weasley. — Minerva, é verdade... ele está mesmo...

Enquanto a Professora McGonagall acenava que sim, Harry sentiu Ginny agitar-se a seu lado e olhou para ela. Tinha os olhos semicerrados postos em Fleur, que contemplava Bill com uma expressão imperscrutável.

— O Dumbledore foi-se! — sussurrava Mr. Weasley, mas a mulher só tinha olhos para o seu filho mais velho. Começou a soluçar, derramando as lágrimas no rosto mutilado de Bill.

— É claro que o aspecto não tem importância... não é... n-nada importante... mas ele era um m-enino tão b-bonito... foi sempre tão b-bonito... e ia... ia casar-se!

— E que querr dizerr com isso? — perguntou Fleur subitamente, em voz forte. — Que querr dizerr com «ia casarr-se»?

Mrs. Weasley ergueu o rosto manchado de lágrimas com um ar espantado.

— Bem... só que...

— Acha que o Bill já non vai querrer casarr comigo? — indagou Fleur.

— Acha que, porr causa destas dentadas, deixou de me amarr?

— Não, não era isso que...

— Porrrque não deixou! — declarou Fleur, endireitando-se a toda a sua altura e atirando para trás a longa cabeleira prateada. — É prreciso mais que um lobisomem para fazerr com que o Bill deixe de me amarr!

— Bem, certamente, claro — gaguejou Mrs. Weasley —, mas pensei que talvez... devido ao... por causa de...

— Pensou que eu non ia querrer casarr com ele? Ou talvez tenha tido essa esperança? — continuou Fleur com as narinas dilatadas. — Querro lá saberr do aspecto dele. Sou suficientemente bonita pelos dois, acho eu! Essas cicatrizes todas só mostram que o meu marrido é corrajosol! E sou eu que faço isso! — acrescentou com ferocidade, empurrando Mrs. Weasley e tirando-lhe a pomada.

Mrs. Weasley recuou e amparou-se ao marido, ficando a ver Fleur cuidar das feridas de Bill com uma expressão muito curiosa. Ninguém disse nada. Harry não se atrevia a mexer-se. Como todos os outros, estava à espera da explosão.

— A nossa tia-avó Muriel — declarou Mrs. Weasley após uma longa pausa — tem uma tiara lindíssma, feita por goblins, e tenho a certeza de que serei capaz de a convencer a emprestar-ta para o casamento. Sabes, ela gosta muito do Bill e a tiara ficaria linda no teu cabelo.

— Obrrigada — agradeceu Fleur rigidamente. — Tenho a cerrteza de

que sim.

E depois — Harry não percebeu bem como aconteceu — as duas mulheres abraçaram-se a chorar. Profundamente espantado e pensando se o mundo teria enlouquecido, olhou em volta: Ron parecia tão pasmado como ele, e Ginny e Hermione trocavam olhares atónitos.

— Estás a ver! — exclamou uma voz tensa. Tonks olhava para Lupin, furiosa. — Ela ainda quer casar com ele, apesar de ele ter sido mordido! Não se importa!

— É diferente — disse Lupin por entre dentes, subitamente ansioso. — O Bill não vai ser um lobisomem completo. Os casos são completamente...

— Mas eu também não me importo, não me importo nada! — insistiu Tonks, agarrando a frente do manto de Lupin e abanando-o. — Já te disse um milhão de vezes...

E então, o significado do Patronus de Tonks e do seu cabelo pardacento, a razão por que viera a correr ter com Dumbledore ao ouvir dizer que alguém fora atacado por Greyback, tudo se tornou claro para Harry. Afinal, não fora por Sirius que Tonks se apaixonara...

— E eu já *te* disse um milhão de vezes — interrompeu-a Lupin, recusando-se a encará-la, de olhos pregados no chão — que sou demasiado velho para ti, sou demasiado pobre... demasiado perigoso...

— Sempre fui de opinião que estás a lidar com isto de uma forma ridícula, Remus — interveio Mrs. Weasley por cima do ombro de Fleur, enquanto lhe dava palmadinhas nas costas.

— Não estou a ser ridículo — insistiu Lupin com firmeza. — A Tonks merece uma pessoa nova e sã.

— Mas ela quer-te a ti — explicou Mr. Weasley com um sorrisinho. — E afinal, Remus, os homens não ficam necessariamente novos e sãos. — E indicou com um gesto triste o filho que jazia entre ambos.

— Este... este não é o momento de discutir este assunto — disse Lupin, evitando os olhares dos amigos e olhando em seu redor, perturbado. — O Dumbledore morreu...

— Mais que ninguém, o Dumbledore teria ficado feliz por saber que havia um pouco mais de amor no mundo — adiantou a Professora McGonagall bruscamente, no momento em que as portas da enfermaria se abriam de novo e Hagrid entrava.

O pouco do seu rosto descoberto de cabelo ou barba apresentava-se molhado e inchado. A tremer, limpava as lágrimas ao seu enorme lenço às pintinhas.

— Já... já ‘tá, professora — soluçou. — Já o l-levei. A Professora Sprout também já enfiou os miúdos na cama, e o Professor Flitwick ‘tá

deitado, mas diz que fica fino nã' tarda nada, e o Professor Slughorn manda dizer que já informou o Ministério.

— Obrigada, Hagrid — agradeceu a Professora McGonagall, levantando-se de imediato. Virou-se e olhou para o grupo reunido em volta da cama de Bill. — Vou ter de falar com o Ministério, quando aqui chegarem. Hagrid, por favor diz aos Chefes das Equipas... o Slughorn pode representar os Slytherin... que os quero ver no meu gabinete sem demora. Gostaria que te juntasses a nós.

Hagrid fez um aceno de concordância, virou-se e saiu da sala, arrastando os pés. A professora olhou, então, para Harry.

— Antes de me encontrar com eles, gostava de te dar uma palavrinha rápida, Harry. Se não te importas de me acompanhar...

Harry ergueu-se, murmurou para Ron, Hermione e Ginny: «Vejo-vos daqui a nada» e seguiu a Professora McGonagall. Lá fora, os corredores estavam desertos e o único som era a distante canção da fénix. Passaram vários minutos antes de Harry se aperceber de que não se dirigiam ao gabinete da Professora McGonagall, mas ao de Dumbledore e foram precisos mais alguns segundos até que compreendesse que, uma vez que ela era vice-directora... devia ser agora directora... e, portanto, o gabinete por detrás da gárgula era agora seu.

Em silêncio, subiram a escada espiral rolante e entraram no gabinete circular. Harry não sabia o que esperar, talvez que o espaço estivesse coberto de panos negros, ou até mesmo que o corpo de Dumbledore ali se encontrasse. Na verdade, tinha quase o mesmo aspecto de quando ele e Dumbledore o haviam deixado, poucas horas antes: os instrumentos de prata a zumbir e a fumegar sobre as mesinhas de pernas delicadas, a espada de Gryffindor na sua caixa de vidro, a luzir ao luar, o Chapéu Seleccionador pousado na prateleira atrás da secretária. Porém, o poleiro de *Fawkes* estava vazio, pois a ave chorava ainda o seu lamento no jardim. E um novo retrato juntara-se às fileiras dos directores e directoras de Hogwarts já falecidos... Dumbledore dormitava numa moldura dourada por cima da secretária, os óculos em meia-lua empoleirados no nariz adunco, parecendo tranquilo e em paz.

Após ter dado uma olhadela ao retrato, a Professora McGonagall fez um movimento estranho, como se endurecesse, contornou a secretária e olhou para Harry, com o rosto enrugado e tenso.

— Harry — principiou —, gostaria de saber o que tu e o Professor Dumbledore foram fazer esta tarde, quando saíram da escola.

— Não lhe posso dizer, professora — declarou Harry. Já esperava aquela pergunta e tinha a resposta pronta. Fora ali, naquele gabinete, que

Dumbledore lhe dissera que não podia confiar o conteúdo das lições a ninguém, à excepção de Ron e Hermione.

— Harry, pode ser importante — insistiu a professora McGonagall.

— E é — disse ele —, é muito importante, mas ele não queria que eu contasse a ninguém.

A professora McGonagall encarou-o, furiosa.

— Potter — (não lhe passou despercebido o uso do seu apelido) —, à luz da morte do Professor Dumbledore, penso que compreendes que a situação se alterou bastante...

— Não creio — contrapôs Harry, encolhendo os ombros. — O professor nunca me disse que devia deixar de obedecer às suas ordens caso ele morresse.

— Mas...

— Contudo, há uma coisa que deve saber antes de o Ministério aqui chegar. A Madame Rosmerta foi vítima da Maldição Imperius e andava a ajudar o Malfoy e os Devoradores da Morte. Foi assim que o colar e o *mead* envenenado...

— A Rosmerta? — interrogou-se a Professora McGonagall, incrédula. No entanto, antes de poder prosseguir, ouviu-se bater à porta e os professores Sprout, Flitwick e Slughorn entraram lentamente no gabinete, seguidos por Hagrid, que continuava a chorar copiosamente, com o corpanzil a tremer de dor.

— O Snape! — clamou Slughorn, que parecia, de todos, o mais abatido, pálido e transpirado. — O Snape! Fui eu quem o ensinou! Pensei que o conhecia!

Mas antes de qualquer outro poder responder-lhe, uma voz estridente falou do alto da parede: um feiticeiro de rosto pálido com uma pequena franja preta acabara de regressar à sua moldura vazia.

— Minerva, o Ministro estará aqui dentro de segundos, acabou de Desaparecer do Ministério.

— Obrigada, Everard — agradeceu a Professora McGonagall, voltando-se rapidamente para os professores.

— Quero falar do destino de Hogwarts antes de ele chegar — apressou-se a dizer. — Pessoalmente, estou convencida de que a escola não devia reabrir no próximo ano. A morte do Director às mãos de um colega nosso é uma nódoa terrível na história de Hogwarts. É horrível.

— Tenho a certeza de que o Dumbledore queria que a escola permanecesse aberta — contrapôs a Professora Sprout. — Sinto que, se houver apenas um aluno que queira vir, a escola deve ficar aberta para ele.

— Mas teremos esse aluno depois do que aconteceu? — indagou

Slughorn, limpando a testa suada com um lenço de seda. — Os pais vão querer que os filhos fiquem em casa, e não posso censurá-los. Quer parecer-me a mim que em Hogwarts não corremos mais perigo que noutro local qualquer, mas não podemos contar que as mães pensem desta forma. É natural que queiram manter as famílias unidas.

— Concordo consigo — disse a Professora McGonagall. — E, em todo o caso, não é verdade que o Dumbledore nunca tenha contemplado a hipótese de fechar Hogwarts. Quando a Câmara dos Segredos foi reaberta, ele considerou o encerramento da escola... e tenho de confessar que, para mim, o assassinio do Professor Dumbledore é mais perturbador que a ideia de o monstro de Slytherin viver indetectável nas entranhas do castelo.

— Temos de consultar o Conselho Directivo — lembrou o Professor Flitwick na sua vozinha aguda. Tinha um grande inchaço na testa, mas, fora isso, parecia ileso após o desmaio no gabinete de Snape. — Devemos seguir os procedimentos legais. Não se deve tomar uma decisão precipitadamente.

— Hagrid, não disseste nada — comentou a Professora McGonagall. — Qual é a tua opinião, Hogwarts deve permanecer aberta?

Hagrid, que, durante aquela conversa, chorara baixinho para o seu lenço às pintinhas, ergueu uns olhos inchados e vermelhos e disse em voz rouca:

— Nã' sei, professora... quem deve decidir isso são os Chefes das Equipas e a Directora...

— O Professor Dumbledore sempre deu valor à tua opinião — lembrou-lhe amavelmente a professora —, e eu também dou.

— Bem, eu cá fico — disse Hagrid, com grandes lágrimas ainda a escorrer-lhe do canto dos olhos para a barba emaranhada. — É o mê lar, tem sido o mê lar desde os mê treze anos. E s' houver miúdos que queiram qu' os ensine, eu ensino. Mas... nã' sei... Hogwarts sem o Dumbledore...

Engoliu em seco e voltou a desaparecer por detrás do lenço. Fez-se silêncio.

— Muito bem — disse a Professora McGonagall, olhando para os jardins através da janela para ver se já havia sinais do Ministro —, então, tenho de concordar com o Filius que o mais acertado é consultar o Conselho Directivo, que tomará a decisão final.

«Agora, quanto ao regresso dos alunos a suas casas... há um bom motivo para o fazer quanto antes. Se necessário, podemos conseguir que o Expresso de Hogwarts esteja aqui amanhã...

— E o funeral do Dumbledore? — perguntou Harry, falando por fim.

— Bem... — hesitou a Professora McGonagall, perdendo um pouco da sua brusquidão. A voz tremia-lhe ao prosseguir: — Sei... sei que o desejo

do Dumbledore era ser sepultado aqui, em Hogwarts.

— Então, é isso que temos de fazer, não é? — interveio Harry, furioso.

— Se o Ministério o considerar adequado — retorquiu a professora. — Nenhum outro director ou directora foi jamais...

— Nenhum outro director ou directora deu tanto a esta escola — resmungou Hagrid.

— Hogwarts deve ser o local do repouso eterno do Dumbledore — opinou o Professor Flitwick.

— Inteiramente de acordo — declarou a Professora Sprout.

— E, nesse caso — disse Harry —, não deviam mandar embora os alunos antes do fim do funeral. Eles quererão dizer...

A última palavra ficou-lhe presa na garganta, mas a Professora Sprout terminou a frase em seu lugar:

— Adeus.

— Muito bem dito — guinchou o Professor Flitwick. — Mesmo muito bem dito! Os nossos alunos devem prestar-lhe homenagem, outra coisa não é de esperar. Podemos tratar do transporte em seguida.

— Apoiado! — clamou a Professora Sprout.

— Suponho que... sim... — hesitou Slughorn num tom de voz muito agitado, enquanto Hagrid soltava um soluço abafado de concordância.

— Ele vem aí — anunciou de súbito a Professora McGonagall, olhando para os jardins. — O Ministro... e, pelo que parece, trouxe consigo uma delegação...

— Posso sair, professora? — perguntou Harry de imediato.

Não desejava absolutamente nada ver ou ser interrogado por Rufus Scrimgeour naquele momento.

— Podes — disse a Professora McGonagall — e despacha-te.

Dirigiu-se à porta e abriu-lha. Harry desceu a escada em espiral a toda a pressa e seguiu pelo corredor deserto. Deixara o Manto da Invisibilidade no topo da Torre de Astronomia, mas não importava. Não havia ninguém nos corredores para o ver passar, nem sequer Filch, *Mrs. Norris*, ou Peeves. Não encontrou viva alma até virar para o corredor que levava à sala comum dos Gryffindor.

— É verdade? — sussurrou a Dama Gorda, quando ele se aproximou. — É mesmo verdade? O Dumbledore morreu?

— Sim — respondeu Harry.

Ela largou um gemido e, sem esperar pela palavra-passe, girou para a frente para o deixar entrar.

Como já esperara, a sala comum estava apinhada. Ao passar pelo buraco do retrato, fez-se um silêncio total. Viu Dean e Seamus sentados num

grupo ali perto, o que queria dizer que o dormitório devia estar vazio, ou quase. Sem falar, sem cruzar o olhar com absolutamente ninguém, Harry atravessou a sala e passou pela porta que levava aos dormitórios dos rapazes.

Como esperara, Ron aguardava-o, completamente vestido, sentado na cama. Harry sentou-se também na sua cama de dossel e, por momentos, limitaram-se a olhar um para o outro.

— Fala-se em fechar a escola — disse Harry.

— O Lupin disse que isso devia acontecer — respondeu Ron. Houve uma pausa.

— E então? — prosseguiu Ron numa voz muito baixa, como se receasse que as paredes tivessem ouvidos. — Encontraste algum? Conseguiste? O... o Horcrux?

Harry abanou a cabeça. Tudo o que sucedera em volta do lago negro parecia-lhe agora um velho pesadelo. Teria acontecido na verdade, apenas há algumas horas?

— Não conseguiste? — admirou-se Ron com um ar desapontado. — Não estava lá?

— Não — disse Harry. — Alguém já o levava e deixara um falso no seu lugar.

— Já o *levava*?

Sem palavras, Harry tirou do bolso o medalhão falso, abriu-o e passou-o a Ron. O resto da história podia esperar... Naquela noite não era importante... Nada importava excepto o fim, o fim da sua inútil aventura, o fim da vida de Dumbledore.

— R.A.B. — murmurou Ron. — Quem seria?

— Não sei — retorquiu Harry, estendendo-se na cama todo vestido e ficando a olhar para cima, indiferente. Não sentia qualquer interesse por R.A.B.. Achava que seria difícil voltar a interessar-se pelo que quer que fosse. Ali deitado, apercebeu-se de súbito de que os jardins estavam em silêncio. A *Fawkes* parara de cantar.

E soube, sem perceber como, que a fénix partira, deixara Hogwarts para sempre, tal como Dumbledore deixara a escola, deixara aquele mundo... deixara Harry.

XXX

O TÚMULO BRANCO

As aulas foram suspensas e os exames adiados. Nos dias que se seguiram, alguns alunos foram apressadamente levados de Hogwarts pelos pais; as gémeas Patil haviam partido ainda antes do pequeno-almoço, na manhã que se seguiu à morte de Dumbledore, e o pai de Zacharias Smith, com o seu ar altivo, escoltou ele próprio o filho do castelo. Por outro lado, Seamus Finnigan recusou-se terminantemente a acompanhar a mãe para casa. Tiveram uma discussão tremenda no *Hall* de Entrada, que só se resolveu quando ela concordou que ele podia ficar para o funeral. Seamus contou a Harry e a Ron que a mãe teve alguma dificuldade em arranjar dormida em Hogsmeade, porque a aldeia estava a ser invadida por feiticeiros e feiticeiras, vindos de todo o lado para prestar a última homenagem a Dumbledore.

Os alunos mais novos ficaram tremendamente excitados perante algo que nunca haviam visto: uma carruagem azul-bebé do tamanho de uma casa, puxada por uma dúzia de gigantescos cavalos alados surgiu subitamente no céu ao fim da tarde que antecedeu o funeral e pousou na beira da Floresta. De uma janela, Harry avistou uma bela mulher, enorme, de pele cor de azeitona e cabelos negros, que desceu os degraus da carruagem e se atirou para os braços de Hagrid, que a esperava. Entretanto, uma delegação de funcionários do Ministério que incluía o próprio Ministro da Magia, era instalada no interior do castelo. Harry foi extremamente cauteloso em evitar contacto com qualquer deles, pois sabia que, mais tarde ou mais cedo, lhe pediriam novamente um relato da última saída de Dumbledore.

Harry, Ron, Hermione e Ginny mantinham-se sempre juntos. O tempo maravilhoso parecia fazer troça deles, e Harry imaginava como teria sido, se Dumbledore não tivesse morrido e eles tivessem a possibilidade de passar juntos aqueles dias no final do ano. Ginny já teria terminado os exames, a pressão dos trabalhos de casa estaria esquecida... e Harry adiava

constantemente dizer aquilo que sabia que teria de dizer, adiava fazer o que sabia estar certo, porque era demasiado duro renunciar à sua melhor fonte de consolo.

Visitavam a enfermaria duas vezes por dia. Neville já tivera alta, mas Bill continuava sob os cuidados de Madame Pomfrey. As cicatrizes não apresentavam melhoras e, para dizer a verdade, Bill tinha agora uma aparência notável com Moody Olho-Louco, embora felizmente possuísse ambos os olhos e ambas as pernas. A sua personalidade, porém, era a mesma de sempre e a única alteração parecia ser o facto de ter agora uma grande predilecção por bifes muito mal passados.

— ... portanto, é uma sorte ele querer casar comigo — dizia Fleur, muito feliz, afofando as almofadas de Bill —, porque, como sempre disse, os ingleses cozinham demais a carne.

— Suponho que tenho de aceitar que ele vai mesmo casar com ela — disse Ginny, suspirando, nessa tarde, quando estavam os quatro sentados junto da janela aberta da sala comum dos Gryffindor, admirando os jardins à luz do entardecer.

— Ela não é assim tão má — comentou Harry —, mas é feia — apressou-se a acrescentar ao ver Ginny erguer as sobrancelhas, largando, porém, uma gargalhada relutante.

— Bem, suponho que, se a mãe consegue suportá-la, eu também consigo.

— Morreu mais alguém que nós conhecêssemos? — perguntou Ron a Hermione, que lia atentamente *O Profeta Vespertino*.

Hermione estremeceu perante a dureza forçada da sua voz.

— Não — retorquiu num tom reprovador e dobrando o jornal. — Continuam à procura do Snape, mas não há sinais...

— Está claro que não — interrompeu Harry que se zangava sempre que aquele assunto vinha à baila. — Não vão encontrar o Snape até encontrarem o Voldemort e, como sabemos que ainda não o conseguiram neste tempo todo...

— Vou para a cama — anunciou Ginny, bocejando. — Não ando a dormir bem desde... bem, estou a precisar de um bom sono.

Deu um beijo a Harry (Ron desviou ostensivamente o olhar), acenou aos outros dois e dirigiu-se aos dormitórios das raparigas. Assim que a porta se fechou, Hermione inclinou-se para Harry com um olhar muito típico.

— Harry, hoje de manhã descobri uma coisa na biblioteca...

— O R.A.B.? — perguntou ele, endireitando-se.

Não se sentia, como habitualmente, excitado, curioso, em brasas por chegar ao âmago de um mistério. No entanto, sabia que a tarefa de

descobrir a verdade sobre o Horcrux verdadeiro tinha de ser concluída antes de poder avançar pelo caminho sombrio e sinuoso que se estendia à sua frente, o caminho que tinha iniciado com Dumbledore e que agora sabia ter de percorrer sozinho. Provavelmente, ainda havia algures pelo menos quatro Horcruxes, e era preciso encontrá-los e eliminá-los antes de se pôr a possibilidade remota de matar Voldemort. Recitava os nomes para si próprio, como se, ao enumerá-los, os pusesse ao seu alcance: o medalhão... a taça... a serpente... um objecto de Gryffindor ou Ravenclaw... o medalhão... a taça... a serpente... um objecto de Gryffindor ou Ravenclaw.

Nessa noite, ao adormecer, aquele mantra ecoava-lhe no espírito, e os seus sonhos encheram-se de taças, medalhões e objectos misteriosos que não conseguia alcançar, apesar de Dumbledore, prestativo, lhe estender uma escada de corda que se transformava em serpentes assim que a começava a subir...

Na manhã a seguir à morte de Dumbledore, mostrara a Hermione a nota que estava no interior do medalhão e, embora ela não reconhecesse as iniciais como pertencendo a algum obscuro feiticeiro sobre quem tivesse lido alguma coisa, passara logo a ir à biblioteca mais vezes do que seria necessário para alguém sem trabalhos de casa para fazer.

— Não — respondeu ela tristemente. — Tenho tentado, mas não descobri nada... Há dois feiticeiros razoavelmente conhecidos com essas iniciais: Rosalind Antigone Bungs e Rupert «Axebanger» Brookstanton... mas não parecem encaixar. A julgar pela nota, a pessoa que roubou o Horcrux conhecia o Voldemort e não consegui encontrar nem sombra de prova em como Bungs ou Axebanger tivessem alguma coisa que ver com ele... Não, na verdade, é sobre... bem, sobre o Snape.

Só de dizer o nome, Hermione ficava nervosa.

— E o que é? — indagou Harry em tom pesado, voltando a afundar-se na cadeira.

— Bem, acontece que eu tinha razão sobre aquilo do Príncipe Meio-Sangue — começou ela, hesitante.

— É preciso esfregares sal na ferida, Hermione? Como é que achas que eu me sinto agora em relação a isso?

— Não... não... Harry, não quis dizer isso! — exclamou ela depressa, olhando em volta para verificar que ninguém os ouvia. — É só que eu tinha razão sobre a Eileen Prince ter sido a dona do livro. É que... ela era mãe do Snape!

— Bem me pareceu que era um bocado feioza — comentou Ron. Hermione ignorou-o.

— Estava a folhear o resto dos *Profetas* antigos e lá estava um anúnciozinho sobre o casamento de Eileen Prince com um homem chamado Tobias Snape e, mais tarde, uma notícia dizendo que dera à luz um...

— ... assassino — cuspiu Harry.

— Bem... sim — anuiu Hermione. — Portanto, eu tinha alguma razão. O Snape devia ter orgulho em ser «meio Prince», estás a ver? Pelo que dizia n' *O Profeta*, o Tobias Snape era Muggle.

— Sim, até encaixa — admitiu Harry. — Ele fez-se passar por puro-sangue para cair nas boas graças do Lucius Malfoy e dos outros... é tal qual o Voldemort. Mãe puro-sangue, pai Muggle... com vergonha das suas origens, tentando inspirar medo através da Magia Negra e dando a si próprio um novo nome sonante... *Lord Voldemort*... o *Príncipe Meio-Sangue*... Como é que o Dumbledore não percebeu...

Interrompeu-se e ficou a olhar pela janela. Não conseguia deixar de pensar na confiança imperdoável que Dumbledore tinha em Snape... Porém, como Hermione acabara, sem querer, de lhe recordar, ele, Harry, fora igualmente enganado... Apesar da ruindade cada vez maior daqueles feitiços escrevinhados, ele recusara-se a pensar mal do rapaz que fora tão esperto, que o ajudara tanto...

Que o ajudara... Esse pensamento era-lhe quase insuportável.

— Continuo sem perceber por que é que ele não te denunciou por usares o livro — disse Ron. — Ele devia saber muito bem de onde andavas a tirar aquilo tudo.

— Pois sabia — admitiu Harry amargamente. — Soube quando eu usei o *Sectumsempra*. Nem precisava da Legilimancia... talvez até tenha descoberto antes, com toda aquela conversa do Slughorn sobre eu ser tão brilhante em Poções... não devia ter deixado o livro no fundo do armário, pois não?

— Mas por que é que não te denunciou?

— Creio que não queria associar o seu nome ao livro — adiantou Hermione. — Creio que, se tivesse sabido, o Dumbledore não teria gostado lá muito. E mesmo que o Snape fingisse que não era dele, o Slughorn teria reconhecido a letra dele imediatamente. Seja como for, o livro foi deixado na antiga sala de aulas do Snape, e aposto que o Dumbledore sabia que a mãe dele se chamava «Prince».

— Eu devia ter mostrado o livro ao Dumbledore — admitiu Harry. — Durante todo aquele tempo a falar-me da maldade do Voldemort, até quando ainda era aluno da escola, e eu com provas de como o Snape também gostava do mal...

— «Mal» é uma palavra forte — disse Hermione baixinho.

— Tu é que passaste a vida a dizer-me que o livro era perigoso!

— Harry, estou a tentar dizer que estás a atribuir demasiada culpa a ti mesmo. Eu pensava que o Príncipe parecia que tinha um sentido de humor desagradável, mas nunca teria adivinhado que era um assassino potencial...

— Nenhum de nós podia ter adivinhado que o Snape iria... bem, já sabem — concluiu Ron.

Fez-se silêncio entre eles, cada um perdido nos seus próprios pensamentos, mas Harry tinha a certeza de que também eles estavam a pensar na manhã seguinte, quando o corpo de Dumbledore seria sepultado. Harry nunca estivera num funeral. Quando Sirius morrera, não houvera corpo para enterrar e, portanto, não sabia o que esperar. Estava preocupado com o que iria ver e como se sentiria. Interrogava-se se a morte de Dumbledore se tornaria mais real após o funeral. Embora houvesse momentos em que a terrível verdade ameaçasse esmagá-lo, existiam também longos períodos vazios, durante os quais, apesar do facto de, no castelo, toda a gente não falar praticamente em mais nada, achava difícil acreditar que Dumbledore morrera de facto. Era verdade que, como acontecera com Sirius, não procurara desesperadamente uma saída, uma forma de Dumbledore regressar... Tacteu no bolso a fria corrente do falso Horcrux, que trazia consigo para todo o lado, não como um talismã, mas sim como um lembrete do que custara e do que ainda faltava fazer.

No dia seguinte, levantou-se cedo para fazer as malas, pois o Expresso de Hogwarts partiria uma hora após o funeral. Ao descer, viu que a disposição geral no Salão Nobre era sombria. Todos envergavam os mantos de cerimónia e ninguém parecia ter muita fome. A Professora McGonagall deixara vazia a grandiosa cadeira ao centro da mesa dos professores. A de Hagrid encontrava-se igualmente sem ocupante, e Harry pensou que talvez ele não tivesse tido coragem de enfrentar o pequeno-almoço. No entanto, o lugar de Snape fora ocupado sem cerimónias por Rufus Scrimgeour. Harry evitou os seus olhos amarelados, que observavam o Salão, pois tinha a desconfortável sensação de que Scrimgeour o procurava. Entre o seu séquito, Harry descobriu o cabelo ruivo e os óculos com armações de massa de Percy Weasley, mas Ron não deu sinal de notar a presença do irmão, para além de espetar os pedaços de arenque com um veneno invulgar.

Na mesa dos Slytherin, Crabbe e Goyle falavam baixinho. Apesar da sua corpulência, pareciam estranhamente solitários sem a figura alta e pálida de Malfoy no meio deles, dando-lhes ordens. Harry não pensara muito nele. A sua animosidade ia toda para Snape, mas não esquecera o medo na voz de

Malfoy, no cimo da Torre, nem o facto de ele ter baixado a varinha antes da chegada dos outros Devoradores da Morte. Não acreditava que Malfoy tivesse matado Dumbledore. Continuava a desprezá-lo devido ao gosto que tinha pela Magia Negra, mas agora uma ligeira piedade misturava-se com o seu desagrado. Perguntou-se onde se encontraria Malfoy naquele momento e o que estaria Lord Voldemort a obrigá-lo a fazer, sob pena de o matar, a ele e aos pais.

Os pensamentos de Harry foram interrompidos por uma cotovelada nas costelas dada por Ginny. A Professora McGonagall erguera-se e os murmúrios pesarosos que enchiam o Salão morreram de imediato.

— São quase horas — anunciou. — Por favor, sigam os vossos Chefes de Equipa para os jardins. Gryffindor, atrás de mim.

Saíram dos bancos em fila, num silêncio quase total. Harry avistou Slughorn à frente da fila dos Slytherin, envergando um longo manto de um magnífico verde-esmeralda, bordado a prata. Nunca vira a Professora Sprout, Chefe dos Hufflepuff, com um ar tão asseado. O seu chapéu não ostentava um único remendo e, ao chegarem ao *Hall* de Entrada, depararam-se com Madame Pince ao lado de Filch, ela com um espesso véu negro que lhe caía até aos joelhos, ele com um fato negro antiquado e uma gravata que fedia a naftalina.

Dirigiam-se, como Harry percebeu ao sair para os degraus de pedra em frente das portas, para o lago. O calor do Sol acariciou-lhe o rosto, enquanto seguiam a Professora McGonagall em silêncio até ao local onde haviam sido colocadas centenas de cadeiras, dispostas em filas e divididas ao meio por uma coxia. Na frente, via-se uma mesa de mármore para a qual se viravam as cadeiras. Estava um magnífico dia de Verão.

Metade dos assentos estavam já ocupados por pessoas muito variadas: mal vestidas e elegantes, velhos e novos. Harry não conhecia a maioria, apenas alguns, incluindo membros da Ordem da Fénix: Kingsley Shacklebolt, Moody Olho-Louco, Tonks, cujo cabelo voltara miraculosamente a ser cor-de-rosa-vivo, Remus Lupin, com quem ela parecia estar de mãos dadas, Mr. e Mrs. Weasley, Bill, apoiado em Fleur e seguido de Fred e George, que vestiam blusões de pele de dragão negra. Depois, viu Madame Maxime, que tinha por sua conta duas cadeiras e meia, Tom, o proprietário do Caldeirão Escoante, Arabella Figg, a vizinha cepa-torta de Harry, o guitarra-baixo cabeludo da banda de feiticeiros Weird Sisters, Ernie Prang, o condutor do Autocarro Cavaleiro, Madame Malkin, da loja de mantos da Diagon-Al, e algumas pessoas que Harry apenas conhecia de vista, como o *barman* do Cabeça de Javali e a feiticeira que empurrava o carrinho da comida no Expresso de Hogwarts. Os

fantasmas do castelo também lá se encontravam, quase invisíveis devido ao sol fulgurante, apenas perceptíveis quando se moviam, cintilando, insubstanciais, no ar reluzente.

Harry, Ron, Hermione e Ginny ocuparam lugares no fim de uma fila, junto ao lago. As pessoas murmuravam entre si, lembrando o som da brisa por entre a erva, mas o canto dos pássaros era incomparavelmente mais alto. A multidão continuou a engrossar. Sentindo uma onda de ternura por ambos, Harry viu Luna a ajudar Neville a sentar-se. De todos os elementos do ED, apenas eles tinham respondido ao apelo de Hermione na noite da morte de Dumbledore, e Harry sabia porquê: eram quem, de todos, sentiam mais a falta do ED... provavelmente quem verificara as moedas com regularidade na esperança de uma nova reunião.

Cornelius Fudge passou por eles, dirigindo-se às filas da frente, com uma expressão infeliz, a girar o chapéu de coco nas mãos, como era seu hábito. Em seguida, Harry reconheceu Rita Skeeter, a qual, para sua indignação, segurava um bloco de notas entre as garras vermelhas. E depois, com uma onda de fúria terrível, Dolores Umbridge, ostentando uma expressão de dor nada convincente no rosto sapudo e um laço de veludo negro no topo dos seus caracóis cor de cinza. Ao avistar Firenze, o centauro, que se encontrava junto da água, qual sentinela, deu um salto e apressou-se a mudar para um assento bem distante.

Por fim, sentaram-se os professores. Harry viu Scrimgeour com um ar grave e digno na fila da frente, ao lado da Professora McGonagall. Perguntou a si próprio se algumas daquelas pessoas importantes lamentavam, de facto, a morte de Dumbledore. Logo, porém, ouviu uma música estranha, sobrenatural, e esqueceu a sua animosidade pelo Ministro ao procurar a fonte do som. Não era o único: inúmeras cabeças viravam-se, procurando, um pouco alarmadas.

— Ali — sussurrou Ginny ao seu ouvido.

E viu-os, então, na água verde-clara iluminada pelo Sol, logo abaixo da superfície. Recordaram-lhe horivelmente os Inferi, aquele coro de seres subaquáticos cantando numa língua estranha que ele não compreendia, os seus rostos pálidos distorcidos pelo ondular das águas, os cabelos arroxeados flutuando em redor deles. A música provocou-lhe um estranho arrepio e, contudo, não era desagradável. Falava muito claramente de perda e desespero. Enquanto contemplava os rostos selvagens dos cantores, teve a sensação de que eles, pelo menos, lamentavam a partida de Dumbledore. Depois, Ginny fez-lhe novo sinal, e Harry olhou em volta.

Hagrid avançava lentamente pela coxia, chorando em silêncio. Tinha o rosto brilhante das lágrimas e, nos seus braços, transportava o que Harry

sabia ser o corpo de Dumbledore, envolto em veludo púrpura salpicado de estrelas douradas. Uma dor aguda subiu-lhe à garganta perante aquela visão. Por um momento, a música estranha e o facto de saber que o corpo de Dumbledore estava ali tão perto pareceram roubar todo o calor do dia. Ron estava branco e em choque, e no colo de Ginny e de Hermione caíam copiosas lágrimas.

Não conseguiam ver com clareza o que estava a acontecer na frente. Pareceu-lhes que Hagrid depositara o corpo sobre a mesa com todo o cuidado. Depois, retrocedeu pela coxia, assoando-se ruidosamente, qual trombeta estrepitosa, o que atraiu os olhares escandalizados de algumas pessoas, incluindo Dolores Umbridge... mas Harry sabia que Dumbledore não se teria importado. Tentou fazer um gesto amigável a Hagrid quando ele passou, mas os olhos dele estavam tão inchados que era de espantar o facto de ver o caminho. Harry deu uma olhadela à última fila para onde Hagrid se dirigia e percebeu o que o guiava. Aí, vestindo um blusão e umas calças do tamanho de uma pequena tenda, via-se o gigante Grawp, a sua grande e feia cabeça, semelhante a um rochedo, curvada, dócil, quase humana. Hagrid sentou-se ao lado do seu meio-irmão, e Grawp fez-lhe uma pesada festa na cabeça, fazendo com que as pernas da cadeira se afundassem no chão. Harry teve uma súbita e momentânea vontade de rir, mas nesse momento a música parou, e ele voltou-se de novo para a frente.

Um homenzinho com um tufo no cabelo, envergando um simples manto negro, levantara-se e estava agora defronte do corpo de Dumbledore. Harry não conseguia ouvir o que dizia, e apenas palavras soltas flutuavam até eles por cima das centenas de cabeças. «Nobreza de espírito... contribuição intelectual... grandeza de coração...» não tinham muito significado. Tinham pouco que ver com o Dumbledore que Harry conhecera. Recordou-se de súbito da ideia que Dumbledore fazia de «algumas palavras»: «bronco», «restos», «gordura» e «beliscão» e de novo foi forçado a reprimir um sorriso... Que se passava consigo?

Ouviu-se um chape suave à sua esquerda, e viu que os seres subaquáticos tinham vindo à superfície para também eles escutarem. Lembrou-se de Dumbledore, acorado na margem do lago havia dois anos, muito perto do local onde ele se encontrava agora, falando com a líder na sua própria língua. Tanta coisa que Harry nunca lhe tinha perguntado, tanto que lhe devia ter dito...

E então, sem aviso, a terrível verdade abateu-se sobre ele, total e inegável, como ainda não sucedera. Dumbledore morrera, partira... Agarrou o medalhão frio com tanta força que se magoou, mas não conseguiu sustar as lágrimas quentes que lhe escorriam pelo rosto. Desviou

o olhar de Ginny e dos outros e olhou para o lago, em direcção à Floresta, enquanto o homenzinho de preto continuava a falar... Havia movimento entre as árvores. Também os centauros tinham vindo prestar a sua homenagem. Não saíram do seu abrigo, mas Harry viu-os, imóveis, meio escondidos na sombra, observando os feiticeiros com os arcos pendendo a seu lado. Harry recordou-se, então, da sua primeira ida aterradora à Floresta, a primeira vez em que deparara com a coisa que Voldemort era nesse momento e de como o enfrentara e lembrou-se também de ter conversado pouco depois com Dumbledore sobre o que era travar uma batalha perdida. Era importante lutar, dissera Dumbledore, lutar sempre, nunca desistir de lutar, pois só assim se poderia conter o mal, embora nunca fosse possível eliminá-lo completamente.

Ali sentado, sob o Sol escaldante, Harry viu com toda a clareza como as pessoas que gostavam de si se tinham perfilado uma a uma na sua frente, a mãe, o pai, o padrinho e, por fim, Dumbledore, todos determinados a protegê-lo. Agora isso acabara. Não podia deixar que mais ninguém se colocasse entre ele e Voldemort. Tinha de abandonar para sempre a ilusão que devia ter perdido quando tinha um ano de idade: que o aconchego dos braços dos pais significava que nada o podia magoar. Não se podia sair deste pesadelo, não havia um murmúrio reconfortante na escuridão, dizendo-lhe que estava em segurança, que tudo não passava de imaginação. O último e o maior dos seus protectores morrera, e Harry estava mais só que nunca.

O homenzinho de preto parara finalmente de falar e regressara ao seu lugar. Harry esperou que os outros se pusessem de pé. Esperava discursos, talvez do Ministro, mas ninguém se moveu.

Depois, ouviram-se vários gritos. Intensas chamas alvas haviam irrompido em redor do corpo de Dumbledore e a mesa sobre a qual jazia. Erguiam-se cada vez mais alto, ocultando o corpo. Fumo branco subia em espirais, compondo formas estranhas. Durante um comovente minuto, Harry pensou ter visto uma fénix voar jubilosamente em direcção ao céu; logo a seguir, porém, o fogo desapareceu. No seu lugar, surgiu um túmulo de mármore branco que envolvia o corpo de Dumbledore e a mesa sobre o qual repousara.

Ouviram-se mais alguns gritos de choque quando uma chuva de setas se elevou nos ares, tombando, porém, muito aquém da multidão. Harry sabia tratar-se do tributo dos centauros. Vi-os virarem-se e desaparecer na frescura das árvores. Os seres subaquáticos mergulharam igualmente nas águas esverdeadas e perderam-se de vista.

Harry olhou para Ginny, Ron e Hermione. O rosto de Ron estava todo

contraído, como se a luz do Sol o cegasse. O de Hermione brilhava devido às lágrimas, mas Ginny já não chorava. Devolveu o olhar de Harry com o mesmo ardor de quando o abraçara, depois de ganharem a Taça de Quidditch sem a sua presença, e Harry soube que, naquele momento, se compreendiam mutuamente na perfeição e que, quando lhe contasse o que ia fazer, ela não lhe diria «Tem cuidado» ou «Não o faças», aceitando, pelo contrário, a sua decisão, porque não esperaria dele outra coisa. Assim, preparou-se para lhe dizer o que sabia ser necessário já desde a morte de Dumbledore.

— Ginny, escuta... — principiou muito baixinho, à medida que o murmúrio das conversas ia subindo de tom e as pessoas se começavam a levantar. — Não posso continuar envolvido contigo. Temos de deixar de nos ver, não podemos ficar juntos.

Ela respondeu com um sorriso estranhamente retorcido:

— É por uma razão nobre e estúpida qualquer, não é?

— Estas últimas semanas contigo têm sido... têm sido como uma coisa saída da vida de outra pessoa — confessou Harry —, mas não posso... não podemos... agora há coisas que tenho de fazer sozinho.

Ela não chorou. Limitou-se a olhar para ele.

— O Voldemort usa as pessoas que são íntimas dos seus inimigos. Já te usou uma vez como isco e só porque eras a irmã do meu melhor amigo. Pensa no perigo que corres, se continuarmos. Ele saberá, ele acabará por descobrir e tentará atingir-me através de ti.

— E se eu não me importar? — perguntou Ginny com veemência.

— Importo-me eu — disse Harry. — Como achas que eu me sentiria se este fosse o teu funeral... e a culpa fosse minha...

Ela desviou o olhar, contemplando o lago.

— Nunca desisti de ti — revelou-lhe ela. — Não completamente. Tive sempre esperança... A Hermione disse-me que andasse para a frente com a minha vida, que saísse com outras pessoas, que me descontraísse um pouco junto de ti. Não te lembras de que eu costumava ser incapaz de falar quando tu estavas presente? E ela pensou que talvez tu me prestasses mais atenção, se eu fosse um pouco mais... eu própria.

— Espertinha, a Hermione — comentou Harry, tentando sorrir. — Quem me dera ter-te pedido para sair mais cedo. Podíamos ter tido séculos... meses... talvez anos.

— Mas tu tens andado tão ocupado a salvar o mundo mágico — disse Ginny, meio a rir. — Bem... não posso dizer que fiquei surpreendida. Sabia que isto acabaria por acontecer. Sabia que só serias feliz a perseguir o Voldemort. Talvez seja por isso que gosto tanto de ti.

Harry não aguentava ouvir aquelas coisas e estava convencido de que a sua decisão iria por água baixo, se continuasse sentado ao lado dela. Viu que Ron abraçara Hermione e lhe afagava o cabelo, enquanto ela soluçava, encostada ao ombro dele. Do longo nariz de Ron pingavam grossas lágrimas. Profundamente infeliz, Harry levantou-se, virou as costas a Ginny e ao túmulo de Dumbledore e começou a andar em volta do lago. O movimento pareceu-lhe muito mais suportável que estar ali sentado, imóvel. Tal como partir o mais depressa possível na pista dos Horcruxes e matar Voldemort o faria sentir muito melhor que a espera.

— Harry!

Virou-se. Rufus Scrimgeour coxeava a toda a pressa em direcção a ele, contornando a margem, apoiado na sua bengala.

— Tenho estado à espera da oportunidade de te dar uma palavra... Importas-te que te acompanhe um bocadinho?

— Não — respondeu Harry com indiferença e recomeçou a andar.

— Harry, isto foi uma tragédia terrível — declarou Scrimgeour em voz baixa. — Não imaginas como fiquei horrorizado quando soube. O Dumbledore era um grande feiticeiro. Como sabes, tínhamos as nossas diferenças, mas ninguém melhor que eu sabe...

— Que deseja? — perguntou Harry em tom decidido.

Scrimgeour pareceu aborrecido, mas, como antes, modificou apressadamente a sua expressão, compondo um ar de compreensão magoada.

— Estás, é claro, destruído — afirmou. — Sei que eras muito próximo do Dumbledore. Penso até que talvez tenhas sido, entre todos, o seu aluno preferido. O laço que vos ligava...

— Que deseja? — repetiu Harry, detendo-se.

Scrimgeour parou também, apoiou-se na bengala e ficou a olhar para Harry com uma expressão astuta.

— Diz-se que estavas com o Dumbledore quando ele saiu da escola, na noite em que morreu.

— Quem diz isso? — perguntou Harry.

— Alguém Atordoou um Devorador da Morte no cimo da Torre de Astronomia após a morte do Dumbledore. Também encontraram lá em cima duas vassouras. O Ministério sabe somar dois e dois, Harry.

— Ainda bem — retorquiu Harry. — Bom, aonde fui com o Dumbledore e o que fizemos é da minha conta. Ele não queria que se soubesse.

— Uma lealdade assim é, evidentemente, de louvar — gabou Scrimgeour, que parecia controlar a sua irritação com alguma dificuldade —, mas o Dumbledore morreu, Harry. Partiu.

— Só partirá desta escola quando cá não houver ninguém que lhe seja fiel — afirmou Harry, sorrindo contra vontade.

— Meu caro... nem mesmo o Dumbledore pode regressar dos...

— Não estou a dizer que pode. O senhor não iria compreender. Não tenho nada para lhe dizer.

Scrimgeour hesitou e depois afirmou no que era supostamente um tom de delicadeza:

— Sabes que o Ministério pode oferecer-te todo o tipo de protecção, Harry. Seria um prazer colocar dois Aurors ao teu serviço.

Harry riu-se.

— O Voldemort quer matar-me pessoalmente e não são dois Aurors que o detêm. Portanto, obrigado, mas não quero.

— Sendo assim — insistiu Scrimgeour num tom de voz gelado —, o pedido que te fiz no Natal...

— Que pedido? Ah, claro... aquele em que eu digo ao mundo que vocês estão a fazer um excelente trabalho em troca de...

— ... de elevar o moral de todos! — cortou Scrimgeour.

Harry estudou-o por um momento.

— Já libertaram o Stan Shunpike?

Scrimgeour ficou de um desagradável tom arroxeado, que fazia lembrar fortemente o tio Vernon.

— Vejo que...

— Sou fiel ao Dumbledore da cabeça aos pés — concluiu Harry. — É verdade.

Scrimgeour olhou-o por um momento e depois voltou-se e afastou-se a coxear sem mais palavras. Harry via Percy e o resto da delegação do Ministério à espera dele, lançando olhares nervosos a Hagrid, que soluçava, e a Grawp, ambos ainda sentados. Ron e Hermione corriam para Harry e passaram por Scrimgeour, que caminhava na direcção oposta. Harry virou-se e prosseguiu devagar, esperando que eles o alcançassem, o que aconteceu à sombra de uma faia sob a qual tantas vezes se tinham sentado em tempos mais felizes.

— Que é que o Scrimgeour queria? — indagou Hermione.

— O mesmo que no Natal — disse ele, encolhendo os ombros. — Queria que eu lhe desse informações confidenciais sobre o Dumbledore e que fosse a nova cara dos cartazes do Ministério.

Ron pareceu debater-se momentaneamente e depois disse em voz alta para Hermione:

— Olha, eu vou ali atrás dar um murro ao Percy!

— Não! — exclamou ela com firmeza, agarrando-lhe o braço.

— Faz-me sentir melhor!

Harry riu-se. Até Hermione sorriu levemente, embora o seu sorriso se desvanecesse ao olhar para o castelo.

— Não suporto a ideia de que talvez não voltemos para ali — confessou baixinho. — Como é possível que Hogwarts feche as portas?

— Talvez não feche — alvitrou Ron. — Aqui corremos tanto perigo como em nossas casas, não é? Agora, é igual em todo o lado. Até diria que Hogwarts é mais seguro, tem mais feiticeiros para o defender. Que achas, Harry?

— Mesmo que reabra, eu não volto — anunciou-lhes Harry.

Ron olhou-o de boca aberta, mas Hermione comentou com tristeza:

— Já sabia que ias dizer isso. Mas, então, o que vais fazer?

— Vou voltar mais uma vez para os Dursley, pois era isso que o Dumbledore queria — explicou ele. — Mas será uma visita curta e depois vou-me embora de vez.

— Mas para onde vais, se não voltas para a escola?

— Pensei em regressar a Godric's Hollow — disse Harry em voz baixa. Desde a morte de Dumbledore que essa ideia não lhe saía da cabeça. — Foi aí que tudo começou. Tenho um pressentimento que preciso de lá ir. E posso visitar os túmulos dos meus pais, como gostaria.

— E depois? — perguntou Ron.

— Depois, tenho de encontrar a pista dos restantes Horcruxes, não é? — lembrou-lhes Harry, com os olhos postos no túmulo branco de Dumbledore, reflectido na água do outro lado do lago. — Era isso que ele queria que eu fizesse, foi por isso que me contou aquilo tudo. Se o Dumbledore tinha razão... e tenho a certeza de sim... ainda existem quatro por aí. Tenho de os encontrar, destruí-los e depois tenho de ir atrás da sétima parte da alma do Voldemort, o pedaço que permanece no seu corpo e sou eu quem o vai matar. E se encontrar o Severus Snape pelo caminho — acrescentou —, será ótimo para mim e péssimo para ele.

Fez-se um longo silêncio. A multidão já dispersara quase toda, passando o mais longe possível da monumental figura de Grawp, que abraçava Hagrid, cujos uivos de dor continuavam a ecoar sobre as águas.

— Nós vamos lá, Harry — disse Ron.

— Aonde?

— À casa dos teus tios — explicou ele. — E depois acompanhamos-te para onde quer que vás.

— Não... — declarou Harry de imediato. Não contara com aquilo, a sua ideia era que os amigos compreendessem que ele ia levar a cabo aquela viagem perigosíssima sozinho.

— Disseste-nos uma vez — interveio Hermione calmamente — que havia uma altura em que, se quiséssemos, podíamos voltar as costas. Essa altura já passou, não foi?

— Estamos contigo, aconteça o que acontecer — insistiu Ron. — Mas, ó pá, vais ter de ir à casa dos meus pais antes de fazermos o que quer que seja, incluindo ir a Godric's Hollow.

— Porquê?

— O casamento do Bill e da Fleur, não te lembras?

Harry olhou-o, espantado. A ideia de que algo tão normal como um casamento ainda pudesse existir parecia-lhe incrível, mas maravilhosa.

— Claro, não podemos perdê-lo — afirmou por fim.

Fechou automaticamente a mão em volta do falso Horcrux, mas, apesar de tudo, apesar do caminho sombrio e sinuoso que se estendia na sua frente, apesar do derradeiro encontro com Voldemort, sabia que tinha de ir, fosse dali a um mês, um ano, ou uma década. Sentiu um alívio no coração perante a ideia de que lhe restava ainda um dia de felicidade na companhia de Ron e Hermione.

Notas de rodapé

1 Rufus significa ruivo em latim. (NT)

2 Bebida alcoólica preparada com mel fermentado e água. (NT)

3 Slughorn pode traduzir-se por «corninhos de lesma»; este apelido sugere aqui alguém vagaroso e indolente. (NT)

4 Trata-se de um trocadilho entre os dois significados possíveis de «Prince»: Príncipe e Prince, apelido. (NT)

Títulos disponíveis da série Harry Potter (por ordem de leitura):

Harry Potter e a Pedra Filosofal
Harry Potter e a Câmara dos Segredos
Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban
Harry Potter e o Cálice de Fogo
Harry Potter e a Ordem da Fénix
Harry Potter e o Príncipe Misterioso
Harry Potter e os Talismãs da Morte

Livros da Biblioteca de Hogwarts:

Monstros Fantásticos e Onde Encontrá-los
O Quidditch Através dos Tempos
Os Contos de Beedle o Bardo

Continue a ler o primeiro capítulo do próximo livro da série Harry Potter...

HARRY POTTER

e os

TALISMÃS *da*
MORTE



7

J.K. ROWLING

I

A ASCENSÃO DO SENHOR DAS TREVAS

Os dois homens apareceram vindos do nada, a escassos metros de distância na vereda estreita e iluminada pelo luar. Por breves instantes, deixaram-se ficar imóveis, as varinhas apontadas ao peito um do outro; depois, quando se reconheceram, guardaram-nas por baixo dos respectivos mantos e encaminharam-se rapidamente na mesma direcção.

— Trazes novidades? — perguntou o mais alto dos dois.

— Melhores não podiam ser — respondeu Severus Snape.

A vereda era ladeada à esquerda por silvas rasteiras e, à direita, por uma sebe alta e muito bem cuidada. Os mantos compridos dos homens fluíam-lhes em volta dos tornozelos à medida que avançavam.

— Tive receio de chegar atrasado — disse Yaxley, as suas feições grosseiras aparecendo e desaparecendo à medida que os galhos sobranceiros das árvores escondiam o luar. — Foi um pouco mais difícil do que eu estava à espera, mas espero que ele fique satisfeito. Estás confiante de que vamos ser bem recebidos?

Snape assentiu com a cabeça, mas não se alongou. Viraram à direita, para um amplo acesso que ia desembocar na vereda. A curva da sebe alta acompanhou-os, estendendo-se para lá do imponente portão de ferro forjado que impedia a passagem dos homens. Nenhum deles interrompeu a marcha: em silêncio, elevaram o braço esquerdo à laia de saudação, e atravessaram-no de imediato como se o metal negro não passasse de fumo.

As sebes de teixo abafavam o ruído dos passos dos homens. Ouviram restolhar algures à sua direita: Yaxley empunhou novamente a varinha, apontando-a por cima da cabeça do companheiro; contudo, a origem do barulho revelou ser apenas um pavão de um branco imaculado, que se exhibia majestosamente pelo alto da sebe.

— O Lucius sempre se tratou bem. *Pavões...* — Yaxley tornou a guardar a varinha debaixo do manto com uma exclamação de desdém.

Uma bela casa senhorial surgiu da escuridão no final do acesso em linha recta, as luzes reluzindo nas vidraças em forma de losango do rés-do-chão. Algures no jardim envolto na escuridão por detrás da sebe, ouvia-se uma fonte a murmurar. A gravilha estalejava debaixo dos seus pés à medida que Snape e Yaxley se apressavam para a porta da frente, que se abriu completamente à sua aproximação, embora não se visse ninguém que a pudesse ter aberto.

O *hall* de entrada era amplo, mal iluminado e decorado com sumptuosidade, com um magnífico tapete que cobria grande parte do pavimento de pedra. Os olhos dos rostos pálidos dos retratos pendurados nas paredes seguiram Snape e Yaxley à sua passagem. Ambos se detiveram perante uma pesada porta de madeira que conduzia à sala contígua, hesitaram por um breve instante, e então Snape fez girar a maçaneta de bronze.

A sala de estar estava repleta de gente silenciosa, sentada a uma mesa comprida e adornada. O mobiliário habitual da sala havia sido descuidadamente encostado às paredes. A iluminação provinha do lume vivo duma bela lareira de mármore coroada por um espelho dourado. Snape e Yaxley deixaram-se ficar um momento à soleira. À medida que os seus olhos se habituavam à penumbra, foram atraídos para o alto, para o aspecto mais estranho do cenário: um vulto humano, aparentemente inconsciente, pendurado de cabeça para baixo por cima da mesa, girando lentamente como se estivesse suspenso de uma corda invisível, e que se reflectia no espelho e na superfície despida e polida da mesa. Nenhuma das pessoas sentadas por baixo desta estranha cena olhava para ele, à excepção de um jovem pálido que se encontrava praticamente por baixo. De quando em vez, parecia não resistir a deitar uma olhadela para cima.

— Yaxley, Snape — alertou uma voz alta e límpida à cabeceira da mesa. — Por pouco não chegavam atrasados.

O interlocutor achava-se sentado mesmo de frente para a lareira, de modo que, a princípio, os recém-chegados apenas lhe conseguiram distinguir a silhueta. Quando se aproximaram, porém, o seu rosto iluminou-se na penumbra, calvo, semelhante a uma serpente, com fendas no lugar das narinas e olhos vermelhos refulgentes com pupilas verticais. Era tão pálido que dava a impressão de emitir uma aura perlada.

— Severus, chega aqui — ordenou Voldemort, indicando uma cadeira imediatamente à sua direita. — Yaxley... ao lado do Dolohov.

Os dois homens ocuparam os respectivos lugares. A maior parte dos

olhares em redor da mesa concentraram-se em Snape, e foi a ele que Voldemort começou por se dirigir.

— E então?

— Meu Senhor, a Ordem da Fénix pretende retirar o Harry Potter do seu presente esconderijo no próximo sábado, ao anoitecer.

O interesse em volta da mesa acicatou-se de forma palpável: alguns retesaram-se, outros remexeram-se nos assentos, todos de olhos fixos em Snape e Voldemort.

— Sábado... ao anoitecer — reiterou Voldemort. Os seus olhos vermelhos cravaram-se nos olhos negros de Snape com uma intensidade tal que alguns dos presentes viraram a cabeça, aparentemente receosos de que eles próprios fossem chamuscados pela ferocidade daquele olhar. Snape, porém, fitou calmamente o rosto de Voldemort e, ao fim de uns instantes, a boca desprovida de lábios de Voldemort curvou-se numa amostra de sorriso.

— Ótimo. Ótimo. E essa informação veio...

— Das fontes de que falámos — esclareceu Snape.

— Meu Senhor.

Yaxley debruçara-se para olhar para Voldemort e Snape, ao fundo da comprida mesa. Todos os rostos se voltaram para ele.

— Meu Senhor, a mim chegou-me outra informação.

Yaxley aguardou, mas Voldemort não disse nada e, assim, ele prosseguiu: — O Dawlish, o Auror, deixou escapar que o Potter só vai ser transferido na noite do dia trinta, na véspera de completar dezassete anos.

Snape sorria.

— A minha fonte afiançou-me que existem planos para lançar uma pista falsa; deve ser esse o caso. O Dawlish deve ter sido seguramente vítima de um Encantamento Confundus. Não seria a primeira vez, ele tem fama de ser susceptível.

— Garanto-lhe, meu Senhor, que o Dawlish se mostrou bastante convicto — insistiu Yaxley.

— Se foi Confundido, outra coisa não seria de esperar — retorquiu Snape. — Garanto-te a *ti*, Yaxley, que o Departamento dos Aurors não desempenhará qualquer papel adicional na protecção do Harry Potter. A Ordem está convencida de que nos infiltrámos no Ministério.

— Pelo menos nisso acertaram, não foi? — comentou um homem atarracado sentado a curta distância de Yaxley, soltando uma gargalhada ofegante que foi secundada aqui e ali ao longo da mesa.

Voldemort não se riu. O seu olhar desviara-se para o alto, para o corpo que girava lentamente por cima da sua cabeça, e parecia perdido em

pensamentos.

— Meu Senhor — continuou Yaxley —, o Dawlish acredita que uma equipa inteira de Aurors vai ser utilizada na transferência do rapaz...

Voldemort ergueu uma mão grande e lívida, e Yaxley calou-se de imediato, ficando a ver, melindrado, a atenção de Voldemort a concentrar-se novamente em Snape.

— E onde é que eles vão esconder o rapaz depois?

— Em casa de um dos membros da Ordem — afirmou Snape. — O local, de acordo com a fonte, foi protegido de todas as formas possíveis ao alcance da Ordem e do Ministério. Julgo que, depois de ele lá estar, nos será praticamente impossível atingi-lo, meu Senhor, a menos que, é claro, o Ministério caia até sábado, o que talvez nos desse oportunidade de desfazer encantamentos suficientes para conseguirmos ultrapassar os restantes.

— E então, Yaxley? — Voldemort chamou-o da cabeceira da mesa, a luz da lareira cintilando estranhamente nos seus olhos vermelhos. — Será que no próximo sábado o Ministério já terá caído?

Mais uma vez, todas as cabeças se viraram. Yaxley endireitou os ombros.

— Meu Senhor, tenho boas notícias a esse respeito. Eu... com dificuldade e grande esforço... consegui lançar a Maldição Imperius sobre o Pius Thicknesse.

Muitos dos que se achavam sentados em redor de Yaxley se mostraram impressionados; o seu vizinho, Dolohov, um homem com um rosto comprido e contorcido, assestou-lhe uma palmada nas costas.

— Já é um começo — reconheceu Voldemort. — Mas o Thicknesse é apenas um homem. Antes de eu agir, o Scrimgeour tem de estar rodeado de gente nossa. Um atentado frustrado contra a vida do Ministro obrigar-me-ia a um grande retrocesso.

— Sim... meu Senhor, isso é verdade... mas sabe, enquanto Chefe do Departamento de Execução da Lei Mágica, o Thicknesse tem contactos regulares não apenas com o próprio Ministro, como também com os chefes de todos os outros departamentos do Ministério. Estou convencido de que, agora que temos um funcionário de alta patente sob o nosso poder, nos será fácil subjugar outros, e depois eles podem unir-se para derrubar o Scrimgeour.

— Desde que o nosso amigo Thicknesse não seja desmascarado antes de convertermos os restantes — acrescentou Voldemort. — Seja como for, é pouco provável que o Ministério seja meu antes do próximo sábado. Se não conseguirmos atingir o rapaz no seu destino, então teremos de fazê-lo durante o trajecto.

— Aí, estamos em vantagem, meu Senhor — disse Yaxley, que parecia determinado a receber aprovação, por pouca que fosse. — Neste momento, temos várias pessoas colocadas no Departamento de Transporte Mágico. Se o Potter Aparecer ou usar a Rede de Pó de Floo, seremos de imediato informados.

— Ele não fará nada disso — observou Snape. — A Ordem vai evitar qualquer forma de transporte que seja controlada ou regulada pelo Ministério; eles desconfiam de tudo o que tenha que ver com esse sítio.

— Tanto melhor — disse Voldemort. — Ele vai ter de sair às claras. Será de longe mais fácil de apanhar.

Mais uma vez, Voldemort ergueu o olhar para o corpo que girava lentamente, enquanto prosseguia: — Eu encarregar-me-ei pessoalmente do rapaz. Têm ocorrido demasiados erros no que ao Harry Potter diz respeito. Alguns, tenho de reconhecer que foram cometidos por mim próprio. O facto de o Potter ainda estar vivo deve-se mais aos meus erros que às suas vitórias.

O grupo reunido à mesa observou Voldemort com expressões apreensivas, todos eles receosos de lhes poderem ser assacadas culpas pela existência prolongada de Harry Potter. Voldemort, porém, parecia estar a falar mais para si próprio que com qualquer deles, continuando a dirigir-se ao corpo inconsciente pendurado acima dele.

— Dada a minha negligência, tenho sido contrariado pela sorte e pela fortuna, que só não arruinam os planos mais bem concebidos. Mas agora sei mais do que sabia antes. Compreendo coisas que antes não compreendia. Cabe-me a mim matar o Harry Potter, e assim será.

Perante estas palavras, aparentemente em sinal de resposta, ouviu-se um súbito lamento, um grito prolongado de angústia e sofrimento. Muitos dos que estavam à mesa baixaram os olhos, assustados, pois o gemido parecia provir de debaixo dos seus pés.

— Wormtail — disse Voldemort, sem a mais pequena alteração ao seu tom de voz calmo e pensativo e sem desviar os olhos do corpo que girava pendurado do tecto —, não te avisei para manteres o nosso prisioneiro sossegado?

— Sim, m-meu Senhor — arquejou um homem de baixa estatura a meio comprimento da mesa, que estivera tão enfiado na cadeira que, à primeira vista, esta parecia desocupada. Agora levantava-se atabalhoadamente e saía disparado da sala, deixando atrás de si apenas um curioso brilho prateado.

— Tal como eu estava a dizer — continuou Voldemort, deitando novo olhar às expressões tensas dos seus sequeiros —, agora compreendo melhor. Por exemplo, antes de ir matar o Potter, vou precisar de pedir uma varinha

emprestada a um de vocês.

Os rostos à sua volta limitaram-se a revelar choque; até parecia que ele anunciara que lhes queria pedir um braço emprestado.

— Não há voluntários? — inquiriu Voldemort. — Vejamos... Lucius, não vejo motivo para que continues a ter varinha.

Lucius Malfoy ergueu o olhar. À luz da lareira, a sua pele tinha um aspecto ceráceo e amarelado, e os olhos achavam-se encovados e olheirentos. Quando falou, foi com voz rouca.

— Meu Senhor?

— A tua varinha, Lucius. Exijo-te que me entregues a tua varinha.

— Eu...

Malfoy deitou uma olhadela de viés à mulher. Esta olhava fixamente em frente, quase tão pálida como o marido, com o cabelo louro comprido a cair-lhe pelas costas; contudo, por baixo da mesa, os seus dedos esguios apertaram-lhe momentaneamente o pulso. Ao sentir o toque dela, Malfoy enfiou a mão dentro do manto, retirou a varinha e passou-a a Voldemort, que a empunhou diante dos seus olhos vermelhos e a examinou atentamente.

— De que madeira é feita?

— De ulmeiro, meu Senhor — respondeu Malfoy num sussurro abafado.

— E o núcleo?

— De dragão... tendão de coração de dragão.

— Ótimo — congratulou-se Voldemort. Puxou da sua própria varinha e comparou o comprimento de ambas.

Lucius Malfoy fez um movimento involuntário; por uma fracção de segundo, deu a impressão de estar à espera de receber a varinha de Voldemort em troca da sua. O gesto não passou despercebido ao amo, cujos olhos se arregalaram maliciosamente.

— Dar-te a minha varinha, Lucius? A minha própria varinha?

Entre os presentes, ouviram-se alguns risos abafados.

— Eu concedi-te a liberdade, Lucius, será que isso não é suficiente? Mas tenho reparado que ultimamente tu e a tua família não andam nada satisfeitos... O que é que na minha presença em tua casa te desagrade, Lucius?

— Nada... nada, meu Senhor!

— Mentiras para quê, Lucius?

A voz baixa parecia continuar a sibilar mesmo depois de os lábios cruéis terem deixado de se mexer. Um ou outro dos feiticeiros reprimiu a custo um arrepio à medida que o silvo aumentava de intensidade; alguma coisa pesada vinha a deslizar pelo chão por baixo da mesa.

A enorme serpente surgiu e rastejou lentamente para a cadeira de Voldemort. Ergueu-se, aparentemente sem fim, e instalou-se sobre os ombros do dono; o pescoço era da grossura da coxa de um homem; os olhos, com fissuras verticais a fazer de pupilas, mantinham-se imóveis. Voldemort acariciou a criatura abstraidamente com os dedos compridos e finos, sem desviar o olhar de Lucius Malfoy.

— Por que razão os Malfoy se mostram tão descontentes com a sua sina? Não será o meu regresso, a minha ascensão ao poder, precisamente o desejo que manifestaram durante tantos anos?

— Com certeza, meu Senhor — asseverou Lucius Malfoy. A mão tremeu-lhe ao limpar a transpiração do lábio inferior. — Foi de facto esse o nosso desejo... e continua a ser.

À esquerda de Malfoy, a mulher esboçou um assentimento de cabeça estranho e rígido, sem olhar para Voldemort e para a serpente. À sua direita, Draco, o filho, que estivera a fitar o corpo inerte por cima da sua cabeça, deitou uma olhadela a Voldemort, mas de imediato afastou o olhar, receoso do contacto visual.

— Meu Senhor — interveio uma mulher morena sentada a meio comprimento da mesa, a voz embargada de emoção —, é uma honra tê-lo aqui, em casa da nossa família. Não poderia ser-nos concedido maior prazer.

Estava sentada ao lado da irmã, tão diferente dela em aparência, com o seu cabelo escuro e pálpebras pesadas, como era em atitude e porte; enquanto Narcissa se achava sentada com ar rígido e impávido, Bellatrix debruçava-se na direcção de Voldemort, pois meras palavras eram insuficientes para demonstrar a sua ânsia de proximidade.

— Não poderia ser-nos concedido maior prazer — ecoou Voldemort, com a cabeça ligeiramente inclinada para um dos lados enquanto observava Bellatrix. — Isso significa muito, vindo de ti, Bellatrix.

O rubor subiu-lhe ao rosto e os seus olhos inundaram-se com lágrimas de alegria.

— O meu Senhor sabe que eu me limito a dizer a verdade!

— Não poderia ser-nos concedido maior prazer... mesmo se comparado com o feliz acontecimento que, segundo me chegou aos ouvidos, ocorreu na vossa família este fim-de-semana?

Ela ficou a olhar para ele, os lábios entreabertos, obviamente perplexa.

— Não sei ao que se refere, meu Senhor.

— Estou a falar da tua sobrinha, Bellatrix. E da vossa, Lucius e Narcissa. Ela acabou de se casar com aquele lobisomem, o Remus Lupin. Devem estar orgulhosíssimos.

Em volta da mesa, deu-se uma explosão de gargalhadas de troça. Muitos inclinaram-se para a frente para trocarem olhares de satisfação; outros bateram na mesa com os punhos fechados. A grande serpente, descontente com a algazarra, abriu muito a boca e silvou, zangada, mas os Devoradores da Morte não a ouviram, tal era o seu regozijo perante a humilhação dos Malfoy. O rosto de Bellatrix, que havia ainda pouco se achava ruborizado de alegria, cobriu-se de feias manchas vermelhas.

— Ela não é nossa sobrinha, meu Senhor — gritou acima da erupção de hilaridade. — Nós... eu e a Narcissa... nunca mais pusemos a vista em cima da nossa irmã desde que ela se casou com o Sangue de Lama. Essa fedelha não tem nada que ver com nenhuma de nós, e muito menos aquela criatura com quem ela se foi casar.

— Então e tu, Draco? — interrogou-o Voldemort, e, embora a sua voz fosse baixa, sobrepunha-se nitidamente aos apupos e à chacota. — Já te ofereceste para tomar conta das crias?

As gargalhadas subiram de tom; Draco Malfoy lançou um olhar aterrorizado ao pai, que estava de olhos fixos no colo, e em seguida dirigiu a sua atenção para a mãe. Esta abanou a cabeça de forma quase imperceptível, mas logo tornou a fixar o olhar impávido na parede diante de si.

— Já chega — declarou Voldemort, afagando a serpente zangada. — Basta.

E as gargalhadas foram de imediato silenciadas.

— É frequente algumas das árvores genealógicas mais antigas degenerarem um pouco com o tempo — afirmou, e Bellatrix fitou-o, de respiração suspensa e ar suplicante. — De quando em vez, temos de podá-las, não é verdade? Cortar os galhos que ameaçam a saúde dos restantes.

— Sem dúvida, meu Senhor — assentiu Bellatrix num murmúrio, e os seus olhos banharam-se novamente de lágrimas de gratidão. — Logo que surja a oportunidade!

— Que surgirá, seguramente — declarou Voldemort. — Tanto na tua família, como no mundo... Haveremos de extirpar os fungos que nos infectam até que apenas restem aqueles que possuem sangue genuinamente puro...

Voldemort empunhou a varinha de Lucius Malfoy, apontou-a directamente ao corpo que girava lentamente suspenso por cima da mesa e agitou-a ligeiramente. Este recuperou a consciência com um gemido e começou a debater-se contra cordas invisíveis.

— Estás a reconhecer a nossa convidada, Severus? — perguntou-lhe Voldemort.

Snape ergueu os olhos para o rosto virado ao contrário. Agora todos os Devoradores da Morte estavam de olhos postos na prisioneira, como se lhes tivesse sido dada autorização para revelarem curiosidade. No momento em que se virava de frente para a lareira, a mulher disse, em voz entrecortada de terror: — Severus! Ajude-me!

— Ah, é claro — anuiu Snape, enquanto a prisioneira continuava a girar lentamente.

— E tu, Draco? — indagou Voldemort, acariciando o focinho da serpente com a mão que tinha livre. Draco sacudiu a cabeça abruptamente. Agora que a mulher viera a si, parecia faltar-lhe a coragem para continuar a olhar para ela.

— Mas tu não terias aulas com ela — disse Voldemort. — Para aqueles de entre vocês que não sabem, contamos esta noite com a presença de Charity Burbage, que, até recentemente, deu aulas na Escola de Magia e Feitiçaria de Hogwarts.

Ouviram-se leves murmúrios de compreensão em volta da mesa. Uma mulher avantajada, bastante curvada e de dentes aguçados soltou uma casquinada.

— É verdade... a Professora Burbage ensinou aos filhos dos feiticeiros tudo a respeito dos Muggles... que eles não são assim tão diferentes de nós quanto se possa pensar...

Um dos Devoradores da Morte cuspiu para o chão. Charity Burbage tornou a ficar virada de frente para Snape.

— Severus... por favor... por favor...

— Silêncio — ordenou Voldemort dando outro safanão com a varinha de Malfoy, e Charity calou-se como se a tivessem amordaçado. — Não contente com corromper e poluir as mentes das crianças feiticeiras, na semana passada a Professora Burbage escreveu uma apologia apaixonada dos Sangues de Lama n' *O Profeta Diário*. Os feiticeiros, advoga ela, devem aceitar estes ladrões dos seus conhecimentos e magia. A degeneração dos puros-sangues, é, na opinião da Professora Burbage, uma circunstância altamente desejável... Por vontade dela, todos nós acasalaríamos com Muggles... ou, sem dúvida, com lobisomens...

Desta feita, ninguém se riu: a indignação e o desprezo na voz de Voldemort eram indisfarçáveis. Pela terceira vez, Charity Burbage ficou voltada para Snape. As lágrimas caíam-lhe em abundância e molhavam-lhe o cabelo. Snape devolveu-lhe o olhar, perfeitamente impassível, enquanto ela se tornava a afastar lentamente dele.

— *Avada Kedavra*.

O raio de luz verde iluminou por completo a sala. Com um estrondo

retumbante, Charity tombou sobre a mesa, que estremeceu e rangeu. Vários Devoradores da Morte deram um pulo nas cadeiras. Draco caiu da sua e estatelou-se no chão.

— Hora do jantar, *Nagini* — disse Voldemort em voz melíflua, e a grande serpente deslizou dos seus ombros para o tampo de madeira polida.

Título original: Harry Potter and the Half-Blood Prince

Tradução do inglês por Alice Rocha, Manuela Madureira, Maria do Carmo Figueira, Isabel Nunes

Coordenação de Isabel Nunes

Todos os direitos reservados; nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer meio, quer seja eletrónico, mecânico, fotocópia ou outro, sem a autorização prévia da editora

Esta edição digital foi publicada pela primeira vez pela Pottermore Limited em 2015

Publicado pela primeira vez em papel em Portugal em 2005 por Editorial Presença

Copyright © J.K. Rowling 2005

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2005

Imagem da capa: Olly Moss © Pottermore Limited 2015

Harry Potter characters, names and related indicia are trademarks of and © Warner Bros. Ent.

O direito moral do autor foi reivindicado

ISBN 978-1-78110-312-8

Direitos de autor do capítulo adicional

Tradução do inglês por Alice Rocha, Manuela Madureira, Maria Georgina Segurado e Maria do Carmo Figueira